



UNIVALI

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

Programa de Mestrado Acadêmico em Administração

PEDRO PICCOLI

**MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO VOLUNTÁRIO CONTÍNUO: Um estudo
etnográfico no Núcleo Espírita Nosso Lar**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Biguaçu (SC)

2009

PEDRO PICCOLI

**MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO VOLUNTÁRIO CONTÍNUO: Um estudo
etnográfico no Núcleo Espírita Nosso Lar**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Administração e Turismo – Curso de Mestrado Acadêmico em Administração da Universidade do Vale do Itajaí, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Christiane Kleinübing Godoi

Biguaçu (SC)

2009

PEDRO PICCOLI

**MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO VOLUNTÁRIO CONTÍNUO: Um estudo
etnográfico no Núcleo Espírita Nosso Lar**

Esta dissertação foi julgada e aprovada pelo Programa de Pós Graduação em Administração e Turismo – Curso de Mestrado Acadêmico em Administração da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

Biguaçu (SC), 25 de junho de 2009.

Prof. Dr. Carlos Ricardo Rossetto
Coordenador do Programa

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Christiane Kleinübing Godoi - Orientadora
UNIVALI - Biguaçu – SC

Prof.^a. Dr.^a. Arilda Schmidt Godoy
MACKENZIE – São Paulo (SP)

Prof.^a. Dr.^a. Maria José Barbosa de Souza
UNIVALI - Biguaçu – SC

Dedico este trabalho à minha família, especialmente minha mulher Angela, que me acompanhou em todos os momentos, aos meus filhos Giuliano, Vanessa e Marino, ao genro Alexandre, à nora Sandra e às netas Isabela e Mariana. Obrigado pelo apoio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela energia espiritual de me manter firme em meus propósitos.

À minha professora e orientadora Prof^a Dr^a Christiane Kleinubing Godoi, pela sua competência, pela paciência e pelos ensinamentos que me proporcionou.

Aos professores e profissionais do Programa de Mestrado da UNIVALI, com quem convivi durante dois anos de estudos e aprendizado.

À Direção do Núcleo Espírita Nosso Lar, por permitir a realização desta pesquisa e pelo acolhimento fraterno que me concederam.

A todos os voluntários do Núcleo Espírita Nosso Lar, com quem tive o prazer de conviver e muito aprender durante oito meses. Agradeço, especialmente, aos doze voluntários que se dispuseram a conceder as entrevistas, pelos ricos depoimentos e contribuições.

Aos meus amigos e colegas de mestrado, que me acompanharam desde o início e estão batalhando para concluir o mestrado como eu: Alan, Carin, Carlos, Jairo, Luciana, Nádia, Robson, Sabrina, Sandra, Sônia e Taís.

Aos meus filhos Giuliano, Vanessa e Marino por terem me apoiado desde o início, ajudado e acreditado em mim. Ao genro Alexandre e à nora Sandra sempre presentes no convívio da minha família. Às amadas netas Isabela e Mariana, duas lindas flores no jardim da minha vida.

À minha amada Angela, esposa e companheira de todos os momentos. Você teve muita paciência e tolerância comigo. Por isso te amo ainda mais!

*“Fica sempre
Um pouco de perfume
Nas mãos que oferecem rosas
Nas mãos que sabem ser generosas”
(Ir. Judith Junqueira Vilella)*

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem por objetivo compreender os motivos que influenciam o processo motivacional para o trabalho voluntário contínuo no Núcleo Espírita Nosso Lar, organização localizada na Grande Florianópolis. Para fundamentar este trabalho foi revisada a literatura sobre motivação para o trabalho e motivação para o trabalho voluntário, e identificou-se um modelo conceitual desenvolvido pelo pesquisador e psicólogo norte americano Louis A. Penner em 2002. Esse modelo serviu como base para nortear a presente pesquisa. O estudo foi conduzido através do método qualitativo, com a utilização da estratégia da pesquisa etnográfica. A forma de coleta do material empírico deu-se através de entrevistas em profundidade e observação do pesquisador no campo por um período de oito meses, além da obtenção de dados secundários pela consulta a documentos e informações dos dirigentes. Para a análise do material empírico, utilizaram-se as variáveis/categorias fornecidas pelo modelo de Penner (2002) e os respectivos fatores foram atribuídos pelo pesquisador. O modelo utilizado como base para análise do presente estudo foi confirmado em parte. A conclusão constatou que as características demográficas não influenciam o voluntariado contínuo na organização estudada. No entanto, as categorias disposicionais – *crenças e valores pessoais, personalidade pró-social e motivos relacionados a voluntariado* – denotam influenciar o voluntariado contínuo. Quanto às categorias organizacionais, concluiu-se que os *atributos e práticas organizacionais* também influenciam o voluntariado contínuo. Não ficou evidenciado se a categoria organizacional – *relacionamento com a organização* – influencia o voluntariado contínuo, por ser uma categoria da motivação extrínseca. A *identidade do papel voluntário*, responsável direta pelo voluntariado contínuo na organização estudada, é formada por três categorias disposicionais e uma organizacional, que interagem entre si. Uma característica particular observada nos voluntários entrevistados, não abordada no modelo de Penner, foi o fato de eles próprios ou familiares seus terem sido antes pacientes na organização. Tal fato evidencia ter sido o responsável pela decisão de tornarem-se voluntários.

Palavras-chave: motivação; trabalho voluntário; etnografia.

ABSTRACT

The objective of this master's degree dissertation is to understand the factors that influence the motivation for sustained voluntary work at the Núcleo Espírita Nosso Lar, an organization located in the Greater Florianópolis area. As the basis of this work, the literature was reviewed on motivation for work and motivation for voluntary work, and a conceptual model was identified, developed by the North American researcher and psychologist Louis A. Penner in 2002. This model served as the basis by which this research was guided. The study was conducted using the qualitative method, with the strategy of ethnographic research. Empirical data was collected through in-depth interviews and the researcher's observation in the field over an eight-month period, as well as from secondary sources, including consultation of documents and information given by the managers. For the analysis of the empirical data, the variables/categories supplied by Penner's (2002) model were used, and the respective factors were attributed by the researcher. The model used as the basis for analysis in the present study was corroborated in part. The conclusion drawn was that demographic characteristics do not influence sustained voluntary work in the organization studied. However, the dispositional categories – *personal beliefs and values, pro-social personality and volunteer-related motives* – do influence sustained voluntary work. As for the organizational categories, it was concluded that *organizational attributes and practices* also influence sustained voluntary work. It was not demonstrated whether the organizational category - *relationship with the organization* - influences sustained voluntary work, as this is a category with extrinsic motivation. The *volunteer role identity*, which is directly responsible for sustained volunteer work in the organization studies, consists of four categories – three attitudinal and one organizational - which interact with each other. A particular characteristic observed in the volunteers interviewed, which is not addressed in Penner's model, was the fact that they or their families had previously been patients in the organization, and this proved to be the factor that led to their decision to become volunteers.

Key words: motivation; voluntary work; ethnography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	38
Figura 2.....	58
Figura 3.....	58
Figura 4.....	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.....	28
Quadro 2.....	34
Quadro 3.....	40
Quadro 4.....	53
Quadro 5.....	109
Quadro 6.....	110
Quadro 7.....	112
Quadro 8.....	115
Quadro 9.....	117
Quadro 10.....	120
Quadro 11.....	124
Quadro 12.....	128

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	107
---------------	-----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
2.1 Teorias da Motivação – Trajetória Histórica.....	7
2.2 Motivação Intrínseca e Extrínseca.....	17
2.3 Contexto do Trabalho Voluntário.....	19
2.4 Teorias, Modelos e Discussões sobre a Motivação para o Trabalho Voluntário.....	23
2.5 Modelo do Voluntarismo Contínuo.....	37
2.5.1 Características Demográficas.....	38
2.5.3 Variáveis Disposicionais.....	39
2.5.3 Variáveis Organizacionais.....	41
2.5.4 Identidade do Papel Voluntário.....	42
2.5.5 Pressão Social.....	42
2.5.6 Fatores Situacionais.....	42
2.5.7 Decisão para Voluntariar e Voluntarismo Inicial.....	43
2.5.8 Voluntarismo Contínuo.....	43
3. METODOLOGIA.....	44
3.1 Tipo de Pesquisa, Estratégia e Técnicas.....	44
3.2 Design da Pesquisa.....	52
4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	54
4.1 Local da Pesquisa – Núcleo Espírita Nosso Lar.....	55
4.2 Análise do Material Empírico: Características dos Entrevistados.....	61
4.3 Análise do Material Empírico com base no Modelo de Penner (2002)..	106
4.3.1 Categorias Demográficas.....	106
4.3.2 Categorias Disposicionais.....	108
4.3.2.1 Crenças e Valores Pessoais.....	108
4.3.2.2 Personalidade Pró-Social.....	109
4.3.2.3 Motivos Relacionados a Voluntariado.....	112
4.3.2.4 Outros Fatores.....	115
4.3.3 Categorias Organizacionais.....	116
4.3.3.1 Atributos e Práticas Organizacionais.....	116

4.3.3.2	Relacionamento com a Organização.....	120
4.3.4	Pressão Social.....	123
4.3.5	Fatores Situacionais.....	123
4.3.6	Pacientes na Instituição.....	123
4.3.7	Identidade do Papel Voluntário.....	124
4.4	Análise Conjunta das Categorias e Fatores.....	128
4.5	Modelo do Voluntariado Contínuo do Núcleo.....	129
4.6	Convívio e Experiência do Pesquisador.....	131
5.	CONCLUSÃO.....	137
	Referências.....	144
	Apêndices.....	151
1	– Roteiro para a Entrevista.....	151
2	– Transcrição das entrevistas.....	153
3	– Anotações do Diário de Campo.....	274

1 INTRODUÇÃO

As formas de voluntariado são diversas e referem-se a práticas de indivíduos e organizações em benefício de outras pessoas, seja em forma de doação de bens ou prestação de serviços. Embora o assunto esteja no centro de muitos debates e desperte grande interesse no ambiente acadêmico, político, social e econômico, Carvalho (1999, p. 2) afirma que “o voluntariado não é um invento social de finais do século XX”. Para Hudson (1999, p. 1), a caridade e a filantropia são tão antigas quanto a origem das próprias palavras: enquanto *caridade* é oriunda da palavra latina *caritas*, cujo significado é “amor ao próximo ou beneficência e liberalidade para com os necessitados ou menos afortunados”, a palavra *filantropia* tem origem grega e quer dizer “boa vontade para com as pessoas”.

Já era comum, nos tempos mais remotos, a necessidade de ações caridosas e filantrópicas no seio das próprias famílias, no sentido de ajudar as pessoas mais necessitadas. Com o surgimento das primeiras vilas e comunidades, os problemas foram tomando outras proporções, fazendo-se necessárias novas formas de ajuda para amenizar os problemas sociais decorrentes desse crescimento. Com o tempo, surgiram organizações com objetivos específicos para atuar no campo social praticando a caridade, a filantropia e as mais diversas formas de voluntariado (HUDSON, 1999).

Para Garay e Fossa (2001), o trabalho voluntário não pode se reduzir a ações de caridade e filantropia, caracterizando apenas a doação de bens materiais, mas ações que promovam a cidadania das pessoas, mobilizando para isso a sociedade na busca de alternativas para o bem social comum.

Mesmo que o voluntariado seja abraçado por pessoas de qualquer idade, Lopes (2006) afirma que o termo voluntariado está bastante atrelado ao envelhecimento, pelo fato de que as pessoas de mais idade, normalmente aposentadas, teriam maior disponibilidade de tempo para dedicar-se ao trabalho em benefício de outros.

Penner (2002) se refere a voluntarismo como uma disposição para atividade planejada, realizada de forma contínua, de longo prazo, e executada em ambientes de organizações sem fins lucrativos. O autor reconhece que o voluntarismo também abrange ações isoladas de indivíduos e pode ocorrer em eventos temporários ou isolados. No entanto, para uma melhor análise dos motivos geradores desse

fenômeno humano, Penner destaca ser necessário estudar as origens dos motivos e os comportamentos de longo prazo.

O trabalho voluntário nos Estados Unidos é praticado por quase um terço da população, envolvendo em torno de 61,2 milhões de pessoas com idade acima de 16 anos (HAN, 2007, p. 1). Para o autor, “voluntários não são apenas um dos recursos humanos mais significantes e poderosos para nossa sociedade, mas também uma base para sua prosperidade”.

Dada a importância do trabalho voluntário, tanto no contexto econômico quanto social, existe vasta pesquisa, principalmente nos EUA, Canadá e Europa, a respeito das causas e motivos que levam uma pessoa a *voluntariar*¹, bem como, o que faz a pessoa continuar voluntariando por longo tempo. O alto interesse sobre o assunto propiciou a criação de algumas teorias e modelos de análise da *motivação para o trabalho voluntário*.

Antes de fazer referências às teorias, modelos e variáveis relacionadas à motivação para o trabalho voluntário, é importante rever algumas das teorias tradicionais sobre motivação. O tema motivação mereceu atenção de grande número de pesquisadores no século passado, principalmente a partir da década de 1930. Nesse período, foram criadas teorias e, sobre elas, construída uma vasta literatura abordando o assunto.

Reconstruindo um pouco da história, Bergamini (1997) comenta que, embora as organizações existam há muito tempo, as preocupações com o estudo do comportamento humano é um fato bastante recente. Antes da Revolução Industrial, a forma de motivar as pessoas para o trabalho consistia na criação de um ambiente de medo, através de punições de ordem financeira, psicológica e até castigos físicos.

Com o advento da administração científica, a partir da década de 1910, da qual o grande precursor foi Frederic Winslow Taylor, o dinheiro passou a ser a principal motivação das pessoas para o trabalho. Assim, um bom salário era visto como a melhor forma de motivar e estimular as pessoas para o bom desempenho; este, quando fraco, era punido com um baixo salário ou com a demissão e substituição do funcionário. Na visão de Taylor, o sucesso do empregador dependia da satisfação e prosperidade do empregado, estando, portanto, um e outro

¹ *Voluntariar* : tradução da palavra inglesa *volunteer*, termo já utilizado por Pinheiro (2002) e Garay e Mazzili (2003).

diretamente vinculados. No entanto, os trabalhadores começaram a perceber que, embora sua eficiência na produtividade originasse cada vez mais em melhores salários, isso poderia se tornar contra eles à medida que essa crescente eficiência ensejasse uma redução da quantidade de empregos (BERGAMINI, 1997; SILVA; RODRIGUES, 2007). Do lado dos empregadores surgia também uma preocupação, pois os incentivos econômicos cada vez maiores eram incorporados aos salários e acabavam se tornando direitos dos trabalhadores.

Por volta de 1940, surge uma nova perspectiva com vistas à administração clássica. A Escola de Relações Humanas, cujo principal personagem foi Elton Mayo, levou as empresas a terem, obrigatoriamente, algumas preocupações a mais, além do aspecto financeiro. Adeptos de Mayo começaram a reivindicar a valorização no ambiente de trabalho e o atendimento de suas necessidades sociais; assim, as empresas tiveram que assumir que esse deveria ser o indicador de conduta dos supervisores para com seus subordinados (BERGAMINI, 1997).

A partir da realidade produzida pela administração científica e questionada pela escola de relações humanas, surgem várias teorias, entre elas a teoria da *hierarquia das necessidades* de Maslow, a teoria dos *dois fatores*, de Herzberg, as teorias *X* e *Y*, de McGregor, a teoria *ERG*, de Alderfer, a teoria das *expectativas*, de Vroom, a teoria da *equidade*, de Adams, abordadas por autores como Bergamini (1997), Godoi (2003), Lathan (2007) e Silva e Rodrigues (2007), dentre tantos. Tais teorias, oriundas de pesquisas feitas com fundamentos em Psicologia, Psicanálise e Sociologia, provocaram um grande questionamento quanto aos verdadeiros fatores que provocavam a motivação nas pessoas.

Motivação intrínseca ou extrínseca, satisfação e condicionamento no ambiente de trabalho são até hoje motivo de controvérsia e mal entendidos de muitas pessoas. Referindo-se às teorias de Maslow e Herzberg, à discussão sobre motivação intrínseca e extrínseca e o papel das recompensas, Godoi (2002) ressalta a necessidade de pesquisar e esclarecer os muitos equívocos referentes à motivação no campo da gestão. A autora critica a utilização inadequada das teorias ao longo do tempo para justificar a gestão de estratégias de manipulação e controle do comportamento das pessoas. Na discussão sobre o comportamento, Reeve (2006, p. 2) levanta duas questões: “o que causa o comportamento” de uma pessoa e “por que o comportamento varia de intensidade” de pessoa para pessoa, e na mesma pessoa com o decorrer do tempo.

Na obra de Bergamini (1997), compreende-se que as várias teorias sobre a motivação são complementares e que não podem ser analisadas separadamente, nem tampouco tentar adaptá-las a interesses individuais ou organizacionais. Essas teorias ajudarão sobremaneira para uma melhor compreensão da motivação para o trabalho voluntário. Alguns autores (SAMPAIO, 2004a; SOUZA; CARVALHO, 2006; HAN, 2007; MADRUGA; OLIVEIRA; RÉGIS, 2007; SOUZA; LIMA; MARQUES, 2008), desenvolveram suas pesquisas na área da motivação para o trabalho voluntário, baseados nas teorias tradicionais sobre motivação.

No campo da motivação para o trabalho voluntário (MTV), serão abordadas teorias e modelos de autores, dentre eles, Cnaan e Goldberg-Glen (1991), Clary, Snyder e Ridge (1992), Omoto e Snyder (1995), Clary *et al* (1998), Penner e Finkelstein (1998), Bussell e Forbes (2002), Penner (2002), Yeung (2004).

Cnaan e Goldberg-Glen (1991) revisaram a bibliografia sobre motivação para o trabalho voluntário (MTV) e identificaram 28 motivos pelos quais as pessoas dedicam seu tempo livre a serviços humanos (esses motivos foram testados empiricamente). Os autores defendem uma teoria unidimensional de MTV, visto que os voluntários não agem somente por motivos altruísticos ou egoísticos e também não distinguem os tipos de motivos diferentes; normalmente, agem por diversos motivos ou uma combinação de motivos, que pode ser resumida por “uma experiência recompensadora”.

No entanto, a maioria dos pesquisadores sustenta que as pessoas têm mais de uma razão para dedicar-se ao trabalho voluntário (ver, por exemplo, CLARY; SNYDER; RIDGE, 1992; CLARY *et al*, 1998; OKUN; BARR; HERZOG, 1998; PENNER; FINKELSTEIN, 1998; PENNER, 2002; YEUNG, 2004). O modelo de dois fatores defendido e testado empiricamente por Frisch e Gerrard (1981 *apud* OKUN; BARR; HERZOG, 1998) e Latting (1990 *apud* OKUN, BARR; HERZOG, 1998) postula que as pessoas são motivadas para voluntariar por motivos altruísticos (preocupação com os outros) e motivos egoísticos (preocupações consigo mesmo).

Clary, Snyder e Ridge (1992) desenvolveram um instrumento que propicia a avaliação das motivações de voluntários, com o objetivo de facilitar aos administradores de organizações sem fins lucrativos a selecionar, colocar e reter voluntários. O Inventário de Funções Voluntárias (VFI) é composto de trinta questões que identificam as razões prováveis que as pessoas têm para voluntariar. Essas trinta razões são classificadas em seis motivações diferentes – social, valor,

carreira, compreensão, proteção e estima – indicando qual delas está mais presente em cada voluntário.

Mais adiante, Clary *et al* (1998) aplicaram o Inventário de Funções Voluntárias (VFI) fazendo sua análise com base na teoria funcionalista. Essa pesquisa foi conduzida por sete pesquisadores, com aplicação em seis diferentes universidades nos EUA, envolveu 1.556 pessoas, e comprovou estatisticamente a validade do VFI.

Omoto e Snyder (1995) identificaram cinco fatores que influenciam o processo de voluntariado contínuo: valores, compreensão, desenvolvimento pessoal, preocupação com a comunidade e encarecimento de estima. O modelo foi testado em uma organização de serviço voluntário no atendimento a pessoas portadoras do vírus HIV, nos Estados Unidos.

Outros autores, com base em revisões de literatura, também propuseram modelos de análise da motivação para voluntariar. Bussell e Forbes (2002) criaram um modelo chamado “os quatro Ws do voluntariado” (*What, Who, Where e Why*), para auxiliar os administradores a melhor compreender, selecionar e manter voluntários em uma região específica do Reino Unido. Fischer e Schaffer (1993 *apud* LOPES, 2006) defendem o modelo de sete categorias: altruísmo, ideologia, material, status, relações sociais, lazer e crescimento pessoal.

Yeung (2004) realizou uma análise fenomenológica descritiva para avaliar a motivação voluntária com 18 voluntários de uma igreja na Finlândia, e construiu o Modelo Octogonal de Motivação Voluntária (dar-receber, continuidade-novidade, distância-proximidade, pensamento-ação).

No Brasil, a pesquisa ainda está bastante limitada a trabalhos de aplicação de teorias e modelos estrangeiros. Dentre os autores que estudaram o tema e que serão abordados estão os trabalhos de Garay e Fossa (2001), Fossá e Sartoretto (2002), Mascarenhas e Zambaldi (2002), Teodósio (2002), Garay e Mazzilli (2003), Sampaio (2004a), Lopes (2006), Silva (2006), Souza e Carvalho (2006), Cavalcante e Medeiros (2007), Madruga, Oliveira e Régis (2007), Moniz e Araújo (2008).

Embora as pesquisas sobre motivação para o trabalho voluntário e sobre as influências que afetam o comportamento voluntário estejam avançadas, principalmente no exterior, percebe-se que ainda carecem de estudos voltados para comportamentos de voluntários a longo prazo.

Louis A. Penner é PHD em Psicologia e participa do Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Michigan nos EUA. Junto com um grupo de

pesquisadores, interessa-se pelo estudo da motivação para o trabalho voluntário realizado em contexto organizacional. Num de seus trabalhos, (PENNER, 2002), ele desenvolveu um modelo conceitual das causas do voluntarismo, concentrando sua preocupação no voluntariado planejado, de longo prazo e desenvolvido em um ambiente organizacional. Esse modelo sustenta que o voluntarismo contínuo é afetado por características demográficas, por variáveis disposicionais e por variáveis organizacionais. O autor sugere que seu modelo seja testado empiricamente, o que não foi ainda feito por pesquisadores brasileiros.

Dada a importância teórica e empírica do trabalho voluntário, o presente estudo pretende investigar sobre o tema e responder à pergunta: *Quais os motivos que levam as pessoas a se dedicarem ao trabalho voluntário contínuo?*

O objetivo geral deste estudo é compreender os motivos que influenciam o processo motivacional para o trabalho voluntário contínuo, no Núcleo Espírita Nosso Lar, organização localizada na Grande Florianópolis.

Os objetivos específicos são:

- a) identificar na literatura um modelo para análise da motivação para o trabalho voluntário;
- b) identificar as variáveis/categorias que interagem no processo motivacional dos voluntários que prestam serviço no Núcleo Espírita Nosso Lar;
- c) analisar a manifestação das variáveis/categorias identificadas.

A escolha do modelo de Penner (2002) para servir de base para guiar este estudo, justifica-se por não terem sido identificadas pesquisas no Brasil focadas especificamente em voluntariado contínuo e por ser também o modelo mais completo e adequado para a análise que se pretende fazer.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo, composto de cinco partes, inicia com a trajetória histórica das teorias da motivação, e segue com a discussão entre motivação intrínseca e extrínseca, o contexto do trabalho voluntário, as teorias e modelos da motivação para o trabalho voluntário e por último é abordado um modelo do voluntarismo contínuo.

2.1 TEORIAS DA MOTIVAÇÃO: TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Embora o aprofundamento nos estudos sobre motivação seja recente (menos de cem anos), na antiga Grécia, Sócrates, Platão e Aristóteles já filosofavam a esse respeito. Para Platão (discípulo de Sócrates), a motivação tinha origem na alma, também entendida como mente ou *psique*, sendo constituída por uma hierarquia em três níveis: apetitiva, competitiva e calculista. Aristóteles concordou com o princípio dos três níveis, embora os tenha chamado com nomes diferentes: nutritiva, sensível e racional. De maneira geral, tanto para Platão quanto para Aristóteles, o primeiro nível se referia às necessidades e apetites do corpo, o segundo nível se referia ao aspecto social e o terceiro nível aos aspectos da capacidade e do intelecto (REEVE, 2006).

Alguns séculos depois, os três níveis concebidos pelos filósofos gregos foram reduzidos ao dualismo “corpo e mente”. Reeve (2006, p. 15) ressalta que, essa nova forma de interpretar a motivação humana deveu-se em grande parte ao “compromisso intelectual da época com as dicotomias motivacionais, tais como paixão contra razão, o bem contra o mal, e natureza animal contra a alma humana”. O autor ainda acrescenta que, para Tomás de Aquino, o corpo era responsável pelos impulsos irracionais voltados para o prazer, e a mente pelos impulsos racionais, guiados pela vontade.

Mais tarde, Descartes defendeu que a vontade seria a grande força motivacional, e estudos nesse sentido perduraram por muito tempo, sem, no entanto, chegar a qualquer consenso. Na visão de Charles Darwin, a motivação teria origem no instinto, incluindo-se aqui todos os animais. Num terceiro entendimento, que teve origem com Woodworth, a motivação passou a ser estudada como determinada pelo impulso (REEVE, 2006).

Seguindo o pensamento da época, Sigmund Freud conduziu seus estudos a partir do impulso (pulsão), que seria uma espécie de alarme responsável para motivar uma determinada ação. Freud (1982) acreditava que grande parte do que as pessoas fazem tem origem no inconsciente, e, para facilitar o entendimento, ele exemplificou os motivos humanos como se fossem um *iceberg*, onde a parte aparente é muito pequena e a estrutura maior está submersa, ou inconsciente.

Foi no século XX, mais precisamente a partir da década de 1940, que se concentraram os estudos sobre motivação e surgiram inúmeras teorias a respeito,

que serão revistas logo adiante. Antes de abordar algumas das principais teorias, é importante registrar um marco histórico – a administração científica – que certamente foi o indutor e principal responsável pela concentração de tantos estudos sobre motivação, que originaram teorias até hoje discutidas.

Os seguidores da administração científica acreditavam que, a simples substituição do clima de medo e das punições praticadas anteriormente nas empresas, por uma política de salários atraentes, seria suficiente para motivar os funcionários para o trabalho. Outros aspectos, como o tipo de trabalho ou o cargo exercido, não tinham tanta importância na época. Logo os trabalhadores começaram a perceber que a política de atração constante pela remuneração, praticada pelas empresas, conduzia a um melhor desempenho e uma alta produtividade. Essa realidade poderia levar à diminuição de postos de trabalho, colocando em risco a própria segurança dos trabalhadores. Algumas atitudes começaram a ser tomadas por parte desses trabalhadores, como por exemplo, reduzir o ritmo de trabalho para boicotar a produtividade (BERGAMINI, 1997).

Embora a administração científica tenha obtido resultados significativos através da divisão racional do trabalho, Silva e Rodrigues (2007) destacam que a simplificação demasiada das tarefas acabou por suprimir totalmente a autonomia e a capacidade de pensar da maioria dos trabalhadores, reduzindo-os a simples executores. Ressaltam ainda os autores que, a impossibilidade de motivar-se no desempenho da própria tarefa levou os empregados a procurar obtê-la em outras atividades fora da empresa.

Com Elton Mayo e a Escola de Relações Humanas, surge uma nova perspectiva para combater os modelos de relações no trabalho até então praticados. Agora, o aspecto social dos empregados passava a ter valor e exigir uma digna consideração por parte das empresas. A partir desse momento, os objetivos a serem perseguidos indicavam que as pessoas fossem consideradas úteis e importantes. Dentro dessa perspectiva, os trabalhadores deveriam ter participação ativa na empresa, conhecer as diretrizes, emitir opinião e participar amplamente das decisões; as recompensas, ao invés de individuais, passaram a ser para o grupo (BERGAMINI, 1997).

Silva e Rodrigues (2007) asseveram que o incremento de pesquisas interessadas em estudos voltados para o trabalho nas organizações decorreu dos efeitos surgidos da Escola de Relações Humanas. No entanto, os autores alertam

que, nem a remuneração justa do empregado defendida por Taylor ou as relações interpessoais de Mayo podem ser vistas isoladamente, pois o ser humano é por natureza mais complexo do que a abrangência dessas teorias.

A mudança havida na forma planejada de motivar empregados, primeiramente pelo clima de punições, depois pela remuneração atraente e agora pela valorização social do empregado, não se fez suficiente, pois sempre levava em consideração apenas um fator isolado. Bergamini (1997) ressalta que o ser humano é mais complexo do que se possa imaginar, tanto se analisado individualmente ou confrontado em determinadas situações no ambiente de trabalho.

Num passo seguinte e a partir da década de 1950, começaram a surgir preocupações mais importantes e abrangentes no que se refere à capacidade do ser humano trabalhador. Embora a classificação, então atribuída, de “recursos humanos”, não fosse tão diferente de recursos materiais, tecnológicos, financeiros, etc., já foi um passo importante, pois se deixou de levar em conta apenas um fator como acontecia até então. Começou a ser considerado que as pessoas tinham diferenças individuais, habilidades, capacidades e talentos diferentes, e que tudo isso poderia ser útil para as organizações (BERGAMINI, 1997).

Enquanto isso, psicólogos, sociólogos e psicanalistas procuravam, através de suas pesquisas, compreender os fenômenos da motivação humana e explicá-los através de suas teorias. Lopes (2006) cita quatro teorias diferentes que se preocupam em tentar explicar a motivação humana: as teorias psicológicas, as evolucionistas, as de incentivo e as humanistas. Outros autores, como Lévy-Leboyer (1994) e Oliveira e Bezerra (2007), baseiam-se nas teorias agrupadas em duas categorias: as de *conteúdo* e as de *processo motivacional*. No grupo das teorias de *conteúdo*, estão aquelas fundamentadas sobre as necessidades, sendo a principal delas a teoria da Hierarquia das Necessidades de Maslow; as necessidades geram a motivação e buscam a satisfação, de maneira que, necessidade satisfeita não gera mais motivação. No grupo das teorias de *processo* encontram-se, segundo a autora, aquelas “mais sofisticadas”, baseadas nos conceitos de expectância, instrumentalidade e valência, como por exemplo, a teoria de Victor Vroom.

Uma das primeiras e principais teorias da motivação surgiu com Abraham Maslow, em 1943, sendo utilizada até os dias atuais, tanto para sustentar os fenômenos motivacionais, quanto para comprovar aspectos nos quais ela não se confirma. Com formação em psicologia, Maslow propôs a chamada *hierarquia das*

necessidades, em forma de pirâmide, com cinco tipos diferentes de necessidades: fisiológicas, de segurança, de amor (ou sociais), de estima e de autorrealização.

Para Maslow (1979), as necessidades fisiológicas, primárias ou básicas, são as primeiras e mais prementes necessidades do homem. Biologicamente, o organismo humano passa por um processo de busca constante de equilíbrio (homeostase). Assim, a necessidade de nutrientes diversos, como água, açúcar, sal, proteínas, oxigênio e outros, tornam-se urgentes e, enquanto não satisfeitas, se sobrepõem às outras necessidades.

Pela teoria de Maslow (1979), a partir do momento em que uma necessidade é satisfeita surge outra, com maior intensidade. Assim, estando o corpo satisfeito de alimento, o ser humano passa a ter outras tensões e pode sentir necessidades de segurança. O organismo, como um todo, passa a funcionar no sentido da busca da satisfação para essa necessidade. As necessidades de segurança são mais frequentes nas crianças, pelo fato de sua fragilidade, por elas desconhecerem ainda muitas coisas (medo do trovão, do escuro, medo de doenças, medo de perder os pais, medo de agressões, etc.) e por se sentirem mais frágeis e impotentes que os adultos. Embora em menor escala, as necessidades de segurança ocorrem também nos adultos, principalmente em situações de guerras, doenças, catástrofes e ondas de crime, aparecendo de forma mais intensa em pessoas neuróticas. Quando Maslow (1979) se refere às necessidades primárias ou básicas como preponderantes, ele não quer dizer que tais necessidades sejam mais importantes que as outras, mas, sim, que quando faminta ou extremamente insegura, uma pessoa procura satisfazer primeiro essas necessidades e somente depois buscará a satisfação das demais.

Satisfeitas as necessidades fisiológicas e de segurança, surgem necessidades de amor, afeição e participação, e, segundo Maslow (1979), o ciclo se repete. Ressalta ainda o autor que a falta de amigos, de afeto e de um bom relacionamento social pode levar as pessoas a sofrerem seriamente de doenças psíquicas.

As necessidades de estima ou autoestima surgem na sequência da hierarquia das necessidades de Maslow. Reconhecimento, prestígio, autoconfiança, respeito e sentimento de utilidade dão força às pessoas. Maslow (1979) acrescenta que, se tais necessidades não forem satisfeitas, podem levar a sentimentos de inferioridade, de fraqueza e de desamparo.

No topo da pirâmide, Maslow (1979) coloca a necessidade de autorrealização. Satisfeito das necessidades fisiológicas, de segurança, de amor e de estima, o ser humano sente necessidades de autorrealização, chegar onde pretende, realizar aquelas coisas para as quais tem capacidade ou potencial, independentemente de qual função ou profissão ele exerça.

Maslow (1979) alerta para alguns perigos que podem por em risco a satisfação das necessidades, tais como a falta de um ambiente de liberdade, justiça, respeito e equidade.

Embora a *hierarquia das necessidades* tenha se confirmado em muitas pesquisas, o próprio Maslow (1979) alerta que, nas pesquisas realizadas também houve várias exceções, descaracterizando assim a rigidez e a ordem de ocorrência das necessidades e a busca de sua satisfação. Há pessoas em que as necessidades de amor e autoestima aparecem invertidas, o que pode ser atribuído a características distintas de personalidade de cada uma. Outras influências que podem descaracterizar a hierarquia ocorrem em pessoas que tiveram abundância ou privação na satisfação de algumas necessidades. Como existem pessoas cujas necessidades foram sempre satisfeitas e outras que nunca, ou que tiveram apenas algumas necessidades satisfeitas e outras não, essas diferenças alterarão a intensidade e hierarquia das necessidades (MASLOW, 1979).

Sampaio (2004b) defende Maslow, e critica aqueles que descaracterizaram sua teoria, reduzindo-a à aplicação da pirâmide das necessidades diretamente a situações de trabalho ou a fases da vida das pessoas. Bastaria uma leitura mais atenta para perceber a coerência da teoria. O autor afirma que Maslow propôs uma teoria mais abrangente, por ter em vista a compreensão do homem como um todo na sociedade, e que essa teoria não pode ser reduzida para explicar apenas o comportamento do homem no ambiente de trabalho. A incompreensão da teoria de Maslow está no não entendimento da essência que ela contém.

Frederick Herzberg, outro estudioso dos fenômenos motivacionais, criou a teoria dos *dois fatores*. Essa teoria, de acordo com Herzberg (1997), surgiu a partir de análises realizadas por ele próprio e sua equipe, com um grupo de engenheiros e contadores, analisando fatos de suas vidas. A teoria dos *dois fatores* de Herzberg trata do conjunto de necessidades do homem, e estabelece uma diferenciação entre fatores higiênicos e motivadores para o trabalho.

É importante ressaltar as diferenças básicas entre as teorias de Maslow e de Herzberg. Maslow trata das cinco necessidades fundamentais do homem, e Herzberg aborda os fatores higiênicos e motivadores no trabalho. Enquanto a teoria de Maslow é mais geral, a de Herzberg é específica para o trabalho.

Os fatores higiênicos definidos por Herzberg (1997) compreendem itens como, política organizacional, administração, supervisão, relações interpessoais, condições de trabalho, salário, segurança, etc. Esses fatores, quando atendidos, não causam satisfação, apenas previnem a insatisfação. Já os fatores motivadores, como realização, reconhecimento da realização, o trabalho em si, responsabilidade, desenvolvimento e progresso, podem produzir satisfação no trabalho. Trabalhando dentro da mesma linha de pensamento, Bowditch e Buono (1997) salientam que as recompensas intrínsecas estão relacionadas com aquilo que as pessoas buscam no trabalho em si mesmo, enquanto que as recompensas extrínsecas são relacionadas ao ambiente do trabalho e aos aspectos materiais.

É necessário salientar e distinguir as conceituações feitas por Herzberg (1997, p. 116), ao dizer: “o oposto de satisfação no trabalho não é insatisfação, mas sim nenhuma satisfação no trabalho; e, da mesma forma, o oposto de insatisfação no trabalho não é satisfação, mas sim nenhuma insatisfação no trabalho”. Assim, os fatores higiênicos, quando atendidos, apenas deixam de causar insatisfação, opondo-se ao pensamento de Lawer III (1997).

Lawer III (1997) diferencia-se de Herzberg (1997), ao se referir que pesquisas mostram que o dinheiro pode ser considerado motivador quando abrange um objetivo também para os indivíduos. Para o autor, as organizações têm sempre um grande desafio em encontrar formas de recompensar seus trabalhadores, de maneira que continuem produtivos e obtenham os resultados desejados. Seja por sistemas de recompensas individuais, ou mais comumente por grupo, no campo da administração há um entendimento de que o salário é um poderoso motivador. A eficácia desses sistemas, no entanto, só acontece quando a organização proporcionar um sistema aberto de informações e obtiver um grande envolvimento dos empregados na tomada de decisões.

Herzberg (1997, p. 116) faz a seguinte pergunta: “Como se instala um gerador num empregado?”. A resposta, segundo ele, não é através dos fatores higiênicos, pois estes são requeridos cada vez mais pelos empregados, não havendo um limite onde se esgote a exigência deles e se obtenha satisfação total. É

importante salientar que Herzberg não é contra e muito menos um crítico dos fatores higiênicos, apenas ele quer dizer que esses fatores não são motivadores. O que motiva o empregado, ou como diz o próprio Herzberg, o que instala um gerador que o movimenta por si, será seu próprio trabalho, o “enriquecimento do cargo”, o desafio, o progresso que o funcionário tem ou percebe que terá, a responsabilidade, a realização e o reconhecimento.

Assim como existe uma busca incansável para explicar certos fenômenos motivacionais, existem também muitas confusões e compreensões distorcidas envolvendo o tema em questão. Archer (1997) destaca que é necessário distinguir que fatores motivadores e fatores de satisfação são coisas totalmente diferentes. O autor esclarece que a motivação tem origem em uma necessidade, que age sobre o intelecto, e essa necessidade faz com que a pessoa se movimente em busca da satisfação. A necessidade em si é sinal de carência, falta de alguma coisa, enquanto a satisfação é exatamente o suprimento dessa carência. Uma das confusões que ocorrem frequentemente pode ser exemplificada com a água e a sede. É comum as pessoas dizerem que têm necessidade de água, dando a entender que água é uma necessidade. Na verdade, o motivador neste caso é a sede, e a água é a satisfação dessa necessidade. A prova é que, uma quantidade excessiva de água à disposição de uma pessoa não a motivará a beber. (ARCHER, 1997).

Tanto Archer (1997) quanto Godoi (2002) criticam a teoria de Herzberg, por gerar confusão entre fatores de motivação e de satisfação, além de também o criticarem por considerar o reconhecimento recebido por uma pessoa como motivador. Exemplificando, como a água e a comida satisfazem a sede e a fome respectivamente, o reconhecimento satisfaz a necessidade de afeto. Archer (1997) chama a atenção para o fato de que as pessoas que identificam fatores de satisfação de forma equivocada, achando que são motivadores, fatalmente irão acreditar que fatores motivadores poderão surgir do próprio ambiente. No entanto, é oportuno observar que, quando Herzberg (1987, p. 114) se refere ao motivador *recognition*, ele remete ao princípio de delegação, autonomia, liberdade de ação.

Archer (1997, p. 25) volta a afirmar que “a motivação, portanto, nasce somente das necessidades humanas e não daquelas coisas que satisfazem tais necessidades”. Assim, o autor deduz que, se a motivação nasce das necessidades, uma pessoa não pode motivar outra, mas apenas satisfazer ou atenuar a

necessidade do outro. Assim, ninguém pode criar uma necessidade de realização, ou criar sede e fome em outra pessoa, pois as necessidades são intrínsecas.

Douglas McGregor desenvolveu sua teoria partindo da realidade vivida pelas empresas na década de 1950. Observou ele que, as organizações adotavam um sistema extremamente rígido de controle, e não estavam sabendo aproveitar a capacidade criadora das pessoas. Dentro daquele quadro, ele denominou de teoria X, as atitudes, visões e crenças existentes. Essa teoria reinante era de que as pessoas fossem controladas, punidas e recompensadas de acordo com os esforços despendidos em seu trabalho. Cabia à administração motivá-las e dirigir seus esforços, no sentido de adaptar o comportamento às necessidades da organização. As pessoas eram vistas como sendo preguiçosas, e naturalmente, com baixo interesse em produtividade, sem ambições e com pouca responsabilidade, desinteressadas quanto aos objetivos da organização e resistentes a mudanças. Observou McGregor que, embora a maioria das suposições acima não estivesse escrita em nenhum manual, as estruturas e práticas administrativas refletiam essa realidade (McGREGOR, 1979).

Contudo, essa forma de administração “dura”, para McGregor (1979), além de não produzir os resultados almejados, levava os empregados a fazer sabotagens, desperdícios e forte oposição sindical.

Fazendo uma abordagem à *hierarquia das necessidades* de Maslow, McGregor (1979) procurou desenhar uma nova teoria, a fim de orientar as organizações para uma melhor administração de pessoas. Essa nova teoria, denominada Y, supõe que as pessoas não são passivas e nem resistentes, se adequadamente tratadas e utilizadas em suas capacidades; a administração deverá proporcionar condições para que as pessoas se desenvolvam por si próprias; dar liberdade para trabalhar e serem criativas, desafiá-las e encorajá-las para a responsabilidade; criar condições para que atinjam seus objetivos individuais e os da organização.

Um estudo importante surgiu das pesquisas de James Alderfer em 1972, com a chamada teoria *ERG* (Existência, Relacionamento e Crescimento). Alderfer procurou adaptar sua teoria à teoria das necessidades de Maslow. Assim, ele classificou as necessidades fisiológicas e de segurança de Maslow como necessidades de existência; as necessidades de amor (ou sociais) chamou-as de necessidades de relacionamento, também incluindo nelas os componentes externos

das necessidades de estima; por último classificou as necessidades intrínsecas de estima e as necessidades de autorrealização como necessidades de crescimento (BERGAMINI, 1997; SILVA; RODRIGUES, 2007).

Silva e Rodrigues (2007) destacam que, na teoria de Alderfer, mais de uma necessidade pode surgir ao mesmo tempo, como também, uma necessidade não precisa ser satisfeita totalmente para surgir outra, enquanto para Maslow uma necessidade mais elevada só surge depois de satisfeita a necessidade anterior, existindo uma hierarquia relativamente rígida.

A teoria *ERG* de Alderfer também considera que, se uma pessoa for incapaz de satisfazer uma necessidade de nível mais alto, pode aumentar o desejo de satisfazer necessidades de níveis mais baixos. Silva e Rodrigues (2007) exemplificam esta situação dizendo que, se o empregado não consegue crescer na empresa, poderá de alguma forma, pleitear melhores condições de trabalho. Esses autores observam que a teoria *ERG* é mais coerente, em comparação à de Maslow, por levar em conta as diferenças existentes entre as pessoas como níveis de educação, antecedentes familiares e ambiente cultural. Assim, essas condições podem influenciar e provocar diferenças no grau de importância que cada pessoa dá às suas necessidades.

Outra teoria, criada em 1964 por Victor Vroom, é baseada no modelo cognitivo e procura explicar a motivação através de três conceitos ou fatores: a Expectância, a Instrumentalidade e a Valência. A expectância refere-se àquilo que a pessoa acredita que possa fazer de acordo com sua capacidade; a instrumentalidade refere-se às condições e expectativas de conseguir o objetivo através dos meios disponíveis; a valência refere-se ao valor atribuído pela pessoa no caso de alcançar seu objetivo (FERREIRA; FUERTH; ESTEVES, 2006; SILVA; RODRIGUES, 2007).

Também é importante a abordagem da *teoria da equidade* de Adams, que procurou medir a relação entre o trabalho que é realizado e os benefícios que traz segundo a expectativa do trabalhador (SILVA; RODRIGUES, 2007). O empregado está constantemente medindo e comparando seu trabalho e desempenho com as recompensas que está recebendo em troca da organização, na forma de remuneração e benefícios; também está fazendo essa mesma comparação com o desempenho e os benefícios de outras pessoas da mesma empresa e também de outras organizações semelhantes. A teoria de Adams busca analisar os sentimentos

das pessoas em relação à equidade percebida, bem como o comportamento delas, decorrente desta equidade ou iniquidade (FERREIRA; FUERTH; ESTEVES, 2006; SILVA; RODRIGUES, 2007). Silva e Rodrigues (2007) afirmam que as pesquisas realizadas confirmaram amplamente essa teoria nos ambientes de trabalho, de forma que a equidade era percebida como positiva, e a iniquidade levava rapidamente as pessoas para a insatisfações, sabotagens e reduções no desempenho.

Para Bergamini (1997), o conjunto dessas teorias trouxe grande contribuição, principalmente no que se refere a compreender “o que” origina verdadeiramente a motivação humana. No entanto, a autora afirma que, nenhuma dessas teorias conseguiu ainda explicar o “por quê” e o “como” ocorrem os comportamentos motivacionais. Na visão da autora, estudos profundos ainda precisam ser realizados para explorar e entender questões psicológicas importantes que possam ser aplicados a um amplo número de comportamentos possíveis de ocorrer.

Lathan (2007) também faz sua crítica, principalmente às teorias que se baseiam em necessidades, por não responder à pergunta que todos buscam – por quê? – e também por não responderem às diferenças individuais, bem como as diferenças ambientais. Godoi (2003) observa que a ampliação e a profundidade dos estudos até hoje realizados demonstrou que não é possível encontrar a resposta ao porque do comportamento das pessoas, através do estudo da motivação.

Uma crítica ao campo da gestão é feita por Godoi (2002), pela forma equivocada como se apropriou das teorias de Maslow e Herzberg. A autora alerta que essas teorias não tiveram tanto destaque nos campos da psicologia e da educação, e sugere que sua ampla aceitação no campo da gestão advém do interesse em aspectos específicos dessas teorias, tais como o caráter extrínseco dos motivos; acrescenta ainda que o campo da gestão ignora ou desconhece a existência de outras teorias da educação e da psicologia que poderiam ajudar na compreensão dos motivos humanos, tais como o cognitivismo e a psicanálise.

A mesma crítica é compartilhada por Sampaio (2004b), ao referir-se à teoria de Maslow que tem sido muito utilizada para tentar explicar situações de trabalho, enquanto o próprio Maslow teve a intenção de criar uma teoria mais geral e não específica.

2.2 MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA E EXTRÍNSECA

Bergamini (1997) destaca que, do desafio de encontrar formas de motivar as pessoas para o trabalho, percebe-se que as motivações são internas e próprias a cada pessoa. Assim descobre-se, segundo a autora, que o ser humano não se dispõe facilmente a desempenhar atividades que não estejam de acordo com suas necessidades ou desprovidas de qualquer significado para ele.

Reeve (2006) estabelece um comparativo entre motivação intrínseca e motivação extrínseca, dizendo que a diferença entre as duas está na fonte que energiza e determina o comportamento. Desta forma, a pessoa intrinsecamente motivada age espontaneamente em função de suas necessidades psicológicas, pelo simples prazer de fazer, pelo desafio, obtendo assim a satisfação de suas necessidades, independentemente da existência de estímulos externos. Por outro lado, o autor se refere à motivação extrínseca aquela proporcionada pelo ambiente, do tipo causa e efeito. Assim, alimento, dinheiro, prêmios, promoções e outros estímulos podem levar as pessoas a terem determinado comportamento, enquanto perceberem que isso lhes é vantajoso. Concordando com Reeve, Godoi (2002) diz que a indicação da natureza intrínseca ou extrínseca da motivação depende da percepção da pessoa se a causa ou origem é interna ou externa.

A motivação extrínseca também pode mover as pessoas como se estivessem de fato motivadas, mas a motivação se esgota assim que for conseguida a recompensa, retornando seu comportamento ao estágio anterior. A motivação extrínseca também faz com que as pessoas busquem a meta ou a recompensa rapidamente e, muitas vezes, a qualquer custo. Por outro lado, a motivação intrínseca é mais verdadeira e produz a capacidade para as pessoas se moverem por vontade e necessidade própria, não havendo necessidades de estímulos externos (BERGAMINI, 1997).

Deci e Ryan (2000,) defendem que a motivação intrínseca supõe um organismo “proativo”, o que significa dizer que é necessário a pessoa ter predisposição para tomar determinada ação. Neste caso, a pessoa percebe, na própria tarefa em si, uma oportunidade de aprendizagem, crescimento e desenvolvimento suficiente para motivá-la. Os autores reconhecem que a motivação intrínseca conduz a pessoa espontaneamente para a ação, no entanto, através da

motivação extrínseca as pessoas podem assimilar novos desafios e internalizá-los de forma isomórfica, e teriam força semelhante à dos fatores intrínsecos.

Está claro que, o condicionamento do comportamento leva as pessoas a uma determinada ação. Desta forma, os supervisores, chefes e gerentes, por exemplo, podem conduzir seus subordinados a determinado comportamento a partir de estímulos propositais. A isto se pode chamar de condicionamento, jamais de motivação. Motivação pressupõe que o indivíduo demonstre determinado comportamento voluntariamente a partir de suas necessidades internas. Condicionamento compreende que terá que haver sempre novos e freqüentes estímulos para obter os comportamentos desejados. Comportamentalistas desconsideram também que as pessoas são diferentes umas das outras e que, por isso, as respostas nem sempre serão exatamente as esperadas (SILVA; RODRIGUES, 2007).

Como um grande crítico dos defensores do behaviorismo, Kohn (1998) salienta que o uso de punições e recompensas é atributo de poder que dá vantagens apenas às organizações. O autor questiona por que as empresas não consideram o que muitos pesquisadores já reconhecem: que as pessoas têm curiosidade natural tanto sobre elas mesmas quanto sobre o ambiente em que vivem, querem ser hábeis, querem mostrar competência e querem superar desafios cada vez mais complexos?

No entanto, é importante observar o alerta de Lévy-Leboyer (1994), de que os comportamentos nem sempre são lógicos como alguns podem imaginar. Na verdade, eles têm alguma coerência, mas dentro da compreensão e percepção de cada pessoa sobre seu ambiente. O próprio Maslow (1979, p. 339) entende que deve ser considerado o meio onde está inserida a pessoa, mas este não é suficientemente capaz de explicar o comportamento, e alerta que a “[...] teoria da motivação não é sinônimo da teoria do comportamento”.

Ao falar sobre “a crise das motivações”, Lévy-Leboyer (1994, p. 59) considera que, embora não afete de forma geral todos os trabalhadores, esta crise pode ser percebida pelo “enfraquecimento do valor social e psicológico da atividade profissional, desaparecimento progressivo da ética do trabalho e da consciência profissional”. A autora faz uma crítica às inúmeras teorias existentes sobre motivação, pois todas elas são incompletas e incapazes de explicar totalmente o

fenômeno, ao tempo de essas teorias se aterem apenas a determinados aspectos do comportamento humano.

Godoi (2009, p. 3-4), em leitura de Lattan (2007), destaca que, apesar dos inúmeros estudos existentes no campo da motivação, ainda persistem as “miniteorias” para explicar determinados fenômenos, carecendo a necessidade de evoluir desse “estágio pré-paradigmático” para uma nova dimensão. Em sua visão, este é o desafio dos teóricos. Ressalta que, cada vez mais está evidente que a motivação é “tautológica”, é inerente e interna à pessoa. Para a autora, o desafio dos gestores passa pela necessidade de compreender que “a motivação é uma esfera interna, singular, inerente ao espaço da individualidade, relacionada à história de vida, à estrutura social, aos desejos do indivíduo e à recuperação do sentido do trabalho”.

2.3 CONTEXTO DO TRABALHO VOLUNTÁRIO

Alguns autores se utilizam dos termos *voluntarismo* e *voluntariado* de forma indistinta como se fossem sinônimos. Para distingui-los, o dicionário Houaiss define *voluntarismo* como sendo uma doutrina, uma teoria psicológica ou filosófica, ou ainda, visto pela ética como um sistema filosófico, que estuda a vontade e o comportamento humano, enquanto que *voluntariado* diz respeito às ações, à condição ou ao conjunto daquelas pessoas que participam de algum trabalho por vontade própria.

A definição de *voluntarismo* apresentada por Penner (2002, p. 448) consiste em “um comportamento voltado para o social, de longo prazo, planejado, que beneficia pessoas desconhecidas e acontece em um ambiente organizacional”. A partir desta definição o autor elege quatro atributos necessários para o *voluntarismo*: 1) *Longevidade* – embora o *voluntariado* possa ser realizado por uma pessoa, por períodos curtos ou longos de tempo, para uma análise do tema mais segura e resultados mais eficazes deve ser considerado o longo prazo; 2) *Plano integral* – consiste que num primeiro momento o *voluntariado* seja pensado conscientemente, medindo prós e contras, e depois seja planejado adequadamente; *Ajuda não obrigatória* – trabalho espontâneo, livre de qualquer pressão, seja familiar, social ou organizacional; 4) *Contexto organizacional* – compreende o *voluntariado* realizado dentro de uma organização de serviço social.

Assim, enquanto o *voluntarismo* é um termo mais genérico e abrangente, o *voluntariado* consiste no conjunto de ações práticas realizadas por pessoas, normalmente através de organizações, em benefício de outras pessoas.

Vários são os tipos de organizações que atuam no campo social. A partir de conceitos de Karl Polanyi e Jürgen Habermas, Andion (2001, p. 3-4) estabelece uma divisão destas organizações e as classifica em três grupos. O primeiro grupo é denominado de “economia social”, e abrange organizações que atuam no mercado visando ao lucro, mas que adquirem características sociais ao fazer a distribuição do resultado entre os associados; como exemplo, a autora cita as cooperativas de crédito. O segundo grupo é denominado de “terceiro setor”, agrupando entidades como fundações, institutos e ONGs, que atuam no campo social distribuindo recursos públicos e privados, com papel semelhante ao do Estado. O terceiro grupo, denominado pela autora de “economia solidária”, abrange associações de caráter público, como organizações de caridade, comunitárias, filantrópicas, voluntárias e ONGs de atuação direta. Neste terceiro grupo, diz a autora, “predominam formas de regulação baseadas na reciprocidade, tais como o dom e o voluntariado que, por sua vez, são indissociáveis das relações pessoais presentes na esfera comunitária”. Andion (2001) ressalta, no entanto, que essa classificação não é estanque, pois, na prática, essas organizações estão em constante interação. Essa divisão foi feita mais com o intuito de delimitar seu estudo de pesquisa.

Com uma visão diferente de Andion, Sampaio (2004a) refere-se às organizações que abraçam atividades voltadas para o voluntariado como Organizações do Terceiro Setor (OTS). Para o autor, as OTS são muito abrangentes, envolvendo atividades e finalidades diversas, com trabalho remunerado e trabalho voluntário, classificando-as em Organizações de Distribuição de Bens e Prestação de Serviços e Organizações de Ação de Nível Político (reivindicatórias, reguladoras e difusoras). Da mesma forma que Sampaio, Hudson (2002) considera as organizações voluntárias como organizações do terceiro setor, e atribui um traço comum existente entre elas, que é a orientação voltada para valores, ou seja, são criadas e administradas por pessoas que percebem a necessidade de ações sociais em determinado sentido.

Um estudo realizado por Salamon e Anheier (1997) e Salamon (1999) deixa claras seis características comuns existentes na estrutura das OTS: a) Estruturadas – são organizadas em seus processos, seus objetivos e metas de forma clara, com

responsabilidade e transparência junto à sociedade; b) Privadas – sua estrutura jurídica e administração é privada, desvinculada portanto do setor público governamental, embora possam receber aportes financeiros do governo para consecução de seus objetivos; c) Não distribuidora de lucros – embora possam ser superavitárias, sua característica como organizações sem fins lucrativos não lhes permite a distribuição de lucros para seus dirigentes; d) Autogovernadas – são autônomas em sua gestão, respondendo apenas segundo a legislação reguladora do setor; e) Voluntárias – utilizam-se de trabalho voluntário, não obrigatório, para prestar um serviço à sociedade; f) Finalidade pública – atendem a interesses de públicos externos, contribuindo assim para o bem público.

Oliveira e Bezerra (2007) fazem importante distinção dos objetivos do trabalho remunerado e do trabalho voluntário. Enquanto no trabalho remunerado o empregado trabalha para realizar o sonho do empresário, no trabalho voluntário ele caminha em direção de seus próprios sonhos. Os autores complementam dizendo que o trabalho voluntário é uma forma de demonstrar o comprometimento com a sociedade. Teodósio (2002) diz que os voluntários também buscam remuneração, não uma remuneração financeira, mas espiritual, afetiva ou outra recompensa indireta decorrente desse trabalho. O autor acrescenta que muitas pessoas buscam no voluntariado o espaço para realizar os sonhos que não tiveram oportunidade de realizar no decurso de sua carreira profissional. Azevedo (2007) destaca que, além dos benefícios proporcionados à sociedade, o voluntariado representa uma oportunidade de aprendizagem e crescimento e desenvolvimento interior da própria pessoa.

Sills (1964) define como “voluntária” a pessoa que tem uma escolha ou uma iniciativa individual para “unir-se”, ou aquela que consente ao “ser convidada a unir-se” a uma organização de trabalho voluntário. Para o autor, continua a busca para a resposta ao “por que” uma pessoa se doa ao trabalho voluntário.

Segundo Cohen (1964), o motivo que leva uma pessoa a realizar trabalho voluntário é bastante complexo, mas que, em pesquisas realizadas nos Estados Unidos, o “sentimento humano” tem sido uma característica percebida no povo americano. Embora difíceis de identificar, para o autor, as motivações podem ter origem em um forte motivo religioso pelo qual as pessoas se sentem compelidas, numa necessidade de obter e demonstrar posição social ou pela percepção da importância desse trabalho para a sociedade.

Para Sieder (1964), o trabalho voluntário é a demonstração de uma consciência social que supera e ultrapassa as necessidades, inclinações e desejos individuais das pessoas. O autor atribui a ação voluntária ao senso de responsabilidade social das pessoas e à sua filosofia de dignidade. Na visão do autor, uma comunidade é caracterizada pelas relações existentes entre seus membros e pela qualidade das organizações voltadas para melhorar as condições de saúde, educação e bem-estar. Acrescenta ainda que o voluntariado vem historicamente de longa data, e seu valor está na participação direta do cidadão na construção da sociedade em que vive. Essa tarefa não deve simplesmente ser delegada a pessoas com trabalho remunerado, pois pode perder sua essência.

No Brasil o trabalho voluntário é regulado pela Lei 9.608, de fevereiro de 1998. Para caracterizar esse tipo de trabalho, ele deve ser espontâneo, não ser remunerado e ser prestado a uma organização com objetivos sociais, sem fins lucrativos.

Carvalho (1999) diz que o trabalho voluntário no Brasil passou a ter maior importância e atenção das pesquisas apenas a partir dos anos 1990, interessando aos vários campos de estudos como antropologia, economia, ética e sociologia. Nos Estados Unidos, embora o voluntariado venha de longa data, o enfoque das pesquisas concentra-se mais no aspecto econômico, enquanto na Alemanha destaca-se o enfoque sociológico. Acrescenta ainda o autor ainda que o trabalho voluntário constitui-se de um ato solidário de uma pessoa para participar de uma ação solidária, através de uma organização que atua no campo social. Garay e Fossa (2001) consideram a ação de um voluntário como um exercício de cidadania em prol da construção da sociedade.

Teodósio (2002) constatou em sua pesquisa que, as organizações atuantes no campo social apresentam problemas semelhantes aos observados nas demais organizações, no que se refere à gestão de recursos humanos, seja no aspecto da falta de motivação, na ausência do comprometimento necessário, no autoritarismo disfarçado de participação e na dificuldade de manter as pessoas-chave, necessárias para a dinâmica da organização. Outra constatação do autor foi no sentido de que muitas organizações que atuam com trabalho voluntário necessitam, em muitas situações, de trabalho profissional especializado e este normalmente tem que ser remunerado, face aos compromissos de qualidade permanente do serviço prestado. Uma consequência disso leva, na maioria das vezes, o trabalho voluntário

reduzir-se a tarefas menos qualificadas, gerando pouco comprometimento e elevada rotatividade.

Dificuldades semelhantes foram apontadas por Moniz e Araujo (2008), ao realizarem estudo sobre a percepção dos profissionais da saúde a respeito do voluntariado hospitalar. Embora os autores tenham constatado benefícios para a entidade hospitalar, foram apontadas algumas críticas no que se refere à falta de continuidade de atividades, falta de integração entre voluntários e profissionais remunerados, e deficiência no direcionamento de ações. Assim, a dificuldade da administração do hospital residia em não poder contar com o mesmo compromisso por parte dos voluntários como da parte dos profissionais remunerados.

2.4 TEORIAS, MODELOS E DISCUSSÕES SOBRE A MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO VOLUNTÁRIO

Várias são as teorias e os modelos desenvolvidos para identificar os motivos e as razões pelos quais as pessoas passam a dedicar seu tempo a atividades voluntárias (ANDERSON; MOORE, 1978; FRISCH; GERRARD, 1981 *apud* OKUN; BARR; HERZOG, 1998; LATTING, 1990 *apud* OKUN; BARR; HERZOG, 1998; CNAAN; GOLDBERG-GLEN, 1991; CLARY; SNYDER; RIDGE, 1992; FISCHER; SCHAFFER, 1993, *apud* LOPES, 2006; CLARY *et al*, 1998; OMOTO; SNYDER, 1995; PENNER; FINKELSTEIN, 1998; BUSSEL; FORBES, 2002; PENNER, 2002; YEUNG, 2004; HWANG; GRABB; CURTIS, 2005, dentre outros). O conjunto das pesquisas quantitativas e qualitativas tem substancial conteúdo, tanto para entender os reais motivos da motivação voluntária, como também prover subsídios para administradores de organizações de serviços humanos, no que tange a recrutamento, seleção e retenção de voluntários.

Um dos primeiros modelos da motivação para o trabalho voluntário teve início com Anderson e Moore (1974) e foi continuado por Anderson e Moore (1978). Anderson e Moore (1974) realizavam pesquisa com voluntários de 128 agências de serviço em 30 Centros urbanos canadenses, com o objetivo de identificar as características dos voluntários para, com isso, subsidiar administradores de voluntários dos Programas de Serviço Voluntário Canadense na tomada de decisão. Com base em dados da mesma amostra da pesquisa, Anderson e Moore (1978) examinaram a frequência dos motivos dos voluntários e correlacionaram-os com as

características de fundo pessoal de cada um. Embora os autores não denominem propriamente como um modelo, a abrangência de sua pesquisa permite assim considerá-lo, e confrontá-lo com outros modelos. A pesquisa foi realizada para identificar os motivos originais de “por que” uma pessoa se dedica ao voluntariado, tendo obtido os seguintes resultados: 1) ajudar os outros; 2) sentir-se útil e necessário; 3) autocumprimento; 4) desenvolvimento pessoal; 5) melhorar a comunidade; 6) ocupar o tempo livre; 7) encontrar pessoas; 8) ganhar experiência relacionada ao trabalho; 9) amigos são voluntários; 10) por paixão. Anderson e Moore (1978) concluem que as pessoas podem dedicar-se ao voluntariado por várias razões, mas o motivo humanitário e o desejo das pessoas sentirem-se úteis superam as outras razões.

Pesquisas de Liao-Troth e Dunn (1999) confirmaram o ranking de motivação voluntária de Anderson e Moore (1978), sendo que nos primeiros cinco motivos identificaram muita semelhança entre a motivação dos gerentes de voluntários e seus próprios voluntários diretos.

Como resultado da revisão da literatura, Cnaan e Goldberg-Glen (1991) criaram o modelo unidimensional. Os autores elencaram 28 motivos prováveis pelos quais as pessoas voluntariam. Destes, as pesquisas realizadas pelos autores mostraram que 22 motivos se destacam como mais importantes e formam o que eles chamaram de um “fenômeno social unidimensional”, no qual os motivos para voluntariar não são distintos ou oponentes, mas se sobrepõem uns aos outros, pois os voluntários não sabem distingui-los claramente. Os dez motivos considerados mais importantes pelos voluntários foram: 1) oportunidade para fazer algo que vale a pena; 2) sentir-se bem consigo mesmo; 3) criar uma sociedade melhor; 4) oportunidade para devolver fortuna; 5) melhorar atitude na própria situação de vida da pessoa; 6) oportunidade para relacionamentos; 7) adesão às metas da agência; 8) experiência educacional excelente; 9) prover atividades desafiadoras; 10) oportunidade para trabalhar com faixas etárias diferentes. Segundo os autores, os voluntários demonstram motivos altruísticos e egoísticos de forma inseparável e indistinguível, e essa combinação de motivos pode ser descrita como “uma experiência recompensadora”. Quando uma pessoa voluntaria ela não está somente dando algo de si a outra pessoa, mas estará recebendo igualmente alguma recompensa em troca.

O modelo de dois fatores defendido por Frisch e Gerrard (1981) e depois por Latting (1990), *apud* Okun, Barr e Herzog (1998) sustenta que as pessoas são motivadas por motivos altruísticos (preocupações voltadas para com as outras pessoas) e motivos egoísticos (preocupações voltadas para si próprio). Para esses autores, todos os possíveis motivos para o trabalho voluntário podem ser classificados nessas duas categorias.

O modelo de Fischer e Schaffer (1993 *apud* LOPES, 2006) atribui sete motivos para o trabalho voluntário, sendo o principal motivo o altruísmo, seguido por ideologia, material, status, relações sociais, lazer e crescimento pessoal.

Omoto e Snyder (1995) criaram um modelo do processo voluntário que resume os motivos que levam as pessoas a voluntariar em cinco fatores: valores, compreensão, desenvolvimento pessoal, preocupação com a comunidade, e encarecimento de estima. Cada um desses fatores é composto de cinco questões que foram submetidas a um grupo de voluntários que prestava serviços em uma organização no atendimento de pessoas portadoras da AIDS. Em sua análise, os autores identificaram três fases que envolvem o voluntariado: os antecedentes (características de personalidade, necessidades pessoais e sociais, motivações e influências sociais e familiares); as experiências (satisfação e integração do voluntário com a organização) e consequências do voluntarismo (influências do voluntarismo sobre as atitudes e comportamentos do voluntário).

Um dos modelos mais citados por pesquisadores é o modelo de seis fatores, chamado de Inventário de Funções Voluntárias (VFI), criado por Clary, Snyder e Ridge (1992) e testado por Clary *et al.* (1998). O modelo compreende trinta razões possíveis pelas quais as pessoas se dedicam ao trabalho voluntário. Tais razões são classificadas pelos autores em seis motivos, denominados funções servidas por voluntariado: 1) social: importância em criar e aumentar relações com amigos e pessoas da sociedade; 2) valores: preocupação e importância em expressar valores voltados para questões humanitárias, como ajudar outras pessoas – altruísmo; 3) carreira: o voluntariado poderá trazer vantagens pessoais para a carreira atual ou futura do voluntário; 4) aprendizagem: oportunidade de aprender, ter novas experiências, possibilidade de colocar em prática conhecimentos e habilidades, desafios e perspectivas novas; 5) proteção: busca de atividade voluntária para redução de sentimentos negativos e preenchimento de tempo ocioso; 6) estima:

sentimento de importância, valorização e sensação de estar de bem consigo próprio, crescimento do ego.

O primeiro passo de Clary, Snyder e Ridge (1992) foi investigar e entender as raízes da motivação para o voluntariado, através da abordagem funcional, para depois desenvolver o instrumento denominado de Inventário de Funções Voluntárias (VFI), que serve para medir essas motivações. Identificados os motivos que os voluntários buscam satisfazer, os autores sugerem recomendações práticas e teóricas para os administradores de voluntários na tarefa de recrutamento, colocação e retenção de voluntários.

A abordagem funcional tem como lógica, segundo Clary, Snyder e Ridge (1992, p. 335), de “identificar os motivos e as necessidades que são satisfeitos, e as metas que são alcançadas quando uma pessoa é envolvida em voluntarismo”. A crítica a essa lógica, reconhecida pelos próprios autores, é que as pessoas podem ter as mesmas atitudes e comportamentos, mas por motivos ou razões diferentes, como também, ações de voluntarismo aparentes podem não refletir os reais motivos subjacentes.

Estudos posteriores confirmaram a utilidade do VFI (OKUN; BARR; HERZOG, 1998; LIAO-TROTH; DUNN, 1999; SOUZA *et al.*, 2003; INGLIS; CLEAVE, 2006; LOPES, 2006, STUKAS *et al.*, 2008), dentre outros.

Penner e Finkelstein (1998), com o objetivo de examinar as predições de modelos existentes e fazer uma relação entre as variáveis de personalidade e as de comportamento dos voluntários, pesquisaram voluntários de uma grande organização dos Estados Unidos que atende pessoas portadoras da AIDS. Os autores sugerem que um modelo dos fatores que causam o voluntarismo contínuo deverá incluir variáveis motivacionais (motivos pessoais), variáveis estruturais (identidade de papel construída na organização) e ainda as variáveis de personalidade (personalidade pró-social do voluntário). Esse modelo foi posteriormente aprofundado por Penner (2002) e será abordado mais adiante.

Também com o objetivo de auxiliar os administradores de voluntários na tarefa de atrair, recrutar e reter voluntários, Bussel e Forbes (2002) resumiram a literatura e criaram o modelo dos “*Quatro Ws*”. Para os autores, as perguntas fundamentais são: *What* (O que - definição do que é um voluntário); *Where* (Onde – qual o contexto onde as pessoas voluntariam); *Who* (Quem são os voluntários) e *Why* (Por que as pessoas voluntariam). Na revisão de literatura os autores

observaram que os voluntários fazem parte de um grupo muito diverso e ativo, atuando em contextos variados, concluindo que o campo do voluntariado é muito amplo e mais complexo do que inicialmente imaginado.

Outro arquétipo é o Modelo Octogonal da Motivação Voluntária de Yeung (2004), resultado de uma análise fenomenológica. O modelo é oriundo de 18 entrevistas realizadas com membros de uma Igreja Luterana Evangélica da Finlândia, nas quais foram identificados 767 elementos motivacionais voltados para voluntariar. A autora desenvolveu um modelo inovador, que permite uma compreensão ampla dos diversos motivos e significados atribuídos pelos voluntários, numa perspectiva de passado, presente e futuro. As quatro dimensões que compõem os oito pólos do octógono são bipolares: Dar-receber, continuidade-novidade, distância-proximidade, e pensamento-ação. A autora defende seu modelo como uma forma de mapear a motivação de uma pessoa.

Hwang, Grabb e Curtis (2005) elegeram um conjunto de 14 razões pelas quais as pessoas podiam manter comportamento voluntário e compararam entre americanos e canadenses ativos em organizações voluntárias. Os resultados apontaram as 5 razões principais comuns entre eles: senso de solidariedade com os pobres e pessoas em desvantagem; compaixão para aqueles que estão em necessidade; oportunidade para reparar ou devolver algo; senso de dever ou obrigação moral; e identificação com pessoas que estavam sofrendo. Quanto a crenças religiosas, também uma das razões levantadas na pesquisa, para os americanos ficou em sexto lugar e para os canadenses em décimo. A pesquisa concluiu que os americanos são mais propensos a voluntariar por motivos altruísticos do que os canadenses. A mesma pesquisa também observou que esse nível mais elevado de altruísmo entre a amostra de americanos não se relaciona com características de gênero, raça, idade, crença religiosa, nível educacional ou estado sócio-econômico.

Okun, Barr e Herzog (1998) testaram e avaliaram empiricamente três modelos existentes de medida da motivação para voluntariar: o modelo de um fator, de Cnaan e Goldberg-Glen (1991), o modelo de dois fatores, de Frisch e Gerrard (1981) e Latting (1990), e o modelo de seis fatores (VFI), de Clary, Snyder e Ridge (1992). Os resultados dessa pesquisa não encontraram nenhum apoio para o modelo de um fator, nem para o de dois fatores. No entanto, foi observada compatibilidade com o modelo de Clary, Snyder e Ridge (1992), que atribui seis motivos para as pessoas

se dedicarem ao trabalho voluntário: social, valores, aprendizagem, carreira, proteção e estima.

Com base no Inventário de Funções Voluntárias (VFI), de Clary *et al* (1998) e utilizando abordagem funcional, Clary e Snyder (1999) exploraram os aspectos da motivação voluntária e a satisfação dos voluntários com suas experiências no desempenho de ações de voluntariado. O intuito dos autores dessa vez foi o de descobrir as raízes da motivação voluntária, bem como o que sustenta essa motivação ao longo do tempo. O princípio da análise funcionalista consiste em combinar as motivações iniciais mais importantes da pessoa com as oportunidades que encontrará no ambiente de trabalho. Assim, o processo de seleção realizado através da ferramenta do VFI, além de proporcionar às organizações a possibilidade de identificar os voluntários que necessita, também oferece os subsídios necessários para mantê-los ao longo do tempo. O resultado dessa pesquisa apresenta a função (motivo) servida por voluntariado, sua definição conceitual e o item do VFI:

Função	Definição conceitual	Item do VFI
Valores	O voluntário está a fim de expressar ou agir, de acordo com seus valores importantes, como humanitarismo.	Eu sinto que é importante ajudar outros.
Aprendizagem	O voluntário está em busca de algo mais sobre o mundo ou exercitar habilidades que são frequentemente novas.	Voluntariar me permite aprender através de dirigir/administrar, experiência prática.
Estima	A pessoa pode crescer e desenvolver-se psicologicamente.	Voluntariar me faz sentir bem sobre mim mesmo.
Carreira	O voluntário tem a meta de ganhar experiência relacionada à carreira.	Voluntariar pode me ajudar a conseguir uma boa colocação profissional num lugar onde eu gostaria de trabalhar.
Social	O voluntário percebe que pode fortalecer suas relações sociais.	Pessoas que eu conheço fazem parte e se interessam em serviço comunitário.
Proteção	O voluntário sente uma redução de sentimentos negativos, como culpa, ou focalizar problemas pessoais.	Voluntariar é uma boa fuga de minhas próprias dificuldades.

Quadro 1 – Funções servidas por voluntariado e suas avaliações no VFI

Fonte: Clary e Snyder (1999)

Autores como Cnaan e Goldberg-Glen (1991), Clary, Snyder e Ridge (1992), Clary *et al* (1998), Liao-Troth e Dunn (1999), Grube e Piliavin (2000); Bussell e

Forbes (2002), Penner (2002) e Stukas *et al.* (2008) parecem unânimes ao afirmar que as organizações de voluntários necessitam compreender quais são as razões e os motivos que levam as pessoas a voluntariar, bem como, o que faz uma pessoa permanecer voluntariando por um longo período. Esse conhecimento ou habilidade poderá facilitar na tarefa de recrutamento e retenção de voluntários.

A pesquisa de Hibbert, Piacentini e Al Dajani (2003) foi realizada em uma cooperativa de varejo localizada numa comunidade de um Bairro da Escócia (Reino Unido), para a qual entrevistaram dez pessoas com o objetivo de analisar os motivos dos voluntários ao iniciar o projeto e se os motivos mudaram ou não com o decorrer do tempo. Os autores constataram que as motivações se alteram com o decorrer do tempo. As organizações que constroem relacionamentos de longo prazo conseguem manter e fortalecer o compromisso com seus voluntários. Para os autores, além de saber recrutar voluntários é necessário entender os seus motivos iniciais e saber que eles mudam com o amadurecimento da relação.

Dois pesquisas semelhantes, uma de Liao-Troth e Dunn (1999), com o objetivo de comparar e verificar se o comportamento dos gerentes e voluntários é afetado pelos mesmos motivos, em agências de serviço humano em San Diego-Califórnia (EUA), outra, de Inglis e Cleave (2006), para investigar os múltiplos fatores que determinam as atitudes das pessoas para se dedicarem ao trabalho voluntário, em 54 organizações sem fins lucrativos no Canadá, chegaram à mesma conclusão. Tanto Liao-Troth e Dunn (1999), quanto Inglis e Cleave (2006) observam que, não basta aos gerentes de voluntários terem conhecimento dessas razões e motivos. Para assegurar a retenção dos voluntários e possibilitar o bom desempenho da organização, os gerentes têm que estar atentos para propiciar o atendimento às expectativas dos voluntários. Essas observações dos autores vêm ressaltar a importância do princípio da expectância, instrumentalidade e valência de Vroom (1964), a satisfação das necessidades sociais, de estima e realização de Maslow (1979), e ao atendimento dos fatores motivadores de Herzberg (1997), como a responsabilidade, a realização pessoal, o reconhecimento, o desenvolvimento e o constante enriquecimento do cargo. Liao-Troth e Dunn (1999) dizem que os gerentes de voluntários poderiam, por exemplo, direcionar seus esforços no sentido de reconhecer os voluntários levando em conta a necessidade de se sentirem úteis e necessários.

Bussell e Forbes (2002) destacam que as organizações devem criar e desenvolver recompensas intrínsecas e extrínsecas para manter seus voluntários, mas devem ter a consciência de que existem outras influências externas que fogem ao seu controle. Neste sentido, Penner (2002, p. 465) sugere que as organizações de voluntários se utilizem dos conhecimentos de psicólogos e cientistas de comportamento para orientá-los na administração de voluntários.

Tidwell (2005) realizou estudo com o objetivo de testar e ampliar a compreensão da teoria da identidade social, e, ao mesmo tempo, contribuir com as instituições sem fins lucrativos nos métodos de seleção, recrutamento e retenção de voluntários. A pretensão do autor concentrava-se no sentido de aplicar a teoria da identidade social em organizações sem fins lucrativos. Os resultados comprovaram que existe associação entre o compromisso, a satisfação e o comportamento pró-social dos voluntários com a identidade organizacional. O autor não encontrou nenhuma correlação da teoria da identidade social com características demográficas como idade, gênero ou etnicidade. Desta forma, cabe às organizações recrutar voluntários com perfil de acordo com a visão e valores da organização. Acrescenta o autor que, um trabalho dos gerentes focado sobre a missão da organização e suas realizações sociais pode auxiliar na melhoria das relações interpessoais.

Na busca de subsídios que possam ser úteis para administradores de voluntários, o grupo de pesquisa de Clary, Snyder e outros, através do trabalho de Stukas *et al.* (2008) evoluiu para uma ferramenta denominada de Índice de Combinação Total (TMI). A pesquisa envolveu mais de 1.000 voluntários em atividade em mais de 80 organizações de diferentes tipos de serviço social. O TMI parte dos seis motivos da abordagem funcional de Clary *et al.* (1998), que são combinados com outros dados como: características do trabalho atual de cada voluntário, possibilidades de experiências no ambiente de trabalho, emoções sentidas pelos voluntários em seu trabalho, satisfação com o trabalho, intenção para voluntariar no futuro e ainda dados demográficos da amostra. Os autores defendem que, o TMI pode ser aplicado individualmente a cada um dos voluntários e assim fornecer à organização informações sobre sua satisfação com o trabalho e intenções de continuar no futuro.

Davis, Hall e Meyer (2003) entendem que o voluntariado representa um compromisso de longo prazo e a decisão para iniciar não é provável que seja oriunda de um ato espontâneo, mas de uma reflexão cautelosa. Para os autores, o

início e a continuidade da atividade voluntária podem ser influenciadas por variáveis diferentes. Enquanto as características pessoais e motivos são importantes para o início, as características da própria atividade voluntária podem afetar a satisfação e o envolvimento com a organização.

Sherer (2004) realizou estudo focado nas motivações de jovens em Israel para o trabalho voluntário do Serviço Nacional daquele país. Uma característica particular desse voluntariado, que anualmente abrange em torno de 7.000 pessoas, é que elas recebem um pequeno salário para cobrir despesas pessoais de moradia e alimentação e se trata de um serviço que corresponde ao serviço militar e pode ser exercido por mulheres. Embora o autor reconheça que a amostra de 40 pessoas foi pequena e não possibilita generalizar os resultados, o principal motivo que emergiu da pesquisa foi o altruísmo (necessidade para dar a outros, eu fiz algo para meu país); outros quatro motivos também foram verificados: *motivos instrumentais* (aprender uma profissão, disciplina menos rígida e condições melhores que no exército, desejo de morar em Tel Aviv, e outros), *motivos de integração* (eu quis estar no serviço como todo o mundo), *motivos relacionados para pressão ou desejo social* (este serviço é esperado em meu círculo social) e *motivos ideológicos ou religiosos* (eu quis o serviço de civil e não o exército).

Cappelari e Turati (2004) investigaram o papel da motivação intrínseca e extrínseca de 1.400 trabalhadores de uma importante companhia de utilidade pública na Itália. Os autores, que partem da premissa da existência naquele país da Lei 64/2001 que introduziu recompensa monetária para algumas atividades voluntárias, perguntaram aos trabalhadores sobre a frequência de voluntariar em três tipos de organizações: serviços sociais, associações políticas e sindicatos. Confirmando as predições teóricas, os resultados indicaram que as pessoas motivadas intrinsecamente são mais prováveis para realizar trabalho voluntário, mas os autores afirmam que ambas as motivações são importantes, tanto a intrínseca quanto a extrínseca.

Além das preocupações dos administradores de voluntários com as motivações disposicionais e organizacionais de seus voluntários diretos, eles devem prestar a atenção ao simbolismo que também envolve a atividade voluntária. Cheng (1998) desenvolveu uma pesquisa etnográfica de observação participante para analisar a influência do simbolismo na motivação de voluntários da Força Aérea Civil dos EUA, em virtude de uma mudança no uniforme que distinguia oficiais de carreira

de oficiais voluntários. A pesquisa de Cheng constatou que houve uma grande dissidência de pessoas de um grupo de voluntários que prestava serviços permanentes de salvamento nas Forças Armadas Americanas. Muitos deixaram de voluntariar apenas porque houve uma pequena mudança no uniforme – vinda da direção e sem consultá-los, do tipo *top down* – que tornava seu uniforme diferente do utilizado pelos militares de carreira. Embora a mudança fosse apenas nas cores das insígnias bordadas nos ombros dos uniformes e no boné, isto os tornava diferentes dos militares. Se, para a direção a mudança no uniforme parecia ser algo superficial, para os voluntários interferia no nível da cultura organizacional militar, ferindo profundamente o orgulho, os sentimentos e todo o valor simbólico que isso representava. O autor destaca que o uniforme representa patriotismo, demonstração de honra e dever para quem o usa, e seu valor simbólico é uma recompensa intrínseca.

Algumas organizações brasileiras, buscando estabelecer vínculos com a comunidade e fortalecer o comprometimento organizacional de seus funcionários, têm estimulado a implantação de projetos de voluntariado. Uma das pesquisas nessa área foi realizada por Fossá e Sartoretto (2002) e constatou que os funcionários das empresas envolvidos nessas atividades tiveram suas habilidades de comunicação, negociação e relacionamento pessoal melhor desenvolvidas, a motivação para o trabalho melhorada, além da atividade voluntária ter ajudado na melhoria do ambiente de trabalho da empresa.

Diferente de Fossá e Sartoretto, a pesquisa de Garay e Mazzilli (2003), que analisou os sentidos que o trabalho voluntário assume para os profissionais de duas empresas, ao desempenhar atividades de voluntariado empresarial, não encontrou resultados tão positivos. Os autores concluíram que, embora seja importante para a comunidade o engajamento das organizações empresariais, nesse estudo ficou mais evidenciado como uma demanda organizacional para obter reconhecimento, melhorar a imagem da empresa e buscar melhor comprometimento dos funcionários. Isso se contrapõe à literatura anterior que atribui ao voluntariado empresarial uma ação sem interesse direto, apenas voltada ao atendimento de necessidades sociais da comunidade. Pelo lado dos funcionários entrevistados, pouco mudou. Embora tenham manifestado nos discursos que o voluntariado tem alto significado para eles, na prática, foi observado que o relacionamento dos voluntários com a entidade social é mais um relacionamento a distância com ações pouco integradas.

Também com foco em voluntariado empresarial, Madruga, Oliveira e Régis (2007) analisaram a motivação dos funcionários de um banco estatal na região metropolitana de uma capital brasileira. O objetivo era verificar a intenção dos funcionários para se engajarem em atividades de voluntariado estimuladas pela empresa. A análise foi feita com base na Teoria da Expectância de Vroom, e os resultados indicaram altos escores para valência e instrumentalidade e baixo escore para a expectância.

Não obstante algumas pesquisas terem constatado que nem todas as atividades voluntárias alcançam resultados esperados e são duradouras, não restam dúvidas de que, de uma forma ou de outra, os voluntários acabam sempre por conseguir alguns ganhos pessoais como satisfação, aumento da estima, aprendizagem, crescimento, reconhecimento, oportunidade de fazer coisas diferentes e a sensação de contribuir com os menos afortunados (GARAY; FOSSA, 2001; MADRUGA; OLIVEIRA; RÉGIS, 2006; SOUZA; CARVALHO, 2006).

Com foco no estudo da motivação para o trabalho voluntário com lideranças comunitárias da Pastoral da Criança numa cidade capital brasileira, Souza e Carvalho (2006) utilizaram como referência a Teoria da Expectância de Vroom. Nesse estudo, os autores analisaram a motivação de líderes comunitários em um projeto social. Os resultados observados demonstraram que, embora ao entrar no programa as pessoas demonstrassem alta motivação e muita expectativa com relação ao trabalho, no decorrer das atividades, começaram a surgir dificuldades ao se depararem com uma realidade de exclusão social e sem os recursos suficientes para reverter o quadro existente. Esse fato interpôs-se como um impedimento para o alcance dos resultados inicialmente imaginados, influenciando de forma negativa a motivação inicial. Em parte, algumas motivações foram satisfeitas, no que tange ao desenvolvimento pessoal e profissional. Os autores constataram um índice elevado de pessoas desistindo da atividade voluntária, em função das dificuldades da própria organização em proporcionar condições que satisfizessem as expectativas iniciais. Em relação à análise à luz da Teoria da Expectância de Vroom, Souza e Carvalho (2006) chegaram às seguintes conclusões: como indicadores de *valência*, apresentaram-se expressivas as categorias desenvolvimento sócioprofissional, realização, envolvimento e expressão religiosa; como indicadores de expectativa, destacaram-se as categorias desenvolvimento interpessoal, realização, envolvimento, expressão religiosa e mobilidade da sociedade; para os indicadores

de instrumentalidade, destacaram-se as categorias desenvolvimento interpessoal, contribuição social, envolvimento.

Sampaio (2004a) desenvolveu sua tese para verificar a cultura organizacional e a motivação para o trabalho voluntário no terceiro setor, especificamente em uma creche localizada também numa cidade capital brasileira, que trabalha sob os fundamentos do espiritismo, mais precisamente na obra de Allan Kardec. Nesse trabalho, o autor elaborou um modelo complexo para análise da motivação, fundamentado nas teorias de Abraham Maslow, David McClelland e Joseph Nuttin. No que se refere ao estudo da motivação, as oito pessoas entrevistadas na pesquisa são seguidoras da religião espírita e frequentam normalmente as reuniões de estudos. O Quadro 2 apresenta as principais declarações feitas pelos voluntários entrevistados, que o autor chamou de *schemata*.

Schemata	Citações	Associação com a ciência espírita
“É necessário fazer algum trabalho em favor do próximo”.	3	Sim
“Se cada um fizer um pouco é possível fazer algo grande”.	1	Sim
“O primeiro beneficiado pelo trabalho é o próprio trabalhador”.	5	Sim
“Dedicar-se ao próximo traz alegria”.	1	Sim
“O trabalho é uma terapia”.	3	Sim
“Recebe-se mais com o trabalho do que se dá”.	1	Sim
“Deve-se fazer o bem sem esperar retribuição”.	2	Sim
“Há homens de bem em todos os credos”.	1	Sim
“A mulher moderna precisa ser independente”.	1	Não
“Não se pode viver sem Deus”.	1	Não

Quadro 2 – Principais schemata encontrados no discurso dos voluntários.

Fonte: Sampaio (2004)

Foi observado que o trabalho se desenvolvia melhor ao ser realizado em equipe, e quando os voluntários trabalhavam em atividades isoladas com o tempo

acabavam se afastando do voluntariado. O autor acrescenta ainda que, além do trabalho em equipe propiciar a continuidade, o fato de haver uma diversidade de tarefas possibilita às pessoas fazerem escolhas daquilo que vão fazer e assim conciliar suas motivações com a tarefa executada (SAMPAIO, 2004a).

Lopes (2006) desenvolveu sua tese analisando motivações, significados e benefícios percebidos na prestação de trabalho voluntário, comparando idosos brasileiros e americanos. Adaptou o modelo de Clary e Snyder (1999), a fim de analisar três razões para iniciar o trabalho voluntário e três razões para continuar voluntariando. A autora entende que as motivações de uma pessoa são dinâmicas e se alteram ao longo do tempo, e que o contexto organizacional é importante para que indivíduos se engajem e continuem voluntariando. Acrescenta ainda que existe uma interdependência entre o voluntário e a organização, e, quanto melhor a interação, maiores são os ganhos para ambas as partes. Ressalta ainda que a motivação para o trabalho voluntário é um fenômeno multifatorial, multideterminado e multifacetado, visão esta já relatada por Yeung (2004).

Ao analisar a influência do desenho do trabalho voluntário sobre o comprometimento organizacional em ONGs, Cavalcante e Medeiros (2007) constataram que cinco dimensões (*feedback* de agentes, autonomia de execução do trabalho, significância da tarefa, variedade de habilidades e autonomia de planejamento) provocam comprometimento organizacional. Os autores argumentam que esse trabalho poderá auxiliar as ONGs para uma melhor gestão administrativa e gestão de voluntários.

O trabalho de Teodósio (2002) investigou sobre estratégias para a organização e administração do trabalho voluntário em organizações do terceiro setor. Relata a preocupação de organizações do campo social ao se depararem com as dificuldades encontradas para preenchimento de alguns cargos que exigem maior responsabilidade e habilidades técnicas, para as quais seria necessário um profissional remunerado. Observa o autor que para alguns serviços a legislação brasileira exige que o ocupante do cargo tenha formação e habilidade na área. Por último o autor recomenda a necessidade de utilizar critérios adequados para recrutamento e seleção de voluntários, melhorar as técnicas de controle e gerenciamento, sem perder de vista as características próprias de um voluntário.

A pesquisa de Souza *et al.* (2003), com base no VFI de Clari *et al.* (1998), concentrou-se em analisar os aspectos da motivação de voluntários brasileiros e

portugueses que se dedicam ao atendimento de pacientes portadores de câncer. As duas amostras indicaram uma mesma ordem de motivos para o voluntariado, sendo que *valores* destacou-se como o mais importante, seguido por *aprendizagem*, *estima*, *proteção*, *social* e por último o motivo *carreira*. Uma constatação destacada nesse estudo foi a de que 95% dos voluntários brasileiros e 83% dos portugueses tiveram antecedentes com a doença, eles mesmos ou familiares. Na visão de Selli, Garrafa e Junges (2008), o contato com situações de sofrimento sensibiliza a pessoa, fazendo-a redimensionar seus valores.

Silva (2006, p. 107) afirma que “num centro de voluntários não há motivação que seja mais valiosa, nem função que seja mais importante”. Para a autora, as pessoas que se dedicam ao voluntariado o fazem pelos mais variados motivos, independentemente do tipo de trabalho ou função exercida, e o que importa para elas é o sentimento de estar contribuindo para a melhoria de vida de outros. Acrescenta ainda que o voluntariado significa um ciclo de dar, receber e retribuir, não como algo isolado, mas como algo que estabelece relações e se reproduz no tempo, gerando benefícios mútuos.

O modelo de dois fatores foi defendido por Frisch e Gerrard (1981) e posteriormente por Latting (1990), *apud* Okun, Barr e Herzog (1998) já foi mencionado anteriormente e limitava-se a classificar os motivos pelos quais as pessoas se dedicam ao voluntariado apenas em duas categorias, ou por altruísmo ou por egoísmo.

Bussel e Forbes (2002) referem-se ao altruísmo como o motivo central que gera significado para um voluntário. Inglis e Cleave (2006) vão um pouco mais longe, ao destacarem que, embora a maioria das pessoas se refira ao altruísmo como principal motivo para voluntariar, as pesquisas mostram que existe uma estrutura multidimensional subjacente à motivação voluntária, bem como os diversos motivos para voluntariar possuem graus diferentes de importância de pessoa para pessoa, variando ainda de acordo com cada momento.

Oliveira e Bezerra (2007) comentam que o altruísmo é tratado na literatura sobre motivação voluntária como algo “totalmente desinteressado”. No entanto, os autores destacam que a pessoa que concede um benefício a outra não fica imune de receber benefícios recíprocos. Mascarenhas e Zambaldi (2002) constataram em sua pesquisa a existência de motivos altruístas e egoístas para o voluntariado, mas não informaram se os motivos altruístas e egoístas existiam isoladamente. Souza *et*

al. (2003) e Moura e Souza (2007) verificaram a existência de motivos altruístas e egoístas; no entanto, destacam o altruísmo como um aspecto mais importante ou aparece em graus mais elevados do que o egoísmo. Mascarenhas e Zambaldi (2002) sugerem que, para não gerar polêmica, seria melhor utilizar o termo “pró-social”, ao invés de altruísmo.

Já segundo Teodósio (2002), seria um equívoco pensar que as pessoas não buscam alguma espécie de remuneração quando se dedicam ao voluntariado. Não se trata de uma remuneração financeira, segundo o autor, mas uma recompensa no sentido espiritual, afetivo ou outro, para atender outra necessidade qualquer. Muitas vezes buscam aquilo que não conseguiram realizar na carreira profissional.

2.5 MODELO DO VOLUNTARISMO CONTÍNUO

O modelo do voluntarismo contínuo desenvolvido por Penner (2002) é uma evolução dos estudos de Penner e Finkelstein (1998) que analisaram os determinantes do voluntarismo. Trata-se de um modelo conceitual de voluntarismo, que abrange variáveis *demográficas*, *disposicionais* e *organizacionais*. O modelo considera que a *decisão para voluntariar* é afetada por *características demográficas* (idade, renda, educação, etc.), por três *variáveis disposicionais* (crenças e valores pessoais, personalidade pró-social e motivos particulares relacionados a voluntariado), bem como por uma *variável organizacional* (práticas e atributos organizacionais), além de pressões sociais que também podem influir na tomada de decisão. A continuidade da atividade voluntária depende ainda das relações com a organização e a identidade do papel desempenhado pelo voluntário. A combinação destas variáveis leva ao que o autor chama de voluntarismo contínuo, conforme demonstrado na Figura 1.

O estudo de Penner (2002) concentrou-se nos atributos mais salientes de voluntarismo (longevidade, plano integral, ajuda não obrigatória e contexto organizacional, termos já definidos no início deste capítulo) e procurou relacioná-los às variáveis disposicionais, pois estas têm mais probabilidade de ocorrer em comportamentos duradouros do que em comportamentos transitórios. Em um comportamento duradouro, será possível relacionar as variáveis disposicionais com as variáveis organizacionais. O autor salienta que sua análise tem uma perspectiva interacionista em que as variáveis disposicionais e organizacionais não podem ser

compreendidas separadamente, pois no voluntariado contínuo elas afetam uma a outra permanentemente.

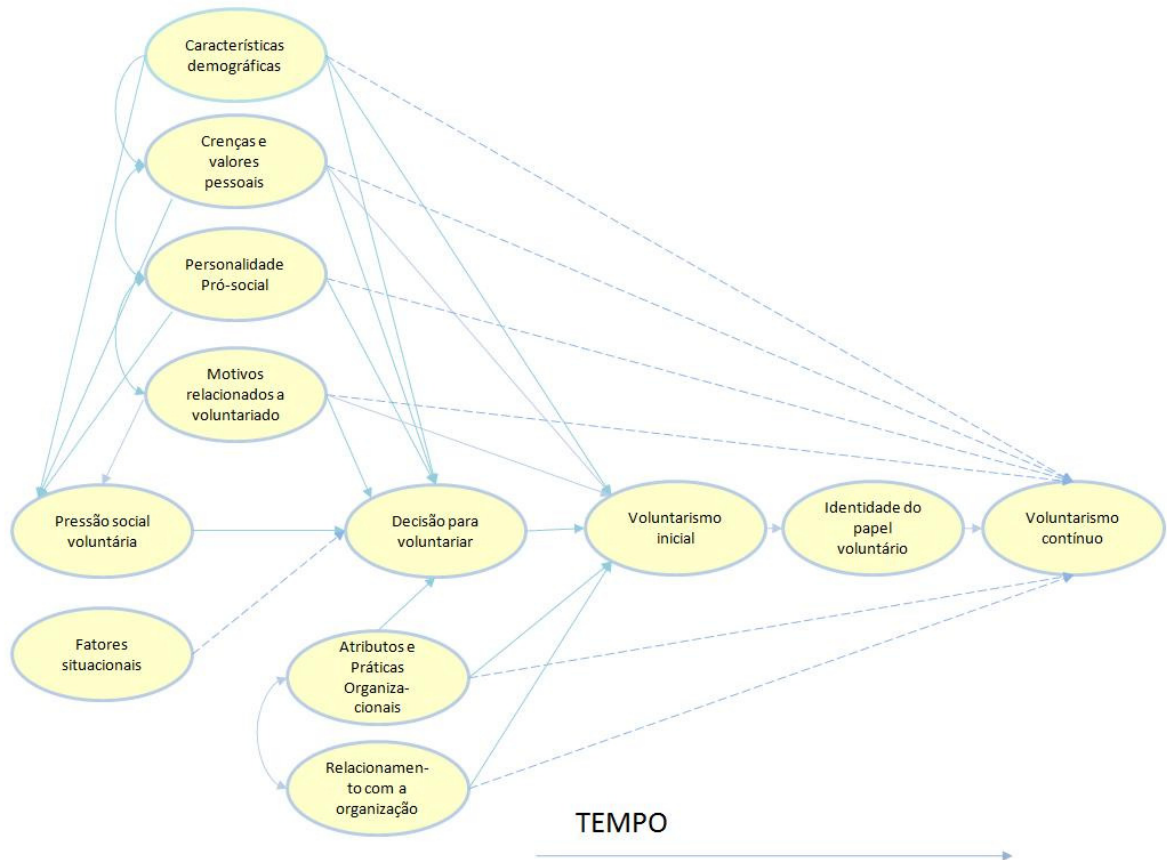


Figura 1 – Modelo do Voluntarismo Contínuo

Fonte: Penner (2002, p. 461)²

2.5.1 Características Demográficas

Nas características demográficas, Penner (2002) inclui itens como idade, renda, educação, gênero, etc. Essa visão é endossada por Ozawa e Morrow-Howell, *apud* Lopes (2006), ao destacar que idade, saúde e educação são aspectos que podem influenciar o trabalho voluntário. Lopes (2006) reforça que, para o trabalho voluntário, tanto as variáveis pessoais quanto as culturais são motivadores importantes.

² A linha contínua na Figura 1 significa impacto direto (sempre ocorre); a linha pontilhada significa impacto indireto (ocorre eventualmente).

Mesch *et al.* (2006) verificaram que mulheres solteiras são mais prováveis de se dedicarem a atividades voluntárias do que os homens solteiros. Os autores também constataram que a renda e o nível educacional, além da escola secundária, são preditores significativos para as pessoas manterem comportamento voluntário. Não foram constatadas diferenças significativas no que se refere à raça.

2.5.2 Variáveis Disposicionais

Quando se refere a *variáveis disposicionais*, Penner (2002) considera aqueles atributos duradouros, como as convicções pessoais e valores (convicções religiosas, e outros valores e crenças não relacionados para inclinações pró-sociais), além de características de personalidade e motivos voltados para voluntariar. As características de personalidade, denominadas pelo autor de personalidade pró-social, incluem pensamentos e sentimentos (empatia voltada ao outro), e comportamentos (ações de ajuda, utilidade), com direcionamentos pró-sociais.

Embora os estudos de Penner (2002) tenham correlacionado religiosidade com voluntarismo, o próprio autor chama a atenção de que seria prematuro afirmar que essa correspondência possa ocorrer em todos os casos. Essa observação de Penner foi confirmada por Lopes (2006), ao não encontrar relação com religiosidade em duas amostras de voluntários idosos brasileiros e americanos analisadas. Souza e Carvalho (2006) destacaram que, embora sua pesquisa compreendesse um ambiente com ligação direta com a igreja, a expressão de religiosidade não apareceu como um fator importante nas dimensões analisadas.

Os *motivos relacionados a voluntariado* considerados por Penner (2002) são aqueles motivos da abordagem funcional de Clary *et al.* (1998): *social, valores, aprendizagem, carreira, proteção e estima*, que formam o Inventário de Funções Voluntárias (VFI). O Quadro 3 abaixo mostra como se originou o VFI de Clary *et al.* (1998).

Liao-Troth (2005) realizou dois estudos, o primeiro foi para analisar a relação entre *motivos* (valores, proteção e estima) para voluntariar com o contrato psicológico, o segundo para analisar a relação da *personalidade individual* com o contrato psicológico entre o voluntário e a organização. O autor observa que todo indivíduo tem um contrato psicológico com sua organização, não necessariamente formal, mas um contrato que compreende aquilo que a pessoa acredita seja seu

compromisso para com a organização que trabalha. Os resultados dos estudos indicaram que *motivos* não têm nenhum efeito direto sobre a formação de um contrato psicológico com a organização. Por outro lado, ficou evidenciado que a personalidade individual pode influenciar a formação de um contrato psicológico com a organização. Sugere o autor que tais evidências sejam consideradas pelas organizações no recrutamento, seleção e manutenção de voluntários.

Motivo ou Função Servida por Voluntariado	Questões que originaram o motivo/função
Social	<p>Meus amigos voluntariam.</p> <p>As pessoas perto das que eu estou me querem para voluntariar.</p> <p>As pessoas que eu conheço compartilham um interesse em serviço comunitário.</p> <p>Outros com quem eu estou cercado atribuem um alto valor em serviço comunitário.</p> <p>Voluntariado é uma atividade importante às pessoas que eu conheço melhor.</p>
Valores	<p>Eu me preocupo com aqueles menos afortunados do que eu.</p> <p>Eu estou genuinamente preocupado com o grupo que estou servindo.</p> <p>Eu sinto compaixão para pessoas em necessidade.</p> <p>Eu sinto que é importante ajudar os outros.</p> <p>Eu posso fazer algo para uma causa que é importante para mim.</p>
Aprendizagem	<p>Eu posso aprender mais sobre a causa para a qual eu estou trabalhando.</p> <p>Voluntariado me permite ganhar uma perspectiva nova sobre coisas.</p> <p>Voluntariado me permite aprender coisas diretas, adquirindo experiência.</p> <p>Eu posso aprender a lidar com uma variedade das pessoas.</p> <p>Eu posso explorar minhas próprias forças.</p>
Carreira	<p>Voluntariado pode me ajudar a conseguir colocação profissional onde eu gostaria de trabalhar.</p> <p>Eu posso estabelecer contatos novos que poderiam ajudar meu negócio ou carreira.</p> <p>Voluntariado me permite explorar opções de carreira diferentes.</p> <p>Voluntariado me ajudará a ter sucesso em minha profissão.</p> <p>Experiência em voluntariado parecerá bom em meu currículo.</p>
Proteção	<p>Não importa quão ruim eu tenho me sentido, voluntariando me ajuda a esquecer isto.</p> <p>Voluntariando eu me sinto menos só.</p> <p>Trabalho voluntário me alivia de alguma culpa por ser mais afortunado que outros.</p> <p>Voluntariando me ajuda a resolver os próprios problemas pessoais.</p> <p>Voluntariar é uma fuga boa de minhas próprias dificuldades.</p>
Estima	<p>Voluntariado me faz sentir importante.</p> <p>Voluntariado aumenta minha estima.</p> <p>Voluntariado me faz sentir necessitado.</p> <p>Voluntariado me faz sentir bem sobre mim.</p> <p>Voluntariado é um modo para fazer novos amigos.</p>

Quadro 3 – Inventário de Funções Voluntárias (VFI)

Fonte: Clary *et al.* (1998)

Penner (2002, p. 458) reforça que “para entender por que uma pessoa se engaja em algum comportamento voluntário precisa identificar o propósito ou necessidade servida por esse comportamento”.

Mowen e Sujan (2005) exploraram e identificaram quatro características ou traços de personalidade individuais que são preditores de comportamento voluntário: necessidade de aprender, necessidade de atividade, orientação de tempo presente e altruísmo. Para os autores a abordagem funcional de motivos (Clary *et al.*, 1998) identifica as razões que são servidas por realizar trabalho voluntário; já a abordagem de traços de personalidade objetiva identificar disposições que influenciam comportamento voluntário duradouro. Assim, na visão dos autores, os motivos constituem um segundo construto, e eles só levarão a pessoa a ter um comportamento duradouro quando combinados com as quatro características de personalidade.

2.5.3 Variáveis Organizacionais

O voluntarismo contínuo analisado por Penner (2002) ocorre em um ambiente organizacional. Desta forma, as variáveis organizacionais têm influência sobre a decisão de voluntariar (*Atributos e Práticas Organizacionais*) e sobre o comportamento de uma pessoa para continuar voluntariando (*Relacionamento com a Organização*). Grube e Piliavin (2000) correlacionaram prestígio de uma organização com horas trabalhadas por um voluntário. Omoto e Snyder (1995) observaram que os voluntários permaneciam mais tempo na organização quando estavam satisfeitos com o tratamento recebido, e Penner e Finkelstein (1998) também comprovaram que o tempo que um voluntário permanecia na organização era associado com a satisfação de estar voluntariando. Assim, a variável organizacional denominada por Penner (2002) de *Relacionamento com a Organização* se refere mais especificamente à satisfação com o trabalho, ao compromisso organizacional e à forma como o voluntário é tratado dentro da organização.

2.5.4 Identidade do Papel Voluntário

A identidade do papel do voluntário é caracterizada pelo modo como a pessoa se identifica e interioriza o seu papel no desempenho de uma atividade voluntária. Penner (2002, p. 463) ressalta que “um nível alto e envolvente de atividade voluntária poderá produzir, provavelmente, uma identidade de papel voluntária forte”, e essa identidade forte no papel de voluntário “é a causa proximal e direta de voluntarismo contínuo”. Lopes (2006) endossa essa visão ao dizer que as pessoas aumentam seu compromisso com a organização na medida em que criam uma identidade com ela, e essa identidade conduz para o comportamento voluntário.

Grube e Piliavin (2000) compreendem que uma identidade de papel forte está relacionada ao comportamento do voluntário por um longo período e, por outro lado, a não-criação de uma identidade de papel levará o voluntário a deixar a organização. Os autores afirmam que a identidade de papel do voluntário contribui de forma robusta para alcançar os resultados da organização, no entanto, eles alertam que isso é diferente de compromisso organizacional. Depreende-se daí que a identidade de papel não está relacionada somente a variáveis organizacionais, mas também a variáveis disposicionais do indivíduo.

2.5.5 Pressão Social

A *pressão social* referida por Penner (2002) é a percepção que um voluntário tem de como é visto por seus familiares e pessoas próximas sobre se tornar um voluntário. É um sentimento que o potencial voluntário tem em função do ambiente social ao qual pertence, embora o autor esclareça que, nem todas as pessoas respondem afirmativamente a essa pressão, pois algumas são mais prováveis de voluntariar que outras.

2.5.6 Fatores Situacionais

Embora o voluntariado referido por Penner (2002) seja uma ação pensada, planejada e de longo prazo, o autor reconhece que fatores situacionais podem determinar a inclinação de um voluntário para prestar serviços comunitários. Um

exemplo citado pelo autor foi o que ocorreu nos dias que sucederam aos ataques de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, quando houve uma adesão quase três vezes superior ao que acontecia normalmente nos três anos anteriores. A linha pontilhada que une fatores situacionais à decisão de voluntariar, na Figura 1, caracteriza uma situação que não ocorre em todos os casos.

2.5.7 Decisão para Voluntariar e Voluntarismo Inicial

No modelo de Penner (2002), o *voluntarismo inicial* é uma fase que ocorre posteriormente à *decisão de voluntariar* e imediatamente anterior à posse como um voluntário efetivo. Para o autor, os impactos sobre o voluntarismo inicial podem ser diretos (linha contínua) ou indiretos (linha pontilhada), conforme expressos na Figura 1 acima.

Então, a decisão para voluntariar origina-se, segundo Penner (2002), das características demográficas, das *variáveis disposicionais* (crenças e valores, personalidade pró-social e motivos), da pressão social sofrida pelo voluntário e, eventualmente, de fatores situacionais. Há ainda uma *variável organizacional* que pode influenciar a decisão de voluntariar, ou seja, os atributos e práticas organizacionais (esta variável pode ser exemplificada como a reputação, os valores e práticas da organização que constituem sua imagem) percebidos externamente pelas pessoas. Desta forma, o autor pondera que algumas organizações são mais prováveis de conseguirem a adesão de voluntários do que outras.

2.5.8 Voluntarismo Contínuo

O *voluntarismo contínuo* é evidenciado por um período longo de trabalho voluntário que uma pessoa faz, sustentado pelas interações entre as *variáveis disposicionais* e as *variáveis organizacionais*. O modelo de Penner (2002, p. 450) faz duas suposições importantes para melhor entendê-lo: a primeira, segundo ele, é que “nem *variáveis disposicionais* nem *organizacionais* podem, por elas, prover uma explicação completa de por que as pessoas decidem voluntariar e então continuar voluntariando por um período estendido de tempo”; e segundo, “as duas classes de variáveis afetam uma a outra e interagem para afetar voluntarismo”. A *identidade do papel voluntário* é formada durante o exercício do trabalho voluntário na

organização. Quanto maior a interação entre as *variáveis disposicionais e organizacionais*, mais forte será a *identidade* e mais longo, provavelmente, será o tempo que o voluntário permanecerá na organização.

Estudos posteriores realizados por pesquisadores da equipe de Penner prosseguiram na busca de uma melhor compreensão do fenômeno do voluntariado. Penner *et al.* (2004) examinaram o comportamento pró-social, aprofundando a análise em três níveis: micro, meso e macro. O nível micro busca estudar as origens e as tendências do comportamento, bem como as diferenças individuais; o nível meso analisa o comportamento na relação entre o prestador e o receptor do serviço voluntário; e o nível macro estuda as relações pró-sociais no contexto de grupos e grandes organizações de voluntariado. Mais adiante, Finkelstein, Penner e Brannick (2005) continuaram suas pesquisas, dessa vez tentando integrar a abordagem funcional e a teoria de identidade de papel para entender o voluntarismo contínuo.

As teorias e modelos da motivação para o trabalho, tanto voluntário ou não voluntário, têm recebido as mais diversas críticas e restrições quanto à sua aplicabilidade e validade, mesmo aquelas teorias que buscaram complementar outras já existentes. Percebe-se então que não há um consenso entre os pesquisadores no sentido de que uma teoria seja suficiente e totalmente capaz para explicar o fenômeno motivacional (LÉVY-LEBOYER, 1994; BERGAMINI, 1997). Assim, este trabalho será baseado nas fundamentações teóricas do modelo de Penner (2004) e complementado com as demais teorias e modelos, de acordo com os subsídios obtidos na presente pesquisa.

3 METODOLOGIA

Este capítulo está composto por duas partes: na primeira, abordam-se o tipo de pesquisa, a estratégia e as técnicas adotadas, e, na segunda, é descrito o *design* da pesquisa.

3.1 TIPO DE PESQUISA, ESTRATÉGIA E TÉCNICAS

Este trabalho foi realizado através de método qualitativo, por possibilitar um estudo com maior profundidade que permite identificar o conhecimento intersubjetivo e assim buscar a melhor compreensão possível da situação existente em cada

contexto. Godoy (1995a) destaca que, somente a partir da década de 1960, as pesquisas qualitativas começaram a ser abraçadas também pela Psicologia, Educação e Administração. A autora salienta que os sociólogos ignoravam a abordagem qualitativa pela influência dos trabalhos de Durkheim, que eram baseados em métodos estatísticos.

A pesquisa qualitativa é uma forma de análise que permite situar o investigador no mundo. O conjunto de práticas interpretativas (entrevistas, conversações, notas de campo, gravações, etc.) possibilita tornar aquele cenário, que é objeto de análise, mais visível. Os pesquisadores têm a possibilidade de realizar seus estudos nos ambientes naturais e assim poder interpretar melhor os fenômenos, contemplando os significados particulares das pessoas, difíceis de captar numa pesquisa quantitativa (DENZIN; LINCOLN, 2005).

Para Creswell (2007), uma pesquisa qualitativa envolve suposições por parte do pesquisador e lhe permite enxergar o mundo com lentes teóricas, investigar os significados dos indivíduos ou grupos sociais e compreender o problema social. A forma de coleta dos dados com a convivência no ambiente torna as pessoas mais sensíveis, induzindo-as à colaboração. O autor destaca que o trabalho final do pesquisador abrange as falas dos participantes, a reflexividade do investigador e uma completa interpretação do problema.

Creswell (2007) divulgou uma pesquisa que abrangeu o período de dez anos anteriores e selecionou três publicações (LeCOMPTE; SCHENSUL, 1999; MARSHALL; ROSSMAN, 2006; HATCH, 2002) para resumir as características mais importantes da pesquisa qualitativa. Sem classificar em ordem de importância, as pesquisas qualitativas têm em comum: a) um cenário natural que coloca o investigador face a face com as pessoas; b) o pesquisador é um instrumento chave da pesquisa; c) as fontes de dados são múltiplas; d) a análise dos dados é indutiva; e) possibilita captar e compreender os significados dos participantes; f) permite ver o mundo com uma lente teórica; g) a investigação é interpretativa e h) abrange percepções holísticas.

A indicação da pesquisa qualitativa, segundo Creswell (2007), é recomendada principalmente nestas situações: a) quando um problema precisa ser melhor explorado; b) quando for necessária uma compreensão detalhada e complexa sobre determinado assunto; c) quando quisermos que os participantes da pesquisa compartilhem suas histórias e, para tal, precisamos minimizar a relação de poder

entre pesquisador e participante; d) quando queremos escrever em um estilo literário mais flexível, sem as estruturas acadêmicas normais; d) quando precisamos entender os contextos em que determinadas situações ocorrem; e) para desenvolver teorias ou completar teorias parciais, quando as teorias existentes não conseguem capturar a complexidade do problema.

No entender de Godoy (1995a), a preocupação dos estudos qualitativos é analisar o mundo empírico em seu próprio ambiente. Para a autora, essa forma de abordagem, em que o pesquisador permanece por longo período em contato com o campo, permite compreender melhor o contexto estudado. A autora não acredita que seja possível entender o comportamento humano analisando-o fora do contexto onde os indivíduos se relacionam.

As pesquisas qualitativas, segundo Godoy (1995b), permitem três possibilidades para o desenvolvimento do trabalho. Uma delas é a etnografia, as outras são a pesquisa documental e o estudo de caso. Cavedon (1999) refere-se à etnografia como uma das técnicas apropriadas para a realização de estudos em profundidade, e atribui a paternidade desta técnica ao antropólogo Bronislaw Malinowski, que conviveu com comunidades nativas nos arquipélagos da Nova Guiné no início do século passado.

Pelas características do presente estudo, observou-se a necessidade da permanência do pesquisador no campo, durante algum tempo, para a coleta do material empírico e para melhor compreender o fenômeno da motivação no próprio contexto. Decidiu-se então que a estratégia de pesquisa mais apropriada seria através da etnografia.

Malinowski (1978) defendeu o rigor necessário na descrição dos métodos utilizados em experimentos nas ciências físicas, químicas, biológicas e geológicas, bem como a necessidade desses passos para demonstrar sua validade científica. Segundo ele, o rigor também é necessário nos estudos do campo da antropologia, assim como o relato fiel e honesto dos dados é mais imperativo na etnografia do que em outras ciências, o que lamentavelmente nem sempre ocorreu no passado, pela falta de seriedade de alguns pesquisadores.

Um aspecto fundamental lembrado por Malinowski (1978), necessário para dar validade científica ao estudo, refere-se à clareza que permite distinguir aquilo que foi observado diretamente no campo, manifestado pelas pessoas ou povos em análise, daquilo que forem as deduções do pesquisador baseadas em seu próprio

senso e intuição. Ainda segundo Malinowski, para a análise de alguns fenômenos importantes, apenas o preenchimento de formulários e suas análises estatísticas não são suficientes. Tais fenômenos foram chamados pelo autor de “os imponderáveis da vida real”:

Em relação ao método adequado para observar e registrar *estes aspectos imponderáveis da vida real e do comportamento típico*, não resta dúvida de que a subjetividade do observador interfere de modo mais marcante do que na coleta dos dados etnográficos cristalizados (MALINOWSKI, 1978, p. 31).

Cavedon (2005) sugere que esses *imponderáveis da vida real* sejam prontamente anotados no *diário de campo* do pesquisador, de forma que seja mostrada a sequência de acontecimentos com a importância e seriedade exigidas. Acrescenta a autora que todas as observações devem ser anotadas, como também os sentimentos do pesquisador decorrentes de suas observações, e classifica o diário de campo como o principal instrumento do etnógrafo.

A pesquisa etnográfica passa pela escolha de um determinado tema a ser analisado, e normalmente prossegue com o pesquisador tendo em mente alguma teoria ou modelo conceitual que possam ser úteis para guiar o estudo. No entanto, essas hipóteses iniciais não podem ser limitadoras, apenas orientadoras. Conforme os dados coletados em campo e a condução do estudo, deve o etnógrafo estar alerta tanto para confirmar o modelo ou teoria pré-existente, como também para alterá-lo ou refutá-lo completamente, se for o caso (GODOY, 1995b). Na mesma direção, Cavedon (2005, p. 17) diz que “[...] fazer etnografia significa ir a campo munido de uma sólida bagagem teórica, mas desprovido de qualquer preconceito [...]”.

Para Cavedon (1999, 2005), o método etnográfico compreende a inserção do pesquisador no campo, na busca de todas as informações possíveis a respeito de um grupo social, possibilitando-lhe assim conhecer profundamente a vida e cultura do mesmo. A autora acrescenta que a etnografia não se resume à realização do trabalho de campo, mas àquilo que se escreve em decorrência desse trabalho.

Etnografia consiste na tentativa de compreender eventos em um contexto significativo e mais amplo. Não se trata de produzir algo novo com os dados da pesquisa, mas o modo como esses dados são tratados e transformados em novo

conhecimento. Em outras palavras, etnografia não é apenas um registro do que foi visto, mas uma continuação do trabalho de campo. Etnografia é um processo e um produto de etnógrafos ao mesmo tempo (TEDLOCK, 2000).

Tedlock (2000) elegeu três gêneros de etnografia: o primeiro, mais antigo e também popular, é a *biografia* ou *história de vida*. Embora as biografias possam ser produzidas de outras formas, como a entrevista, pela etnografia é mais natural, pois ela leva em conta o contexto vivido. O segundo gênero é a *memória*, que pela etnografia propicia ao leitor – no contato com a história narrada – lembrar e visualizar com a mente passagens de sua vida. O terceiro gênero é a *etnografia narrativa*, que sobrepõe os dois primeiros, cuja característica é construir a biografia, mas incluindo também as experiências vividas pelo etnógrafo. A autora complementa afirmando que uma *narrativa* que observa a dimensão temporal e consegue encaixar os respectivos eventos que ocorrem é uma forma de criar significado.

Dentro da classificação elaborada por Tedlock (2000), o presente estudo seguiu na linha da *etnografia narrativa*.

Para Mattos (2001), a etnografia é uma forma de trabalho do etnógrafo conduzida, acima de tudo, pelo seu senso questionador. Para a autora, não há padrões rígidos que determinem como o etnógrafo deve conduzir seu trabalho de pesquisa. O recomendado muitas vezes é desenvolver as técnicas de acordo com a necessidade e realidade do contexto da pesquisa.

Também se referindo à etnografia, Merriam (2002) ressalta a importância da coleta de dados, através da imersão do pesquisador como observador participante no local da pesquisa. Para a autora, as entrevistas, a análise dos documentos diversos e as anotações do pesquisador no diário de campo constituem a base de dados empíricos. Destaca ainda que o diário de campo deve contemplar o registro de todos os acontecimentos, além das impressões e sentimentos do etnógrafo e as circunstâncias em que aconteceram. Por último, acrescenta que na etnografia não é suficiente descrever apenas as observações do pesquisador, sendo também necessário descrever o que ele compreende daquela situação, ou seja, suas impressões e seu ponto de vista particular.

Segundo estudos de Rocha, Barros e Pereira (2005), a etnografia tem como marca principal a capacidade de investigar determinado problema, observando suas características e peculiaridades internas e gerando conhecimento a partir da

realidade encontrada. Acompanhar o dia-a-dia das pessoas em interação com o grupo permite ao pesquisador observar os comportamentos decorrentes daquele contexto. Para os autores (p. 125), “o olhar etnográfico define uma postura e não somente uma técnica. Mas essa postura pressupõe, ela própria, uma concepção da realidade onde o real não se encontra pré-definido”.

Andion e Serva (2006, p. 147) também defendem o estudo etnográfico mais como uma “postura” de investigação (ou “uma estratégia global de pesquisa, o que requer concebê-la também como uma postura epistemológica do pesquisador”), do que como um simples método de análise. Para os autores, o trabalho de campo realizado com uma postura etnográfica possibilita uma integração do observador com o ambiente em observação e assim melhor compreender os significados dos comportamentos das pessoas. Andion e Serva (2006) ressaltam ainda que essa participação não implica obrigatoriamente utilizar o método da observação participante, já que é apenas uma opção do pesquisador e não uma obrigação inerente ao método etnográfico.

Indo além do papel do pesquisador como observador, Malinowski (1978) asseverava que o etnógrafo não deveria se limitar somente a observar e registrar os acontecimentos, mas, por vezes, deixar de lado seu material de pesquisa e participar ativamente dos acontecimentos no ambiente em análise.

Alves-Mazzotti (2002) defende, como procedimentos e instrumentos de coleta de dados, a observação, as entrevistas e a análise de documentos. Para a autora, esses procedimentos em conjunto se complementam e minimizam as deficiências nos resultados da pesquisa, que poderiam ocorrer no caso da utilização de apenas um isoladamente.

Assim, na presente pesquisa, o material empírico foi composto de duas fontes primárias, sendo a primeira por intermédio de *entrevistas* em profundidade, que foram gravadas, e a segunda por meio da observação participante com as respectivas anotações no *diário de campo*; como fonte secundária, foram analisados documentos, atas, regimentos, *sites*, etc.

Conforme destaca Godoi (2006, p. 317), o método de entrevistas em profundidade “serve para desvelar emoções, sentimentos e subjetividade”, e acrescenta que “a arte de perguntar e escutar afeta, em diversos níveis, as necessidades psicológicas dos indivíduos”.

Andion e Serva (2006) enfatizam a análise etnográfica, destacando que a tomada de notas através do *diário de campo* é um dos recursos mais importantes do método antropológico, e que, somada às entrevistas semi-estruturadas, permite enriquecer a análise. Para esses autores, a análise de documentos possibilita conhecer a história e a cultura da organização analisada.

Segundo Godoy (1995a), dentro da perspectiva metodológica, a *entrevista* é admitida como uma estratégia da pesquisa qualitativa. Para a autora, existem muitos pesquisadores que desenvolvem estudos qualitativos, utilizando-se da observação e da entrevista, seguindo várias formas de trabalho:

Registram suas notas, analisam seus dados e escrevem os resultados obtidos, incluindo descrições de trechos de conversas e diálogos. Outros advogam uma abordagem mais empírica, apoiada em filmagens destinadas a captar atos e gestos das pessoas. Existem ainda aqueles que se utilizam de vários tipos de documentos escritos, de natureza pessoal e/ou oficial. Fotos coletadas ou tiradas pelo pesquisador também podem compor o conjunto de dados (GODOY, 1995a, p. 62).

Para Alves-Mazzotti (2002), as entrevistas qualitativas devem ser pouco estruturadas, sem uma ordem rígida, e parecer mais uma conversa do que propriamente uma entrevista. Godoi e Mattos (2006) argumentam que as trilhas ou roteiros utilizados pelo pesquisador são preparados em função dos objetivos específicos da pesquisa e não significam que haja uma previsão iminente da conversação.

Godoi e Mattos (2006, p. 313) ressaltam a necessária habilidade do entrevistador na condução da conversa, utilizando o roteiro pré-existente apenas como seu guia auxiliar e não como limitador ou direcionador que interfira no processo da fala do entrevistado. No entender dos autores, “a técnica não prescreve, é prescrita”. Cabe ao pesquisador, portanto, criar um ambiente propício para uma entrevista com qualidade e estimular o entrevistado a desvelar seus sentimentos, falar de suas necessidades, desejos, atitudes e comportamentos de maneira sincera e fiel.

Mattos (2006) considera a entrevista não estruturada ou semi-estruturada *uma forma especial de conversação*. Cabe ao pesquisador colocar sua criatividade

em ação e proceder da melhor forma, a fim de conferir a essa conversação um caráter dialógico. O autor alerta que cada entrevistado tem suas características individuais próprias, portando-se de maneira diferente, além de expectativas diversas, ficando a cargo do entrevistador observar e compreender o não-verbal.

Embora considere um risco propor modelos de análise de entrevistas, pelo fato de poderem se transformar em limitadores, Mattos (2006) sugere o que ele chama de *Um modelo de apoio*, com cinco fases: 1) *Recuperação* – quando o entrevistador faz a transcrição das entrevistas, que deve ser imediatamente após a gravação, e já faz anotações sobre algum significado que entenda ser útil posteriormente; 2) *Análise do significado pragmático da conversação* – compreende duas leituras da transcrição, ao mesmo tempo em que houve a gravação, com o objetivo de buscar os verdadeiros significados que o entrevistado pretendia revelar; 3) *Validação* – nessa fase o pesquisador deve tirar todas as dúvidas sobre o conteúdo obtido, retornando ao entrevistado se houver necessidade de retificar/ratificar as falas, ou buscando a confirmação, recorrendo a outras fontes de dados (documentos, atas, regimentos, etc); 4) *Montagem da consolidação das falas* – os dados obtidos na fase 2 serão agrupados, montando uma tabela ou quadro, para facilitar a análise na etapa seguinte; 5) *Análise de conjuntos* – com base nos dados agrupados na fase 4, nesta última fase será feita a análise das respostas de cada entrevistado, bem assim do conjunto das entrevistas realizadas.

No momento da interpretação, o entrevistador não pode ocultar-se, ou “sumir de cena”, já que é parte importante do processo. Compete a ele, logo no momento da entrevista, fazer as observações julgadas úteis para a fase da interpretação dos dados. A interpretação compreende uma reflexão por parte do pesquisador levando-o a produzir sua análise e criação (MATTOS, 2006).

No presente estudo, o pesquisador adotou a sequência sugerida por Mattos (2006).

Para Leão e Mello (2007), é importante a fidedignidade das informações contidas nas gravações das entrevistas, destacando especialmente as observações e anotações do diário de campo, por abrangerem igualmente os aspectos não verbais dos pesquisados.

É oportuno destacar que, segundo uma observação de Gewandznajder (2002, p. 7-9), embora a ciência esteja sempre preocupada em criar e aperfeiçoar teorias que possam explicar os mais variados fenômenos, essas teorias não devem ser

encaradas como verdades totais, pois, para esse autor, “a ciência não consiste em um mero acúmulo de dados, mas sim numa busca da ordem presente na natureza”.

3.2 *DESIGN DA PESQUISA*

O local escolhido para a pesquisa foi o Núcleo Espírita Nosso Lar, localizado na Grande Florianópolis, por contar com expressivo número de voluntários que lá prestam serviço, e que será descrito detalhadamente no capítulo 4.

O roteiro semiestruturado para a entrevista foi elaborado com questões pertinentes às variáveis/categorias que compõem o modelo conceitual de Penner (2002) e acrescido de outros questionamentos de modo a possibilitar o levantamento dos dados necessários à análise da pesquisa.

A seleção das pessoas para entrevistar foi feita de forma intencional. O primeiro entrevistado foi um ex-colega de trabalho do pesquisador, o que facilitou o início do trabalho de campo. A partir daí, esse ex-colega apresentou o pesquisador a outros voluntários. A participação constante do pesquisador na “lida diária” do Núcleo facilitou o entrosamento com os voluntários e permitiu contatar e escolher as pessoas para a entrevista.

A preocupação maior na seleção das pessoas se concentrou na diversidade das seguintes características: a) tempo de voluntariado (de um a dezoito anos de trabalho voluntário na Instituição); b) ocupação atual dos voluntários, contemplando aposentados, donas de casa e profissionais diversos; c) abrangência de todos os dias da semana de trabalho no Núcleo (2ª feira a sábado). Também houve o cuidado de entrevistar o mesmo número de homens e mulheres.

As anotações do Diário de Campo iniciaram-se em 17.09.2008, e os registros ocorreram sempre que houve contato com o Núcleo para fazer as visitas, observações e entrevistas. A última anotação foi feita em 11.05.2009, abrangendo assim um período de 8 meses.

As entrevistas, num total de doze, tiveram a duração entre 23min17seg, a mais rápida e 47min26seg a mais longa, perfazendo a média de 37min44seg por entrevista, sendo algumas gravadas no próprio Núcleo (E2, E3, E4, E5, E6, E7, E10 E E11), outras nas residências dos entrevistados (E1, E8 E E9) e uma (E12) no estabelecimento comercial da entrevistada.

As gravações das entrevistas foram transcritas de forma literal, identificando-se o entrevistado pela letra E seguida do número (E1 a E12). As transcrições seguiram o método de Brown e Yule (1993), conforme Quadro 4.

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Pausa breve	-
Pausa longa	+
Silêncio	++
Comentários descritivos do transcritor	minúscula
Incompreensão de palavra ou segmento	(…)

Quadro 4: Normas para transcrição

Fonte: Adaptado de Brown e Yule (1993)

Cada uma das doze entrevistas, depois de transcritas, foi submetida ao respectivo entrevistado, a fim de que pudesse fazer a leitura e as devidas observações e/ou alterações necessárias, dando o “de acordo” para utilização dos dados na pesquisa, sem identificação da fonte. Esses documentos originais, bem como as gravações estão de posse do pesquisador. Nas transcrições que integram os anexos deste trabalho foram omitidos todos os nomes das pessoas mencionadas pelos entrevistados no decorrer das gravações, substituídos pelo sinal (..).

Após as transcrições, foram efetuadas, no mínimo, três leituras completas de cada uma das entrevistas, no intuito de possibilitar melhor compreensão possível das falas que o entrevistado pretendia passar, bem como identificar as principais para compor os dados da análise.

O local da pesquisa foi descrito com base nos dados secundários: atas, estatutos, documentos, *site* e informações dos dirigentes.

Com base nos trechos selecionados das entrevistas, procedeu-se a construção de um item que contempla individualmente as *Características dos Entrevistados*. O passo seguinte foi selecionar trechos dessas falas, segmentando e encaixando-os dentro das respectivas categorias, a fim de compor a *Análise dos Dados Empíricos com Base no Modelo de Penner (2002)*. Nesse último item foram

também incluídos os depoimentos obtidos pelo pesquisador, anotados em seu Diário de Campo.

O modelo conceitual de Penner (2002) apresenta as “variáveis”³ que influenciam voluntarismo contínuo, porém o autor não definiu a maneira de medi-las. Coube então ao pesquisador estabelecer *fatores* dentro das *categorias disposicionais e organizacionais*, e também para a *identidade do papel voluntário*, a fim de poder identificar a ocorrência dos fenômenos objetos da análise.

No passo seguinte, foi feita a *Análise Conjunta das Categorias e Fatores*, construída a partir dos Quadros 5 a 10 e constantes da *Análise do Material Empírico com base no Modelo de Penner*. A partir das falas contidas em cada um dos *fatores*, foi criada uma *Unidade de Significado* fornecendo uma visão sintética dos resultados da pesquisa.

O Núcleo Espírita Nosso Lar autorizou formalmente a identificação do local da pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo está composto por seis partes. Na primeira, é caracterizado o local da pesquisa e detalhadas algumas características peculiares da organização escolhida, no intuito de proporcionar uma visualização mais ampla das atividades lá desenvolvidas e contextualizar o leitor. Na segunda parte, é apresentado um item que contempla as características dos entrevistados, construído a partir dos relatos mais importantes contidos nas entrevistas. Na terceira parte, é feita a análise do material empírico com base no modelo de Penner (2002), abrangendo falas dos entrevistados, bem como as anotações do pesquisador em seu Diário de Campo. Na quarta parte, realiza-se uma análise conjunta das categorias e fatores, a fim de fornecer uma visão sintética dos resultados da pesquisa. Na quinta parte, é construído o modelo de voluntariado contínuo observado no Núcleo e, finalmente, na última parte, são relatadas as observações e experiências vividas pelo pesquisador.

³ O termo “variáveis” utilizado por Penner (2002) será substituído pelo termo “categorias” nos capítulos 4 e 5.

4.1 LOCAL DA PESQUISA – NÚCLEO ESPÍRITA NOSSO LAR

Este item foi construído com base na análise de documentos, informações disponíveis no *site* www.nenossolar.com.br, informações dos principais dirigentes e observações de campo do pesquisador.

O Núcleo Espírita Nosso Lar, também designado pela expressão NENL, é uma organização do terceiro setor (OTS), classificado como associação civil autônoma, sem fins lucrativos, com personalidade jurídica de direito privado, fundado em 10.10.1986. O NENL tem por finalidade:

- A assistência social e promoção humana, visando uma sociedade fundada nos valores morais que possibilitem a liberdade, a igualdade, participação e solidariedade
- Ser modelo e multiplicador na luta pela conscientização do ser humano quanto ao seu papel na melhoria da qualidade de vida da sociedade.
- Contribuir na medida de suas possibilidades para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes com câncer, ou doenças degenerativas.
- A intensificação e a preservação da unidade de seus participantes.

As atividades do Núcleo Espírita Nosso Lar são desenvolvidas em dois endereços: Rua Vereador Arthur Manoel Mariano, 2280 – Forquilha – São José (SC) e Rodovia Baldicero Filomeno, 1747 – Ribeirão da Ilha – Florianópolis (SC). Na unidade localizada em Forquilha funciona toda a parte administrativa e o atendimento a pacientes com doenças físicas e espirituais. Esse local dispõe de uma ampla área, com auditório para 340 pessoas sentadas e várias salas para comportar a parte administrativa e os atendimentos aos pacientes. Na unidade do Ribeirão da Ilha funciona o atendimento a pacientes com câncer e doenças degenerativas, onde dispõe também de ampla área com várias salas para realizar os tratamentos.

Para facilitar o entendimento serão usadas, a partir daqui, as respectivas abreviaturas para designar os locais: a) Núcleo = para designar a unidade de atendimento do Núcleo Espírita Nosso Lar em Forquilha; b) CAPC = para designar o Centro de Apoio a Pacientes com Câncer localizado no Ribeirão da Ilha;

c) NENL = para designar o Núcleo Espírita Nosso Lar, como instituição que abrange o próprio Núcleo e o CAPC.

O NENL possui uma diretoria composta por um diretor presidente, um vice-presidente e três dirigentes. Das três dirigentes, hoje todas mulheres, uma é responsável pela parte operacional do sistema; outra cuida da parte filosófica e espiritual, ficando as duas localizadas no Núcleo. A terceira dirigente é responsável pelo funcionamento do CAPC.

A parte administrativa é conduzida por uma Secretaria, onde trabalham cinco pessoas, com expediente de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h às 18h. Na Secretaria, são realizados os atendimentos de balcão, para agendamento dos tratamentos, além do atendimento telefônico, por e-mail e serviços administrativos diversos. O NENL também oferece o atendimento aos pacientes para tratamento a distância, sendo esse serviço realizado pelo pessoal da Secretaria.

Tanto o Núcleo quanto o CAPC objetivam um atendimento complementar à saúde física e espiritual das pessoas. O termo saúde espiritual abrange todas as doenças de ordem mental e emocional. O paciente com doença de ordem física necessita comprovar através de laudos, atestados, exames ou outros documentos médicos ser realmente portador de alguma doença, salvo em caso de doença espiritual. Em todos os momentos, é esclarecido ao paciente que ele deve seguir com o tratamento prescrito pela medicina tradicional, e que os atendimentos realizados no Núcleo e no CAPC são tratamentos complementares, não interferindo de nenhuma forma no tratamento atual.

Os atendimentos podem ser agendados diretamente na Secretaria, por telefone e também pela internet. Todas as segundas e terças-feiras, pela manhã, no Núcleo, é realizada uma triagem das pessoas previamente agendadas, quando então apresentam a documentação comprobatória de sua doença e, de acordo com cada caso, são previstos horários, datas e local para o atendimento. As pessoas com câncer e doenças degenerativas são encaminhadas para o CAPC. As demais serão todas atendidas no próprio Núcleo.

O tempo de duração do tratamento depende de cada caso e da gravidade da doença de cada um. No momento da triagem é preenchido um documento, similar a um prontuário médico, e são esclarecidas ao paciente as etapas de seu tratamento.

O início de qualquer tratamento no Núcleo passa sempre por uma palestra com orientação espiritual, que sugere aos pacientes uma reflexão sobre o estado de

sua doença, suas possíveis causas e o caminho que poderá conduzir à cura. Depois, cada paciente recebe uma veste branca que passa a utilizar durante as terapias ministradas nas salas próprias. No Núcleo, cinco salas comportam um total de 52 leitos. Essas salas são equipadas com macas para acomodar todos os pacientes deitados durante o processo das terapias (ver Figuras 2 e 3). A aparência desses ambientes assemelha-se a um ambulatório médico hospitalar de primeiro mundo. Dentre as várias terapias realizadas estão os passes, passes de câmara, algodão energizado, massagem terapêutica, fitoterapia, crioterapia, cromoterapia, iodo podal, iodização, salinização e transferência (cirurgia espiritual).

Pelas informações dos dirigentes, o sistema de atendimento adotado pelo NENL é o único existente na região sul do Brasil.

Os serviços de atendimento aos pacientes no Núcleo e CAPC acontecem no período de fevereiro a novembro de cada ano. No Núcleo o atendimento aos pacientes é realizado de segunda a sexta-feira, das 7 às 22h e nos sábados das 12 às 16 h; no CAPC o atendimento é das 13 às 18h na terça-feira, das 8 às 18h nas quartas e quintas feiras e nas sextas-feiras inicia às 8h e encerra às 12h do sábado, incluindo aí um pernoite. Nos meses de dezembro e janeiro continuam apenas os serviços de Secretaria para os atendimentos a distância.

No ano de 2008 foram atendidos pelo NENL mais de 20.000 pacientes, entre tratamentos no Núcleo, CAPC e à distância.

Todos os atendimentos e os tratamentos são realizados gratuitamente aos pacientes, sendo proibido aceitar qualquer valor das pessoas a título de pagamento pelo serviço prestado, tanto no Núcleo quanto no CAPC.

As despesas totais do NENL são da ordem de R\$ 90.000,00 mensais, aí incluídos os salários e encargos de onze pessoas, as únicas que são remuneradas (Secretaria, limpeza e uma enfermeira).

A receita financeira maior é obtida pela contribuição de aproximadamente 6.000 pessoas, através de débito mensal em contas de luz e telefone, além de arrecadações por meio de eventos e promoções e contribuições esporádicas de voluntários. É praticamente nulo o recebimento de recursos provindos dos cofres públicos da união, estado e município.



Figura 2 – Sala de atendimento aos pacientes
Fonte: <http://www.nenossolar.com.br>



Figura 3 – Aplicação de terapia
Fonte: www.nenossolar.com.br

Até março de 2009, estavam cadastrados 680 voluntários prestando serviços no Núcleo e CAPC, sendo que 30% homens e 70% mulheres, alguns em seu primeiro ano de voluntariado e outros há mais de 20 anos. Desses 680 voluntários, em torno de 400 trabalham no Núcleo. Em 22.03.2009 participaram do retiro mais 130 novos candidatos ao voluntariado, que serão preparados para iniciar seu trabalho no Núcleo e CAPC. Pelo histórico do NENL, em torno de 30% dos novos candidatos permanecem como voluntários. Não há por parte do NENL nenhuma ação ou estratégia específica voltada para a manutenção de voluntários.

Os voluntários do NENL são profissionais dos mais diferentes ramos de atividade, jovens, aposentados e donas de casa. Cada um desses voluntários dedica algum período da semana, com horários pré-estabelecidos, de acordo com a necessidade da organização e disponibilidade de cada um. Os voluntários podem assumir um ou mais períodos do dia (manhã, tarde ou noite), em um ou mais dias da semana (segunda a sábado), constituindo uma espécie de grupos de trabalho. Cada grupo de trabalho tem uma relação de presença, na qual cada um coloca seu nome quando comparece ao trabalho. Pelo menos uma das dirigentes sempre está presente para acompanhar as atividades.

A missão, visão e objetivo do Núcleo Espírita Nosso Lar dão a dimensão da seriedade do trabalho que lá é realizado:

Missão

“Dar acolhimento aos seres humanos que padecem de males físicos e/ou espirituais, não distinguindo a cor, a raça e a religião, norteando-os, capacitando-os a reencontrar o equilíbrio perdido em face da doença, estimulando-os na busca do alívio da dor, assim como a obtenção da autocura, tudo pautado no amor, na ordem, disciplina e presteza no servir.”

Visão

“Propiciar aos seres humanos o fortalecimento de suas condições naturais capazes de fazê-los enfrentar as adversidades da vida, com a valorização dos sentimentos necessários ao resgate de sua saúde física, moral, emocional e espiritual.”

Objetivo

“Com propósitos bem definidos e conscientes da grande caminhada a ser empreendida nas atividades cotidianas, nos respaldamos nos ensinamentos do Evangelho segundo o Espiritismo, que nos clareia o entendimento: ‘A finalidade da religião é conduzir o homem a Deus. Mas o homem não chega a Deus enquanto não se fizer perfeito. Toda religião, portanto, que não melhorar o homem, não atinge sua finalidade’ (ESSE, Cap. VIII, 10).”

Embora o Núcleo conduza todo o atendimento e tratamento ao paciente com orientação da ciência espírita, lá são atendidas todas as pessoas que procuram ajuda, independentemente de sua fé ou crença religiosa, não havendo qualquer tipo de questionamento a respeito. Da mesma forma, os voluntários não precisam necessariamente ser adeptos ao espiritismo.

O Núcleo dispõe de um laboratório próprio, responsável pela produção de cerca de 200 medicamentos fitoterápicos. Esses medicamentos são receitados e podem ser obtidos gratuitamente pelos pacientes junto à farmácia. No laboratório trabalham 60 voluntários, nas segundas-feiras à tarde, quartas-feiras de manhã e sextas-feiras à tarde realizando todo o trabalho, desde a reciclagem dos vidrinhos até a produção e embalagem dos medicamentos.

O processo de seleção dos voluntários passa pela inscrição para participar de um retiro que tem a duração de um dia, e normalmente acontece em um domingo, no próprio auditório do Núcleo. Após o retiro os candidatos começam a freqüentar os grupos de estudos da Escola de Médiuns, preparando-se para iniciar o trabalho voluntário como médiuns. Existe também a possibilidade de iniciar o voluntariado sem a participação do retiro e da Escola de Médiuns, nesse caso, os voluntários prestam serviços que não exigem preparação mediúnica, como é o caso do laboratório.

O lema do Núcleo Espírita Nosso Lar é “servir por amor ou servir pela dor”.

Os voluntários assinam o “termo de adesão ao serviço voluntário”, conforme estabelece a lei 9.606, de 18 de fevereiro de 1998.

A Escola de Médiuns reúne todas as terças-feiras, das 20 às 22 horas no Núcleo, cerca de 300 voluntários/médiuns, que, divididos em vários grupos, desenvolvem e aprofundam estudos sobre o espiritismo, estudos científicos e

filosóficos. O próximo passo do NENL será a criação da Universidade Espírita que sucederá a Escola de Médiuns.

Existe orientação para que os voluntários participem da Escola de Médiuns, mas não há nenhuma obrigação nesse sentido. Cada voluntário tem total liberdade para decidir se participa ou não da Escola.

Esta pesquisa limitou-se a entrevistar e observar apenas voluntários que prestam serviços no Núcleo.

4.2 ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO: Características dos Entrevistados

Este item que contempla as Características dos Entrevistados foi construído a partir do material empírico das entrevistas, com intuito de proporcionar ao leitor uma visão individual de cada um dos entrevistados.

Entrevistado 1

E1 tem 52 anos de idade, sexo masculino, casado, seu nível de escolaridade é superior, aposentado e não exerce atividade profissional remunerada, sua renda familiar mensal é superior a 10 salários mínimos, é voluntário há 3 anos e reside a 10 km do Núcleo. Esta entrevista foi realizada em sua residência no Bairro Coqueiros, Florianópolis (SC).

E1 conta que recebeu os ensinamentos da família dentro da religião católica, mas confessa que “com o passar do tempo a gente esquece um pouco – a religiosidade – a espiritualidade na verdade”, e percebeu que em determinado momento havia se transformado em um “não praticante” dessa religião. Sua crença atual é o espiritismo, que começou da seguinte maneira, segundo suas palavras:

[...] em função de algumas alterações que aconteceram na minha vida – é – em função da doença – né – entrei para um caminho onde – eu tive respostas – para muitas coisas que aconteceram na minha vida. E aí me apeguei a ela – e – e de certa forma to seguindo o rumo dessa – dessa crença religiosa – espírita.

E1 confessa que a religião espírita trouxe “muitas respostas para minhas questões – para minhas questões de vida”, e isso ocorreu após ter sido acometido por um câncer e ter recebido tratamento no CAPC.

A primeira referência que E1 teve do Núcleo e do CAPC ocorreu quando sua esposa recebeu fez lá um tratamento de saúde: “[...] a minha esposa tinha feito um tratamento – alguns anos antes né – onde ela também falou muito bem né da – dessa, desse tratamento [...]”.

Ao ser perguntado sobre o motivo que o levou a ser voluntário no Núcleo E1 começa a falar sobre sua doença, pois em 2003 ele descobriu estar com câncer. Ele conta que na época procurou todos os recursos para a cura na medicina tradicional e uma das alternativas foi o tratamento no CAPC. Relata que, após esse tratamento, ele continuou fazendo acompanhamentos anuais com seu médico e após 5 anos foi liberado, considerando-se hoje totalmente curado. Diz o entrevistado que “[...] se não for – pelo amor a gente aprende pela dor”. Pelo carinho, pelo amor e pela atenção que recebeu durante seu tratamento no CAPC, ele prometeu na época que, quando se aposentasse de sua atividade profissional, se tornaria um voluntário, o que veio a acontecer no início de 2006. Assim, o motivo principal de ter-se tornado voluntário foi o fato de ter sido primeiro um paciente.

Embora não tivesse trabalhado como voluntário antes de sua doença, E1 demonstra em sua fala ter preocupações com o bem estar de outras pessoas: “[...] não somos mais que ninguém – nem menos, mas que – o mundo seria muito melhor se – se fizéssemos aos outros o que gostaria que nos fizesse”. Mais uma demonstração nesse sentido está em sua fala:

Quando o paciente está deitado na maca – né – ah – ah – ao fazer uma terapia – ah – no nosso interior a gente coloca o – o sentimento em cima do mal estar desse paciente, do desconforto onde ele está sentindo se é no joelho por exemplo, a nossa mente vai pra aquele joelho – né – para que – ah – esse desconforto cesse – passando energias através das várias terapias [...].

Percebe-se a satisfação que E1 encontrou no desempenho do trabalho voluntário ao dizer que hoje lhe dá prazer, não vendo nisso nenhuma obrigação. Diz o entrevistado que “foi um chamamento na verdade, foi um chamado né – para que eu fosse trabalhar com voluntariado – e – e to me sentindo super bem”. Ao realizar o trabalho voluntário, além de proporcionar um benefício ao irmão que está sendo atendido, E1 reconhece que existe a contrapartida do bem próprio, proporcionado pelo aprendizado:

[...] toda essa entrega vai acabar fazendo com que nós mesmos – saíamos de lá – melhores – a cada dia – porque envolve toda uma questão de

aprendizado a cada dia – e é muito bom – fazer essa doação – para as pessoas que necessitam porque – à medida que você vai ajudando outras pessoas – ah – o cosmos – parece que o cosmos fica – ele ele faz um – um movimento – de retorno daquelas energias que você passa ao outros volta pra você mesmo, e você sai fortalecido.

E1 declara que se sente útil como voluntário e também que tem a preocupação e a responsabilidade de avisar com antecedência ao surgir uma eventual impossibilidade de comparecer ao Núcleo no dia do seu compromisso.

Mais adiante, ao responder sobre o motivo que o mantém hoje como voluntário, E1 afirma que é “fazer o bem para as outras pessoas”, e confirma declaração anterior que está encontrando nisso um aprendizado, agora justificando com os princípios da ciência espírita:

[...] é que depois que você entra numa, numa – num aprendizado + seguindo o evangelho segundo Alan Kardec, né – evangelho segundo o espiritismo de Alan Kardec – ele – ele te transporta para – pra um patamar onde você eh – se sente compelido a seguir em frente – nessa linha – a – sem parar. Seguir o rumo, né? Fazendo com que – você se melhore a cada dia – na busca – de sempre fazer o melhor para teu semelhante.

E1 já conhecia a boa reputação do Núcleo, pois sua esposa já havia passado pela condição de paciente e tornou-se voluntária depois. Hoje ela conta com cinco anos de voluntariado no Núcleo.

Ao ser questionado sobre o relacionamento existente no ambiente de trabalho E1 diz que “O relacionamento é super amistoso. É um relacionamento de amor, de irmandade, tanto é que nos tratamos como irmãos”, tanto entre colegas e superiores. Reconhece que existe uma hierarquia, mas não existe desigualdade no tratamento. Quanto ao reconhecimento do trabalho realizado, E1 diz perceber isso principalmente pelas demonstrações de agradecimento e satisfação dos pacientes:

Os pacientes – eh – via de regra, eles, eles – ao final dos tratamentos – [...] voluntariamente eles eh – eles fazem agradecimentos – e – e muitas vezes – a gente vê a emoção nos olhos né – através – através dos seus olhos – que derramam até lágrimas – no final dos tratamentos.

E1 ressalta que não é comum o elogio por parte de colegas e superiores e ele também não vê o elogio como uma necessidade, pois tem a recompensa pela realização de um bom trabalho, mas que “uma que outra vez, durante o – o início dos trabalhos ou término dos trabalhos os voluntários são – são valorizados né – e elogiados também, mas não individualmente – como grupo, como equipe”. Quanto

ao ambiente de trabalho, E1 diz que é maravilhoso, vê que “as pessoas se recebem com abraços, sorrindo [...] – é um clima bastante – de bastante irmandade, fraternal mesmo [...]”.

E1 entende que o Núcleo tem boa reputação pelo elevado número de atendimentos que realiza anualmente. Embora não exista por parte da direção do Núcleo a preocupação em divulgar externamente o trabalho que lá é realizado, recentemente um canal de televisão realizou programa específico sobre o assunto.

E1 diz que se sente “perfeitamente envolvido” e também valorizado em seu trabalho “porque sinto que – estou fazendo algo de útil para meus irmãos né – e em benefício deles e ao mesmo tempo – ah me beneficiando dessa energia – que retorna – para mim – em cima desse, desse voluntariado”. Novamente o entrevistado fala que os motivos que o mantêm como voluntário são os aprendizados que está tendo, tanto dos pacientes quanto da escola de mediuns, e que a religião espírita está proporcionando as respostas que precisava para suas questões de vida. Ressalta ainda que isso está lhe proporcionando “[...] uma segurança e um conhecimento do meu eu interior”. “Então, esse aprendizado todo me – me leva a – a ter essa motivação a a a sempre estar presente no meu trabalho”. Toda a quarta-feira à tarde está reservada para trabalhar no Núcleo e essa é sua prioridade nesse dia. O trabalho que realiza é inicialmente atender no auditório, recepcionando e encaminhando os pacientes, e depois, junto com outros voluntários, trabalhar na aplicação das diversas terapias. Diz que se sente importante, se sente bem e reafirma o seguinte: “[...] eu preciso desse trabalho”.

E1 ressalta a importância que o voluntariado representa para ele e o valor que isso tem para o relacionamento das pessoas na sociedade:

[...] e essa melhora de – de relacionamento [...], provavelmente chegaremos a um ponto – onde as – as divergências maiores seriam tratadas de outra forma, evitaríamos muitas – muitas guerras [...] – se houvesse o entendimento eh de melhorar-se como pessoa e buscar sempre o entendimento de que gostaria que fizessem a mim (...) o que gostaria de fazer aos outros que fizessem para mim.

E1 diz que, o fato de sua esposa também ser voluntária facilita muito na relação entre eles. Seus filhos participam das conversas sobre o trabalho voluntário e veem isso de forma muito espontânea. E1 considera que “é muito gratificante e é muito alentador”.

Ao final da entrevista, E1 diz que o trabalho voluntário o deixa muito feliz e lhe possibilita a busca do aprendizado:

[...] hoje é uma necessidade [...] eu me sinto feliz em realizá-lo [...] assim que entro nas dependências do Núcleo Espírita sinto-me aliviado, sinto-me melhor como pessoa, mais energizado [...].

Entrevistado 2

E2 tem 76 anos de idade, sexo masculino, casado, pós graduado com mestrado em Administração e Marketing, a renda mensal familiar é acima de 10 salários, aposentado, não exercendo nenhuma atividade profissional remunerada. Atualmente reside a 12 km do Núcleo, mas nos três primeiros anos de voluntariado residia a 40 km. A entrevista foi realizada no Núcleo, ao final de seu turno de trabalho.

Perguntado sobre sua crença religiosa E2 responde: “[...] em princípio, não estou ligado a nenhuma – nenhuma organização religiosa”. Diz ter estudado várias filosofias religiosas, afirmando que seu “fundamento de ordem espiritual – é a leitura a respeito do desenvolvimento do – do pensamento indiano – particularmente com relação ao Buda. Tenho o Buda como referência [...]”. Embora o entrevistado não tenha declarado especificamente ser adepto da religião espírita, ele disse que sua mulher e suas três filhas são espíritas, o que demonstra a forte crença dessa religião em sua família. Mais adiante, o entrevistado ressalta que ele e sua mulher, nos últimos quinze anos, têm se dedicado a estudar mais o aspecto religioso, não no sentido de uma ou outra organização religiosa, mas no sentido espiritual.

Tanto E2 quanto sua mulher são voluntários no Núcleo, ambos há cinco anos. Suas filhas também praticam voluntariado no Núcleo e em outras organizações sociais. Para o entrevistado isso é feito de forma muito espontânea. Ele resume da seguinte forma a preocupação social da sua família: “Nós somos eh – contribuintes e trabalhadores pra essas pra essas entidades como um princípio de vida”. Numa fala mais adiante, o entrevistado revela que:

“Hoje o trabalho voluntário pra nós é uma oportunidade de retribuição de de benefícios de ordem pessoal crescimento como gente [...] nos sentimos muito bem quando nós temos oportunidade de partilhar com os outros alguma coisa que a gente tem e pode fazer”.

Fica evidente a satisfação que E2 tem no desempenho de sua função de voluntário, que consiste em trabalhar na recepção dos pacientes que chegam ao Núcleo, todas as quartas-feiras à tarde. Ele diz gostar muito do que faz, que esse trabalho só lhe dá prazer e sua preocupação não é apenas receber as pessoas, mas comunicar-se da melhor maneira, dando a atenção que cada um merece de modo que “[...] transcenda o simples fato de receber. [...] nosso esforço é no sentido que a pessoa quando entra aqui ela se sinta segura – ela se sinta querida – ela se sinta respeitada”. Isso pode ser feito, como diz o entrevistado, pela “[...] maneira de sorrir, a maneira de dar boa tarde, a maneira de dizer seja bem vindo, a maneira de perguntar [...]”.

Numa demonstração de empatia com o paciente E2 diz que “[...] o esforço total é esse aí. É estar no lugar do do de quem vem buscar uma ajuda, um auxílio...”. O entrevistado acredita que, pela receptividade que percebe, o trabalho que realiza é muito útil para as pessoas e para o Núcleo. Ele acrescenta que “[...] isso aqui é – é realmente é o nosso princípio fundamental, a gente tá aqui porque se sente muito bem”.

E2 fala que existiu um histórico de doenças em sua família. Sua esposa, suas filhas e ele também foram pacientes antes de serem voluntários no Núcleo. Foi dessa forma que ele passou a conhecer o Núcleo. No entanto, ele não admite ter sido esse o motivo determinante para tornar-se um voluntário. Segundo ele, “[...] aparentemente isso foi só um gancho, não chegou a ser uma coisa decisiva”. Ele justifica que começou o trabalho voluntário pela preocupação com “[...] o bem estar das pessoas [...]”, porque se as pessoas que estão ao nosso redor estão bem, nós também estaremos e a qualidade do nosso ambiente será melhor.

Outro fator que levou E2 a ser voluntário foi a filosofia adotada pelo Núcleo, que é o respeito pelo que a pessoa é. Embora o Núcleo seja uma casa espírita, não há questionamento sobre a crença religiosa do paciente. Qualquer pessoa que chegue para ser atendida “[...] é um ser humano que entrou aqui, esse ser humano é irmão e vai receber o tratamento que qualquer um outro receberia”. Então, o entrevistado diz: “[...] este é o ponto de vista filosófico que eu vejo com maior força aqui”.

Quando perguntado sobre qual o principal motivo que o leva hoje a trabalhar como voluntário, E2 responde: “É, principalmente o que nós aprendemos aqui”. Justifica isso dizendo que ele e sua mulher completarão cinquenta anos de casados

no próximo mês, que eles sempre tiveram uma boa convivência, mas que “[...] a partir do momento que a gente começou trabalhar aqui [...] a gente sentiu que o nosso relacionamento se tornou ainda muito mais agradável, muito mais ameno, muito mais aberto [...]”.

E2 observa que os voluntários que trabalham no Núcleo carecem de melhor treinamento e melhor comunicação. Justifica essas carências pelo fato do Núcleo ter crescido muito nos últimos anos, mas já existe preocupação da administração em obter melhorias nesse sentido. Para o entrevistado, esse é um dos desafios a serem vencidos no Núcleo.

Quanto ao relacionamento entre colegas voluntários E2 diz: “[...] é um relacionamento bem próximo daquilo que a gente tem em casa sabe é um relacionamento familiar”. O ambiente de trabalho tem um bom clima, denotando equilíbrio e muita harmonia. Também, na visão do entrevistado “[...] de uma maneira geral, as pessoas demonstram admiração pelo trabalho dos outros, não só meu, mas dos outros assim”. Embora existam alguns “encontrões”, segundo ele, isso acontece no intuito de cada um querer fazer a tarefa da melhor maneira possível. Justifica ele que existem normas no Núcleo sobre aquilo que deve ser realizado, mas também existe o respeito sobre a maneira de cada um trabalhar:

Nós podemos ter nossas divergências, eu faço a coisa de um jeito, outro faz de outro jeito, eu tenho que respeitar que o outro ta fazendo daquele jeito, se ele está conseguindo o mesmo resultado, a nossa questão é o resultado, não é a maneira de fazer.

E2 reconhece a importância do trabalho realizado no Núcleo dizendo que “[...] grande parte das pessoas que vêm elas vêm aqui assim porque pra elas é a última tentativa que elas estão fazendo”. Após experimentar todas as formas de tratamento e não conseguindo recuperar a saúde, a pessoa procura o Núcleo.

Embora não exista uma preocupação em divulgar o que é feito no Núcleo, E2 diz que “as referências que a gente tem são bastante positivas”. Na visão do entrevistado, o trabalho realizado no Núcleo é “[...] maior do que a imagem que ele tem”. E2 reafirma que “[...] há uma uma boa compreensão do trabalho do do Nosso Lar”.

Existe preocupação de E2 em não faltar ao trabalho, avisando sempre com antecedência quando alguma coisa o impede de comparecer ao Núcleo. Diz ele que leva tão a sério que “[...] é religioso isso pra nós”.

E2 destaca que o trabalho voluntário para ele “É um desafio principalmente em relação a a minha personalidade – meu temperamento. Eu tenho um temperamento muito impulsivo – muito emocional [...]”. Diz fazer um grande esforço para controlar e melhorar esse aspecto e o voluntariado tem sido um grande aprendizado para ele também nesse sentido.

Entrevistado 3

E3 tem 51 anos de idade, sexo feminino, casada, grau de escolaridade superior, renda familiar mensal acima de 10 salários, é funcionária pública estadual, reside a 10 km do Núcleo. A entrevista foi realizada no Núcleo, ao final da tarde, após seu horário de trabalho na quinta-feira. Declarou que fica um pouco constrangida em falar quando a conversa está sendo gravada (risos), e por isso às vezes lhe faltam palavras. O entrevistador procurou deixá-la bem à vontade.

Sobre sua crença religiosa, E3 disse: “[...] primeiramente eu acredito em Deus – né. Eu acredito nas energias que a gente possa – transformá-las né – e + eu acredito na espiritualidade, de uma maneira geral [...]”. Mais adiante, ela deixa bem clara sua crença “[...] eu desde criança eu – eu sempre parti mais pra religião espírita [...]”, e admite que começou a se identificar melhor após seu tratamento no Núcleo).

E3 demonstrou alguns de seus valores com respeito à família, ao dizer que procura passar sempre para as suas filhas o aspecto da integridade. A respeito de suas filhas declarou: “eu acredito que elas têm que ser honestas eh – respeitar – as outras pessoas – os mais velhos ou não [...]”. Tem muito valor para E3 o aspecto “[...] da responsabilidade, do afeto, do amor, da caridade [...]”.

Seu primeiro trabalho voluntário foi no Núcleo, onde começou há dezoito anos. E3 conheceu o Núcleo primeiramente como paciente, e depois se tornou voluntária, o que ocorre com a maioria dos colaboradores, segundo ela. Revela que desde jovem sempre teve vontade de ser voluntária, mas isso só veio a se concretizar quando conheceu o Núcleo: “[...] quando eu conheci o Núcleo – fiquei com vontade de participar como voluntário [...]”. E3 não soube definir com certeza o que mais a atraiu, mas diz ela: “[...] acho que o – a espiritualização da coisa – o – né o eu acho que me atraiu mesmo foi isso [...]”. Nos primeiros anos de trabalho voluntário, ela disse não ter sido tão assídua porque às vezes precisava se afastar

para fazer seu tratamento de saúde. Mas, com orgulho diz que “[...] de dez anos pra cá eu já passei cinco anos sem faltar nenhum dia – desses meus dias”. E agora declara: “Não consigo me ver fora daqui”.

O espírito do voluntariado faz parte da família de E3. Após a entrevistada ter iniciado o trabalho voluntário, seu marido também entrou e mais tarde suas filhas. Hoje seu marido está afastado por motivos particulares, porém as filhas continuam. Uma delas está viajando no momento, mas E3 diz: “está sempre ligada – né a gente ta sempre conectada”. Sua outra filha é voluntária há dois anos e vai ao Núcleo todas as segundas e sábados, sem faltar, deixando de ir a festas para cumprir seu compromisso no Núcleo.

E3 diz que o trabalho voluntário é muito gratificante. E acrescenta que, embora às vezes existam alguns entraves normais: “[...] eu acho que não saberia mais viver sem esse trabalho [...] não me vejo fora dele”. Inquirida sobre seu trabalho voluntário, responde rapidamente: “Ele me dá mais prazer do que dever”, embora ela manifeste que também sente um dever a cumprir, porque assumiu o compromisso com o Núcleo de trabalhar em determinados horários, e o paciente estará lá nesses horários.

E3 diz que já trabalhou em todos os dias no Núcleo, mas que hoje só trabalha nas quintas-feiras à tarde, com a parte espiritual aplicando as terapias, e nas segundas-feiras de manhã fazendo a triagem dos pacientes. Como seu horário de expediente da atividade profissional é na parte da tarde, nas quintas-feiras ela é liberada pelo seu chefe para dedicar-se ao trabalho voluntário. Mas houve época em que não conseguia essa liberação, chegando a inventar desculpas para sair do seu trabalho e ir ao Núcleo.

A certa altura da conversa, E3, que de início declarou alguma inibição por estar gravando sua fala, começou a demonstrar muita espontaneidade nas suas colocações. Ao ser interrogada sobre o sentimento de utilidade de seu trabalho voluntário ela disse: “Sim. Muito mais do que no meu trabalho remunerado”. E acrescentou “Com certeza. E eu gosto muito do trabalho que eu faço aqui”. E seu plano de futuro é: “[...] quando eu me aposentar eu até pretendo vir outros dias [...]”. Também não vacilou ao responder se ela acredita mesmo no tipo de trabalho que é feito no Núcleo: “Acredito. Com certeza”.

No momento da aplicação das terapias aos pacientes, E3 disse haver dois aspectos com os quais se preocupa:

[...] a gente tem uma ligação com a espiritualidade né – e a gente tem que fazer a parte técnica junto né – que são terapias que tem – passos técnicos que a gente tem que fazer. Então tem que se concentrar pra não errar [...] a gente mentaliza coisas boas pro paciente né – que isso é o que mais conta a parte energética – então essa troca de energia entre o paciente e a gente [...].

E3 revela o motivo que a mantém nesse trabalho voluntário: “Acho que – acreditar né – na – na nesse trabalho espiritual né – o trabalho que a gente faz aqui – que ele é é – na real às vezes ele é – faz mais benefício pra gente [...]”. E reforça dizendo que “A gente vem na condição – não só de – né – de de terapeuta – a gente vem na condição de necessitado também – é gratificante é – não sei, não tenho palavras assim pra te dizer [...]”. Confessa que o voluntariado é uma espécie de troca entre voluntário e paciente:

Acho que a gente recebe mais que a gente doa – sabe – eu acho que é – a – é + o que tu doa + é + assim na verdade você faz uma troca né – uma troca de energia né – com – a do paciente. Mas eu acho que – a gratificação é tão grande que a gente acaba recebendo mais do que doa.

E3 demonstra em sua fala o quanto se preocupa com os pacientes: “[...] a gente procura fazer pra eles o que a gente gostaria que fizesse pra gente né”. Em outro trecho mais adiante ela volta a confirmar “[...] a gente tem que se colocar a disposição – de – com amor – pra fazer – boa vontade – né – procurar – fazer da melhor forma que a gente pode [...]”.

Diante do apego observado de E3 com seu trabalho e com o Núcleo foi solicitado se isso tem a ver também com o ambiente de trabalho em si e/ou com os colegas voluntários. Ela responde que, embora tenha muitos amigos trabalhando no Núcleo, isso não tem a ver com pessoas, “[...] essa coisa de energia entre pessoas isso tem em qualquer lugar [...]”. E acrescenta:

Mas, eu não digo assim que tem a ver com energia, com pessoas não – acho que tem a ver com o Núcleo, assim – sabe tem a ver com a espiritualidade, tem a ver com – o trabalho de – não sei, não sei te explicar [...] eu não sei dizer porque que eu – mas eu tenho isso aqui pra mim é – isso aqui é uma continuidade da minha casa...

No que diz respeito ao relacionamento e reconhecimento por parte de colegas e superiores E3 disse que o elogio não é hábito entre eles: “[...] não, não tem muito essa coisa de elogiar não!” Ela entende que existe a necessidade de corrigir quando alguma coisa está errada, e isso faz parte do crescimento de cada um, mas E3 não vê necessidade de estar elogiando e dizendo: “‘Oh teu trabalho ficou bonito!’”. Acho

que aqui dentro nós não precisamos disso – né – acho que não precisa – a gente veio aqui pra fazer aquilo – então, a gente vem pra fazer o melhor possível!”. Para ela:

“O reconhecimento existe – ele não precisa ser anunciado assim né! Mas a gente sente que o trabalho da gente é importante – que eles valorizam o trabalho [...] não precisa dizer – que ta intrínseco né – ta implícito no – ta implícito [...] eu acho que no momento que – que um dirigente né – que é o responsável no caso – que dá uma – uma atividade pra fazer – e acredita no teu trabalho – acho que isso é uma forma de ver que tu ta – que tu tens condições de fazer – eu vejo por aí”.

Percebe-se também que E3 tem a preocupação de fazer seu trabalho bem feito: “[...] a gente procura se preparar – eu acho que esse é o caminho mais – né – se preparar – espiritualmente, se preparar – emocionalmente [...]”. Também manifesta que: “É um compromisso assumido – é – é um compromisso que assumi comigo mesma + com a espiritualidade, com a direção do Núcleo [...]”. Ao ser sondada sobre o que sente quando não pode comparecer ao Núcleo, ela afirma: “Ah, eu fico muito indignada comigo mesmo – sei lá porque – eu pra não vir só se estiver doente [...]”.

Quando perguntada se gosta do que faz E3 responde com certa emoção “Muito ++ muito muito muito + de tudo o que faço aqui eu gosto!”. Para E3 não importa qual seja o serviço a ela destinado:

[...] eu venho, saio de casa, pra vir pro Núcleo, então não importa se hoje eu vou – atender paciente, se vou operar, se vou – se vou fazer terapia, se vou ficar no corredor, se vou energizar água, não importa! Entende? Eu venho pra fazer o que for – pra fazer.

Quando E3 se refere ao ritual que acontece no início dos trabalhos, ela justifica os benefícios desse ato:

Ele cria um campo energético né – espiritual né – eu acho que isso é necessário, [...] cada um chega com um tensor diferente da rua né – um vem de um lado, outro vem do outro, aquela coisa, aquela correria, um sai correndo do serviço – então acho que – né – então a gente vem e – a hora que a gente chega aqui a gente tem que procurar de se harmonizar [...].

Na visão de E3, tanto o Núcleo quanto o CAPC desfrutam de boa reputação na sociedade, pelas coisas boas que ouve das pessoas, e ela nunca ouviu alguém criticar ou falar mal. Inclusive, quando alguém fica sabendo que ela trabalha no Núcleo as pessoas dizem “[...] ah – ah tu trabalha lá no Núcleo! Ah aquilo lá é uma

maravilha! Aquilo lá meu Deus tem uma energia – é maravilhoso!”. No entendimento de E3, “[...] a grande missão do Núcleo é a saúde – pública de uma maneira geral né?”. Sobre o motivo que a mantém com o compromisso do voluntariado, E3 confessa ser difícil de responder, mas declara que:

[...] é uma coisa que veio acontecendo na minha vida e – sabe – e é este compromisso que eu – que eu adquiri acho que – comigo mesma – com a espiritualidade – né com a minha família em si – até pra dar exemplo [...] eu acho que essa é a minha missão [...] é uma força interior, eu não sei – é uma coisa que me – me impele pra cá – eu não sei, não sei te dizer assim – com palavras assim – ah esse é o motivo!

Percebe-se que E3 reconhece os aprendizados do voluntariado ao admitir que: “eu acho que a partir do Núcleo eu sou uma outra pessoa então – aprendendo coisas que tu não – não fazias [...]”. Mais adiante volta a falar “[...] acho que a gente aprende a ter uma postura diferente também – em casa, no trabalho – tu aprende – eu aprendi muito.” E também reconhece os benefícios que recebe em troca “[...] acho que eu tenho mais retorno do que o próprio paciente [...]”, ao perceber que isso ocorre naturalmente:

[...] o paciente ele é muito – ele é receptivo a terapia – e também ele – ele gosta de dar – um retorno pra gente – às vezes um beijo, um carinho – eles são muito – né – eles são agradecidos até mais do que às vezes a gente merece mas – isso é muito gostoso assim tu ver que – está fazendo um trabalho que alguém – pelo menos ficou feliz com aquele teu trabalho + seja um sorriso uma coisa mas – pelo menos sabe que – eu acho que esse – esse é o pagamento da coisa – né?

Em algumas pequenas falas, E3 demonstra o tamanho do seu envolvimento com o trabalho voluntário: “É algo que me – me faz bem realmente!”; “É como falo pra ti – eu não consigo – me imaginar + sem ta aqui [...]”; “[...] não me vejo fora daqui [...]”; “[...] não me vejo aposentada daqui, a não ser talvez por algum motivo de saúde [...]”; “[...] agora se eu não tiver aqui – meu pensamento ta aqui [...]”; “[...] o trabalho que me gratifica realmente – é – não consigo viver sem – não consigo me imaginar – fora do Núcleo [...]”.

Entrevistado 4

E4 tem 50 anos de idade, sexo feminino, foi casada muitos anos, depois separou-se: seu ex-marido faleceu recentemente, mas ela diz considerar seu estado

civil como viúva. Seu grau de escolaridade é nível médio, renda familiar de 5 salários, professora de música, reside a 6 km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo às 11 horas, após o término de suas atividades da manhã.

E4 trabalha como voluntária no Núcleo nas terças-feiras pela manhã fazendo a triagem, e nas quartas-feiras à tarde e à noite coordenando a aplicação de terapias aos pacientes em tratamentos físicos. Também trabalha no CAPC, nas sextas-feiras à noite, de 15 em 15 dias.

Sobre sua crença religiosa, E4 responde: “Eu acredito em, né, Deus e daí na espiritualidade, né. Digamos, a gente como espírita acredita que existe uma vida espiritual. Que existem, existe a espiritualidade.” Em sua fala mais adiante, E4 confirma sua crença: “Então, eu acredito nisso, eu tenho fé nisso”.

Revela E4 que morava em Curitiba e seus pais freqüentavam a umbanda, umbanda branca, como ela diz, não aquela voltada para o candomblé. Ela lembra que esse período abrangeu a sua adolescência e isso chamou sua atenção: “E daí mesmo ali as entidades, né e os médiuns, daí já me chamaram pra auxilia, né, pra ajuda, ajuda as pessoas, a providencia as coisas que tem que providencia, ser uma auxiliar dentro do centro”. Confessa qual era o desejo que sempre teve:

+ E eu sempre queria, – sempre dentro de mim, eu queria trabalha num centro voltado pra saúde, que lidasse com a doença, assim, – sabe. Sempre que fala na mediunidade (...) lidando com a doença, – né. Então isso era o que eu sempre tinha na minha cabeça.

Posteriormente, mudou-se para Florianópolis e algum tempo depois seu marido procurou o Núcleo para fazer um tratamento. Após o tratamento, ele lhe disse: “[...] eu acho que lá era um lugar que você gostaria de ir [...]”. Então E4 foi conhecer o Núcleo e já procurou se informar como deveria proceder para trabalhar lá. Diz ela: “Então assim começou. Daí então o meu interesse foi esse, aí, achei o lugar que eu queria [...]”. Continua E4: “Então foi assim a minha entrada, né. E é o que eu sempre quis fazer, então aqui me identifiquei e fiquei, – né. – Não to atrás de mais nada, assim”. Junto com ela, seu marido também começou trabalhar no Núcleo como voluntário.

Para E4 o trabalho voluntário tem um significado especial: “[...] é uma coisa que – eu acho, assim, que nasce dentro da gente, já – né. Porque, por exemplo, ninguém foi me dizer: você tem que ser voluntária [...]”. A entrevistada fala que às vezes as pessoas têm tudo o que precisam, mas se sentem depressivas. Daí ela

argumenta: “[...] vai se dedica a uma coisinha dessa coisa. Então, vai se senti útil, daí, começa a se senti feliz”. Orgulhosa ela diz: “Então, dentro de mim já veio isso”.

Questionada novamente sobre as motivações que a levaram a ser voluntária e seu desejo de trabalhar na área da saúde, E4 responde: “É só a vontade interior mesmo”. Novamente ela diz “Por isso eu te falei ninguém veio me disse que tu precisa fazer um trabalho voluntário [...]”. E acrescenta: “[...] eu faço e, daí, eu gosto do nosso trabalho [...] eu não vinha por obrigação, porque eu gosto, então, é uma coisa que eu tenho pra mim que...”.

Sobre o motivo que a mantém hoje como voluntária, E4 diz que é o compromisso que assumiu. Sobre seu sentimento de dever com o seu trabalho, ela explica: “+ Obrigação não, nem dever. É como um prazer. – Eu não vejo como um dever. Ah! Eu tenho que ir, né, não. É prazer [...]”.

A respeito do ambiente de trabalho e do relacionamento entre voluntários e dirigentes, E4 manifesta: “Na minha visão, eu, por exemplo, nos meus dias – é tranqüilo como tu vê, né”. Ela lembra uma frase que está num mural dentro do Núcleo, que diz mais ou menos assim “[...] a melhor equipe não é aquela que tem que ser perfeita, mas um tem que entender os defeitos dos outros [...]”. Ela mesma diz que quando percebe que comete alguma grosseria, procura se corrigir e pedir desculpas. A entrevistada diz que não é comum o elogio entre eles. Existe a preocupação de que as coisas sejam bem feitas. Há uma oportunidade, principalmente ao final de um turno de trabalho, de as pessoas falarem, se há alguma dúvida ou questão para ser resolvida naquele momento. Ela lembra que há uma preocupação da direção do Núcleo para que eventuais diferenças não venham a formar a chamada “rádio corredor”, comprometendo assim a frequente harmonia.

No que tange à missão do Núcleo, E4 diz que o principal objetivo, além de tratar a doença é: “[...] abrir os olhos do paciente pra que ele veja a sua transformação, o que ele precisa melhorar, melhorar dentro de si [...]”. Ela acrescenta: “[...] o que eu admiro dentro do Núcleo é isso – né, essa visão do, do, do trabalhar o ser humano”. Na sua visão, tanto o Núcleo quanto o CAPC gozam de boa reputação na comunidade. Isso ela deduz pelas manifestações das pessoas que saem maravilhadas após os tratamentos. Ela admite, no entanto, que “como uma casa espírita, provavelmente existem os que são contra, né”.

São freqüentes as colocações de E4 dando a dimensão do compromisso que ela tem com o Núcleo: “[...] quando eu dei o meu nome, eu (...), eu sabia, aí eu

assumi aquilo como um compromisso – meu mesmo, por isso eu digo é um compromisso que tu assume [...]”. Também da responsabilidade que ela tem enquanto está na sua função: “[...] esses dias que eu estou aqui eu sou responsável pelo meu trabalho – pelas pessoas que estão aqui, pelos pacientes que vem aqui – né, então, eu já sei, é um compromisso”. Esse compromisso não decorre pelo fato de ela ter hoje uma responsabilidade maior como dirigente, mas desde o início do seu trabalho voluntário, E4 sempre encarou como um compromisso. Em outro trecho de sua fala pode-se identificar novamente o compromisso: “[...] eu chego aqui seis e meia da manhã, não faltou o ano inteiro [...]”.

Denota profissionalismo quando E4 se manifesta sobre a forma como encara o relacionamento com os pacientes em tratamento: “Eu procuro não me envolver, de ficar, assim, com pena [...]”. Mas acrescenta que: “[...] não se envolve emocionalmente, né, com os casos que apareçam, mas sempre trata da melhor maneira possível”.

Embora E4 diga que seus filhos nunca reclamaram, ela acredita ter sacrificado um pouco sua família pela grande dedicação nos seus quinze anos de voluntariado no Núcleo: “[...] eu peguei justamente a fase que deixei as minhas crianças pequenas, quando eu tive que me dedica mais aqui [...]”. Nos primeiros anos o tempo dedicado ao Núcleo era maior, envolvendo inclusive vários finais de semana. Hoje, segundo ela, o Núcleo está melhor organizado, tendo tanto ela como os outros voluntários, seus horários também mais organizados. Suas irmãs às vezes a criticam dizendo: “[...] o Núcleo me tirou dela...daí, só o Núcleo...”. Ela reconhece as críticas da família: “Porque acaba te privando, o tempo que tu podia estar com essas pessoas...”.

Para E4, trabalho voluntário é sinônimo de compromisso e dedicação. Faltar ao trabalho: “Só numa emergência, né, em caso de doença e quando você realmente não pode mudar, uma coisa séria, uma reunião, como já aconteceu”. Se depender dela vai trabalhar: “Até – não der mais, por enquanto eu não penso em sair – (...), não penso em sair, até quando der, se acontece alguma coisa (risos) [...] mas só quando a vida me tirar, né”.

Entrevistado 5

E5 tem 54 anos de idade, sexo masculino, casado, grau de escolaridade segundo grau, renda mensal familiar de 5 a 10 salários, eletricista autônomo, reside a 12 km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo.

E5 está no Núcleo há seis anos como voluntário. Diz que no início dedicava mais tempo ao voluntariado, porque desfrutava de uma situação financeira melhor. Hoje trabalha somente na quarta-feira à tarde e à noite. Seu trabalho compreende a aplicação de terapias aos pacientes.

Ao falar sobre sua crença religiosa, E5 revela que “é meio complicado, porque nós...”, e continua: “na verdade, na verdade, assim, eu tenho, eu sou um simpatizante do espiritismo, assim, do kardecismo, – eu simpatizo com todas as religiões em geral, – mas é... não, não, não abraço nenhuma [...]”. E5 revela que foi criado dentro dos princípios da religião católica e na adolescência começou a se interessar e estudar outras religiões, o que faz até hoje “[...] sempre numa busca contínua [...]”. Para ele, a religião “[...] não é um fim, é um meio, é um + é um meio de se chegar em algum lugar, né”. Em sua fala mais adiante, E5 revela que encontrou no Núcleo algumas respostas para suas questões de vida: “[...] eu procurei Deus em tudo que é lugar, e hoje eu sei que Deus está em todos os lugares – e principalmente dentro de mim mesmo, – que a minha busca é interna, não é externa”.

E5 conheceu o Núcleo por informação de familiares na busca de tratamento para sua esposa que não encontrava solução na medicina para seu problema de saúde. Após o tratamento, sua esposa tornou-se voluntária e depois acabou levando-o junto. Diz E5: “Achei, assim, – que era o lugar adequado ao que se queria fazer, – que nós já éramos voluntários antes, né”. Ele conta que os dois eram voluntários antes em outra casa espírita, num trabalho semelhante, porém, segundo ele, no Núcleo é um “[...] trabalho mais amplo [...]”.

Sobre suas motivações para trabalhar como voluntário E5 diz que às vezes até parece ser um enorme egoísmo:

[...] porque, vamos dizer assim, a satisfação que eu tenho – compensa qualquer sacrifício. – Então, eu diria, assim, que não é tanto desprendimento, né, porque se eu estou fazendo o bem, isso me dá uma satisfação tão grande, – que, que chega a ser até – estranho, né, dizer que eu to – que eu to

tendo algum desgaste, ou alguma coisa assim – que, que, que pra mim é, – é só prazer [...].

Segundo E5, hoje, o motivo para continuar no trabalho voluntário é o crescimento interior. Novamente volta a dizer que o retorno que encontra no voluntariado é infinitamente maior do que ele doa: “A minha doação é – é muito pequena perto do que eu recebo. – Isso que me – me move. Se eu pudesse, eu ficaria aqui sete dias por semana”. Ele acrescenta que na escola de mediuns, da qual participam quase todos os voluntários, nas terças-feiras à noite, são estudados muitos assuntos voltados para o aspecto espiritual, filosófico, científico e antropológico, “[...] abrindo a cabeça da gente [...]”.

Percebe-se na fala de E5 que a identificação e a satisfação com o trabalho voluntário confundem-se com um *hobby*:

[...] eu acho mais agradável eu vir aqui no Núcleo trabalha como, – como voluntário do que qualquer outra programação que eu fosse fazer, – qualquer outra, – seja – como eu gosto de cinema, eu gosto de, – de velejar, eu gosto de, – viajar, não... O Núcleo se equipara, o meu trabalho de voluntariado – se equipara a qualquer prazer desses”.

Além do compromisso de não faltar nas terças-feiras ao seu trabalho no Núcleo, E5 demonstra que o voluntariado é como que a satisfação de uma grande necessidade sua. Inquirido sobre como se sente no dia em que não pode ir ao Núcleo ele responde: “Arrasado (risos) – é fico... É uma semana perdida”. Confessa que deixaria de fazer qualquer coisa para ir trabalhar como voluntário. Assim que sua condição financeira permitir quer dedicar mais tempo ao voluntariado, tanto no Núcleo como em outros lugares.

Questionado se sua satisfação está em função do tipo de tarefa que ele atualmente desempenha, no caso a aplicação de terapias aos pacientes, E5 responde:

Não faz diferença isso pra mim – é indiferente – se eu tivesse que fazer qualquer – qualquer coisa – que fosse fazer na casa – isso, isso aí pode parece, pode parece até que, vamos dizer – falta de – ou excesso de modéstia, vamos dizer, mas se eu tivesse que só varrer aqui, limpa, lava, eu faria do mesmo jeito, – pra mim é tão importante um trabalho quanto outro. – Não faz diferença nenhuma.

No entanto, pelo seu fundamento religioso, E5 compreende que ser voluntário é também um dever: “[...] eu acredito que eu tenho que dar a minha parcela lá, também [...]”. Como precisou de ajuda em um determinado momento, ele sente o

dever de ajudar as outras pessoas quando elas necessitarem. O entrevistado revela que é de sua natureza a preocupação natural com as pessoas de uma maneira geral “[...] sempre fui assim dedicado a ajuda as pessoas. Na rua em qualquer lugar, se eu vejo um camarada com um carro parado ali, eu vou lá vê se ele não quer uma ajuda”.

Quanto ao relacionamento com os colegas voluntários no Núcleo E5 diz ser “[...] uma irmandade”. Além de ser um prazer estar com colegas ele diz que “[...] são pessoas – é – assim, é uma integração muito grande, pelo menos do nosso grupo, né”. Embora surjam atritos de vez em quando (o que ele julga normal entre seres humanos), não fica nada pendente, porque acaba sendo resolvido entre as próprias partes ou pela intervenção dos superiores. Sobre seu relacionamento com os superiores, ele afirma que “[...] o tratamento é de igual pra igual [...]”, sem diferenças, tanto com ele quanto com os outros, como se não houvesse uma hierarquia. Ao ser questionado sobre o elogio no ambiente de trabalho, ele diz que isso às vezes pode ocorrer num grupo com maior afinidade. Deixa transparecer que não é comum o elogio, também parece não ser uma necessidade das pessoas.

Sobre o ritual da abertura que o grupo faz no início dos trabalhos, E5 diz que “É a hora, é a hora, é a hora que se, que se, que todos se põem em – à disposição – vamos dizer assim – em grupo – não individualmente”. É o momento que “[...] se propõe a fazer aquele trabalho [...] pedindo a, a, a ajuda de, de Deus, de Jesus, da, dos, dos mentores da casa, né, Irmão Yuri, Savas e Gabriel – e os, os seguranças da casa [...]”. É feita a leitura de um trecho do Evangelho e solicitada ajuda em todos os sentidos, reforçando assim o compromisso do grupo.

E5 revela que no início foi muito estranho para ele em função do tipo de tratamento que é feito no Núcleo para os pacientes. Como ele diz ser “[...] um homem de pouca fé [...]”, era difícil acreditar na cura fora da medicina tradicional (cirurgia, hospital, remédios), mas começou a ver que:

[...] um trabalho, assim, que, que – nos obriga a ter fé mesmo sem ter, porque o resultado, – o resultado do que é feito, – o resultado que aparece depois – é – é obrigado a pessoa a chega a ter fé, né. Então, essa... Isso aí, me movimentou a minha fé.

Como E5 foi voluntário em outro lugar antes do Núcleo, insistiu-se na questão de qual teria sido sua primeira motivação para o voluntariado. Segundo ele, sempre foi uma busca em função de sua crença e simpatia com o kardecismo, que isso era

comum em sua família, embora seus pais fossem católicos. Ele diz que o kardecismo prega a caridade, e no seu entender, isso une duas coisas interessantes:

Uma, você fazer a caridade, né – no sentido de ajuda – as pessoas que precisam, seja qual for a – a necessidade delas [...] e em segundo lugar, – que normalmente esse tipo de casa, que oferece esse tipo de trabalho, – oferece a possibilidade da, da... do voluntário, do voluntariado, também dá uma contrapartida – de ensinamento, – de, de, de abertura – religiosa + de, ou científica.

Quanto à opinião dos familiares sobre o voluntariado, E5 fala que os que são simpatizantes do kardecismo são todos a favor, mas que existem outros que criticam.

Na sua visão, o Núcleo “é altamente conceituado”. No entanto, ainda há muita gente que não o conhece. E5 revela que não há por parte do Núcleo a preocupação ou mesmo o interesse na divulgação das coisas que lá são realizadas. Também reconhece que existem algumas pessoas que, “[...] por motivos, às vezes, até religiosos são contra [...]”.

Ao final da entrevista, sem que fosse feita qualquer pergunta específica, E5 faz uma revelação muito espontânea sobre seu aprendizado e reconhecendo-se outra pessoa:

O que eu queria dizer é que, – principalmente nesta casa – depois que eu vim trabalhar aqui, houve uma mudança interior muito grande – houve uma transformação interior assim que – ham – interiormente eu sou outra pessoa – em, em, vamos dizer, – moralmente – ham – socialmente, – e – eu era uma pessoa, assim, muito explosiva, com pavio curto, né, então, eu, eu, – hoje eu tenho mais domínio disso [...].

Entrevistado 6

E6 tem 41 anos de idade, sexo masculino, diz que conviveu com uma pessoa por uns quinze anos, depois se separou, hoje vive com uma companheira há dois anos, mas nunca se casou oficialmente. É pós-graduado e funcionário público municipal, renda familiar mensal acima de 10 salários, reside a 20 km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo, após seu trabalho ao final da tarde.

E6 trabalha na prefeitura pela manhã, e seu turno é de seis horas. Eventualmente, um ou dois dias por semana também trabalha à tarde. Ele trabalha

no Núcleo, como voluntário, há quase seis, sempre às terças-feiras à tarde e quartas-feiras à tarde e à noite. Frequenta a escola de mediuns nas terças-feiras à noite.

Pertence a uma família com tradição religiosa espírita kardecista, tendo recebido desde criança esses ensinamentos. Depois, E6 andou um tempo afastado de qualquer tipo de instituição religiosa, e mais tarde, junto com sua chegada ao Núcleo, houve então o que ele chama de resgate: “[...] hoje eu tenho uma convicção – com relação a – a participar da, da concepção espírita, que é uma concepção cristã, ta ligada ao evangelho [...]”.

E6 confessa que, em determinado momento de sua vida, sentiu a necessidade de uma grande transformação e revela o motivo pelo qual conheceu o Núcleo: “[...] o que me trouxe aqui, na verdade, foi uma necessidade de re-significar da minha vida, eu havia – eu não tava – encontrando respostas mais [...]”. Mais adiante ele afirma: “[...] eu precisava novamente de um novo chão – e – encontrei o Núcleo, vim no Núcleo, vim como paciente [...]”. Segundo ele, o mundo tinha perdido o encantamento e o brilho, o que veio a reencontrar no Núcleo:

[...] com a – os elementos que eu comecei a encontrar aqui – é – não só o mundo ganhou um novo sentido, um novo encantamento, – mas ele se tornou muito mais vasto – porque ele ganhou dimensões – novas dimensões surgiram, – né – e com – com seus – fundamentos científicos, com seus, com suas – é – suas razões – é – filosóficas, com as suas – é – implicações sociais, porque aí entra a questão do voluntariado, – essa coisa de ta também interagindo – na sociedade, de alguma forma [...].

E6 entende que, no processo de crescimento, o trabalho voluntário pode ser encarado como um dever, mas isso para ele é apenas um estágio do processo: “[...] porque – a gente depois vai percebendo que, que ele, ele te oferece, te dá um retorno que é muito mais – é – que acaba te enriquecendo tanto, te dando tanto retorno que, aquela idéia do dever [...] vai se perdendo”. Ele acrescenta que na sua visão o “[...] trabalho voluntário, ele, no nosso caso aqui, ele é – ele ta dentro de um contexto mais amplo [...]”, ressaltando que não quer dizer com isso que seja superior ou inferior ao trabalho voluntário praticado em outros lugares. O “contexto mais amplo” a que E6 se refere tem ligação do trabalho voluntário com a crença na ciência espírita, ou seja, a pessoa é voluntária e médium ao mesmo tempo, no sentido da construção do processo de crescimento do indivíduo e da humanidade:

[...] é como uma forma de ta, da gente ta se disciplinando – né, de ta aprendendo, – a idéia de – que a gente tem como espírita é do planeta como uma escola – né – então o próprio trabalho voluntário é uma, é algo que a gente ta realizando como outra oportunidade de ta aprendendo – de ta aprendendo [...].

E6 esclarece que, embora tenha uma técnica para aplicar cada uma das terapias, a concentração e a empatia com o paciente são básicas, no sentido de “[...] tratar o outro como gostaria de ser tratado [...]”, e isso ele ressalta que é uma questão sempre muito lembrada e cobrada pelos dirigentes: “Quando tu ta colocando a mão sobre alguém – né – vê... como tu gostaria que o teu pai fosse tratado, que o teu irmão fosse tratado [...]”. É importante destacar que E6 sempre trata o voluntário como sendo um médium. Então, para ele, o médium deve procurar “[...] principalmente quando ele ta vindo pra cá pra trabalhar, uma harmonia interior – o que que ele ta fazendo, o que ele fez – onde ele andou – o que ele pensou [...]”. Preocupa-se desde cedo: “[...] amanhecer com uma boa oração, pra ter um cuidado com a alimentação, [...], com o trânsito [...], evitar certas situações que vão ser estressantes [...]”.

No que se refere ao ambiente de trabalho e o relacionamento com os colegas, E6 considera que há muita cordialidade. Diz que o relacionamento entre a maioria deles é limitado ao ambiente interno, não existindo muito relacionamento fora do Núcleo. E6 não ignora que existem atritos, conflitos e até disputas de poder, mas, ele lembra que: “As pessoas vêm pra cá, como eu falei, como eu vim, – né, porque tão precisando também se transformar, – tão também nesse processo de transformação [...]”.

Segundo E6, é bastante comum existirem famílias com boa parte de seus integrantes trabalhando como voluntários no Núcleo. No seu caso, além dele, trabalha sua mãe, uma irmã, uma prima, um primo e também seu filho.

Quanto ao motivo de estar no voluntariado, E6 confessa: “O motivo mais forte + o motivo mais forte é a idéia de ta no caminho + é de to no caminho e eu preciso me manter no caminho”. Na seqüência foi perguntado se isso chega a ser uma necessidade sua e ele responde: “É uma necessidade minha, é uma necessidade espiritual, é uma necessidade intelectual, é uma necessidade moral, é uma necessidade... social [...]”. O significado que ele procura atribuir a necessidade é: “[...] como um caminho que eu to trilhando [...], to construindo [...]”. E6 diz acreditar

que o Núcleo está lhe dando elementos para construir esse caminho. Para explicar esse caminho de construção, ele usa uma metáfora que atribui ser dos índios norte-americanos: “Andar em beleza”.

E6 dá a dimensão de seu compromisso em não faltar ao trabalho voluntário: “[...] eu busco ter uma assiduidade, mas quando eu não consigo, falta alguma coisa [...]”. Quando falta um dia, seu sentimento de perda é maior: “Quando não vem, não é, não, não vem numa semana, perdeu uma semana [...]”. Também demonstra que sente falta do seu trabalho nos meses de dezembro e janeiro quando não há atendimento a pacientes no Núcleo: “[...] a gente às vezes fica até preocupado quando vem o final de ano vamos ficar um mês aí e pouco que a gente fica – com a instituição – é fechada [...]”.

Diante das frequentes falas de E6 sobre seu apego às atividades praticadas como voluntário, perguntou-se se isso chega a ser uma dependência para ele: “[...] não é uma dependência, não existe uma dependência entende?”. No entanto, logo adiante, ele manifesta uma preocupação que contradiz: “[...] se eu hoje fosse morar em outro estado como é que eu ia fazer aí eu ia ter que eu ia ter que fazer uma boa reflexão e ver o que que, o que que... – De... Alternativa pra substituir esse tipo de... [...]”.

Quanto à reputação do Núcleo junto à comunidade E6 entende que seja boa, pois: “[...] todas as, as, as – as colocações que são feitas – que eu já ouvi são sempre positivas – né sempre positivas [...]”. Ressalva que algumas manifestações às vezes são silenciosas, o que ele atribui à questão de alguém não querer tomar partido, por ser uma casa espírita.

E6 percebe a utilidade de seu trabalho voluntário como um todo, independentemente de serem as atividades das terças e quartas-feiras distintas. Inclusive, ele não separa disso a escola de médiuns das terças-feiras à noite, pois considera que está dentro do contexto e faz parte do processo de crescimento próprio. Apenas exemplifica com a atividade que está desenvolvendo atualmente, chamada “roda da cura”, juntamente com outro irmão médium:

São sete encontros – né... E aí a gente acaba tendo um envolvimento muito maior com os pacientes dentro dessa sala aqui exatamente a gente cria uma roda – e desenvolve um trabalho ao longo de sete semanas – é... E a gente percebe o resultado a gente percebe as pessoas chegarem numa maneira – é e... Ter uma crescente no meio já tão com outro semblante com outro olhar com outro sorriso [...].

Ao final da entrevista, E6 fala que, embora o trabalho do Núcleo tenha uma intervenção localizada mais na região da grande Florianópolis, para ele existe algo mais amplo e justifica que: “A grande... É... Intervenção é aqui mesmo na, na região – isso no plano físico – mas se tu for – observa no plano espiritual nós estamos envolvidos – numa geografia muito mais ampla – entende?”. Cita os mentores da casa, o irmão Savas (médico), o Yuri e o Gabriel (jesuíta). Novamente E6 ressalta sua visão além do plano físico:

O contexto é muito mais amplo [...] quer dizer, nós estamos na verdade há um deslocamento de transformação num, num plano mais global – a nível energético, a nível espiritual né – e não só no plano – físico, mas também no plano – né... – Pelo menos a grande transformação tem que ser no plano espiritual nesse plano espiritual mais – próximo do planeta.

Entrevistado 7

E7 tem 45 anos de idade, sexo masculino, casado, grau de escolaridade primário, renda mensal familiar de 1 a 5 salários, profissão motorista, mora a 2 km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo, após o encerramento das atividades do ano.

E7 começou a trabalhar como voluntário há onze anos, e sempre no Núcleo. Conta que antes de ser voluntário chamavam muito sua atenção as reportagens na televisão sobre voluntariado. Como motorista de ônibus, sempre passava na frente do Núcleo e isso também lhe despertava a atenção, e então diz ele, “[...] o jeito era começar a trabalhar aqui”.

Antes de ser voluntário, E7 fez tratamento no Núcleo como paciente, mas ele faz questão de salientar que não foi isso que determinou sua decisão:

[...] mas não comecei a trabalhar por isso – depois eu fiquei acho – um ano acho que eu fiz um tratamento – aí depois é que a minha esposa começou a – a (...) doutrina, a dar palestra – e aí me convidou pra gente vim então a gente vinha no meio da semana.

A crença religiosa de E7 era a religião católica, seus filhos foram todos batizados, mas confessa que não eram católicos praticantes, e ao conhecerem o Núcleo e assistirem às palestras, ele e sua esposa começaram a gostar e simpatizar com o espiritismo. Conta ele que: “[...] então a gente começo aqui e eu gostei – a gente começo a lê as – as leitura do espiritismo do evangelho mais vezes assim, é

o... – (...) a codificação de Alan Kardec”. Sua esposa começou a trabalhar primeiro, depois ele. E7 tem três filhos e hoje o mais velho, com 26 anos, também é voluntário no Núcleo, e sua filha menor, de 9 anos, nas quintas-feiras vai junto com eles para colar os envelopes que embalam o algodão energizado. Diz que só um de seus filhos não é voluntário, mas justifica que ele não é por causa do seu trabalho.

No momento, E7 está temporariamente afastado de sua atividade profissional por motivos de saúde, mas, mesmo quando está exercendo a profissão cumpre seus compromissos de voluntário normalmente. Como voluntário ele trabalha nas segundas e quintas-feiras à noite, e no sábado à tarde. Consegue conciliar seu horário de empregado com o de voluntário, pois inicia na empresa por volta das 5 horas da manhã e trabalha até 14h ou 15h, dependendo da escala.

Ao ser interrogado sobre o motivo principal que o levou a ser voluntário, E7 declara: “[...] eu fui uma pessoa que sempre tive vontade de ajudar – então a gente – como tu nunca teve um encaminhamento – então a gente só pensava que só podia ajudar financeiramente”. Ele revela que não dispunha de condições financeiras para ajudar outras pessoas, e quando começou a freqüentar o Núcleo percebeu que:

[...] eu vi que a gente poderia ajudar de outra forma – não financeiramente mas a gente doando a gente mesmo né você ajudando – auxiliando a pessoa que necessita de ti nesta casa (...) e você pode dar a sua contribuição – então isso pra mim foi muito importante isso me preen... me preencheu um vazio que eu tinha dentro de mim – que eu nunca conseguia preencher – e hoje eu não sinto mais esse vazio – porque eu consegui preencher e sabia que nunca mais – é a ajuda que eu dou ao próximo isso é o que tava me faltando.

E7 revela o aprendizado que o voluntariado está lhe proporcionando:

[...] através da leitura através do evangelho – depois que eu comecei a trabalhar aqui – e isso vai abrindo mais a mente da gente também – então + é algo que você sente necessidade mesmo através da religião te ensina que é dessa forma – que você deve fazer as coisas pra você seguir no caminho mais correto + e... Você ajudando você sempre tá mais ao lado da espiritualidade amiga.

E7 diz que procura sempre conciliar seus compromissos profissionais e particulares de forma a não faltar ao trabalho voluntário: “[...] a gente sempre procura – deixar o dia pra isso – pra deixa naquele dia a gente tem o compromisso”. Sua rotina diária demonstra a disciplina e o compromisso que mantém também com seu trabalho profissional: “[...] pra pegar o ônibus de cinco horas – então eu levanto em

torno de quatro e quinze, aí eu faço o meu café, eu que arrumo tudo (...) eu não acordo a minha esposa [...]”.

Percebe-se a disposição de E7 para enfrentar as adversidades e dedicar-se aos outros, mesmo nesse momento em que está enfrentando dores por problemas físicos:

[...] eu to aqui falando com você eu to com uma dor – na minha nuca aqui nos meus ombros – e eu não vou deixar de – de lutar por causa disso eu não vou deixar de ajudar alguém por causa disso eu não vou deixar de – de fazer meus tratamentos – por causa disso – não, tem que continuar – eu tenho uma família, a vida é maravilhosa [...].

E7 confessa que hoje, em função de dores nos ombros que o impossibilitam de movimentar muito seus braços, não está podendo trabalhar na aplicação das terapias, o que já fez muito no Núcleo. Ele trabalha mais na parte da coordenação dos trabalhos, ensina aos médiuns iniciantes a aplicar as terapias, e fica na recepção encaminhando os pacientes. Tem outras atividades que ele também pode auxiliar como:

Ficar conduzindo o paciente através da palavra – enquanto ele ta deitado – e outros médiuns tão trabalhando você fica – jogando as palavras do evangelho – tudo isso pedindo para que eles possam ficar mais calmos, tranquilos enquanto isso – então tem várias atividades, várias maneiras de você poder ajudar [...].

E7 diz que, pelos resultados obtidos pelos pacientes, percebe que seu trabalho no Núcleo está sendo útil:

[..] porque é uma presença muito gratificante que às vezes a gente vê – os pacientes da forma que eles entram – quando começam o tratamento e quando eles tão terminando o tratamento + aí eles – às vezes muitas vezes eles têm nós assim como um Deus – né, na realidade a gente não é nada disso a gente é só apenas um intermediário da espiritualidade [...].

Sobre os motivos que, atualmente, o mantém como voluntário, E7 diz: “É um compromisso, né – um compromisso que eu optei por isso [...]”. Ele fala que seus três filhos têm consciência desse compromisso. Da mesma forma, fala do compromisso de sua esposa como voluntária: “[...] foi um compromisso que a gente – teve com a espiritualidade – e compromisso conosco mesmo [...]”. Ele acrescenta que, quando uma pessoa assume um determinado dia para ser voluntária, o Núcleo conta com isso: “[...] então isso também pra nós é uma responsabilidade”. E7 diz

ainda que: “[...] quando você faz por amor – se você tem aquele compromisso você vem”.

Sobre o relacionamento entre os voluntários no ambiente de trabalho, E7 afirma que “É muito bom”. O entrevistado procura dizer que o nível do compromisso do grupo reflete no relacionamento entre eles: “a partir do momento – que você já tem um compromisso [...] a gente se modifica – né o nosso comportamento ele já vai se modificando – porque você vai aprendendo [...]”. Argumenta que dentro desse processo de aprendizado as pessoas vão se transformando e para ele “[...] o médium que é o voluntário que (...) ele pra ser um bom voluntário, um bom médium aquele que busca a sua transformação [...]”. E7 prossegue na abrangência de sua reflexão, dizendo que o voluntário precisa ser um exemplo, e com a sua transformação ele consegue a mudança das pessoas ao seu redor. E7 conclui dizendo:

[...] então tudo isso é o nosso trabalho aqui – a gente é (...) a gente chega aqui a harmonia é diferente – né então você chega você respeita o ambiente – e você respeita aqueles que estão ao seu lado – porque você sabe que a espiritualidade aqui que ta... Trabalhando nós temos que dar o exemplo para o paciente [...].

E7 reforça muito a importância do comportamento do grupo: “[...] é muito importante porque a partir do momento que nós todos estamos bem – o trabalho fica bem melhor [...]”. Relaciona esse comportamento de grupo com o ritual de abertura e de encerramento dos trabalhos:

Na hora da abertura se lê o evangelho – isso é muito importante a abertura dos trabalhos – porque a gente vai estar lá [...] então a gente faz uma oração – aí onde a gente começa pra toda a harmonia no ambiente – então se tinha agora uma exceção – ali + ela é eliminada + [...] e o fechamento também ele é importante porque nós vamos agradecer – a espiritualidade – por ter dado todo o apoio – ao trabalho, [...] tem que ter uma estrutura espiritual – porque só nós voluntários nós não temos condições – então por isso é muito importante a abertura e o encerramento.

Perguntado se é comum o elogio entre eles, E7 responde que: “[...] aqui não trabalhamos muito com elogio [...]”. Ele justifica que, na sua visão, “[...] o elogio às vezes estraga a pessoa [...]”, pois pode dar dupla interpretação, alguns acharem que fizeram o máximo e outros entenderem que da próxima vez precisarão dar mais. Ele entende que, como todos têm um compromisso, então existe mais necessidade de cobrança do que de elogio.

E7 diz que também o relacionamento com os dirigentes é maravilhoso e que ele não ouve críticas a respeito. Justifica que pelo grande número de voluntários que trabalham no Núcleo e pelo número de pacientes atendidos há necessidade de os dirigentes manterem uma postura enérgica. E7 fala que: “[...] os dirigentes passam né – as medidas de trabalho que tem que se feita como você atender o paciente como se direcionar ao paciente o que você falar para o paciente [...]”.

No que se refere à reputação do Núcleo na comunidade E7 diz: “[...] que são bem vistos em bons olhos [...]”. Mas ressalva que, embora “a gente ouve falar muito bem aqui [...]”, existem alguns que dizem: “[...] lá é coisa de macumba [...]”.

E7 fala da satisfação que tem em ser voluntário: “[...] é muito bom muito gostoso com esse envolvimento todo que a gente tem – envolvimento de você poder – ajudar – contribuir – pela humanidade [...]”. Reconhece que para ele houve “[...] uma grande transformação – trouxe modificações enormes isso traz um relacionamento – pra família – ele traz um... Ele tem um alicerce uma base isso dá pra nós [...]”, atribuindo isso ao espiritismo. Prossegue dizendo:

[...] eu vejo assim se todos – todas as religiões todos os que têm a sua religião – se ele conseguisse lê o evangelho – e aplicar em cima dele – nossa o mundo seria melhor – a humanidade seria melhor – né eu acho que – acho não teria certeza que não haveria tanta guerra – não haveria tanta destruição [...].

E7 não vê o trabalho voluntário como um dever ou uma obrigação, pelo contrário: “[...] eu vejo assim como uma forma – é um prazer meu de poder – dar alguém que ta necessitando [...]”.

Na realização de seu trabalho, E7 procura não se envolver com a situação emocional do paciente e justifica essa postura porque “[...] você tem que passar segurança ao paciente – e se eu me envolver com ele eu não vou passar segurança a ele”.

Entrevistado 8

E8 tem 52 anos de idade, sexo feminino, casada, grau de escolaridade médio, renda familiar mensal mais de 10 salários, aposentada, reside a 12 km do Núcleo. Entrevista realizada em sua residência, no Bairro Jardim Atlântico, Florianópolis (SC), após o encerramento das atividades anuais do Núcleo.

E8 diz que está aposentada há nove anos e meio, sendo voluntária no Núcleo há onze anos. Ela conta que ainda quando exercia sua atividade profissional, em 1995, foi acometida por um câncer, fez os devidos tratamentos médicos – cirurgia, quimioterapia e radioterapia – e após isso foi levada por uma amiga para conhecer o Núcleo e acabou fazendo também o tratamento lá. E8 revela que depois de concluir esse tratamento:

[...] me identifiquei né – não sei como, como dizem né que eu to procurei – pela doença né – e... Com o tempo a... Achei assim que... Que eu poderia ajudar as pessoas que eu fui ajudada né eu... Eu – fiquei curada da minha doença – e procurei ajudar [...].

O Núcleo foi o primeiro local que E8 foi voluntária, e ela iniciou quando ainda exercia atividade profissional. Durante esse período, como não dispunha de tempo durante o dia, ela trabalhava nas quintas-feiras à noite no Núcleo: “[...] eu trabalhava como... Voluntariado mesmo mas não, não, não – muito com a parte assim de mediúnica né [...]”.

Hoje, E8 trabalha como voluntária no Núcleo, nas segundas-feiras de manhã, nas terças e nas quintas-feiras durante o dia todo. Nas segundas-feiras ela sai de casa às 6 horas da manhã e retorna para casa por volta de 11:30 horas; nas terças-feiras trabalha das 6h30 às 18 horas, e nas quintas-feiras das 8 às 18 horas. Conta ainda que até a pouco tempo ela trabalhava também nas quartas-feiras. Nas segundas-feiras, E8 começa recepcionando os pacientes, faz uma primeira triagem e os separa conforme o tipo de sua doença, se receberão tratamento físico ou espiritual. Na terça-feira sua tarefa também começa na recepção dos pacientes do dia – no caso para tratamento físico – depois passa para a triagem, já tratando do problema individual de cada um e especificando qual o tratamento a ser aplicado. Na terça à tarde auxilia na aplicação das terapias aos pacientes. Embora na terça-feira saia do Núcleo por volta de 18 horas na terça-feira, ela acaba levando algum serviço para casa, antecipando assim sua tarefa da quinta-feira; fica das 20 horas até próximo da meia noite preparando crachás para os pacientes que farão tratamento na quinta. Diz E8 que são em torno de 150 crachás e é a única forma de ela dar conta do serviço, pois esse dia é sempre muito movimentado.

E8 começa a falar do seu trabalho na quinta-feira dizendo: “[...] na quinta-feira é assim – quinta-feira é um... Pra mim é o dia mais maravilhoso que tem pra trabalhar – porque tu sai de lá cansadinha, cansa mas é maravilhoso!”. Os pacientes

atendidos na quinta-feira são pessoas com problemas emocionais e espirituais muito graves, convulsão, epilepsia, etc. E8 diz que essas pessoas: “[...] necessitam assim muito da gente, a gente tem que dá muita atenção pra ele então aquilo pra gente ele suga a energia da gente, mas faz muito bem pra gente – né pra mim principalmente [...]”. Ela confessa que ao chegar em casa nesse dia parece que sua vida mudou:

[...] aquele trabalho lá fez uma lapidação aquele dia pra mim – eu chego em casa totalmente diferente – né – é claro que fisicamente a gente chega cansada – né – muito – corre muito anda pra lá faz muita coisa – fisicamente cansada mas – mentalmente e espiritualmente é... [...] A compensação – compensação – é muito bom – é muito bom.

A respeito de sua crença religiosa E8 diz: “[...] Eu... Eu sempre né fui criada sempre como católico né, na igreja católica e eu... Eu acredito – no espiritismo ta”. Ela complementa dizendo:

Eu acredito eu acredito eu não sou muito estudiosa – ta do espiritismo eu acredito né de todo no evangelho, Alan Kardec, leio mas eu não, não estudo muito – o espiritismo ta – eu até assisto palestra tudo mas eu ainda – gosto da de ir a missa – entendes? [...] Eu gosto de ir assisti a missa eu vou até todo domingo a missa – todo gosto de ir.

E8 diz que acredita em toda a parte espiritual, acredita que as pessoas têm outras vidas, mas faz questão de repetir: “[...] ainda gosto de ir – a... a missa – pelo menos a missa eu gosto de ir [...]”.

E8 acha que com o tempo possa ir cansando de trabalhar tantos dias como voluntária, e talvez tenha que reduzir um pouco, como já ocorreu de trabalhar também nas quartas-feiras e hoje não vai mais nesse dia, mas revela:

[...] pra mim é muito importante ele fez muito bem assim pra mim é... – é... Como é que eu vou te dizer – é o... faz assim é uma faz parte da minha vida entende dela... – eu não sei... É assim a minha vida não, não tem acho mais sig... Muito significado se eu não for ou lá ou em outro lugar ajuda as pessoas entende [...].

Desde os 17 anos de idade E8 começou a trabalhar, depois se casou e criou seus dois filhos, hoje adultos. Como foi aposentada por invalidez, está impedida de exercer alguma atividade com remuneração, então, diz ela: “[...] eu vou fazer um trabalho que gosto e ajudando os outros sem remuneração – né que é um voluntariado – então isso faz parte da, da minha vida né da, da minha... Como se fosse uma profissão”. Ao ser inquirida se para ela o voluntariado chega a ser uma necessidade, E8 responde positivamente: “[...] porque eu não sei fica assim dentro

de casa – ta eu, eu mantenho a minha casa eu cuido da minha casa tudo, mas eu não sei fica em casa – assim fica uma semana toda em casa sem, sem (...) sem fazer nada – é”. E8 demonstra necessidade de sentir-se útil. Ela diz que frequenta aula de pintura nas segundas-feiras à tarde, que ela tem suas atividades normais, mas referindo-se ao Núcleo, faz questão de dizer: “[...] eu me sinto muito útil – muito útil lá”.

Quando questionada se para ela o trabalho voluntário é mais prazer ou um dever E8 parece não ter dúvida e responde com franqueza:

Ah não! É um prazer né – eu acho assim que fosse uma obrigação um dever eu não me acordava uma segunda-feira de manhã às cinco e meia pra ir pra lá né – às seis horas não, é um prazer eu tenho...

Sobre o motivo que a leva a dedicar-se tanto ao trabalho voluntário ela responde: “Eu acho que é assim as pessoas né que a gente vai lá a gente – é, é tão importante, tem tantas pessoas assim que chegam lá necessitadas – é a gente chega fica assim emocionada [...]”. E8 relata que lá ao Núcleo comparecem pessoas de todos os níveis, desde as mais simples até aquelas de condições sociais muito boas. Prossegue dizendo: “[...] a gente fica realizada – é... Uma, uma coisa assim muito importante assim é, é... Parece uma força assim né que a gente cria – pra... Pra sobreviver até – pra sobreviver”.

Ao ser interrogada se pensa um dia em se aposentar também do trabalho voluntário E8 responde rapidamente: “Não, não... Hoje nem passa – não – eu posso assim diminuir assim – uns dias né [...]”. Prossequindo ela confessa seu envolvimento: “[...] então a gente se envolve às vezes a gente diz ah vou sai de segunda de manhã – mas depois fica pensando ah mas aí eles vão ficar precisando [...]”. E8 lamenta não poder participar da escola de mediuns na terça-feira à noite, porque nesse dia ela trabalha o dia inteiro; está na expectativa que no próximo ano tenha a escola de mediuns também em outros dias, a fim de que possa participar e estudar mais.

E8 diz que procura marcar todos os seus compromissos com antecedência, para não coincidirem com os dias em que ela vai ao Núcleo. Faltar ao trabalho no Núcleo ela classifica como: “É assim um sentimento de culpa – é... [...]”. Fala com orgulho de que nos últimos dois anos não faltou nem um dia nas segundas e terças-feiras, e que só faltou uma quinta-feira por problemas de saúde. Ela sentiu que as atividades do ano no Núcleo encerraram na semana passada (Nov/2008) e agora só

retornam em fevereiro: “[...] agora que encerra vai dando uma tristeza o coraçãozinho vai apertando sabe... – A gente fica assim Meu Deus como é que eu vou passa dois anos... Dois meses – sem...”.

Da sua família apenas ela é voluntária. E8 diz que seu marido sempre a estimula para o trabalho voluntário porque ele sabe que isso faz bem e é importante para ela. Seus filhos também não a questionam sobre toda essa dedicação. Ela procura não envolver seus familiares nessa questão: “[...] não envolvo meu marido, não envolvo meus filhos nada, eu me levanto, me arrumo, eles ficam dormindo e eu vou né – é isso eu quis pra mim [...]”. E8 revela que em 2002 foi acometida por um novo câncer, dessa vez na tireóide, mas hoje está completamente curada dos dois.

Sobre o relacionamento entre os voluntários E8 fala que é limitado muito ao ambiente interno do Núcleo, com exceção de algumas amigas mais íntimas que se reúnem socialmente há um bom tempo. Quanto ao relacionamento com os dirigentes ela diz que sempre foi de acatar as determinações superiores; isso já faz parte dela, desde quando trabalhava em sua atividade profissional. Ela revela admirar o trabalho, a responsabilidade e o compromisso dos dirigentes. E8 entende que é necessário que exista uma hierarquia dentro do Núcleo e seja respeitada. Admite que os dirigentes precisam ser enérgicos às vezes para manter a ordem, ressaltando que eles são abertos e aceitam opiniões.

Sobre o ritual de abertura e encerramento dos trabalhos E8 revela o que ocorre nesse momento: “[...] pede permissão né pra espiritualidade, pra fazer os trabalhos e faz a oração que é Pai-Nosso – geralmente é o Pai-Nosso que é para a abertura dos trabalhos e encerramento [...]”. Questionada sobre o valor desse momento para ela E8 diz:

No meu entender acho que ajuda sim – eu acho que ajuda – até eu acho assim pra ta assim né... As pessoas chegam ali... – Né – Que a gente vem de um estresse da rua né – então a gente tem que ter um equilíbrio pra conti... Pra, pra começar um trabalho com o paciente né eu acho que aquilo dali é, é o início do, do equilíbrio né.

Mais adiante E8 complementa que a cerimônia de abertura é uma forma de harmonizar o grupo, e justifica o encerramento que é feito no final dos trabalhos como: “pra gente voltar pra casa – tranquilo”.

No que se refere à reputação do Núcleo E8 diz que: “[...] ele é muito bem, bem visto em termo assim de, de ajuda as pessoas né [...]”. Ela revela que ouve

muitos depoimentos elogiando o trabalho e a atenção que é dada no Núcleo. E complementa que: “[...] num hospital não fui tratada como as pessoas são tratadas lá – então é isso que, que as pessoas – sentem né o carinho, o carisma que o Núcleo dá pras pessoas”.

E8 manifesta que a pessoa para ser voluntária precisa, em primeiro lugar, querer servir, ter assiduidade e ter compromisso. Seus depoimentos evidenciam o forte compromisso com o Núcleo:

O paciente ta lá – ele ta precisando da, da ajuda, da atenção – então se eu – se eu, se eu me comprometi a, a fazer aquele trabalho – então eu tenho que, que está disponível – todo o dia e o horário certinho + isso eu me propus a isso né – então se eu tenho – aquele horário às seis horas da manhã que está lá – eu vou está lá – eu vou está antes do paciente lá – eu saía daqui no inverno cinco e meia da manhã – né...

Percebe-se a dedicação e o envolvimento de E8, ao falar que “Algumas pessoas a gente se envolve um pouco mais né – não sei se é assim um... Uma afinidade ou... – mais atenção que a pessoa precisa [...]”. Em outras fala, a entrevistada confessa: “A gente sente né quando uma pessoa precisa mais ou não – mais um envolvimento da gente né”. Mais adiante acrescenta: “A gente chega a se emocionar porque vai pessoas muito humildes né pessoas humildes [...]”.

Entrevistado 9

E9 tem 73 anos de idade, sexo feminino, casada, grau de escolaridade primário, renda familiar mensal de 5 a 10 salários, profissão do lar, reside a 50 km do Núcleo. Entrevista realizada em sua residência na praia de Caieiras do Sul – Florianópolis.

E9 fala com orgulho que no próximo ano ela e seu marido estarão completando 50 anos de casamento. Têm apenas uma filha solteira que mora junto com eles. Sua filha não é voluntária, mas não faz qualquer crítica ao trabalho voluntário dos pais.

Sobre o motivo que levou E9 a decidir ser voluntária no Núcleo ela revela: “[...] meu marido fez uma, uma cirurgia na próstata – e ele ficou que não podia anda – andava de muleta – aí uma senhora chegou aqui na minha casa e disse assim porque que tu não leva o seu (...) lá no Núcleo [...]”. Na seqüência de sua fala ela acrescenta outro motivo: “[...] mas eu sempre tive vontade de trabalha num centro

espírita – então desde já de 9 anos eu tinha esse – esse problema com espiritual né”. Depois que seu marido passou pelo tratamento no Núcleo e ficou bom, E9 lhe disse: “[...] oh pai agora ta na vez de eu ir pro centro trabalha de voluntária – falei pra ele – daquele dia em diante eu comecei a trabalha de voluntária (...)”.

E9 trabalha há dez anos no Núcleo, sempre nas sextas-feiras à tarde. Seu serviço é no laboratório, começou limpando e lavando vidrinhos de remédio e hoje faz diversos serviços lá dentro. Conta que nos primeiros sete anos de voluntariado ela precisava pegar quatro ônibus para ir até o Núcleo e chegava às vezes a levar três horas fazendo esse trajeto, depois mais outro tanto para voltar. Seu marido foi ficando comovido com tanto esforço que ela desprendia e há três anos ele acabou resolvendo ser voluntário também. Hoje eles vão de carro, diminuindo assim o tempo de percurso de ida e volta para em torno de três horas.

As pessoas que trabalham no laboratório também fazem uma cerimônia de abertura dos trabalhos. É um pouco diferente das cerimônias feitas pelos outros grupos de trabalho voluntário porque esta inclui o passe. E9 diz qual o significado para ela:

Eu acho que a abertura a gente dá o passe pra pessoa porque tem pessoas que vem de fora, da rua – então as pessoas não tão preparadas ali pra – faze o que – serviço voluntário né – então acho que se elas recebendo aquele passe, eu acho que nós tamo à vontade – porque quem ta lá fora sempre leva coisa consigo né.

Sobre sua crença religiosa E9 diz que é o espiritismo e justifica dizendo: “porque tem muita fé neles”. E acrescenta ainda que: “[...] a gente não ta lá por um acaso mas ta lá porque... A gente gosta daquilo – tem confiança naquilo – né”. Em outro trecho da entrevista E9 revela sua crença nos valores espirituais: “Uma prece que a gente faz, uma oração acho que ajuda muito aquela pessoa”.

Como a entrevistada trabalha no laboratório auxiliando na produção de medicamentos fitoterápicos, não tendo, portanto, contato próximo dos pacientes, foi perguntado como ela vê a importância do seu trabalho. Referindo-se aos medicamentos que ajuda a produzir E9 responde: “Olha eu acho que eles são muito bom pras pessoas que procuram aquele remédio [...]”. E acrescenta depois: “[...] eu acho aqueles remédio muito bom pras pessoas – elas recebem muito carinho muito amor e parece que – uma coisa ótima pra eles”.

Mais adiante E9 volta a falar da importância do seu trabalho dizendo:

[...] acho que é importante porque eu faço pras pessoas necessitadas, eu acho que eles recebem aquilo que eu faço – eu acho que tá – sei lá – eu tô me sentindo bem, tranqüila né – eu acho que Deus tá me dando mais força ainda – pra aquilo que eu tô fazendo pras pessoa (...) necessitado.

Questionada se considera seu trabalho voluntário mais como prazer ou dever, ela responde rapidamente: “É um prazer, não tenho obrigação nenhuma de tá fazendo aquilo e eu faço como um prazer né ajuda mesmo a pessoa – que é tão bom a gente podê – ajuda um ser humano [...]”. Em outro trecho da entrevista, ela afirma novamente: “Eu tô lá porque eu gosto daquilo eu gosto e... Me sinto bem lá dentro – Me sinto ótima lá dentro”. Mais adiante, também afirma que o trabalho voluntário a faz sentir-se útil.

Ao ser inquirida sobre o que a move a percorrer toda essa distância para dedicar-se ao voluntariado, E9 responde:

Eu vou com tanto com tanto amor, tanto carinho naquilo ali que quando chega – assim sexta-feira eu falo com o pai: Hoje é o dia de nós ir pro centro pai – hoje é o dia de nós ir e não tem discussão (...) eu não tô doente nada eu (...) Meu Deus será que amanhã eu tô boa pra mim ir pó centro.

E9 só faltou dois dias ao trabalho voluntário nesse último ano, e diz o que faz quando não pode ir: “Ah! Aí eu faço uma oração em casa, eu rezo em casa né, faço as minhas orações pelos pacientes pras, pras pessoas necessitadas que tá lá – no mesmo horário que eu estou, eu sempre faço isso”. Interrogada sobre parar de ser voluntária, E9 responde: “Não... Só o dia que eu tive mesmo que eu não pude mais anda (risos) enquanto eu tive perna dá pra anda (risos)”.

Sobre o ambiente de trabalho entre voluntários, E9 diz que na sua percepção é: “Muito legal, todo mundo se dá bem ali dentro né, parece até que a gente é irmão assim de carne né assim de – porque não tem assim – discussão entre nós, não tem desavença, não tem nada entre nós assim”. Para ela, essa harmonia existe porque é comandada pela espiritualidade. E9 diz que no seu grupo é comum o elogio, inclusive elogios recebidos de pessoas de fora.

Ao comentar sobre a recente catástrofe ocorrida na região do vale do Itajaí, onde ainda existem muitas pessoas desabrigadas, E9 demonstra sua preocupação com os problemas sociais:

Mexe... Mexe muito né – aí eu rezo muito pelas pessoas – aí eu peço tanto (...) espirituais que ajude aquelas pessoas né – nossa – sei lá a gente vê tanta coisa né tanta pessoa sofrendo né – e a gente não podê chega lá na hora pra ajudá aquelas pessoa.

Entrevistado 10

E10 tem 44 anos de idade, sexo feminino, casada, segundo grau incompleto, renda familiar mensal de 1 a 5 salários, do lar e vendedora, residindo a 28 km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo.

E10 declara que foi levada por uma amiga para conhecer o Núcleo e fala sobre o motivo que a levou: “[...] eu vim pra cá – assim – infelizmente pela dor, gostaria de ter vindo por amor só, mas vim pela dor assim. Perdi meu pai [...] ele faleceu e daí eu não aceitava, não aceitava [...]”. A entrevistada fez o tratamento como paciente e fala emocionada do carinho e atenção que recebeu, e não imaginava que tudo isso não lhe custasse nada financeiramente. Então ela diz que pensou assim: “[...] faz pros outros o que tu quer que faz pra ti. Então se tu é bem recebido, tu não vai tratar ninguém a pontapé quando alguém te trata de abraço e beijo”.

Após o tratamento, E10 se preparou para trabalhar como voluntária. Já fez vários tipos de trabalhos no Núcleo, começou pelo laboratório, trabalhou na aplicação de terapias aos pacientes, e hoje trabalha nas quartas-feiras à tarde na farmácia e nas sextas-feiras à noite atendendo e encaminhando os pacientes que vão para a palestra e para receber o passe. Também participa da escola de mediuns nas terças-feiras à noite. Conta que o Núcleo foi o primeiro lugar em que ela começou a trabalhar como voluntária e onde já está há dez anos. E demonstra seu apego: “[...] quando eu entro no portão eu me sinto como se me estendessem um tapete pra mim entrar”.

E10 declara: “[...] faço isso com muuuito amor, adoro vim, tenho quatro filhos, agora tenho um netinho [...] mas assim, é programado assim sabe, eu digo faz parte mesmo da minha rotina, faz parte da minha vida [...]”. Confessa que gostaria de ir ao Núcleo mais dias por semana, mas as condições financeiras atuais da família não permitem.

A entrevistada diz que o Núcleo é seu: “[...] segundo lar, é a minha família, adoro, adoro, não consigo ver de outro jeito”. Pelas declarações pode-se observar que E10 prioriza seu trabalho voluntário acima do próprio lazer:

[..] já deixei de ir em festas – de alguém da família, de – de outros lugares, pra vim às sextas-feiras à noite aqui, pra vim às quartas-feiras à tarde – adoro, adoro, adoro, vim assim – venho – quando entro no portão esqueço –

esqueço família, esqueço tudo. Tô aqui dentro, tô aqui dentro, eu trabalho, faço meu trabalho com muita vontade, vou embora – em casa continua a minha vida normal assim, mas eu não sei, não consigo explicar porque que eu venho + talvez assim, eu penso que eu venha e que eu faço isso com muito carinho porque quando eu precisei eu fui atendida com esse carinho.

Sobre sua crença religiosa, E10 fala que era católica, sua família toda católica “fervorosa”, mas que deixou de ser católica quando perdeu o pai. Ela revela que gostava muito de seu pai, falecido novo aos 69 anos de idade e ela não aceitava a pregação da igreja católica sobre a morte. Então, após a morte do pai, E10 foi assistir às palestras do Núcleo e começou a compreender e aceitar melhor essa perda. Quando decidiu ser espírita chegou para seus familiares e falou: “Eu vou ser, vou ser espírita!”. A resistência foi imediata e uma irmã sua chegou a dizer: “Tu é louca, tu vai ser espírita!”. Mesmo com essa resistência ela decidiu ser espírita porque para ela passou a ser uma necessidade.

E10 afirma que no início de seu trabalho voluntário recebia algumas críticas de seu marido, mas com o tempo ele se tornou voluntário também e hoje vai ao Núcleo todas as sextas-feiras à noite. Ela revela que já viveu em condições financeiras muito boas no passado, mas depois de certo tempo os negócios não deram certo e hoje tem uma vida bem modesta, até com dificuldades às vezes de pagar as contas. Por isso recebe crítica de alguns familiares que acham que o dinheiro que ela gasta com o voluntariado poderia gastar com seus filhos. Ela justifica que seu gasto é pequeno, em torno de R\$ 60,00 a R\$ 80,00 por mês entre passagens de ônibus e roupas, e que ela consegue tirar esse dinheiro vendendo produtos por catálogo.

Quando nasceu sua neta, há alguns meses, E10 teve que se afastar do voluntariado por oito semanas para poder ajudar sua filha. Nunca havia ficado tanto tempo afastada do Núcleo: “[...] eu fiquei assim louca pra vim pra cá! Sabe assim – o dia que eu vim eu me libertei!”. Diante dessa afirmação, foi interrogada se o voluntariado é uma necessidade, ao que ela responde: “Sinto, sinto necessidade, sinto falta de ta aqui! Não assim porque eu venho pra cá e vou escapar de algum – problema [...] quando saio daqui eu volto problema tem – ta lá pra resolver”. E10 acrescenta ainda justificando o porquê dessa dedicação:

[...] é porque eu gosto, eu sinto falta, eu gosto de – tenho prazer de assim entregar remédio pras pessoas e ver que as pessoas tão bem! Que faz bem

pra elas assim sabe – é muito gratificante, é muito bom, não tem explicação. Só vindo, só indo ser voluntário pra ter noção do que que é.

E10 declara também que um dos motivos que a mantém voluntária é o aprendizado que encontrou no Núcleo, principalmente quanto aos seus valores de vida. Também revela que é da sua índole gostar de ajudar outras pessoas que estão em necessidade:

[...] e gosto de vim aqui, sinto prazer em vim e ajudar porque sei que as pessoas que vêm em busca – vêm assim em busca de uma saúde – de sabe – de uma coisa que não é um bem material, elas não vêm aqui buscar alguma coisa que querem ter em casa.

Mais adiante E10 demonstra novamente sua preocupação com as outras pessoas ao dizer: “[...] graças a Deus a gente vive num mundo que ainda tem quem se importe com o outro”. Ela valoriza muito as pessoas a sua volta e diz que sempre lembra das palavras ditas por sua mãe: “[...] os vizinhos fazem parte da tua família”. Mais adiante reforça essa preocupação:

[...] eu penso que – se todo país, se todo mundo fosse assim, a gente não teria tanta desgraça que tem igual se tem ainda. E assim – e aquela coisa de tu fazer tu faz – porque tu acha que é alguém precisa da tua ajuda. Mas tu não precisa fazer – pra ir na televisão e dizer que foi tu que fez – e nem pra dizer pra todo mundo que tu fez.

Quanto ao relacionamento entre os voluntários E10 fala que: “É de irmão mesmo, assim – aquele relacionamento assim que tu chega aqui – é a grande família”. Mais adiante em sua fala reforça novamente:

[...] pra mim aqui realmente é uma irmandade. Não tem noção assim – tu vê uma pessoa – nunca viu na vida e de repente tu achar que aquela pessoa faz parte de uma família tua, né?

E10 revela que não é comum a prática do elogio no Núcleo entre voluntários e dirigentes, mas mesmo assim ela percebe que seu trabalho é reconhecido principalmente pelos pacientes quando vão lá buscar seus medicamentos.

Inquirida sobre seu trabalho voluntário ser prazeroso ou um dever, E10 responde com muita espontaneidade:

Mais prazer – assim não me sinto obrigada – não que eu não deva fazer [...] eu venho assim porque me dá muito prazer em fazer esse trabalho – assim – satisfação de ver as pessoas bem pela coisa que você está fazendo que não te custa nada!

E10 demonstra que tem um grande compromisso com seu horário de trabalho voluntário e que não gosta de faltar: “[...] se eu não posso vim, eu fico preocupada –

porque eu sei que tem gente que vai vim e não vai ter quem dê o remédio [...]”. Ela se preocupa em telefonar com antecedência caso não possa ir ao Núcleo. E10 fala que se sente muito útil e dá a entender que tem muito orgulho do seu trabalho das quartas-feiras: “[...] o meu trabalho, são duas horas e meia que eu fico – mas eu sei que faz falta, se eu não vier”. Um detalhe importante é que nas quartas-feiras ela vai de ônibus para o Núcleo, demorando em torno de quatro horas para fazer o trajeto ida e volta.

Entrevistado 11

E11 tem 48 anos de idade, sexo feminino, casada, grau de escolaridade médio, renda mensal familiar 5 a 10 salários, do lar, reside a 60 km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo, após o encerramento das atividades do ano.

E11 fala que já exerceu função profissional, mas que pediu demissão quando nasceu seu filho e justifica: “[...] eu pedi demissão pra ser – mãe”. Quando seu filho completou seis anos ela deixou de dedicar-se exclusivamente a ele para tornar-se voluntária.

E11 diz como conheceu o Núcleo: “[...] quando eu cheguei aqui na casa, eu não vim pela dor – vou te ser sincera + eu vim porque a minha sogra tinha depressão [...]”. Explica que ela e o marido levaram sua mãe ao Núcleo: “[...] a gente veio nas cegas – não conhecia a casa, eu e o [...] não sabíamos nada da casa [...] aí a gente chegou – a minha sogra ela se inscreveu prum tratamento – e a gente assistiu a tal palestra [...]”. Enquanto assistia à palestra, E11 falou para seu marido: “Eu cheguei em casa”, e seu marido lhe respondeu: “É o mesmo que eu to sentindo”. Depois explicou o porquê: “[...] essa palestra que eu assisti – nesse dia – era uma palestra totalmente científica – porque até então eu não tinha vindo – eu não tinha muito processo religioso comigo [...]”. E acrescentou: “E isso foi uma consequência natural. Aí fechou a parte filosófica – científica – com o voluntariado que eu me coloquei a princípio como voluntária mesmo [...]”.

Quando começou o trabalho voluntário, E11 disse que ia todos os dias ao Núcleo, não trabalhava o dia inteiro, mas meio período, juntamente com seu marido. Segundo ela: “[...] saíamos do norte da ilha com o fusquinha (risos) – 66...”. Ela revela que depois de uns três ou quatro anos perceberam que estava ficando inviável por uma questão financeira, em função dos 120 quilômetros percorridos todos

os dias. Daí resolveram reduzir os dias de voluntariado, ficando, porém, o dia inteiro e assim diminuindo as viagens. A entrevistada já é voluntária há 14 anos e hoje trabalha nas segundas-feiras de manhã, tarde e noite e nas quintas-feiras à tarde e à noite. E11 declara que nas segundas-feiras sai de casa às cinco e pouco da manhã, para chegar no Núcleo por volta de 6h30 hs e fica até 9:30, 10 horas. Nas quintas-feiras sai de casa 11 horas da manhã e fica também até 9h30, 10 horas da noite.

E11 diz que, com alguma frequência, também vai ao Núcleo outros dias da semana, mas o que ela considera seu compromisso mesmo é na segunda e na quinta-feira: “[...] é um compromisso que eu tenho – sou muito chata com isso – e acho que nunca faltei nesses anos todos. É – não tenho acho falta – nenhuma nesses dias”. Até revela que há algum tempo atrás ela passou mal de noite em sua casa e teve que ir ao hospital para ser medicada. Mesmo assim ela não faltou e fala orgulhosa: “Foi o único dia que eu realmente tive que não faltar! (gargalhadas)”. E11 demonstra o sentimento sobre sua dedicação: “Eu acho que hoje eu me sinto útil mesmo”.

Embora quando adolescente tenha se dedicado a um grupo de jovens de um determinado centro espírita, em atividades de caridade durante uns cinco anos, E11 considera que o Núcleo foi o primeiro lugar em que trabalhou como voluntária. Mas ela demonstra que desde jovem ela tinha propensão para a causa: “[...] então aos sábados, até era engraçado, que todo mundo ia pra praia e a gente ia pro morro (risos).” Também trabalhou em outras casas espíritas antes do Núcleo, mas segundo ela: “[...] eu fazia o papel de médium”.

Quanto à crença religiosa, E11 diz: “[...] eu fui batizada na igreja católica – e respeito muito – mas lá assim – eu tinha dez anos eu já questioneei a morte [...]”. Ela não aceitava que um dia viria a perder o pai e a mãe. Então conta que aos treze anos ia sozinha tomar passe no centro espírita próximo à sua escola. Sua mãe não a obrigava a ir à missa, mas se preocupava em passar-lhe alguns valores como: “[...] a natureza é muito importante – e você tem que dizer muito obrigado, com licença, até logo, benção pai, benção mãe – jamais mexa em nada de ninguém! Aquelas coisas padrão – isso ela puxava muito!”. E11 confessa que aos dezoito anos de idade, começou a comprar livros sobre o espiritismo, mas só começou a lê-los uns três anos mais tarde e a frequentar um centro espírita.

Em sua visão, “[...] religião e voluntariado não – não tem a ver nada uma coisa com a outra – entende? Você pode ser voluntário (risos) – de qualquer coisa no mundo!”. Mas E11 admite e explica o processo que aconteceu com ela e seu marido:

Acontece que fechou com o Nosso Lar – fechou com a minha filosofia – que eu já gostava – que o que mais se aproxima do que eu acredito que é a natureza – né – é a religião que mais se aproximou da lógica pra mim – no meu ponto de vista – e ainda fechou que – tu faz o voluntariado, faz as coisas – sem precisar dizer tua religião.

E11 destaca a diferença do Núcleo com outros centros espíritas quanto ao respeito à individualidade da crença religiosa: “Aqui, por exemplo, no Núcleo Espírita, a gente tem a pessoa que ta praticando a filosofia dela, aqui kardecista, mas também pode ter outra religião”.

Ela confessa que o retorno que recebe do voluntariado é fantástico, mas isso não significa que as pessoas devam fazer voluntariado esperando retorno. Fala com sinceridade: “Eu faço porque eu quero mesmo! É um prazer que eu tenho mesmo de ser voluntária – de trabalhar aqui [...]”. E acrescenta: “Só me faz bem. É o que me mantém – sem psicotrópicos”.

Ao ser questionada se o voluntariado só lhe dá prazer ou se ela sente também um dever nisso E11 responde: “[...] não sinto obrigação nenhuma. Se eu quiser parar hoje de vim no Nosso Lar – não venho mais no Nosso Lar! Se eu quiser ir pra casa, eu vou cuidar das minhas coisas [...]”. Em sua fala mais adiante, argumenta: “Eu quando to aqui dentro eu me sinto como se eu tivesse numa praia! Eu to no – eu to bem! To confortável – Não quero ir pra praia porque já to bem aqui! Onde tu tas bem, tu tas bem! – Né?”.

E11 faz relatos sobre problemas familiares e diz que: “[...] pra mim poder suprir também essa parte familiar, energeticamente, eu preciso também – dar a minha parte – é – pra que eu chamo – pra que eu chamo de universo, né?”. E acrescenta: “Venho no Núcleo porque o Núcleo carrega as minhas baterias”, e lhe dá “[...] esse retorno muito bom [...]”. Dessa forma, continua, “[...] então eu venho, faço isso no Núcleo, faço tudo o que eu posso – com amor, com carinho mesmo né – e me sinto assim bem mais forte lá fora [...]”.

Ao entrar no assunto sobre o ambiente de trabalho e o relacionamento dos voluntários e dirigentes no Núcleo, E11 relata: “[...] seria a maior mentira dizer que

você ta dentro de uma casa espírita e todos se amam e todos são irmãos [...] não existe isso”. O argumento de E11 é que, se numa família em que as pessoas são semelhantes há atritos, imagine-se uma casa onde estão muitas pessoas e uma diferente da outra. Ela acrescenta ainda que, como a maioria dos voluntários do Núcleo foi primeiro paciente, então já entraram lá com problemas: “[...] a maioria vem com processos espirituais – no CAPC já são somatizações – doenças físicas”. No entanto, a entrevistada revela: “[...] vê isso como uma coisa natural [...]”, e cabe aos dirigentes e condutores saber lidar com essas situações, evitando a intriga e a fofoca e fazer com que “o amor prevaleça”. Acrescenta que o Núcleo tem normas claras para serem seguidas e garantem a ordem necessária. Complementa dizendo que: “Nós temos, entre aspas né, um processo espiritual que nos ampara muito, nos ajuda muito – pras pessoas que crê, né?”.

E11 diz que para algumas pessoas é importante que os outros saibam o que elas fizeram, inclusive quando se trata de caridade. E também manifesta sua visão sobre a necessidade de elogio:

Precisam muito de elogios ainda – precisam muito, muito de elogios. – Mas – o tempo é uma coisa fantástica! – Irmãos que a gente percebia – que há dez anos eram um tipo de pessoa, hoje são outro tipo de pessoa – já conseguem fazer a caridade o mais oculta possível, né? Já – não não sentem mais como obrigadas, né? As fofocas acabam se diluindo [...].

No relacionamento com os colegas voluntários E11 diz que seu método é sempre trabalhar com muito humor e engrandecer as pessoas dizendo: “[...] você é fabuloso, você é maravilhoso, você é demais – entende?”. Também procura compreender quando alguma coisa não sai a contento: “Não se preocupe – é assim mesmo! Isso faz parte! Errar é humano!”. E11 justifica sua estratégia de relacionamento ao dizer que: “Só vai conhecendo o ser humano à medida que tu vai dando – poder pra ele. – Tu vai abrindo – tu vai dizendo, aí ele vai se abrindo – tu vai dando confiança – você vai confiando se tu conhece o ser”.

Quanto à reputação do Núcleo E11 se manifesta dizendo: “[...] percebo que o Núcleo é muito acolhido – é – hoje é uma instituição bem simpática – dentro da comunidade. Entende? É respeitada”. Também ela percebe que as pessoas têm credibilidade e “[...] que algumas pessoas é – que vem aqui, se sentem muito felizes por pequenos atos que a casa pratica [...]”. Diz que nunca ouviu qualquer crítica e

que: “[...] sempre os comentários são [...] parece que ta no céu – essas coisas todas né”. Então deduz achar que o Núcleo “[...] é bem aceito pela comunidade [...]”.

E11, que começou a entrevista dizendo que é muito tímida e tem dificuldades de falar quando a conversa está sendo gravada, ao final falou: “[...] to me sentindo até meia assim – uma manezinha importante né (gargalhadas). – Muito obrigada! Muito obrigada mesmo por ter sido lembrada [...]”.

Entrevistado 12

E12 tem 47 anos de idade, sexo feminino, casada, grau de escolaridade médio, comerciante, renda familiar 5 a 10 salários, reside a 3 km do Núcleo. Entrevista realizada em seu estabelecimento comercial no Centro de Florianópolis, em horário de atendimento ao público.

A entrevistada trabalha em seu estabelecimento comercial de segunda a sexta-feira, das 6h30 às 19h30, exceto nas terças-feiras que trabalha só até 11h. Nas terças-feiras à tarde, dedica seu tempo ao trabalho voluntário no Núcleo. Seu marido também é voluntário e ele vai ao Núcleo nas quartas-feiras à tarde. Nas terças-feiras à noite ambos participam da escola de mediuns.

O trabalho de E12 nas terças-feiras no Núcleo consiste em aplicar terapias nos pacientes. Ela está satisfeita com esse trabalho, mas por estar há pouco tempo conhece poucas terapias e gostaria de aprender outras, ficando assim mais preparada para eventualmente substituir colegas que não puderem comparecer. Ela também se coloca à disposição para mudar de dia ou de horário para assim aprender mais.

Interrogada sobre o motivo pelo qual trabalha como voluntária no Núcleo, ela responde:

Olha, sempre gostei de ajudar as pessoas – e – sempre me sentia muito bem – em colaborar com alguma coisa. E na família assim – a gente – até era procurado quando alguém tinha algum com problema – pra se aconselhar, pra conversar – pelo menos pra ouvir – o problema dos outros, né? Então – já era uma coisa natural – eu sempre gostei de – de dedicar a alguma coisa que pudesse colaborar com quem estava próximo – e lá encontrei o local exato.

E12 fala que seu marido é voluntário no Núcleo há três anos e ela está somente há um ano. Diz que não começou antes porque precisava cuidar de sua avó que estava doente, e assim que ela melhorou E12 começou seu voluntariado no

Núcleo. Confessa que: “[...] é uma alegria poder trabalhar como voluntária. A gente recebe muito mais do que a gente dá em – a proporção assim é de um a dez...”. E12 tem dois filhos, já adultos, e diz que eles aceitam e dão muito apoio ao trabalho voluntário dos pais.

Tanto a entrevistada quanto seu marido foram pacientes antes de serem voluntários, ele no Núcleo e ela no CAPC. E12 conta que teve câncer há cerca de um ano e meio, iniciou lá seu tratamento, já fez cinco internações e ainda continua paciente. Diz que está melhorando: “A gente vai vencendo etapas”. Ela fala com emoção sobre a doença, o voluntariado e os benefícios recebidos:

[...] o presente que a gente ganhou, que a família ganhou, foi ter conhecido o Núcleo, mesmo pelo sofrimento, ter passado por todo aquele sofrimento, mas que depois compensou com tudo isso, que a nossa vida mudou muito muito, sabe? A satisfação com as coisas é outra – a gente tem uma maneira de encarar o mundo bem melhor – tranqüila – se vive muito melhor.

E12 se sente gratificada por fazer esse trabalho voluntário e confessa que enquanto está lá consegue superar os problemas causados pela doença que ela está enfrentando:

[...] não sente dor, você não sente cansaço, não sente assim – sabe e – sei lá! Sabe? Sente como se tivesse uma força te envolvendo e você tem capacidade pra – pegar peso, pra fazer terapia com o paciente – é – uma coisa inexplicável! Assim, sabe? É uma força que vem de dentro – e você não imagina que possa ter.

Sobre sua crença religiosa, E12 diz que foi católica durante muito tempo, foi catequista, participou de grupo de jovens, tendo ela e seu marido ajudado a construir a igreja do bairro; mas depois se afastou porque: “[...] a gente foi ficando mais adulto e a – o catolicismo não fechava com a nossa maneira de ser – sabe?” Após um tempo de afastamento da igreja católica começou, junto com seu marido, a descobrir o espiritismo. Seu marido ficou doente e ela então conta que: “[...] a gente começou tratá-lo – e começamos a descobrir, fomos ficando encantados, encantados – até que no fim (...) dentro do espiritismo – através do Núcleo”.

Quanto ao ambiente de trabalho e relacionamento com colegas, E12 considera que: “Cada pessoa tem sua maneira de ser, seu modo de pensar – mas a gente trabalha em conjunto”. Ela justifica que quando se trabalha por uma causa maior:

[...] às vezes você tem que abrir mão de uma + de – uma característica sua, de uma maneira de pensar, em prol de um – de algo maior! Acontece muitas

vezes, né? São pessoas muito diferentes, cada uma com ideais até diferentes, mas trabalhamos todos em conjunto.

E12 revela que: “Reconhecimento do trabalho sempre se tem em conjunto [...]”. Ela diz que os dirigentes sempre observam, analisam, orientam e “[...] tentam dar a estrutura que a gente precisa – e tudo dentro de uma harmonia”.

Embora E12 esteja há pouco tempo como voluntária no Núcleo, percebe-se em suas palavras que já tem a postura natural semelhante à de voluntários mais experientes:

[...] quando eu cheguei lá eu achei que eu fosse me emocionar demais com certas situações. A gente se emociona, mas dentro dum certo profissionalismo, então, porque são muitas pessoas e você não pode absorver todos os problemas que vai ficar no lugar do paciente (risos).

Em seguida, E12 acrescenta algo em sua fala que demonstra empatia:

Mas eu consigo olhar pro paciente e tratá-lo da maneira que eu gostaria de ser tratada – se eu estivesse naquele local. Sempre com carinho – bastante atenção, mas também com aquilo que ele precisa – que é – com – com uma dedicação profissional – que eles – eles vão lá não só pra ganhar carinho, eles querem que alguém resolva – entre aspas – o problema deles.

Quanto à importância da cerimônia de abertura e encerramento dos trabalhos E12 declara: “Acho muito porque é a maneira, é o momento que todos nos unimos – normalmente de mãos dadas – em prol de – algo maior”, e detalha:

Essa abertura a gente – pede permissão a Deus, à espiritualidade pra poder realizar os trabalhos – e tenta se colocar em harmonia – o grupo todo se colocar em harmonia – deixar os probleminhas que trouxe de fora deixar lá fora e a partir daquele momento trabalhar em conjunto a permissão de Deus e da espiritualidade. E no final a gente agradece – aos protetores da casa, agradece a Deus e – ao conjunto de energias que nos propiciou – realizar aqueles trabalhos.

Inquirida sobre seu trabalho voluntário, se lhe dá mais prazer ou se é um dever ela responde:

Ele dá prazer – é um prazer indescritível, a gente sente muita alegria de poder trabalhar desta – principalmente desta maneira – que é uma forma de aliviar o sofrimento das pessoas – do sofrimento físico e do sofrimento espiritual – mas a gente – eu também sinto assim que todo ser humano tem obrigação de doar um pouco de si. Como a gente tem tanto pra dar – a gente não consegue passar a mesma parte do que se tem pra doar. Então, é também uma obrigação – é muito mais prazer do que obrigação.

E12 diz que toda semana aguarda com certa ansiedade a hora de ir para o Núcleo e sempre procura chegar um pouco mais cedo do que o horário estabelecido. Revela que ela e seu marido às vezes brincam em casa que o dia do voluntariado já virou um vício: “[...] um vício muito bom [...]”, e não representa nenhum sacrifício ir ao Núcleo nesse dia. Nesse ano de voluntariado, confessou que só não pôde ir duas vezes, por problemas de saúde. Quando precisou faltar, avisou com a antecedência possível para que providenciassem outra pessoa para seu lugar.

Quanto à reputação do Núcleo, ela assevera: “Eu acho que a comunidade aceita muito bem. Quem não – não aceita é porque não conhece o trabalho. A partir do momento que conhece – você adquire um respeito muito grande”.

E12 fala a que ela atribui o sentimento percebido sobre o ambiente de harmonia, paz e tranquilidade, tanto do Núcleo como do CAPC:

Energias boas – energias, vibrações boas. Ali dentro a gente tem toda uma proteção da espiritualidade – então não tem lugar, não tem espaço pra pensamentos ruins, espaço pra energias ruins. Aqueles irmãozinhos que vêm de cima procurar alguma coisa – de bom – eles tentam se harmonizar ali dentro – e não conseguem transmitir alguma coisa negativa porque existe uma proteção – em torno da casa...

E12 revela que ainda pretende contribuir muito com seu trabalho voluntário. Afirma que quando se aposentar quer dedicar mais tempo e demonstra ter necessidade de aprender e melhorar: “Eu acho que eu tenho muito – pra passar ainda. Tenho muito que aprender também – a gente vai se lapidando lá dentro – vai aprendendo se tornar uma pessoa mais sensível, mais receptor [...]”.

Ao final da entrevista, E12 volta a falar do benefício que ela percebe no voluntariado:

Eu acho que o voluntariado é um presente que a gente ganha e não que a gente dá. Porque – ser voluntário não é ser melhor do que outro, mas você poder passar alguma coisa que você tenha sobrando – dentro de você – às vezes você nem sabe você tá – dando ao próximo. E a partir do momento que vai dar alguma coisa, você vai receber cada vez mais, vai ter sempre mais pra doar.

4.3 ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO COM BASE NO MODELO DE PENNER (2002)

Neste passo da análise dos resultados, o material empírico da pesquisa foi aplicado e analisado separadamente dentro de cada uma das três categorias (*Demográficas, Disposicionais e Organizacionais*), seguindo também as respectivas subdivisões propostas pelo próprio modelo de Penner. Além dessas categorias, foram avaliados os quesitos *Pressão Social Voluntária* e *Fatores Situacionais*, considerados pelo autor como possíveis influenciadores da decisão para “voluntariar”. Por último, foi abordada a Identidade do Papel Voluntário, responsável, segundo o autor, pela manutenção do voluntarismo contínuo.

Esta análise foi embasada no material empírico composto pelas entrevistas dos doze voluntários e pelas observações do pesquisador anotadas em seu Diário de Campo.

4.3.1 Características Demográficas

As pesquisas realizadas por Penner (2002) levaram-no à conclusão de que as *Características Demográficas* como idade, renda e educação são elementos que influenciam a decisão da pessoa para iniciar o voluntariado, podendo também influenciar o voluntário para mantê-lo por longo prazo. Por outro lado, o gênero também foi testada pelo autor, mas não comprovado.

Para facilitar a análise das características demográficas, na presente pesquisa, foi criada a Tabela 1 que permite visualizar os perfis individuais das doze pessoas entrevistadas e compará-los entre si. Com o objetivo de ampliar a análise, a Tabela 1 contempla outras características dos entrevistados, além daquelas analisadas por Penner (2002).

Na análise da Tabela 1, observa-se que no item idade, os entrevistados estão entre 41 anos (E6) e 76 anos (E2). Considerando o tempo de voluntariado desses entrevistados, observa-se que E6 começou aos 35 anos e E2 aos 71 anos de idade, ou seja, a diferença entre eles é mais que o dobro. Verifica-se ainda que outros voluntários, como E3, começou aos 33 anos, e E7, E10 e E11 começaram seu voluntariado aos 34 anos de idade, ainda jovens portanto, diferentemente da

afirmação de Lopes (2006) de que o voluntariado está bastante atrelado ao envelhecimento.

Perfil dos Entrevistados

Entrevistado	Idade	Sexo	Estado Civil	Escolaridade	Renda (SM)	Profissão	Exerce profissão?	Dias de voluntariado	Tempo de voluntariado	Cônjuge é voluntário?	Distância Núcleo / Tempo de Percurso Ida e Volta
1	52	M	Casado	Superior	< 10	aposentado	não	4*T	3 anos	Sim	10 km / 30 minutos
2	76	M	Casado	Mestrado	< 10	aposentado	não	4*T	5 anos	Sim	12 km / 40 minutos
3	51	F	Casada	Superior	< 10	func.públ.est.	func.públ.est.	2*M, 5*T	18 anos	Não (+)	10 km / 30 minutos
4	50	F	Viúva	2º grau	5	professora	profª música	3*MT, 4*TN (*)	15 anos	Prej. (+)	6 km / 25 minutos
5	54	M	Casado	2º grau	5 a 10	eletricista	eletricista autônomo	4*TN	6 anos	Sim	12 km / 30 minutos
6	41	M	união est.	pós graduado	< 10	func.públ.mun.	func.públ.mun.	3*T, 4*T	6 anos	Não	20 km / 1 hora
7	45	M	Casado	1º grau	1 a 5	motorista	motorista	2*N, 5*N, ST	11 anos	Sim	2 km / 15 minutos
8	52	F	Casada	2º grau	< 10	aposentada	não	2*M, 3*MT, 5*MT	11 anos	Não	12 km / 30 minutos
9	73	F	Casada	1º grau	5 a 10	do lar	não	6*T	10 anos	Sim	50 km / 2,5 horas
10	44	F	Casada	2º grau incompl.	1 a 5	vendedora	vend.prod.cat.	4*T, 6*N	10 anos	Sim	28 km / 4 horas
11	48	F	Casada	2º grau	5 a 10	do lar	não	2*MTN, 5*TN	14 anos	Sim	60 km / 2,5 horas
12	47	F	Casada	2º grau	5 a 10	comerciante	comerciante	3*T	1 ano	Sim	3 km / 15 minutos

Tabela 1 - Perfil dos entrevistados

Fonte: Elaborada pelo autor

(*) 6ª feiras no CAPC, de 15 em 15 dias

(+) já foi voluntário

Quanto ao nível de educação dos entrevistados, verificaram-se os mais variados: enquanto E7 e E9 apresentam níveis de escolaridade de primeiro grau, E6 tem pós graduação e E2 tem mestrado, demonstrando níveis bem distintos.

No quesito renda, também se observa uma diferença bastante grande entre os entrevistados, variando de menos de cinco a mais de dez salários a renda mensal familiar.

Não cabe qualquer análise sobre o item gênero, pois foi intencional a escolha do mesmo número de homens e mulheres para entrevistar.

Assim, não foi possível constatar que as características demográficas verificadas por Penner (2002) tenham sido determinantes para a decisão de voluntariar das pessoas entrevistadas na presente pesquisa. Para melhor verificação, deveria ser realizada análise quantitativa demográfica abrangendo uma amostra significativa.

Sem qualquer comparação com o modelo de Penner, mas apenas com o intuito de analisar outros dados pessoais dos entrevistados, uma característica semelhante observada entre eles, na Tabela 1, é o fato de serem pessoas casadas, com exceção de E4, que é viúva e E7, que embora não seja casado convive maritalmente com outra pessoa. Constata-se, também, que normalmente o cônjuge é ou já foi voluntário e não apenas o entrevistado. A característica distância/tempo deslocamento foi descartada, pois entre os voluntários entrevistados, o mais próximo

mora a 2 km do Núcleo (E7) e o mais distante a 60 km (E11); enquanto E7 demora 15 minutos para o deslocamento ida e volta, E10 demora até 4 horas, pela necessidade de depender de vários ônibus para fazer o trajeto.

4.3.2 Categorias Disposicionais

As *categorias disposicionais* se referem diretamente à pessoa, ou seja, às suas características e necessidades individuais voltadas para o voluntariado. Seguindo o modelo de Penner (2002), essa categoria é dividida em três itens, que são as *Crenças e Valores Pessoais*, a *Personalidade Pró-Social* e os *Motivos Relacionados a Voluntariado*. Foi acrescentada, ao final, uma nova categoria de fatores que emergiu dos dados, denominada pelo pesquisador de *Outros Fatores*.

4.3.2.1 Crenças e Valores Pessoais

Além da crença religiosa, o modelo de Penner (2002) contempla neste item também outras crenças e valores pessoais, mas não as especifica. Assim, optou o pesquisador pela análise apenas do fator *Religiosidade* (R), por considerar que as demais categorias disposicionais, elencadas adiante, darão a abrangência necessária para contemplar a análise.

Seguindo a análise de acordo com o modelo de Penner, as falas dos entrevistados que compõem o Quadro 5 não contemplam aquelas relacionadas a comportamentos pró-sociais, o que é tratado no item imediatamente seguinte.

Apenas E2 não declarou ser espírita. No entanto, ele revela que sua mulher e suas três filhas são seguidoras da religião espírita. E2 afirma ter estudado várias filosofias religiosas, porém mais no sentido espiritual, não se apegando a nenhuma delas. Assim, pelas falas dos entrevistados, pode-se observar que todos possuem sua crença religiosa, com forte predominância da religião espírita na linha de Allan Kardec. Ressalte-se novamente, que a pesquisa foi realizada dentro de uma casa espírita.

RELATOS DOS ENTREVISTADOS	F(*)	E(*)
“[...] eu tive respostas – para muitas coisas que aconteceram na minha vida. E aí me apeguei [...] to seguindo o rumo dessa – dessa crença religiosa – espírita”.	R	E1
“[...] evangelho segundo o espiritismo de Alan Kardec – ele – ele te transporta para – pra um patamar onde você eh – se sente compelido a seguir em frente [...]”.	R	
“[...] em princípio, não estou ligado a nenhuma – nenhuma organização religiosa”.	R	E2
“[...] fundamento de ordem espiritual – é a leitura a respeito do desenvolvimento do – do pensamento indiano – particularmente com relação ao Buda”.	R	
“[...] eu desde criança eu – eu sempre parti mais pra religião espírita [...]”.	R	E3
“Eu acredito em, né, Deus e daí na espiritualidade, né. Digamos, a gente como espírita acredita que existe uma vida espiritual”.	R	E4
“[...] sou um simpatizante do espiritismo, assim, do kardecismo, – eu simpatizo com todas as religiões em geral, – mas é... não, não, não abraço nenhuma [...]”.	R	E5
“[...] eu procurei Deus em tudo que é lugar, e hoje eu sei que Deus está em todos os lugares – e principalmente dentro de mim mesmo [...]”.	R	
“[...] hoje eu tenho uma convicção com relação a– a participar da, da concepção espírita, que é uma concepção cristã, ta ligada ao evangelho [...]”.	R	E6
“[...] eu gostei - a gente começo a lê as - as leituras do espiritismo do evangelho mais vezes assim, é o ... - (...) a codificação de Allan Kardec”.	R	E7
“[...] eu acredito né, de todo no Evangelho Allan Kardec leio, mas eu não, não estudo muito – o espiritismo tá [...] mas eu ainda gosto da de ir à missa, entendes?”..	R	E8
“A minha crença é espiritismo né, porque tem muita fé neles”.	R	E9
“[...] eu rezo muito pelas pessoas [...]”.	R	
“Eu vou ser, vou ser espírita!”.	R	E10
“[...] é a religião que mais se aproximou da lógica pra mim [...]”, referindo-se ao espiritismo.	R	E11
“[...] fomos ficando encantados, encantados – até que no fim (...) dentro do espiritismo – através do Núcleo”.	R	E12

Quadro 5 – Crenças e Valores Pessoais - Religiosidade

Fonte: Dados Empíricos

(*) F = Fatores; E = Entrevistado

A religiosidade também foi confirmada pelo pesquisador em suas observações do Diário de Campo, pois, a oração do “Pai Nosso”, bem como, pedidos e agradecimentos a Deus são rotinas na abertura dos trabalhos, durante e ao final de cada terapia e ao cabo dos turnos de trabalho. O resultado da pesquisa está de acordo com o estudo de Penner (2002) que correlacionou religiosidade das pessoas pesquisadas com voluntarismo. O próprio Penner, no entanto, faz ressalvas a essa questão, declarando ser muito arriscado afirmar que isso possa ocorrer em todas as situações.

4.3.2.2 Personalidade Pró-Social

De acordo com Penner (2002), este item compreende os aspectos de *Empatia (E)* com os outros e sentimento de *Utilidade (U)* dos voluntários com relação ao seu trabalho.

RELATOS DOS ENTREVISTADOS	F(*)	E(*)
<p>“[...] não somos mais que ninguém – nem menos, mas que – o mundo seria muito melhor se – se fizessemos aos outros o que gostaria que nos fizesse”.</p> <p>“Quando o paciente está deitado na maca – né – ah – ah – ao fazer uma terapia – ah – no nosso interior a gente coloca o – o sentimento em cima do mal estar desse paciente [...]”.</p> <p>“[...] porque sinto que estou fazendo algo de útil para meus irmãos [...]”.</p>	E E U	E1
<p>“[...] nos sentimos muito bem quando nós temos oportunidade de partilhar com os outros alguma coisa que a gente tem e pode fazer”.</p> <p>“[...] nosso esforço é no sentido que a pessoa quando entra aqui ela se sinta segura – ela se sinta querida – ela se sinta respeitada”.</p>	E/U E	E2
<p>“Muito mais do que no meu trabalho remunerado”, referindo-se ao sentimento de utilidade no voluntariado.</p> <p>“[...] a gente mentaliza coisas boas pro paciente né – que isso é o que mais conta: a parte energética [...]”.</p> <p>“[...] a gente procura fazer pra eles o que a gente gostaria que fizesse pra gente, né?”.</p> <p>“[...] a gente tem que se colocar à disposição – de – com amor – pra fazer – boa vontade – né – procurar – fazer da melhor forma que a gente pode [...]”.</p>	U E E E	E3
<p>“[...] pra ajudar, ajudar as pessoas [...]”.</p> <p>“[...] não se envolve emocionalmente, né, com os casos que apareçam, mas sempre trata da melhor maneira possível”.</p> <p>“É só a vontade interior mesmo”.</p>	E E E	E4
<p>“[...] sempre fui assim dedicado a ajudar as pessoas. Na rua, em qualquer lugar, se eu vejo um camarada com um carro parado ali, eu vou lá vê se ele não quer uma ajuda”.</p>	E	E5
<p>“[...] tratar o outro como gostaria de ser tratado [...]”.</p> <p>“[...] aí a gente acaba tendo um envolvimento muito maior com os pacientes [...]”.</p>	E E	E6
<p>“[...] eu to com uma dor – na minha nuca aqui nos meus ombros – e eu não vou deixar de – de lutar por causa disso eu não vou deixar de ajudar alguém por causa disso [...]”.</p> <p>“[...] é muito bom, muito gostoso com esse envolvimento todo que a gente tem – envolvimento de você poder – ajudar – contribuir – pela humanidade [...]”.</p> <p>“[...] a gente tem que – você tem que passar segurança ao paciente – e se eu me envolver com ele eu não vou passar segurança a ele”.</p> <p>“[...] eu fui uma pessoa que sempre tive vontade de ajudar [...]”.</p> <p>“[...] eu vi que a gente poderia ajudar de outra forma – não financeiramente, mas a gente doando a gente mesmo [...]”.</p>	U E E E E/U	E7
<p>“[...] necessitam assim muito da gente, a gente tem que dá muita atenção pra ele então aquilo pra gente ele suga a energia da gente, mas faz muito bem pra gente – né? Pra mim principalmente [...]”.</p> <p>“[...] eu me sinto muito útil – muito útil lá”.</p> <p>“[...] então a gente se envolve, às vezes a gente diz: ah, vou sair de segunda de manhã; mas depois fica pensando: ah, mas aí eles vão ficar precisando [...]”.</p> <p>“Algumas pessoas a gente se envolve um pouco mais né, não sei se é assim um... Uma afinidade ou... mais atenção que a pessoa precisa [...]”.</p> <p>“A gente sente né, quando uma pessoa precisa mais ou não – mais um envolvimento da gente né”.</p> <p>“A gente chega a se emocionar porque vai pessoas muito humildes né, pessoas humildes [...]”.</p>	U U U E E E	E8
<p>“[...] acho que é importante porque eu faço pras pessoas necessitadas [...]”.</p> <p>“[...] a gente vê tanta coisa, né, tanta pessoa sofrendo né, e a gente não podê chegar lá na hora pra ajudá aquelas pessoas”.</p>	E E	E9
<p>“[...] faz pros outros o que tu quer que faz pra ti”.</p> <p>“[...] aquela coisa de tu fazer, tu faz, porque tu acha que é alguém precisa da tua ajuda. Mas tu não precisa fazer – pra ir na televisão e dizer que foi tu que fez – e nem pra dizer pra todo mundo [...]”.</p>	E U	E10

Quadro 6 (continua)

(continuação)

“[...] então aos sábados, até era engraçado, que todo mundo ia pra praia e a gente ia pro morro (risos)”, referindo-se ao seu tempo de juventude. “Então eu venho, faço isso no Núcleo, faço tudo o que eu posso com amor, com carinho mesmo né – e me sinto assim bem mais forte lá fora [...]”.	E U	E11
“Olha, sempre gostei de ajudar as pessoas – e – sempre me sentia muito bem – em colaborar com alguma coisa”. “[...] eu consigo olhar pro paciente e tratá-lo da maneira que eu gostaria de ser tratada – se eu estivesse naquele local”.	U E	E12
“[...] às vezes, até que me derreto demais sobre os pacientes, mas eles precisam mesmo de atenção e carinho”. “Eu sinto uma alegria muito grande aqui quando ajudo outra pessoa”. “Sinto que já é necessária minha presença... se eu não for, vai sobrecarregar as outras pessoas”. “Eu estava fazendo massagem nos pés e percebi que começou escorrer lágrimas no rosto da pessoa. Eu fiquei emocionado e pra mim foi o melhor pagamento que eu poderia receber”. “São as características próprias das pessoas, já está dentro delas, elas têm uma personalidade voltada pra isso. As pessoas sentem necessidade de fazer o trabalho voluntário”.	E E U E E/U	DC

Quadro 6 – Personalidade Pró-Social

Fonte: Dados Empíricos

(*) F = Fatores; E = Entrevistado; DC = Diário de Campo

Evidencia-se nas falas dos entrevistados o forte sentimento de *Empatia* com os pacientes do Núcleo, bem assim com outras pessoas. Da mesma forma, evidenciou-se o sentimento de *Utilidade* dos voluntários no trabalho que realizam. As observações e as anotações de depoimentos no Diário de Campo confirmam as falas dos entrevistados.

Quando o pesquisador fazia suas observações de campo, chamava a atenção o carinho e a concentração dos voluntários com os pacientes em tratamento e isso despertou curiosidade. Era uma percepção que poderia indicar empatia. Então, posteriormente, nas entrevistas, essa foi uma questão que sempre mereceu destaque para saber o que ocorria na mente do voluntário naquele momento. Na análise das falas, pode-se observar que, enquanto E6, E8 e dois depoimentos do Diário de Campo denotam sentimentos de envolvimento emocional, as falas de E1, E3, E4, E7 e E12 revelam que a concentração está em cima do mal do paciente, mentalizando energias para a cura, sem o envolvimento emocional ou sentimento de piedade.

Também foi observada, em algumas falas relacionadas à empatia (E1, E3, E6, E10 e E12), a confirmação da pregação da ciência espírita, segundo Allan Kardec: “[...] fazer aos outros o que gostaríamos que fizessem por nós é a

expressão mais completa da caridade, pois resume todos os deveres em relação ao próximo” (KARDEC, 1997, p. 127).

Constata-se, assim, que a *Personalidade Pró-Social* é um atributo de todos os voluntários entrevistados, como também ocorre em outros voluntários em depoimentos registrados no Diário de Campo, confirmando então estar de acordo com o modelo de Penner (2002).

4.3.2.3 Motivos Relacionados a Voluntariado

Neste item, Penner (2002) considera como motivos relacionados a voluntariado aqueles verificados por Clary *et al.* (1998), no modelo de seis fatores, denominado Inventário de Funções Voluntárias (VFI): *Social* (S), *Valores* (V), *Carreira* (C), *Aprendizagem* (A), *Proteção* (P) e *Estima* (E). Esses seis motivos são considerados por Clary *et al.* (1998) como funções servidas por voluntariado, ou seja necessidades individuais das pessoas que são atendidas com a prestação de serviço voluntário.

RELATOS DOS ENTREVISTADOS	F(*)	E(*)	
“[...] toda essa entrega vai acabar fazendo com que nós mesmos – saíamos de lá – melhores a cada dia, porque envolve toda uma questão de aprendizado [...]”.	A	E1	
“[...] à medida que você vai ajudando outras pessoas – ah – o cosmos – parece que o cosmos fica – ele ele faz um – um movimento – de retorno daquelas energias que você passa ao outros volta pra você mesmo, e você sai fortalecido”.	V		
“[...] fazer o bem para as outras pessoas”.	V		
“[...] é que depois que você entra numa, numa – num aprendizado + seguindo o evangelho segundo Alan Kardec [...] você se melhora a cada dia, na busca de sempre fazer o melhor para teu semelhante”.	A		
“[...] estou fazendo algo de útil para meus irmãos né, e em benefício deles e ao mesmo tempo – ah me beneficiando dessa energia – que retorna – para mim – em cima desse, desse voluntariado”	E		
“Então, esse aprendizado todo me – me leva a – a ter essa motivação a a sempre estar presente no meu trabalho”.	A		
“[...] eu preciso desse trabalho”.	P		
“[...] hoje é uma necessidade [...] eu me sinto feliz em realizá-lo [...] assim que entro nas dependências do Núcleo Espírita sinto-me aliviado, sinto-me melhor como pessoa, mais energizado [...]”.	P		
“É, principalmente o que nós aprendemos aqui”.	A		E2
“É um desafio principalmente em relação a a minha personalidade – meu temperamento. Eu tenho um temperamento muito impulsivo – muito emocional [...]”.	A		
“[...] o bem estar das pessoas [...]”.	V		

Quadro 7 (continua)

(continuação Quadro 7)

<p>“[...] eu acho que a partir do Núcleo eu sou uma outra pessoa então – aprendendo coisas que tu não – não fazias [...]”.</p> <p>“[...] acho que eu tenho mais retorno do que o próprio paciente [...]”.</p> <p>“[...] o paciente ele é muito – ele é receptivo a terapia – e também ele – ele gosta de dar – um retorno pra gente – às vezes um beijo, um carinho – eles são muito – né – eles são agradecidos [...] esse é o pagamento [...]”.</p> <p>“É algo que me – me faz bem realmente!”.</p>	<p>A</p> <p>E</p> <p>E</p> <p>E</p>	<p>E3</p>
<p>“É só a vontade interior mesmo”.</p> <p>“[...] eu faço e, daí, eu gosto do nosso trabalho [...]”.</p> <p>+ E eu sempre queria, – sempre dentro de mim, eu queria trabalhar num centro voltado pra saúde [...]”.</p>	<p>V</p> <p>E</p> <p>V</p>	<p>E4</p>
<p>“[...] não é tanto desprendimento, né, porque se eu estou fazendo o bem, isso me dá uma satisfação tão grande, – que, que chega a ser até – estranho, né, dizer que eu to – que eu to tendo algum desgaste [...] que pra mim é, é só prazer [...]”.</p> <p>“A minha doação é – é muito pequena perto do que eu recebo. Isso que me – me move. Se eu pudesse, eu ficaria aqui sete dias por semana”.</p> <p>“Uma, você fazer a caridade, né – no sentido de ajuda – as pessoas que precisam, seja qual for a – a necessidade delas [...], e em segundo lugar, – que normalmente esse tipo de casa, que oferece esse tipo de trabalho, – oferece a possibilidade da, da... do voluntário, do voluntariado, também dá uma contrapartida – de ensinamento, – de, de, de abertura – religiosa + de, ou científica.”</p> <p>“O que eu queria dizer é que, – principalmente nesta casa – depois que eu vim trabalhar aqui, houve uma mudança interior muito grande – houve uma transformação interior assim que – ham – interiormente eu sou outra pessoa [...]”.</p>	<p>E</p> <p>E</p> <p>A/E</p> <p>A</p>	<p>E5</p>
<p>“[...] a idéia de – que a gente tem como espírita é do planeta como uma escola – né – então o próprio trabalho voluntário é uma, é algo que a gente ta realizando como outra oportunidade de ta aprendendo – de ta aprendendo [...]”.</p> <p>“O motivo mais forte + o motivo mais forte é a idéia de ta no caminho + é de to no caminho e eu preciso me manter no caminho”.</p> <p>“É uma necessidade minha, é uma necessidade espiritual, é uma necessidade intelectual, é uma necessidade moral, é uma necessidade... social [...]”.</p> <p>“[...] como um caminho que eu to trilhando [...], to construindo [...]”.</p>	<p>A</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>A</p>	<p>E6</p>
<p>“[...] através da leitura através do Evangelho – depois que eu comecei a trabalhar aqui – e isso vai abrindo mais a mente da gente também – então + é algo que você sente necessidade mesmo através da religião [...]”.</p> <p>“[...] a partir do momento – que você já tem um compromisso [...] a gente se modifica – né o nosso comportamento ele já vai se modificando – porque você vai aprendendo [...]”.</p> <p>“[...] o médium que é o voluntário que (...) ele pra ser um bom voluntário, um bom médium aquele que busca a sua transformação [...]”.</p> <p>“[...] é muito bom muito gostoso com esse envolvimento todo que a gente tem – envolvimento de você poder – ajudar – contribuir – pela humanidade [...]”.</p>	<p>A</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>V</p>	<p>E7</p>
<p>“[...] eu vou fazer um trabalho que gosto e ajudando os outros sem remuneração – né que é um voluntariado – então isso faz parte da, da minha vida né da, da minha... Como se fosse uma profissão”.</p> <p>“[...] porque eu não sei ficar assim dentro de casa – ta eu, eu mantenho a minha casa eu cuido da minha casa tudo, mas eu não sei ficar em casa – assim fica uma semana toda em casa sem, sem (...) sem fazer nada – é”.</p> <p>“Eu acho que é assim as pessoas, né, que a gente vai lá a gente – é, é tão importante, tem tantas pessoas assim que chegam lá necessitadas – é a gente chega fica assim emocionada [...]”.</p>	<p>E/V</p> <p>P</p> <p>V</p>	<p>E8</p>
<p>“[...] acho que é importante, porque eu faço pras pessoas necessitadas, eu acho que eles recebem aquilo que eu faço – eu acho que ta – sei lá – eu to me sentindo bem, tranqüila né – eu acho que Deus tá me dando mais força ainda [...]”.</p>	<p>E/V</p>	<p>E9</p>

Quadro 7 (continua)

(continuação Quadro 7)

“[...] faz pros outros o que tu quer que faz pra ti”. “[...] é muito gratificante, é muito bom, não tem explicação”. “[...] sinto prazer em vim e ajudar [...]”.	V E E/V	E10
“Eu faço porque eu quero mesmo! É um prazer que eu tenho mesmo de ser voluntária – de trabalhar aqui – entende – senão...”. “Só me faz bem. É o que me mantém – sem psicotrópicos”. “[...] pra mim poder suprir também essa parte familiar, energeticamente, eu preciso também – dar a minha parte – é – pra que eu chamo – pra que eu chamo de universo, né?”. “Venho no Núcleo porque o Núcleo carrega as minhas baterias [...]”. “ntão eu venho, faço isso no Núcleo, faço tudo o que eu posso – com amor, com carinho mesmo [...]”.	E/V E P A V	E11
“[...] a gente tem uma maneira de encarar o mundo bem melhor – tranquila – se vive muito melhor”. “Eu acho que eu tenho muito – pra passar ainda. Tenho muito que aprender também – a gente vai se lapidando lá dentro – vai aprendendo se tornar uma pessoa mais sensível, mais receptor [...]”. “Olha, sempre gostei de ajudar as pessoas e sempre me sentia muito bem em colaborar com alguma coisa [...] e lá encontrei o local exato”.	E A/V V	E12

Quadro 7: Motivos Relacionados a Voluntariado

Fonte: Dados empíricos

(*) F = Fatores; E = Entrevistado; DC = Diário de Campo

Embora o motivo *Valores* possa sobrepor-se aos fatores pertinentes a *Crenças e Valores Pessoais* e a *Personalidade Pró-Social*, optou-se por mantê-lo, a fim de não descaracterizar o modelo em análise.

As manifestações dos entrevistados concentraram-se em três motivos relacionados a voluntariado: *Aprendizagem*, *Valores* e *Estima*. Apenas três voluntários (E1, E8 e E11) manifestaram o motivo *proteção*, não tendo, no entanto, ocorrido isoladamente e sim junto com outros motivos revelados. Nenhum dos entrevistados fez referências aos motivos *Carreira* e *Social*, denotando que não existem motivos para voluntariar com interesses voltados para carreira profissional, como também para estabelecer relacionamentos sociais.

Quanto ao motivo *Aprendizagem*, verificou-se que se refere a um aprendizado voltado para o conhecimento e crescimento espiritual, dentro dos princípios da doutrina espírita de Allan Kardec, no sentido de mudanças interiores e melhorar-se como pessoa. O motivo *Valores* está relacionado ao altruísmo e a uma visão, no sentido de construir um mundo melhor. O motivo *Estima* envolve o sentimento dos entrevistados em gostar do que fazem, sentindo-se bem com isso.

Pelas observações do pesquisador, a Escola de Mediuns, que funciona no Núcleo todas as terças-feiras das 20h às 22 horas, e dela participam assiduamente a maioria dos voluntários, desempenha um papel fundamental no atendimento às

necessidades de *Aprendizagem*, uma vez que nela são realizados estudos bíblicos, científicos e filosóficos.

Podem-se relacionar os motivos de *Estima* e *Aprendizagem* identificados na presente pesquisa à teoria das necessidades de Maslow (1979) – *estima* e *realização*. Conclusão semelhante foi obtida no estudo de Souza, Lima e Marques (2008), ao constatar que apenas as necessidades mais elevadas eram satisfeitas com o trabalho voluntário.

Os dados da presente pesquisa revelam que pelo menos um dos motivos relacionados a voluntariado está presente nos entrevistados, confirmando assim o modelo de Penner (2002).

4.3.2.4 Outros Fatores

Da análise do material empírico emergiram outros *fatores*, não contemplados nas *categorias disposicionais* do modelo de Penner (2002), denominados aqui pelo pesquisador de sentimentos de *Satisfação* (S), *Prazer* (P) e *Dever* (D), decorrentes do trabalho voluntário.

RELATOS DOS ENTREVISTADOS	F(*)	E(*)
“[...] foi um chamamento na verdade, foi um chamado né – para que eu fosse trabalhar com voluntariado – e – e to me sentindo super bem”.	S	E1
“[...] a gente aprende se não for – pelo amor a gente aprende pela dor”.	D	
“Nós somos eh – contribuintes e trabalhadores pra essas pra essas entidades como um princípio de vida”.	S	E2
“[...] isso aqui é – é realmente é o nosso princípio fundamental, a gente tá aqui porque se sente muito bem”.	S	
“Ele me dá mais prazer do que dever [...]”.	P	E3
“[...] este compromisso que eu – que eu adquirir acho que – comigo mesma – com a espiritualidade – né com a minha família em si – até pra dar exemplo [...] eu acho que essa é a minha missão [...]”.	S	
“[...] é uma coisa que – eu acho, assim, que nasce dentro da gente, já – né? Porque, por exemplo, ninguém foi me dizer: você tem que ser voluntária [...]”.	S	E4
“+ Obrigação não, nem dever. É como um prazer. – Eu não vejo como um dever. Ah! Eu tenho que ir, né? Não. É prazer [...]”.	P	
“[...] eu acredito que eu tenho que dar a minha parcela lá, também [...]”.	D	E5
“[...] a idéia de – que a gente tem como espírita é do planeta como uma escola – né – então o próprio trabalho voluntário é uma, é algo que a gente tá realizando como outra oportunidade de tá aprendendo [...]”.	S	E6

Quadro 8 (continua)

(continuação)

“Trabalhando, nós temos que dar o exemplo para o paciente [...]”. “[...] eu vejo assim como uma forma – é um prazer meu de poder – dar alguém que ta necessitando [...]”.	D P	E7
“É assim a minha vida não, não tem acho mais sig... Muito significado se eu não for ou lá ou em outro lugar ajudar as pessoas, entende? [...]”.	S	E8
“É um prazer né, – eu acho assim que fosse uma obrigação um dever eu não me acordava uma segunda-feira de manhã às cinco e meia pra ir pra lá, né? [...]”.	P	
“É um prazer, não tenho obrigação nenhuma de ta fazendo aquilo e eu faço [...]”.	P	E9
“Eu to lá porque eu gosto daquilo eu gosto e... Me sinto bem lá dentro – Me sinto ótima lá dentro”.	P	
“[...] quando eu entro no portão, eu me sinto como se me estendessem um tapete pra mim entrar”.	S	E10
“Mais prazer – assim não me sinto obrigada – não que eu não deva fazer [...] eu venho assim porque me dá muito prazer em fazer esse trabalho – assim – satisfação de ver as pessoas bem [...]”.	P	
“[...] fechou com a minha filosofia – que eu já gostava – que o que mais se aproxima do que eu acredito que é a natureza [...]”.	S	E11
“Eu faço porque eu quero mesmo! É um prazer que eu tenho mesmo de ser voluntária – de trabalhar aqui, entende, senão...”.	P	
“[...] eu também sinto assim que todo ser humano tem obrigação de doar um pouco se si”.	D	E12
“[...] é muito mais prazer do que obrigação”.	P	
“Eu acho que o voluntariado é um presente que a gente ganha e não que a gente dá”.	S	
“Sinto prazer no que faço [...]”.	P	DC
“Todo processo de doação é extremamente gratificante e realizador”.	S	
“Não há paga para esse trabalho que a gente faz”.	S	
“Isso aqui é extremamente gratificante; não há dinheiro que pague”.	P	

Quadro 8 – Outros Fatores

Fonte: Dados Empíricos

(*) F = Fatores; E = Entrevistado; DC = Diário de Campo

As manifestações dos entrevistados, acrescidas das observações anotadas no *Diário de Campo* do pesquisador, reforçam as evidências de mais esses fatores das *categorias disposicionais* presentes nos voluntários do Núcleo.

4.3.3 Categorias Organizacionais

Esta categoria é decomposta por Penner (2002) em dois itens: *Atributos e Práticas Organizacionais* e *Relacionamento com a Organização*.

4.3.3.1 Atributos e Práticas Organizacionais

Para o autor, os *Atributos e Práticas Organizacionais*, quando percebidos externamente, podem influenciar a pessoa na tomada de decisão para tornar-se

voluntária, bem como na continuidade do voluntariado, ao se confirmarem nas práticas reais do dia dentro da organização. Esse item, de acordo com o autor, abrange a *Reputação* (R), os *Valores* (V) e as *Práticas* (P) organizacionais do dia-a-dia, que serão considerados pelo pesquisador como *fatores* de análise.

RELATOS DOS ENTREVISTADOS	F(*)	E(*)
“[...] a minha esposa tinha feito um tratamento – alguns anos antes né – onde ela também falou muito bem né da – dessa, desse tratamento [...]”.	R	E1
“[...] é um ser humano que entrou aqui, esse ser humano é irmão e vai receber o tratamento que qualquer um outro receberia”. “[...] é o ponto de vista filosófico que eu vejo com maior força aqui”. “[...] as referências que a gente tem são bastante positivas”. “[...] maior do que a imagem que ele tem”, referindo-se ao trabalho que é realizado no Núcleo. “[...] há uma uma boa compreensão do trabalho do do Nosso Lar.”	V P/V R P R	E2
“Acredito. Com certeza”, referindo-se ao trabalho que é realizado no Núcleo. “Mas, eu não digo assim que tem a ver com energia, com pessoas não – acho que tem a ver com o Núcleo, assim – sabe tem a ver com a espiritualidade, tem a ver com – o trabalho [...]”. “Ele cria um campo energético né – espiritual né – eu acho que isso é necessário, [...] cada um chega com um tensor diferente da rua né [...] a hora que a gente chega aqui a gente tem que procurar de se harmonizar [...]”, referindo-se ao ritual da abertura dos trabalhos. “[...] ah – ah tu trabalha lá no Núcleo! Ah aquilo lá é uma maravilha! Aquilo lá meu Deus tem uma energia – é maravilhoso!”, referindo-se ao que as pessoas dizem quando fala que trabalha no Núcleo. “[...] a grande missão do Núcleo é a saúde – pública de uma maneira geral né?”.	P P P R R/P	E3
“[...] abrir os olhos do paciente pra que ele veja a sua transformação, o que ele precisa melhorar, melhorar dentro de si [...]”, referindo-se à missão do Núcleo. “[...] o que eu admiro dentro do Núcleo é isso – né, essa visão do, do, do trabalhar o ser humano”. “[...] como uma casa espírita, provavelmente existem os que são contra, né”.	P P/V R	E4
“É a hora, é a hora, é a hora que se, que se, que todos se põem em – à disposição – vamos dizer assim – em grupo – não individualmente”, manifestando-se sobre o ritual de abertura dos trabalhos. “[...] um trabalho, assim, que, que – nos obriga a ter fé mesmo sem ter, porque o resultado, – o resultado do que é feito, – o resultado que aparece depois – é – é obrigado a pessoa a ter fé, né”. “[...] normalmente esse tipo de casa, que oferece esse tipo de trabalho, – oferece a possibilidade da, da... do voluntário, do voluntariado, também dá uma contrapartida – de ensinamento, – de, de, de abertura – religiosa + de, ou científica”. “[...] é altamente conceituado”, referindo-se ao Núcleo. “[...] por motivos, às vezes, até religiosos são contra [...]”, referindo-se a alguns críticos do Núcleo.	P P P R R	E5
“[...] eu precisava novamente de um novo chão – e – encontrei o Núcleo, vim no Núcleo, vim como paciente [...]”. “[...] trabalho voluntário, ele, no nosso caso aqui, ele é – ele tá dentro de um contexto mais amplo [...]”. “[...] todas as, as, as – as colocações que são feitas – que eu já ouvi são sempre positivas – né, sempre positivas [...]”. “A grande... É... Intervenção é aqui mesmo na, na região – isso no plano físico – mas se tu for – observa no plano espiritual nós estamos envolvidos – numa geografia muito mais ampla, entende?”.	P P R V/P	E6

Quadro 9 (continua)

(continuação Quadro 9)

<p>“Na hora da abertura se lê o Evangelho – isso é muito importante a abertura dos trabalhos – porque a gente vai estar lá [...] então a gente faz uma oração – aí onde a gente começa pra toda a harmonia no ambiente [...]”.</p> <p>“[...] e o fechamento também, ele é importante porque nós vamos agradecer – à espiritualidade – por ter dado todo o apoio – ao trabalho, [...] tem que ter uma estrutura espiritual [...]”.</p> <p>“[...] são bem vistos em bons olhos [...]”.</p> <p>“[...] a gente ouve falar muito bem aqui [...]”, existem alguns que dizem: “[...] lá é coisa de macumba [...]”.</p> <p>“[...] os dirigentes passam né – as medidas de trabalho que tem que se feita como você atender o paciente como se direcionar ao paciente o que você falar para o paciente [...]”.</p>	<p>P</p> <p>P</p> <p>R</p> <p>R</p> <p>P</p>	<p>E7</p>
<p>“[...] pede permissão né pra espiritualidade, pra fazer os trabalhos e faz a oração que é Pai-Nosso – geralmente é o Pai-Nosso que é para a abertura dos trabalhos e encerramento [...]”.</p> <p>“No meu entender acho que ajuda sim [...] a gente vem de um estresse da rua né – então a gente tem que ter um equilíbrio pra conti... Pra, pra começar um trabalho com o paciente [...]”.</p> <p>“[...] ele é muito bem, bem visto em termo assim de, de ajuda as pessoas né ele é... [...]”, referindo-se ao Núcleo.</p> <p>“[...] num hospital não fui tratada como as pessoas são tratadas lá – então é isso que, que as pessoas – sentem né o carinho, o carisma que o Núcleo dá pras pessoas”.</p>	<p>P</p> <p>P</p> <p>R</p> <p>V</p>	<p>E8</p>
<p>“Eu acho que a abertura a gente dá o passe pra pessoa, porque tem pessoas que vêm de fora, da rua – então as pessoas não tão preparadas ali pra – fazer o que – serviço voluntário, né? [...]”.</p>	<p>P</p>	<p>E9</p>
<p>“[...] quando eu entro no portão, eu me sinto como se me estendessem um tapete pra mim entrar”.</p>	<p>R</p>	<p>E10</p>
<p>“Aqui, por exemplo, no Núcleo Espírita, a gente tem a pessoa que tá praticando a filosofia dela, aqui kardecista, mas também pode ter outra religião”.</p> <p>“Nós temos, entre aspas né, um processo espiritual que nos ampara muito, nos ajuda muito – pras pessoas que crê, né?”.</p> <p>“[...] percebo que o Núcleo é muito acolhido – é – hoje é uma instituição bem simpática – dentro da comunidade. Entende? É respeitada”.</p> <p>“[...] que algumas pessoas é – que vêm aqui, se sentem muito felizes por pequenos atos que a casa pratica [...]”.</p> <p>“[...] sempre os comentários são [...] parece que tá no céu – essas coisas todas, né?”, referindo-se ao Núcleo.</p>	<p>P/V</p> <p>P</p> <p>R</p> <p>P</p> <p>R</p>	<p>E11</p>
<p>“Acho muito, porque é a maneira, é o momento que todos nos unimos – normalmente de mãos dadas – em prol de – algo maior [...]”, referindo-se ao ritual de abertura dos trabalhos.</p> <p>“Essa abertura a gente – pede permissão a Deus, à espiritualidade pra poder realizar os trabalhos – e tenta se colocar em harmonia – o grupo todo se colocar em harmonia – deixar os probleminhas que trouxe de fora [...]”.</p> <p>“E no final a gente agradece – aos protetores da casa, agradece a Deus e – ao conjunto de energias que nos propiciou – realizar aqueles trabalhos”.</p> <p>“Eu acho que a comunidade aceita muito bem. Quem não – não aceita é porque não conhece o trabalho. A partir do momento que conhece, você adquire um respeito muito grande”.</p> <p>“Energias boas – energias, vibrações boas. Ali dentro, a gente tem toda uma proteção da espiritualidade; então não tem lugar, não tem espaço pra pensamentos ruins, espaço pra energias ruins”, sobre o sentimento percebido do ambiente do Núcleo e CAPC.</p>	<p>P</p> <p>P</p> <p>P</p> <p>R</p> <p>P</p>	<p>E12</p>

Quadro 9 (continua)

(continuação do Quadro 9)

<p>“Eu melhorei por causa disso aqui”, referindo-se ao Núcleo. “Pra trabalho dessa grandeza tem aquele local [...]”. “Fiz dois tratamentos no CAPC e depois disso comecei me sentir bem, então me ofereci para trabalhar aqui”. “Estou me sentindo ótimo, acho que a casa aqui tem algo muito bom que irradia sobre a gente. Isso me faz muito bem”.</p>	<p>R R R P/R</p>	<p>DC</p>
---	------------------------------	-----------

Quadro 9– Atributos e Práticas Organizacionais

Fonte: Dados Empíricos

(*) F = Fatores; E = Entrevistado; DC = Diário de Campo

Com exceção de E9, todos os demais entrevistados se manifestaram quanto ao fator *Reputação* do Núcleo, reconhecendo que existe uma imagem externa positiva sobre os trabalhos lá realizados, e seus resultados são reconhecidos. Em algumas falas de entrevistados (E4, E5 e E7), foram feitas observações reconhecendo que existem críticas ao trabalho realizado no Núcleo, pelo fato de se tratar de uma casa espírita, à qual algumas pessoas têm restrições. Os dados empíricos também revelam que todos os entrevistados tiveram contatos anteriores com o Núcleo e/ou CAPC, seja em tratamentos para si próprios (E1, E2, E3, E6, E7, E8, E10 e E12) ou para familiares seus (E4, E5, E9 e E11).

Dessa forma, há evidências de que a *Reputação* do Núcleo pode ter influenciado o voluntarismo inicial dos entrevistados, estando de acordo com o modelo de Penner (2002).

As manifestações com relação ao fator *Valores*, atribuído ao Núcleo, remetem ao respeito pela forma de tratamento dispensado às pessoas e à sua saúde, independentemente de crença religiosa, raça, cor ou classe social.

Como *Prática organizacional*, destaca-se a crença dos entrevistados de que a filosofia do trabalho realizado no Núcleo tem como objetivo maior a saúde física, mental e emocional das pessoas. Outra *Prática* que chama especial atenção está nas falas dos entrevistados (E3, E5, E7, E8, E9, e E12), referindo-se aos rituais de abertura e encerramento dos trabalhos, quando os voluntários se reúnem fazendo as orações, pedidos e agradecimentos a Deus. Tal *prática* também foi observada pelo pesquisador e anotada em seu Diário de Campo.

A Escola de Médiuns, já referida anteriormente, encaixa-se aqui como uma das *práticas* do Núcleo Espírita Nosso Lar. Dos doze entrevistados, apenas E8 e E9 não participam dos encontros de terça-feira à noite, e justificam o porquê de suas ausências. E8 trabalha no Núcleo das 6h às 18h, nas terças feiras, e diz não

participar da escola porque está muito cansada das atividades do dia; ela tem a expectativa de que, em 2009, a escola de médiuns funcione em mais dias da semana, ensejando sua participação. E9 justificou não participar por morar muito distante do Núcleo (50 km), e seu marido não dirige à noite, impossibilitando-a assim de participar.

Constata-se assim, pelas falas dos entrevistados e observações do pesquisador, que os *Atributos e Práticas Organizacionais* do Núcleo influenciaram na decisão de se tornarem voluntários e também influenciam o voluntariado contínuo, estando de acordo com o modelo de Penner (2002).

4.3.3.2 Relacionamento com a Organização

O *relacionamento com a organização* refere-se à *Satisfação* (S) do voluntário com o seu trabalho e ao *Tratamento* (T) recebido da organização, constituindo assim os dois fatores analisados pelo pesquisador. Para Penner (2002), o *relacionamento com a organização* não está atrelado à decisão para voluntariar; no entanto, por envolver o dia-a-dia do voluntário com a organização, pode vir a afetar o voluntarismo inicial e a continuidade do voluntariado.

RELATOS DOS ENTREVISTADOS	F(*)	E(*)
“O relacionamento é super amistoso. É um relacionamento de amor, de irmandade, tanto é que nos tratamos como irmãos [...]”. “[...] uma que outra vez, durante o – o início dos trabalhos ou término dos trabalhos, os voluntários são – são valorizados né – e elogiados também, mas não individualmente – como grupo, como equipe”. “[...] as pessoas se recebem com abraços, sorrindo [...] – é um clima bastante – de bastante irmandade, fraternal mesmo [...]”.	S/T T S	E1
“[...] é um relacionamento bem bem próximo daquilo que a gente tem em casa, sabe, é um relacionamento familiar”. “[...] de uma maneira geral, as pessoas demonstram admiração pelo trabalho dos outros, não só meu, mas dos outros assim”. “Nós podemos ter nossas divergências, eu faço a coisa de um jeito, outro faz de outro jeito, eu tenho que respeitar que o outro tá fazendo daquele jeito [...]”.	T S T	E2
“[...] não não tem muito essa coisa de elogiar, não!” “Acho que aqui dentro nós não precisamos disso – né – acho que não precisa – a gente veio aqui pra fazer aquilo – então, a gente vem pra fazer o melhor possível!”, referindo-se ao elogio. “O reconhecimento existe; ele não precisa ser anunciado assim, né? Mas a gente sente que o trabalho da gente é importante – que eles valorizam o trabalho [...] não precisa dizer – que tá intrínseco né – ta implícito no – ta implícito [...] eu acho que no momento que – que um dirigente né – que é o responsável no caso – que dá uma – uma atividade pra fazer – e acredita no teu trabalho – acho que isso é uma forma de ver que tu ta – que tu tens condições de fazer – eu vejo por aí”.	T T T	E3

Quadro 10 (continua)

(continuação do Quadro 10)

<p>“Na minha visão, eu, por exemplo, nos meus dias – é tranquilo como tu vê, né?”.</p> <p>“[...] a melhor equipe não é aquela que tem que ser perfeita, mas um tem que entender os defeitos dos outros [...]”, referindo-se aos dizeres de um mural interno.</p>	<p>S</p> <p>T</p>	E4
<p>“[...] uma irmandade”.</p> <p>“[...] são pessoas – é – assim, é uma integração muito grande, pelo menos do nosso grupo, né”.</p> <p>“[...] o tratamento é de igual pra igual [...]”.</p>	<p>T</p> <p>S/T</p> <p>T</p>	E5
<p>“De modo geral – não existe, existe muito pouco problema – não vamos dizer que não tem problema nenhum, porque na verdade aqui é a Terra [...]”.</p> <p>“[...] as pessoas com o tempo vão se – vão se conhecendo, vão criando uma intimidade, vão criando uma cumplicidade [...]”.</p>	<p>T</p> <p>T</p>	E6
<p>“É muito bom”, referindo-se ao ambiente de trabalho.</p> <p>“[...] a gente chega aqui a harmonia é diferente, né? Então você chega, você respeita o ambiente e você respeita aqueles que estão ao seu lado [...]”.</p> <p>“[...] é muito importante, porque a partir do momento que nós todos estamos bem – o trabalho fica bem melhor [...]”, referindo-se ao comportamento do grupo.</p> <p>“[...] aqui não trabalhamos muito com elogio [...]”.</p> <p>“[...] o elogio às vezes estraga a pessoa [...]”, pois pode dar dupla interpretação, alguns acharem que fizeram o máximo e outros entenderem que da próxima vez precisarão dar mais.</p>	<p>S</p> <p>S/T</p> <p>S</p> <p>T</p> <p>T</p>	E7
<p>“Eu assim admiro muito, entende, que admiro assim as pessoas – que, que fazem essa parte toda [...]”, referindo-se aos dirigentes.</p> <p>“Assim os trabalhadores eu também me dou... Não tenho, não tenho queixa assim porque – a gente sabe que pra... Pra lidar com pessoas, né, é difícil [...]”.</p>	<p>S/T</p> <p>T</p>	E8
<p>“Muito legal, todo mundo se dá bem ali dentro [...] não tem assim – discussão entre nós, não tem desavença, não tem nada entre nós assim”.</p>	T	E9
<p>“É de irmão mesmo, assim – aquele relacionamento assim que tu chega aqui – é a grande família”.</p> <p>“[...] pra mim aqui realmente é uma irmandade. Não tem noção assim – tu vê uma pessoa – nunca viu na vida e de repente tu achar que aquela pessoa faz parte de uma família tua, né?”.</p>	<p>T</p> <p>T</p>	E10
<p>“[...] seria a maior mentira dizer que você tá dentro de uma casa espírita e todos se amam e todos são irmãos [...] não existe isso”, referindo-se ao ambiente e comparando-o com o de uma família onde também existem os normais desentendimentos.</p> <p>“[...] você é fabuloso, você é maravilhoso, você é demais – entende?”, referindo-se à forma como trata os colegas voluntários.</p>	<p>T</p> <p>T</p>	E11
<p>“Cada pessoa tem sua maneira de ser, seu modo de pensar, mas a gente trabalha em conjunto”.</p> <p>“[...] às vezes, você tem que abrir mão de uma + de – uma característica sua, de uma maneira de pensar, em prol de um – de algo maior!</p> <p>“Reconhecimento do trabalho sempre se tem em conjunto [...]”.</p>	<p>T</p> <p>T</p> <p>T</p>	E12

Quadro 10 (continua)

(continuação do Quadro 10)

“Mas aqui é um ambiente que transmite muita paz”.	S	DC
“Isso aqui é muito bom”	S	
“Aqui eu me sinto bem”.	S	
“Que pena que hoje é o último dia do ano que a gente trabalha aqui, só vamos nos ver em fevereiro”.	S	
“Aqui tem muito calor humano”.	S	
“Embora a irmã responsável seja enérgica algumas vezes, todos a respeitam e gostam muito dela, porque ela é uma pessoa justa, e quando pode brincar, brinca com todos e permite um ambiente muito descontraído”.	T	
“Isso significa que não há diferenças entre eles, pelo contrário, com frequência, percebe-se maneiras diferentes de realizar as tarefas, mas sempre há compreensão das partes e respeito pela forma que cada um desenvolve seu serviço”.	T	

Quadro 10 – Relacionamento com a Organização

Fonte: Dados empíricos

(*) F = Fatores; E = Entrevistado; DC = Diário de Campo

As falas dos entrevistados concentraram-se principalmente no fator *Tratamento*. O tratamento a que os entrevistados se referem relaciona-se mais à consideração existente entre eles, cada um conhecendo seus limites e respeitando os dos outros. Embora existam manifestações (E2, E6, E8 e E11) sobre certas diferenças ou dificuldades que surgem no convívio diário, esses próprios entrevistados as reconhecem como normais, comparando-as inclusive a situações familiares rotineiras (E11). De maneira geral, os entrevistados reconhecem seu ambiente de trabalho como uma irmandade (o tratamento entre eles é de “irmão, irmã”).

O elogio ou reconhecimento individual pelo trabalho realizado não é comum no Núcleo, e isso também não é algo necessário, reivindicado ou valorizado pelos voluntários entrevistados. E1 destaca que o elogio às vezes acontece em grupo, porém nunca individualmente. E3 diz que para ele o reconhecimento não precisa ser explícito, pois o simples fato de lhe terem confiado aquela tarefa já é um reconhecimento de sua capacidade.

Embora apenas parte dos entrevistados tenham se manifestado sobre o fator *satisfação*, os depoimentos e anotações do Diário de Campo demonstram que a satisfação percebida é também um elemento forte entre eles. Por outro lado, é possível também deduzir que uma manifestação positiva sobre o *tratamento* recebido pode supor alguma *satisfação*.

Constata-se, assim, que, pelo tratamento recebido e satisfação manifestada, o *Relacionamento Organizacional* é bom entre os voluntários do Núcleo,

confirmando então o modelo de Penner (2002). Contudo, os fatores referentes ao *Relacionamento Organizacional* estão mais relacionados à motivação extrínseca, e para afirmar que de fato influenciam a continuidade do voluntariado seria necessário efetuar pesquisa específica a respeito.

4.3.4 Pressão Social

A pressão social, da forma expressada por Penner (2002), que é aquela pressão explícita ou implícita, percebida pela própria pessoa em seu ambiente familiar ou social para tornar-se um voluntário, não foi manifestada pelos entrevistados. No item deste estudo que trata das *características dos entrevistados*, ficou bastante evidente o apoio familiar recebido como estímulo para continuidade do trabalho voluntário.

4.3.5 Fatores Situacionais

Para Penner (2002), fatores situacionais são eventos de grande repercussão pública, que podem sensibilizar as pessoas e influenciá-las na tomada de decisão para o voluntariado. Na presente pesquisa, não foram identificadas situações que tenham influenciado a decisão dos entrevistados para iniciar seu trabalho voluntário. O próprio autor reconhece que fatores de situação são menos influentes do que as demais categorias em discussão. No entanto, no item seguinte será apresentado um fator novo, característico dos voluntários da instituição analisada.

4.3.6 Pacientes na Instituição

Este item foi acrescentado pelo pesquisador por ter sido um dado identificado na pesquisa e não tratado no modelo de Penner (2002).

Uma característica marcante verificada entre os entrevistados e que precedeu ao início do seu voluntariado foi o fato de eles próprios (E1, E2, E3, E6, E7, E8, E10 e E12), ou familiares seus (cônjuge de E4, E5, E9 e sogra de E11), terem sido primeiramente pacientes no Núcleo ou no CAPC. Embora esta seja uma constatação real, apenas E8 e E10 manifestaram claramente ter sido esse o motivo de iniciar o voluntariado. E8 diz: “É... Eu tive a minha doença eu tive um câncer [...]”

e E10: “[...] eu vim pra cá – assim – infelizmente pela dor, gostaria de ter vindo por amor só, mas vim pela dor assim. Perdi meu pai [...] ele faleceu e daí eu não aceitava, não aceitava [...]”. O relato de E10 remete ao lema do Núcleo que é: “Servir por amor ou servir pela dor”. Daí percebe-se que entre os voluntários é uma questão de orgulho ter começado seu trabalho voluntário *por amor* e não *pela dor*.

Também observa-se entre os entrevistados que apenas E5 foi voluntário em outra instituição antes do Núcleo. Apesar dos diversos motivos relatados acima pelos entrevistados, o fato que caracterizou o início do voluntariado de todos eles no Núcleo foi terem passado (eles próprios ou familiares seus), anteriormente, pela situação de pacientes. Fica evidenciado que, se não fossem acometidos pela dor, talvez não tivessem ainda iniciado seu voluntariado. Por serem teorias gerais, tanto as pesquisas de Clary *et al.* (1998) quanto Penner (2002) não mencionam situações semelhantes.

Característica semelhante foi identificada na pesquisa de Souza *et al.* (2003), em voluntários dedicados ao atendimento de pacientes com câncer, na qual constataram que 95% dos voluntários brasileiros e 83% dos portugueses tiveram antecedentes com a doença, eles mesmos ou familiares.

4.3.7 Identidade do Papel Voluntário

A identidade do Papel Voluntário compreende a forma como o voluntário se identifica e interioriza seu trabalho voluntário junto à organização. Penner (2002) diz que o voluntário que tem uma identidade forte em seu trabalho, o levará ao voluntarismo contínuo. Para avaliar este item, buscaram-se as falas sobre *Envolvimento* (E), sobre o *Compromisso* (C) de continuar como voluntário e não faltar, e ainda a *Admiração*, o *Respeito* e a *Identificação* (I) com o Núcleo, constituindo assim os devidos *fatores* de análise.

RELATOS DOS ENTREVISTADOS	F(*)	E(*)
“[...] eu preciso desse trabalho”. “[...] hoje é uma necessidade [...] eu me sinto feliz em realizá-lo [...] assim que entro nas dependências do Núcleo Espírita sinto-me aliviado, sinto-me melhor como pessoa, mais energizado [...]”.	I E	E1

Quadro 11 (continua)

(continuação Quadro 11)

<p>“[...] nosso esforço é no sentido que a pessoa quando entra aqui ela se sinta segura – ela se sinta querida – ela se sinta respeitada”.</p> <p>“[...] a gente tá aqui porque se sente muito bem”.</p> <p>“[...] é religioso isso pra nós”, referindo-se ao compromisso de não faltar.</p>	<p>I</p> <p>I</p> <p>C</p>	<p>E2</p>
<p>“[...] quando eu conheci o Núcleo – fiquei com vontade de participar como voluntário [...]”.</p> <p>“[...] de dez anos pra cá, eu já passei cinco anos sem faltar nenhum dia – desses meus dias”. E agora diz: “Não consigo me ver fora daqui”.</p> <p>“[...] eu acho que não saberia mais viver sem esse trabalho [...] não me vejo fora dele”.</p> <p>“E eu gosto muito do trabalho que eu faço aqui”.</p> <p>“[...] quando eu me aposentar eu até pretendo vir outros dias [...]”.</p> <p>“[...] isso aqui é uma continuidade da minha casa...”</p> <p>“É um compromisso assumido – é – é um compromisso que assumi comigo mesma + com a espiritualidade, com a direção do Núcleo [...]”.</p> <p>“Ah, eu fico muito indignada comigo mesmo – sei lá porque – eu pra não vir só se estiver doente [...]”, a respeito do sentimento quando não pode ir ao Núcleo.</p> <p>“Muito ++ muito muito muito + de tudo o que faço aqui eu gosto!”.</p> <p>“[...] eu venho, saio de casa, pra vir pro Núcleo, então não importa se hoje eu vou – atender paciente, se vou operar, se vou – se vou fazer terapia, se vou ficar no corredor, se vou energizar água, não importa, entende? Eu venho pra fazer o que for – pra fazer.”</p> <p>“É algo que me – me faz bem realmente!”.</p> <p>“[...] agora se eu não tiver aqui – meu pensamento tá aqui [...]”.</p> <p>“[...] o trabalho que me gratifica realmente – é – não consigo viver sem – não consigo me imaginar – fora do Núcleo [...]”.</p>	<p>I</p> <p>C</p> <p>E</p> <p>I</p> <p>E</p> <p>I</p> <p>C</p> <p>C</p> <p>I</p> <p>E</p> <p>I</p> <p>E</p> <p>E/C</p>	<p>E3</p>
<p>“[...] quando eu dei o meu nome, eu (...), eu sabia, aí eu assumi aquilo como um compromisso [...]”.</p> <p>“[...] esses dias que eu estou aqui eu sou responsável pelo meu trabalho – pelas pessoas que estão aqui, pelos pacientes que vem aqui – né, então, eu já sei, é um compromisso”.</p> <p>“[...] eu chego aqui seis e meia da manhã, não falto o ano inteiro [...]”.</p> <p>“Só numa emergência, né, em caso de doença e quando você realmente não pode mudar, uma coisa séria, uma reunião, como já aconteceu”, referindo-se a faltar ao trabalho voluntário.</p> <p>“Até – não der mais, por enquanto eu não penso em sair – (...), não penso em sair, até quando der, se acontece alguma coisa (risos) [...] mas só quando a vida me tirar, né”.</p> <p>“Então foi assim a minha entrada, né. E é o que eu sempre quis fazer, então aqui me identifiquei e fiquei, – né. – Não to atrás de mais nada, assim”.</p>	<p>C</p> <p>C</p> <p>C</p> <p>C</p> <p>I</p> <p>I</p>	<p>E4</p>
<p>“Achei, assim, – que era o lugar adequado ao que se queria fazer, – que nós já éramos voluntários antes, né?”.</p> <p>“Se eu pudesse, eu ficaria aqui sete dias por semana”.</p> <p>“[...] eu acho mais agradável eu vir aqui no Núcleo trabalha como, – como voluntário do que qualquer outra programação que eu fosse fazer, – qualquer outra, – seja – como eu gosto de cinema, eu gosto de, – de velejar, eu gosto de viajar, não... O Núcleo se equipara, o meu trabalho de voluntariado – se equipara a qualquer prazer desses”.</p> <p>“Arrasado (risos) – é fico... É uma semana perdida [...]”, referindo-se a quando não pode ir ao Núcleo.</p> <p>“Não faz diferença isso pra mim – é indiferente – se eu tivesse que fazer qualquer – qualquer coisa – que fosse fazer na casa [...] pra mim é tão importante um trabalho quanto outro.”</p>	<p>I</p> <p>E</p> <p>I</p> <p>C</p> <p>I</p>	<p>E5</p>

Quadro 11 (continua)

(continuação Quadro 11)

<p>“É uma necessidade minha, é uma necessidade espiritual, é uma necessidade intelectual, é uma necessidade moral, é uma necessidade... social [...]”.</p> <p>“[...] eu busco ter uma assiduidade, mas quando eu não consigo, falta alguma coisa [...]”.</p> <p>“Quando não vem, não é, não, não vem numa semana, perdeu uma semana [...]”.</p> <p>“[...] a gente às vezes fica até preocupado quando vem o final de ano vamos ficar um mês aí e pouco que a gente fica – com a instituição – é fechada [...]”.</p> <p>“[...] se eu hoje fosse morar em outro estado como é que eu ia fazer aí eu ia ter que eu ia ter que fazer uma boa reflexão e ver o que que, o que que... – De... Alternativa pra substituir esse tipo de... [...]”.</p>	<p>I</p> <p>C</p> <p>E</p> <p>E</p> <p>E</p>	<p>E6</p>
<p>“[...] a gente sempre procura – deixar o dia pra isso – pra deixa naquele dia a gente tem o compromisso”.</p> <p>“[...] pra pegar o ônibus de cinco horas – então eu levanto em torno de quatro e quinze, aí eu faço o meu café, eu que arrumo tudo (...) eu não acordo a minha esposa [...]”, referindo-se à rotina do trabalho profissional para permitir-lhe trabalhar como voluntário no final da tarde.</p> <p>“É um compromisso, né – um compromisso que eu optei por isso [...]”.</p> <p>“[...] quando você faz por amor – se você tem aquele compromisso você vem”.</p>	<p>C</p> <p>C</p> <p>C</p> <p>C</p>	<p>E7</p>
<p>“[...] na quinta-feira é assim – quinta-feira é um... Pra mim é o dia mais maravilhoso que tem pra trabalha – porque tu sai de lá cansadinha, cansa mas é maravilhoso!”.</p> <p>“[...] aquele trabalho lá fez uma lapidação aquele dia pra mim – eu chego em casa totalmente diferente – né [...] fisicamente cansada mas – mentalmente e espiritualmente é... [...] A compensação – compensação – é muito bom – é muito bom”.</p> <p>“Não, não... Hoje nem passa – não – eu posso assim diminuir assim – uns dias né [...]”, referindo-se a não parar com seu voluntariado.</p> <p>“[...] então a gente se envolve às vezes a gente diz ah vou sai de segunda de manhã – mas depois fica pensando ah mas aí eles vão fica precisando [...]”.</p> <p>“É assim um sentimento de culpa – é... [...]”, referindo-se a quando não pode ir ao Núcleo.</p> <p>“[...] agora que encerra vai dando uma tristeza o coraçãozinho vai apertando sabe... – A gente fica assim Meu Deus como é que eu vou passa dois anos... Dois meses – sem...”</p> <p>“O paciente tá lá – ele tá precisando da, da ajuda, da atenção – então se eu – se eu, se eu me comprometi a, a fazer aquele trabalho – então eu tenho que, que está disponível – todo o dia e o horário certinho + isso eu me propus a isso [...]”.</p> <p>“Eu – a gente fica realizada – é... Uma, uma coisa assim muito importante assim é, é... Parece uma força assim né que a gente cria – pra... Pra sobreviver até – pra sobreviver”.</p>	<p>E</p> <p>E</p> <p>I</p> <p>E</p> <p>C</p> <p>E</p> <p>C</p> <p>E</p>	<p>E8</p>
<p>“Não... Só o dia que eu tive mesmo que eu não puder mais andar (risos) enquanto eu tiver perna dá pra andar (risos)”, referindo-se a não parar seu voluntariado.</p>	<p>C</p>	<p>E9</p>
<p>“[...] quando eu entro no portão, eu me sinto como se me estendessem um tapete pra mim entrar”.</p> <p>“[...] segundo lar, é a minha família, adoro, adoro, não consigo ver de outro jeito”, referindo-se ao Núcleo.</p> <p>“[...] já deixei de ir em festas – de alguém da família, de – de outros lugares, pra vim às sextas-feiras à noite aqui, pra vim às quartas-feiras à tarde – adoro, adoro, adoro [...]”</p> <p>“[...] eu fiquei assim louca pra vim pra cá! Sabe assim – o dia que eu vim eu me libertei”.</p> <p>“Sinto, sinto necessidade, sinto falta de ta aqui!”.</p> <p>“[...] se eu não posso vim, eu fico preocupada – porque eu sei que tem gente que vai vim e não vai ter quem dê o remédio [...]”.</p>	<p>I</p> <p>E</p> <p>C</p> <p>E</p> <p>E</p> <p>C</p>	<p>E10</p>

Quadro 11 (continua)

(continuação Quadro 11)

<p>“[...] saíamos do norte da ilha com o fusquinha (risos) – 66...”</p> <p>“[...] é um compromisso que eu tenho – sou muito chata com isso – e acho que nunca faltei nesses anos todos. É – não tenho acho falta – nenhuma nesses dias”.</p> <p>“Foi o único dia que eu realmente tive que não faltar! (gargalhadas)”, referindo-se com orgulho do dia que trabalhou no Núcleo, mesmo estando doente.</p> <p>“Eu quando to aqui dentro eu me sinto como se eu tivesse numa praia! Eu to no – eu to bem! To confortável – Não quero ir pra praia porque já to bem aqui! Onde tu tas bem, tu tas bem! – Né?”.</p>	<p>C</p> <p>C</p> <p>C</p> <p>I</p>	E11
<p>“[...] um vício muito bom [...]”, referindo-se ao seu voluntariado</p> <p>“Eu acho que o voluntariado é um presente que a gente ganha e não que a gente dá”.</p>	<p>E</p> <p>E</p>	E12
<p>“Estou aqui há 8 anos, venho todas as 4^ª feiras a tarde, não assumo nenhum outro compromisso”.</p> <p>“Faço isso com muita alegria”.</p> <p>“Trabalho e me sinto bem – muito bem mesmo”.</p> <p>“Por enquanto não passa pela minha cabeça parar de trabalhar como voluntário”.</p> <p>“[...] podia ter feito antes – e agora eu me sinto muito bem fazendo isso e não penso em parar”.</p> <p>“Adoro fazer isso”, referindo-se à aplicação de terapias.</p> <p>“Há um sentimento de que o trabalho tem que ser coletivo, que todos têm que estar preocupados com a qualidade do serviço realizado”.</p>	<p>C</p> <p>E</p> <p>E</p> <p>E</p> <p>C</p> <p>I</p> <p>I</p> <p>I</p>	DC

Quadro 11 – Identidade do Papel Voluntário

Fonte: Dados empíricos

(*) F = Fatores; E = Entrevistado; DC = Diário de Campo

Dentro das categorias do modelo analisadas, a *Identidade do Papel Voluntário* foi a que mais depoimentos recebeu, evidenciando uma forte identidade dos voluntários entrevistados, tanto nos fatores *Compromisso*, quanto *Envolvimento* e *Identificação*. Da mesma forma, os depoimentos anotados no Diário de Campo contribuíram para reforçar essas deduções.

Percebe-se que a identidade do papel voluntário não é com a função desempenhada, mas com o voluntariado em si, independente de qual seja a tarefa realizada. Enquanto o pesquisador fazia suas observações de campo, um dos voluntários, dentista de profissão, disse o seguinte: “Se me pedirem para fazer limpeza eu faço”. E de fato estava sendo sincero, pois pouco tempo depois estava limpando o chão e ajudando duas senhoras na faxina do armário da pia do laboratório.

Constata-se, assim, que a *Identidade do Papel Voluntário* é uma característica forte entre os voluntários entrevistados, reforçada pelas observações anotadas no Diário de Campo, confirmando o modelo de Penner (2002) como a responsável pelo voluntariado contínuo.

4.4 ANÁLISE CONJUNTA DAS CATEGORIAS E FATORES

A análise conjunta das categorias e fatores tem por objetivo criar uma unidade de significado, a fim de proporcionar ao leitor uma visão sintética dos resultados da pesquisa. A unidade de significado apresentada no Quadro 12 foi construída em três dimensões: a primeira sob a dimensão do indivíduo, a segunda sob a dimensão da organização e, por último, a dimensão da identidade do papel voluntário.

UNIDADE DE SIGNIFICADO

DIMENSÃO DO INDIVÍDUO		
Categorias	Fatores	Unidade de Significado
Crenças e Valores Pessoais	Religiosidade	Praticantes da religião espírita.
Personalidade Pró-Social	Empatia	Fazer aos outros, o que gostaria que nos fizessem. Por meio de ações e sentimentos positivos, sem envolvimento emocional, passar a energia ao paciente visando sua cura.
	Utilidade	Sentimento de bem-estar por ajudar quem precisa e percepção de que o trabalho que está realizando é útil para as pessoas.
Motivos Relacionados a Voluntariado	Social	Não observado
	Valores	Sentimentos voltados para ajudar as pessoas, fazer o bem, contribuir para melhorar a humanidade com amor e carinho. Retorno em forma de satisfação e fortalecimento.
	Carreira	Não observado
	Aprendizagem	Através da doutrina espírita kardecista, o voluntariado possibilita o aprendizado no sentido espiritual de estar crescendo e melhorando como pessoa.
	Proteção	O voluntariado propicia a ocupação do tempo ocioso e proporciona sentimento de alívio.
	Estima	Sentimento de alegria, felicidade e satisfação com o voluntariado, gostando do que faz e sentir-se retribuído pelo retorno carinhoso dos pacientes.
Outros Fatores	Satisfação	O voluntariado, como um chamamento e princípio de vida, ao mesmo tempo que proporciona o bem pra si, ajuda as pessoas e dá o exemplo aos outros.
	Prazer	As pessoas se sentem muito bem, e o voluntariado lhes proporciona o prazer da realização.
	Dever	Por parte de alguns voluntários existe também o sentimento de dever, no sentido de retribuir.

Quadro 12 (continua)

(continuação Quadro 12)

DIMENSÃO DA ORGANIZAÇÃO		
Categorias	Fatores	Unidade de Significado
Atributos e Práticas Organizacionais	Reputação	Imagem positiva do Núcleo percebida externamente pelas pessoas.
	Valores	Sentimento de que o Núcleo trata os voluntários e os pacientes com dignidade e respeito aos valores individuais.
	Práticas	A filosofia empregada pelo Núcleo (espírita) possibilita a aprendizagem. As cerimônias de abertura e encerramento dos trabalhos propiciam harmonização entre os voluntários e pacientes e criam um campo energético no sentido espiritual.
Relacionamento com a Organização	Satisfação	Ambiente bom, tranquilo, relacionamento amistoso e sentimento de integração com muito calor humano.
	Tratamento	Tratamento de irmãos, familiar, de igual para igual, com respeito às diferenças individuais, sem necessidade de elogios ou reconhecimentos individuais.
IDENTIDADE DO PAPEL VOLUNTÁRIO		
Categorias	Fatores	Unidade de Significado
Identidade do Papel Voluntário	Envolvimento	Forte necessidade de estar realizando o trabalho voluntário, e quando impedido fisicamente o pensamento está presente. Não importa o tipo da tarefa, sentem-se bem, felizes e gratificados.
	Compromisso	Responsabilidade no cumprimento da tarefa e preocupação em não faltar ao trabalho.
	Identificação	Gosta muito do que faz e o Núcleo é uma extensão de sua casa. Sente-se bem, realizado e não passa por sua cabeça deixar o voluntariado; pelo contrário, gostaria de trabalhar mais dias.

Quadro 12 – Unidade de Significado

Fonte: Quadros 5 a 11 do item 4.3

4.5 O MODELO DO VOLUNTARIADO CONTÍNUO DO NÚCLEO

A partir do modelo de Penner (2002), foi construída a Figura 4, adaptada ao presente estudo, que demonstra como ocorre o voluntariado contínuo no Núcleo. Comparando com a Figura 1, que representa o modelo original de Penner, a Figura 4 teve as seguintes alterações: 1) foram excluídos os indicadores de *características demográficas*, *pressão social* e aos *fatores situacionais*, por não terem sido observados na presente pesquisa; 2) foi incluído o indicador *experiência como paciente*, categoria que emergiu da análise dos dados empíricos; 3) foi excluída a linha contínua que une *relacionamento com a organização* com *voluntarismo inicial*,

porque o relacionamento do voluntário com a organização só ocorre, por certo, depois que ele está trabalhando como voluntário, e não antes.

A categoria *relacionamento com a organização* não confirma o modelo de Penner (2002), no que se refere a influenciar o voluntarismo inicial, podendo, entretanto, estar influenciado o voluntariado contínuo no Núcleo.

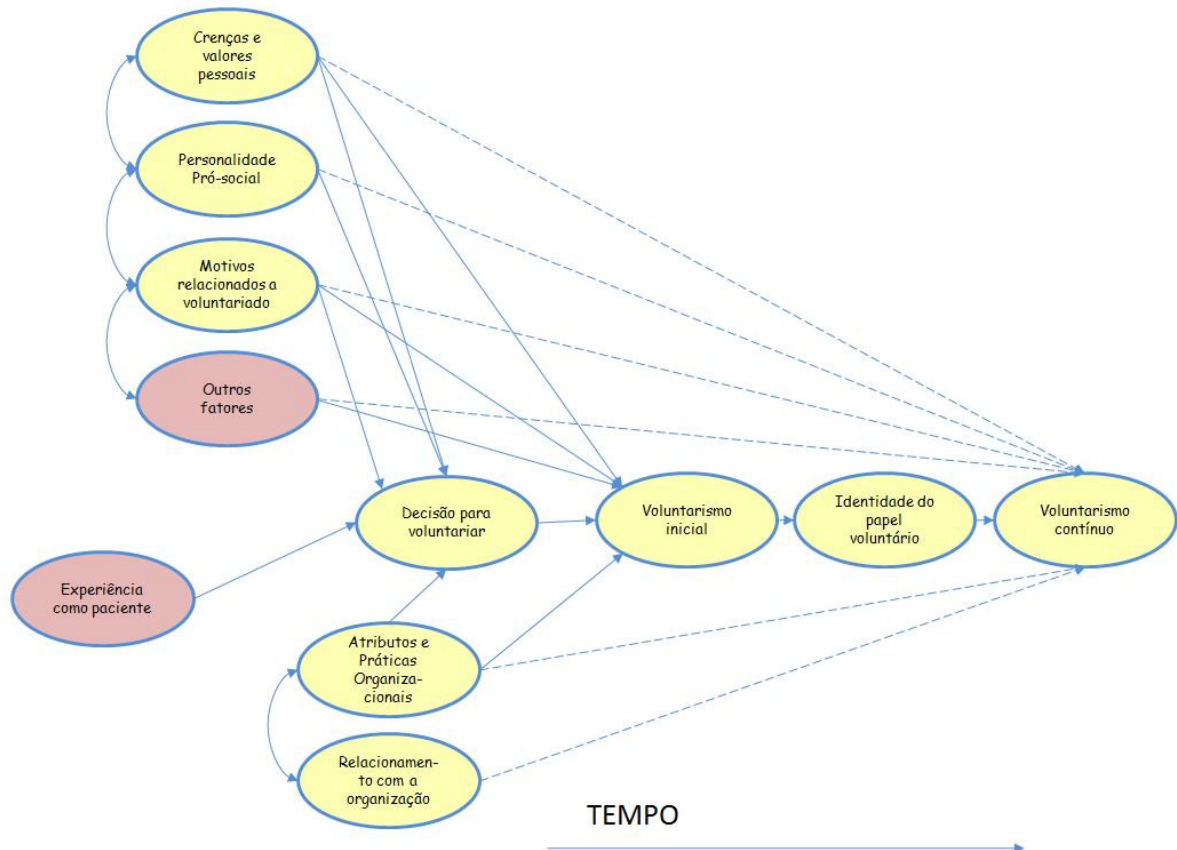


Figura 4. Modelo do Voluntariado Contínuo do Núcleo.

Fonte: Autor – Adaptado do modelo de Penner (2002)⁴

O desenho apresentado na Figura 4 não tem a pretensão de generalizar os resultados da presente pesquisa, é apenas uma forma de demonstrar a situação encontrada entre os voluntários entrevistados. No entanto, as observações do pesquisador, durante o período de convívio com os voluntários, indicaram que um número expressivo deles, com longo período de voluntariado no Núcleo, apresentou as mesmas características dos voluntários entrevistados, inclusive no que se refere à condição anterior de pacientes.

⁴ A linha contínua na Figura 4 significa impacto direto (sempre ocorre); a linha pontilhada significa impacto indireto (ocorre eventualmente).

4.6 CONVÍVIO E EXPERIÊNCIA DO PESQUISADOR

O meu primeiro contato com o Núcleo Espírita ocorreu em 17 de setembro de 2008, em uma audiência com o principal dirigente da Instituição. Como eu não conhecia ninguém, procurei ajuda através de um amigo, ex-colega de trabalho profissional, que me passou as informações e me orientou sobre o caminho que eu deveria seguir.

A primeira e principal expectativa era de ser recebido e obter a autorização do NENL para efetuar minha pesquisa, pois as informações que eu havia recebido davam conta de que trabalhavam no local mais de quinhentos voluntários. No entanto, devo registrar que havia de minha parte certo temor, ou talvez reserva, quanto a realizar a pesquisa num local que praticava a ciência espírita. Isso por eu ter recebido educação religiosa dentro da igreja católica, com muitas críticas e restrições ao espiritismo. Eu imaginava que não teria acesso a todas as informações e trabalhos realizados pelo Núcleo.

Após agendar primeira visita e audiência com o diretor presidente, fui recebido por ele no dia 17.09.2008. Para minha agradável surpresa, a audiência de uma hora se estendeu por duas horas e meia e me foram passadas inúmeras informações, além de conhecer todas as instalações do Núcleo, como também observar a aplicação de terapias aos pacientes que estavam em tratamento. Quando o presidente me convidou para assistir as chamadas “cirurgias espirituais” que aconteceriam mais tarde, naquela noite, eu percebi que teria acesso irrestrito. Fui apresentado a uma das dirigentes e avisado que através dela eu poderia começar a frequentar e observar todas atividades. A única exigência seria adquirir um jaleco branco e usá-lo enquanto estivesse naquele ambiente. Nesse primeiro contato já percebi receptividade também dos outros voluntários que estavam trabalhando, pelos cumprimentos e sorrisos.

Em 26.09.2008, conheci as instalações do CAPC e pude conversar com vários voluntários que lá trabalhavam, percebendo também uma abertura e receptividade muito grande. Visitei as diversas salas onde os pacientes estavam recebendo as terapias.

A partir de 15.10.2008, comecei a visitar com maior frequência as instalações do Núcleo e observar o que acontecia lá dentro. Nesse dia estava lá aquele meu ex-colega de trabalho, citado anteriormente, que foi me apresentando a outros

voluntários. A partir desse dia, comecei a acompanhar as atividades em todos os dias da semana e observar as terapias aplicadas aos pacientes. Eu dividia meu tempo entre circular nas várias salas onde estavam sendo realizados os tratamentos e sentar-me num dos bancos ao fundo do auditório principal, por onde circulavam todos os voluntários e pacientes. Assim eu podia observar e, sempre que houvesse algum sinal de receptividade, iniciar uma conversa. Desta forma comecei a identificar as pessoas que me interessavam entrevistar. Pela excelente receptividade concluí que conseguiria com facilidade entrevistar as pessoas que precisava só no Núcleo, não necessitando entrevistar voluntários que trabalhavam no CAPC.

Aos poucos fui me sentindo em casa, os voluntários me procuravam para conversar facilitando muito o meu trabalho. Pude observar de fato que muitos dos voluntários haviam sido pacientes, no Núcleo ou no CAPC. Os depoimentos recebidos eram sempre reforçados pela emoção e pela expressão nos olhos dos voluntários. Pude perceber que todos estavam gratos pelo tratamento que haviam recebido, se sentiam melhores, alguns completamente curados. Também era comum ouvir a expressão do lema do Núcleo: “Servir por amor ou pela dor”.

Nas terças, quartas e quintas-feiras há sempre uma palestra às 14 horas, no auditório, para os pacientes que terão tratamento naquele dia. Assisti várias dessas palestras durante o tempo de observação e pude perceber que as mensagens passadas pelos palestrantes seguiam sempre os princípios filosóficos da ciência espírita. Além dos pacientes, sempre havia outras pessoas no auditório, principalmente familiares dos pacientes. Selecionei algumas falas dos palestrantes:

“A depressão vem de alguma tristeza, de algo que nós contraímos e não resolvemos. A cura depende de nós; precisamos refletir e buscar sua origem e a partir daí agirmos em busca da solução. Depende de nós resolver os problemas que temos”.

“Ah, quando eu tiver isso, quando conseguir aquilo, etc... Será que a felicidade está lá fora? Ela está fora de nós?. Temos que buscar a felicidade dentro de nós, aceitando como somos e buscando o crescimento para melhorar a cada dia. Nossas doenças surgem do desconforto entre o que somos e o que queremos ser, o que queremos mostrar que somos e, na verdade, não somos”.

“Todo processo de doação é extremamente gratificante e realizador”.

Revendo o Diário de Campo, percebi que havia feito várias anotações, em diferentes dias, com referência à minha percepção do ambiente do Núcleo:

“O ambiente no Núcleo transmite muita paz. Hoje estão sendo tratados 40 pacientes e tem em torno de 40 voluntários trabalhando, e tudo acontece praticamente em silêncio, as pessoas falam baixo, não se ouve quase a voz das pessoas. E mesmo assim tudo acontece”.

“O ambiente no Núcleo é sempre de muita paz. Esta é a sensação. Quase não se ouvem vozes, apenas uma música em tom baixo, ambiente muito limpo, tudo calmo, as pessoas que passam cumprimentam, sorriem...”

“O clima reinante entre os voluntários é muito agradável, ambiente acolhedor e as pessoas alegres”.

“O clima entre eles é de muita harmonia. Há uma energia que parece visível”.

“Também nessa turma há vários casais de voluntários. O ambiente entre as pessoas (clima) é muito bom, bastante brincadeira e camaradagem”.

“O ambiente no Núcleo continua o mesmo do ano passado, as pessoas (voluntários) se cumprimentando de maneira educada e simpática, transmitindo paz e harmonia”.

Num dos dias, que eu estava observando toda aquela paz e harmonia reinante no Núcleo, comecei me lembrar dos meus tempos de trabalho profissional e fiz a seguinte anotação no Diário de Campo:

“Barulho de todos os modos, pessoas com a cara fechada, nervosas, correndo, gritando, mandando, discutindo, etc. Aqui no Núcleo, todos estão disponíveis para qualquer tipo de trabalho, seja para aplicar as terapias aos pacientes, seja para arrumar as salas, puxar macas, cadeiras, etc. Há um respeito muito grande entre as pessoas. Os voluntários estão sempre com uma expressão aberta, cumprimentando-se, sorriso nos lábios, etc. Chama a atenção o carinho dispensado pelos voluntários aos pacientes”.

Certo dia, eu estava fazendo minhas observações e encontrei com uma ex-colega de trabalho profissional, que me disse ter passado por um tratamento recente no Núcleo e agora estava no seu segundo dia de trabalho voluntário. Chamou-me a atenção a expressão de seu rosto, alegre, feliz e parecendo mais jovem, muito diferente da imagem anterior que eu tinha dela.

Ao acompanhar a aplicação das terapias, observei que os voluntários se concentram profundamente sobre o paciente receptor da terapia. Parece que todas as energias estão sendo direcionadas para aquela pessoa. A rotina se repete a cada novo paciente que está na maca ao lado. Existe preocupação em identificar cada paciente antes de iniciar a terapia. Um dos voluntários da equipe verifica o crachá e o prontuário do paciente que estão na cabeceira da maca e lê para os outros voluntários ouvirem o nome da pessoa e a doença que tem.

Antes de iniciar a aplicação das terapias aos pacientes, há um ritual espiritual feito pelos voluntários, também realizado antes de iniciarem as cirurgias. Nesses momentos, um dos voluntários conduz a oração, pedindo a permissão e bênção ao Senhor e depois todos juntos rezam o Pai Nosso. Os pacientes que estão naquela sala também participam da oração. O procedimento da cirurgia espiritual é semelhante ao de um ambulatório médico, com toda a instrumentação. Ao final de cada cirurgia, é rezado novamente mais um Pai Nosso.

Ao final dos trabalhos, novamente os voluntários se reúnem, uma pessoa conduz a rápida cerimônia de agradecimento a Deus e encerraram seu trabalho rezando um Pai Nosso.

Também observei que os pacientes quando saem, ao final das terapias, são muito simpáticos, cumprimentam, se despedem e alguns até agradecem. Suas expressões estão muitíssimo melhor do que quando chegaram.

Eu comecei a gostar de tomar os passes e não perdia a oportunidade, pois esse pequeno momento espiritual proporciona uma sensação muito boa de paz, alívio, leveza.

Nas conversas com os voluntários, ouvi muitas manifestações de que o trabalho voluntário faz parte de suas vidas e que gostariam de trabalhar mais dias no Núcleo, fazendo qualquer serviço, até “limpar chão, limpar banheiros, enfim, o que tiver que fazer”, foi a expressão de um deles.

Existe uma espécie de “folha-ponto” (sem nomes pré-impressos), na qual os voluntários anotam seus nomes e assinam quando comparecem ao trabalho. Segundo uma das voluntárias, é “para receber os bônus... no céu!” (risos).

Era comum eu ser convidado para participar dos lanches que os voluntários faziam ao final dos trabalhos. Particpei de várias “festinhas” de encerramento de grupos de trabalho no final do ano.

Achei que seria interessante para minha pesquisa também passar pela experiência de paciente. Como eu havia me submetido a uma cirurgia no joelho no início do ano e ainda não estava totalmente recuperado, entrei no processo normal do Núcleo, a fim de obter tratamento como paciente. Fiz o agendamento para a semana seguinte, tendo sido orientado para levar os atestados médicos comprobatórios da minha doença.

No dia designado para iniciar o tratamento, cheguei ao Núcleo às 12h30min. Passei pela triagem, apresentei os respectivos comprovantes médicos e fui então orientado sobre a forma de como seria conduzido o tratamento. Na triagem, foi preenchido um documento semelhante a um prontuário médico, um crachá e me entregaram um medicamento fitoterápico, para tomar durante os próximos 30 dias, além de um algodão energizado para fazer aplicações locais também durante esse período. O tratamento já se iniciava naquela tarde e continuaria na terça e quarta-feira da próxima semana.

Concluída a triagem, fui para o auditório, junto aos outros pacientes, e lá aguardei algum tempo até iniciar a palestra. Aquele momento no auditório é um momento de reflexão. O próprio ambiente propicia isto, por ser um local agradável, de silêncio e com uma música suave. Assisti à palestra e, em seguida, fui conduzido para a sala onde seriam aplicadas as terapias. Recebi uma gandola branca para vestir, substituindo as roupas que eu trajava. Deitei na maca e fiquei por umas 3 horas enquanto aplicavam as terapias: passe de câmara, pano úmido nos pés, iodo podal, massagem nos pés, cromoterapia manual, cromoterapia e crioterapia.

Na terça-feira da semana seguinte, continuei meu tratamento, iniciando às 13h30min. com a palestra e depois me dirigi a uma das salas para as terapias. Nesse dia foram feitas as seguintes aplicações: pano úmido nos pés, iodo podal, massagem nos pés com óleos (uma delícia!), passe de câmara, salinização, iodização e massagem no alto do peito com alguma espécie de óleo. O tratamento terminou às 16h30min.

No dia seguinte, quarta-feira, participei da última etapa do tratamento, novamente iniciando às 13h30min. no auditório, um tempo para meditação e depois a palestra. Fui informado que nesse dia estavam agendados 55 pacientes. As terapias aplicadas foram: pano úmido e massagem nos pés, massagem no alto do peito, crioterapia, cromoterapia e passe de câmara. Às 17h30min, junto com os demais pacientes, fui conduzido para uma sala maior, onde foi servido um lanche a todos (bolo, bolachas, café e chá). Depois assisti à primeira parte de uma palestra, falando sobre o tratamento e a cirurgia que seria feita mais tarde. Em seguida, desci com os demais pacientes para outra sala e todos passaram por um aparelho (espécie de vaporizador) onde a gente ficava cheirando um floral por um minuto cada um (muito gostoso). Depois retornamos à sala maior, para a segunda parte da palestra. O conteúdo dessa palestra alertava para os cuidados e benefícios do tratamento. A base ou o fundamento e a eficácia do tratamento está na fé de cada um dos pacientes. Citando trecho bíblico (Mateus), o palestrante abordou a fé que é necessária para obter a cura. Foi uma preparação espiritual com bastante profundidade. Os alertas para o pós-cirurgia foram: para as próximas 24 horas não fumar, não tomar bebidas alcoólicas e fazer repouso.

A partir das 20 horas, começaram as cirurgias espirituais. É o momento em que se percebe uma concentração ainda maior dos voluntários/mediuns. A sensação é de estar em um centro cirúrgico de um hospital. A oração do Pai Nosso rezada no final de cada terapia também foi realizada após cada uma das cirurgias.

Às 21 horas, fui liberado, e minha esposa estava esperando para me levar para casa. Pude perceber novamente uma grande dedicação e concentração dos irmãos voluntários na aplicação das terapias. A sensação durante o tratamento é muito boa, e toda aquela atenção, carinho e espiritualidade criam um ambiente de energia que contagia o paciente. Parecia que eu estava num hospital de primeiro mundo.

Para finalizar este relato sobre minhas percepções e experiências proporcionadas pelo convívio durante sete meses no Núcleo, julgo importante citar alguns breves trechos de dois livros de Allan Kardec (O Evangelho Segundo o Espiritismo. São Paulo: Petit Editora, 1997; O Livro dos Espíritos. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2001), refletidos frequentemente nas palavras e práticas dos voluntários:

“[...] médiuns, quer dizer, meios, ou intermediários entre os Espíritos e os homens” (KARDEC, 2001, p. 16).

“O médium curador por sua vez transmite o fluido salutar dos bons Espíritos e isso ele não tem o direito de vender. Jesus e os apóstolos, embora pobres, nada recebiam pelas curas que faziam” (KARDEC, 1997, p. 258).

“[...] o espiritismo está inteiramente baseado na existência da alma e seu estado depois da morte” (KARDEC, 2001, p. 23).

“A verdadeira caridade é boa e benevolente; ela está mais no gesto que no fato” (KARDEC, 2001, p. 342).

“O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade na sua maior pureza” (KARDEC, 2001, p. 354).

“Amar, no sentido profundo da palavra, é ser honrado, leal, consciencioso, e fazer aos outros o que se deseja para si mesmo” (KARDEC, 1997, p. 131).

“Fazer o bem sem se exhibir, sem ostentação, é um grande mérito. Esconder a mão que dá é ainda mais louvável. É o sinal indiscutível de uma grande superioridade moral [...]” (KARDEC, 1997, p. 146).

“O homem de bem que tem o sentimento de caridade e de amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem esperar retorno [...]” (KARDEC, 1997, p. 192).

5 CONCLUSÃO

A literatura produzida para explicar os fenômenos da motivação para o trabalho voluntário não exclui as teorias tradicionais sobre motivação. Boa parte dos autores, e dentre eles Clary *et al.* (1998), desenvolveram pesquisa voltada para o auxílio de gestores de organizações que prestam serviços sociais, no sentido de identificar as características de pessoas cujas necessidades podem ser atendidas pela prestação de serviço voluntário. Percebe-se aí uma ligação com alguns aspectos da teoria de Maslow (1979) e de outros autores com ele identificados na teoria das necessidades. No entanto, a abordagem teórica da motivação para o trabalho voluntário também tem enfatizado aspectos da motivação extrínseca,

passíveis de utilização pelas organizações, no intuito de estimular os voluntários e mantê-los ao longo do tempo. O modelo de Penner (2002), na amplitude das categorias que o compõem, considera tanto a perspectiva da motivação intrínseca quanto da extrínseca (uma discussão que divide teóricos tradicionais).

A discussão sobre motivos altruístas e/ou egoístas, muito abordada na literatura pesquisada, não foi considerada pelo pesquisador, já que o objetivo principal não era separar e classificar os motivos, mas verificar quais motivos conduzem ao trabalho voluntário contínuo, com compromisso sério com a organização a longo prazo.

A metodologia utilizada no presente estudo foi suficiente e adequada, tanto no que se refere ao método etnográfico, como às entrevistas em profundidade e observação participante. O roteiro semi-estruturado para a condução das entrevistas serviu apenas como orientação, pois a conversa com os entrevistados ocorreu de forma espontânea, sem a necessidade de perguntas diretas. A convivência do pesquisador no campo, durante oito meses, serviu para constatar que o conteúdo dos depoimentos das doze pessoas entrevistadas se manifestou também nas atitudes e comportamentos de outros voluntários. Possivelmente, a adoção de uma metodologia diferente não teria ensejado a mesma evidência e clareza nos resultados. A espontaneidade dos voluntários e sua inteira disponibilidade tornaram-se marca constante percebida nos diversos contatos mantidos.

Um aspecto positivo proporcionado pela pesquisa qualitativa, em especial pelo método etnográfico, permitiu ao pesquisador durante seu trabalho de campo também passar pela experiência de paciente. Isso ampliou suas percepções e sentimentos a respeito do modelo de voluntariado desenvolvido no Núcleo. O método etnográfico tornou-se necessário neste estudo, pois não se tratava apenas de analisar o fenômeno da motivação dos voluntários, mas compreendê-lo dentro do processo de voluntariado contínuo.

O modelo conceitual utilizado como referência foi uma ferramenta importante que serviu para nortear os passos desta pesquisa. Essa é mais uma característica da pesquisa etnográfica, que, segundo Godoy (1995b), passa pela escolha de determinado tema e normalmente prossegue com uma teoria ou modelo conceitual que possa ser orientador para a análise, sem, no entanto, limitá-la. Essa mesma visão foi compartilhada por Cavedon (2005), ao afirmar que o trabalho etnográfico compreende ir a campo com uma boa bagagem teórica, mas livre de preconceitos.

Segundo Penner (2002, p. 460), seu modelo “não deveria ser visto como uma declaração definitiva das causas do voluntarismo contínuo, mas como um modelo articulado que será de valor heurístico promissor [...]”. É oportuno lembrar que o modelo de Penner é amplo e genérico, o que significa que ele tanto pode se confirmar como um todo ou apenas em parte, dependendo do contexto de cada pesquisa.

Das três categorias analisadas (demográficas, disposicionais e organizacionais), a que mais divergiu do modelo de Penner (2002) foi a que se referia às *características demográficas* idade, renda e educação. Ao observar a Tabela 1, percebe-se que não há nenhuma semelhança dessas características com a dos voluntários entrevistados. Uma das características comuns entre os entrevistados, não constante do modelo de Penner, é o fato de serem pessoas casadas; apenas E4 é viúva e E7, embora não seja casado oficialmente, convive maritalmente com outra pessoa. É também bastante comum o cônjuge ser voluntário: dos doze entrevistados nesta pesquisa, oito cônjuges são voluntários. As observações do pesquisador no campo também constataram a presença de muitos casais voluntários no trabalho do Núcleo, além de outras pessoas da família (pais, filhos, irmãos, etc).

No que se refere às *categorias disposicionais* (crenças e valores pessoais, personalidade pró-social, e motivos relacionados a voluntariado), ficou evidenciado serem essas características marcantes nos voluntários entrevistados, o que demonstra estar de acordo com o modelo de Penner. Apenas um destaque particular, referente a *Motivos Relacionados a Voluntariado*, que, segundo Clary *et al.* (1998) são elencados seis motivos (social, valores, aprendizagem, carreira, proteção e estima) e não foram identificados nos entrevistados os motivos *Carreira* e *Social*. O pesquisador constatou ainda *outros fatores* apresentados no Quadro 8 que reforçam a evidência das *categorias disposicionais*.

Quanto às *categorias organizacionais*, a categoria *Atributos e Práticas Organizacionais* aparece como um indicativo forte na influência da decisão para voluntariar e também para o voluntariado contínuo, confirmando o modelo em análise; já a categoria *Relacionamento com a Organização* não confirma o modelo de Penner (2002), no que se refere a influenciar o voluntarismo inicial, podendo, entretanto, estar influenciado o voluntariado contínuo no Núcleo. Não há segurança

em afirmar que o relacionamento com a organização seja uma das causas do voluntariado contínuo, por ser uma categoria da motivação extrínseca.

Não se encontrou qualquer relação dos itens *Pressão Social* e *Fatores Situacionais* do modelo de Penner (2002) com o presente estudo. No que se refere à *Pressão Social* exercida por familiares sobre o voluntário, ela é totalmente inexistente e, pelo contrário, os depoimentos evidenciaram que o voluntariado no Núcleo é espontâneo e os familiares são estimuladores. Quanto aos *Fatores Situacionais*, esta é uma característica que pode influenciar o voluntariado eventual, movido por sentimentos de compaixão momentânea, não de voluntariado com compromisso de longo prazo, como é o caso da presente pesquisa.

Os dados da pesquisa indicam uma *Identidade do Papel Voluntário* muito forte, oriunda da combinação das *categorias disposicionais* (crenças e valores pessoais, personalidade pró-social e motivos relacionados a voluntariado) com a categoria organizacional *Atributos e Práticas Organizacionais*. Apesar das manifestações positivas dos entrevistados, quanto à categoria organizacional *Relacionamento com a Organização*, as observações do pesquisador não recomendam que ela seja considerada como influência significativa na formação da *Identidade do Papel Voluntário*. O bom relacionamento entre organização e voluntários pode ser uma consequência oriunda do caráter e personalidade dos voluntários, ao invés de ser uma das causas do voluntariado contínuo.

O trabalho voluntário realizado no Núcleo tem algumas características próprias, diferentes daquelas abordadas na literatura pesquisada. Tal observação se refere principalmente aos aspectos relacionados ao tipo de serviço prestado para o atendimento aos pacientes, ou seja, ao forte vínculo com a crença religiosa baseada na ciência espírita. No entanto, isso não prejudicou de forma alguma o alcance do objetivo da pesquisa; pelo contrário, acredita-se que favoreceu o enriquecimento do trabalho. O estudo mais próximo mencionado na fundamentação teórica é o de Sampaio (2004a), cujo local de pesquisa tem características semelhantes ao lugar onde se desenvolveu o presente trabalho, no que se refere à doutrina espírita, apesar da diferença de objetivos. Sampaio (2004a) desenvolveu seu estudo para analisar a cultura organizacional e a motivação para o trabalho voluntário em uma creche, fundamentando os aspectos da motivação nas teorias de Maslow, McClelland e Nuttin. Mesmo assim, os *schemata* identificados no estudo de Sampaio

(Quadro 2) são coincidentes com muitas falas dos voluntários abordados no presente estudo.

Um aspecto não mencionado no modelo em análise e evidenciado neste estudo diz respeito à constatação, nos voluntários entrevistados, da experiência anterior como pacientes dos próprios voluntários ou parentes seus. Resultado semelhante foi encontrado por Souza *et al.* (2003), ao constatar em sua amostra que 95% dos voluntários brasileiros e 83% dos portugueses que trabalhavam em hospitais com cancerosos tiveram antecedentes com a doença, eles mesmos ou familiares. Uma explicação pode estar no estudo de Selli, Garrafa e Junges (2008), ao afirmarem que o contato com situações de sofrimento sensibiliza a pessoa, fazendo-a redimensionar seus valores. Isso se assemelha ao que Penner classificou como um *Fator Situacional*, porém diferente daquele abordado por ele em seu estudo. Essa constatação sugere que, embora os entrevistados tenham demonstrado claramente motivos fortes que asseguram o voluntariado contínuo, a decisão para voluntariar e o início do voluntariado ocorreu pela experiência como pacientes.

A pergunta de pesquisa formulada ao final do capítulo 1, “*Quais os motivos que levam as pessoas a se dedicarem ao trabalho voluntário contínuo?*”, tem sua resposta na Figura 2. Pode-se afirmar que as três *categorias disposicionais* e a *categoria organizacional Atributos e Práticas Organizacionais* influenciaram a decisão para “voluntariar” dos voluntários entrevistados. No entanto, há evidências de que tal decisão tenha sido influenciada fortemente pela experiência anterior como pacientes, os próprios entrevistados ou familiares seus. A forte *Identidade do Papel Voluntário*, formada pela combinação das *categorias disposicionais e organizacionais* mencionadas acima, é a responsável direta por sustentar o voluntariado contínuo no Núcleo. Esses resultados confirmam o modelo em análise, quando Penner (2002), salienta a existência de uma perspectiva interacionista em que as *categorias disposicionais e organizacionais* não podem ser compreendidas separadamente, pois no voluntariado contínuo elas afetam uma a outra permanentemente.

Como um trabalho etnográfico, o convívio do pesquisador no ambiente do Núcleo permitiu observar as atitudes e comportamentos dos voluntários em interação com os pacientes no dia-a-dia. Na visão do pesquisador, a forte ligação que estabelece a *Identidade do Papel Voluntário* e consequente voluntariado

contínuo pode estar entre a ligação do fator *Religiosidade*, da *categoria* disposicional *Crenças e Valores Pessoais*, com o fator *práticas*, da *categoria* organizacional *Atributos e Práticas Organizacionais*. Ou seja, o fator *práticas* organizacionais é oriundo da filosofia de trabalho centrada na ciência espírita. No entanto, essas são apenas supostas evidências, o que pode sugerir pesquisa futura específica para verificar tal possibilidade.

Embora inúmeras pesquisas indiquem que as organizações que utilizam trabalho voluntário possam desenvolver formas para atrair e manter voluntários, evidenciou-se, neste estudo, a motivação intrínseca como causa principal para o trabalho voluntário contínuo. Na visão deste pesquisador, além dos *fatores* das *categorias* *disposicionais*, também a *categoria* *organizacional – práticas* – pode ser entendida como motivação intrínseca, por ensejar necessidades atendidas ou satisfeitas pelo voluntariado.

Este estudo serviu para influenciar e melhorar a visão do pesquisador no sentido da amplitude e abrangência de uma pesquisa qualitativa, principalmente pelo fato de não existirem condições pré-estabelecidas que pudessem apontar para a obtenção de resultados já esperados. Isso motivou o pesquisador a manter-se sempre alerta para perceber, da melhor maneira possível, o fenômeno da motivação dos voluntários do Núcleo.

Acredita-se também que este estudo possa auxiliar organizações empresariais interessadas em identificar funcionários de seus quadros, possuidores de determinados perfis, para desenvolver trabalhos sociais com características específicas de interesse da empresa.

No campo da pesquisa, este trabalho poderá contribuir para reforçar as vantagens proporcionadas pelo método qualitativo, especialmente através da etnografia, como importantes aliados em estudos interessados em identificar fenômenos, sem a predisposição de resultados já esperados. No que se refere à motivação para o trabalho voluntário contínuo, existe um vasto campo para pesquisa, tendo em vista as peculiaridades específicas de cada caso.

Novos estudos são sugeridos para analisar alguns aspectos identificados no decorrer deste trabalho, que permaneceram em aberto:

- a) Aplicar o modelo de Penner (2002) com ex-voluntários do próprio Núcleo, para verificar se apresentam ou não as mesmas características identificadas nos voluntários da presente pesquisa;

- b) Verificar se determinadas práticas organizacionais podem, isoladamente, influenciar o voluntariado contínuo;
- c) Analisar o “modelo” de gestão do Núcleo Espírita Nosso Lar sob o enfoque de outras áreas da administração. Durante a pesquisa de campo, chamou a atenção a forma desburocratizada e simples de gestão utilizada, não obstante a complexidade do trabalho lá desenvolvido diariamente, que envolve um número expressivo de voluntários e pacientes (trabalhadores e clientes).
- d) Outros estudos podem ser dirigidos para analisar a cultura, a espiritualidade e a gestão da organização, ações de marketing social focado em voluntariado e ações para recrutamento, seleção e retenção de voluntários.

O presente trabalho limitou-se compreender um fenômeno à luz de uma base teórica e de um modelo analítico, ou seja, analisar a motivação para o trabalho voluntário contínuo em uma organização com características próprias.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. O Método nas Ciências Sociais. *In*: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais – Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2002.
- ANDERSON, J. C.; MOORE, L. F. Characteristics of Canadian Volunteers in Direct Service. **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**, vol. 3, pp. 55-60, 1974.
- ANDERSON, J. C.; MOORE, L. F. The Motivation to Volunteer. **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**, vol. 7, pp. 120-129, 1978.
- ANDION, C. As particularidades da gestão em organizações da economia solidária. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 25^o, 2001, Campinas. **Anais...** Campinas: ANPAD, 2001.
- ANDION, C.; SERVA, M. A etnografia e os estudos organizacionais. *In*: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (orgs) **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- ARCHER, E. A. O Mito da Motivação. *In*: BERGAMINI, C. W.; CODA, R. (orgs). **Psicodinâmica da Vida Motivacional**. São Paulo: Atlas, 1997, pp. 23-46.
- AZEVEDO, D. Voluntariado Corporativo – Motivações para o Trabalho Voluntário. **Revista Produção Online**, UFSC, Florianópolis, Edição Especial Dezembro, 2007. Disponível em: [HTTP://www.producaoonline.ufsc.br](http://www.producaoonline.ufsc.br).
- BERGAMINI, C. W. **Motivação nas organizações**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- BOWDITCH, J. L.; BUONO, A. F. **Elementos de Comportamento Organizacional**. São Paulo: Pioneira, 1992.
- BRASIL, **Diário Oficial** (1998). Lei 9.608/98, de 19 de fevereiro.
- BROWN, G.; YULE, G. **Análisis del discurso**. Madrid: Visor Libros, 1993.
- BUSSELL, H.; FORBES, D. Understanding the volunteer market: The what, where, who and why of volunteering. **International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing**, v. 7, n^o 3, pp. 244-257, 2002.
- CAPPELLARI, L.; TURATTI, G. Volunteer Labour Supply: The Role of Workers' Motivation. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 75, n^o 4, pp. 619–643, 2004.
- CARVALHO, C. A. P. Preservar a Identidade e Buscar Padrões de Eficiência: questões complementares ou contraditórias na atualidade das organizações não governamentais. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 23^o, 1999, Foz do Iguaçu. **Anais**: Foz do Iguaçu: ANPAD, 1999.
- CAVALCANTE, C. E.; MEDEIROS, C. A. F. Desenho do Trabalho Voluntário e Comprometimento Organizacional: um estudo nas organizações não governamentais. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 2007, Natal. **Anais**: Natal, EnGPR, 2007.
- CAVEDON, N. R. O Método Etnográfico em Estudos sobre a Cultura Organizacional; Implicações Positivas e Negativas. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 23^o, 1999. **Anais**: Foz do Iguaçu, ANPAD, 1999.

_____. Fotoetnografia: A União da Fotografia com a Etnografia no Descortinamento dos Não-Ditos Organizacionais. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 12, n. 35, pp. 13-27, out/dez 2005.

CHENG, C. Uniform change: an ethnography on organizational symbolism, volunteer motivation and dysfunctional change in a paramilitary organization. **Leadership & Organization Development Journal**, Bradford, v. 19, iss. 1, 1998.

CLARY, E. G., SNYDER, M., & RIDGE, R.D. Volunteers' motivations: A Functional Strategy for the recruitment, placement and retention of volunteers. **Nonprofit Management and Leadership**, vol. 2, nº 4, pp. 333-350, 1992.

CLARY, E. G.; SNYDER, M. The Motivations to Volunteer: Theoretical and Practical Considerations. **Current Directions in Psychological Science**, v. 18, nº 5, pp. 156-159, 1999.

CLARY, E. G.; SNYDER, M.; RIDGE, R.D; COPELAND, J.; STUKAS, A. A; HAUGEN, J.; MIENE, P. Understanding and Assessing the Motivations of Volunteers: A Functional Approach. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 74, pp. 1516-1530, 1998.

CNAAN, R. A.; GOLDBERG-GLEN, R. S. Measuring Motivation to Volunteer in Human Services. **Journal of Applied Behavioral Science**, vol. 27, nº 3, pp. 269-284, 1991.

COHEN, N. E. (Org.) **O Papel do Voluntário na Sociedade Moderna**. Rio: Fundo de Cultura, 1964.

CRESWELL, J. W. **Qualitative Inquiry & Research Design – Choosing Among Five Approaches**. Califórnia: Sage Publications, 2007.

DAVIS, M. H.; HALL, J. A.; MEYER, M. The First Year: Influences on the Satisfaction, Involvement, and Persistence of New Community Volunteers. **Personality and Social Psychology Bulletin**, vol. 29, pp. 248-260, 2003.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. The “What” and “Why” of Goal Pursuits: Human Needs and the Self-Determination of Behavior. **Psychological Inquiry**, vol. 11. nº. 4, pp. 227-268, 2000.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The Sage Handbook of Qualitative Research**. Sage: Thousand Oaks-Califórnia, 2005.

FERREIRA, A.; FUERTH, L. R.; ESTEVES, R. C. P. M. Fatores de motivação no trabalho: o que pensam os líderes. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 30º, 2006, Salvador. **Anais**: Salvador, ANPAD, Set, 2006.

FINKELSTEIN, M. A.; PENNER, L. A.; BRANNICK, M. T. Motive, Role Identity, and Prosocial Personality as Predictors of Volunteer Activity. **Social Behavior and Personality**, 33(4), pp. 403-418, 2005.

FOSSÁ, M. I. T.; SARTORETTO, P. M. Responsabilidade Social Empresarial e Comprometimento Organizacional: uma relação possível? *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 26º, Salvador, 2002. **Anais**: Salvador, ANPAD, Set, 2002.

FREUD, S. **O Inconsciente**. E.S.B. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

GARAY, A. B. S.; FOSSA, M. I. T. Formação de parcerias, trabalho voluntário e o desenvolvimento de um processo de aprendizagem e transformação social: relato de um caso. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD*, 25º, Campinas, 2001. **Anais: Campinas, ANPAD, Set, 2001.**

GARAY, A. B. S.; MAZZILLI, C. P. Uma Análise do(s) Significado(s) do Trabalho do Voluntariado Empresarial. **REAd - Revista Eletrônica de Administração**, edição 35, v. 9, nº 5, set-out, 2003.

GEWANDSZNAJDER, F. O Método nas Ciências Naturais. *In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O Método nas Ciências Naturais e Sociais – Pesquisa Quantitativa e Qualitativa.* São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2002.

GODOI, C. K. Retomando o Tema da Motivação nas Organizações: contribuições da teoria psicanalítica e do cognitivismo. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD*, 26º, Salvador, 2002. **Anais: Salvador, ANPAD, Set, 2002.**

_____. Pulsão e Cognição: categorias da motivação na aprendizagem. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 32, p. 329-347, 2003.

_____. Perspectivas de análise do discurso nos estudos organizacionais. *In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R; SILVA, A. B. (orgs) Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos.* São Paulo: Saraiva, 2006.

_____. Passado, Presente e Futuro das Teorias Motivacionais. **RAE – Revista e Administração de Empresas**, vol. 49, nº 2, abril-junho 2009.

GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R; SILVA, A. B. Pesquisa qualitativa e o debate sobre a propriedade de pesquisar. *In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R; SILVA, A. B. (orgs) Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos.* São Paulo: Saraiva, 2006.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. *In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R; SILVA, A. B. (orgs) Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos.* São Paulo: Saraiva, 2006.

GODOY, A. S. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades. **RAE Revista de Administração de Empresas**, v. 35, nº 2, p. 57-63, março-abril 1995a.

_____. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **RAE Revista de Administração de Empresas**, v. 35, nº 3, p. 20-29, maio-junho 1995b.

GRUBE, J. A.; PILIAVIN, J. A. Rose Identify, Organizational Experiences, and Volunteer Performance. **Personality and Social Psychology Bulletin**, vol. 26, pp. 11-08-1119, 2000.

HAN, K. **Motivation and Commitment of Volunteers in a Marathon Running Event.** 2007. 158 p. Dissertation (Doctor of Philosophy) – College of Education, The Florida State University, Florida, 2007.

HERZBERG, F. One More Time: How do you motivate employees? *In: Harvard Business Review*, pp. 109-120, Sep/Oct. 1987.

HERZBERG, F. Novamente: como se faz para motivar funcionários: *In: BERGAMINI, C. W.; CODA, R. (orgs). Psicodinâmica da Vida Motivacional: motivação e liderança.* São Paulo: Atlas, 1997.

- HIBBERT, S.; PIACENTINI, M.; AL DAJANI, H. Understanding volunteer motivation for participation in a community-based food cooperative. **International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing**, v. 8, nº 1, pp. 30-42, 2003.
- HOUAISS, **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2007, v. 2.0a, CD-ROM.
- HWANG, M.; GRABB, E.; CURTIS, J. Why Get Involved? Reasons for Voluntary-Association Activity Among Americans and Canadians. **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**, vol. 34, pp. 387-403, 2005.
- HUDSON, M. **Administrando Organizações do Terceiro Setor**. São Paulo: Makron Books, 1999.
- INGLIS, S.; CLEAVE, S. A Scale to Assess Board Member Motivations in Nonprofit Organizations. **Nonprofit Management & Leadership**, v. 17, nº 1, pp. 83-101, 2006.
- KOHN, A. **Punidos pelas Recompensas**. São Paulo: Atlas, 1998.
- LATHAM, G. P. **Work Motivation: History, Theory, research, and Practice**. Thousand Oaks-Califórnia: SAGE Publications, 2007.
- LAWER III, E. E. Motivação nas Organizações de Trabalho. *In*: BERGAMINI, C. W.; CODA, R. (orgs). **Psicodinâmica da Vida Motivacional: motivação e liderança**. São Paulo: Atlas, 1997.
- LEÃO, A. L. M. de S.; MELLO, S. C. B. Apresentando a Etnografia da Comunicação ao Campo da Pesquisa em Administração. *In*: I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. Recife: EnEPQ 2007. **Anais Enanpad**: Recife, 2007.
- LÉVY-LEBOYER, C. **A Crise das Motivações**. São Paulo: Atlas, 1994.
- LIAO-TROTH, M. A. Are They Here for the Long Haul? The Effects of Functional Motives and Personality Factors on the Psychological Contracts of Volunteers. **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**, vol. 34, pp. 510-530, 2005.
- LIAO-TROTH, M. A.; DUNN, C. P. Social Constructs and Human Service: Managerial Sensemaking of Volunteer Motivation. **Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations**, v. 10, nº 4, pp. 345-361, 1999.
- LOPES, A. **Trabalho voluntário e envelhecimento: um estudo comparativo entre idosos americanos e brasileiros**. 2006. 203 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2006.
- MADRUGA, E. L. P.; OLIVEIRA, L. M. B.; RÉGIS, H. P. A motivação dos funcionários do Banco do Brasil no Recife para participar de programas de Voluntariado Empresarial: um exame com base na teoria da expectância. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 1º, Natal, 2007. **Anais**: EnGPR, Natal, 2007.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MASCARENHAS, A. O.; ZAMBALDI, F. Motivação em Programas de Voluntariado Empresarial: um estudo de caso. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 26º, Salvador, 2002. **Anais**: Salvador, ANPAD, Set, 2002.
- MASLOW, A. H. Uma teoria da motivação humana. *In*: BALCAO, Y. F; CORDEIRO, L. L. **O Comportamento Humano na Empresa**. Rio de Janeiro: FGV, 1979.

MATTOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** Disponível em: Google Acadêmico, palavra chave: *etnografia*, acesso em 05.04.2009.

MATTOS, P. L. C. L. Análise de entrevistas não estruturadas: da informação à pragmática da linguagem. *In*: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (orgs) **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

McGREGOR, D. O Lado Humano da Empresa. *In*: BALCAO, Y. F.; CORDEIRO, L. L. **O Comportamento Humano na Empresa.** Rio de Janeiro: FGV, 1979.

MESCH, D. J.; ROONEY, P. M.; STEINBERG, K. S.; DENTON, B. The Effects of Race, Gender, and Marital Status on Giving and Volunteering in Indiana. **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**, vol. 35, pp. 565-587, 2006.

MERRIAM, S. B. *In*: MERRIAM, S. B. and Associates. **Qualitative Research in Practice**: examples for discussion and analysis. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2002.

MONIZ, A. L. F.; ARAÚJO, T. C. C. F. Voluntariado Hospitalar: Um Estudo sobre a Percepção dos Profissionais de Saúde. **Estudos de Psicologia**, Natal, vol. 13, nº 2, Maio-Agosto 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>.

MOURA, L. R.; SOUZA, W. J. Elementos do Trabalho Voluntário na Pastoral da Criança: Características e Motivos. **Revista Holos**, ano 23, vol. 3, pp.150-160, Natal, 2007. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/holos>.

MOWEN, J. C.; SUJAN, H. Volunteer Behavior: A Hierarchical Model Approach for Investigating Its Trait and Functional Motive Antecedents. **Journal of Consumer Psychology**, vol. 15, pp. 170-182, 2005.

OKUN, M. A.; BARR, A.; HERZOG, A. R. Motivation to Volunteer by Older Adults: A Test of Competing Measurement Models. **Psychology and Aging**, vol. 13, nº 4, pp. 608-621, 1998.

OLIVEIRA, F. C.; BEZERRA, R. M. M. Fatores que Geram a Evasão no Trabalho Voluntário. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 1º, Natal, 2007. **Anais**: Natal, EnGPR, 2007.

OMOTO, A. M.; SNYDER, M. Sustained Helping Without Obligation: Motivation, Longevity of Service, and Perceived Attitude Change Among AIDS Volunteers. **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 68, nº 4, pp. 671-686, 1995.

PENNER, L. A. Dispositional and organizational influences on sustained volunteerism: An interactionist perspective. **Journal of Social Issues**, vol. 58, nº 3, pp. 447-467, 2002.

PENNER, L. A.; DOVIDIO, J. F.; PILIAVIN, J. A.; SCHROEDER, D. A. Prosocial Behavior: Multilevel Perspectives. **Ar Reviews In Advance**, vol. 56, pp. 14.1 - 14.21, Sep. 2004.

PENNER, L. A.; FINKELSTEIN, M. A. Dispositional and structural determinants of volunteerism. **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 74, nº 2, pp. 525-537, 1998.

PINHEIRO, L. R. Filantropia Empresarial e Trabalho Voluntário: Interação e Conflito na Gestão de Voluntariado. **Revista Organizações & Sociedade**, v. 9, nº 23, pp. 115-128, janeiro/abril, 2002.

REEVE, J. **Motivação e Emoção**. 4ª ed. Rio de Janeiro: LCT, 2006.

ROCHA, E.; BARROS, C.; PEREIRA, C. Fronteiras e Limites: espaços contemporâneos da pesquisa etnográfica. *In*: CAVEDON, N. R.; LENGELER, J. F. B. (Orgs) **Pós- Modernidade e Etnografia nas Organizações**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SALAMON, L. **America's nonprofit sector: a primer**. Nova York: Foundation Center, 1999.

SALAMON, L.; ANHEIER, H. K. (orgs.). **Defining the nonprofit sector: a cross-national analysis**. Nova York: Manchester University Press, 1997.

SAMPAIO, J. R. **Voluntários**: Um estudo sobre a motivação de pessoas e a cultura em uma organização do terceiro setor. 2004. 255 p. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2004a.

SAMPAIO, J. R. O Maslow Desconhecido: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 28º, Curitiba, 2004. **Anais**: Curitiba, ANPAD, 2004b.

SELLI, L.; GARRAFA, V.; JUNGES, J. R. Beneficiários do Trabalho Voluntário: Uma Leitura a Partir da Bioética. **Rev. Saúde Pública**, vol.42, no.6, pp. 1085-1089, São Paulo, Dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102008000600015&script=sci_arttext&tlng=es. Consulta em 13.05.2009.

SHERER, M. National Service in Israel: Motivations, Volunteer Characteristics, and Levels of Content. **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**, vol. 33, pp. 94-108, 2004.

SIEDER, V. M. Uma Perspectiva Histórica do Voluntário. *In*: COHEN, N. E. (org.) **O Papel do Voluntário na Sociedade Moderna**. Rio: Fundo de Cultura, 1964.

SILLS, D. L. O Sociólogo e a Motivação. *In*: COHEN, N. E. (org.) **O Papel do Voluntário na Sociedade Moderna**. Rio: Fundo de Cultura, 1964.

SILVA, A. F. **Trabalho Voluntário**: considerações sobre dar e receber. 2006. 116 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, W. R; RODRIGUES, C. M. C. **Motivação nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 2007.

SOUZA, C. P. S; LIMA, L. L. B; MARQUES, A. A. Fatores Condicionantes da Motivação de Colaboradores Voluntários: Estudo de Caso de uma Empresa Júnior da Universidade Federal de Alagoas. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 32º, Rio de Janeiro, 2008. **Anais**: Rio de Janeiro, ANPAD, 2008.

SOUZA, W. J.; CARVALHO, V. D. Elementos do Comportamento Organizacional no Trabalho Voluntário: motivação na pastoral da criança à luz da teoria da expectativa. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 30º, Salvador, 2006. **Anais**: Salvador, ANPAD, 2006.

- SOUZA, C. M.; BACALHAU, M. R. N.; MOURA, M. J.; VOLPI, J. H.; MARQUES, S.; RODRIGUES, M. R. G. Aspectos da Motivação para o Trabalho Voluntário com Doentes Oncológicos: Um Estudo Colaborativo entre Brasil e Portugal. **Psicologia, Saúde & Doenças**, vol. 4, nº 2, pp. 267-276, 2003. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1645-00862003000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
- STUKAS, A. A.; WORTH, K. A.; CLARY, E. G.; SNYDER, M. The Matching of Motivations to Affordances in the Volunteer Environment: An Index for Assessing the Impact of Multiple Matches on Volunteer Outcomes. **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**, vol. XX, nº X, 2008.
- TEDLOCK, B. Ethnography and Ethnographic Representation. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks-CA: Sage Publications, 2000.
- TEIXEIRA, E. **As Três Metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2005.
- TEODÓSIO, A. S. S. Voluntariado: entre a utopia e a realidade da mudança social. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 26º, Salvador, 2002. **Anais**: Salvador, ANPAD, Set, 2002.
- TIDWELL, M. V. A Social Identify Model of Prosocial Behaviors Within Nonprofit Organizations. **Nonprofit Management & Leadership**, vol. 15, nº 4, pp. 449-467, 2005.
- YEUNG, A. B. The Octagon Model of Volunteer Motivation: Results of a Phenomenological Analysis. **Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations**, v. 15, nº 1, pp. 21-46, March, 2004.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Variáveis/categorias demográficas

- Idade, sexo, estado civil, grau de escolaridade, descendência, renda mensal, exerce atividade profissional remunerada?

Variáveis/categorias disposicionais (atributos duradouros como convicções pessoais e valores, crenças religiosas, inclinações pró-sociais, características de personalidade e motivos)

Crenças e valores pessoais

- Você pode falar sobre sua crença religiosa?
- Quais são os valores mais importantes que te levaram a ser um voluntário?
- Qual é o significado do trabalho voluntário para você?
- O trabalho voluntário lhe dá mais prazer ou é mais um dever para você?

Personalidade pró-social (*características de personalidade, empatia orientada ao bem estar do outro e sensação de utilidade*)

- Você às vezes se coloca no lugar dos pacientes? Como isso acontece?
- Você se sente útil no voluntariado?
- Você já foi voluntário anteriormente em outra organização?
- Hoje, além desse local, você também é voluntário em outros lugares?

Motivos relacionados a voluntariado

- Qual as principais motivações que levou você a ser voluntário?
- O que te mantém hoje voluntário neste local?
- Houve algum fato ou acontecimento específico que levou você decidir tornar-se um voluntário?

Variáveis/categorias organizacionais (atributos e práticas organizacionais como a reputação e os valores que constituem a imagem da organização, percepções e sentimentos das pessoas de como são tratadas, satisfação de ser voluntário)

Atributos e Práticas Organizacionais

- Por que começou a ser voluntário nesta organização? Já tinha alguma referência dela antes?
- Qual a frequência em que você vem ao Núcleo/CAPC?

- Você gosta do que faz?
- Você é reconhecido pelos teus superiores? De que forma?
- Você está satisfeito com a atividade/função que desempenha?
- O Núcleo/CAPC tem boa reputação na sociedade?

Relacionamento com a Organização

- Como é o tratamento que recebe dos superiores e colegas voluntários?
- Você sente que seu trabalho é valorizado? De que forma?
- Como é o ambiente e o relacionamento entre as pessoas no dia a dia?

Identidade do papel de voluntário (compromisso com a organização)

- Qual a atividade/função que desempenha no Núcleo/CAPC?
- Você se sente envolvido na atividade que desempenha? Como?
- Como se sente no dia que, por qualquer motivo, não pode comparecer no Núcleo/CAPC para cumprir teu horário?
- O que te prende para continuar como voluntário neste local?
- Você conhece a missão ou causa que o Núcleo/CAPC servem?
- Há quanto tempo é voluntário nesta organização?

Pressão social

- Como sua família vê seu trabalho voluntário?
- Você se sente pressionado de alguma forma para ser voluntário?

Fatores de Situação

- Houve algum outro fato ou acontecimento específico que levou você a decidir tornar-se um voluntário?

APÊNDICE 2 – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1

E1: Dados demográficos – Idade 52 anos, sexo masculino, casado, grau de escolaridade superior completo, aposentado, renda familiar mensal acima de 10 salários mínimos, reside a 10 km do Núcleo. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Coqueiros, Florianópolis.

E: Você exerce alguma atividade profissional remunerada hoje?

E1: Não – hoje depois de aposentado não. Só faço voluntariado – e – outras atividades esportivas.

E: Tá. Você tem alguma crença religiosa, poderia falar alguma coisa sobre isso?

E1: Atualmente tenho uma crença religiosa. É o – espiritismo né – em função de algumas alterações que aconteceram na minha vida – é – em função da doença – né – entrei para um caminho onde – eu tive respostas – para muitas coisas que aconteceram na minha vida. E aí me apeguei a ela – e – e de certa forma to seguindo o rumo dessa – dessa crença religiosa – espírita.

E: E antes você tinha uma outra crença?

E1: Sim. Eu era católico né – não praticante – né + tive assim – dos ensinamentos de família – todos católicos vim de uma religião muito católica – meus pais – a família toda – é mas com o passar do tempo a gente esquece um pouco – a religiosidade – a espiritualidade na verdade. Aquele – aquela – aquela presença – junto a igreja ou junto a – ao – a próprias orações – o mundo de hoje – com a correria que tava acontecendo acabou ficando afastada – e no momento – que eu necessitei em função de uma doença – é – eu tive que retornar rever alguns pontos – e eu – e eu encontrei na religião espírita – muitas respostas para minhas questões – para minhas questões de vida.

E: Ok. Então o que te levou assim para trabalhar como voluntário – qual foi a motivação que te levou assim a começar a trabalhar como voluntário?

E1: Pois não. Em 2003 eu tive um câncer – né – e – e eu soube desse tratamento que a – que o – centro – Centro de Apoio a Pacientes com Câncer – no Ribeirão da Ilha – fazia tratamentos – cirurgias espirituais – para pessoas com doenças degenerativas, no caso câncer e outras doenças. Ah – quando a gente está doente logicamente a gente procura a – buscar todas as alternativas. Além da – da base científica dos médicos né – dos medicamentos – da quimioterapia, da radioterapia – eu fui buscar amparo também – junto a esse centro. Em chegando lá – eu fui é + mergulhando nessa – nessa – lá no centro, em função do tratamento que era dispensado – e da melhoria que eu tive né. Então eu fiz – é tratamento durante uma semana – como paciente interno do CAPC – e depois fiz outras – outras terapias de né – terapias de (...) né – PAA – programa de auto ajuda – e grupos vivenciais – isso – me deu – uma consistência – emocional muito grande – e – e eu pude ver que ali estavam – estava a – a – o caminho era esse a seguir – e as respostas que eu buscava ia acontecendo no dia a dia. Ah – e eu começava então a me conhecer melhor – conhecer meu interior – eh – buscar respostas – eh – e ver o mundo de uma outra forma – tanto é que a minha mudança aconteceu principalmente + depois da doença. Diz que a gente aprende se não for – pelo amor a gente aprende pela dor. Foi o meu caso. Aprendi pela dor, né?. E – e – e fui compelido – fiz as cirurgias espirituais – hoje não sinto mais nada – meu médico – me deu alta – depois de cinco anos – faço revisões – anuais do câncer, da doença – não aparece mais nada – então, em – mas nessa parte estou seguindo – todo um – um ritual que aprendi lá. E

na época quando fiquei doente eu – eu tinha prometido a mim mesmo que quando – eh – é uma meta minha – assim que aposentasse – de onde eu trabalhava – eu também iria contribuir – da mesma forma – para o meu semelhante como eu recebi o tratamento. Conforme tinham me tratado daquela maneira amorosa, carinhosa, e com muito amor – eu também eh – faria esse – essa – eh esse voluntariado essa doação – para os irmãos que precisassem daí pra frente, assim que aposentasse. Enquanto eu não estava aposentado não tinha tempo de – de ceder a esse voluntariado.

E: Antes de ser voluntário nesse local você não foi voluntário em outra instituição?

E1: Não. Nunca tinha trabalhado com voluntariado – eu até tinha minhas restrições e – não não via assim – pra mim era desinteressante na verdade – né – e – e isso tudo mudou em função – dessa minha participação lá no CAPC – onde pude ver a maneira carinhosa como – como as pessoas tratavam – seu semelhante e – isso me chamou muita atenção – e – e os aprendizados que eu fiz pra frente né? Que – não somos mais que ninguém – nem menos mas que – o mundo seria muito melhor se – se fizéssemos aos outros o que gostaria que nos fizesse.

E: Todo esse trabalho que você desempenha hoje como voluntário ele te dá mais prazer ou você sente isso como um dever, como uma obrigação?

E1: Hoje é mais prazer. Prazer – a gente vai, quando trabalha – eu trabalho no Núcleo Espírita Nosso Lar, né – e é um trabalho assim de doação – logicamente a gente vai pra também – se sentir bem né – pra gente fazer o – a gente não vai só trabalhar voluntariamente – para o benefício do irmão que está necessitado – é – todo esse – toda essa entrega vai acabar fazendo com que nós mesmos – saíamos de lá – melhores – a cada dia – porque envolve toda uma questão de aprendizado a cada dia – e é muito bom – fazer essa doação – para as pessoas que necessitam porque – à medida que você vai ajudando outras pessoas – ah – o cosmos – parece que o cosmos fica – ele ele faz um – um movimento – de retorno daquelas energias que você passa ao outros volta pra você mesmo, e você sai fortalecido.

E: Você às vezes se coloca no lugar dos pacientes – quando está lá – trabalhando como voluntário?

E1: Perfeitamente. Quando o paciente está deitado na maca – né – ah – ah – ao fazer uma terapia – ah – no nosso interior a gente coloca o – o sentimento em cima do mal estar desse paciente, do desconforto onde ele está sentindo se é no joelho por exemplo, a nossa mente vai pra aquele joelho – né – para que – ah – esse desconforto cesse – passando energias através das várias terapias que – que são realizadas no Núcleo Espírita.

E: Você se sente útil no trabalho que você faz lá como voluntário?

E1: Com certeza. Me sinto útil – tanto é que – eh – me sinto na obrigação a – no dia que eu não for – que – deixar avisado né – pra que não haja contratemplos – eh – e que haja uma forma melhor possível de contemporizar uma ausência, né? E porque com certeza todos nós somos úteis – nesse momento.

E: Ok. Hoje você é voluntário só lá no Núcleo?

E1: Somente no Núcleo Espírita Nosso Lar.

E: Qual o período que você trabalha como voluntário?

E1: Como voluntário eu trabalho às quartas feiras, das doze e trinta até dezoito horas.

E: Toda quarta-feira?

E1: Toda quarta-feira

E: Você está lá...

E1: Isso.

E: E há quanto tempo você está como voluntário?

E1: Como voluntário eu estou desde abril de 2006.

E: A principal motivação que te levou pra entrar como voluntário foi você ter sido paciente primeiro?

E1: Foi ter sido paciente.

E: É isso?

E1: Perfeitamente. Como paciente e aí – encaixou como...

E: E hoje, o que que te mantém hoje como voluntário?

E1: Fazer o bem para as outras pessoas. Para quem necessita – eh – é um – é que depois que você entra numa, numa – num aprendizado + seguindo o evangelho segundo Allan Kardec, né – evangelho segundo o espiritismo de Allan Kardec – ele – ele te transporta para – pra um patamar onde você eh – se sente compelido a seguir em frente – nessa linha – a – sem parar. Seguir o rumo, né? Fazendo com que – você se melhore a cada dia – na busca – de sempre fazer o melhor para teu semelhante.

E: Porque começou ser voluntário nessa organização – você já falou – por ter sido paciente. Você já tinha alguma referência antes de ser paciente – você tinha alguma referência desse local de tratamento?

E1: Tinha uma referência. A – a minha esposa tinha feito um tratamento – alguns anos antes né – onde ela também falou muito bem né da – dessa, desse tratamento, foi no Núcleo, não foi no CAPC na época né – e – e todo esse – esses acontecimentos – fizeram com que eu (...) que eu me aposentei – foi um chamamento na verdade, foi um chamado né – para que eu fosse trabalhar com voluntariado – e – e to me sentindo super bem.

E: O relacionamento entre vocês lá no Núcleo, entre os colegas voluntários e com os superiores como é que é? Fale um pouco sobre isso.

E1: O relacionamento é super amistoso. É um relacionamento de amor, de irmandade, tanto é que nos tratamos como irmãos né – eh – até os superiores nós nos tratamos como irmãos – existe uma hierarquia, que devemos seguir, pra todo serviço saia a contento – eh – e entre nós voluntários, do mesmo nível tal, nós nos tratamos de irmãos porque – eh sentimos que cada um está lá prá fazer ah – a sua parte, né – e – e juntando cada parte nós alcançamos um todo – que é a melhora – de nossos pacientes – e a nossa própria, o nosso próprio crescimento espiritual.

E: Você sente que teu trabalho lá é valorizado pelas outras pessoas?

E1: Sim. Ah – eu sinto – principalmente pelos pacientes. Os pacientes – eh – via de regra, eles, eles – ao final dos tratamentos – sem que a gente peça nada, porque – não precisa pedir né – mas voluntariamente eles eh – eles fazem agradecimentos – e – e muitas vezes – a gente vê a emoção nos olhos né – através – através dos seus olhos – que derramam até lágrimas – no final dos tratamentos. Saem satisfeitos – pacientes que chegam – chorando muitas vezes ao fim de uma terapia, ao fim de um tratamento – saem com sorriso – antes a lágrima era de tristeza, e agora a lágrima é de alegria.

E: De alguma forma o pessoal lá que – como é que chama lá... são diretores?

E1: São dirigentes.

E: Dirigentes – eles normalmente reconhecem o trabalho de um voluntário, elogiam, ou isso – quase não existe?

E1: Não não eh assim – o elogio é o próprio trabalho que corre normalmente. Eh – via de regra, uma que outra vez, durante o – o início dos trabalhos ou término dos trabalhos os voluntários são – são valorizados né – e elogiados também, mas não individualmente – como grupo, como equipe né, e – e porque todos estamos lá para

um determinado fim – que é com a união de todos – atingir o objetivo + do Núcleo que é – trabalhar em prol daqueles pacientes que lá vão buscar – o – o seu conforto maior.

E: E o clima assim que reina entre vocês voluntários, lá dentro? Fale um pouquinho disso, o ambiente é bom...

E1: É um ambiente muito maravilhoso – eh – via de regra, pelo menos acontece isso comigo, eu não sei se é com todo mundo, mas no geral que eu tenho percebido, as pessoas se recebem com abraços, sorrindo – assim que chegam – eh – durante, durante as terapias – eh – nos intervalos de uma terapia e outra também eh – é um clima bastante – de bastante irmandade, fraternal mesmo – eh – é claro que durante as terapias a concentração é em cima do paciente que está ali né, sendo que um irmão não vai interferir no trabalho do outro né, é contra-producente, eh – aquele irmão que está fazendo aquele trabalho – num paciente ele tem total – eh – eh – ele faz aquele trabalho – tranqüilo. Fazendo de forma que seja o único, como se estivesse só ele naquele local, né. Ninguém vai reparar como ele está fazendo, né? A não ser os dirigentes que, via ou outra, uma vez ou outra, passa no local, está no local, e possa até chamar a atenção se algo não está acontecendo de acordo com o pré estabelecido. Mas assim no geral o ambiente é muito bom – é um ambiente de fraternidade.

E: Ok. O Núcleo Espírita, o CAPC, os dois ambientes lá que fazem tratamentos, tem boa reputação junto à sociedade?

E1: Acredito que sim – porque – pelo número de – de atendimentos que são feitos anualmente, em torno de cem mil atendimentos, acredito que a própria sociedade ta vendo com outros olhos – eh esse – essa integração da ciência e a espiritualidade. Alguns programas até televisão, é o caso da RBS TV, que – que passou um programa – sobre Santa Catarina em Cena – num sábado, dois sábados – trouxe à tona os trabalhos que são feitos tanto no Núcleo como no CAPC, e, segundo foi relatado, inclusive pelo dirigente maior da Casa, irmão (..), houveram muitas manifestações parabenizando os trabalhos daquelas entidades.

E: Ok. Você podia me falar alguma coisa sobre a atividade, o teu trabalho lá dentro assim, o que você desenvolve, que tipo de trabalho... fale alguma coisa sobre isso.

E1: Isso. Bom, eu – eu vou falar especificamente na quarta-feira quando faço meu trabalho, eu chego e – e faço a recepção no salão principal do Núcleo, recebendo os pacientes, acomodando-os nas suas cadeiras, né – é o tempo que precede a uma palestra né – e que antecede a – a passagem desses pacientes para um salão, uma sala, onde serão deitados em macas né, para que sejam iniciados os trabalhos, e as terapias visando a cirurgia que será realizada sempre às quartas-feiras à noite, a partir das 20 horas. Assim que terminada a palestra, eu – eu vou a esses locais né, do do – onde os pacientes já estão deitados, e ajudo como – fazendo um passe de câmara né, que consiste em acomodar o paciente, acomodar as energias do paciente né, eh – trazendo um – ambiente para o local – de bastante ternura né, calma – e onde o paciente se sinta – ah num local bastante aprazível, que ele possa – estar em conexão com ele mesmo, voltado para o seu interior, revendo coisas que – que são necessárias rever, visando a sua cura. Vê o que ta de errado – ele faz uma retrospectiva na vida dele, durante essas terapias aí. Depois, especificamente eu faço a cromoterapia, que consiste eh – em passar para o cliente – um – em cima de – de uma terapia de luzes né – especificamente no físico – que é são tratados clientes na quarta-feira, as luzes azuis – a amarelas, verdes que são as principais usadas para a cromoterapia. Sempre no local indicado, anteriormente, que se encontra no crachá né, e no prontuário do paciente, onde está o desconforto do

paciente. E após seguimos com outras terapias né – terapias – que envolve salinização, terapias de iodização, e outras terapias mais sempre visando a – a preparar o cliente pra a cirurgia – que se realiza à – à noite de quarta-feira.

E: Quer dizer que você se sente assim envolvido no trabalho que você faz.

E1 – Perfeitamente envolvido. E – e me sinto valorizado – eu mesmo me sinto valorizado pelo meu trabalho que realizo porque sinto que – estou fazendo algo de útil para meus irmãos né – e em benefício deles e ao mesmo tempo – ah me beneficiando dessa energia – que retorna – para mim – em cima desse, desse voluntariado.

E: Ok. O que te prende – você já falou alguma coisa sobre teus motivos e tal de ser voluntário, mas o que te prende hoje ao Núcleo, no teu trabalho – você sentir que você tem que voltar lá e que aquilo te faz bem como você tem dito. Qual é o motivo principal – ou tem vários motivos que te prendem?

E1: É. Motivos são esses aprendizados. Na verdade, a religião espírita – ela ta me trazendo essas respostas né que eu falei anteriormente – ah – eh – a cada dia estou aprendendo mais com cada paciente que chega lá e é atendido, e mesmo nas – na escola de médiuns, a gente freqüente a escola de médiuns, e – e nessa escola nós temos todo um aprendizado – que – aulas, são aulas né, aulas teóricas e até práticas, onde aprendemos a – coisas novas que até então desconhecia, é em ci.. eh – baseados em ensinamentos espíritas né, e – e em outros ensinamentos filosóficos, psicológicos, e isso tudo ta me trazendo uma segurança e um conhecimento do meu eu interior. Então, esse aprendizado todo me – me leva a – a ter essa motivação a a a sempre estar presente no meu trabalho. É como se eu determinasse pra mim mesmo que naqueles dias eu estou a – com aquela agenda – para servir aquele local. Eu estou eh em primeiro lugar, minhas prioridades – eh já determinadas, que por exemplo, na quarta à tarde, a partir do meio dia, está reservado para eu estar no Núcleo para fazer aquele trabalho – porque eu me sinto importante lá. Me sinto bem lá, e – e eu preciso desse trabalho.

E: Vocês, o grupo de voluntários que se encontram lá no dia que vocês trabalham... fora esse encontro lá dentro do Núcleo, vocês tem algum grupo que se reúne fora, confraternizações, ou fica limitado lá.

E1: Não. Fica limitado especificamente ao – ao, no meu caso, principalmente, fica limitado ao ao ao à prestação daquele serviço naquele dia – não há festas, não há – a não ser no final de ano, uma confraternização de final de ano, depois que os trabalhos do ao são encerrados, existe uma confraternização, entre os participantes, por exemplo da quarta-feira a tarde – deve haver das outras equipes também né – eh mas assim não existe reuniões – e – do pessoal fora do ambiente de trabalho.

E: Qual assim a missão ou o objetivo do trabalho tanto do Núcleo Espírita ou do CAPC, como você conhece os dois?

E1: Perfeitamente. Penso que o – a principal, o principal objetivo do Núcleo, tanto quanto o CAPC – seja a – buscar a – informações, prestar informações para os pacientes – para que o paciente a – faça um – um aprendizado, faça um – faça uma – uma regressão no tempo, verifique as causas de seus males, e que para buscar a cura – eh se entendam – de onde é que veio a doença, onde é que – onde é que está o ponto obscuro – né – da sua vida, que ocasionou um certo desconforto, seja uma doença passageira, seja uma doença – degenerativa né, que é o caso do CAPC, mas sempre temos em vista – a – buscar – a – a reflexão o que que ocasionou esse mal estar e – e fazer o paciente entender que como ele, esse paciente, deixou a doença entrar no seu corpo físico, ele tem também a possibilidade de – a – liberar essa – se curar dessa doença – em cima daquilo que

ele – daquilo que ele aprende e daquilo que ele reflete aqui as mudanças que são necessárias – que ele faça – na sua vida. Mudanças essas que envolvem, às vezes, muita – muitos relacionamentos, mudanças de comportamento, mudanças de pensamento, várias mudanças que são necessárias muitas vezes para que essa cura aconteça. + Também é uma linha de atuação do – do Núcleo – em cima das palestras né – que são proferidas né – buscar – a – buscar um entendimento maior entre as pessoas. Que as pessoas – eh – tirem certas máscaras, se – se modifiquem no seu interior, no sentido de buscar – certos parâmetros de vida que – com seu semelhante visando uma melhora em sociedade né – o que eu quero dizer com isso é que se busca também que as pessoas sejam mais amáveis umas com as outras. Se fizermos isso dentro da família – já será um grande passo – que os relacionamentos familiares são as principais causas de doenças. Se fizermos entre vizinhos e dentro da sociedade, vai abranger um conjunto de – de pessoas que com certeza – vão se ampliando a cada dia – e essa – e essa melhora de – de relacionamento – quanto maior dentro de uma sociedade, dentro de uma cidade, dentro de um país, provavelmente chegaremos a um ponto – onde as – as divergências maiores seriam tratadas de outra forma, evitaríamos muitas – muitas guerras até muitos – muitos – muitas brigas – muitos – muitas mortes entre familiares – se houvesse o entendimento eh de melhorar-se como pessoa e buscar sempre o entendimento de que gostaria que fizessem a mim (...) o que gostaria de fazer aos outros que fizessem para mim.

E: Ok. Como sua família vê seu trabalho voluntário?

E1: Perfeitamente. Ah – muito bem. Porque a família – a esposa também trabalha no Núcleo, então – é inclusive ela trabalha há mais tempo que eu lá, e isso é um – é um facilitador porque – a gente converge nos mesmos pensamentos e isso só vem a crescer nossa relação em relação ao trabalho voluntário. Nossos filhos entendem perfeitamente – foram – seguidamente – eles participam de conversas dentro do lar sobre isso, e é muito gratificante e é muito alentador.

E: Quer dizer, da tua parte não existe uma pressão familiar pra você ser voluntário, é alguma coisa espontânea...

E1: É espontânea, natural e é porque eu gosto mesmo fazer o voluntariado.

E: Teria mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre teu trabalho como voluntário?

E1: Sim. Dizer que o trabalho voluntário é um – é um – hoje é uma necessidade para mim, eu me sinto feliz em realizá-lo, quando – é – não saberia explicar porque, mas assim que entro nas dependências do Núcleo Espírita sinto-me aliviado, sinto-me melhor como pessoa, mais energizado, não sei se esse trabalho voluntário em outra instituição seria a mesma coisa, não saberia avaliar, mas mas sinto que o Núcleo é um lugar muito especial – onde os – os preceitos que lá acontecem de – de dedicação ao paciente visando a sua melhora, eles são levados a sério por todos que – por todos que lá – entregam seu trabalho por diferentes dias – sinto-me bastante feliz em fazer esse trabalho – e – e com certeza – em busca do meu aprendizado maior.

E: Ok. Eu quero te agradecer por você ter disponibilizado teu tempo pra gente conversar e te desejar todas as coisas boas pro futuro e que você possa continuar desenvolvendo esse trabalho no Núcleo que, eu particularmente, estou achando algo muito espetacular, muito especial. Muito obrigado, e muita saúde e muita paz.

E1: Eu que agradeço, e estou a disposição, qualquer coisa conte comigo.

Tempo total de gravação = 34min45seg

Entrevista 2

E2: Dados demográficos – Idade 76 anos, sexo masculino, casado, escolaridade pós graduação com mestrado em administração e marketing, renda mensal familiar acima de 10 salários, aposentado, reside a ... km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo.

E: Hoje o senhor exerce alguma atividade profissional remunerada?

E2: Remuneradas não, só aposentadoria.

E: Só aposentadoria...

E2: Aposentadoria e trabalhos eventuais como professor.

E: Ah sim.

E2 – Ministrando cursos, palestras...

E: Tá. O senhor poderia falar alguma coisa sobre sua crença religiosa?

E2: Eu, em princípio, não estou ligado a nenhuma – nenhuma organização religiosa. Meu fundamento de ordem espiritual – é a leitura a respeito do desenvolvimento do – do pensamento indiano – particularmente com relação ao Buda. Tenho o Buda como referência – e em torno do Buda eu tenho estudado outras – outras atividades – outras filosofias religiosas.

E – Sim, sim... Quais são seus valores ou as motivações mais importantes que fizeram com que o senhor começasse a ser voluntário?

E2: Bom, eu tenho uma – uma – uma – um viés, vamos dizer que em toda minha atividade profissional, eu sempre tive paralelamente atividades de ordem institucional. Então, quando eu trabalhava eu era – locutor de rádio, eu participei da formação da – da associação dos radialistas, do sindicato dos radialistas, e assim por diante. Tá? E isso foi sempre – foi sempre – me acompanhando na – na vida profissional. Aqui, aqui mesmo em Florianópolis eu tenho assim a – participação na fundação da associação catarinense de propaganda, do sindi, da associação dos radialistas, do sindicato dos radialistas, da ADVB – Associação Brasileira de (...) de Santa Catarina, somos fundadores, enfim, a minha vida, minha atividade sempre teve esse esse outro lado – mais recentemente então é que – esse recentemente nos últimos 10 15 anos, minha mulher e eu temos nos dedicado um pouco mais a estudar o nosso lado religioso. Esse lado espiritual, não religioso no sentido eh convencional de – de esta ou aquela – eh – organização religiosa. Tá? E – quando surgiu oportunidade foi através da da – que minha mulher é espírita, e – e ela – nós temos – três filhas que também praticam são – são espíritas – e prestadoras de serviços em – em atividades espitu... espiritualistas, tanto aqui no Nosso Lar ou lá em outras organizações lá, lá da Ilha, SERTE – e assim por diante. Nós somos eh – contribuintes e trabalhadores pra essas pra essas entidades como um princípio de vida.

E: Sim. Ok.

E2: Então, minha mulher e eu estamos há cinco anos.

E: A sua mulher também é voluntária –

E2: É voluntária e terapeuta.

E: Uhum. Ah, o senhor trabalha aqui como voluntário há quanto tempo?

E2: Aqui com o voluntário há cinco anos.

E: Há cinco anos, e a sua mulher?

E2: Também.

E: Também há cinco anos.

E2: Uhum

E: Tá. O que significa assim o trabalho voluntário para o senhor? O que que ele...

E2: Hoje o trabalho voluntário pra nós é uma oportunidade de retribuição de de benefícios de ordem pessoal crescimento como gente, que a gente tem observado, no decorrer da nossa vida, tanto a minha mulher como eu, somos de origem de famílias muito pobres, famílias rurais, e conseguimos ter uma estabilidade, de criar cinco filhos, e esses filhos estão encaminhados, então isso nos faz é devedores vamos dizer assim, não no sentido negativo do devedor, mas nós nos sentimos muito bem quando nós temos oportunidade de partilhar com os outros alguma coisa que a gente tem e pode fazer.

E: Ótimo. Ah – o trabalho voluntário dá mais prazer ou é mais um dever pro senhor?

E2: Me dá só prazer.

E: Só prazer –

E2: Só prazer. Eu já quando trabalhei, que eu trabalhava em atividade econômica, eu já só trabalhava por prazer. Agora então – isso aqui é – é realmente é o nosso princípio fundamental, a gente tá aqui porque se sente muito bem.

E: Ok. O trabalho que o senhor faz aqui no Núcleo – fale alguma coisa sobre que tipo de trabalho que o senhor faz.

E2: É o meu – o trabalho tenho uma formação voltada pra comunicação, e com isso eu adquiri uma certa experiência – no relacionamento com pessoas.

E: Uhu

E2: E comecei – me dispus a trabalhar aqui nessa área e hoje eu tenho praticamente assim, eu sou uma das pessoas mais antigas que está na área, nesta área de recepção. Com isto a gente – consegue – traduzir e transmitir pra pra outras – outros outros colegas que são – são voluntários também, uma linha de atendimento das pessoas e que transcenda o simples fato de receber.

E: Uhum.

E2: As pessoas – é nós fazemos um esforço, nosso esforço é no sentido que a pessoa quando entra aqui ela se sinta segura – ela se sinta querida – ela se sinta respeitada.

E: Uhum.

E2: Então esse é o nosso nosso objetivo e a nossa – a nossa meta é o nosso desafio vamos dizer assim. É – é produzir pra essas pessoas esse grau de interatividade né, no primeiro momento, a maneira de sorrir, a maneira de dar boa tarde, a maneira de dizer seja bem vindo, a maneira de perguntar é – assim – querer saber o que a pessoa quer – são todas coisas que nós desenvolvemos na prática aqui sem sem curso nenhum, até porque somos muito poucos né, mas é – na prática diária do nosso trabalho.

E: Poderia dizer que vocês se colocam muito no lugar do paciente que vem aqui?

E2: É, o esforço total é esse aí. É estar no lugar do do de quem vem buscar uma ajuda, um auxílio...

E: O senhor falou que já foi voluntário antes – o senhor trabalhava como voluntário –

E2: É, não propriamente como voluntário neste sentido aí, mas assim participando de organizações que eram de interesse da área – então, na universidade fui presidente do diretório acadêmico, na na na minha vida acadêmica eu sou um dos fundadores da fundação – é – a ESAG, que é a Fundação de Estudos Superiores de Administração e Gerência, então eu sempre tive essa – a associação dos professores de marketing, então eu sempre tive – eu dediquei uma parte do meu tempo pra esse tipo de atividade.

E: Uhum.

E2: E agora, atualmente nos últimos dez anos eu tenho quase que uma atividade direta e – e principal que é a gestão de um site sobre a história do rádio e da televisão em Santa Catarina.

E: Uhum...uhum...

E2: Eu administro o site, eu sou o editor responsável, e com a colaboração de outros colegas nós fundamos uma associação que é pra manter – manter as atividades do site.

E: Uhum. Ok. Quais os dias que o senhor vem aqui no Núcleo?

E2: Nós trabalhamos às – nós trabalhamos somente às quartas-feiras na parte da tarde. Do meio dia às cinco. Eu faço o horário dedicado aqui.

E: Todas as quartas...

E2: Todas as quartas-feiras.

E: Tá. O seu trabalho, que o senhor desempenha aqui, o senhor percebe que ele é útil para o Núcleo, para as pessoas?

E2: É, pela reação, pela receptividade a gente percebe que há uma – há uma compreensão e inclusive uma valorização desse tipo de trabalho.

E: Uhu. Ok. O senhor falou antes das motivações que fizeram com que o senhor começasse a ser voluntário, aqui no Núcleo, isso há cinco anos. Mas hoje o que que mantém o senhor vindo aqui todas as quartas-feiras – qual o principal motivo que lhe traz aqui?

E2: É, principalmente o que nós aprendemos aqui. Minha mulher e eu sempre tivemos uma boa convivência – e – essa convivência até com o passar do tempo – nós vamos agora o mês que vem completar cinquenta anos de casados e ela tem sido cada vez melhorada mais e no momento que nós começamos a trabalhar aqui – esta facilidade de relacionamento porque nós continuamos cultivando as nossas diferenças, minha mulher tem a personalidade dela e eu tenho a minha, nós dois juntos nós nos harmonizamos, um não quer se sobrepor, pelo menos, conscientemente não se faz isso. E a partir do momento que a gente começou trabalhar aqui – durante esse período, a gente sentiu que o nosso relacionamento se tornou ainda muito mais agradável, muito mais ameno, muito mais aberto, nós lemos uma barbaridade, nós lemos praticamente os mesmos livros – eu estou lendo agora sobre medicina vibracional, que é uma coisa fantástica, é uma das – vai ser assim uma das principais – é – é mudanças do do terceiro milênio é a medicina é a medicina vibracional, que não é nada mais que a medicina ayurvédica – dos indianos. Só que ela foi no ocidente totalmente desvalorizada, desmoralizada, e agora está havendo, através do espiritismo, e são médicos espíritas que mais tem escrito a respeito de medicina vibracional, porque além de médicos eles são espíritas também, e juntam a pesquisa tanto do ponto de vista científico com relação a medicina em si, como com relação ao comportamento das pessoas. E hoje se sabe – bom isso aí quem – agora a literatura principalmente na área da administração é riquíssima em questões de a motivação como elemento fundamental, da estabilidade, do desenvolvimento, e da performance dos executivos né. Então hoje a medicina está, a medicina vibracional está já trabalhando isso aí e com experiência muito – muito ricas né – o trabalho que não é exatamente com esse – com esse fundamento – porque o Chopra nos Estados Unidos que é um indiano, médico indiano, que tem um laborató – um instituto de pesquisa e tratamento de pessoas é com doenças terminais como o câncer principalmente, e ele trata todo todo o paciente daquele daquele instituto sem medicação. Exclusivamente com a recuperação do do da energia da pessoa que ela mesma. Porque – se eu faço a doença (...) porque a recíproca é verdadeira – eu curo a doença. Quando as

peças chegam aqui assim – e que tinham aquela tendência de achar que é coitadinha, não tem não tem ninguém coitadinha, você fez uma doença você está aqui agora nós vamos trabalhar junto pra você se recuperar disso aí. Mas você que tem que fazer isso – não somos nós.

E: Parte da – parte da pessoa.

E2: Exatamente.

E: Houve algum acontecimento com o senhor, que o senhor decidiu ser voluntário – uma coisa extraordinária que aconteceu ou era alguma coisa que já estava com o senhor?

E2: A uma – um histórico nisso, de de doenças familiares, que se encontrou na na área espiritual uma uma um retorno vamos dizer assim, bastante forte isso, foi estreitando o relacionamento com a gente, é porque minha mulher sempre foi espírita, ela sempre teve cuidado de de de estudar a respeito mas não não não sentíamos enfim como dedicar um tempo pra isso. E é – eu não consigo, não consigo atribuir o fato de que foi ah porque nós tivemos experiência de que resolveu – a vida de um de nós não é bem nesse sentido. Nós vemos uma coisa um pouquinho mais ampla, que é o bem estar das pessoas, porque não adianta alguém nós estarmos muito bem se tiver duas pessoas nós seremos rodeados de pessoas doentes, nós vamos acabar doentes também. Agora se eu – se nós dois – nos mobilizarmos pra minorar a situação daquelas pessoas – que elas melhoram um pouquinho – a qualidade do nosso ambiente melhorou. No fundo, pode parecer muito ambicioso, mas a gente acredita que esta, esta pequena melhora, que se faz através do Nosso Lar e de outras organizações, muito muito sérias e úteis aí, nós temos melhorando a vida do ser humano. Há muita coisa por fazer, sem dúvida nenhuma, mas já alguma coisa ta feita.

E: É verdade...

E2: E tem que ter olhos e percepção pra isso ou a gente vai...

E: Exato. O senhor, antes de ser voluntário, o senhor foi paciente aqui no Núcleo ou no CAPC?

E2: Não. Não. Não.

E: Alguém da sua família?

E2: Sim.

E: Foi paciente?

E2: Uhu, sim.

E: Esposa – filhos

E2: Sim. Até na verdade eu já havia sido atendido um pouco antes de começar a trabalhar aqui. Mas, aparentemente isso foi só um gancho, não chegou a ser uma coisa decisiva.

E: Ok, ok. E por que que o senhor decidiu ser voluntário aqui?

E2: Pela filosofia desta casa. A – o Nosso Lar ele tem na sua proposta, uma coisa pra mim pra nós, minha mulher e eu, uma coisa muito cara, que é o respeito pelo que você é, pelo que o outro é, então aqui quando se chega eles não perguntam se você é espírita, católico, protestante, judeu, não há essa essa essa separação, vamos dizer assim, é um ser humano que entrou aqui, esse ser humano é irmão e vai receber o tratamento que qualquer um outro receberia. Então este é o ponto de vista filosófico que eu vejo com maior força aqui. (...) assim, sim mas vocês chegaram a um grau de perfeição? Eu digo – não. Nós temos muito longe ainda, mas nós temos (...) a perfeição. Porque ainda há certos pequenos favoritismos que a gente observa em uma pessoa que é uma certa projeção social, política ou econômica, às vezes é atendido de uma maneira que – assim é uma crítica minha

que eu que eu vejo como inadequada, mas eu respeito porque são são necessidades que a administração do Núcleo tem para atender as necessidades do próprio Núcleo.

E: Uhum.

E2: Então essas coisas também elas não devem, não vejo como saudável que seja absolutamente radical né. Agora, nós primamos pela igualdade, pela fraternidade, pela, pela liberdade das pessoas serem o que elas são, e fazer todo o esforço que nos é permitido em termos de energia, pra que ela se recupere.

E: O Senhor já tinha uma referência antes do trabalho que era feito aqui quando o senhor decidiu vir pra cá?

E2: Sim. Aí sim. (...) aí o atendimento da da das minhas filhas, da própria minha mulher, depois eu acompanhando elas acabei acabei também me interessando pelo tipo de tratamento e e e enfim essa coisa foi se somando né.

E: Aqui, no Núcleo, como é o tratamento que o senhor recebe? Tem algumas pessoas, assim com alguma hierarquia acima?

E2: Sim.

E: Do senhor? Qual o tratamento que o senhor recebe deles assim?

E2: Aqui na na, e aí vou falar uma coisa pra ti que é da área, é uma das necessidades que nós temos nesta organização, e em todas as outras que eu já trabalhei, onde se trabalha voluntariamente. É um descuido que se tem com os voluntários, do ponto de vista de treinamento deles para o serviço, o papel que a gente quer que eles façam. Porque não é o fato de que isso aqui é uma grande, uma grande, tem grande mérito esse trabalho, que que justifique uma, eu exigir de alguém que não esteja preparado pra fazer aquela coisa. Então no Nosso Lar tem treinamento, tem doutrina, tem orientação e tudo, mas ainda (...) Nesse particular é uma das das não digo carências, mas dos desafios que nós temos, inclusive em relação ao crescimento do trabalho do Nosso Lar.

E: Uhum.

E2: Porque o Nosso Lar está num num crescimento anual muito além do do dos padrões de uma organização comercial ou mesmo (...) explodem, mas isso aqui não é – aqui nós não trabalhamos em função da religião, trabalhamos em função do serviço de saúde.

E: Uhum

E2: Por acaso, isso aqui é uma organização espírita. Não que isso desmereça os espíritas, mas o trabalho todo, a ação, a nossa energia ela é usada em função de prestação de serviço. Aí eu me ressinto, até pelo fato da minha formação profissional, (...) está muito em se conhecer a importância de recursos humanos nas organizações, é que eu vejo que nós devemos melhorar um pouco mais. Estou percebendo inclusive e agora há um movimento em andamento aqui já que é abrir um pouco as portas através do site do próprio Núcleo. O site do Núcleo, como a grande maioria dos sites das grandes organizações, são sites voltados para os interesses de quem ta dentro – e esquece que tudo, se existe alguém aqui dentro é porque existe alguém usando nosso serviço, então temos que pensar nos outros também. E isso no nosso site inclusive eu sou hoje um dos colaboradores do site, no sentido de tornar essa essa essa esse essa visão do trabalho do Nosso Lar mais facilitada através do próprio do próprio site. Ainda vamos chegar lá assim gente opinando com com fóruns e tudo mais, por enquanto...

E: É. Ok. E como é o relacionamento de vocês aqui com os colegas voluntários, as pessoas que trabalham aqui com o senhor?

E2: Ele é um relacionamento bem bem próximo daquilo que a gente tem em casa sabe é um relacionamento familiar. É é – mesmo nesse nessa ele é muito franco, tem os encontrões nos os desencontros, vamos dizer assim, mas todos eles porque todo mundo está querendo fazer uma coisa melhor. Não tem ninguém assim puxando pra trás. Não tem um conjunto de pessoas não tem aquela formação aqueles grupos né, grupo da direita da esquerda e do meio, aqui existem esses grupos porque eles são – fazem parte da nossa, da nossa essência como, como ser relacionamento né, mas aqui eles não tem eles não são alimentados e muito ao contrário eles são é é tomados como uma coisa que é nefasta pro conjunto. Nós podemos ter nossas divergências, eu faço a coisa de um jeito, outro faz de outro jeito, eu tenho que respeitar que o outro ta fazendo daquele jeito, se ele está conseguindo o mesmo resultado, a nossa questão é o resultado, não é a maneira de fazer. Tem tem normas, a casa tem, mas em grande parte isso o nosso dirigente, o irmão (..), ele hoje tem batido muito nessa tecla, de que há mais necessidade de participação das pessoas, em relação ao todo, não somente quem é terapeuta fazendo aquela terapia – aquela terapia faz parte de um conjunto de atividades em favor daquela pessoa que ta aqui. Então esse tratamento eu creio que estou fazendo esse tratamento eu preciso ta olhando se as outras partes que fazem o conjunto elas estão se harmonizando. Se tiver alguma coisa que tiver muito muito fora do padrão, vai vai prejudicar todo trabalho. Ah eu vou chegar, vou interferir junto ao ao meu colega, não! Nós temos uma coordenadora, eu vou falar pra coordenadora, e ela vai fazer a ponte, ela vai fazer o o o acordo disso aí. Não é uma coisa é – absolutamente tranquila, mas é necessária e se busca isso, e se respeita, e por isso, inclusive, é uma das coisas que eu vejo como ah um grande motivo pra se estar aqui.

E: Uhum, uhum.

E2: E que esse respeito ele está inerente em todas as ações. A pessoa pode estar fazendo a coisa completamente diferente, mas você nota no fundo que ela está buscando o mesmo objetivo.

E: Ok. As pessoas que trabalham aqui, sejam superiores ou colegas, eles algumas vezes eles valorizam o seu trabalho, ou elogiam o seu trabalho?

E2: Eu sei, eu sei que corre assim porque até pelo fato de minha mulher trabalhar muitas coisas são comentadas com a minha mulher, a meu respeito né. Eu tenho por princípio que uma uma uma procurar uma uma assim me inteirar com as pessoas. Então sou muito fácil de de, na verdade não sou fácil de lidar, eu faço muito esforço pra ser uma pessoa simpática, sou uma pessoa respeitosa, e tudo mais, mas é, de uma maneira geral as pessoas demonstram admiração pelo trabalho dos outros, não só meu, mas dos outros assim.

E – A pergunta que você gosta do que faz...

E2: Sim.

E: Já respondeu.

E2: Só (risada)

E: Só gosta, né! E sobre a tua atividade, o teu trabalho ali de recepção, você ta satisfeito com essa atividade, você gosta desta atividade?

E2: Sim eu gosto de fazer esta atividade, mas percebo que ainda temos muitas coisas que pode ser agregada como elemento de de satisfação para para e quando falo de elemento de satisfação pra quem vem prá cá, eu to pensando também na facilidade do trabalho dos outros colegas que trabalham aqui dentro, pra que eles entendam mais. Quando o cliente chega lá embaixo que ele chega tão satisfeito e tão feliz da vida assim, e que ele que ele participe seja mais acessível, ao tipo de

tratamento que acontece. Porque é uma coisa Pedro, muito grave – é que grande parte das pessoas que vem elas vem aqui assim porque pra elas é a última tentativa que elas estão fazendo.

E: Uhum.

E2: Não deu certo o médico, não deu certo não sei o que, não deu certo ta ta ta ta, então vamos pro espiritismo né, mas isso aí é uma coisa que nós – a gente respeita, sabe que existe e e até faz com que nós tenhamos mais cuidado na maneira de falar. Mas tem palestra que não se fala em Deus aqui. Porque Deus – criou-se um uma figura física pra pra o mundo ocidental né, digo o Deus do ocidental é um é um velho de barbas, é um negócio é é material, que é que é mau, que sacrifica as pessoas, que cobra, essa coisa toda. Então, por técnica, nós até evitamos de falar Deus. Nós temos que ter o respeito, o respeito pelo divino, e aí eu me inté, eu me vejo em casa, porque (...) é isso! O respeito pelo divino, você pode fazer o que você quiser, você vai, você vai ter que ser uma pessoa que chegue num determinado nível de compreensão e abertura – pra você ter um caminho pra andá, senão você não vai, vai ficar batendo com a cabeça no muro.

E: O Núcleo e o CAPC, como é que o senhor percebe que ele é visto pela comunidade?

E2: É – as referências que a gente tem são bastante positivas, embora o Núcleo – ele tenha – um trabalho maior do que a imagem que ele tem. Ah – de certa forma isso é compreensível, porque se se o Núcleo não tem uma organização, um setor que cuide da sua imagem, ele tem que ser muito parcimonioso na divulgação dessa imagem. Porque se cada um de nós, que trabalhamos aqui, nos (...) querer ser o intérprete...

E: Ahã...

E2: De de do do da da do que é o Núcleo, isso vai complicar. Uma das coisas que a gente ta fazendo agora, no site, é procurar também uma unidade de linguagem, tecnicamente é o recomendável, até (...) por nós profissionais, como indivíduos e profissionais né, assim como as organizações não sobrevivem se não tiver uma organização da sua comunicação. Tá? E é um dos trabalhos que parece que o irmão (..) vai dar prioridade agora, talvez no ano de 2009.

E: Ahã.

E2: É o de ordenar essa comunicação. Quer dizer, ordenar no sentido profissional. E – nós temos trabalhos que estão sendo divulgados, há há uma uma coisa bastante interessante, há vários trabalhos acadêmicos a respeito da atividade do Núcleo né – ah o irmão (..) tem participação que é muito presente em eventos internacionais ligados ao desenvolvimento da saúde, por mé – pelos métodos não não simplesmente é da medicina lobática né, e agora mesmo ta se realizando o ou se realizou agora há uma semana passada, em Porto Alegre, o simpósio internacional, e que o Nosso Lar é um dos cases lá! Tá sendo – um dos palestrantes elegeu o Nosso Lar como um case pra apresentar – num seminário internacional – tem até matéria aí no no na secretarias...

E: Eu gostaria de...eu gostaria de conhecer.

E2: Uhum

E: Muito interessante...

E2: Então há esse essa – respondendo objetivamente tua pergunta, há uma uma boa compreensão do trabalho do do Nosso Lar.

E: Uhum. Ok. Como é que o senhor se sente, se um dia, por qualquer motivo o senhor não pode vir aqui na quarta-feira?

E2: Tomo cuidado de ligar com antecedência necessária prá que o prá que a coordenadora – é – se se se previna e busque outra pessoa pro lugar. Isso nós fazemos assim é religioso isso pra nós. Quando nós estamos de manhã na emergência familiar, então nós temos o seguinte princípio – primeiro eu, depois depois os familiares, depois os outros.

E: Uhum

E2: É essa essa é a nossa ordem. Porque só se pode prestar serviço se a gente estiver em boas condições. Se eu tenho condições, mas meu filho não tá, minha filha não tá, eu vou vir pra cá pensando nela, e aí eu venho pra cá trazendo um problema e não a solução. Então nós ligamos – irmã (..) nós na quarta-feira não vamos poder estar aí – ela ela escala outras pessoas, que nós temos vários aqui né, i i isso tem dado certo e eu pra nós e isso aí é o correto.

E: Ok. O senhor conhece qual é a missão ou a causa que o Núcleo serve assim... por que fazer esse trabalho, por que o Núcleo desenvolve esse trabalho aqui?

E2: Eu não saberia te dar uma resposta – que eu mesmo acredite. Eu vejo as manifestações do irmão (..).

E: Uhum

E2: Porque ele é uma pessoa com uma religiosidade natural muito forte – de origem de uma família católica, extremamente católica – convencional – começou estudando em seminário católico – e num determinado momento se descobriu não sendo seguidor da religião católica – e sim espírita. Isso deu um transtorno na vida dele, na vida da família dele e essa coisa toda. Então esta é uma versão que ele que ele inclusive ele alimenta né – e que é uma uma coisa próximo de missão – que ele recebeu – e junto com outras pessoas começou construir o Núcleo e esse Núcleo é hoje esse essa organização que nós conhecemos aqui.

E: Ok.

E2: Então, desculpe, nesse nesse particular, ele tem como como mentores né que que aqueles espíritos que ele considera – que são os orientadores dele – e tem nome – e que são invocados aqui dentro né – porque aqui dentro esse trabalho é com energia nossa e de toda – de todo o universo! E a proximidade ou a ligação com com as energias do universo é através de pessoas que ou que existiram ou que existam e não estão aqui, mas que é é estão afinadas com o seu ritmo.

E: Uhum. Ok. O senhor falou, tem mulher, tem filhos, sua mulher também é voluntária aqui, como que os seus filhos, os seus familiares, parentes mais próximos vêm o seu trabalho voluntário?

E2: É – nós temos a grande vantagem que nós somos uma família – família pequena, a preta (sua mulher) é filha única e eu sou filho único – (risada) não que parente seja uma coisa ruim – mas há uma tendência – a minha própria mãe, apesar de cultura católica né – ela na verdade ela não era católica, ela era uma espírita, só que não era uma praticante.

E: Ahã.

E2: A a a família da preta to totalmente católica, ela a preta foi criada dentro de igreja, foi coroinha, não coroinha, era era – não sei o que era – isso tem um nome – o guri é coroinha e a menina eu não sei o que é. Então ela – ela trabalhou, estudou no colégio das irmãs aqui em Florianópolis, mas chegou também determinado momento que ela diz não, eu não tenho nada com isso, que eu sou uma pessoa que tem outra interpretação com relação a nossa responsabilidade espiritual.

E: Uhum. Uhum.

E2: Então não houve – não houve – nenhuma – nenhuma crava, vamos dizer assim.

E: Ok. Também, vamos dizer, nenhuma pressão de fora, de outras pessoas, ou daqui que fizessem se tornar – ser um voluntário...

E2: Não não não.

E: É algo espontâneo...

E2: É espontâneo mesmo.

E: O trabalho que o senhor faz como voluntário, na sua visão, ele é um desafio pro senhor?

E2: É. É um desafio principalmente em relação a a minha personalidade – meu temperamento. Eu tenho um temperamento muito impulsivo – muito emocional – e isso, se por um lado tem os seus benefícios, tem – na ordem prática eu tenho bastante – bastante dificuldade, e a minha minha às vezes não é raro eu eu eu saio com uma (...) (risos) – mas é uma coisa – entre colegas aqui assim eu tive algumas oportunidades de desencontros né – e – só que esses desencontros – depois daquele momento – passadas umas determinadas sequência de outros eventos e tudo mais – acaba reforçando uma amizade...

E: Ahã... ahã...

E2: Então – eu eu estou – tô muito grato por ter – estar tendo essa oportunidade aqui – porque eu acredito que é nessas limitações – que eu vou poder corrigir esse meu lado que eu considero – ainda – a ser melhorado, aperfeiçoado.

E: Uhum... uhum...

E2: Então eu me exponho – ta! Eu consegui sair esses dias com uma uma pessoa – uma colega daqui chegou e me deu mijada né – então passou passou – depois com – assim – como se não se nada tivesse acontecido, como se aquele incidente não tivesse acontecido, a gente teve oportunidade de fazer outras coisas juntos, e hoje a gente – tem uma fraternidade muito mais forte.

E: Ahã, ahã. Daria pra dizer assim...

E2: Uma explosão... assim um ambiente (...)

E: É... acontece normalmente... O ambiente de vocês aqui é um ambiente assim – com um clima bom?

E2: Bem mais prá esse – equilíbrio essa harmonia assim né.

E: Uhum...

E2: Não é tudo, aqui não é tudo anjinho não! (risos)

E: É, aqui como em todos os outros lugares...né? Bem, eu gostaria que o senhor de repente tem mais alguma coisa que o senhor gostaria de falar, então o senhor fica a vontade, uma coisa que o senhor ache muito importante dizer sobre seu trabalho voluntário, ou sobre o ambiente aqui, onde o senhor faz esse trabalho, sobre os pacientes, o que o senhor ache que seja importante, o senhor fique bem a vontade...

E2 – Pedro + uma das coisas que – que eu vejo extremamente positiva nesse trabalho aqui – é a gente – desenvolver em nós mesmos, em nós mesmos cada um, e é poder conversar com as pessoas sobre uma coisa – não tem Deus nenhum que resolva a vida de ninguém, porque Deus não se mete nisso. Porque senão Ele estaria sendo parcial e não seria Deus! Então, cada um – recebe – cada ser recebe – uma determinada – é tarefa dentro de um conjunto no universo. Só que a – particularmente no ocidente criou-se através das religiões, um ser um serviço uma uma uma manipulação dos valores religiosos, e fazem com que as pessoas fiquem subjugadas a uma organização ou a outras pessoas. Subjugadas a hierarquia – igreja católica, vou citar assim informalmente por ser a igreja católica o maior a maior organização religiosa do ocidente, mas todas as outras religiões cristãs – elas tem esse viés – de submissão – dos seus vícios – para usufruto dos dos benefícios da

organização em detrimento das pessoas. E aqui nesse trabalho, é exatamente o oposto, aqui o nosso desafio é chegar na frente da pessoa, que chega aqui parece caindo aos pedaços, e a gente dizer pra ela – muito bem – você chegou aqui – nós estamos aqui para trabalhar contigo – agora tu vai tratar de te curar. Tu vais fazer a tua parte – porque tu fizeste essa doença – não foi teu filho, não foi teu marido, não foi tua mulher, não foi teu primo, não foi o cara da venda, não foi – não foi ninguém. Você fez isso aí. Então, primeiro você tem que assumir essa essa essa posição – e você vai se curar. Se você não se cus... não assumir você não vai se curar. Grosseiramente, de maneira muito sucinta então esse é o desafio. Aqui nós trazemos de volta – ta – para a pessoa – a responsabilidade que sempre foi dela. Mas que foi – assim – surrupiado dela por uma organização de interesses econômicos, comerciais, é – egoísticos, é – através das religiões convencionais. Você pega pega o budismo – o budismo não tem esse não tem esse Deus – diz-se que Buda é ateu – é uma idiotice – porque ele não tem esse Deus carrasco, esse Deus é – maldoso, esse Deus que botou o próprio filho a ser sacrificado – esse Deus não (risada) – isso é uma invenção pra dramatizar uma outra coisa. Então não há, não existe na história da humanidade – nenhuma – demonstração séria de que os próprios filósofos gregos diziam toda sua sabedoria já disseram isso tantas vezes – as pessoas são responsáveis por elas + e eu só posso ser útil a ti se eu tiver em bom estado – senão eu vou ser um problema pra ti. Te passar doença – te passar a minha raiva – vou te passar minha meu (...)

E: Uhum, uhum.

E2: Expliquei?

E: Eu fico muito agradecido... (considerações finais)

Tempo total de gravação = 40min55seg

Entrevista 3

E3: Dados demográficos – Idade 51 anos, sexo feminino, casada, grau de escolaridade terceiro grau, renda familiar mensal acima de 10 salários, funcionária pública estadual, reside a 10 km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo.

E: Hoje você exerce – você trabalha aqui como voluntária – você exerce alguma atividade profissional remunerada?

E3: Eu trabalho no – na Secretaria da Fazenda.

E: Está na ativa, não aposentada.

E3: Estou.

E: Ahã. Você poderia falar alguma coisa sobre tua crença religiosa?

E3: Bem, eu – primeiramente eu acredito em Deus – né. Eu acredito nas energias que a gente possa – transformá-las né – e + eu acredito na espiritualidade, de uma maneira geral, né?. Nas entidades na – em todas as – nós temos muitas falanges trabalhadoras né...

E: Uhum.

E3: Eu acredito na na – gosto muito da área dos índios...

E: Sim.

E3: Porque – o xamanismo acho legal pela – pela parte das plantas que eu me identifico muito – então né – e o trabalho aqui do Núcleo faz – desde muito tempo então – já passei por todas as terapias que é feita na casa, né. Todas elas eu – eu faço.

E: Quais são os valores, teus valores principais assim pra tua vida?

E3: Eu – o que eu passo, principalmente pras minhas filhas né – a integridade né – a – como é que vou te falar assim é + me fugiram as palavras – fico meio – fico meio constrangida de falar com alguma coisa gravando (risada)...

E: Não tem... não tem pressa. Pode pensar...

E3: Seria assim – eu acredito que elas tem que ser honestas eh – respeitar – as outras pessoas – os mais velhos ou não – né – ter a individualidade delas, acho que é muito importante – que a gente não cobre uma coisa e a gente dá o exemplo também né – eu, meu marido, toda família – e – mais mais assim eu acredito que seja a a – a honestidade né – a partir do princípio de – respeitar cada espaço – o limite – de uma onde começa a tua liberdade termina a do outro. Essa coisa da – da responsabilidade, do afeto, do amor, da caridade – trabalhar tudo isso de uma maneira geral né?

E: Ok. Qual é o significado pra você do trabalho voluntário?

E3: Olha – é gratificante realmente. Ele é – eu acho que não saberia mais viver sem esse trabalho – né. Tem algumas – às vezes alguns entraves, algumas coisas que que a gente passa que em tudo que é lugar tem – de tudo né – mas eu acho que – eu não saberia mais viver sem – sem esse trabalho. Ele pra mim ele é mais – só digo que não seja mais importante do que o gratificado porque eu preciso dele pra sobreviver – infelizmente a gente precisa do dinheiro – mas eu realmente eu gosto muito desse trabalho que eu faço aqui. Não me vejo – fora dele...

E: Ahã... Ele te dá mais prazer ou pra você ele é um dever?

E3: Não. Ele me dá mais prazer do que dever. Eu acho que é – é prazeroso e claro – eu levo, eu tenho o dever pra cumprir também né, porque eu me comprometi. Então, o comprometimento acho que é muito importante – a gente se comprometer com a situação né porque o paciente ta aqui independente de eu vir ou não – o paciente vai ta aqui. Né? Então eu me comprometo. Já vim – praticamente todos os dias na casa, havia momentos que eu vinha todos os dias, só não vinha nas sextas e sábados, assim. Mas segunda a quinta. Mas os dias que eu gosto de trabalhar mesmo – trabalho espiritualmente na quinta né que faz o trabalho – e o trabalho de triagem na segunda de manhã.

E: Então você vem na quinta à tarde e nas segundas de manhã.

E3: É – é – exato.

E: E há quanto tempo você faz trabalho voluntário aqui no Núcleo?

E3: Dezesete anos e meio, mais ou menos.

E: Meu Deus! Há quanto tempo!

E3: Parece que foi ontem. Só comecei como paciente – como a maioria de nois né – são raros os – os colaboradores que não começaram como pacientes – fiz o tratamento – fiz vários tratamentos já né – agora é – do no início meu compromisso não era assim – tão – né – era – eu vinha – menos vezes – vinha né – fazia tratamento, às vezes me afastava pra tratamento – mas – de dez anos pra cá eu já passei cinco anos sem faltar nenhum dia – desses meus dias.

E: Puxa!

E3: Né? Então assim eu procuro não faltar mesmo!

E: Uhu...

E3: Eu evito o máximo faltar – porque acho que é importante a gente – se compromete – que é ter – assumir esse compromisso e fazer ele...

E: Fazer acontecer.

E3: Acontecer né.

E: E antes de você ser voluntária aqui você trabalhava como voluntária em outro lugar?

E3: Não.

E: Não?

E3: Não. Foi o único lugar que trabalhei como voluntária.

E: Tá. E hoje também você só trabalha aqui.

E3: Só trabalho aqui.

E: Só trabalha aqui... e nesses dias.

E3: Inclusive quando eu me aposentar eu até pretendo vir outros dias – talvez mais um dia pelo menos né – que agora não dá né – já mato serviço uma tarde (risos).

E: Ahã.

E3: Eu trabalho só a tarde, então de manhã fica tranqüilo – mas é que de manhã tu – acaba tendo outras coisas pra fazer também né.

E: Na quinta-feira o pessoal te libera pra você poder vir trabalhar...

E3: Isso. Exatamente.

E: Que legal!

E3: Aí às vezes ah – no início eu pagava horário né – hoje não – meu chefe não – não se importa que eu venha até – está – já é uma coisa (...) né.

E: Já sabe o que você está fazendo...

E3: É exatamente. Já sabe que estou aqui.

E: Ahã... ahã... Você se sente útil no teu trabalho como voluntário?

E3: Sim. Muito mais até do que no meu trabalho remunerado.

E: Mais útil aqui...

E3: Aqui.

E: Mais aqui do que no teu trabalho.

E3: Com certeza. E eu gosto muito do trabalho que eu faço aqui.

E: Eu vejo que quando vocês estão – nas terapias com os pacientes – percebo assim uma concentração de vocês. Esse momento você se coloca no lugar do paciente ou é uma concentração espiritual?

E3: Também. Tem as duas coisas – a gente tem uma ligação com a espiritualidade né – e a gente tem que fazer a parte técnica junto né – que são terapias que tem – passos técnicos que a gente tem que fazer. Então tem que se concentrar pra não errar – né. E – também – com relação à mentalização né – a gente mentaliza coisas boas pro paciente né – que isso é o que mais conta a parte energética – então essa troca de energia entre o paciente e a gente né – que a gente também se coloca – já foi paciente – e às vezes a gente ainda é – muitos de nós ainda fizemos tratamentos...

E: Uhum.

E3: Né. Então assim a gente procura fazer pra eles o que a gente gostaria que fizesse pra gente né. Pelo menos – quando a gente erra, a gente erra – por excesso até de – não por porque quis errar – errou tentando acertar...

E: Ahã, ahã.

E3: Acho que é o que a maioria aqui tenta fazer – é fazer o mais certinho possível – pra – pra – a gente ter esse – esse feedback com o paciente.

E – Uhum, uhum.

E3 – É – eu desde criança eu – eu sempre parti mais pra religião espírita né. Minha vó era benzedeira – típica benzedeira né e daí a gente sempre teve uma vontade de trabalhar assim – participar disso né – e depois – eu fui – isso foi vindo – sei lá – a gente não – não tem uma noção assim – não foi pensado vou fazer assim vou fazer assado – foi acontecendo...

E: Uhum, uhum.

E3: Né? Eu vim pra fazer o tratamento – não tava legal, vim fazer o tratamento – e – tudo foi fluindo de uma maneira e eu fui me me engajando – fui me engajando – e to aí até hoje e não pretendo sair.

E: Ahã.

E3: Às vezes até brinco com minhas filhas tal que mesmo quando eu morrer também não saio daqui (risos). (...)

E: Ahã, ahã.

E3: Não saio mais daqui nunca mais! Então – a gente brinca um pouco com isso também né. Quando eu tiver passado – pro outro lado vou ta aqui também (...)

E: Acredita mesmo no trabalho que vocês fazem aqui.

E3: Acredito. Com certeza.

E: Ahã... Você entrou aqui como paciente. Antes disso você não conhecia o Núcleo, o ...

E3: Não. O Núcleo não. Já tinha ido noutros centros né – espíritas pra tomar passe – pra – né como se vai numa missa – no caso né – e quando eu conheci o Núcleo – fiquei com vontade de participar como voluntário – né – di – por todos o – quando comecei inclusive – o Núcleo era pequinininho né – eram poucos – os médiuns – né – a genti – as cirurgias iam até duas horas da manhã.

E: Meu Deus!

E3: Meu primeiro contato foi direto com irmão Savas – ali né – assim di – conversa – então ele nem falava português – então foi uma – tudo isso assim foi uma coisa que – me encantou! A princípio foi um encantamento né pela – pelo trabalho – e depois eu me colo... me vi na na – no lugar do outro – ta fazendo pro outro o que fizeram pra mim.

E: Uhu...uhu...

E3: Foi muito gratificante também – meu primeiro tratamento foi assim muito emocionante! E dali pra frente eu resolvi – que eu ia – e fui deixando rolá – já tinha grupos de teatro – que o Núcleo, o Núcleo tinha grupos de teatro na época – grupo de jovens – e minhas filha já (...) e eu fui – fui vindo – e aquilo foi vindo foi vindo – foi no início – não com tanta responsabilidade como tenho hoje né – no início acontecia mais na falta vinha – vinha hoje – não vinha com tanta – assiduidade – semana que dava pra vir vinha – também no trabalho nem sempre podia sair – né, e era só a noite – então – era mais complicado, não tinha como vir, não tinha carro – era muito difícil no início – mas depois assim a gente foi – arrumava carona – e foi se virando, se virando, e quando vi estava engajada – foi uma coisa que – não sei te dizer assim – eu não parei pra pensar – eu quero ser voluntária – né, foi indo – foi fluindo...

E – Mas, alguma coisa te atraiu – assim pra – você entrou como paciente e de repente quis se tornar voluntária...

E3: Não sei – acho que o – a espiritualização da coisa – o – né o eu acho que me atraiu mesmo foi isso...

E: Uhum.

E3: Foi o fato de – sentir – essa presença – né – esse contato com – com Deus de uma forma diferente – eu aprendi a rezar o Pai Nosso aqui – vamos dizer – porque quando eu rezava rezava por rezar – e aqui eu acabei aprendi a sentir cada palavra – né – então isso foi uma coisa que me chamou muita atenção no início – isso foi vindo – e – como to te falando – no início eu vinha quando dava – depois eu passei a criar a possibilidade de vir – porque eu não me admitia não vir – e hoje eu dificilmente falto.

E: E o dia que você não pode vir aqui – qual é o sentimento que você tem, o que você faz...

E3: Ah, eu fico muito indignada comigo mesmo – sei lá porque – eu pra não vir só se estiver doente – ou se – já aconteceu de eu ta aqui e me ligarem pra eu voltar pro trabalho – porque tinham – marcaram uma reunião no trabalho que eu tinha que ta – (...) – porque senão meu chefe ia perceber minha presença – aquela coisa – saí correndo daqui – de eu ir bater meu ponto – né – e eu vir aqui ficá até as cinco – cinco horas pegar o ônibus e voltar pro centro – pra bater o ponto às seis – então – isso no início era – era até engraçado – a gente (...) um pouco com isso – as vez não dava – exatamente – porque não tinha – essa liberdade no trabalho que eu tenho hoje também né – nem todo mundo tem essa (...) vida que eu tenho – mas – na época não tinha também – eu tinha que criar essas – e a gente brincava um pouco porque – era (...) engraçado né – eu fugia – como criança que foge pra ir num lugar (risos)...

E: Pra fazer alguma coisa errada...

E3: Alguma coisa errada...

E: Uma arte... (risos)

E3: Eu vinha – daí – então passei por todas as etapas aqui no Núcleo – passei pelo laboratório – né – teve uma época que a gente tinha o chamado bônus hora – a gente tinha que trabalhar uma parte física também da casa – e a gente fazia isso tudo – então eu tenho uma vivência – que – felizmente pra mim né, que muita gente não tem – uma outra época que hoje em dia – hoje em dia o Núcleo ta muito grande né – se expandiu muito – não dá pra ter aquelas – coisas – aquelas minúcias que a gente tinha antes né...

E: Uhum.

E3: Que era – era muito bonito – além de tudo.

E: Você na segunda-feira trabalha na triagem, é isso?

E3: É.

E: Tá. Podia falar um pouquinho sobre a triagem, assim como...

E3: Os pacientes chegam né – e é feito aqui embaixo uma – uma – uma separação de – de – de dificuldade de cada um né – de de – como é que vou dizer – de – de doenças né – separa por – por situações de de – e vão encaminhando pro – pros triadores né. Os casos mais graves ficam com a irmã (..) né, os mais sérios assim que – ela como dirigente tem muito mais – né – como – tem muito mais...

E: Experiência...

E3: Não, é – além da experiência ela tem – é, como ela é a dirigente ela pode resolver do – de um jeito melhor né – pro paciente. Os casos mais graves lógico – ela – a gente não tem nem – não tem ainda esse *know hou* que ela tem né – ela como dirigente da casa – pelo trabalho espiritual que ela faz – e depois – aí – a gente pega umas – algumas doenças mistas – né, que a gente chama de cirurgias mistas – e tem um – um departamento que é as cirurgias físicas né – que é o tratamento físico – que a maioria vai pro CAPC – e aqui fica mais os tratamentos espirituais né?

E: Uhum.

E3: E daí a gente faz o – as – as terapias conforme a – a necessidade de cada paciente – né – a gente atende os pacientes – faz uma pequena conversação – anota – os queixumes né...

E: Sim...

E3: As – as carências de cada um – e procura fazer o melhor que a gente pode dentro da terapia – com cromo, com crio – dependendo do caso né...

E: Uhum... ta. E daí nas quintas-feiras você faz...

E3: Faço as terapias...

E: As terapias...

E3: Os tratamentos – os tratamentos propriamente ditos.

E: O que que te mantém hoje voluntária – o que que te faz sair de casa num dia de sol ou num dia de chuva – enfrentar a estrada pra vir aqui pra ser voluntária?

E3: Acho que – acreditar né – na – na nesse trabalho espiritual né – o trabalho que a gente faz aqui – que ele é é – na real às vezes ele é – faz mais benefício pra gente – o mesmo que faz as aplicações no próprio paciente né – a gente também é um necessitado né.

E: Sim.

E3: A gente vem na condição – não só de – né – de de terapeuta – a gente vem na condição de necessitado também – é gratificante é – não sei, não tenho palavras assim pra te dizer o – mas eu sei que eu não gosto de faltar – sempre que – às vezes eu digo – ah amanhã eu vou um pouco mais tarde – quando eu vejo já estou vindo pra cá – sabe? Já resolvi tudo o que tinha pra resolver – não marco médico, não marco nada – (...) a gente conversa bastante sobre essas coisas (...) e não (...) esses dias são – a quinta-feira eu tiro só pro Núcleo.

E: Sim...

E3: Né – pra não ter – tipo vou – ah vou fazer outra coisa daí eu – me atrasei – vou chegar aqui correndo, na correria tal – daí tu não vem legal.

E: Uhum...

E3: Né – então a gente procura se preparar – eu acho que esse é o caminho mais – né – se preparar – espiritualmente, se preparar – emocionalmente ta – não ficá – pra não entrar em nenhuma dividida – discussão no trânsito – essas coisas a gente procura evitar mais do que nos outros dias ta –

E: Uhum...

E3: (...) então a gente vem trabalhar espiritualmente – o dia que a gente – procura se – sei lá – ter uma ligação com o nosso anjo da guarda – com nosso guia, protetor – né...

E: Uhum.

E3: Acho que ele fica mais próximo da gente nesses dias (risada) – sei lá – a gente – a gente fica mais – imbuído da idéia da – né da – eu pelo menos sinto assim – na quinta-feira sinto mais ligada, mais – apesar de eu ser estabanaada – sou meio – meio elétrica né – gosto de tudo muito rápido – isso aprendi aqui também – quando eu vim pra cá eu batia com as cadeiras (...) Agora – não – agora já tenho né – né – acaba adquirindo uma assim – mais sutileza né – isso tudo com o tempo né – é igual a tua profissão tu vai adquirindo né...

E: A prática...

E3: É – eu vejo isso aqui como – sei lá + assim – eu me emociono as vezes de falar – do Núcleo (++)

E: Ah – você falou que o trabalho que você faz aqui ele tá fazendo um bem pra uma pessoa, e você que esse bem – você recebe também –

E3: Com certeza – com certeza.

E: Esse bem – quer dizer –

E3: Acho que a gente recebe mais que a gente doa – sabe – eu acho que é – a – é + o que tu doa + é + assim na verdade você faz uma troca né – uma troca de energia né – com – a do paciente. Mas eu acho que – a gratificação é tão grande que a gente acaba recebendo mais do que doa.

E: Uhum...

E3 – Eu – eu me sinto assim + o dia que não venho aqui – as quinta-feira que eu falto – esse ano faltei – que eu viajei, claro – tu tens algumas coisas que às vezes tu

é obrigado a fazer – aí faltei – depois eu só faltei um dia porque eu tava doente + né – então assim + isso pra mim não foi legal – eu fiquei mais acho que mais doente – só porque não tinha como vir – não podia dirigir – não tinha como vim. Mas já vim doente – já + não – eu só falto mesmo em último caso – isso é uma coisa que – e tem muita gente assim que – né – como tem outros também que não – que vem quando pode – mas também cada um é cada um né – ninguém ta, ninguém tá aqui pra julgar ninguém. Eu me sinto assim – eu não gosto de faltar – né +

E: É um compromisso...

E3: É um compromisso assumido – é – é um compromisso que assumi comigo mesma + com a espiritualidade, com a direção do Núcleo, né – acho que é assim que funciona porque daí a gente tem aquele comprometimento de –

E: Você – você se sente melhor trabalhando aqui ou lá no...

E3: Aqui. Com certeza

E: Lá no teu departamento?

E3: Aqui com certeza.

E: Aqui com certeza...

E3: Com certeza – sem nenhuma sombra de dúvida.

E: Tem alguma coisa aqui que...

E3: Tem a energia daqui é muito bom né – a gente não só – não digo – eu nunca trabalhei em outro lugar né, mas vejo assim – eu tenho amigas que trabalham em hospitais – isso não dá pra mim – porque eu – eu me envolvo muito – daí fico – eu tenho aquela coisa ainda da – da pena – de ficar – isso é complicado pra mim – ver uma pessoa doente – no CAPC, por exemplo, eu não – trabalhei lá seis meses só.

E: Você trabalhou no CAPC...

E3: É, eu trabalhei mas não – não deu liga, como se diz né – porque eu não não sei não...

E: As pessoas lá tem outros problemas – são mais sérios...

E3: Mais sérios – mais graves e eu não sei assim eu + isso mexe muito comigo né – não consigo ainda trabalhar isso – na na – a nível energético inclusive né.

E: Uhum.

E3: Acho que é complicado pra mim.

E: Mas aqui, as pessoas que vêm pra tratamento no Núcleo também elas têm seus problemas...

E3: Sim!

E: Né?

E3: Sim.

E: Você consegue...

E3: É que lá eu acho que é mais técnico né, mais – porque lá é mais profissional mesmo né – são + eu vejo assim, pelo menos pra mim né, pelo menos eu sinto assim né.

E: Uhum.

E3: Lá eu não tenho – eu tenho afinidade aqui.

E: Aqui...

E3: Não consigo me ver fora daqui. Não – sabe assim uma...

E: Tem a ver isso com o ambiente de trabalho aqui, o relacionamento entre vocês...

E3: Não – pessoal não – pessoal não porque eu não tenho muito – eu sou uma pessoa assim que eu – eu separo bem isso de – tem muito – tem alguns amigos aqui, temos companheiros de trabalho, alguns que são meus amigos né – (...) – mas eu acho que consigo separar isso bem porque não tem – né – essa coisa de energia entre pessoas isso tem em qualquer lugar né...

E: Sim, sim...

E3: Bate com a energia de uma pessoa não – isso é – pra mim isso é tudo tranqüilo, natural – né – não tem essa coisa assim de – sabe aquela coisa de santinho – que tu – tem que ser bonzinho, não! Eu venho, faço meu trabalho – não gosto de criticar – as pessoas – também não gosto de criticar – procuro fazer o melhor possível, né? Mas, eu não digo assim que tem a ver com energia, com pessoas não – acho que tem a ver com o Núcleo, assim – sabe tem a ver com a espiritualidade, tem a ver com – o trabalho de – não sei, não sei te explicar – uma coisa que eu não sei dizer porque que eu – mas eu tenho isso aqui pra mim é – isso aqui é uma continuidade da minha casa...

E: Vocês têm algum comando aqui dentro?

E3: Sim.

E: Mas ele é aparente – o comando – ou...

E3: Sim. A irmã (..) que coordena tudo aqui né.

E: Mas eu vejo, eu vejo aqui que as coisas acontecem no Núcleo, eu não vejo pessoas falando alto, eu não vejo...

E3: A gente procura falar o mínimo possível.

E: Então...

E3: Não não.

E: E as coisas acontecem...

E3: É.

E: O que que, o que...

E3: Esse comando é um comando + como é que vou dizer né – ele é mais + mais no mental né, mais no – mais com a parte energética, né que funciona – né? Às vezes, tal – um quiprocozinho aqui ali, uma – uma empurrada de cadeira aqui, uma coisa ali, mas normalmente a gente procura, pelo menos a gente tenta – fazer o mais – é suave possível, mais harmônico né, essa esse – caminhar dentro do Núcleo, movimentar cadeiras – a gente procura fazer – o mais harmônico possível, é – involuntariamente às vezes isso acontece uma – alguém falar um pouco mais alto tal, mas a gente procura – na na medida do possível, se comunicar por olhares, por gestos – né – procura se comunicar o mais possível assim – porque a coisa possa né – que tenha uma preparação mais energética, espiritual – a gente faz uma abertura – então tem tudo isso né...

E: Vocês antes de começar o trabalho vocês – vocês se reúnem...

E3: Sim, fazemos abertura...

E: Fazem uma abertura, uma oração...

E3: É – cada vez é – é feito um rodízio né – a irmã (..) que – que coloca cada um na sua posição – cada dia ela faz um rodízio né...

E: E, e no final – no final também se reúnem novamente...

E3: Sim – faz tudo novamente – faz a oração de encerramento.

E: Você acha que isso + é – esse esse ritual...

E3: Ele cria um campo energético né – espiritual né – eu acho que isso é necessário, embora a gente não chega aqui – cada um chega com um tensor diferente da rua né – um vem de um lado, outro vem do outro, aquela coisa, aquela correria, um sai correndo do serviço – então acho que – né – então a gente vem e – a hora que a gente chega aqui a gente tem que procurar de se harmonizar, a gente – quando entra naquele portão já tem que procurar – a gente pelo menos tenta né – nem sempre a gente consegue – tem dia que a gente ta meio atacado – né – isso é coisa do ser humano – acho que isso é que faz a coisa valer a pena né – não tem

aquela coisa robozinho tudo né – não sei – é uma coisa que – a gente – procura fazer da melhor maneira possível – o mais harmônico possível né...

E: Uhum, uhum...

E3: Tem muitas terapia que a gente procura fazer, que a gente pode – e é – um reescalonamento né – cada dia – a gente passa por um +

E: Mas eu percebo assim que são várias terapias, são vários pacientes pra atender e...

E3: São várias frentes de trabalho.

E: É. Mas as coisas acontecem...

E3: Sim.

E: Naturalmente...

E3: É porque já tem – já tem um ritmo – já ta no ritmo né.

E: Uhu.

E3: Harmonia, energia – a gente já ta acho mais ou menos num – são anos nessa – nessa coisa andando...

E: Mas é uma turma bastante grande de voluntários...

E3: É – tem bastante é.

E: Todo mundo ta nesse mesmo – eu digo assim – no grupo de vocês ta todo mundo...

E3: Na mesma sintonia né.

E: Na mesma sintonia...

E3: Tem um ou outro que às vezes tem um dia ou outro que a gente ta um pouco por fora mas é – faz parte também – mas a maioria das vezes a gente ta – procura ficar né – sincronizado – fazer os movimentos sincronizados – acho que isso que – uma coisa que – faz com que a coisa funcione – de uma maneira mais – coerente mais – é mais harmônico mais – nível espiritual – é porque nós somos só – condutores né – nós somos aplicadores na realidade – a espiritualidade trabalha com a gente né – a gente é só – instrumento né – na – onde há espiritualidade – então a gente tem que se colocar a disposição – de – com amor – pra fazer – boa vontade – né – procurar – fazer da melhor forma que a gente pode – uma coisa eu posso te dizer assim eu sempre procuro fazer o meu melhor, dou o melhor – às vezes o meu melhor – não é o que eu gostaria que fosse – não ficou tão melhor como pensava – entendeu? Mas eu –mas a intenção é sempre de dar o melhor. Às vezes não ocorre – às vezes te atrapalha um pouco – faz parte também – que a gente é humano né ta aqui erra pra caramba – quem somos nós pra ser né – eu acredito a única perfeição pra mim é Jesus Cristo – então Deus, Jesus – agora nois – somos reles mortais né...

E: Uhum, uhum...

E3: Estou tentando pelo menos (risada) – eu – eu acho – o que eu acho legal da do grupo – de voluntários em geral, seja aqui ou – né – em qualquer lugar – eu digo aqui porque – é onde – vivencio, posso falar por mim – não posso falar pelos outros né – não sei o que outras pessoas sentem, mas o que eu acho legal – é esse comprometimento que a gente tem de pelo menos a gente tenta um ajudar o outro ta sempre né – procura pelo menos fazer nem sempre dá certo – às vezes não dá, mas (risada) – a gente arruma aqui, arruma ali – a coisa vai indo, vai fluindo e é – bom demais! É muito bom!

E: Você falou que primeiro você entrou como paciente...

E3: Ahã.

E: ... no Núcleo, mas assim – houve algum outro fato assim que te levou a você começar como voluntária, foi a partir dessa tua necessidade que você teve, ou alguma outra coisa tava mexendo na tua cabeça pra ser voluntária?

E3: Não sei – eu sempre gostei muito do trabalho – de uma maneira geral do trabalho voluntário sempre – desde muito jovem, mas eu nunca tinha me engajado em nenhum. Acho que as coisas elas vêm pra gente eu acredito que elas tenham – que vir assim – ta escrito um pouco sabe – tem um lugar que ta predestinado porque – eu tive várias chances de seguir outros caminhos e não – não deu liga – né assim – a minha sogra que também freqüenta centro espírita – sempre tentou me levar – pro lugar onde ela freqüentava – mas nunca – sabe aquela coisa que – e que quando vim fazer tratamento eu – eu achei que era por aqui – né?

E: Uhum, uhum. A tua família – como é que a tua família vê você como voluntária? Teu marido, teus filhos...

E3: Eu fui a primeira de lá em casa né – e depois, com um grupo de jovens, grupo de teatro, a gente veio vindo – uma – o meu marido e minhas filhas né. Hoje meu marido está afastado, não está vindo mais – por – coisas dele né – que não ta podendo no momento. Mas minhas filhas, uma como te falei ta viajando não vem, mas está sempre ligada – né a gente ta sempre conectada – o Núcleo faz parte de nossa vida assim de uma forma bem – bem ampla né – e a minha outra filha que vem – todos os sábados – segundas e sábados.

E: Ah ela também é voluntária aqui?

E3: Também é voluntária. Também – há dois anos ela é voluntária também. E ela também não falta de jeito nenhum. Ela falta festa, qualquer coisa, mas – então ela já tem esse compromisso...

E: Sim.

E3: Que a gente tem...

E: Que idade ela tem?

E3: Vinte e dois.

E: Vinte e dois anos. E que a que está estudando?

E3: Vinte e sete. E essa ta fazendo universidade – essa outra né – a de vinte e dois.

E: Uhum.

E3: Na Federal – faz biologia. Essa tem muito a vê – gosta de mato, de coisa – e ta sempre muito ligada com a espiritualidade também – tem bastante – acho que até mais que eu – assim uma – em termos de – como é que vou te dizer ++ espiritualmente falando né – eu acho ela mais evoluída do que eu até – tem né – o comprometimento que ela tem – até mais que o meu. E olha que eu me considero bem – (risos)

E: Quer dizer que – então o voluntariado faz parte da família de vocês?

E3: É. No caso assim ó – eu – da minha família – que eu digo minha família – fora meus irmãos né, porque meus irmãos gostam, freqüentam, mas não trabalham como voluntários. Da minha família sou só eu né. Tanto da minha família – do meu marido como a minha – somos só nois. Então, nois somos a família que é – como diz a minha sogra, os arrimos do espírito (risos). Mas é bom – é muito bom – eles sempre – eles gostam também – então assim – sempre tem – ó minha mãe muito – muito crente – né acredita muito em Deus – não – minhas irmãs – então acho que a gente – em termos de fé, a gente ta bem – bem assessorado espiritualmente.

E: Ah que bom!

E3: E curte bem isso.

E: Que bom! Entre vocês assim, existe assim um – você já falou que tem um clima muito bom aqui dentro, aqui no Núcleo, tá? Os teus superiores que tem aqui, no caso, eles tem hábito de elogiar vocês no trabalho?

E3: Não. Elogiar não. A irmã (..) ainda diz que elogio só atrapalha. E que se for analisar é mesmo, porque nós como humanos – a gente tem muito isso né – de – aí o ego cresce – então eu acho que – não não tem muito essa coisa de elogiar não! Se – se ta – se não elogiou é porque ta correto! Tá? Quando tem – quando tem alguma coisa errada então ela corrige. Acho que esse é o caminho e acho que eu concordo com ela.

E: Você não sente necessidade de elogio...

E3: Não. Não. Muito pelo contrário. Eu vejo assim ó – o elogio – não vou dizer que não seja bom para pro teu trabalho lá fora – que bom teu chefe chegar e dizer: “Ó teu trabalho ficou bonito!”. Acho que aqui dentro nós não precisamos disso – né – acho que não precisa – a gente veio aqui pra fazer aquilo – então, a gente vem pra fazer o melhor possível!

E: Uhum.

E3: Né? Quando a gente erra – a gente é corrigido – eu acho que também faz parte – é o crescimento! Né? Então não é preciso ficar dizendo que: “ah como é bem feito! Ah como tu fez bem feito!” Não, eu acho que isso aí – acho que nenhum de nós aqui sente – pelo menos a grande maioria vamos dizer assim. Não digo nenhum porque – a gente não pode ser tão radical né? Nem prum lado nem pro outro.

E: Sim.

E3: Então assim é – acho que pelo menos a maioria não sente essa necessidade – de elogio de – né –

E: Mas, digo assim, não tem elogio – não tem necessidade, mas há algum reconhecimento, de alguma forma, pelo trabalho que vocês estão fazendo? Percebe algum reconhecimento ou o reconhecimento...

E3: Acho que existe sim – claro! O reconhecimento existe – ele não precisa ser anunciado assim né! Mas a gente sente que o trabalho da gente é importante – que eles valorizam o trabalho né – faz – faz parte – da – e isso é uma coisa que – é como to te falando não precisa dizer – que ta intrínseco né – ta implícito no – ta implícito no – no trabalho que – passando as responsabilidades eu acho que no momento que – que um dirigente né – que é o responsável no caso – que dá uma – uma atividade pra fazer – e acredita no teu trabalho – acho que isso é uma forma de ver que tu ta – que tu tens condições de fazer – eu vejo por aí.

E: Uhum, uhum.

E3: Né? Eu principalmente assim que eu venho há muitos anos – passo a passo – né – conquistando meu espaço – acho que isso que é importante assim – eu faço bem – a o dia que eu venho pra cá não importa o que eu vou fazer – né – eu venho pra fazer qualquer trabalho – então aonde eu for encaixada pra fazer – eu procuro fazer o melhor. Como te falei – nem sempre a gente consegue fazer o melhor – de repente – podia ter feito melhor – eu mesmo sou – muito crítica – (...) podia ter feito melhor! Podia não ter batido naquela cadeira! Podia – sabe – então eu também me cobro muito – né – é uma coisa que – mas eu vejo dessa forma pelo menos.

E: Uhu. + Você falou algumas coisas, mas eu não lembro, você gosta do que você faz?

E3: Muito ++ muito muito muito + de tudo o que faço aqui eu gosto! Embora às vezes não aparente sabe porque às vezes tu – porque é como te falo, às vez fica meio – tu faz uma coisa hoje daí amanhã tu vai – pensa pô fazer – será que ficou bem feita? Mas, por mim, porque eu sou crítica – né – mas tudo o que eu faço aqui –

que eu venho – é como te falo – eu venho, saio de casa, pra vir pro Núcleo, então não importa se hoje eu vou – atender paciente, se vou operar, se vou – se vou fazer terapia, se vou ficar no corredor, se vou energizar água, não importa! Entende? Eu venho pra fazer o que for – pra fazer.

E: Qualquer atividade que chegar e colocar pra você...

E3: Eu vou fazer.

E: Vai fazer...

E3: Vou fazer – numa boa – sim. Essa é – pelo menos é – é pra isso que a gente – sai de casa pra fazer essas coisas né.

E: O Núcleo – o CAPC – você sabe se eles têm boa reputação na comunidade, na sociedade?

E3: Nossa! Muito. Pelo menos todas as pessoas que eu – só ouço falar – de coisas boas – nunca vi ninguém falar mal do Núcleo. Sempre que ouvi falar ah tu é – ah – ah tu trabalha lá no Núcleo! Ah aquilo lá é uma maravilha! Aquilo lá meu Deus tem uma energia – é maravilhoso! Não sei o que! Então sempre tem muito – muitas é – as pessoas realmente gostam e quando vêm aqui – ficam assim – endeusadas – maravilhadas né – normalmente. Todas as pessoas que falam pra mim – depois assim né – é – existe assim uma – o paciente ele é muito – ele é receptivo a terapia – e também ele – ele gosta de dar – um retorno pra gente – às vezes um beijo, um carinho – eles são muito – né – eles são agradecidos até mais do que às vezes a gente merece mas – isso é muito gostoso assim tu ver que – está fazendo um trabalho que alguém – pelo menos ficou feliz com aquele teu trabalho + seja um sorriso uma coisa mas – pelo menos sabe que – eu acho que esse – esse é o pagamento da coisa – né?

E: Exatamente.

E3: Né? Você – as pessoas que – e tu mudar também – porque acho assim – eu acho que a partir do Núcleo eu sou uma outra pessoa então – aprendendo coisas que tu não – não fazias – que tu não né – isso tu vai aprendendo que daí tu te cobra também – pô, sou participante do Núcleo eu não posso fazer determinada coisa. Vamos supor – há quinze anos atrás, dez anos atrás – por qualquer coisinha no trânsito eu discutiria, por exemplo né, hoje já não, já tenho que pensar – do outro lado pode ser um paciente meu! Se eu digo pra ele não fazer isso como é que eu vou fazer? Então daí tu – não que tu não faça pra te – ah não vou fazer porque, não! Por que tu aprende, tu vê – que pô, então tu aprende também né! Não adianta, pra que que vou discutir se – é não vai levar a lugar nenhum! Não vai resolver o problema discutir – então vou tentar resolver – né? E antigamente assim tu tinha uma outra postura, acho que a gente aprende a ter uma postura diferente também – em casa, no trabalho – tu aprende – eu aprendi muito. Eu digo pra ti assim que eu – por isso que eu digo – acho que eu tenho mais retorno do que o próprio paciente – eu aprendi muito.

E: É um aprendizado. Qual seria pra você a missão do Núcleo – do CAPC?

E3: É difícil te dizer isso! ++ Porque acho que a missão do Núcleo ela – ela vai cada dia mudando, ela vai cada dia aumentando né – começou pequenininho – e hoje tu vê hoje é um – uma empresa praticamente né? Então – hoje tem o CAPC – sei lá – daqui a pouco pode ter um asilo, pode ter qualquer coisa, não sei! Então coisa que – quem poderia te responder melhor seria irmão (..), irmã (..). Então acho que o – a – o Núcleo ta muito engajado com toda a comunidade, sempre com a saúde né – sempre ligado à saúde. Então cada vez mais é – é feito estudos a respeito da saúde – né da população – então acho que o Núcleo ta sempre muito ligado – desde que entrei no Núcleo eu ouvia falar do hospital espírita – do hospital dos passos –

hospital, entende? Então a gente considera sempre como se fosse sempre da parte da saúde – a gente sempre trabalha pensando no bem estar – na saúde – da população em geral né – saúde mental, saúde física né – saúde estrutural porque – é complicado às vezes a pessoa às vezes não tem uma – um um (...) um amparo não tem – isso – traz transtornos – que depois acaba somatizando doenças físicas e – acho que o intuito do Núcleo é cada vez mais – trabalhar isso pra que as pessoas tenham saúde. Acho que essa é – a grande missão do Núcleo é a saúde – pública de uma maneira geral né?

E: Alguma vez você se sentiu pressionada pra vir – pra fazer teu trabalho voluntário?

E3: Não. A pressão é minha mesmo. (risos) A pressão é minha.

E: A pressão é de você mesma. + Talvez eu seja um pouco insistente mas – eu vou te perguntar mais uma vez – de repente você tem mais alguma coisa a me dizer sobre o que te prende aqui pra continuar trabalhando neste teu compromisso? – Qual é o fator mais importante hoje que – pra você vir – vir aqui duas vezes por semana?

E3: Ah é difícil! É difícil de responder – é como te falei – é uma coisa que veio acontecendo na minha vida e – sabe – e é este compromisso que eu – que eu adquiri acho que – comigo mesma – com a espiritualidade – né com a minha família em si – até pra dar exemplo – que acho que – se cada um fizer um pouquinho – né – em todos os setores – né na nos hospitais, nas creches, nas – se cada um fizer, eu acho que essa é a minha missão não sei – né – eu sempre eu gosto – eu – eu como te falei – sou filha de benzedeira – neta aliás de benzedeira – e a minha vida inteira – eu eu me vi – fazendo isso – eu brincava de benzer minhas bonecas – quer dizer, eu já né – eu não sei, não sei te dizer assim – dá um – dizer um motivo, uma – uma coisa – é um – é uma força interior, eu não sei – é uma coisa que me – me impele pra cá – eu não sei, não sei te dizer assim – com palavras assim – ah esse é o motivo! Não tem um – né assim – é assim – é vontade – é – é natural em mim!

E: Quer dizer, é algo que te faz bem.

E3: É algo que me – me faz bem realmente! É como falo pra ti – eu não consigo – me imaginar + sem ta aqui + sabe? Eu não me vejo em outro lugar também. Por mais que (...) às vezes (...) – eu não consigo me ver assim. Eu consigo me ver que velha, coroca, aqui dentro. Entendeste? Não consigo me ver em outro lugar! Quem sabe né, só Deus sabe se – se daqui a um ano, dois anos eu posso mudar de idéia, mas acredito que não – né? Eu acredito que eu nunca vou mudar de idéia, mas como a gente nunca pode dizer nunca – né – mas não me vejo fora daqui – eu até brinco, como já te falei que – que vou morrer e vou ficar aqui dentro! Entendeste? Ficar ligada aqui de – de alguma forma.

E: Você pretende se aposentar na tua atividade profissional...

E3: Sim.

E: Mas aqui...

E3: Aqui não.

E: No Núcleo não.

E3: Aqui não.

E: Não tem aposentadoria aqui! (risos)

E3: Aqui não (risos). Só se me botarem pra rua, mas acho que isso não vai acontecer! Eu não tenho – não me vejo aposentada daqui, a não ser talvez por algum motivo de saúde mais tarde, né? Lógico que eu pretendo que não aconteça! Que eu não gostaria nem – não gosto nem de pensar na possibilidade de eu – minha filha gostaria que eu fosse morar com ela depois de aposentada, mas e daí como é que vou fazer? E o Núcleo? Tem – tem duas coisas que me prendem aqui: a

minha mãe, enquanto ela for viva, e o Núcleo realmente que – sabe se – na – quando eu tava viajando às quintas-feiras eu tava ligada aqui – é uma coisa que – agora se eu não tiver aqui – meu pensamento ta aqui. Por incrível que pareça. Eu estou sempre ligada aqui. Posso me – me incomodar que seja, qualquer coisa, mas eu acho que não tem nada que vai me tirar daqui! Nem nada, nem ninguém como costume dizer, né? Só Deus se quiser, se ele achar que eu não sou merecedora – de estar aqui – que a gente também precisa merecer estar né? Eu acho que isso aqui – tem que ter – essa – como a gente sempre costuma dizer nas aberturas tal – a gente né – tem que ser digna de estar obrando no nome de Deus né. Se não qualquer (...). É que tu tem que ter essa ligação – essa – essa humildade de saber que tu – que tu precisa tanto quanto ou mais – do que o paciente né. A gente é um eterno paciente.

E: Tá certo. Bem, eu...

E3: Mas é melhor estar desse lado do que do outro, com certeza.

E: É. É melhor estar trabalhando do que como paciente.

E3: É melhor estar trabalhando – do que como paciente, apesar de – ser um tratamento maravilhoso, que a gente já fez – todos nós fazemos de vez em quando né – já fiz vários – mas assim – eu quero que – o meu tratamento seja poder trabalhar.

E: Uhum.

E3: Daí vou tá me tratando como te falei – a troca é grande e – os mais necessitados às vezes somos nós trabalhadores, né? Os ditos + voluntários.

E: Bem, eu eu te agradeço por você ter tido essa boa vontade...

E3: Imagina! Se pudesse...

E: De conversar e contribuir com a – com a minha pesquisa. Mas eu gostaria ainda te deixar – em aberto aqui – pra de repente você deixou de falar alguma coisa que você gostaria de falar sobre o teu voluntariado ou aqui sobre o Núcleo. O tempo que você quiser dispor – pra falar mais alguma coisa – fique bem a vontade.

E3: O que eu gostaria só de dizer assim que – é – como te falei o trabalho que me gratifica realmente – é – não consigo viver sem – não consigo me imaginar – fora do Núcleo – né – é – só o tempo né vai dizer – quanto – quanto eu ainda vou estar por aqui – fisicamente – né – espiritualmente acredito que eu nunca vá me afastar – né – eu acredito nisso. Eu acredito na vida – do outro lado – na vida após a morte – né – acredito que vou encontrar as pessoas que se foram daqui, as pessoas que – passaram pela minha vida né – então eu acho que – eu sou – cria da casa. Sou (...) daqui não tenho como sair – eu espero. Realmente isso é uma coisa assim – que eu todas as noites eu peço a Deus que eu nunca – que eu nunca me afaste daqui – que nenhuma – nenhuma energia ruim, nenhuma energia intrusa – porque as vezes tem essas coisas né – de que a gente ta – tu ta indo – muitos pacientes inclusive relatam que – fizeram de tudo pra vir e não conseguiram vir – não conseguiram estar aqui no dia que estava marcado – pro tratamento – né – que parece que uma coisa não deixou vir aquela coisa toda né. Então, eu espero que as energias venham sempre muito boas – que a gente possa vir – trabalhar, fazer – um dia melhor outro dia pior – um dia a gente ta com um pouquinho de dor outro dia não – né? Um dia – a coisa flui naturalmente com todo mundo, outro dia da – isso faz parte da vida em tudo que é lugar tem – não tem como dizer que não existe porque existe né? É... então acho que é isso – não tenho mais o que...

E – Ok. Fico muito agradecido e desejo a você que continue nesse trabalho belíssimo que vocês estão fazendo aqui – e que Deus te dê muita saúde pra passar dos cem...

E3: Se Deus quiser – que pelo menos eu possa estar aqui.

E: Vai ser muito bom...

E3: Isso é muito importante né. É uma energia – essa troca de energia é legal, entendeste? Esse – essa coisa de a gente estar conversando – né – é bom pra ti é bom pra mim é bom – sei lá é bom pro cosmos – é bom né – acho que isso é importante essa troca que a gente faz – é tu ler um livro, passar esse livro adiante pra que outras pessoas também leiam – é tu ver um filme – acho que essa energia fluir fazer – andar pra cá pra lá – energia parada não traz coisa nenhuma de bom – né? Até em casa eu digo pra minhas filhas – procurem – mudar as roupas do armário, não usar sempre as mesmas, né? Toda essa energia né – eu acredito nisso. Eu gosto muito das ervas, eu trabalho muito com erva, com aroma – coisa que eu gosto de fazer e me sinto muito bem. Então, é isso que eu acho que – importante é ta aqui, ta presente, seja o que for, do jeito que for, a gente vai – vai indo e né...

E: Obrigado.

Tempo total de gravação = 44min50seg

Entrevista 4

E4: Dados demográficos: idade 50 anos, sexo feminino, viúva, segundo grau completo, renda familiar 5 salários, professora de música, reside a ... km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo.

E: Ham! Estamos iniciando a entrevista número 4. Eu vou fazer algumas perguntas pra nossa entrevistada. É! Se puder responder ou se não puderes responder também não tem, não tem problema. A sua idade?

E4: 50 anos

E: 50 anos. Sexo: feminino. Estado civil?

E4: É! Viúva, agora. Eu tava separada, mas fiquei viúva. Sou viúva. Viúva.

E: Viúva, ta!. Teu grau de escolaridade?

E4: Segundo grau

E: Segundo grau?

E4: Daí eu fiz o curso completo de piano, daí eu dou aula de música.

E: Dá aula de música? Aonde?

E4: Isso! Num curso (...) musical lá no centro.

E: Aham! Também como trabalho voluntário? Não? É remunerado? Essa é tua profissão?

E4: Não! Isso! Daí esse é meu trabalho. Eu dou aula de piano, dentro da escola.

E: Ok! Renda mensal da família, aproximado, de salário mínimo, de 1 a 5, 5 a 10, mais de 10 salários?

E4: Bom... cinco, né... uns cinco salários, – cinco salários com a pensão e o que eu dou aula.

E: E das tuas aulas! Tá! Então a tua atividade profissional remunerada hoje são aulas de música. Tá! Tens alguma outra função? Ou é...

E4: Não... Só professora de música mesmo!

E: Só professora. Então aqui no Núcleo como voluntária e lá como professora.

E4: Isso! E fora daqui como professora de música.

E: Puxa! São duas, duas, dois trabalhos bem interessantes né? E como voluntária você só trabalha aqui ou também em outro lugar?

E4: No CAPC também. É! Aqui Núcleo e no CAPC. Fora não!

E: Ah! No CAPC. E aqui no Núcleo é? Terças e Quartas?

E4: Terças de manhã e a tarde. Quarta a tarde e a noite. E lá no CAPC é de 15 em 15 dias nas sextas-feiras a noite...

E: Nas sextas à noite. (...) nas cirurgias. É! Eu já tive lá visitando com um irmão.

E4: É! Daí eu vou de 15 em 15 lá.

E: Você pode falar alguma coisa sobre a tua crença religiosa? + Tens alguma crença?

E4: – Eu acredito em, né, Deus e daí na espiritualidade, né. Digamos, a gente como espírita acredita que existe uma vida espiritual. Que existem, existe a espiritualidade. É! Tipo mesmo aqui na casa, os que vem ajuda a gente nos trabalhos, nas cirurgias, nos (...), é nos grupos, que nos auxiliam. Então, eu acredito nisso, eu tenho fé nisso.

E: Na espiritualidade?

E4: Na espiritualidade, eu tenho fé nisso.

E: É! Quais os seus valores mais importantes que te levaram a ser voluntária?

E4: + É! Já tava, assim, dentro de mim. Porque daí tipo os meus pais eram... começaram a freqüentar (...) de Umbanda, na época, assim né... mas normal, não é. A Umbanda, hum... A Umbanda branca, que se diz. Não é aqueles lado como Candomblé, esse outro lado junto, era branca. Então daí, hum... Vinha, né as entidades mais pra cura, pra ajudar as pessoas, assim, digamos, e eu tava junto desde minha adolescência e nisso eu já fui me... – me chamo à atenção pra esse lado, – né. E daí mesmo ali as entidades, né e os médiuns, daí já me chamaram pra auxilia, né, pra ajuda, ajuda as pessoas, a providencia as coisas que tem que providencia, ser uma auxiliar dentro do centro. Então ali já começo, daí eu fui chamada, né, e assim foi indo. Depois, daí, eu vim pra Florianópolis. + Aí, o meu ex-marido, né, daí, freqüentou de centro de mesa e eu não pude, daí veio os filhos, com criança pequena. Aí, depois ele veio faze um tratamento no Núcleo. + E eu sempre queria, – sempre dentro de mim, eu queria trabalha num centro voltado pra saúde, que lidasse com a doença, assim, – sabe. Sempre que fala na mediunidade (...) lidando com a doença, – né. Então isso era o que eu sempre tinha na minha cabeça. Então, daí, nisso aconteceu dele vim faze, né, um ano de tratamento no Núcleo, em (...) São José, na casinha, lá né, que era pequenininha, tudo. – E daí ele fez o tratamento e me falou: eu acho que lá era um lugar que você gostaria de ir, – né. Mesmo ele freqüentava o centro de mesa, que não era meu interesse. Ai, acho que lá é bem como você queria ir.... ele pensou também, porque não fui junto, nada, né. + Aí, né, eu vim conhece, fui com ele pra conhece depois, ver como se entrava na casa, qual era o procedimento, – né. Então assim começou. Daí então o meu interesse foi esse, aí, achei o lugar que eu queria. – Né, até lá a gente vai indo – , só conhece, mas não fui aos lugares nada, né. Na época só (...) com meu pai lá, da mãe lá em Curitiba, mas depois eu casei fui mudando de lugar, daí estaciono, quando vim pra cá, aí, tinha o centro de mesa, mas também não me interesse. Aí, quando ele fez o tratamento, – né, é que me chamo a atenção, aí vim conhece, sobre os procedimentos, como é que entra. Aí, já to a 15 anos de Núcleo

E: Há 15 anos como voluntária?

E4: Aqui no Núcleo.

E: Meu Deus! É tempo, heim!

E4: 15 anos de Núcleo. E também pronto, aí fiquei. Já trabalhei na (...) hoje eu já to diminuindo porque a gente distribuiu bem as funções, não precisa mais aquela coisa, né. O Núcleo ta evoluindo muito, assim. No começo as coisas eram mais específicas – né, a pessoa fazia só aquilo, hoje em dia não, é tudo mais distribuído, é rodízio, é,

– né. Então foi crescendo a casa, foi crescendo os voluntários, então deu pra, né, fica aquilo mais... No começo era uma coisa bem restrita, então usava mais a pessoa ainda, né, porque a pessoa teria que vir mais dias porque só ela fazia aquilo.

E: Tá certo!

E4: Né! Então depois que mudou pra cá, que a casa foi crescendo, então hoje tem é sistema de rodízio. Os dirigentes estão presentes nos seus dias de trabalho, só pra + corresponder alguma coisa que aconteça, então tem que ter um responsável. Então, nossa presença ta ali, mas cada faz o seu trabalho, pode ver né, que tu mesmo observou isso, eles vão fazendo, daí, tem uma situação meio diferente, daí, eles vem pra gente. Então a gente ta ali pra orienta, – né.

E: É! Eu, eu como observador, eu fico, assim, admirado, porque eu não ouço vozes altas, eu não vejo alguém chama a atenção, todo mundo trabalhando, a coisa acontecendo, é um... é fantástico isso!

E4: Aham! É... Cada um tem, sempre vai entrando... Atendendo de um por um, né. Toda vez que vai ensinando, ele já entra naquele grupo. – E vai indo, – né. Então as coisas vão... Então foi assim a minha entrada, né. E é o que eu sempre quis fazer, então aqui me identifiquei e fiquei, – né. – Não to atrás de mais nada, assim.

E: Tem um significado muito especial pra você até porque o trabalho voluntário.

E4: Sim, é uma coisa que... Eu acho, assim, que nasce dentro da gente, já – né. Porque, por exemplo, ninguém foi me dizer: você tem que ser voluntária, você tem que... Não, já é... Eu já, já vim com isso, pra mim ninguém preciso dizer, às vezes acontece. A gente atende um paciente aqui, e a gente vê que ele ta bem... Às vezes desequilibrado, ele ta... Ele fez isso consigo mesmo. – Né! Ta faltando alguma coisa, daí, eles conversam isso com a gente. Então, a gente sabe que, às vezes, isso pode ser uma dedicação dessas que ele tenha que fazer. – Né! Então, a gente chega e explica: oh! quem sabe tu vai... Tu precisa fazer isso. Então, aquilo é a realização da pessoa, às vezes, aquele pontinho ta faltando.

E: Exatamente!

E4: Né! Porque às vezes, daí, eles conversam, mas tava faltando, porque eu me senti feliz. E a pessoa tem tudo, tem sua casinha, tem as coisas, mas ta ali depressiva, + Então, vai se dedica a uma coisinha dessa coisa. Então, vai se senti útil, daí, começa a se senti feliz. E daí vai indo. Né! Então, dentro de mim já veio isso. Mas acontece, às vezes, da gente, também, passa isso pra pessoa, que ela precisa, também, se dedica, – né. No meu caso eu sempre senti isso, já.

E: É o... O que chama a atenção é que você se identificou com esse tipo de trabalho voluntário. Não é um... Qualquer outro trabalho, de repente, não te chamaria, assim, a atenção.

E4: Pois é! É! Me identifiquei e fiquei – como às vezes, sabe, os velhinhos vem do asilo. Quer dizer, tudo é trabalho voluntário. E pro (...) como eu tava te falando tanto faz, esse aqui, e vai pra um asilo, vai pra um hospital. O importante é a pessoa ter essa medicação. Que ela vai se realizar medicando, eu penso assim.

E: Você vê o teu trabalho voluntário, assim, mais como um prazer ou como um dever, como uma obrigação?

E4: + Obrigação não, nem dever. É como um prazer. – Eu não vejo como um dever. Ah! Eu tenho que ir, né, não. É prazer, então eu sempre, sempre pude deixar – os períodos, então o meu trabalho com o meu trabalho combina com esse.

E: Que legal!

E4: Combina, porque daí eu dou aula nos dias que eu deixo livre. Deixo uns horáriozinhos abertos, as pessoas se inscrevem, né! Então o meu trabalho combina. Então – daí, sempre deu certo assim.

E: Que bom! E se ta dando certo há 15 anos, né.

E4: Tá indo!

E: Ham... Às vezes você se coloca no lugar dos pacientes ou você trata eles, assim, de uma forma mais profissional. A situação do paciente, ela, te comove, isso que eu queria dizer, ela te comove ou você: não, esse é o meu trabalho, vou trata assim, vou procurar não misturar o sentimento do cliente, a parte emocional, com o trabalho que eu to fazendo.

E4: Isso! Eu procuro não me envolver, de ficar, assim, com pena se a gente vê, né, o caso da pessoa ali, não. A gente procurar instruir. Porque se cai pra mim, que eu tenha que lida com a pessoa, a gente tenta trata, assim, claro, como a gente gostaria de ser tratado. As explicações, né, não só: pega isso aqui e vai lá, né, não. Sabe, é explica, escuta...

E: Carinho?

E4: Isso! Mas não se envolve emocionalmente, né, com os casos que apareçam, mas sempre trata da melhor maneira possível.

E: Aham! Eu vou fazer uma pergunta que, talvez não devesse fazer porque acho que você já respondeu. Se você se sente útil como voluntária?

E4: – Me sinto, espero que eu seja, né. Sempre fica a dúvida, porque (...), mas eu, também, (...) a gente ta sendo útil mesmo, entendeu. O tempo que a gente ta aqui, se a gente ta realmente fazendo a nossa parte.

E: Aham! Sempre, sempre há uma cobrança.

E4: Isso! A gente fica pensando será que to mesmo fazendo... Assim, né! Sendo útil, mas, né...

E: Aham! Você falou dos teus pais. Teus pais faziam trabalho voluntário?

E4: Não.

E: Não.

E4: Iam só mesmo pra ser atendidos.

E: Pra ser atendidos.

E4: Isso! Serviço público.

E: Ta!

E4: Eu é que fui chamada!

E: E teu marido, também, já esteve em tratamento, mas não trabalhou como voluntário?

E4: Não! Ele trabalhou na casa também. Daí, quando nós nos separamos, ele trabalhou acho que deu 10 anos dele. Isso! Que faz cinco que a gente se separou... Daí, ele morreu esse ano em maio. Mas dava palestra e tudo aqui. Ele era muito querido.

E: (...) depois do tratamento ele também se tornou voluntário.

E4: Isso! Eu vindo daí tinha que fazer o retiro, as palavras da casa são essas, né. Freqüenta a escolinha, na época era terça-feira, hoje em dia sábados, aí, você participa do retiro, e eu na época até já ia ter o retiro em seguida, e nisso, ele disse ta faz você, e tinha uns irmãos da filosófica que fazia palestra perto e um deles era conhecido dele. Ah! Faz também, Brito, não sei o que... Né! Que daí a gente lá conversando com eles. Não! Faz... E nisso já chamaram pra palestra, que era o dom dele, assim, também, né! Então, daí, ficou né... Então, também trabalhou bastante na casa.

E: Bastante. Mas, assim, outras pessoas como voluntárias, na família, não tinham, não tem um histórico, assim de pessoas que faziam trabalho voluntário?

E4: Não, esse tipo de coisa, não. O resto da família é tudo católica, assim, não, o genro, de um lado não...

E: ++ Ham! Quais, assim, você, avalia que tenham sido as principais motivações tuas que te – trouxeram a ser voluntária nesse local? – Você já falou alguma coisa, se identificou com a área da saúde, mas por trás disso teria algum motivo, alguma necessidade que você tinha de fazer um trabalho voluntário. Você já pensou nisso? O que que poderia ter sido?

E4: Não! É só a vontade interior mesmo. – Assim...

E: Uma necessidade tua, uma vontade...

E4: Isso! É! A vontade de que... Por isso eu te falei ninguém veio me disse que tu precisa fazer um trabalho voluntário, um exemplo né, hoje a gente instrui as pessoas, né, pra elas terem uma visão, mas não, isso... E apareceu, e foi, – assim... E eu faço e, daí, eu gosto do nosso trabalho, né, e sempre como tu diz, ali, tu perguntou, né, eu não vinha por obrigação, porque eu gosto, então, é uma coisa que eu tenho pra mim que...

E: – E hoje o que que te mantém aqui? Você vem nas terças, você vem nas quartas. Vai, lá, no CAPC vai nas sextas-feiras a cada 15 dias. Quando você precisa sai de casa, eu vou lá no Núcleo, vou no CAPC pra fazer o meu trabalho, né, o que... Qual a força maior que te mexe pra sair e pra vim trabalha, assim? Qual é o motivo principal?

E4: É o compromisso que eu assumi, digamos, – aí, atualmente eu tenho um compromisso assumido, porque, por exemplo, eu não fui dirigente da casa eu não, eu não... Como é que... Eu não...

E: Não gerenciou, não coordenou?

E4: É! É isso que fala. Eu não implantei o Núcleo. Eu não faço parte...

E: Não foi fundadora.

E4: Isso! Fundadora. Eu não faço parte do corpo, né... De fundação. Que seria (...) os irmãos (..), (..), (..), (..), né, e, e já – morreu a irmã (..), e o irmão (...) não, não compareceu mais. Eles começaram juntos, quando começou um departamentozinho, depois passou pra essa casinha em São José, né. Então, eu fui ser dirigente aqui no Núcleo quando ele veio pra cá. – Daí, com a morte da Irmã (..), uma das dirigentes, eram seis dirigentes, – com a morte dela, eu era muito envolvida nos trabalhos, eles me chamaram, eu fui indo, porque isso é... Como eu te falei, né, as coisas aconteceram, – então, daí, me chamaram pra ser – dirigente. Atualmente eu faço – parte do, do, do corpo, né, dos dirigentes da casa.

E: Sim.

E4: Então agora eu tenho compromisso, to dizendo, esses dias que eu estou aqui eu sou responsável pelo meu trabalho – pelas pessoas que estão aqui, pelos pacientes que vem aqui – né, então, eu já sei, é um compromisso. Então, quando acontece uma coisa assim, mesmo antes, né, eu até falei, assim, num retiro, uma vez, quando eu comecei, assim, que eu era uma voluntária normal, comecei no laboratório lavando os vidrinhos, tirando as etiquetinhas, que tinha um baldão, lá, que a gente limpava né, ajudava lá na casinha ainda, que a casinha lá eu fiquei, tipo, de outubro até maio que a gente mudou pra cá, que a inauguração daqui foi em maio, – né, não me lembro o ano agora, assim, mas eu fiquei pouco tempo lá, né, acho que foi quatro, cinco... Uns cinco meses, lá, na casinha. – então... Daí, agora eu me perdi no que eu tava me falando...

E: Do compromisso, da responsabilidade...

E4: Ah, ta! Da responsabilidade. Isso! Então, agora, eu tenho mais responsabilidade, então uma época eu tive, que quando a gente tinha que dar o depoimento, assim, pros retirantes, pras pessoas que tavam fazendo o retiro pra entra na casa como voluntário, aí, explicando o que é você assumi um compromisso desses. – Porque o

paciente sempre vai ta aí, – isso nunca falta pros voluntários, né – você ta dando teu número, ta assumindo um compromisso, então o trabalho vai ser realizado de acordo com a mão de obra que tu tens, daí, tu vais ou ampliando o teu trabalho, – né, – porque a tarde você pode ter isso, isso, isso, isso, porque tens voluntários, – se falta, – então, quer dizer, tu tens que se virar, né, pra... Porque não tem a mão de obra, né, então a responsabilidade tu dá ao teu dia. – Então tu deu um período, lá, procure fazer aquilo (...) então, eu tive, quando eu dei o meu nome pra Irma Valéria, na época, (...), – então eu já fiz o retiro, já me inscrevi pra uma tarde, lá, que tavam precisando. + Aí, né, quando eu dei o meu nome, eu (...), eu sabia, aí eu assumi aquilo como um compromisso – meu mesmo, por isso eu digo é um compromisso que tu assume, porque, daí eu pensei, se tive chovendo, na hora de tu saí pro ponto, porque eu ia de ônibus, lá do Centro pra São José, (...), daí, tinha, assim, que anda um pedaço a pé, tal, – então, quer dizer, com chuva, aí, eu levava uma roupa branca na sacola pra troca lá, porque – se você vai pegar outro ônibus a uma e dez, ta dando o maior toró, pra tu chega lá, (...) é igual aos outros trabalhos, que tu já viu que é no horário – não adianta chega depois porque não participa. – Então, eu fazia isso mesmo – entende – tu tens... Pra mim é sagrado aquele dia que eu tinha dado, eu dava as quarta-feira à tarde, na época, – né. – Então cada coisa que tu vai assumindo... – Então, agora também, eu continuo vendo como um compromisso – né, então eu tenho esse compromisso, oh! Se eu tive doente, – daí, como eu tava te falando, hoje em dia, – ta bem assim (...) como a gente diz, porque, por exemplo, você tem pessoas que você confia junto contigo, – então, oh! Tipo a irmã (..) é a minha coordenadora da terça-feira – então, Áurea eu não vou poder ir, então eu já sei que ela vai fazer aquilo com o maior capricho como eu faria. – Isso eu tenho certeza absoluta. – E sempre nós temos um (...) desse junto com a gente. Então, a gente sabe, existem dois (...) que você... Então você já sabe que as pessoas que tão ali porque elas querem mesmo, com dedicação, com amor, – porque elas vão levar aquilo a sério. – Então aquelas pessoas, você sabe que são os teus braços direitos. Só que tem os faltantes, – vem uma semana na outra não vem – tudo isso, daí, tu conhece a equipe direitinho – tu já sabe – aquele é o... Que vem cedo, que nunca vai faltar, tipo a irmã (..), o irmão (..), aquele casal, né, de hoje de manhã, aí, – aquele mais velho, (...) eu chego aqui seis e meia da manhã, não falto o ano inteiro, – eles vão lá pro quarto andar, daí pararam, já tão mais de idade, o irmão (..) já anda cansado com muita dor no joelho, então, eles deixaram só pra terça de manhã, mas aquilo é ali oh!

E: compromisso mesmo.

E4: Igual a Irmã (..), – entende, então a gente tem as pessoas que a gente sabe que levam a sério como a gente, não é só a gente, mas levam a sério como a gente, então, lógico, então, hoje em dia a gente tem essas pessoas que podem contar, né. Mesmo nos outros dias, tenho certeza que também, – então a gente, posso dar ao luxo, – né...

E: se por acaso não puder vir, alguém...

E4: É! Problema em casa, não é assim, aí, Meu Deus! – Mas eu sempre levei como se eu não pudesse faltar – (...)

E: Muito bem! + É! – Como é que é, assim, o relacionamento aqui de vocês? Você com os teus colegas voluntários, como as pessoas trabalham na tua equipe, como, no caso, teus superiores, no caso o irmão (..)? Como que é o clima, o ambiente, o relacionamento aqui dentro, assim, na tua visão?

E4: – Na minha visão, eu, por exemplo, nos meus dias – é tranquilo como tu vê, né.

E: A percepção é...

E4: Procuo, procuro me dar bem, porque cada um tem seus defeitos, né. Tem, até, um dizer lá, né, que fala: o melhor grupo não é aquele que é perfeito, mas que sabe olhar os defeitos dos outros. Ta lá, escrito aquele, muito legal aquilo lá, ta lá (...) do pavilhão, sabe, que a melhor equipe não é aquela que tem que ser perfeita, mas um tem que entender os defeitos dos outros, aquela história toda. Então, é isso que a gente procura, porque ninguém é perfeito, nem a gente é, né. A gente é aqui, mas a gente não é perfeito, – é cheio de defeitos, né, às vezes de intolerância, de grosserias da gente e tudo. Então, eu procuro – me corriji se eu faço uma grosseria, eu procuro depois corriji, pedi desculpas, assim, né, tem que procurar passa isso.

E: E é comum, assim, entre vocês, assim, elogio por um trabalho bem feito – é, de alguém, – ou isso...

E4: Não, não muito, assim, – a gente sempre – fala de vez enquanto, que não é sempre também, né, dias... Durante o ano, umas seis vezes a gente procura fala, né. Como é que os trabalhos tão indo... E o costume da gente também, – sempre no final dos trabalhos, – e a equipe já sabe, – porque cada vez que começa o ano canso muito de fala no, assim, pro público, grupo, mas (...) quando começa o ano e realiza todo o nosso compromisso, – nosso trabalho que é importante para o deficiente, né, então, a gente, daí, lembra-se que em todos os nossos trabalhos, a gente deve dizer o que aconteceu, não fala depois na rua – do teu colega.

E: Sim... Ah! Quando vocês se reúnem ao final de um período, ou manhã ou à tarde...

E4: Sim! Isso! A gente faz um encerramento ali, né, alguma dúvida, alguma coisa, (...) tem muito isso – porque tem que fazer a oração final – pra ir embora. Porque – é pra fala, aí, irmã (...), não... É pra fazer assim, assado (...).

E: Sim...

E4: Se ela viu um erro grande à tarde nos trabalhos, ou quer tirar uma dúvida, – então eles se expõe aquela hora.

E: É a oportunidade.

E4: É a oportunidade, como diz o irmão, pra não fica só a rádio corredor, que sempre tem umas fofquinhas – como em todos os lugares, também tem no Núcleo, – então, assim, o irmão (...) diz, não passe a rádio corredor, que daí, sai das coisas e fica passado de um pro outro. – Não, resolva só no teu grupo, com o teu irmão, – né, assim, e é o que a gente procura passar pros outros e pras pessoas.

E: – Ok! Você me falou que ta nessa função de – dirigente há algum tempo. – E você ta satisfeita com essa atividade, com esse teu trabalho, – ou o outro trabalho que você fazia era mais interessante?

E4: – Não! É mais responsabilidade, – né. Você vir aqui como voluntário, né, – você vem de carrinho ou de ônibus desce, faz o teu trabalhinho e vai embora, – ótimo, porque a gente não vê as situações problemáticas da coisa, né. E logicamente como dirigente você ta, tem que responde a tudo, é uma responsabilidade, né... Aí, ta na... Ta na... Como é que se diz?

E: Ta no (...). Pode atirar pedras...

E4: Isso! Isso é a responsabilidade, – é uma carga maiorzinha... (risos)

E: Com certeza! Irmã, na tua visão, qual é a principal missão do Núcleo, mesmo do CAPC, assim, qual é a missão, é, – que ta desempenhando?

E4: Que a pessoa veja, seja – tanto no trabalho emocional, ou como nós, no trabalho físico, o canceroso, pra todo mundo, eu acho, pelo o que a gente vê mesmo, na pessoa do irmão (...), tudo, que é que o ser humano veja a sua reforma íntima, que todas as doenças, porque ele tem que ser melhorar, então, quer dizer, o crescimento do ser humano, – a sua reforma, as coisas que ele precisa melhorar, –

pra ter, assim, uma qualidade de vida – né, o que que ele tem que abrir, os novos horizontes, a sua mente, né, porque se ele veio procurar é porque ta com algum problema.

E: Sim.

E4: Que ele veio procurar a casa, – então eu vejo o trabalho do Núcleo, – o principal objetivo, vamos tratar a doença, mas também abrir os olhos do paciente pra que ele veja a sua transformação, o que ele precisa melhorar, melhorar dentro de si, que as coisas às vezes vão continuar, porque ele não se melhora, ele não se – modifica – né, então eu vejo assim, – o que eu admiro dentro do Núcleo é isso – né, essa visão do, do, do trabalhar o ser humano.

E: Quer dizer, a melhora depende dele, – não é vir aqui pra trata que só isso vai resolver.

E4: É! Não!

E: Então ta! Ah! – Como é que você acha, você percebe que é a reputação do Núcleo, mesmo do CAPC dentro da comunidade? Como a comunidade vê a presença, os trabalhos que são feitos aqui, na tua visão?

E4: Aí deve ter os dois lados, né, porque todo mundo que participa dos tratamentos saem daqui maravilhados, das duas casas, de tudo, – então em termos, mesmo da organização da casa, como se sentem depois do tratamento, então, agora, quem, como uma casa espírita, provavelmente existem os que são contra, né.

E: Os críticos...

E4: – Os críticos. Porque tudo que é espírita eles já pensam que sempre na macumba, né, conforme a pessoa, né. As pessoas, né, que tem a cabeça, né, mais fechada, mas eu vejo que deve ser um trabalho bem visto na comunidade, assim, pelas reportagens, chama a atenção das pessoas, que o Núcleo fez algumas, né, assim, – então deve chama a atenção em termos de, porque ou a pessoa sabe pela boca do outro que fez – ou através de uma reportagem, né...

E: É a forma de saber...

E4: Sobre o trabalho do Núcleo, – então, daí, fica a opinião, eu acho que daqueles que...

E: Mas parece, me parece que não há uma preocupação do Núcleo em divulgar esse trabalho. Ou existe essa preocupação?

E4: Não! Não, de jeito nenhum. O irmão (..), às vezes faz, porque se vê (...). Ele tenta ser aberto – né, então dá oportunidade pras pessoas que vem visita, fazer seus trabalhos, então ele não é fechado – né, mas ele não contraria, por ele não precisava ter nada, né, não, né, mas faz parte, né, faz parte muitas vezes.

E: Sim. – É! Como é que a tua família vê você como voluntária? Você tem filhos? Que idade eles tem?

E4: Tenho. Três filhos. Um de trinta, um de vinte e oito, e a... Vinte e quatro. – Né. Então, um casado já tem um netinho de quatro anos.

E: Ah é! Puxa vida!

E4: O mais velho é fisioterapeuta, dá aula na Unisul – né. O Romulo. E, daí, o Daniel é engenheiro de estradas, engenheiro civil, – né, trabalha em São Francisco, – na obra. E a Joice ta terminando a fisioterapia, também.

E: Ah! Tão todos grandes já, encaminhados.

E4: Tudo. É no começo de certo, eu mesmo, me dediquei muito ao Núcleo, agora, – eu acho, assim, que eu to menos dedicada do que eu já me dediquei, – né.

E: Porque ta mais realizada.

E4: Isso! É como eu te falei, distribuiu agora ta tudo, – né, menos (...) sempre tava nós três juntos, hoje em dia não, cada um ta com seus dias, agora, então, daí, você

se doa mais, porque ta mais vezes que todo mundo tem que ta junto, né, então ta bem assim... Ta bem bom, agora. E – claro que eu devo ter sofrido, acho, que um pouco de crítica várias vezes.

E: Dos teus filhos assim...

E4: É! Talvez, né. Nunca me disseram – né. Mas eu acredito que um pouquinho (...). A gente sabe disso, – porque quando eles eram pequenos foi a hora que eu me empolguei.

E: É! Se você ta aqui há 15 anos, o mais novo tem 24...

E4: É! Eles tavam na adolescência, 12 anos... Tava a Joice com 12 anos pra 13 anos, no máximo... Por aí, menos ainda... É! Eu peguei a fase deles, assim... Aí, dois saíram de casa logo, né... É aquela história, – e o Brito junto, daí também, porque ele também trabalhava aqui, né. (...) da família também, porque daí tem mais coisa, às vezes, chego às vezes cansada, que teve muitos retiros, que daí, final de semana, ah! Não posso ir porque eu tenho retiro.

E: Sei.

E4: Sabe como é que é? Sempre recebe uma críticazinha. Tem, mais mãe, nós somos em cinco irmãs. Essa diz, o Núcleo me tirou dela... Daí, só o Núcleo... Então, daí... tem um pouquinho...

E: É! Porque acaba te privando, o tempo que tu podia estar com essas pessoas...

E4: Isso! Eu era muito... Eu, eu, eu... E ainda por cima porque eu era, aquele, né, carro chefe, assim... Então fazia comidinha cedo, (...), cedo na casa... Todo mundo... Aí, com o Núcleo já teve mais... Atualmente não, isso é que eu quero te dizer, – eu peguei justamente a fase que deixei as minhas crianças pequenas, quando eu tive que me dedica mais aqui, porque, daí, eu tava aqui dentro, – agora não, agora já ta mais as coisas, né... Agora já não tenho mais compromisso pro final de semana. Teve uma época que teve muitos compromissos pros finais de semana, retiros, ou trabalhos assim de – de, a gente chamava de mutirão... Na época a gente fazia essas coisinhas assim. – Então por isso que de hoje em dia ta bem... Dá pra você se direciona bem menos no trabalho – da casa. Tu escolhe aquele período que tu possa, que não vá afeta nada – né...

E: Sei... Não tem maiores problemas.

E4: Isso... Que tu sabe, né – não vai afeta minha família, então a gente... Eu, também, sempre faço isso pras pessoas – né, e às vezes a gente, eu me vejo assim – um pouquinho que na... É com a minha casa – que tudo isso ali eu fiz, porque era, porque depois eu recebi um cargo de dirigente da casa (...) situados todos, é porque eu tinha que ser preparada, é porque eu tinha que – né, as coisas foram – e eu fiz tudo (...) e eu tive a crítica, como tais me perguntando.

E: Sei, sei...

E4: A crítica em casa. – Então, – quer dizer eu fiz, mas porque tinha algo mais, enquanto que as pessoas – quando a gente não tem, assim, uma coisa, uma direção que a gente vai ter que seguir, elas vêm aqui na terça de manhã e vão embora, – daí, não conhecem – cada um no seu periodozinho fazem o seu trabalhinho e vão embora, pronto, tão ajudando a casa, né. Ajuda a manter, cuidar das pessoas – cada um com seu compromisso. Uns maior...

E: Outros menor... – Ok! Ah! – Eu gostaria que você, de repente, você tem alguma coisa que você gostaria de falar, – deixou de falar ou... Você acha que é importante, assim, no trabalho voluntário, compromisso que as pessoas tem, então fica bem a vontade pra falar aquilo que você acha que, pela experiência que você tem, com tanto tempo, pelo – carisma, assim, que eu percebo que você tem com as pessoas daqui dentro, né, as pessoas gostam muito de você. Antes de eu te conhece, – eu

já, você já foi elogiada por um dos voluntários aqui dentro, né. E, então, fique a vontade, o que você achar que você possa falar... Contribuir – com o trabalho...

E4: Isso! Não, como eu já citei, – é um compromisso, né, – o trabalho de voluntário. – Porque sempre qualquer instituição, seja qual for, ela vai contar com o teu trabalho, né, seja um período, né, então é importante que tenha essa dedicação. – Então o trabalho voluntário é isso que eu vejo – que você tenha dedicação, que você se comprometeu pra fazer aquilo – né, nem que seja um pouquinho – , mas você sempre, você tem aquele teu compromisso – né. – E eu acho que há dentro de cada um, também, pra fazer isso, senão não vai fazer – né. Porque tu tens que abandonar tudo, por exemplo, você tem que deixar tudo naquele dia porque você tem aquele trabalho de voluntário, senão tu não assume, se uma amiga te chama pra um chá, ou pra um aniversário, pra isso e pra aquilo, você deixa – tem tudo isso, então.

E: Ta se privando de algumas coisas.

E4: Envolve tudo o que possa acontecer naquele dia, assim. Senão você nunca deixa de ir. Agora tem outra amiga, chama, tem outra de aniversário, é... Coisa, que tem que marcar médico... Então pra evitá, aquele dia ficou pra isso, não existe. Eu sempre fiz isso, aquele dia não existe na minha agenda.

E: Já estão preenchidos.

E4: Só numa emergência, né. Em caso de doença e quando você realmente não pode mudar. Uma coisa séria, uma reunião, como já aconteceu. Tipo, essa semana é minha semana no CAPC e eu vou ter uma reunião na escola de música com os professores pra dimensiona o ano que vem, como é que vão ser as coisas, né... Nessa eu não posso faltar, – como professora, como faço parte do grupo, – então eu vou avisar a irmã (..) que eu não vou. Então é só nesse caso que é uma, duas vezes por ano.

E: – É! E você avisa com antecedência pra se programa...

E4: Então essas coisas é assim, é de vez em quando que tu pode ter um compromisso desses, então, né, é raro, mas se toda semana, ah! Porque o meu médico não sei o que, porque essa semana eu vou tomar um chá, porque eu tenho um aniversário – sabe.

E: Deixa eu te fazer mais uma última pergunta. Se depender de você, você vai trabalhar aqui até quando?

E4: – Até – não der mais, por enquanto eu não penso em sair – (...), não penso em sair, até quando der, se acontece alguma coisa (risos) (...) tipo o irmão (..), não posso ficar muito tempo de pé, né, mas só quando a vida me tirar, né. – Se por um acaso eu tiver que mudar, mas se não...

E: É! Realmente é um compromisso. – Mas eu te agradeço você ter disponibilizado, pode ter certeza que o teu depoimento vai ser muito importante no, no meu trabalho. – Ta! Muito obrigado e sucesso no teu trabalho e que continue essa, essa pessoa que transmite, assim, uma energia – positiva, uma tranqüilidade, que faz muito bem pra todos que freqüentam aqui.

E4: É! A gente tenta, né! Meu Deus! Obrigada, né.

Tempo total gravação = 35min22seg

Entrevista 5

E5 – Dados demográficos – Idade 54 anos, sexo masculino, casado, grau de escolaridade 2º grau completo, renda mensal familiar de 5 a 10 salários, eletricista autônomo, reside a ... km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo.

E: Hum! Ta, ok! – Ah! Você exerce – atividade profissional remunerada hoje?

E5: Sim.

E: Trabalha... – Você além de voluntário aqui no Núcleo, você exerce uma profissão?

E5: É! Eu sou eletricitista.

E: Você é eletricitista?

E5: Eletricitista autônomo.

E: Trabalha por conta própria?

E5: É! Por conta própria.

E: + E – você trabalha aqui como voluntário há quanto tempo?

E5: – Aproximadamente, uns seis anos.

E: Seis anos?

E5: É! Aproximadamente. Bem certo não sei.

E: ta!

E5: Seis anos pra mais, né.

E: Qual é o período, assim, quais os dias que você trabalha como voluntário?

E5: Eu trabalhei uma época só quarta à noite. – no começo foi sábados à tarde e quarta a noite, depois passou pra – eu tava numa situação melhor financeira, e passei a trabalhar quarta à tarde e ficava na reunião de terça, como hoje, né, e, aí, assumi quarta à tarde e quarta à noite.

E: Então, hoje você trabalha na quarta à tarde...

E5: Quartas à tarde e quartas à noite.

E: E quarta à noite. Ta!

E5: E mais a reunião de estudo de, de hoje, né. Terça-feira.

E: Sim. Ta! E você trabalha como voluntário só aqui no Núcleo ou tem alguma outra instituição que você trabalha como voluntário?

E5: Só aqui no Núcleo, mas gostaria de trabalhar em outra instituição, né. – Mas não tem condições agora.

E: Aham! – Irmão, você podia me falar alguma coisa sobre a tua crença religiosa?

E5: – É meio complicado, porque nós...

E: Fique bem à vontade.

E5: Na verdade, na verdade, assim, eu tenho, eu sou um simpatizante do espiritismo, assim, do Kardecismo, – eu simpatizo com todas as religiões em geral, – mas é... Não, não, não abraço nenhuma, não tenho nenhuma religião, fui, fui católico de... Por, por ter sido batizado em determinado tempo, enquanto... Até, até a adolescência, daí, comecei a estudar outras religiões, – e, e – até hoje eu to assim, sempre numa busca continua, não – acho que, na verdade a religião não é o... Não é um fim, é um meio, é um + é um meio de se chegar em algum lugar, né.

E: Sim.

E5: Mas não obrigatório.

E: Sim. + É! Quais são os valores mais importantes, – pra você, que fizeram com que você se tornasse um voluntário? – As motivações – que te fizeram começar a trabalhar como voluntário?

E5: É um negócio bem interessante. Isso aí é, dependendo de como se vê, poderia dizer que seria um enorme egoísmo – porque, vamos dizer assim, a satisfação que eu tenho – compensa qualquer sacrifício. – Então, eu diria, assim, que não é tanto desprendimento, né, porque se eu estou fazendo o bem, isso me dá uma satisfação tão grande, – que, que chega a ser até – estranho, né, dizer que eu to – que eu to tendo algum desgaste, ou alguma coisa assim – que, que, que pra mim é, – é só prazer, não... Seria, assim oh, eu acho mais agradável eu vir aqui no Núcleo trabalha como, – como voluntário do que qualquer outra programação que eu fosse

fazer, – qualquer outra, – seja – como eu gosto de cinema, eu gosto de, – de velejar, eu gosto de, – viajar, não... O Núcleo se equipara, o meu trabalho de voluntariado – se equipara a qualquer prazer desses.

E: Quase dá pra dizer que é um *hobbie* pra você – ser voluntário. Puxa vida! Que... Que...

E5: Exatamente! Exatamente! – Não é, não é sofrimento nenhum.

E: Ah! + Ham! Bom... Eu ia te perguntar se o trabalho voluntário te dá mais prazer ou se é um dever pra você. – Então eu acho que – você já respondeu essa pergunta.

E5: Não, mas eu, mas tem a parte de dever também, eu acredito que eu tenho que dar a minha parcela lá, também, tem que dar a minha parcela de... Pelo, pelo meu fundamento religioso, que não é, vamos dizer, de uma religião, – mas muitas, – a minha maneira de ver – a, de ver as pessoas como, – como uma pessoa que vai precisa como eu também preciso – num determinado momento já precisei e futuramente, talvez, vá precisar do que eu estou fazendo pros meus semelhantes. – Então essa é minha maneira de pensar.

E: Sim. Aham! – Voltando um pouquinho, assim, quando você começou a trabalhar aqui como voluntário, você já conhecia – o Núcleo? Tinha uma referência dele? Ou veio por informação de outras pessoas?

E5: Eu vim por informação, mas é, mas... Foi mais pela minha esposa – ela tinha um problema de saúde que não conseguia de jeito nenhum resolve na medicina – (...), né.

E: Sim.

E5: Então, ela... Ela... A irmã dela conhecia, conheceu uma pessoa que tinha sido – tinha sido feito um, um... Uma cura terapêutica aqui dela de, de, de... – não sei qual o problema que ela tinha, e aí – foi indicado pra nós virmos aqui, aí, até não conhecíamos. A minha esposa veio primeiro – e gostou, – e aí me trouxe também, né. – E a partir daí eu gostei também, né. – Achei, assim, – que era o lugar adequado ao que se queria fazer, – que nós já éramos voluntários antes, né.

E: – Vocês já eram voluntários...

E5: Em outro lugar... Em outra casa... Espírita, né.

E: Ah! Em outra casa... Semelhante... Semelhante.

E5: – Fazia o mesmo trabalho que eu venho fazendo aqui, só que – aqui é um trabalho mais amplo, né. Lá era um trabalho mais restrito, né.

E: Sei. Ah! – A tua esposa também é voluntária aqui no Núcleo?

E5: Sim. A minha esposa é voluntária. – É! Nós trabalhamos juntos, né. – Procuramos sempre trabalhar juntos.

E: Aham! + Você podia me falar um pouco sobre – o teu trabalho aqui como voluntário, a atividade que você exerce, como é que é o teu trabalho, – o que que você faz?

E5: – Atualmente, devido a, as mudanças que houveram na, na, na rotina da casa, – na rotina interna, – eu to, assim, um pouco mais... como é que eu vou dizer, + mais centrado em poucas atividades, porque – no ano anterior e nos outros anos, eu, eu fazia quase todos os trabalhos que tinha na casa, – quase todas as atividades eu estava presente, – e agora, devido a nova sistemática, – ah! Então, ficou mais especializado, os trabalhos ficaram mais especializados, – mesmo que eu faça eles, – devido ao fato que, que – os pacientes, + eles recebem – uma terapia – adequada, assim, pra, – pra aquele momento, outro momento, né.

E: Sim.

E5: Então, cada, cada equipe vai entrando conforme seu momento, antigamente eu, – outros anos, era diferente, a gente – começava, fazia uma terapia num paciente,

outra diferente no outro e no outro diferente, – conforme era necessário, agora não, é por grupos, né. – É diferente.

E: Ta certo! E quais são as terapias que você aplica?

E5: Crioterapia, cromoterapia, – ham... – Faça os – passes, né. Todo tipo de passe eu faço. O oxigênio, né, com rescue, + e tenho conhecimento das outras, mas mais que isso eu não consigo fazer no mesmo dia, né.

E: Essas que você faz. Ta! E, e quando você ta aplicando uma, uma – terapia dessas no paciente, – você se coloca no – lugar do paciente ou você se concentra naquilo que você ta fazendo. O que que passa pela tua – cabeça nesse momento?

E5: Ah! É variado, às vezes... Depende, depende muito do, do... Depende muito do paciente, – uma empatia ou não, né. – Ou, então, – às vezes a, a... O paciente, ele ta – num estado de sofrimento, a gente percebe que ele ta sofrendo muito, ou dor ou psicológico. – Então, parece, que conforme mobiliza mais ou menos. – Então, essa percepção não quer dizer que, que é – física, às vezes é uma percepção – psicológica, né, (...), espiritual, sei lá o que eu vou dizer, né – o paciente influi, também, na gente. – Não é só nós que influímos no paciente.

E: Sei. Pode até, – se coloca no lugar do paciente na hora de uma terapia?

E5: Sim, às vezes, sim.

E: ++ É! O que que te mantém hoje como voluntário aqui, o que te faz, assim, sair de casa nas terças-feiras, que são os dias que você vem, né, sair de casa...

E5: Quartas-feiras...

E: Quartas-feiras, né... Vou sair de casa, vou trabalhar no Núcleo. – O que que, qual é a motivação principal, assim, que te move pra trazer, pra vim pra cá?

E5: – Crescimento – interior.

E: Pro teu crescimento.

E5: Pro meu crescimento interior, – com certeza, – eu acho, assim, – que isso aqui tem me dado – tem me dado – infinitamente mais do que eu dou.

E: Aham.

E5: – Infinitamente mais do que eu dou. A minha doação é – é muito pequena perto do que eu recebo. – Isso que me – me move. Se eu pudesse eu ficaria aqui sete dias por semana.

E: Puxa Vida!

E5: É verdade.

E: Realmente, é uma recompensa, – se é pra um crescimento, – assim uma – uma recompensa pessoal, – uma realização, alguma coisa nesse sentido, também, né.

E5: Isso! Isso! + É! E depois, – vamos dizer, todo, todo + no caso da – das terças-feiras, – na escola de médiuns – são, são, são estudados muitos assuntos, na, na... Da, da parte espiritual e – outros né. Antropológicos, – científicos, – filosóficos, então, isso aí vai – abrindo a cabeça da gente, né.

E: Ham... – Nas, nas terapias que vocês aplicam aqui, o sentimento de vocês é que vocês tão – proporcionando uma cura pro paciente.

E5: – É! Aí, aí – (...) é cada cabeça uma sentença, né, – isso aí é uma coisa, assim, muito pessoal, né. – Eu, por exemplo, no começo – eu não... Eu sou um homem de pouca fé, – como já havia falado pro irmão anteriormente, né.

E: Sim.

E5: – Então, pra mim foi muito estranho – com o tipo de trabalho que a gente faz, que é completamente, – vamos dizer – não é uma coisa concreta, – não é um – uma intervenção como é uma cirurgia, uma cirurgia – num hospital, né, cirúrgico. – Um, um trabalho, assim, que, que – nos obriga a ter fé mesmo sem ter, porque o resultado, – o resultado do que é feito, – o resultado que aparece depois – é – é

obrigado a pessoa a chega a ter fé, né. Então, essa... Isso aí, me movimentou a minha fé.

E: – Ta! Você me falou que antes de ser voluntário aqui, já foi voluntário em outras – outras casas espíritas...

E5: Sim... Sim.

E: Ham! – O que que te levou – a ser voluntário pela primeira vez? Que eu te fiz uma pergunta antes, que te fez ser voluntário aqui. Mas você lembra o que que te fez – a ser voluntário na, na, naquela outra instituição? (...).

E5: É! – Na verdade! Na verdade! – Foi sempre, – foi sempre uma busca nesse sentido, né, desde, – desde jovem. – Então, a minha, a minha família já, já, já é – simpática – ao Kardecismo. Então eu já vim de uma família que tem essa simpatia. O Kardecismo, ele, ele, ele prega a caridade. – Então, – une duas coisas interessantes, – que eu acho, acho, são boas. Uma, você fazer a caridade, né – no sentido de ajuda – as pessoas que precisam, seja qual for a – a necessidade delas, se ta no alcance de cada um pode fazer alguma coisa, e em segundo lugar, – que normalmente esse tipo de casa, que oferece esse tipo de trabalho, – oferece a possibilidade da, da... Do voluntário, do voluntariado, também dá uma contrapartida – de ensinamento, – de, de, de abertura – religiosa + de, ou científica. Então a minha vida toda foi uma busca nesse sentido – não parou aqui, nem vai parar.

E: Ham! – Dos teus irmãos ou dos teus pais, – tinha alguém que já era dessa – da religião espírita ou – fazia – ou era voluntário + ou foi você quem começou, assim, dentro da tua família, – você e tua esposa que foram os primeiros a serem voluntários?

E5: Não, não! Tanto da família da minha esposa como da minha já eram.

E: Ah! Já tinha pessoas...

E5: Sim, sim, sim. Já...

E: Já é uma tradição de voluntariado dentro da família.

E5: É! Devido ao Kardecismo.

E: Ah! Sim.

E5: Todos são da linha Kardecista.

E: Aham! Aham!

E5: Hoje meu pai e minha mãe não mais, né, porque eles abraçaram outra – religião, né, mas...

E: Sim. – Ah! – Você podia me falar de uma coisa. Como é que é o relacionamento aqui entre vocês voluntários? (...) entre a tua turma, você trabalha aqui nas quartas-feiras, – como é que é o relacionamento como colegas, com – as pessoas – daqui, vamos dizer, tem os dirigentes... Como é o clima?

E5: É uma irmandade. É uma irmandade.

E: Uma irmandade?

E5: Irmandade. – É! – Traz muito, – muito – prazer de, de ta com os colegas, porque são – é muito bom. São, são pessoas – é – assim, é uma integração muito grande, pelo menos do nosso grupo, né. Porque, é – são grupos, né.

E: Sim, sim.

E5: Então, vamos dizer, pra cada – turno – tem um, tem um determinado grupo. – Então esses grupos normalmente, não que eles sejam fechados, mas eles são mais, – mais – ah – atraídos entre si. – Essas pessoas – desses grupos, – mesmo que elas trabalhem, às vezes, num outro – num outro horário – mas tem um grupo de preferência.

E: Aham, aham...

E5: – Apesar que a casa não quer (risos) – isso, né, mas a gente... – É uma simpatia que acontece, uma afinidade, né.

E: É uma afinidade... (...).

E5: Uma afinidade...

E: Mas de vez em quando não tem um atrito, um (...).

E5: Tem. – Aonde que existe pessoa humana não vai ter atrito...

E: E como vocês resolvem esses atritos?

E5: – Olha! Não, não fica – nada, assim, pendente, normalmente, né, – porque o que a gente não conseguir resolver – entre nós mesmos, o dirigente – se, se ele percebe, (...), ele convoca o – os atritados a se – a volta as boas de novo, a se entenderem...

E: A se entenderem. Ta! – Com os superiores, também no caso, nas, na quarta-feira, é uma Irmã que é responsável, – irmã (..).

E5: Sim.

E: Terça e quarta, nos outros dias é a irmã (..).

E5: Sim.

E: O relacionamento também, com... Com as pessoas da hierarquia também é tranquilo? Não...

E5: – Olha! Eu, eu – trato o pessoal de diretoria de igual pra igual – não tem – eu sei que eles têm uma responsabilidade, – eles, eles coordenam o trabalho e a gente deve – seguir o que é coordenado, mas – o tratamento é de igual pra igual, não tem...

E: Como se não tivesse uma, uma hierarquia.

E5: Em geral, todos se tratam assim, não tem...

E: Aham! – Não tem essa diferença.

E5: É! Não tem essa diferença.

E: Ta! – E tem costume, assim, de um elogia o trabalho do outro ou não é um hábito aqui, se elogia o trabalho das pessoas?

E5: – Mais assim, os que estão mais ligados, né. Vamos dizer, aos grupos que estão mais fechados entre eles. – Fechado não... Não se... Não é a palavra certa...

E: Mais coeso, seria.

E5: Mais coeso. Isso! Onde que essa afinidade é maior, aí se tem essa liberdade, às vezes de dizer, né – ou fala: oh! Você fez um negócio, um trabalho – tão bonito, tão bem feito, ou, ou ...

E: – Ah! – Eu percebo que vocês fazem – no início dos trabalhos e no final, vocês reúnem o grupo.

E5: Sim, sim. Uma abertura e um encerramento.

E: Uma abertura e um encerramento. – Ta! – O que que significam essas, essa abertura e esse encerramento? No que que elas contribuem, – na tua visão?

E5: – Ai é que... É a hora, é a hora, é a hora que se, que se, que todos se põem em – à disposição – vamos dizer assim – em grupo – não individualmente. Então o grupo se dispõe e se propõe a fazer aquele trabalho que vai ser feito naquele, naquele turno – pedindo a, a, a ajuda de, de Deus, de Jesus, da, dos, dos mentores da casa, né, Irmão Yuri, Savas e Gabriel – e os, os seguranças da casa, que são segurança espiritual, né, – e é lido o evangelho – pedido ajuda em todos os sentidos – e nos, nos, nos dispomos então...

E: Você acha que isso reforça o compromisso do – do grupo?

E5: Com certeza. – Com certeza. É quase que uma promessa cada vez que se fazem – nem que seja íntima, né, mas é.

E: + Esse teu trabalho voluntário, ele chega a ser um desafio pra você?

E5: – Não.

E: Não.

E5: Não.

E: É uma coisa natural... Natural...

E5: Natural... Natural como, como trabalha, como se diverti, como comer, beber, então...

E: – Você gosta do que faz? Você já...

E5: Muito, muito.

E: Você já respondeu, né? (risos) É só, é só reforça.

E5: (risos) É!

E: É... – Eu vou te fazer outra pergunta. Se você ta satisfeito com essa atividade que você faz, que você já fez outros serviços aqui na, na casa, né, outra, – outra função – essa que você desenvolve especificamente hoje, você ta satisfeito com esse tipo de – de tarefa que você tem ou... As terapias que você aplica?

E5: Não... Não faz diferença isso pra mim – é indiferente – se eu tivesse que fazer qualquer – qualquer coisa – que fosse fazer na casa – isso, isso aí pode parece, pode parece até que, vamos dizer – falta de – ou excesso de modéstia, vamos dizer, mas se eu tivesse que só varrer aqui, limpa, lava, eu faria do mesmo jeito, – pra mim é tão importante um trabalho quanto outro. – Não faz diferença nenhum.

E: Qualquer, qualquer trabalho seria indiferente.

E5: Qualquer trabalho – seria indiferente.

E: + O Núcleo... é... ele... – qual é a reputação dele lá fora, – na comunidade, assim, na tua visão? – Como é que ele é visto? – O que é feito aqui dentro, como é que é percebido pela sociedade?

E5: Por quem conhece, é, é altamente conceituado – ta em alto conceito, – por quem conhece, né. Quem não conhece – ou não sabe dizer, ou – por motivos, às vezes, até religiosos são contra, né, mas isso aí não tem nada haver, né.

E: Não, não há assim uma – uma divulgação – muito grande, assim, do Núcleo do que é feito aqui?

E5: Não, não, não. Pelo, pelo Núcleo não. – Nem pelo, nem pelos, assim, no sentido da mídia ou qualquer coisa assim, não.

E: Não há assim esse interesse na, na divulgação.

E5: Não, não existe, não existe.

E: + É! Como é que você se sente no dia que você não pode vir – no teu compromisso, na, na quarta-feira que você tem compromisso aqui?

E5: Se eu não posso vir?

E: É! Como é que você se sente?

E5: Ah é! – Arrasado (risos) – é fico... É uma semana perdida.

E: (risos) É mesmo?

E5: É verdade, verdade. Uma semana perdida.

E: – Você largaria – qualquer coisa pra, pra vir aqui fazer o teu trabalho.

E5: Com certeza... Qualquer coisa. – Tanto é que se eu tivesse que me mudar daqui, a coisa que mais pesaria – seria – isso.

E: Esse trabalho?

E5: É! Tanto eu como a minha esposa – tanto eu como a minha esposa.

E: Ela também tem a mesma dedicação?

E5: A minha esposa?

E: Aham.

E5: É muito mais do que eu – a minha esposa é – até, até às vezes é meio demais (risos).

E: É! – Quer dizer se, – de repente, você não precisasse – trabalhar, ou ser um profissional – pra te a renda – pra sustenta a família, você ficaria aqui todo dia?

E5: Muito mais tempo, muito mais tempo.

E: Mais tempo?

E5: Muito mais tempo. + Com certeza.

E: Aham. + E + você, vocês tem filhos?

E5: Todos, todos adultos, né. – É! Só tem um em casa, – uma filha, ainda.

E: Sei! – Ta! – E como é que – os teus filhos, os familiares, eles vêem vocês como voluntários? O que eles – eles falam sobre isso? Eles criticam? Elogiam? Como é que é?

E5: É dividido. É dividido. – É dividido. Uns criticam outros elogiam (risos).

E: Ah é! Tem de tudo?

E5: – É! – Os filhos é... Mas os outros parentes não. Os outros parentes todos são todos a favor, pelo fato de – já ter um, um passado – Kardecista.

E: Aham... E, e algum dos filhos de vocês também trabalha como voluntário? – Ou ainda não?

E5: Não, não, não trabalham, não trabalham. – Nenhum.

E: Irmão! – Você – teria alguma coisa pra falar mais, pra acrescentar sobre o teu trabalho voluntário – sobre o Núcleo? Fica bem à vontade, alguma coisa que você gostaria de – de acrescentar...

E5: – O que eu queria dizer é que, – principalmente nesta casa – depois que eu vim trabalhar aqui, houve uma mudança interior muito grande – houve uma transformação interior assim que – ham – interiormente eu sou outra pessoa – em, em, vamos dizer, – moralmente – ham – socialmente, – e – eu era uma pessoa, assim, muito explosiva, com pavio curto, né, então, eu, eu, – hoje eu tenho mais domínio disso, também a idade, também ajuda, né. Hoje eu estou mais velho, também né.

E: Sim.

E5: – Hoje 54 anos não é a mesma coisa que 34 ou 24, né. – Então eu acho que isso é uma coisa natural, também, da, da pessoa – com o decorrer do, do, da, da, da vida e da idade, ela vai aprendendo mesmo sem participa de uma casa – onde é pregado a moral a...

E: Sim.

E5: Os bons costumes – e – mais aqui realmente – eu tive uma abertura muito grande nesse sentido e principalmente do ponto de vista – da minha busca – não religiosa, mas a minha busca de Deus – é – que eu procurei Deus em tudo que é lugar, e hoje eu sei que Deus está em todos os lugares – e principalmente dentro de mim mesmo, – que a minha busca é interna não é externa.

E: Aham.

E5: – Então – não adianta eu ir pro, pro Himalaia, ou pro Tibet, pra China, – pra Índia, onde que são os berços da, da, da, das religiões e das, da civilização + se, se eu não acho o – as coisas certas em mim – então aqui dentro dessa casa – com os princípios filosóficos usados aqui com a, com as, as, os retiros que são feitos – ham – são feitos diversos retiros por ano – com as – ham – as palestras que são dadas, a própria biblioteca – que tem aqui, né – interna – então isso me, me abriu muito a mente – e – vamos dizer, assim, – a parte fraternal, humana, também, – apesar que eu já, já, já vem de um – sempre fui assim dedicado a ajuda as pessoas. Na rua em qualquer lugar, se eu vejo um camarada com um carro parado ali, eu vou lá vê se ele não quer uma ajuda. – Um desconhecido qualquer. – É a minha natureza é assim mesmo.

E: + Ok! Te agradeço a contribuição, tenha a certeza que o teu, que tuas declarações vão ser muito úteis pro meu trabalho. E te desejo aí felicidades que você cada vez mais se realize, cada vez mais você goste desse trabalho que eu acho magnífico. Obrigado.

E5: Obrigado, obrigado.

Tempo total da gravação= 27min03seg

Entrevista 6

E6: Dados demográficos: Idade 41 anos, sexo masculino, solteiro/convive com uma companheira, grau de escolaridade pós graduado, renda mensal familiar acima de 10 salários, funcionário público municipal, reside a 20 km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo.

E: Irmão, – a sua idade?

E6: + Minha idade é 41 anos.

E: Ta. Sexo: masculino. Estado civil?

E6: Eu – eu já fui, já vivi com uma pessoa, durante uns – 15 anos – é – a gente não foi, – não registro nem no civil e nem no religioso. – Nos separamos e hoje eu vivo já há 2 anos com uma outra – companheira, também + juntamos as... Junto os filhos (...) junto o meu filho e – temos uma nova família há 2 anos – e também nada – registrado – formalmente. + Registrado nem nada, (...). – A gente se juntou.

E: Sei, sei. – Convive, convive junto, né. – O teu grau de escolaridade?

E6: Eu – tenho – formação, graduação em filosofia – na – UFSC – e uma especialização em ética e filosofia política, também, na – no departamento de filosofia da – da Universidade Federal de Santa Catarina.

E: Sim. – A, a renda mensal familiar gira em torno, assim, vamos falar de salários mínimos, – de 1 a 5, 5 a 10, mais de 10 salários mínimos, mais ou menos?

E6: É mais de 10 salários mínimos, – os dois.

E: Sim. – E você exerce atividade profissional remunerada hoje?

E6: Sim.

E: Trabalha?

E6: Eu trabalho na prefeitura municipal de Florianópolis, ocupo um cargo – de fiscal do meio ambiente.

E: Sei.

E6: – No município de Florianópolis

E: Ta! E o teu, teu trabalho lá é – no decorrer da semana e um dia eles te liberam pro... Pra vir como voluntário?

E6: O meu trabalho é de seis horas diárias – então eu trabalho no período da manhã.

E: Sim.

E6: – É... – E – eventualmente, quando tem que trabalhar em outro período, eu trabalho em um período – que não, não tenha agendado aqui, que não tenha já compromisso com o Núcleo. – Então eu trabalho todos os dias no período da manhã – na, na FLORAN – e – eventualmente um ou dois dias por semana no período da tarde.

E: – Ham... Eles não te liberam do, do, do horário de trabalho pra você ser voluntário?

E6: Não, não, não. – Eventualmente quando tem algum tipo de – de compromisso integral – ou a... Que no período tem, ocorre que tem que ter eventualmente – anualmente uma, que a gente chama de missão.

E: Sim.

E6: Que é onde a gente se desloca a algum lugar pra ficar uma semana, cinco dias – e aí sim, eu, eu, eu – eu faço um acordo pra depois pagar essas horas, – mas no – dia-a-dia, não.

E: Ta! E você vem aqui como voluntário, quais os dias da semana?

E6: Eu venho as terças-feiras a tarde – as terças-feiras à noite a gente tem a escola de médium – desenvolvimento mediúnic – não dá pra dizer que é separado – porque também é um processo também de, de – de crescimento próprio – é isso ta junto – essa, essa, essa – essa coisa da – da doação, também, é uma doação conosco mesmo.

E: Sim.

E6: – Depois – é – quarta-feira, as quartas-feiras à tarde, – e também um – tem um – outro trabalho – é nas quartas-feiras a noite que atualmente ele ta, ta sendo – envolve somente médiuns, mas que tem a finalidade, depois de ser – desse, desse trabalho ser aberto, também pro, pro público externo do Núcleo.

E: Sim, sim. Ok! – Ham – Você podia falar pra mim alguma coisa sobre a tua crença religiosa?

E6: – A minha crença religiosa? – É – eu sou espírita – Kardecista + é – a minha família, membros da minha família já – desde criança – eram – Kardecistas, espíritas. Minha avó, – minha mãe, – algumas irmãs. – Por um longo tempo da minha vida eu fiquei afastado – né, de qualquer tipo de, de, de – envolvimento com instituições religiosas até mesmo – de – ter uma concepção, uma crença religiosa – e – faz aproximadamente uns oito anos que eu fiz esse resgate, – né, – esse resgate, porque já tava envolvido de alguma forma na minha, – na minha cultura – a – o Kardecismo. – Então acabei fazendo esse resgate, foi, isso foi, se deu junto com o meu – com a minha chegada no Núcleo – então por um – antes disso, nesse período aí, intermediário, é – acabei me envolvendo durante algum tempo com – militância política, militância partidária, e nessa – nessa militância partidária, nos horizontes da – da indústria partidária, a gente acabava – acabei me afastando um pouco – fui deixando um pouco de lado – essa – essas questões ligadas... Mais ligadas a fé, ligadas a própria religião – então hoje eu tenho uma convicção – com relação a – a participar da, da concepção espírita, que é uma concepção cristã, ta ligada ao evangelho – com uma nova leitura, com uma releitura – é – então Kardecista, ou seja, um cristão.

E: Sim. Ham... Você ta aqui como voluntário a quanto tempo?

E6: – Eu estou desde 2003.

E: 5 anos?

E6: 5 anos.

E: 5 pra 6 anos.

E6: 5 anos.

E: Ta. E qual foi o motivo principal que te trouxe pra cá como voluntário?

E6: – Olha! Na verdade, – viu Pedro, foi uma série, podemos dizer que foi uma série de motivos – é – foi uma – uma grande transformação – que ocorreu na minha vida em vários, em vários níveis, no nível profissional, – no nível intelectual, no nível – é – familiar – é – no nível político – então – o... A... – Uma grande transformação que ocorreu na minha vida a partir de um processo – é – um processo que já vinha ocorrendo – e que aí, 2001, 2002, – essas coisas foram, né, tomando corpo – e eu precisava mudar minha vida, precisava – dá uma nova mudança, então muitas coisas que eu, – que eu tinha como, – como – ancora – foram perdendo o sentido, então eu precisava novamente de um novo – de – re-significa minha vida – e – neste

período eu acabei – é – encontrando o Núcleo – então – a minha vi... O que me, o que me trouxe aqui, na verdade, foi uma necessidade de re-significar da minha vida, eu havia – eu não tava – encontrando respostas mais na – política, de alguma forma – na própria filosofia, porque também, – a filosofia na qual eu tava mais envolvido tava relacionada com essa, com essas concepções – de transformação social – então ali também começou a perder, isso, talvez, meio, meio – paralelo ao que vem ocorrendo no mundo inteiro, mesmo – essas mudanças que começaram a ocorrer no mundo inteiro – e no Brasil e na cidade – é – então eu precisava novamente de um novo chão – e – encontrei o Núcleo, vim no Núcleo, vim como paciente – meio – meio sem rumo – no começo – até no começo um pouco crítico, né – pra poder entender um pouco também – e – mas foi exatamente isso, foi a falta... Foi uma... Uma falta de sentido e ao mesmo tempo, – ao mesmo tempo o Núcleo, ele permitiu, então ele permitiu, porque – é – nesse meio tempo eu me envolvi com ONGs tentando uma – encontra uma outra, um outro caminho, – é – ONG na área ambiental – é – busquei, né, algumas coisas no campo da cultura, também – e – aqui eu comecei a ter uma série de, de, de, de – de elementos que foram me permitindo uma nova, – uma nova visão de mundo – é – que é a forma – que é a – aí é – estando aqui dentro pra, pra entender um pouco.

E: Sim.

E6: É! O que é que vai permiti daquilo que é aquela situação onde o mundo – tinha de alguma forma tinha perdido o encantamento – né – perdido o brilho – é – com a – os elementos que eu comecei a encontrar aqui – é – não só o mundo ganhou um novo sentido, um novo encantamento, – mas ele se tornou muito mais vasto – porque ele ganhou dimensões – novas dimensões surgiram, – né – e com – com seus – fundamentos científicos, com seus, com suas – é – suas razões – é – filosóficas, com as suas – é – implicações sociais, porque aí entra a questão do voluntariado, – essa coisa de ta também interagindo – na sociedade, de alguma forma, mas uma intervenção diferente daquela da militância partidária, daquela da, da, da, da própria – da própria ONG – da própria associação de moradores, do próprio – grupos culturais, é uma – é uma intervenção que ela se dá num plano bem mais amplo.

E: Aham... Ok! – O trabalho voluntário, hoje, ele te dá mais como um prazer ou você sente ele como um dever?

E6: + Olha! + Eu – O trabalho de voluntário eu penso que ele ta... Possivelmente, no nosso processo de, de – crescimento – ele – em algum momento vai ser como um dever – ele aparece como um dever – a gente, mesmo quem não faz – acha que deveria fazer – quer dizer, ele tem esse tipo de... Mas isso, vamos dizer, seria um estágio então do processo – é porque – a gente depois vai percebendo que, que ele, ele te oferece, te dá um retorno que é muito mais – é – que acaba te enriquecendo tanto, te dando tanto retorno que, aquela idéia do dever como uma coisa que é meio obrigada, uma coisa meio – é – assim, desprazerosa – vai se perdendo. Eu, eu vejo, assim, que, que, que essa, essa – essa coisa da – do trabalho voluntário, ele, no nosso caso aqui, ele é – ele ta dentro de um contexto mais amplo – né – ele ta num contexto mais amplo do que... Não que seja – superior ou inferior a um outro tipo de trabalho voluntário, onde a pessoa – acaba indo lá pra dá essas horas de trabalho num hospital, numa creche, né – mas numa perspectiva muito mais pra – simplesmente – diminui a dor, – diminui uma certa dor ali e resolve um pouco essa, essa questão de – vamos dizer, de consciência.

E: Sim.

E6: Ta participando. – Aqui a gente tem uma, eu penso dessa forma, – ta no contexto mesmo de – de... Um processo de – de construção – de uma outra humanidade. – Uma outra humanidade no sentido mesmo, da evolução humana, da evolução espiritual humana, – né, é como uma forma de ta, da gente ta se disciplinando – né, de ta aprendendo, – a idéia de – que a gente tem como espírita é do planeta como uma escola – né – então o próprio trabalho voluntário é uma, é algo que a gente ta realizando como outra oportunidade de ta aprendendo – de ta aprendendo – uma série de, de, de – de características, uma série de virtudes que é essencial pra quem quer viver melhor – é – é uma paciência – o cuidado com o outro – essa própria coisa da gente se chama de “irmão” que de alguma forma, às vezes, é meio formal, meio forçado, mas isso vai – né – isso é pra gente ir interiorizando isso – né – essa... Então ta num, num, num contexto mais amplo, assim.

E: Sim, entendo.

E6: Né. Não é somente pra... Tem é... Ela tem essa função prática, esse resultado prático, de um alívio, de um, de um, de um, como a gente chama... De um paciente que vem aqui, de um irmão que vem aqui – seja no aspecto espiritual ou no físico – mas ta num plano – é – um plano mais amplo porque, porque a gente é, enquanto voluntário, a gente é voluntário e é médium ao mesmo tempo – então como a gente é médium – ao mesmo tempo, e existe todo um – uma informação do que seja um médium, a gente ta na verdade se colocando como instrumento dos planos – é... Então a gente, a gente vai, a gente vai, também, nesse sentido, também, disciplinando nossa fé, disciplinando nossa confiança – é – na medida em que a gente não sabe exatamente tudo o que ocorre em outro plano – né – a gente confia, – a gente... A gente...

E: Não é palpável.

E6: É! Não é palpável e a gente não... Por mais que a gente tenha algum tipo de informação, seja uma informação literária, ou seja alguma informação da própria direção, dos dirigentes, – a gente sabe que tudo isso é muito mais complexo daquilo que a gente tem de informação. Então a gente se, é uma entrega, é uma entrega como um instrumento – nesse, nessa, nesse projeto, que é um projeto – que não é um projeto só – (...) – né, ele é um projeto, que é um projeto, mas que ta em outro plano, também, – né – porque essas informações a gente percebe que tudo o que acontece no nosso lar – na nossa instituição ela vem nos dar, plasmada, projetada no campo espiritual, – então por isso é que é algo muito mais amplo, a gente se coloca num, num fluxo muito mais amplo, amplo, né, mas – mas o grande, eu acho que o grande, a grande virtude do, do, de tudo isso pra se alcança essa, essa, pra se ta bem nesse fluxo é – ter uma postura de maior simplicidade diante disso, esse, esse, esse fato de ta como voluntário, de ta ali a disposição, a disposição pra – diversas tarefas que são precisas, que são necessárias – é – deixando – deixando...

E: fluir... Aham.

E6: Fluir, deixando porque – se tu for buscar informações – a instituição aqui ela ta, ela ta... É um processo... Tem se transformado, também – então a gente não sabe muito bem onde vai dar, nós enquanto (...) voluntários – estamos (...) a disposição de um projeto.

E: Sei! Ham... Eu tenho circulado bastante aí porque eu preciso entender, eu quero enxergar, entender – pra enriquece – o meu trabalho e pra – me (...), assim, compreender, eu vejo, assim, – quando vocês estão aplicando as terapias, né – vocês têm uma concentração muito grande – ham... A pergunta que eu te faço – nesse momento: vocês se colocam no lugar do paciente, vamos dizer, no problema que o paciente tem – ou vocês, é... Dessa concentração, ela é assim – espiritual

assim, não sei se seria profissional – é... Eu não saberia assim te dizer – minha, minha dúvida é se vocês realmente entram no, na, na preocupação sobre – o que cada paciente tem – no seu problema individual ou não?

E6: Não, não. Existe um... Existe uma técnica – né, existe uma técnica, a maior parte, a grande parte das terapias aqui – elas são – elas têm um roteiro técnico – que são passadas pelos dirigentes, pelos coordenadores, pelos médiuns – depois tem um médium que ele tem – *status*, tem médiuns que tão chegando agora – tem os médiuns que tão há 10 anos, tem os médiuns que tão há 20 anos, tem os médiuns que tão chegando agora e nunca participaram de uma casa espírita – nunca foram voluntários, tem os médiuns que tão chegando agora, mas já vem de uma casa espírita depois de 10 anos de trabalho, 20 anos de trabalho, então esse tipo de, de, de – formação ela é importante, é, quando eu falei pra ti que a escola de médiuns aqui pra nós, ela é, ela, ela, ela ta junto com isso – é exatamente por isso, quer dizer, o médium, quer dizer, na medida que a (...) faz o médium, na medida que ele ta aprendendo um pouco mais, ele ta conhecendo mais como funciona – o que ta por trás da cortina, né, ele pode – depois fazer com maior – qualidade o trabalho mediúnico, ou seja, né, a gente aprende muito a... Sobre a importância do pensamento – sobre o – os aspectos magnéticos do pensamento, – sobre o – a importância da concentração numa aplicação mediúnica – é – essa, essa, esse aspecto básico com relação a se coloca no lugar do paciente, – isso é básico – isso é básico, isso é básico – pra qualquer um que venha a fazer um trabalho voluntário – é – básico no – pra quem ta fazendo um trabalho voluntário e tem um... Uma formação cristã, ou tenha um embasamento cristão – que é exatamente essa coisa de ter... De tratar o outro como gostaria de ser tratado, então – é – isso aí muitas vezes é lembrado pelos dirigentes, pelos... Olha, né, – como é que tu gostaria que tu fosse tratado, quando tu é... quando tu ta colocando a mão sobre alguém – né – vê... Como tu gostaria que o teu pai fosse tratado, que o teu irmão fosse tratado, né – é – no sentido de – no cuidado que tu vai ter, no carinho que tu vai ter, e do que tu vai ficar pensando, – no que tu vai ficar... Como tu vai ficar concentrando, – né, porque é muito difícil pra direção, pros coordenadores ter esse controle total – é... – Então é muito difícil, a gente trabalha aqui no Núcleo – com uma noção de segurança que é o seguinte – são as... Nós temos três níveis de segurança – é – mas tem o nível um, que é o nível, o seguinte, que é a... Situação como o médium está – então assim – o trab... A harmonia do trabalho – numa tarde onde compõem o conjunto coletivo de médiuns – a harmonia do ambiente e do Núcleo como um todo – depende o que, depende – da situação interior dos médiuns – então o médium, por exemplo, antes de vim pra cá, – nesse dia, o ideal é que ele consiga fazer isso no seu dia-a-dia a vida inteira, – mas ele tem que, ele tem que busca, então, principalmente quando ele ta vindo pra cá pra trabalhar, uma harmonia interior – o que que ele ta fazendo, o que ele fez – onde ele andou – o que ele pensou – pra que ele venha pra cá já – preparado, ele tem uma pré-preparação, então quando amanhece, ele não amanhece ant... No dia que ele tem o trabalho aqui, – ele já ter uma... Amanhece com uma boa oração, pra ter um cuidado com a alimentação, pra ter um cuidado com o trânsito – às vezes, até pra cuida pra não ir assim, certas situações que vão ser estressantes – é, porque, porque é preciso que ele tenha... Que ele esteja harmonizado com o trabalho, isso é o que a gente chama de, de, de segurança número um – ou seja, à medida que tu consegue fazer isso no teu dia-a-dia, isso não é só um médium, isso não é só um voluntário, isso é pra qualquer pessoa – né, que ela consegue ter esse, esse cuidado com aquilo que ela ouve – com aquilo que ela vê – com aquilo que ela lê – com aquilo que ela fala – com aquilo que ela se

alimenta – ela, ela, ela vai criando o que, ela vai criando uma blindagem, uma frequência energética, em que ela não vai ser – facilmente desestabilizada – seja no plano físico, seja no plano espiritual – então essa, essa, essa preocupação que o... A gente chama de nível – um de segurança, é exatamente pra ti ter um bom desempenho – diante do, do, dos pacientes – pra que tu possa – pra que nosso trabalho realmente seja um trabalho eficiente – então não adianta tu bota ali – trazer 100 pessoas pra receber um passe, – e os médiuns totalmente... Entende?

E: Desligados ou...

E6: Desligados, desconcentrados, pensando na conta, pensando no dinheiro no final do mês, pensando no filho, pensando na namorada, pensando no carro que tem que comprar, entende, então isso aí, isso aí é pra – é – é tratado também, né – muito profundamente na escola de médiuns, onde nós temos – vários grupos, né, – o ano inteiro, (...) que tamo, que também é um processo crescente também a nível de – então essa coisa de se preocupa com outra é básico, né...

E: Você podia me fala – alguma coisa sobre – o ambiente aqui dentro, o relacionamento entre vocês voluntários, por exemplo, – ham... hoje na quarta-feira vocês tem uma equipe que, que está trabalhando – como é que é o relacionamento um com o outro, existe algum atrito – fale um pouco sobre, sobre esse dia-a-dia de vocês?

E6: Olha! De modo geral – não existe, existe muito pouco problema – não vamos dizer que não tem problema nenhum, porque na verdade aqui é a terra, né, – são as pessoas com o seu... Como eu falei há pouco, olha bem cada um com seus problemas, com... É – Mas, é – as pessoas são... Como qualquer ambiente, também, as pessoas com o tempo vão se – vão se conhecendo, vão criando uma intimidade, vão criando uma cumplicidade, – então mesmo que chegue alguém diferente, um, dois, três, quatro naquele ano, que já tem 20, 30, que já tão mais ou menos e acaba que se absorve com mais facilidade – é... Pelo tipo de trabalho, pelo local que a gente trabalha, também há uma, uma exigência, vamos dizer, – de cada um consigo mesmo com relação a esse, esse tipo de cuidado com o outro, como, como... É... – Trata o outro – mas é uma instituição que hoje pode ser grande com, – em torno de 400 pessoas trabalhando aí – então sempre tem, tem, tem, porque as pessoas tão, tão, tão – crescendo ainda, tão – é – e – dentro do, do, do, da terra as coisas também acontecem em, dentro dessa, desse, dessa, dessa – energia do poder, né, então sempre tem alguém que tem um – né, um pouco mais aí depende como né, muitas vezes a maior parte simplesmente recua porque não é por ali, aí às vezes um ou outro que pode ter um tipo, né, mas são casos muito raros, mas é... E normal – né, por que... As pessoas vêm pra cá, como eu falei, como eu vim, – né, porque tão precisando também se transformar, – tão também nesse processo de transformação, – então quando há algum tipo de situação como essa é essa falta de entendimento mais ampla do poder – né, de, de todos temos um poder, todos temos o poder, que é um poder – peculiar de cada um + e esse poder, ele... Ele é fundamental pro planeta, é fundamental pra humanidade, é fundamental pra nossa caminhada humana, ou seja, enquanto parte da, da, das pessoas não conseguirem manifestar o seu poder pessoal, não conseguirem manifestar por algum motivo, por algum tipo de pressão, por algum tipo de dominação, por algum tipo... Né, de, de, de situação que não permite – que ela possa expressar – o seu potencial que é específico, que não é igual, não tem igual, né, seja no campo da arte, seja da filosofia, seja no campo da ciência, – seja isso de modo integral – enquanto ela não, não expressar, vai falta um... Uma pecinha do quebra-cabeça – entende, então, é... O... Quando acontece, – muitas vezes essa situação de, de, de conflitos, de disputa,

– é por pessoas que ainda não compreenderam o que é... Que a gente tem que compartilhar o poder – né, então... Mas... Ainda procura cria (...) do poder, né, poder de informação, poder de, de, de técnica, poder de (...), poder... Né, de relacionamento – mas aqui, aqui dentro uma das coisas que a gente procura é... Uma coisa que nos é oferecida é tentar superar um pouco isso – então eu acredito que a gente, aqui tem pouco porque – é um contra-censo – entende. É como... Meio como cigarro, por exemplo, às vezes tem alguns médiuns que fumam ainda, – ou que chegam fumando e vão fumando, – vão parando de fumar, porque não são obrigados também, não é um crime, não é um... Não é... – Mas chega uma hora que não tem sentido – entende. Tem uma hora que, quer dizer, que não tem que, que, que, meio que, que dizer, aquilo começa a não ter mais sentido pra vida dele, – né, porque ele começa a ir na praia pra, pra, pra caminha um pouco na praia de pé descalço, ele começa – a cuida mais daquilo que ele lê, daquilo que ele ouve, – ele começa a cuida um pouco mais da palavra dele, ele passa a cuida, aí, um pouco mais do corpo dele, e aí aquilo não, não começa a... Começa a ficar meio sobrando – né, e isso é aos poucos, né – então, pessoas que de repente tomam uma cerveja demais – né, e com o tempo, então, vão – né – vão cuidando pra que se torne mais é, mais é, mais, mais – amiúde e... De uma maneira mais...

E: Controlada. Sim.

E6: Controlada, mais celebrada, né. – E, então – isso também com relação a... Ao poder, porque o poder é... Ta espalhado, né, – de uma maneira muito – tortuosa na sociedade, então – mas eu, no tempo que eu to aqui eu vejo como muito pouco isso – e acho que é, que é... Que é muito... E a gente ta o tempo inteiro é chamado atenção pela direção geral também sobre isso.

E: O, o, o que a gente percebe, inclusive, o ambiente, o clima é bom, o relacionamento entre vocês, né.

E6: Sim, sim.

E: Eu faço a pergunta, porque às vezes a gente não ta – enxergando... E sentindo, vivenciando o dia-a-dia de vocês, né. Mas aparentemente é... Né.

E6: E agora, de modo geral também, as pessoas têm um contato muito aqui só, – vamos dizer, que, talvez, o grupo que a pessoa é uma amiga que participa daquela pessoa, criou uma amizade mesmo fora, mas de modo geral as pessoas se encontram aqui, se cumprimentam e vão pro trabalho, e acabo, vamos embora, entende, assim, no... A relação de um com, com, com o geral é assim, pode ter em caso específico, eu, por exemplo, tenho minha mãe que trabalha aqui, eu tenho uma irmã que trabalha aqui, eu tenho uma prima que trabalha aqui (...).

E: Toda família ta aqui dentro.

E6: Meu filho que trabalha aqui, eu tenho um primo que trabalha aqui, então, quer dizer, esses aí são os clãs, – né, tem várias famílias aqui assim, então tem os, os clãs, mas... Aí é outra história, – né, então lá nós temos que come... Nós temos que trabalha lá um pouco melhor, vive um pouco melhor em função daqui, – porque a gente tem que levar o exemplo daqui pra lá, – mas de modo geral as pessoas aqui, dos, dos 400, a gente tem uma relação muito aqui, então é uma, é uma... Acaba sendo até um pouco, às vezes, de cordialidade – né. – É como ter, por exemplo, vai conhecendo um pouquinho mais, mas não tem essa coisa de ta – né, investigando muito a (...).

E: Aham! Ta... Ham... – Hoje o que que te mantém, assim, como voluntário aqui, o que te faz pensa os dias que você vem aqui, eu preciso ir lá. Porque você mora – lá, no, no, no Centro, né, pouco no, no, no... Você me falou até no, no, no...

E6: No João Paulo

E: João Paulo. É bem distante.

E6: Aham.

E: Né. Então, qual o motivo de você sair lá do bairro João Paulo duas, três vezes por semana e vim pra cá, qual é o motivo mais forte?

E6: – Olha, Pedro! O motivo mais forte + o motivo mais forte é a idéia de ta no caminho + é de to no caminho e eu preciso me manter no caminho.

E: – É uma necessidade tua.

E6: É uma necessidade minha, é uma necessidade espiritual, é uma necessidade intelectual, é uma necessidade moral, é uma necessidade... social – é... Mas essa necessi... Quer dizer, ao... Essa essa necessidade – eu conjugo essa necessidade, é... – Eu coloco assim, de modo metafórico, como assim, como um caminho que eu to trilhando esse caminho, eu tenho... Esse caminho ele pra mim, ele assim ele ta – é... Eu não to (...) no caminho – eu to no parte do caminho.

E: Ta construindo?

E6: Eu to construindo o caminho, eu não, eu não sei o que na frente desse caminho, então é como... Eu, eu preciso, eu preciso me disciplina muito na construção desse caminho, eu preciso – trabalha muito na, na, na... – Na feitura desse caminho – é... Eu acredito que aqui ta me dando os elementos pra isso – pra... Pra encontra um... uma condição – uma condição – é... – de mais mansidão – o que, ou seja, é... Os índios norte-americanos chamam em andar em beleza.

E: Andar?

E6: Andar em beleza.

E: Em beleza.

E6: É! Tu ta, tu ta numa situação em que tu... É... Que já é um pouco, já faz parte de um pouco dessa, dessa coisa do confiar. Então eu não quero saber realmente muito o que ta na frente – entende? É... – É uma idéia que ta – é uma idéia que a gente ta trabalhando agora, eu to trabalhando agora nessas últimas semanas, e ta sendo também trabalhada aqui dentro, – que é a idéia de que ta tudo ta certo + ta tudo certo, não tem nada errado – na economia mundial, na política mundial, na, na, na, nas crises ambientais, – ta tudo certo. Isso não significa determinismo – isso não significa – é... Se omiti, – nada disso, mas significa que a gente não tem uma visão do – todo – que a nossa a... O... Que a gente consegue vê – a partir da nossa bagagem, da nossa condição, nossa situação – é... Não, não é o suficiente – pra gente poder – dar uma explicação, e mesmo assim se eu tenho uma visão hoje mais ampla – não, eu, eu não posso, muitas vezes, fazer essa troca intersubjetiva com outro porque ele não consegue ta na minha visão – entende? Então se eu chega agora e diz realmente pra alguém que é uma situação difícil econômica ou preocupada com a questão social ou política da, da África, que ta tudo certo, ele – ele vai de repente me ironizar, – vai achar que eu to... Alienado, que eu... É... Mas assim nem quero realmente achar que tenho, que to com a razão, entende? – Mas essa, essa, essa... – E o que eu tenho me permitido é isso – é ta construindo essa perspectiva – de que tudo ta certo + entende? E... que não significa não ir... Isso não significa não, não significa – é... Não participa de uma passeata pela paz mundial – de, de, de se junta um grupo pra planta uma floresta nova – é... Ta num outro tipo de atividade social – é... Sentir, né... – Sofrimento quando vê – situações que ta fora do nosso controle de sofrimento de, – de grupos humanos, de sociedades humanas ou de pessoas mesmo, não significa frieza, indiferença, nada disso – mas é o que me faz vim no Núcleo é exatamente essa construção, essa concepção de mundo que o Núcleo ta me oferecendo.

E: Ta te permitindo.

E6: Ta me permitindo.

E: E o dia que você não pode vir ao Núcleo, por algum problema que você tenha, – qual é sensação que você sente – de não poder, ham... Vim fazer o teu trabalho aqui?

E6: + Eu, eu, eu até tenho, eu busco ter uma assiduidade, mas quando eu não consigo, falta alguma coisa – é... O... E não um, porque não é uma hora, não é um dia, falta uma semana. – Esses dias o nosso dirigente tava falando numa reunião ele dizia assim, né, não contamos aqui – o nosso tempo por semana.

E: Sei.

E6: Na terça, na quarta, no sábado, né. – Então é... Quando não vem, não é, não, não vem numa semana, perdeu uma semana – e... – Tem muitas vezes as coisas tão muito engatada (...) muito, quer dizer, a gente às vezes fica até preocupado quando vem o final de ano vamos ficar um mês aí e pouco que a gente fica – com a instituição – é fechada, né, mas assim...

E: Isso faz falta.

E6: Isso faz falta, só que também, isso também vai... Assim, tu tem, tu mantém o teu compromisso a instituição precisa da tua presença conta com a tua presença, então tem que vim, né – só que também hoje, no passado eu ficava muito mais preocupado, muito mais tenso, hoje quando eventualmente eu preciso eu comunico a casa, – mas então eles tinham muito mais tranqüilidade pra lidar com isso – ou seja, né, – eu tenho tranqüilidade hoje se eu precisa morar em um outro estado não tem um Núcleo lá o que que eu vou fazer – né, não é uma dependência, não existe uma dependência entende?

E: Aham.

E6: Nesse sentido – é mais em função de... É... – De, é como – eu, eu, eu estudei durante cinco anos filosofia – é uma graduação, aí, até poderia ter continuado, mas é... Quando eu fiz filosofia eu fiz pelo interesse na, na, nas questões – filosóficas, então a continuidade pra mim se... Eu até hoje leio, continuo lendo filosofia, continuo pesquisando...

E: Tem interesse.

E6: Né, então é uma coisa que tem uma, uma é... Mais por essa continuidade, porque – tu vai ficar... (...) Ta, tu ta no depar... No debate tu ta no meio aqui também isso tu ta na energia tu ta no fluxo, ta na... No processo. – Então – hoje eventualmente uma semana, mas se for mais de um tempo aí eu tenho que repensar eu tenho que encontrar uma outra – uma outra atividade – ver como é que eu vou fazer isso – né se eu hoje fosse morar em outro estado como é que eu ia fazer aí eu ia ter que eu ia ter que fazer uma boa reflexão e ver o que que, o que que... – De... Alternativa pra substituir esse tipo de...

E: Ok! Como é que você vê assim a reputação do Núcleo na comunidade, como é que a comunidade percebe a atuação do, – do Núcleo?

E6: Aí eu não sei...

E: Não saberia se...

E6: Sei pouco porque é muito pulverizado né a gente ouve uma pessoa – e às vezes também a gente como a gente é... Participante aqui – as pessoas também falam assim e tu não sabe também se as pessoas tão falando né pra te elogia pra... A instituição é – mas todas as, as, as – as colocações que são feitas – que eu já ouvi são sempre positivas – né sempre positivas – algumas meio silenciosas assim né em função da... De... De, de, não sei talvez não, não, não – uma... Uma... Não fazer, não tomar partido né.

E: Sim, sim.

E6: – Mas no geral é... Né – Tem alguns que acham que é que é que é forte né – trabalham... Porque tu tem um trabalho fixo e um trabalho espiritual – o trabalho espiritual é... É a expressão junta, mas são... Focos diferentes – né então...

E: Ham... – Você, nas tuas manifestações, já, já me deu assim a entender que – o trabalho voluntário pra você – faz parte, vamos dizer, da tua vida – e... Você assim por estar prestando trabalho aqui dentro você sente que o teu trabalho ta tendo utilidade – pras pessoas, pros pacientes, qual é o teu sentimento sobre isso?

E6: Eu acho que ele ta sim no, no (...) – eu não penso assim no... Mesmo na terça-feira que esse trabalho da terça-feira que eu faço é com mais um... Um irmão médium que a gente faz um trabalho de, – de atendimento – de um Núcleo menor – são, são encontros de... É... São durante... São sete encontros – né... E aí a gente acaba tendo um envolvimento muito maior com os pacientes dentro dessa sala aqui exatamente a gente cria uma roda – e desenvolve um trabalho ao longo de sete semanas – é... E a gente percebe o resultado a gente percebe as pessoas chegarem numa maneira – é e... Ter uma crescente no meio já tão com outro semblante com outro olhar com outro sorriso – e no final – é... A semana que vem até a gente termina se tu quiseres até dar um chego é terça-feira à tarde das quatro às sete.

E: Aqui nessa sala?

E6: Nessa sala – né, então a gente vai ta aqui, na verdade o último dia – né o último dia do encontro desse ano – a gente já ta há dois anos com esse trabalho – chama-se roda da cura – né.

E: E vocês estão aqui com pacientes?

E6: Com pacientes, com pacientes.

E: Com pacientes não tão entre médiuns?

E6: Não, não, pacientes eu mais um irmão médium, o irmão (..), – né. É um ancião já – e, e a gente tem... E aí abre... Agora atualmente nós estamos com doze pacientes então são pacientes do CAPC todos com, com... Né, pessoas que tiveram já doentes – e que precisaram mudar padrões e, e... E a gente faz esse trabalho aqui – né. Buscando – é... Resgatar a idéia de que viver é muito fácil, muito simples, a gente é que complica.

E: Aham.

E6: Então nesse, esse grupo a gente vai ta encerrando aqui na terça-feira que vem às quatro horas – o último encontro – então ali a gente tem esse, esse, esse resultado, esse, esse, né – Noutros trabalhos, mas o que eu vejo mesmo que, que me importa, até porque daí eu coloco eu nesse trabalho né eu (...) esse trabalho pra ti eu coloco no conjunto do, do, do todo. Então eu vejo é um, é um produto – entende? – Né. É um produto – porque, que tem questões assim sabe, Pedro, tipo a gente tem uma intervenção mais na região aqui – na grande Florianópolis – né, e... – E até pessoas que vem de outra cidade, pessoas que vem de outros estados, mas a grande né... A grande... É... Intervenção é aqui mesmo na, na região – isso no plano físico – mas se tu for – observa no plano espiritual nós estamos envolvidos – numa geografia muito mais ampla – entende? Então tu já vai, talvez tu já ouviu fala dos irmãos Charrua aqui dentro, (...) dos irmãos andinos de uma missão que chegou lá dos Andes, que já teve uma missão no México, das missões no centro-oeste brasileiro, que um dos nossos mentores ele é um tibetano, – que umas das figuras importantes aqui é um africano – né. Tem o Sabas, tem o Yuri, o Gabriel. O Gabriel é...

E: O Gabriel é?

E6: É um jesuíta.

E: Um jesuíta.

E6: O Sabas um médico – e o irmão (..) né – que é... africano. – Então daí tu percebe né... – O contexto é muito mais amplo – entende? Então – nesse sentido que então que a gente não pode ficar querendo vê o resultado – né... O resultado nosso, é o resultado... É... E aí a instituição aqui provavelmente é uma, é uma inferência minha ligada a outras instituições, quer dizer, nós estamos na verdade há um deslocamento de transformação num, num plano mais global – a nível energético, a nível espiritual né – e não só no plano – físico, mas também no plano – né... – Pelo menos a grande transformação tem que ser no plano espiritual nesse plano espiritual mais – próximo do planeta.

E: Creio que sim.

E6: né mais (...) do planeta, – né. – Então ainda que a gente conseguir né humanidade, que ali também é humanidade – a gente conseguir resolver esse, a gente provavelmente vai ter uma vida aqui – diferenciada – né, (...) dentro da nossa lógica – né – re-encarnatória. Então – é... Eu vejo é como uma coisa mais – geral né, um resultado mais geral.

E: Sim.

E6: Não um resultado... Só que esse mais geral ele, ele também – da mesma forma que o desenvolvimento, o desenvolvimento nosso se dá num campo individual também – né do indivíduo – também a gente sabe que tem um resultado lá no indivíduo paciente – numa dor que é, que é minimizada, aliviada – né num sorriso que retorna – né numa esperança que retorna – então a gente sabe isso é... Esse, esse é o objetivo – né, mas não pra A ou B, C...

E: Ok! – Bem! Ham... Você tem o teu compromisso tal, não sei se você teria mais alguma coisa que gostaria de falar, mas eu já quero antecipadamente agradece por você ter disponibilizado – o teu depoimento com certeza vai ser muito importante pro meu trabalho – e espero também que seja bastante importante pra, pra entidade aqui pro Núcleo pro CAPC – que também tem utilidade. Muito obrigado por você ter... Você gostaria de fala mais alguma coisa? Eu te agradeço.

E6: Olha... Eu que agradeço também – Pedro, é... Ta podendo te ajuda com... Mas também pra mim também é importante no sentido que quando a gente expressa o que a gente procura, porque muitas vezes a gente – não, não, não tem a oportunidade de ta costurando essas coisas... No nosso pensamento, no nosso... No nosso falar – então pra mim também é uma oportunidade de ta é... Com, com essa, com essa, com essa – colocação que eu fiz ta um pouco também – né melhorando aí a minha, a minha concepção – né daquilo que eu faço aqui daquilo que eu tenho pensado daquilo que eu to pretendendo no futuro – então é... a mesma oportunidade também.

E: Ok! Beleza!

E6: To a disposição aí.

E: Obrigado.

Tempo total de gravação = 44min38sg

Entrevista 7

E7: Dados demográficos: idade 45 anos, sexo masculino, casado, grau de escolaridade primário, renda mensal familiar de 1 a 5 salários, motorista, mora a 2 km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo.

E: Hoje você exerce alguma atividade profissional com remuneração – ou você está aposentado?

E7: Eu trabalho, na realidade agora eu estou – na perícia, eu te falei aquele dia, mas eu também não to trabalhando.

E: Ta! Você ta – em licença.

E7: É! Isso! Eu to em licença, mas esse ano agora eu já tenho como retorna ao trabalho.

E: Aham...

E7: Quer dizer, eu fiquei um ano já de licença – mas esse ano que vem agora – se ta tudo certo eu já retorno ao trabalho.

E: Já, já retorna. Isso é algum problema de – saúde que te deu?

E7: É, eu tenho problema de (...) Eu tenho de (...). – Aí como eu trabalho de motorista é muito ruim – muita dor nos ombros.

E: Aham.

E7: Então esse que é o meu problema.

E: É... De repente tu terias que ter é... Algum cuidado com fisioterapia, com exercícios, – né.

E7: Estou fazendo né – a gente faz, mas é tudo pelo SUS – aí é que tudo é mais demorado.

E: Aham. Você ta com quantos anos de, de trabalho na empresa?

E7: – Ah! Já teve ter uns 24 anos, acho.

E: Puxa! Bastante tempo. + E aqui como voluntário? Você ta há quanto tempo aqui?

E7: Aqui como voluntário eu to desde 97.

E: Onze anos?

E7: Onze anos.

E: – E... Antes de ser voluntário aqui você foi, trabalhou como voluntário em outro lugar?

E7: Não. – Aqui foi a primeira vez.

E: A primeira vez.

E7: Eu comecei aqui. Isso é uma coisa que a gente sempre – é... – Eu via muitas matérias na televisão, aquelas reportagens, aquelas coisas, aquilo tudo chama muita atenção da gente, né.

E: Aham.

E7: – E... Eu trabalhava como eu trabalho de motorista de ônibus então eu sempre fazia essa linha que passava aqui em frente – passa aqui em frente – isso sempre me cativou sempre me chamava atenção isso aqui – e aí o jeito era começar a trabalhar aqui.

E: Ham... O que te trouxe pra cá? Você veio primeiro como voluntário, não veio como paciente aqui?

E7: Não, eu fiz tratamento antes – aqui antes de vim trabalha né – mas não comecei a trabalha por isso – depois eu fiquei acho – um ano acho que eu fiz um tratamento – aí depois é que a minha esposa começou a – a (...) doutrina, a dar palestra – e aí me convidou pra gente vim então a gente vinha no meio da semana.

E: Sim.

E7: – Vê as palestras – então a gente começou a gosta né – que na realidade – aí muda aqui é o espiritismo né – então tudo muda a gente na realidade era católico mas não, como eu vou dize pra ti, católico não...

E: Não praticante...

E7: Não praticante – né, a gente ia na missa de vez em quando né na realidade os nossos filhos são tudo batizado tudo certinho, – mas a gente não era praticante então a gente começo aqui e eu gostei – a gente começo a lê as – as leitura do

espiritismo do evangelho mais vezes assim, é o... – (...) a codificação de Alan Kardec.

E: Sei, sei.

E7: Então aquilo me interessou muito – e aí foi onde que a gente... E aí que eu comecei a trabalhar nós dois começamos a trabalhar.

E: Ah! A tua esposa também trabalha como voluntária aqui?

E7: Minha esposa... Minha esposa começou a trabalhar primeiro do que eu ainda.

E: Ah é!

E7: É!

E: Você trabalha quais os dias da semana?

E7: Eu trabalho segunda, quinta e sábado.

E: Segunda... o dia todo ou...

E7: Não. Segunda eu trabalho mais no período da noite.

E: Da noite.

E7: Porque eu trabalho durante... Tenho o meu trabalho né – eu trabalho de... – É sempre na parte da manhã até às – 15 horas 14 horas depende da escala – entendeu eu trabalho a noite eu trabalho na segunda, – na quinta e o sábado a tarde aí depende da escala que daí sábado as escalas são mais curtas então tem como eu chega aqui uma hora duas horas.

E: Ham... Ah ta! Tu fala das escalas porque no sábado... Tu ta sem trabalha (...)... agora a pouco tempo, mas você...

E7: Isso. Eu sempre trabalhei.

E: Mesmo quando tava trabalhando você já... Já tava como voluntário?

E7: Sim.

E: Aham... – Então segunda – à tarde você falou? À noite?

E7: À noite que eu venho.

E: Na quinta é?

E7: À noite.

E: À noite. E na...

E7: Sábado à tarde

E: Sábado à tarde. – Aí tu consegue concilia com a...

E7: Isso.

E: Tua escala lá de... Do teu trabalho

E7: A gente consegue no trabalho a gente tem que seguiu a nossa escala (...) solta um pouco mais cedo né – pra pode fecha aqui – nem sempre dá – né é bem, bem complicado – mas a gente faz o possível pra pode ta aqui.

E: Pra pode, pra pode estar aqui. Ta certo! Ham... Você falou assim – te chamou atenção você passava aqui na frente e tal e de repente começou a trabalhar, mas se tivesse – pensar o motivo principal que te fez – começar aqui como, como voluntário – tu já pensou nisso o que que poderia ter sido... O que que me levou a começar como voluntário?

E7: É porque (...) da gente eu, eu fui uma pessoa que sempre tive vontade de ajudar – então a gente – como tu nunca teve um encaminhamento – então a gente só pensava que só podia ajudar financeiramente (**interrupção**). – Então foi dessa forma a gente sempre teve – vontade de ajudar – e... mas materialmente assim a gente nunca teve condições financeiramente né – então como eu comecei a freqüenta aqui eu vi que a gente poderia ajudar de outra forma – não financeiramente mas a gente doando a gente mesmo né você ajudando – auxiliando a pessoa que necessita de ti nesta casa (...) e você pode dar a sua contribuição – então isso pra mim foi muito importante isso me preen... me preencheu um vazio

que eu tinha dentro de mim – que eu nunca conseguia preencher – e hoje eu não sinto mais esse vazio – porque eu consegui preencher e sabia que nunca mais – é a ajuda que eu dou ao próximo isso é o que tava me faltando.

E: A... A... Alguém – da tua família teus pais irmãos já tinha assim é... – Trabalhado como voluntário assim que é do teu conhecimento ou não?

E7: Não – não.

E: Então é uma coisa tua mesmo é uma...

E7: É uma coisa minha mesmo – a gente... Eu sempre tive em mente aquela coisa assim de querer ajudar – isso eu sempre tive dentro de mim.

E: Pô! Isso é um negócio muito, muito legal. – O trabalho voluntário é ele te dá mais prazer ou você acha que isso de repente é um dever que você tem com... – Com as pessoas – é mais uma obrigação?

E7: Olha! Eu não vejo como obrigação – eu vejo assim como uma forma – é um prazer meu de poder – dar alguém que ta necessitando né – que... – Coisa assim que a gente aprende muito – através da leitura através do evangelho – depois que eu comecei a trabalhar aqui – e isso vai abrindo mais a mente da gente também – então + é algo que você sente necessidade mesmo através da religião te ensina que é dessa forma – que você deve fazer as coisas pra você seguir no caminho mais correto + e... Você ajudando você sempre ta mais ao lado da espiritualidade amiga.

E: Sei.

E7: E você faz aquilo que necessita que é isso que o Cristo nos passou – então essa é a forma assim que eu me vejo (...) – não como uma obrigação – porque eu acho que você faz uma coisa obrigado...

E: De repente não tem aquele empenho.

E7: Não tem é você vai fazer uma coisa que não é do teu agrado é uma coisa que você vai ta fazendo por obrigação então – um dia você vem no outro você não vem – e quando você faz por amor – se você tem aquele compromisso você vem.

E: E o que acontece o dia que você – por qualquer motivo você não pode vir aqui – de repente surgiu um problema e você não consegue vir aqui como é que você fica assim o teu, o teu coração?

E7: É... É assim né... + Quando é uma coisa que acontece, vamos supor, – um problema, vamos supor, que surja – que você é obrigado a – a resolver aquele problema tudo bem, vamos dizer, (...) porque é um problema que eu tive que resolver né – então eu sei que mesmo sendo dia que eu – me coloquei a disposição pra estar lá – mas eu não consegui não foi porque eu não quis.

E: Sim.

E7: Né... Foi porque surgiu um problema – e esse problema eu tinha que resolver – mesmo sendo naquele dia – acontece que quando uma coisa é muito urgente – a gente adia – né porque quando, quando é um compromisso se alguém – vier fala alguma coisa pra mim ah amanhã tem tal negócio pra você – dá pra você vim aqui – não amanhã eu tenho compromisso – eu não posso – hoje ou então pro outro dia – a não ser que seja – que aconteça na hora que se acontece na hora tem que ser resolvido tudo bem a gente resolve – mas senão a gente sempre procura – deixar o dia pra isso – pra deixa naquele dia a gente tem o compromisso.

E: E lá na empresa você consegue negociar com o pessoal a escala do teu trabalho – conciliar com os dias que você trabalha aqui, sem problema?

E7: Sim, porque daí eu trabalho sempre no período da manhã – então assim fica certo – então como eu trabalho a noite – então não tem problema.

E: Não tem problema.

E7: Não tem problema.

E: Mas você trabalha que hora de manhã lá?

E7: Ah! Eu começo... Eu levanto sempre de manhã em torno de quatro horas da manhã quatro e meia.

E: Puxa!

E7: Sempre quase... Nessa escala assim eu tenho que levantar quatro horas da manhã pra pegar o ônibus de cinco horas – então eu levanto em torno de quatro e quinze, aí eu faço o meu café, eu que arrumo tudo (...) eu não acordo a minha esposa, eu que faço tudo né, aí venho pro ponto pega o carro de cinco horas – pra mim pode às vezes tem escala que eu vou sai, depende a escala – tem época às vezes que fica mais que começa cinco e trinta – às vezes mais tarde seis horas – aí tudo varia – mas mesmo assim fica um tempão você fica – três, quatro, cinco anos numa escala que começa cinco e trinta da manhã – e você tem que levanta todo dia às quatro hora da manhã (risos).

E: (...) (risos) é cedo... É... – Quando você ta aqui – conversando atendendo o voluntário – ah... – Você se coloca no lugar do paciente – aliás vô refaz a pergunta – você ta atendendo um voluntário não, você ta atendendo algum paciente ta – você se coloca no lugar dele dentro dos problemas dele ou você procura – desempenha o teu serviço mas sem entra na, na questão individual de cada paciente? Como é que você – trata isso?

E7: Procuo faze o meu trabalho não entrar – no + na situação dele.

E: Sim, sim.

E7: Porque isso fica muito ruim se você ta na mesma situação na mesma sintonia dele – a gente tem que – você tem que passar segurança ao paciente – e se eu me envolver com ele eu não vou passar segurança a ele.

E: Ta certo!

E7: Né. Então a gente tem que passa segurança – então a... Dá todo o atendimento – que a casa – sempre passou para nós que os dirigentes passam né – as medidas de trabalho que tem que se feita como você atender o paciente como se direcionar ao paciente o que você falar para o paciente – mesmo ele vindo se queixar pra você – você sempre sendo otimista – passar a ele fala de otimismo – sempre falando em Deus em Jesus né na espiritualidade amiga – para que ele possa também cria ânimo daquela – situação... Dali em diante – da situação dele você – procura ajuda ele a reverte um problema dele.

E: Certo.

E7: Isso. Porque a nossa cada trabalha muito nisso, nesse sentido – você mostrar a pessoa que você tem condições + e você pode resolver o teu problema – mesmo às vezes você tando com dor mas você – vai poder trabalha – você vai conseguir a continuar a sua vida – não é porque você tem uma dor – que você vai se deixar levar se abate (...) morre por aquilo não você tem que lutar pela vida a vida é maravilhosa.

E: Mesmo com... Alguma dor.

E7: Mesmo com dor – é o que eu to dizendo – eu to aqui falando com você eu to com uma dor – na minha nuca aqui nos meus ombros – e eu não vou deixar de – de lutar por causa disso eu não vou deixar de ajudar alguém por causa disso eu não vou deixar de – de fazer meus tratamentos – por causa disso – não tem que continuar – eu tenho uma família, a vida é maravilhosa – então a gente tem que pensa nisso tudo né

E: Ta certo! – É... Eu gostaria que você me falasse um pouco do tipo de trabalho que você desenvolve aqui dentro como é que é a tua atividade aquele dia que eu conversei com você, você estava ali mais recepcionando né?

E7: Isso.

E: Mas assim nos dias que você vem que tipo de – de trabalho você faz aqui?

E7: – Eu quando eu comecei aqui eu trabalhava mais – como voluntário, quer dizer a gente trabalha como voluntário, mas mais assim nos trabalhos de espirituais né realmente assim hoje eu também trabalho mas é... Hoje ta mais diferenciado – por motivo da minha doença – que eu não posso ta movendo os braços muito né – então hoje eu fico mais na parte da coordenação + então ajudo a coordena os trabalhos eu ajudo a passa para os médiuns que iniciam – aí explico a eles passo tudo a, os – de que forma que é feito os trabalhos – ensino a eles – como deve ser feito as aplicações – tudo que os tratamentos que tem daí eu vou junto com a dirigente – às vezes ela passa só pra mim (...) irmão vai lá – e... E ensina aqueles irmãos – a faze essas aplicação – então hoje mais é mais é isso – porque hoje eu não tenho condições de faze as aplicações – (...) que eu estou passando – né então eu não posso estar me exercitando – eu só faço isso com o meu tratamento através das fisioterapia – aqui não – então eu tenho que procura – sempre é... Distinguir os dois lados – eu não posso me prejudicar mesmo você fazendo a caridade mas você também ta se prejudicando – então daí, daí a gente passa pra esse outro lado isso não quer dizer que eu não estou ajudando também estou ajudando...

E: Com certeza.

E7: Aqueles outros que também precisam que são novos – que chegam aqui e a gente vai ensinar como deve tratar (...) eu fico na recepção – então eu recebo os pacientes que vem (...) que eu só estou caminhando, conversando, passando as informa... As informações.

E: + É... Isso em todos os dias tanto na segunda como na quinta ou no sábado. É... Se repete o... esse trabalho?

E7: É! Isso. Se repete esse trabalho – porque tem, tem atividades – nossas aqui na casa que você, você fica só mais falando – né você... – Fica conduzindo o paciente através da palavra – enquanto ele ta deitado – e outros médiuns tão trabalhando você fica – jogando as palavras do evangelho – tudo isso pedindo para que eles possam ficar mais calmos, tranquilos enquanto isso – então tem várias atividades, várias maneiras de você poder ajudar – trabalhar né aqui.

E: Mesmo, mesmo com o teu problema mas você consegue... É...

E7: Consigo.

E: Trabalha. Que bom! + Ham... + Você se sente útil – no trabalho que você desempenha aqui dentro?

E7: – Sim, eu me sinto – eu me sinto porque é uma presença muito gratificante que às vezes a gente vê – os pacientes da forma que eles entram – quando começam o tratamento e quando eles tão terminando o tratamento + aí eles – às vezes muitas vezes eles têm nós assim como um Deus – né, na realidade a gente não é nada disso a gente é só apenas um intermediário da espiritualidade – a gente sabe disso – né então quando eles... Quando a gente vê que chega num ponto desses a gente até explica não – (...) o irmão (...) que busco o teu – encaminhamento mas eu me sinto muito útil – porque é uma coisa assim que – você vê que isso tem resultado – então por isso a gente se sente útil.

E: (...) nesse sentido né irmão. + É... Se eu fosse te per... Você falou o que que te trouxe pra cá como voluntário e se eu te perguntar o que que te mantém hoje aqui como voluntário, você vem três vezes por semana – assim qual é o motivo assim principal se são vários motivos que – te tiram de casa pra você vir aqui pra você fazer o teu trabalho?

E7: É um compromisso né – um compromisso que eu optei por isso + e... Para os meus filhos já ta ciente que eu tenho filhos de... De 26 anos de 22 anos tem mais

uma filha que vai fazer 9 anos + então a minha esposa ela também já sabe como ela trabalha aqui né foi um compromisso que a gente – teve com a espiritualidade – e compromisso conosco mesmo – então a gente sempre se propôs a trabalhar então a casa também ela sempre (...) assim – se você ver um dia mesmo que se você vem uma semana – tira um dia desses mas venha toda qui... Se é toda quinta-feira você venha toda quinta-feira – você não precisa vim – seis vezes por semana – mas que se você então venha uma vez por semana mas que você tenha aquele compromisso de vir – todo dia que você abriu o compromisso – então isso também pra nós é uma responsabilidade.

E: Com certeza.

E7: Entendesse. Então – isso é porque a gente começou – aí eu optei – por três dias na semana a gente começou aí foi ficou – pra gente deu – isso fechou (...) o nosso trabalho eu e minha esposa a gente sempre procurou vir junto – então mesmo com – o trabalho da casa tudo deu certo para nós – nem todos são nem todos podem né.

E: Ah! Pois é! A... A tua esposa ela trabalha também fora..

E7: É do lar.

E: Ah! Ela é do lar. Ela vem contigo nos dias que você vem aqui.

E7: Isso.

E: E faz aquelas atividades também as mesmas que você faz?

E7: A minha esposa fica mais na coordenação elas faz as atividades de aplicação né. É... As atividades que eu já não faço ela faz.

E: Ela pode fazer.

E7: Isso. (...) dessa forma.

E: – Ah! Como é que é o ambiente o clima assim o relacionamento entre vocês voluntários aqui dentro?

E7: É muito bom – nosso relacionamento assim porque a gente sempre procura – eu como trabalho mais na coordenação dos trabalhos agora – então eu sempre procuro passar para os próprios – o nosso grupo de trabalho né + (...) a partir do momento – que você já tem um compromisso que você tem aquele dia e que você já começou a trabalhar na casa como voluntário – a gente se modifica – né o nosso comportamento ele já vai se modificando – porque você vai aprendendo você vai buscando uma transformação em você – então você já vai... Tudo que você era antes você vai modificando – então... O volun... – O médium que é o voluntário que (...) ele pra ser um bom voluntário um bom médium aquele que busca a sua transformação – e claro mesmo que ele não busque a espiritualidade ele vai ajudar – né mas o importante é você se modificar – você se modificando em todos os lugares que você ta tudo vai se modificando ao seu redor – é como... Um exemplo né – você, você vai dar o seu exemplo – se você se modifica você não precisa você vai lá você faz isso você faz aquilo – a... Você se modificou, tudo que ta ao seu redor vai se modificando, as pessoas vão vendo que você modificou – então tudo isso é o nosso trabalho aqui – a gente é (...) a gente chega aqui a harmonia é diferente – né então você chega você respeita o ambiente – e você respeita aqueles que estão ao seu lado – porque você sabe que a espiritualidade aqui que ta... Trabalhando nós temos que dá o exemplo para o paciente – isso é de fundamental importância – porque o paciente nem... Às vezes ele nem incomoda tanto nós – o que incomoda mais assim – são nós mesmos que às vezes temos que ta – procura fica mais em silêncio a gente tem que ta pedindo – mas isso é... Coisas mínimas – né isso é coisinhas que a gente vai tirando assim devagarzinho então tudo isso depende de quem está coordenando os trabalhos – então é por isso que você vai envolvendo tudo o grupo você vai conversando – a gente vai explicando – e aí – e nós – todos –

favorecemos para isso – e é muito importante porque a partir do momento que nós todos estamos bem – o trabalho fica bem melhor – porque não adianta nós chegarmos aqui e um não ajudar o outro nós temos que sempre ter em mente que nós somos um grupo de trabalho um sozinho não vai fazer nada – nós temos que sempre pensa que lá na recepção vai ter que ter um – lá na gandola tem que ter um para que o outro possa fazer aplicação porque se não tiver ninguém, ninguém vai fazer aplicação.

E: É! Exatamente.

E7: Então é um todo – não é um – não é uma sala – são várias salas + e por isso é muito importante o nosso comportamento entre nós.

E: Ham... Eu vejo que vocês no início do, dos trabalhos – e ao final vocês se reúnem fazem – assim como uma espécie de uma abertura e depois um encerramento – qual é a importância que você vê nesses momentos assim – abertura e no encerramento assim – qual é a importância que você atribui a isso?

E7: Olha! É muito importante para nós – encarnado – quanto para – os espíritos desencarnados – é de (...) fundamental importância porque – tudo devia ter uma abertura espiritual também junto conosco + então nós fazemos essa abertura a espiritualidade ela também – ela... – Ela exige que nós também fazemos essa abertura – junto com a espiritualidade.

E: Sim.

E7: Entendesse. Então isso é de muita importância porque – porque nas salas – às vezes nós fazemos uma abertura só com os médiuns, mas na sala não tem paciente, mas às vezes é feito com o paciente – então isso é importante para o paciente também – e para nós – porque é... Na hora da abertura se lê o evangelho – isso é muito importante a abertura dos trabalhos – porque a gente vai estar lá – dos trabalhos do início dos trabalhos a abertura – então a gente faz uma oração – aí onde a gente começa pra toda a harmonia no ambiente – então se tinha agora uma exceção – ali + ela é eliminada + e a partir daquele momento às vezes a gente conversa é claro – a gente é obrigado a conversar tem hora né mas é tudo mais baixinho – a gente pronuncia as palavras baixo é – é pouco às vezes é através de sinal – e é tudo assim – e o fechamento também ele é importante porque nós vamos agradecer – a espiritualidade – por ter dado todo o apoio – ao trabalho – porque um só nós – numa casa dessa aqui que é atendida – que hoje eu não (...) de – não tenho certeza mas são atendidas mais de, de 1000 pacientes por semana e... E... Todos assim (...) pacientes ta – tem que ter uma estrutura espiritual – porque só nós voluntários nós não temos condições – então por isso é muito importante a abertura e o encerramento.

E: Sim. + E o relacionamento – de vocês voluntários com os dirigentes – existe assim reconhecimento da parte deles, eles elogiam como é que é esse relacionamento com vocês assim com os dirigentes?

E7: Nós aqui não trabalhamos muito com elogio – né o elogio ele é... Pra quem sabe administrar o elogio – não tem problema – pra quem não... O elogio ele é como a gente diz assim é uma faca de dois gumes né – a partir do momento que você elogiar – eu tenho assim comigo a partir do momento que você me elogio sobre um trabalho – eu vou ter sempre que fazer aquele trabalho daquela maneira ou melhor + né não vou poder fazer pior porque você já me elogio cobre aquele trabalho – e também o elogio às vezes ele estraga a pessoa – como se você, se você me elogio – opa to fazendo bem no fim você vai se relaxando – então eu sou uma pessoa assim quando eu to na condiciona eu não gosto de... eu não elogio – mas na

realidade assim – eu gosto – a gente sempre traz o grupo que não cabe aqui citar – mas não sobre elogios – sempre tendo o compromisso, sempre cobrando.

E: Sim.

E7: E sobre nossos dirigentes a gente sim a gente elogia né – porque tudo o que a gente sabe – é... São eles que nos passaram – é todo... – o que eu sei e estou aqui falando com você – fazendo essa entrevista contigo é por causa deles – porque se não eu não estaria aqui não tinha condições – (...) que passam pra nós eles que dão força pra nós – sobre os trabalhos – as explicações são as melhor possível nosso relacionamento com eles é uma... É de muito maravilhoso – todos é... Todos gostam dele – deles – mesmo às vezes eles tendo aquela postura enérgica – mas eles são obrigados a ser dessa forma – porque se não como é que vão ficar 600 voluntários a casa ta em torno de 600 voluntários – se... Se eles deixar a rédea frouxa vai vira uma bagunça.

E: Cada um vai fazer o que acha melhor.

E7: (...) Né o que acha melhor... Então por isso tem que ser enérgico tem hora – então (...) é comum é a parte... Desde que eu entrei aqui – nossas energia também modificaram – eles eram bem mais enérgicos (...) né – então não tem ninguém vai... Desde aquela época não... Nunca a gente ouviu fala mal dos dirigentes – que por mais que são enérgicos, mas você sempre por ali sempre do lado deles sempre aquele compromisso – você sente segurança do lado deles – então...

E: É uma, é uma... Um enérgico mas, – mas no sentido de necessário não...

E7: Exatamente! Precisa daquilo.

E: É... – Vocês voluntários – vocês tem grupos que se encontram fora daqui do Núcleo ou – ou não só se encontra aqui na – na hora do – do trabalho assim a título de relacionamento entre vocês – tem alguns se encontram fora – grupo de jantar de... De visita ou – ou isso não existe?

E7: Não, acho que – existe vou dizer acho, existe, existe porque eu também me encontro né não assim – diariamente não... De mês a mês – e também não com todos são poucos aí depende muito – dos grupos né do relacionamento assim que a gente leva – porque quando a gente começa aqui nem conhece ninguém aí vai se transf... Se transformando uma amizade – que se leva pra fora também não é só aqui mas leva pra fora – então um vai na casa do outro toma um café às vezes vai pro... Pro restaurante ou pra uma pizzaria – né aí pra se conversar pra se espairecer – é só relacionamento nosso não é sobre o trabalho.

E: Aham.

E7: Isso também é muito gostoso – porque vai ter uma amizade vai ter uma afinidade – e que essa, essa só a gente tem que ter muito cuidado – é que o nosso relacionamento ele não pode ser trazido para cá – né porque aqui é um ciclo de trabalho – lá a gente vai brinca a gente vai fala e aqui nós temos o nosso compromisso – e é uma coisa que a gente... Chego aqui – é... É amigo é amigo – serviço aqui a parte – irmão, irmão, esposa, esposa, – mas chego aqui é tudo tratado como irmão – não tem aquilo ah porque é minha esposa que eu não vou fala isso não – é tudo é... Tem que ser... – A coisa certa mesmo.

E: É! É o... É o... Acho que isso é o... Que é o correto. – Todo mundo tem o seu compromisso, tem a responsabilidade – ham... – irmão! Como é... – Como é que você na tua – imaginação, como é que é a reputação do Núcleo – além do Núcleo tem o (...) – são lá são tratados alguns pacientes e aqui outros, – mas qual é o... A reputação que o Núcleo e o CAPC tem perante a comunidade como é que ele é visto pela comunidade assim dentro da tua percepção?

E7: Bom! Eu acho que são bem vistos em bons olhos assim – a gente não encontra muito comentário né – então ouvi falar ah o Núcleo ah diz que lá é muito bom diz que lá tem umas palestra boa – diz que lá eles fazem tratamento – né, mas o que que tem aqui tem uns que dizem lá é coisa de macumba – (...) sempre tem (risos) isso (...).

E: Às vezes por não ter o conhecimento do que é feito aqui.

E7: Mas – a gente ouve fala muito bem aqui.

E: Ham... Você me falou que... ham... Você e sua esposa são voluntários aqui – como é que teus filhos você tem três filhos é isso? – Como é que teus filhos vêem vocês – fazendo trabalho voluntário aqui?

E7: É! Eu não falei antes, mas eu também tenho um filho que trabalha aqui como voluntário né.

E: Ah! Um deles também é voluntário?

E7: O mais velho trabalha... Ele trabalha aos sábados trabalhava nas quintas – aí ele (...) trabalho ele agora ta trabalhando aos sábados – mas eles – normalmente – porque eles também – procuram ler tudo o que a gente lê né – os textos aqui da codificação – essas coisas do evangelho – a gente também – hoje atualmente eu não to fazendo o evangelho lá, mas a gente fez muito o evangelho do lar – em todas as (...) tem sido muito importante – então a gente mantém assim – aquela coisa assim de um fica pegando no pé do outro não – todos aceitam – a minha fi... menina de nove anos na quinta-feira a noite – ela também vem aqui – na realidade ela trabalha como voluntária porque ela veio aqui colar envelope.

E: Ah é!

E7: E (...) os algodãozinho que são dados para os pacientes – mas até ela trabalha, só tem um que (...) aqui porque ela ta trabalhando.

E: Com nove anos de idade já ta começando – já ta criando dentro da família assim um hábito do... Faze o trabalho voluntário. + Teria mais alguma coisa que você gostaria de falar como é que é o teu envolvimento aqui no trabalho voluntário – né fica bem à vontade se tiver mais alguma – alguma coisa a dizer.

E7: Acho que nós já falamos quase tudo né, não tem muito mais o que a gente falar – mas só dizer assim que é muito bom muito gostoso com esse envolvimento todo que a gente tem – envolvimento de você poder – ajudar – contribuir – pela humanidade – né – hoje a gente vê tantos noticiários – de – do que nós acabamos de falar no vale do Itajaí que tantos voluntários que é sempre uma coisa – da hora né não tem aquele compromisso – que com o nosso compromisso ele deve ser sempre muito importante – né não só como – um para o outro – mas é um compromisso que nós temos com a espiritualidade – é... É um compromisso que – que eu não sei pra você, se você tem um entendimento do espiritismo – mas – do que eu aprendi a gente já tem um compromisso de que quando a gente ta – na (...) né – então – isso é uma coisa fundamental pra nós, para o ser humano – pra que ele possa ajudar – que pra mim foi uma grande transformação – trouxe modificações enormes isso traz um relacionamento – pra família – ele traz um... Ele tem um alicerce uma base isso dá pra nós – o espiritismo pelo menos ele me trouxe isso – que você tem segurança você tem determinação – você procura sempre ter a calma nas horas mais desesperadoras – né – nem sempre a gente consegue mas – tem hora que a gente dá uma pisada na bola e observa opa to pisando na bola não e dessa forma que a gente tem que agi – isso é muito importante – eu vejo assim se todos – todas as religiões todos os que têm a sua religião – se ele conseguisse lê o evangelho – e aplicar em cima dele – nossa o mundo seria melhor – a humanidade seria melhor – né eu acho que – acho não teria certeza que não haveria tanta guerra

– não haveria tanta destruição – mas o problema é que às vezes a gente tem – a gente nota – que as pessoas só vejam – o defeito do outro – e não olha para si – e isso é um – grande problema nosso – então a partir do momento que nós olhamos o nosso defeito – tudo se melhora – mas nós não temos essas condições ainda nós não temos essa capacidade – por isso – fica difícil – mas tudo tem o seu tempo tudo tem a sua hora – e como eu acredito no espiritismo é por isso que eu – eu acredito em outras vidas – porque se eu não acreditasse eu também não estaria aqui – porque se eu não acreditasse pra que eu ia fazer o bem pra todo mundo – eu poderia tá roubando eu poderia tá matando, por exemplo, eu morrendo vai acabar tudo – então eu vou aproveitar essa que eu tenho aqui.

E: Sim.

E7: Mas não eu acredito em outras – né tanto que a gente vive – através dos sonhos – eu tive esses relatos comigo – então tudo isso são coisas que a espiritualidade – ela nos ajuda muito – nos ensina muito – e tudo depende de nós – a espiritualidade ajuda – mas temos o nosso livre arbítrio – você faz o que você quiser – você segue o caminho do bem – se você – quiser, se você não quiser – mas só que depois você também pagará o preço né – essa mensagem que eu tinha – né deixa pra vocês espero que eu tenha ajudado, contribuído – e que Deus – nos ajude e abençoe a todos nós.

E: Obrigado, irmão. Tenha certeza que – ham... A tua fala o, o... Vai ser muito útil pro, pro meu trabalho – e desejo que você continue com... Recupere a tua saúde o mais rápido possível – né e que você consiga retornar ao teu trabalho e continue como voluntário por mais muito tempo que o trabalho que vocês fazem aqui é maravilhoso eu – sou testemunha disso tá eu tenho acompanhado aqui e te agradeço muito. Obrigado, irmão.

Tempo total de gravação = 37min21seg

Entrevista 8

E8: Dados demográficos: Idade 52 anos, sexo feminino, casada, grau de escolaridade 2º grau completo, renda familiar mensal mais de 10 salários, aposentada, reside a 12 km do Núcleo. Entrevista realizada em sua residência, no Bairro Jardim Atlântico, Florianópolis.

E: Tá! – Hoje você exerce alguma atividade profissional – com remuneração?

E8: Não.

E: Você me falou que é aposentada.

E8: Aposentada.

E: Você trabalha a... Você poderia dizer a empresa que você trabalhou?

E8: Na Telesc.

E: Sim. E tá aposentada a quanto tempo, irmã?

E8: Noventa e... Nove anos eu me aposentei em julho de 99.

E: 99.

E8: É.

E: Tá ok! Ham... E você trabalha como voluntária no Núcleo – a quanto tempo?

E8: Eu trabalho lá a... Onze anos eu comecei em 97, é.

E: 97 dá onze anos.

E8: É! Onze anos.

E: E antes de você ser voluntária no Núcleo você trabalhou como voluntária em algum outro local?

E8: Não.

E: Foi a primeira vez lá.

E8: É a primeira vez, é.

E: Ta. E... Assim qual foi o – motivo que te levou a ser voluntária começar a trabalhar lá?

E8: É... Eu tive a minha doença eu tive um câncer de mama – e eu... Durante o tratamento... Após a cirurgia eu fiz, fiz tratamento quimioterapia e radioterapia – e... Uma amiga minha me... levou – pra conhece o Núcleo pra fazer um tratamento – que é lá no CAPC há... Doze anos atrás era tudo aqui em Forquilha – toda essa parte de... Se é tratamentos físicos né que hoje nós temos lá o CAPC que cuida só de doença degenerativa nós a... Agora é lá no CAPC, mas quando há doze anos atrás era aqui no...

E: Era tudo no mesmo local ali.

E8: Em Forquilha, tudo em Forquilha, é.

E: Sim.

E8: É. Aí eu fui através de uma amiga – fiz um tratamento lá – fiquei né várias, vários tempo fazendo tratamento – e me identifiquei né – não sei como, como dizem né que eu to procurei – pela doença né – e... Com o tempo a... Achei assim que... Que eu poderia ajudar as pessoas que eu fui ajudada né eu... Eu – fiquei curada da minha doença – e procurei ajudar – tinha tempo né enquanto eu trabalhava dois anos eu ainda fiquei trabalhando aí eu trabalhava a noite – eu trabalhava como... Voluntariado mesmo mas não, não, não – muito com a parte assim de mediúnica né mais assim com... – Fora – trabalhando assim só...

E: Ah! Se você – começou o trabalho... Você ainda lá no Núcleo você ainda – trabalhava na empresa?

E8: Trabalhava.

E: Ah sim! Porque você é aposentada há nove anos.

E8: É! Sim. Antes de se aposentar é.

E: Ah! Por isso que você trabalhava a noite?

E8: Isso. Aí eu trabalhava só as quinta-feira a noite porque não tinha né trabalhava o dia todo – fora, e ia na quinta-feira era só quinta-feira a noite.

E: Sim. – Ta. E hoje você trabalha quais os dias da, da semana.

E8: Hoje eu trabalho segunda-feira (risos) Eu trabalho segunda de manhã eu vou pra lá às seis horas da manhã – saio às onze horas onze e meia na terça-feira eu vou entro também seis e meia – e saio de lá às seis horas da tarde – e na quinta também eu entro lá, vou lá – começo às oito horas da manhã – e saio de lá às seis horas no horário da tarde.

E: Segunda, terça e quinta-feira.

E8: Terça e quinta. É. Isso que antes eu só trabalhava quarta e o tempo pra mim – aí saí da quarta.

E: Ah! Mas que beleza! – Ham... Irmã, você poderia me fala alguma coisa sobre a tua crença religiosa?

E8: – Olha! Eu... Eu sempre né fui criada sempre como católico né, na igreja católica e eu... Eu acredito – no espiritismo ta.

E: Sim.

E8: Eu acredito eu acredito eu não sou muito estudiosa – ta do espiritismo eu acredito né de todo no evangelho, Alan Kardec, leio mas eu não, não estudo muito – o espiritismo ta – eu até assisto palestra tudo mas eu ainda – gosto da de ir a missa – entendes?

E: Da igreja católica?

E8: Eu gosto de ir assisti a missa eu vou até todo domingo a missa – todo gosto de ir.

E: Sim.

E8: Entende. Acredito todo, toda parte espiritual eu acredito da, daqui nós temos outra vida acredito tudo mas ainda gosto de ir – a... a missa – pelo menos a missa eu gosto de ir

E: Nos, nos domingos (...).

E8: É! Nos domingos sempre vou a, a minha missa.

E: Ta. Ham... – O que que significa assim o voluntariado pra você? Você que ta assim há já nove anos.

E8: Olha! Pra mim é... é... É muito importante entende eu acho assim se eu deixa de – talvez até a gente né vai ficando muito tempo a gente vai cansando então talvez a gente vai se afastando de alguns dias né – mas pra mim é muito importante ele fez muito bem assim pra mim é... – é... Como é que eu vou te dizer – é o... faz assim é uma faz parte da minha vida entende dela... – eu não sei... É assim a minha vida não, não tem acho mais sig... Muito significado se eu não for ou lá ou em outro lugar ajuda as pessoas entende – de algum jeito eu vou ter que ir nesse meu decorrer de, da... – Da minha seqüência de vida eu vou ter que ajuda ou no Núcleo ou em outro... – Faz parte da minha... Porque é uma atividade que eu... Assim como eu trabalhava fora, a vida toda desde né dos 17 anos, criei meus filhos trabalhando tudo então hoje eu não posso ter mais uma atividade rem... Remunerada que eu sou aposentada por invalidez – então o que que eu vou fazer eu vou fazer um trabalho que gosto e ajudando os outros sem remuneração – né que é um voluntariado – então isso faz parte da, da minha vida né da, da minha... Como se fosse uma profissão.

E: É uma necessidade que você...

E8: Uma necessidade minha é uma necessidade minha porque eu não sei fica assim dentro de casa – ta eu, eu mantenho a minha casa eu cuido da minha casa tudo mas eu não sei fica em casa – assim fica uma semana toda em casa sem, sem (...) sem faz nada – é.

E: Você... Lá você se sente útil?

E8: Eu me sinto útil, eu tenho minha aula, eu tenho uma aula de pintura – eu tenho segunda-feira à tarde eu vou pra minha aula de pintura eu tenho as minhas atividades assim também entende – mas eu me sinto muito útil – muito útil lá.

E: – O trabalho voluntário pra você ele te dá mais prazer ou você sente que isso é um dever uma obrigação?

E8: Ah não! É um prazer né – eu acho assim que fosse uma obrigação um dever eu não me acordava uma segunda-feira de manhã às cinco e meia pra ir pra lá né – às seis horas não, é um prazer eu tenho...

E: Ta. E o... Hoje assim – você vai segundas, terças – e quintas...

E8: E quintas.

E: Ta. – Ham... O que te faz assim – porque no início você foi por um motivo – você – agora o que te faz levanta tão cedo esses dias – pra ir lá trabalha – como voluntária qual é o motivo assim que te move – que te mexe pra pular da cama e... E ir lá fazer esse trabalho?

E8: Eu acho que é assim as pessoas né que a gente vai lá a gente – é, é tão importante, tem tantas pessoas assim que chegam lá necessitadas – é a gente chega fica assim emocionada né porque tem pessoas – tem todos os níveis né do, desde as pessoas mais humildes aquele até com condições muito boa – é...é... Eu – a gente fica realizada – é... Uma, uma coisa assim muito importante assim é, é...

Parece uma força assim né que a gente cria – pra... Pra sobreviver até – pra sobreviver.

E: Sei, sei.

E8: A gente não – lá de tanto – tantas coisas que passam tanta – pessoas necessidade a gente esquece dos problemas da gente – porque todos nós temos os nossos problemas queira ou não queira nós temos.

E: Sim.

E8: Né. Doença, financeiro, então todos nós temos – então a gente esquece é... – Tanta coisa que aparece que os da gente é pequenininha, não tem nada né.

E: Sim. Ham... – Você podia fala um pouco sobre o... – O teu serviço lá que tipo de serviço você faz na segunda, – na quarta e na... Aliás na segunda, na terça e na quinta.

E8: É! Na segunda-feira eu trabalho na parte ali de recepcionar o primeiro o paciente que chega né – tem... O paciente chega eu faço a primeira triagem – né eu vejo com o paciente qual é o tipo de doença – o... Né se é um tratamento físico se é um tratamento espiritual aí encaminho – pras pessoas – que vão fazer essa triagem da... – É o primeiro contato do paciente que chega...

E: É ali na frente.

E8: É ali comigo na segunda-feira – aí dali a gente... Isso agora né porque o Núcleo ta, ta mudando e eu acho que a partir de semana que vem de, do ano que vem já não vai ter mais essa parte de triagem ali de recepção – parece que o irmão (..) ta fazendo tudo pela internet esses negócio todo assim – então eu não sei como é que vai fica ano que vem aí...

E: Mas por enquanto ta assim.

E8: Mas na segunda-feira... É... Mesmo se não houve e a gente entra pra outra parte de triagem né. – Aí na, na segunda-feira então é essa parte aí – e na terça-feira – na terça-feira de manhã eu entro – a princípio também – assim direto na recepção que eu chego mais cedo – aí faço toda a montagemzinha dos crachás né – pra... Que daí já é pro tratamento dos pacientes que entram em tratamento – isso na terça-feira feira de manhã aí a menina da recepção já chega, eu entro pra triagem – que na terça-feira nós fizemos o Núcleo tem a triagem física – aí eu entro pra – fazer a triagem física dos pacientes de tratamento físico – na terça-feira de manhã e aí nós ficamos até umas dez horas, dez e meia – depois eu volto pra recepção pra fazer os crachá dos paciente da tarde – né que é paciente de tratamento espiritual e tratamento físico – aí deixo tudo preparadinho pra menina da recepção da tarde que chega já está tudo pronto. Aí eu volto pra fazer a triagem do físico do, do pessoal – dos paciente que fazem a tarde né dos paciente físico – aí faz a parte física e depois quando termina eu auxilio a irmã (..) né – no, nos, na...

E: Nos tratamentos.

E8: Nos tratamentos é.

E: Ta. Isso vai até o final da tarde.

E8: É.

E: E daí na quinta-feira?

E8: Na quinta-feira também – é assim na terça-feira eu já trago pra casa – o trabalho pra...

E: Ah! Tem dever de casa também? (risos)

E8: (risos) Porque é muito paciente principalmente na quinta-feira porque na quinta-feira – nos temos quase né três a quatro frentes assim de trabalho né é... Acho que é a... Acho não é o dia que... Lá do Núcleo que tem mais trabalho né.

E: É muito movimentado aquele dia mesmo.

E8: É! Nós temos as camas temos os tratamentos emergenciais que tem muita criança também – aí depois tem as hibernações e às quatro horas entra as transferências que são as cirurgias espirituais né – então eu já trago esse trabalho todo – a... Digitação já me dá o trabalho todo – pra mim faz que aí é uma pastinha com todos os nome dos paciente pra mim faz os crachazinho tudo eu venho pra casa na terça-feira e faço todos os crachazinho aqui em casa a dá uma média de... Agora no finalzinho não, foi pouco, mas no quando chega aquele tempo mesmo assim que... Julho, junho, julho, agosto, setembro que dá muito paciente que pega assim muito – nós temos só de... Sem a transferência da na base quase 150 crachás e... E tratamento emergencial e... A hibernação.

E: Isso você diz por dia ou por semana?

E8: Por dia cada quinta-feira.

E: Cada quinta-feira?

E8: É! Cada quinta-feira – fora as transferência que as transferência nessa época dá na base de 50, 60 – então – pra mim fazer pra ir pra lá fazer – não dá de, de fazer tudo na hora tem dia que eu vejo chego aqui lá do... Terça-feira eu já, já começo a fazer – eu fico aqui entro e começo a fazer às oito horas e é meia noite e ainda to ali oh escrevendo e... Agora não porque vai – né tão fazendo tudo sistema, trouxeram sistema digitação – então já vai saí os crachazinho tudo – prontinho o nome do paciente o tratamento tudo – então só vou pode – só pra recorta...

E: Vai diminui o teu trabalho. (risos)

E8: (risos) Diminuiu o trabalho, vou fica triste – então e na quinta-feira é assim – quinta-feira é um... Pra mim é o dia mais maravilhoso que tem pra trabalha – porque tu sai de lá cansadinha, cansa mas é maravilhoso!

E: O que... O que que – te dá – tanto esse prazer assim na quinta-feira? Que é o melhor dia pra você o que que tem de diferente?

E8: Ele não... Ele... Porque assim oh – o próprio paciente, ele necessita mais – ta que é a quinta-feira, porque assim na terça-feira – nos dias que eu trabalho – os dias que o paciente necessita mais são assim a... Dirigente né irmã (..) – ela... São pacientes – de... – Precisam muito de... A... Assim é... Pessoas com convulsão, pessoas – muito...

E: Problema é... Emocional, espiritual?

E8: Não é... Emocional espiritual muito grave ta.

E: Ah!

E8: (...) pessoas muito muito graves mesmo – muito grave é... Epilepsia... Então é mais... Então é quinta-feira – é segunda, quinta e sábado – que esses paciente são encaixados ta.

E: Sei.

E8: Na terça-feira – são os paciente mais *light* – não tem assim né, aquele tratamento espiritualzinho assim mais – mais *light* – então são pacientes assim de, de quinta-feira eu que trabalho na quinta que, que necessitam assim muito da gente, a gente tem que dá muita atenção pra ele então aquilo pra gente ele suga a energia da gente, mas faz muito bem pra gente – né pra mim principalmente – eu lá eu, eu na quinta-feira a gente fica assim – mas também saiu de lá chega em casa parece assim que – que a minha vida assim mudou – é – é... Lá parece que fez aquele trabalho lá fez uma lapidação aquele dia pra mim – eu chego em casa totalmente diferente – né – é claro que fisicamente a gente chega cansada – né – muito – corre muito anda pra lá faz muita coisa – fisicamente cansada mas – mentalmente e espiritualmente é...

E: A compensação é muito grande.

E8: A compensação – compensação – é muito bom – é muito bom.

E: Quando... Quando você ta... – Ta lá atendendo os pacientes, você faz várias atividades de atendimento...

E8: É!

E: Mas tipo assim mais na parte de terapias lá – você se coloca no lugar do cliente ou você – procura separa isso – faz o tratamento mas sem – entra muito na, na questão individual de cada um?

E8: É! Eu não, não entro muito na... Porque tem pessoas que né – tem médiuns lá que, que tem – esse dom até pra entrar ou – ou entrar mais... Não sei se é o dom, eu não sei como é... A intimidade como tais dizendo assim...

E: Não, digo, ham... – Se colocar no lugar do cliente sentir o problema do cliente. Nesse aspecto.

E8: Ah! Entendi! Aham... É! Aham... É a gente até – tem algumas pessoas... Algumas pessoas a gente se envolve um pouco mais né – não sei se é assim um... Uma afinidade ou... – mais atenção que a pessoa precisa porque – pare... A gente sente né quando uma pessoa precisa mais ou não – mais um envolvimento da gente né.

E: É! Porque são tantos também né – é até difícil você... Entrar no mérito de cada um. Aham...

E8: É! É muito... De cada um... É difícil... É muitas pessoas diferentes que passa lá cada um com a sua... né – tem, tem, tem muita... Muito assim + é muito...

E: Pessoas com problemas, cada um com...

E8: Cada um com o seu problema

E: Diferente, né irmã...

E8: Diferente.

E: Você... – Pensa um dia se aposentar lá do trabalho voluntário ou isso hoje nem passa pela tua cabeça?

E8: Não, não... Hoje nem passa – não – eu posso assim diminuir assim – uns dias né ou como assim terça-feira eu vou – o dia todo, o dia todo de manhã e a tarde né talvez eu saia um dia – ou... – Não um dia ou saia de manhã ou saia a tarde – e depois a gente se envolve – tanto e... E as pessoas né a... As próprias encarregadas – precisam da gente também então a gente se envolve com eles também e... E quer ajuda cada vez mais né – então a gente se envolve às vezes a gente diz ah vou sai de segunda de manhã – mas depois fica pensando ah mas aí eles vão fica precisando o que que eu vou fica fazendo segunda de manhã – tem esses... Aí – fico e assim foi passando né anos e eu trabalhava na quarta também aí saí já saí um dia né – nós temos até a... O... – A escola, escola dos médiuns né estudo também do (...) eu já não vou porque é sempre terça-feira.

E: Aham.

E8: – Então eu já vou terça-feira de manhã pra lá chego cedo aí eu fico lá aí... – Não dá assim tão... E precisava eu precisava também estuda mais né porque eu to trabalhando só com paciente – só que aí ficaria terça-feira até dez, onze horas da noite lá desde às oito da manhã aí também não dá que aí a gente tem a casa também né tem filho tem marido pra dá atenção também né – então é assim... E agora até eles tão falando que acham que o (..) vai colocar em outros dias a escola aí sim que poderia faze né numa quarta ou numa sexta aí eu poderia ir a noite.

E: Ir outro dia né.

E8: É! É! Estuda pra estudar também né.

E: Você falou da família – como é que a tua família vê você no teu trabalho voluntário eles te cobram isso – te estimulam?

E8: Não, não... – Não, o meu marido ele, ele até me estimula porque ele sa... Ele sabe que isso faz bem pra mim – né e fez bem pra mim após a minha doença né – e... E ele sabe que euaju... Isso é importante pra mim – então ele não, não, ele não se importa não

E: Os filhos também...

E8: Não, nenhum dos dois eles não, não se importam não – às vezes assim oh porque eu... A gente lida muito com doença lá né então eu às vezes assim fico né porque eu tive até dois câncer eu tive câncer de mama – em... 95 e depois em 2002 eu tive na tireóide – na tireóide eu já trabalhava lá e tudo – mas assim... aí a gente se envolve muito com as doença lá e às vezes eu trago... A gente traz sem querer traz pra gente né...

E: Ah! Com certeza

E8: Então chego... Teve isso aí... Esse... Teve um ano agora foi em março, junho mais ou menos (...) e aí parece assim quando a gente tem uma coisa que ta sentindo algum... Um órgão da gente que não ta funcionando bem – parece que aí – como eu faço a triagem lá na segunda-feira de manhã – aquela doença pa... toda né – era problema de intestino aí – tudo vin... O que me aparecia de intestino, de intestino, de intestino aí eu... Aí a gente vai né somatizando aquilo – e aí já coisa e já procurava um médico e aí em casa já ficava dizendo por que Meu Deus do Céu será que a doença de novo eu não sei o que – aí sim que aí os meus filho – aí eles disseram mãe, a mãe ta se envolvendo muito – a mãe ta se envolvendo muito – aí a mãe aí eu conto pra eles né que só... – Só, só essa doença que apareceu pra mim (...) todo e não aí eles disse mãe então te afasta um pouco mãe isso ta te prejudicando que a mãe ta pensando só nisso – né só, só por causa disso, se eu começo a traze – pra casa – doença pra mim – aí eles ficam preocupado né – mas se não isso né eles sabem que é importante pra mim.

E: E você falou que teve dois câncer... Ta curada dos dois, ta bem?

E8: Graças a Deus! Graças a Deus!

E: Puxa Vida! – Pensei que fosse só um até o Carlos me falou...

E8: É!

E: O teu filho – fosse só o da mama depois você teve outro.

E8: É! Não, depois eu tive o da tireóide é.

E: Ta tirando de letra heim! (risos)

E8: É! Graças a Deus né. (risos)

E: Irmã, o que que... Qual é o teu sentimento assim o dia que você – não pode ir lá no Núcleo aqueles dias que você tem o teu compromisso lá de repente surge algum problema que você – puxa não posso ir lá – qual é o teu sentimento assim?

E8: É assim um sentimento de culpa – é...

E: Mas às vezes o motivo é... – Pode ser outro não ser culpa... – tua.

E8: É! Mas, mas eu faço de tudo pra não... – Pra não...

E: Falta.

E8: Falta os meus compromissos são marcados tudo médico tudo – fora desses dias.

E: Aham.

E8: Ta. – Eu não faltei – uma – esse – já uns do... Dois anos né que fi... Que eu não falto uma segunda-feira esses dois anos – na terça-feira também eu não faltei um dia – esse ano por causa desse problema de intestino – eu tive que faltar na quinta-feira.

E: Um dia.

E8: Um – e foi assim um problemão – porque – na... Na quinta-feira eu coordeno também os trabalhos né da, da quinta-feira à tarde – com a dirigente né a encarregada é a irmã (..) ta – eu faço a coordenação mas ela ta sempre ali pra... Pra fazer toda – né qualquer problema que tem e a gente sempre – se reporta a ela né qualquer dificuldade que a gente tem – e ela ia (...) eles foram pro México – né – aí ela passou né as duas se... Duas ou três semanas que ela ficou no México – acho que a primeira semana ela foi – aí ela deixou tudo comigo ela é muito responsável né ela fica muito preocupada porque é um trabalho muito importante de quinta-feira – e ela dá mil e uma recomendações (risos).

E: (risos) Aumenta tua responsabilidade.

E8: (...) a primeira semana ela – aí o médico tinha que fazer uma... O exame que é a colonoscopia – e o médico disse olha, olha eu tenho esse dia – era quinta-feira a primeira semana que ela foi ela já tinha ido e eu assim Meu Deus – mas eu tenho que cuidar de mim eu tenho que vê o que que é eu não posso ficar nessa dúvida.

E: Aham.

E8: Aí né liguei pra outras pessoas né que – que cuidam né também me ajuda e ajudam a irmã (..) e... – Falei oh to com probleminha – já, já tinha feito os crachazinho já tava tudo prontinho já deixei tudo lá deixei tudo pronto era só – eles ficarem coordenando os trabalhos e foi isso que eu fiz – né... Eu fiquei, fiquei triste, fiquei chateada porque era o dia que ela também se afastou – também quando ela chego eu passei pra ela oh a primeira semana que tu saísse eu tive também que fazer – mas correu tudo bem Graças a Deus porque a gente fica preocupado né de não pode nada – mas a gente fica triste quando falta eu procuro não faltar.

E: Não faltar né.

E8: Eu procuro não faltar.

E: Ah é! – Irmã, como é o relacionamento entre vocês voluntários lá no Núcleo? – Entre voluntários e entre, vamos dizer, entre os dirigentes também como é que você vê isso?

E8: + Ah! Eu... – Eu acho assim ele – eles são muito assim – no caso os dirigentes né eles – tem muita responsabilidade né porque – eu acho que tem nós temos que, que segui aquela hierarquia – entendes.

E: Sim.

E8: Eu sou assim uma pessoa assim muito, muito fácil assim de trabalhar quando eu trabalhava fora também eu aceitava o que eles – porque eles – vamos dizer assim, eles mandam eles são responsáveis.

E: Planejam...

E8: Eles planejam – então a gente tem que – tem que seguir o que eles (...) então eu não tenho problema não tenho problema – com os dirigente porque o que eles mandam é assim eu faço eu não questiono – porque é o que eles querem né claro que a gente vê que o trabalho da gente ajuda né dizem oh irmã vamos fazer assim que dá eles aceitam também a opinião da gente né mas se vem uma... – Já um projeto já é assim tem que ser assim então eu não tenho com eles eu não tenho problema nenhum – né eu não tenho muito acesso com o irmão (..) de, de... Assim que a gente... Ele não trabalha muito que eu acho que ele é mais lá do CAPC né – mas a irmã (..) também é mais lá no CAPC eu tenho acesso assim com ela mas assim porque eu... Os tratamentos eu... Meu assim como paciente eu me envolvi mais com ela né, ela que me deu atenção mais... – Por causa... Então eu tenho mais envolvimento assim como paciente com a irmã (..) – e já com a irmã (..) é todo o tratamento da casa né então... Lá do Núcleo que é o espírita – assim eu gosto muito dela é uma pessoa maravilhosa é... – uma pessoa assim acho assim que – nunca vi

uma mulher tão batalhadora assim pra... Deixar aquele porque o Núcleo é ela que – coordena aquilo tudo lá.

E: É muita responsabilidade.

E8: É muita... É uma pessoa assim Meu Deus do Céu a gente lá a gente leva esporro a gente leva... (risos) leva – mas que Meu Deus tem que se pra aquilo lá pra aquilo se assim do jeito que é tem que te uma pessoa assim tem que se como é... irmão... Comandante tem que o comandante ela é um comandante é claro.

E: Sim.

E8: Porque não tem como... Não tem como uma casa daquela como a gente... Como a gente tem dois filhos aí é um trabalho, arruma uma casa e até que ela tem 300 filhos lá pra cuidar como é que ela vai... Ela vai organiza aqui ela tem que te é... – Eu assim admiro muito entende que admiro assim as pessoas – que, que fazem essa parte toda e... – E deixa aquilo + do jeito que é né – e quanto aos... Os... Assim os trabalhadores eu também me dou... Não tenho, não tenho queixa assim porque – a gente sabe que pra... Pra lida com pessoas né é difícil há... Há inveja, há fofoca, há isso tudo, mas a gente não eu pra não, não, não gosto de me envolver eu não me envolvo muito com essas – coisa assim que não seja o trabalho assim do Núcleo em si entendes.

E: Problemas individuais quase não...

E8: Não... Eu não... Eu não...

E: Não surgem lá é mais... – O pessoal se envolve com, com a tarefa... Sim.

E8: É com a tarefa... É! É! Me dou eu me dou tenho amigas que fiz lá amigas né de – de coração tem como a... irmã (..) que é – conheci lá eu entrei ela já estava então a gente houve assim uma afinidade que ela tem setenta e poucos anos – então como se fosse mãe e filha ela diz ela me chama de filha pra lá e pra cá a gente tem um envolvimento fora assim ainda ontem nós estávamos lá na festa da... – De terça-feira ela estava – ainda nós tava comentando ela disse assim é impressionante como existe assim né um... Não sei se foi em outra vida que a gente se conheceu que a afinidade que a gente tem – né eu com a irmã (..) também a gente se dá muito bem – então é assim a gente – são coisas que acontecem na vida da gente que, que a gente nem conhecia e começa a... – Primeira vez que coloca o pé lá, e tem aquelas pessoas né que, que se envolve com a gente e parece que, que..

E: Fica uma afinidade...

E8: Que conheceu e uma afinidade mais do que assim parece milagre (...) mãe e filho e o próprio marido – e a gente conversa assim coisas assim como se fosse íntimas mesmo né – então assim lá no Núcleo mesmo eu tenho umas quatro pessoas assim de amizades que a gente pegou, tem pessoas que já saíram – que se afastaram já e a gente se... Desde – que se conhecemos lá e ainda houve assim uma amizade e até hoje somos envolvidas né.

E: Se reúnem...

E8: É! Se reúnem, telefone e datas assim importante, então assim é impressionante como a gente vê que nesses locais a gente tem – uma coisa assim que aparece assim que os anjos assim tipo uns anjos na vida da gente.

E: Mas assim como – com os outros voluntários você não tem assim encontros fora é mais um encontro de trabalho mesmo lá – não existe um relacionamento fora do ambiente de trabalho?

E8: Não – não, não... Algumas... Alguns tem né mas não, não ham... – não tem nada – não tem.

E: Ham... Eu vejo – quase sempre no início de um... – não sei se poderíamos dizer de um turno de um, de um.... De uma... De uma.... De um trabalho – e ao final vocês

fazem se reúnem – fazem uma oração – né e... É a abertura, é a abertura e depois vem o encerramento...

E8: É a abertura dos trabalhos né tem a abertura dos trabalhos que aí fazem né – pede permissão né pra espiritualidade, pra fazer os trabalhos e faz a oração que é Pai-Nosso – geralmente é o Pai-Nosso que é para a abertura dos trabalhos e encerramento também.

E: É... Isso você, na tua visão – isso ajuda o grupo pra desenvolver os trabalhos que tem lá dentro – ou é mais assim uma parte espiritual que não – não interfere assim no – no relacionamento daquele grupo, no trabalho desse grupo?

E8: Eu acho pra... No meu entender acho que ajuda sim – eu acho que ajuda – até eu acho assim pra ta assim né... As pessoas chegam ali... – Né – Que a gente vem de um estresse da rua né – então a gente tem que ter um equilíbrio pra conti... Pra, pra começar um trabalho com o paciente né eu acho que aquilo dali é, é o início do, do equilíbrio né.

E: Cada um chega lá num estado diferente aí isso seria uma...

E8: Sim... Num estado diferente, é...

E: Seria uma forma de, vamos dizer...

E8: De harmonizar, de harmonizar... É!

E: De harmoniza... Aham!

E8: E assim é... Até o próprio encerramento que a gente foi envolvida né com vários trabalhos com várias pessoas né va... – Vários tipo de clima lida com paciente mesmo né – e depois faz um encerramento pra gente voltar pra casa – tranqüilo.

E: Tranqüilo. – Ham... Como é que você vê assim o Núcleo ele tem uma reputação – na comunidade na sociedade como é que é – como é que ele é visto pela, – pelas pessoas de fora – assim no teu conceito.

E8: – Olha eu... No meu conceito ele e... – A gente né que – ali... Ali mesmo – as pessoas que chegam né, que já receberam o tratamento ali, isso daí não é, é... É fora – tanto aqui na, na, na região né que a gente vê na, na região da... Florianópolis Grande Florianópolis como – fora dali e... Ele, ele é muito bem, bem visto em termo assim de, de ajuda as pessoas né ele é... A gente vê as pessoas eu... Tenho parente em Porto Alegre e... – E eu estive lá – foi em julho mais ou menos – e... E eu vi pessoas né a minha irmã falou assim ah eu trabalho no Núcleo ah eu fui lá fiz um tratamento lá que coisa maravilhosa aquilo lá Meu Deus do Céu é uma paz ,então as pessoas elogiam né – pelo – pelo, pelo que as pesso... Que, que é o... Aquilo que as pessoas recebem né que é... É tudo de graça né – e é... – É tudo voluntário também a maioria e quem trabalha mesmo o paciente é voluntário e... E o carinho que eles recebem é a atenção que eles recebem né então as pessoas às vezes nem vão em hospital realmente eu num hospital não fui tratada como as pessoas são tratadas lá – então é isso que, que as pessoas – sentem né o carinho, o carisma que o Núcleo dá pras pessoas...

E: Pensam no paciente...

E8: É! É! Eles pensam no paciente – eu – como eu trabalho ali na, na segunda-feira de manhã – a gente vê assim... A gente chega a se emocionar porque vai pessoas muito humildes né pessoas humildes mesmo então a primeira pe... A primeira coisa que às vezes eles chegam porque é, é... Uma casa que chega ali é tudo muito limpinho né as pe... As coisas são tudo... A gente... E as pessoas entra ali tem até aquele choque a gente pensa assim isso daqui... Então tem pessoas que, que chegam e perguntam quanto é que vai custar quer dizer a depois a senhora pega a sua aguinha pega o seu medicamento – aí eles dizem quanto é que vai se... – Então não, não é nada o Núcleo não, não cobra nada não, não tem nada ah mas eu quero

ajuda eu digo não a irmã ta aqui pra tratamento a gente orienta assim então a gente vê assim como as pessoas né... As pessoas humildes às vezes pensam que... Que vão cobra alguma coisa – e no entanto aí elas ficam assim, como é que pode uma casa assim se bem – trata tão bem e não cobra nada – então é isso até a gente eu assim que... – Assim to lá assim a bastante tempo a gente, gente fica assim Meu Deus parece assim é um céu mesmo né – porque como é que pode as pessoas assim – é... Um... – Uma pe... Duas, três ou quatro dirigentes que começaram aquilo dali e crescer tanto e dar tão certo né – e dá as coisa tão certo e tudo e ajuda as pessoa... (...).

E: É maravilhoso né...

E8: É!

E: Irmã, você já conhecia o... Sabia da existência do Núcleo – antes de você se tratada lá?

E8: Não. Eu não sabia eu até tinha essa minha amiga que, que me levo – ela... É... A gente trabalhava, comecei a trabalha com 17 anos e eu, eu... A gente começo junto era jovem assim né, ainda não tinha namorado, então a gente – porque eu sou assim eu faço as amizades e as minhas amizades são sólidas e, e... Eu com... Eu conservo entende e até hoje eu me dou a se (...) é amiga ainda né os meus filho assim não foram praticamente criado junto mas a gente tem fotos dele desde pequeninho tudo porque ela daqui foi pra... Foi primeiro pra Criciúma depois pra Blumenau mas assim depois agora (...) veio pra cá então a gente se... Se... – Tem assim um relacionamento...

E: Se encontram...

E8: Se encontramos tudo – então ela saiu daqui e foi pra Criciúma e de Criciúma ela... Ela sempre foi assim... – Espírita entendes... – Mas naquela... Naquele tempo o espi... Naquele tempo, muito tempo 12, 13 anos atrás o espiritismo a gente né a gente tinha ainda que da espírita é umbanda é coisa que não tem nada demais umbanda mas – a gente tinha um... Medo né aquele medo e ela sempre foi ela sempre foi lá fazia né – a... Ela fazia as orações dela tudo em casa através do espiritismo e sempre então aí ela já assim que ela voltou praça pra Florianópolis ela começo a ir no Núcleo – né que era pequeninho ali em São José – e depois passaram pra Forquilha ali em Forquilha que primeiro começo numa casinha pequeninha ali em São José depois foi pra, pra Forquilha – aí dali – depois quando eu fiz a intervenção vamos lá eles fazem tratamento vamos lá, vamos – aí eu fui – foi aí que eu conheci eu não tinha nenhum nem, nem, nenhum tipo assim nenhum no espiritismo nada assim nada – foi ali mesmo que eu conheci no Núcleo que eu conheci comecei a me tratar e depois né se envolvendo com só como voluntária ali de – trabalhandozinho assim no corredor assim só...

E: No começo...

E8: Bem *light* né bem *light*.

E: Irmã, você teria mais alguma coisa pra acrescentar, de repente alguma, – alguma, alguma coisa que eu não tenha perguntado e que você acha que – que é importante pra uma pessoa ser voluntária + ham... O que que é importante pra você lá como voluntária – de repente alguma coisa que não tenha falado ainda.

E8: É... Eu, eu, eu pra mim no meu entender acho assim pra – a pessoa pra ser voluntária ela tem que, que querer né – acho que já coloquei isso tudo e... E ter o tempo – pra... Pra se assim... Assiduidade né – porque a pessoa, o voluntário a... – O paciente ta lá – ele ta precisando da, da ajuda, da atenção – então se eu – se eu, se eu me comprometi a, a fazer aquele trabalho – então eu tenho que, que está disponível – todo o dia e o horário certinho + isso eu me propus a isso né – então se

eu tenho – aquele horário às seis horas da manhã que está lá – eu vou está lá – eu vou está antes do paciente lá – eu saía daqui no inverno cinco e meia da manhã – né...

E: Meu Deus!

E8: Então eu me propus a isso – e não... E não, não envolvi, não, não envolvo meu marido, não envolvo meus filhos nada, eu me levanto, me arrumo, eles ficam dormindo e eu vou né – é isso eu quis pra mim – então eu acho assim o voluntariado é isso – né a pessoa – se... – ter aquela vontade né querer ajudar – e ter assiduidade ter o compromisso de, de estar lá pra se eu... Se a pessoa acha que tem se aquele horário aquele dia é de manhã é à tarde a pessoa tem que – saber que tem que ta lá naquele horário né.

E: É o compromisso.

E8: É o compromisso – né – e... E é isso que, que já que a gente ta falando do Núcleo que o Núcleo – é... Né acho que é das pessoas né.

E: Você falou antes eu lembrei agora – a... Tava vendo parece que tem uma paz – eu como freqüentei bastante lá, tenho freqüentado também tenho sentido isso – né é um... Eu não sei explica também... Como é que é.

E8: É, a gente que, que da o... Que passa o ano todo lá – agora que encerra vai dando uma tristeza o coraçãozinho vai apertando sabe... – A gente fica assim Meu Deus como é que eu vou passa dois anos... Dois meses – sem... Sem não porque ir a gente pode ir – só que quem precisa da gente não está lá – que é o paciente né – então a gente pode ir lá né faze a oraçãozinha da gente reza só que a gente ta ali sozinho – quem precisa da gente não ta – né então é isso é isso que, que a gente – que o voluntariado é isso, é querer servir o, o, o outro né a gente – a... Gente sente que, que ta ajudando e quando não está sente muito...

E: Sente falta, né.

E8: Falta, sente, sente muita falta.

E: Ta. – Obrigado, irmã, – pela sua – colaboração tenha certeza que vai me ajuda muito...

E8: Espero que tenha ajudado (risos).

E: Não tenha dúvida vai me ajuda muito.

E8: Que bom...

E: Obrigado!

Tempo total de gravação = 47min26seg

Entrevista 9

E9: Dados demográficos: Idade 73 anos, sexo feminino, casada, grau de escolaridade 1º grau, renda familiar mensal de 5 a 10 salários, profissão do lar, reside a 50 km do Núcleo. Entrevista realizada em sua residência na praia de Caieiras do Sul – Florianópolis.

E: Irmã, eu só... Vou pedi algumas informações a sua idade se você pode dize a idade?

E9: 73 anos.

E: 73. Sexo: feminino. Estado civil casada né?

E9: Sim. Vai faze 50 anos que a gente ta casado.

E: Vai faze 50 anos?

E9: 50 anos que nós tamo casados.

E: Puxa que beleza! Parabéns heim... Parabéns!

E9: (...) 50 anos.

E: Sim. – Ham... O seu grau de escolaridade até que – período a senhora fez a escola?

E9: Oh! Eu estudei só até a quinta série.

E: Até a quinta.

E9: Até quinta série.

E: Ta.

E9: Na época nós não tínhamos professores aqui né – então os professores que tinha aqui eles moravam aqui mesmo – e eles davam aula pra gente e a gente nunca teve assim – os pais da gente nunca puderam botá a gente num – colégio bom – quando...

E: A senhora nasceu aqui nesse local?

E9: Eu nasci aqui sim.

E: Puxa vida! 50 mais – setenta e poucos... 72? 73?

E9: 73 de (...).

E: 73 anos – que beleza! – ham... – A renda mensal da, da família mais ou menos em número de salários – 5 a 10, – mais de 10? – Em torno assim mais ou menos.

E9: (risos) (*voz ao fundo: 5 a 10*).

E: 5 a 10. Ta – ham... A senhora não exerce profissão remunerada?

E9: Não, não, não.

E: Sua profissão é do lar?

E9: É! Do lar.

E: Ta. – ham... Há quanto tempo a senhora está trabalhando como voluntária no Núcleo?

E9: 10 anos.

E: 10 anos.

E9: 10 anos.

E: Ta. – E a senhora foi voluntária em algum outro local?

E9: Não, nunca, nunca fui voluntária.

E: E porque que decidiu ser voluntária lá pode dizer?

E9: (...) eu cheguei pelo seguinte – meu marido fez uma, uma cirurgia na próstata – e ele ficou que não podia anda – andava de muleta – aí uma senhora chegou aqui na minha casa e disse assim porque que tu não o seu (...) lá no Núcleo – eu disse mas eu não sei onde é que é – mas eu sempre tive vontade de trabalha num centro espírita – então desde já de 9 anos eu tinha esse – esse problema com espiritual né.

E: Sim.

E9: Aí – nós pegamos um carro, o irmão dele pegou um carro e a gente foi procurá – aí fomos até Forquilha né – aí chegamos lá encontramos o centro – aí tiramos a consulta pra ele, fizemos tudo ele (...) sugeriu da gente ir aí no hospital – eu sei que desse dia em diante ele ficou Graças a Deus ele não precisou mais muleta – ele andô sem as muleta né – eu... Eu olhava pra ele, ele dizia pra mim assim puxa eu vou fica parálítico, não pai tu não vai fica parálítico eu falava assim – tu não vai ficá – porque lá de cima é maior do que – os médico eu falava pra ele né – eu não sei eu não vou anda mais, não calma que tu vai andá sim – aí desse dia em diante que ele fez a cirurgia aí eu comecei eu disse assim oh pai agora ta na vez de eu ir pro centro trabalha de voluntária – falei pra ele – daquele dia em diante eu comecei a trabalhá de voluntária (...).

E: E começou a ir (...) a senhora vai pra lá... – quais os dias da semana?

E9: Sexta-feira.

E: Na sexta-feira à tarde.

E9: À tarde.

E: Desde o início a senhora sempre...

E9: Sempre... Eu ia de ônibus eu pegava quatro ônibus daqui até Forquilha.

E: Meu Deus! Quanto tempo a senhora levava pra ir?

E9: Ah! Levava... Eu chegava lá eu saía daqui onze horas mais ou menos e eu chegava lá quase duas horas

E: Três horas de ônibus.

E9: Eu pegava quatro ônibus.

E: Aham.

E9: Aí ele achou que era muito pra mim (...) porque eu já tava com uma idade já tava aumentando né, não então eu acho que vou também vou pro centro e vou te leva de carro – mas eu bem o que uns... – Sete anos né pai – sete anos andando de ônibus.

E: De ônibus.

E9: Ônibus.

E: Ta. – O... Seu Narbal, seu marido ele ta, ta lá a quanto tempo como voluntário?

E9: 3 anos né pai mais ou menos.

E: 3 anos então agora vocês vão juntos?

E9: Nós vamos juntos.

E: Aham. – Que a senhora sempre trabalho no laboratório?

E9: Sim, sempre trabalhei eu comecei no laboratório lavando vidros.

E: Aham.

E9: Ham... Depois do vidro – eu fui esteriliza os vidros – só trabalhava na parte do álcool né.

E: Sim.

E9: Aí depois do (...) aquela coisa agora eu comecei nas cápsula – fazendo as cápsula junto com as outras – mas eu o sempre trabalhando nesse (...) no laboratório.

E: Ta. E... E... A senhora podia fala um pouquinho o que que a senhora faz as sexta-feira a senhora chega lá o que que a senhora começa fazendo...

E9: Olha! Eu... Agora eu chego lá porque não... Tu que sabe de agora ou do começo?

E: Pode se... Pode se desde o começo...

E9: No começo quando eu chegava lá aí eu chegava lá então eu começava – porque era tudo comigo porque eu era a mais antiga ali né aí eles botavam tudo pra mim a... A (...) qual era o tipo de vidro – pra... Um pra xarope outro pra esse pra aquele e eu que tinha que sabe tudo isso o problema das tampinha dos vidro né.

E: Aham.

E9: Tudo isso era comigo – às vezes eu não estava, elas se perdiam naquilo ali né puxa a irmã (...) não ta o que que nós vamo faze – porque eu era a mais antiga ali né.

E: Sei.

E9: Aí os outros chegavam e perguntavam ah o que que nós vamo fazer aí a irmã (...) oh a irmã (...) sabe o que que vocês vão faze aí eu vinha fala das tarefa pra eles aí né – daquelas tarefa pra elas uma vai faze é isso a outra faze – o que é de vocês é de vocês não tem nada que uma corre por cima da outra eu fazia assim pra elas – faz cada um o seu serviço – aí começo assim aí depois – aí eu já passei a... (...) eles fervia os vidro todos os dias né a gente botava tudo numa panela em duas, três panelas e fervia todo aquele vidro – primeiro a gente lavava bem lavado e ia pras panela – das panela tirava eu é que passava o álcool em tudo – tinha dia de eu passa 400, 500 vidro o álcool.

E: Meu Deus! Que trabalho heim!

E9: Trabalho. Tinha vidrinho que era pequenininho assim oh – então às vezes a gente passava com (...) igual a uma jabuticabinha bem pequenininho – e os maior então era menos né mas aqueles pequenininho – mas era bastante vidro – aí depois a gente ia – eles arrumaram ganharam assim uma estufa e ia dentro na estufa agora nós chegamos lá a gente tira da estufa – e só botamos tapamos – e já ta prontinho né não precisa mais fervê mais nada.

E: Aham.

E9: E aí a gente enche a estufa de novo pra segunda-feira pro outro turno que chega – então o serviço foi sempre assim.

E: Sempre... O, o, o... A senhora me falou que a senhora faz os, os passes também quando – nas, nas sextas-feiras.

E9: É! Nas sexta-feira eu sou da, da duas horas eu sou da câmara de passe né.

E: Vocês é... Todas as sextas vocês fazem uma abertura e depois fazem um encerramento daí sem... Sempre fazem...

E9: Sim, sempre, sempre – abertura no início do trabalho sempre tem a abertura né toda vez tem a abertura o passe, aí nós temos que tomar todo o passe da (...) naquela (...).

E: Ham... O... Você – quando eu pergunta assim qual é a importância que a senhora vê ham... Dessa abertura que é feita e o encerramento – qual é o significado disso, a importância que a senhora vê nesse – nessa pequena cerimônia?

E9: Eu acho que a abertura a gente dá o passe pra pessoa porque tem pessoas que vem de fora, da rua – então as pessoas não tão preparadas ali pra – faze o que – serviço voluntário né – então acho que se elas recebendo aquele passe, eu acho que nós tamo à vontade – porque quem ta lá fora sempre leva coisa consigo né.

E: Sim.

E9: E já tem muitos que a gente já tem conseguido assim pessoas que vão lá toma um passe que a gente não tinha – a gente só não (...) a gente porque a gente – segura né – então é isso então a gente toma aquele passe – que dá o passe mas outros que vão trabalha junto ali – então aquele (...) fica bem – segura ali dentro.

E: É. – E cada um... Imagino assim, cada um vem de fora com seus problemas...

E9: Sim.

E: Da família...

E9: Da família...

E: Do trabalho, da rua... Então isso aí é uma forma de – todo mundo entrar no mesmo... – Harmonizado, tipo assim.

E9: Exatamente né – e... Esses tempo aí não faz acho que ta fazendo uns cinco meses mais ou menos, chego uma mocinha – não chego ela trabalha com a gente uma galeguinha mas veio trabalha viu pai – ela sento na minha frente e eu fui da um passe nela e eu sei que eu fiquei tão grande – que eu não sei como – eu cresci – eu cresci a menina ficou anã e eu fiquei grande – aí eu comecei dá aquele passe nela e ela começo a chora, a chora, chora, chora, chora né – aí a irmã veio e tiramo a menina dali né – deixamo lá pra fora que eles foram atende a menina lá fora – daí então ela foi de lá de fora aconteceu alguma coisa com ela.

E: Com certeza.

E9: Daí então essa pessoa fala junto com a gente ali não ia dá certo.

E: Fica uma tarde toda trabalhando...

E9: A tarde toda trabalhando não dá certo né então – isso aí que é o nosso passe – que a gente faz pra pessoa fica mais tranqüila.

E: Sim.

E9: Tudo isso.

E: A senhora falou alguma coisa antes sobre religião – sobre o espiritismo – eu queria que a senhora falasse alguma coisa sobre a sua crença religiosa, o que que a senhora...

E9: Olha! Eu... – Não sei... A minha crença é espiritismo né porque tem muita fé neles.

E: Desde... A senhora... Desde pequena?

E9: Desde 9 anos que eu... A mamãe e o meu pai falava que eu sentava na mesa pra comer – eles não me deixava comer – quando ele ia leva assim pra no colégio ele me dava tapa e (...) longe – aí às vezes até a mamãe me batia porque eles pensava que era eu que jogava mas não era eu – aí a um dia um... Parece que apareceu um senhor na nossa casa e ele (...) antigo aquele velho né antigo – e ele falou porque que o senhor não leva essa menina pra benzê essa menina, essa menina ta com alguma coisa com essa menina – e daí pra frente eu comecei sempre, sempre – nós fomos pára lá, lá também numa casa dos meus compadres que era espírita mas só que nada não me deu bem porque ele era de umbanda.

E: Sei.

E9: Da umbanda e eu não me dei na umbanda – mas eu ficava sempre lá e – quando nós fomos daqui pra lá o meu pai e eu fazia muitos trabalhos com negócio de (...) assim – me atrapalho bastante – aí depois então – (...) – aí quando eu voltei de lá eu queria trabalha aqui mas eu não sabia como entra numa casa dessas porque né todo o local que a gente desconfia – aí o centro abriu esse aí – aí passou uma noite eu tava dormindo – eu tava dormindo antes de eu trabalha no centro – eu tava dormindo daqui um pouquinho veio assim um (...) uma pessoa e disse pra mim oh o que tu que não é isso aí não é isso que tu faz eu – aí quando eu olhei tava aquela sala aberta branca, todo o pessoal de guarda-pó branco, né – e aquela monte de gente sentada numa cadeira e o pessoal em roda, dando passe – eu assim passe o que que é isso, o que que é isso no sonho né – aí um homem disse assim pra mim oh o teu lugar é aqui – olhou pra mim o teu lugar é aqui – aí foi aonde eu fiquei – que eu já era crente naquilo ainda mais crente eu fiquei né fiquei gostando mais – e a gente faz aquilo lá com muito carinho com muito amor né – a gente não ta lá por um acaso mas ta lá porque... A gente gosta daquilo – tem confiança naquilo – né.

E: Ta. A, a senhora trabalha lá no laboratório o seu marido também trabalha lá – lá vocês trabalham lim... Limpando os vidros (...) aqueles remédios fitoterápicos, ta ham... – Mas como é que a senhora enxerga – que o... Qual é o resultado que os pacientes que vão lá e são tratados qual é o bem que é feito pra eles a senhora não acompanha essa parte lá das terapias né.

E9: Não, não, não.

E: Mas, mas o... Que que se passa na sua cabeça a senhora – fica ali na, na, na parte dos, dos medicamentos – o que que esses medicamentos produzem nas pessoas o que que a... O que que a senhora tem assim de...

E9: Olha eu acho que eles são muito bom pras pessoas que procuram aquele remédio porque todas as pessoas que tomam (...) né quase todas – eles ficam com – né porque não é... Não é a gente que cura porque quem cura é Deus né as pessoas – mas eu acho aqueles remédio muito bom pras pessoas – elas recebem muito carinho muito amor e parece que – uma coisa ótima pra eles.

E: Aham... – Quer dizer que o... O... Aquilo que vocês fazem ali, a senhora percebe que isso tem uma utilidade muito grande, que faz, faz o bem pras pessoas.

E9: Sim. Porque eu acho que tudo o que a gente faz de voluntário eu acho que – ninguém faz nada porque vem cá ah porque faz aquilo isso aqui eu não gosto isso aqui não – teve uma pessoa – vai ser dentista então tem que te amar aquilo que faz.

E: Exatamente, tem que gosta da profissão.

E9: Um médico né tem que gosta da profissão – então eu... Eu to lá porque eu gosto daquilo eu gosto e... Me sinto bem lá dentro – Me sinto ótima lá dentro.

E: Ham... – A senhora falou antes – porque que a senhora começou né a trabalhar lá – mas e hoje é... – Pra senhora sai daqui – toda sexta-feira – enfrentar trânsito, mas agora a senhora vai de carro, não vai mais de ônibus – é... Mas é longe mesmo assim – qual é o motivo assim (...) chega na sexta-feira eu vou precisa ir lá do outro lado – trabalha né – o que que move a senhora pra te essa vontade pra ir lá hoje?

E9: Eu vou com tanto com tanto amor, tanto carinho naquilo ali que quando chega – assim sexta-feira eu falo com o pai: Hoje é o dia de nós ir pro centro pai – hoje é o dia de nó ir e não tem discussão (...) eu não to doente nada eu (...) Meu Deus será que amanhã eu to boa pra mim ir pó centro.

E: Aham. – Fica preocupada.

E9: Fico preocupada com aquilo né, então – chega no outro dia já to boa Graças a Deus já – se mandamo pra lá.

E: A senhora fica esperando que chegue a sexta-feira pra ir lá.

E9: Fico esperando que chegue a sexta-feira.

E: E se a senhora não pode ir de repente o que que a senhora faz?

E9: Ah! Aí eu faço uma oração em casa, eu rezo em casa né, faço as minhas orações pelos pacientes pras, pras pessoas necessitadas que tão lá – no mesmo horário que eu estou, eu sempre faço isso.

E: Mas esse ano a senhora deixou de ir em quantas sextas-feiras irmã?

E9: Ah! Foram poucas né pai oh pai duas sexta-feira.

E: É!

E9: Duas ou três sexta-feira.

E: É! Vejo que a senhora... Bastante assídua.

E9: É! Com chuva com tudo a gente sai daqui.

E: Puxa! Que... Que beleza! – E... Como é que é assim o... Ambiente lá entre vocês voluntários – é legal, todo mundo colabora, todo mundo é... Ajuda.

E9: Muito – Muito legal, todo mundo se dá bem ali dentro né, parece até que a gente é irmão assim de carne né assim de – porque não tem assim – discussão entre nós, não tem desavença, não tem nada entre nós assim.

E: Não dá discussão de vez em quando?

E9: Não, não nada...

E: Ninguém xinga o outro?

E9: Não, não, não, não. Ali ninguém xinga o outro – ali um quer faz uma coisa o outro já oh – eu não vou faze – aquilo ali é teu isso é meu (...) aqui não é assim, não é assim que fica esse negócio – se tu tais aqui tu tem que faze aquele serviço – que a irmã (...) ela é bem clara oh se tiro uma coisa do local quem tiro é aquela pessoa que vai botá então é assim que a gente faz né – então ali todo mundo se dá chega na hora do lanche todo mundo ta contente – se tem uma amigo invisível todo mundo faz aniversário cada um leva um – leva um doce leva um salgado e tal – comemorá com todo mundo ali.

E: É! Eu... Eu fico impressionado lá assim... Como é que aquela harmonia aquele... Que existe lá dentro.

E9: Sim.

E: É... – Que que... Na sua visão o que que produz aquela harmonia entre vocês ali – trabalha sem te problema?

E9: Não sei. Eu acho que já é... Comandado pela espiritualidade.

E: É.

E9: Isso aí é – eu acho que isso aí já é comandado por eles – porque não sei porque já tem aquela harmonia tudo ali dentro né ninguém – não tem um assim – um... (*sussurro*) tão falando que isso é aquilo não – nada.

E: Aham.

E9: Todo mundo trabalha igual, na hora todo mundo que a gente leva que é tudo colocado junto ali na mesa todo mundo come igual – se um leva o outro não leva come do mesma coisa – e aquele – que a gente fica ali – naquele harmonia uma harmonia muito boa.

E: E... – Vocês são bastante cobrados lá pela, – pela dirigente ou... Quase não, ela não precisa cobra vocês a faze as coisas?

E9: Não. É muito difícil né pai, ela chega perto de nós e dize assim oh isso aqui ta errado – muito difícil – porque a gente oh dez anos a gente ta a par daquilo tudo ali dentro – então a gente já ta sabendo que – qual é a missão da gente fazê (...) dentro – eu pelo menos já sei a minha missão quando eu chego ali já vou fazendo isso já to há dez anos ali.

E: Sei, sei. – Alguém da, da sua família que já trabalhou com voluntariado – antes da senhora ou não?

E9: Não. Nunca ninguém da minha família.

E: A senhora foi a primeira.

E9: Fui a primeira.

E: Ta.

E9: Eu fui a primeira.

E: E hoje tem a senhora, a senhora já levou seu marido junto.

E9: Eu tinha vontade que ele fosse trabalha lá muita, muita sempre dizia pra ele vamo pai trabalha lá junto comigo e ele dizia assim quando chega a minha hora eu vou quando chega a minha hora eu vou – até que chego a hora e ele falou agora eu vou começa a trabalha lá contigo bom eu fiquei feliz fiquei contente mesmo daquilo ali né.

E: E... – Seus filhos? Vocês têm quantos filhos?

E9: Eu tenho só uma filha.

E: Ah! Só uma filha?

E9: Uma menina só, só uma menina.

E: Ela mora com vocês?

E9: Mora. Ela vem pra casa de noite.

E: Ta. Ela não, não trabalha com voluntariado?

E9: Não, não.

E: Ta. E como é que ela... Assim ela cobra muito vocês porque são voluntários ela reconhece isso? Não?

E9: Não nunca cobrô – nunca.

E: Elogia vocês – por serem voluntários?

E9: Nunca cobra nós não – é uma maravilha isso né.

E: Fica, fica, fica, fica mais tranqüila assim né.

E9: É sim, porque aí não... Começa a cobra aí já dá uma brigazinha daqui uma briga dali né – e assim não a gente já faz (...) tranqüilo – ta com a consciência limpa né.

E: Que ótimo! Que ótimo! – ham... – a senhora – sabe bem, vamos dizer o que que o Núcleo faz, o trabalho que faz – esse trabalho que é feito no Núcleo – será que ele é reconhecido pela sociedade, pela comunidade assim pelas pessoas?

E9: Sim.

E: Será que elas reconhecem que esse trabalho é um trabalho bom?

E9: Sim, eu acho que muita gente conhece, sim, esse trabalho aí porque muita gente procura né – nós, nós começamos ali atendia aqui no hospital – foi – uma vez 40 pessoas – agora nós temos quase com 400 pessoas.

E: É gente... Meu Deus!

E9: Por isso que a gente aumento os remédios a gente faz né – aumento bastante os remédio porque nós tamo com quase 400 pessoas – porque às vezes tem muitos coitados que já tão no... Final de um câncer de uma coisa então não tem mais jeito eles procuram pra lá – aí eles vão pra lá pra vê se... – tem uma cura uma... Muitos sem coragem e outros coitados já tão – tempo terminado já – não dá mais.

E: Pra eles não dá mais tempo.

E9: Não dá mais tempo né.

E: Eu lembro que a senhora falou no começo quando a senhora... Quando levou o seu marido lá pro tratamento no Núcleo – a senhora não conhecia lá.

E9: Não eu não conhecia.

E: Alguém... A... O... Quem falou pra senhora que tinha esse local?

E9: Foi uma senhora que falou me pra nós ela é esposa de um militar também ela tem problema num joelho – ela quase não andava ela foi e ficou boa do joelho aí ela veio aqui na nossa casa ele é muito amigo da gente...

E: Ah é!

E9: Ele é militar também.

E: Ela que lhe falou?

E9: Ela que me falou porque que tu não leva o seu (...) lá em Forquilha que é assim, assim numa casinha ah mas eu não sei onde é que é – aí ele foi um dia e eu – nós botamo ele no carro que ele quase não podia anda porque ele andava de muleta né – o irmão dele levo – fomo procura até num domingo né pai – num domingo a gente foi procura e achamos – aí quando foi segunda-feira a gente já foi lá tirá – a consulta pra ele né – aí eles ficaram bem de faze o tratamento aqui no, no hospital aqui no Ribeirão...

E: Sei.

E9: Que nós temo o hospital ali né sabe onde é que é o hospital...

E: Sim, sim, eu fui... Eu conheci ali...

E9: Aham.

E: Eu conheci ali.

E9: Eu já fiz também tratamento ali – já fiz vários tratamentos ali porque eu tinha um problema aqui eu tinha medo né – então eu ainda tenho isso aqui – pensei (...) – aí comecei a faze o tratamento ali tudo bem aí fui uma biópsia lá fora o médico falo eu fiz – aí quando eu fiz a biópsia o médico pergunto assim pra mim porque que ta saindo sangue no machucado aqui do – desse problema da senhora – eu disse não sei – ele porque das duas que eu – boto agulha ali que vem um... Sangue no machucado – ele falou né + aí eu fui disse assim não sei aí depois eu contei pra ele (...) no passado foi assim, assim, assim, assim eu estive no – no centro espírita – ele ah então é isso e não deu nada graças a Deus não deu nada – tudo legal.

E: Ta bem. Não tem – problema nenhum...

E9: Não, não, nada, nada, nada.

E: Que... Que ótimo! – A senhora acha que o seu trabalho – ele é importante lá pro Núcleo – na, na sexta-feira que a senhora dedica?

E9: Aí... Eu acho que sim né porque – acho que é importante porque eu faço pras pessoas necessitadas, eu acho que eles recebem aquilo que eu faço – eu acho que ta – sei lá – eu to me sentindo bem, tranqüila né – eu acho que Deus ta me dando mais força ainda – pra aquilo que eu to fazendo pras pessoa (...) necessitado.

E: Ham... Esse trabalho voluntário que a senhora faz – pra senhora, a senhora acha que é mais um... É um prazer fazê ou vê isso também como uma obrigação?

E9: Não. É um prazer, não tenho obrigação nenhuma de ta fazendo aquilo e eu faço como um prazer né ajuda mesmo a pessoa – que é tão bom a gente podê – ajuda um ser humano né – que precisa né (...) de ajuda.

E: Ham... – A senhora como voluntária falou já – há dez, onze anos – mas – como é que é assim a senhora sempre se preocupo com as pessoas e – é... Quando acontece tipo uma catástrofe... Agora acontecendo lá no, no... No Vale do Itajaí aqueles problemas todos – isso mexe com a senhora com (...)?

E9: Mexe... Mexe muito né – aí eu rezo muito pelas pessoas – aí eu peço tanto (...) espirituais que ajude aquelas pessoas né – nossa – sei lá a gente vê tanta coisa né tanta pessoa sofrendo né – e a gente não podê chega lá na hora pra ajudá aquelas pessoa.

E: Aham... Aham...

E9: Mas de longe a gente ajuda – uma prece é muito boa...

E: Uma oração...

E9: Puxa! Uma prece que a gente faz, uma oração acho que ajuda muito aquela pessoa.

E: Aham... + É costume lá... Entre o grupo de vocês assim ter elogio por um serviço bem feito ou isso quase não...

E9: Não é... Nós temo muito elogiado no nosso serviço lá dentro...

E: Ah é?

E9: Sim – é muito elogiado – até teve um... Rapaz aí que foi aí que era da rádio parece que foi faze um – foi lá faze um... Nossa! Elogio tanto o nosso serviço – Puxa! – Eu gostei tanto que ele elogiasse que a gente gosta de se elogiado pelo que faz né – então ele elogio muito o nosso serviço – Puxa! Ele disse puxa mas que serviço mais bonito que vocês fazem aí – que limpeza se todos os hospitais tivessem a limpeza que vocês têm aqui – ele falo assim pra nós né – isso aí é um elogio né.

E: E... Ele é uma pessoa de fora?

E9: É! Ele é.

E: Não era dali?

E9: Não, não era dali.

E: Ta, ta. – E das pessoas que trabalham com a senhora ali é comum assim have elogio de um pro outro – ou isso quase não...

E9: É sim – porque eu também aplico *heiq* né já ouviu fala no *heiq* né...

E: Eu já ou vi fala.

E9: É assim né – eu também aplico *heiq* – eu tenho curso do *heiq*...

E: Sim.

E9: Então tem uma, uma moça lá que adora, tem um rapaz lá que ele, ele é mestre e eu não sou mestre – eu só tenho até o segundo grau do *heiq* né ele é mestre – mas eles prefere eu do que o rapaz – (...) a irmã aqui que vai faze um *heiq* em nós – mas porque eu porque não pede... Não mas nós temo mais confiança na – na senhora do que nele.

E: Eu, eu não sei muito bem eu ouvi fala mas não sei muito bem... – Como é que é o *heiq*?

E9: É. O *heiq*...

E: A senhora podia fala alguma coisinha sobre...

E9: É a imposição das mãos né a gente tem que faze a imposição...

E: É a imposição...

E9: Das mãos assim – aí é... (...) É despertado a distância e faz pessoalmente né – porque a distância você aí, aí focaliza assim – o rosto da pessoa – a distância aqui na minha mão aqui assim – que é a energia que a gente manda né – então a gente porque a gente tem os símbolos de tudo a gente é obrigado a chamá aqueles símbolos né – então a gente faz aquele – imposição das mãos assim a gente – eu tenho feito muito eu fiz (...) até pro Chile eu já fiz – o *heiq*.

E: Ta. Mas é assim o *heiq* ele é feito assim rapidinho é um... Questão de um minuto dois...

E9: Não, não é... A distância são 15 minutos – pessoalmente é uma hora, uma hora e meia...

E: Ah é?

E9: Corpo presente é – a gente faz assim – o *heiq* a pessoa recebe aquela energia né...

E: Sim, sim. – A senhora fica concentrada só naquela pessoa...

E9: É! Eu gosto que a pessoa fique concentrada porque eu tenho que me concentra também né – o *heiq* a gente tem que concentra – e... O *heiq* não é nada espiritual nada só tipo assim – chinês...

E: Ah! (...) A...

E9: É! Isso aí...

E: Terapias orientais...

E9: Isso! Terapias orientais exatamente – pra isso nós temos o nosso mestre que na hora a gente chama pelo mestre né pra orientá a gente né da aquela força pra gente – mas eu tenho até o segundo – grau do *heiq*.

E: Ta! E aí – tem até segundo grau depois o que é mestre? A senhora falou?

E9: É! Depois é – depois é o mestre que (...) heiquianos.

E: Aham... – Ta! Então lá quando precisam *heiq* a, a senhora que é solici...

E9: É! Eles me pedem pra faze até a irmã (...) às vezes me pede pra faze *heiq* nela – porque eu sou assim aí eu acho que eu tenho uma... Uma... Um assim – assim negócio antigo – dizia das pessoas antigas eu não sei como eu podia fala...

E: Sim, sim...

E9: E eu benzo as pessoa e muitas coisa assim, não aprendi com ninguém.

E: Já ta na senhora é isso já...

E9: Já ta em mim – de olho grande de... (...) de tudo isso de afogado (...) e nunca aprendi com ninguém – de vermes para as criança também.

E: Sim...

E9: Eu tenho curado alguma criança de vermes – com problema de vermes – mas nunca aprendi com ninguém.

E: Ta! E isso a senhora que acha que é, é um dom que a senhora tem é uma força...

E9: É! Eu acho que sim – eu acho que é um dom uma força que me dá que na hora assim o que eu to rezando parece que – que me vem aquela força.

E: Uma energia – diferente.

E9: É! Uma energia – é diferente.

E: Aham... – Ham... – A senhora pensa um dia parar de se voluntária lá no, no Núcleo?

E9: Não.

E: Com essa distância toda cinqüenta e poucos quilômetro...

E9: Não... Só o dia que eu tive mesmo que eu não pude mais anda (risos) enquanto eu tive perna dá pra anda (risos).

E: Não pensa em aposenta então.

E9: Não, não, não penso em aposenta (risos) – porque 100 anos mesmo eu não vou chega né mas até chega mais um pouquinho eu vou fica lá (risos).

E: Que bom, que bom! – Olha se... Irmã, se a senhora – tem mais alguma coisa que gostaria de fala sobre – a senhora como voluntária sobre o – o valor que a senhora acha do – do voluntariado né mas alguma coisa que de repente que a senhora deixou de fala que gostaria de dizer – fique bem à vontade?

E9: Não, eu acho – a vontade é que a gente... Não sei, a hora que a gente sai de casa pra ir atendê uma pessoa pra gente atende uma pessoa acho que a gente já ta fazendo – aquilo tudo que a gente deixou de fazer antigamente né – porque quando a gente era nova a gente não fazia nada disso – nada, a gente não pensava em nada disso aí né – e agora a gente faz isso com a idade foi chegando e ta pensando em... Ajudá as pessoas – né se – útil às pessoas.

E: Sim.

E9: Então eu acho que é isso o voluntário é isso aí – é ajuda ao próximo.

E: Bom... Eu fico muito agradecido a senhora te colaborado com a minha pesquisa.

E9: Ta bom! Se não ta muito bom desculpa (...) – né eu não tenho grande estudo – né.

E: Mas eu acho que não é no estudo que se aprende essas coisas né.

E9: É! Exatamente né – eu não tenho grande estudo nunca andei assim em – em colégio grande – nada né, só o meu estudo foi até a quinta série.

E: Aham.

E9: E eu me sinto muito bem.

E: Que bom!

E9: Aqui (...) uma falha de, de palavras e tudo né, mas – fazer o que?

E: Mas o, mas o coração não nega né? (risos)

E9: Não, o coração não nega (risos) o coração ta sempre firme.

E: Então ta. Eu fico muito agradecido e que Deus lhe dê muita saúde pra continua (...) por bastante tempo lá, ta.

E9: Oh! Obrigada – obrigada, obrigada.

E: Obrigada!

E9: De nada.

Tempo total de gravação = 30min28seg

Entrevista 10

E10: Dados demográficos – Idade 44 anos, sexo feminino, casada, grau de escolaridade 2º grau incompleto, renda mensal familiar 1 a 5 salários, do lar e vendedora, reside a 28 km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo.

E: Você exerce alguma atividade profissional remunerada hoje – com salário?

E10: Sou revendedora de produtos por catálogo.

E: Ah sim.

E10: Tiro coisa mínima, mais mesmo pra gasto meu – de ônibus, de roupas, coisas assim pra não ter que ficar pedindo pro marido.

E: Você tá aqui como voluntária há quanto tempo?

E10: Já to aqui há uns dez anos – eu comecei – eu vim pra cá – assim – infelizmente pela dor, gostaria de ter vindo por amor só, mas vim pela dor assim. Perdi meu pai – em 88 – e – e ele, ele faleceu e daí eu não aceitava, não aceitava, achava que ele não precisava ter morrido e que podia assim – tinha muita gente que eu conhecia podia ter morrido e meu pai não! – e tal – e daí vim aqui, comecei – uma amiga minha – me indicou pra vir pra cá – diz que eu tava meio entrando em depressão – vim pra cá, assisti palestra – e quando a gente vem com problemas assim tu chega aqui – a palestra é pra ti – só pra ti – parece que o cara que ta dando a palestra foi lá investigar tua vida e veio fazer a palestra pra ti. Daí – fiquei fascinada! E comecei, continuei vindo – e aí depois – eu vinha todos os sábados – que daí quando a gente começa – entra como voluntário – a gente vem pra cá fica durante um ano assistindo palestras à tarde, que é estudo – e depois é convidado a fazer o – o retiro. E aí depois do retiro é convidado a trabalhar – se quer vem – senão não é obrigado a vim. E eu e meu marido fizemos isso durante um ano todos os sábados à tarde. Daí quando tinha – fiz o retiro dia 15 de novembro de 89 – de 89 não – de 98. Meu pai faleceu em 90 e – 98. E daí ele veio – daí eu fiz o retiro assim, já no outro ano vim trabalhar – comecei também pelo laboratório, com a irmã (...), daí de lá já fui pra farmácia – to na farmácia até hoje assim acho que – não consigo – já trabalhei, além da farmácia trabalhei aqui às segundas-feiras à tarde, trabalhei quintas-feiras a noite, trabalhei quartas-feiras a noite, também assim com os pacientes – trabalho hoje em dia nas sextas-feiras a noite e nas quartas a tarde, mas não consigo me ver fora da farmácia assim – adoro – não entendo nada da medicação que ta lá – sei que tem – tem calmantes, tem fito – assim sabe – alternativos – tem – tem vários tipos de medicação, mas não me pergunta a fórmula, não pergunta pra que, que eu não sei. Acho – que – no início achava que eu tinha que saber, saber, saber, mas depois a gente trabalhando a gente vê que é melhor não, porque assim – vai muito paciente – ah irmã porque to com uma dor aqui, porque – e a gente acaba se metendo – no que não é da minha conta – assim acho que aqui cada espaço tem um dos seu tratamento – cada (...), cada sala, cada tratamento é específico pra uma coisa. Penso que, claro, medicação lá é fundamental – que faz parte do tratamento – é indicado por gente que sabe. Então eu penso – se eu soubesse, de repente eu ia interferir – ou eu ia falar uma coisa que não era pra falar – então assim eu vou lá, quando a pessoa chega com a – com a receita – entrego o remédio, a gente tem controle, faço isso com muuuito amor, adoro vim, tenho quatro filhos, agora tenho um netinho de dois meses e meio, mas assim, é programado assim sabe, eu digo faz parte mesmo da minha rotina, faz parte da minha vida – essa vinda pra cá. Teve uma época assim – nós tínhamos mais dinheiro – a gente tinha – nós tínhamos duas lotéricas, a gente era bem de vida, eu tinha meu carro, meu marido tinha o dele, era bem mais fácil. Depois teve um problema – caiu o muro – perdemos tudo – carro, casa, tudo assim – e aí ficamos sem sem ter condições. Aí eu comecei a vender eh – de millus por catálogo, pra poder tirar dinheiro pra mim vim, pra não ter que desfalcar em casa (...) Recomecei, continuei vindo, assim – diminuí – eu vinha segunda, vinha às terças pra escola de mediuns e vinha as quartas-feiras – eu só não vinha sábado, domingo – e – assim + sentia falta ainda de vim – e aí eu comecei depois assim – eu acho que de repente isso tudo – a gente tem que ter um freio às vezes – eu acho as vezes eu penso assim hoje em dia não é castigo, não, não vejo por esse lado, mas penso assim que de repente precisou acontecer isso – pra mim enxergar, pra mim saber – que não é – isso aqui não era a minha vida – gosto, adoro, não sinto falta – falta assim de – outras coisas – deixar às vezes assim – já deixei de ir em festas – de

alguém da família, de – de outros lugares, pra vim às sextas-feiras à noite aqui, pra vim às quartas-feiras à tarde – adoro, adoro, adoro, vim assim – venho – quando entro no portão esqueço – esqueço família, esqueço tudo. Tô aqui dentro, tô aqui dentro, eu trabalho, faço meu trabalho com muita vontade, vou embora – em casa continua a minha vida normal assim, mas eu não sei, não consigo explicar porque que eu venho + talvez assim, eu penso que eu venha e que eu faço isso com muito carinho porque quando eu precisei eu fui atendida com esse carinho.

E: Sim.

E10: Quando eu vim a primeira vez assim que eu vim pra fazer o tratamento, eu – eu confundia muito espiritismo com macumba, com sabe assim – pra mim o espiritismo era coisa meia – era perigoso sabe – era assim – era estranho.

E: Sim.

E10: Quando eu vim – cheguei aqui fui atendida com muito amor assim, com muito carinho e assim – não se paga nada – e eu achava assim qualquer hora, em qualquer lugar, eles vão me levar numa sala e vão me cobrar! Porque – tava recebendo...

E: Tem custos né.

E10: Sim. E assim, durante todo o tratamento eu fiz e – não me fizeram essa pergunta. Quando eu fiz a pergunta: “O que que eu tinha que pagar?” Eles disseram que nada. Não tem que pagar nada. Só tem que aproveitar o tratamento, fazer o tratamento direitinho, vai pra casa, continua, faz medicação, faz o repouso – e aí assim fiquei maravilhada! Eu disse então assim é o tipo da coisa que quando a gente recebe é aquela coisa assim faz pros outros o que tu quer que faz pra ti. Então se tu é bem recebido, tu não vai tratar ninguém a pontapé quando alguém te trata de abraço e beijo.

E: Uhum... uhum...

E10: E eu acho que é por isso e assim – adoro isso aqui pra mim é (...) é o segundo lar, é a minha família, adoro, adoro, não consigo ver de outro jeito.

E: Beleza. E assim a tua crença religiosa?

E10: Eu era católica – de nascença assim – minha mãe, minha avó era beata, morreu faz uns dois anos que morreu com 95 anos, assim – era uma beata fervorosa, ela foi professora de – de eucaristia assim desde os quinze anos até quase oitenta e poucos anos que afastaram ela porque ela queria ensinar do jeito que ela aprendeu né – e evolui né?

E: Sim.

E10: Mas assim todos respeitavam ela, todos – e assim eu fui também criada assim eu tenho – fui batizada, fiz primeira comunhão, fiz crisma, meus filhos foram batizados, foram crismados – e fizeram primeira comunhão – e assim – sempre foi – eu deixei de ser (católica) quando perdi meu pai – porque assim pra mim a igreja, a (...), o catolicismo era coisa – fazia parte da minha vida também.

E: Sim.

E10: Só que quando eu perdi meu pai eu fui conversar com com o padre e o padre disse assim – (...!) cada um tem a sua hora de nascer, de morrer – ele morreu, deu, acabou, então pra ti não pode ser assim – então, a pessoa que a vida inteira – meu pai faleceu com 69 anos – assim eu penso...

E: Faleceu muito novo...

E10: Sim! Aí eu disse: Meu Deus! Não é possível assim que um cara – ele era uma pessoa boa – não era nenhum Santo, tinha todos os pecados, como todos nós temos, mas eu disse ele era um bom pai (choro) – uma pessoa boa, pessoa de uma família de nove irmãos assim – todos se davam bem – era uma família boa – e aí eu

disse não pode ser isso. E aí quando eu vim pra cá – e aí um dia eu assisti uma palestra, boa palestra, eu conversei com o palestrante que é o irmão (..) – e aí eu perguntei por que o – por que o meu pai? Assim – o meu sogro na época, era vivo também, morreu um ano depois, assim meu sogro era alcoólatra – meu marido com cinco anos vivia escondia escondendo arma pra ele no meio do mato enquanto ele tava no bar bebendo porque se desse briga ele precisava se defender. Eu dizia: Por que meu pai morreu e meu sogro não? + Aí ele disse assim: Porque cada um tem uma missão. Teu pai veio, cumpriu a missão dele, mas a vida dele continua! Então assim – algum dia – tu vai encontrar ele porque ele vai ta lá, trabalhando, vai ta continuando a vida dele, mas aqui na terra a missão dele acabou!

E: Uhum...

E10: E aí eu disse: É isso que eu quero que alguém pergunta e alguém explique, sabe? Mas daí eu pensava não, não é possível tudo o que aprendi durante 37 anos não aconteça. Daí voltei lá – disse vou lá – ver – fui de volta pra igreja e quando cheguei lá assisti a missa – o padre pega um folheto e ele lê e você tem que responder o que ta escrito – e eu pensei: E daí? A gente fica brincando de vivo e morto! Senta e levanta, senta e levanta – e responde o que ta escrito ali.

E: Uhum...

E10: Eu disse: Não quero mais isso, e vim pra cá – tava na época com 34 anos – quando eu comecei, quando vim pra cá. Aí com 37 anos – aí fiquei durante um tempo assim vindo – depois fui na – assisti as – as palestras e aí – daí eu disse pra mãe: Eu vou ser, vou ser espírita! + Aí todo mundo assim porque a minha mãe tem uma mediunidade muito forte. O pai dela era espírita. Só que assim – oh – a mãe tem 76 anos – não ta com 70 e – é 76 anos eu acho – e aí ela diz assim: Na época que (...) era criança eles não podiam se envolver com criança nenhuma porque ninguém queria porque o pai deles era um demônio, porque era espírita – naquela época – então – ele tinha mediunidade, ele – sabe? Via – aí assim, eles eram tratados meio assim oh, não era isso que ela queria pra gente, então ela escondeu isso a vida inteira da gente – ela só falou o porque quando eu disse que queria ser espírita. Eu disse: Mãe, mas eu vou lá e eu sinto bem, é bom, vamo junto! Não eu não vou, eu não vou – e ela morre de medo assim – ela leva tombos assim, ela tem uma bola de – de água – líquido no joelho de tanto tombo que ela leva! E vai no medido e aí faz eles tiram daqui a pouco volta de novo e aí já falaram pra ela que ela tem uma mediunidade muito forte, que ela tem que desenvolver. Ela leva tombos e assim – ela diz que alguém empurra ela – é esse tipo de coisa só que ela não quer, ela tem medo. Quando eu falei e todo mundo ficou ah mas – eu disse não eu vou! Aí sentei – eu e meu marido, eu – na época a gente trazia as crianças pra assisti palestra e tudo – a minha filha mais velha tinha na época – acho – ela ta com 23 anos, ela tinha uns 12 anos – daí a gente trazia ela, trazia as outras, já tinha a mais moça ta aí com 12 anos ela tinha um ano e pouco quando a gente começou a vim – e aí eu disse: Eu vou ser espírita. O pai falou a mesma coisa: Se vocês – se quiserem continuar católicos vão – vão seguir...

E: E aí você tomou tua decisão...

E10: Cada um a sua assim – eu quero isso pra mim, mas não vou – não posso obrigar nenhum deles a ser o que eu sou...

E: Exato...

E10: O que eu quero ser... Eu disse então, vamos deixar assim – vocês quiserem ir vão – digo então – de vez em quando eles vêm tomam um passe...

E: Fica... deixa bem à vontade...

E10: Já fizeram tratamentos eh – mas assim – só que meus irmãos assim – todo mundo é – uma vez uma de minhas irmã disse pra mim: Tu é louca, tu vai ser espírita! Vou ser espírita. Vou ser porque eu preciso (...) fui lá...

E: É uma necessidade pra você...

E10: Eu disse é! Aí eu falei contei pra ela que eu estava em tratamento, que eu tive aqui – na época eu vinha – eu vinha uma vez assim um irmão, (..), faz – toda quarta, todo sábado, quando ele encerra – os trabalhos dele ele faz a gente faz uma viagem – assim pro mundo espiritual, né? A gente vai visitar colônias espirituais. E uma vez ele fez isso e eu vi assim, eu saí do meu corpo, eu vi o meu corpo no banco, assim tipo um saco de papel vazio – amontoado assim – e eu fui no hospital, eu visitei meu pai (choro). A gente saiu e aí assim (...) vai induzindo e a gente vai né. E eu entrei numa sala – tinha uma sala pequena, tinha maca, cadeira branca, tinha alguém sentado – de branco sentado nessa cadeira – e meu pai tava deitado! E daí quando eu entrei ele falou: Olha ali a Lila aqui. Eu disse: Vim visitar o pai. Daí diz ele assim: Ah, o pai ta bem! Aqui é tão bom! To sendo bem tratado, to feliz!

E: Uhum... Uhum...

E10: Daí dei um beijo nele e saí! Então assim...

E: Isso deve ter te feito um bem!

E10: Sim! Porque sabe aquela coisa assim de (...) que não podia, não podia ter morrido depois tu vê assim, sabe?

E: Que a pessoa ta bem...

E10: Sim! Aí assim – quando eu contei – essa história em casa – pra minha mãe, pra meus irmãos, então assim (choro) – eles começaram a entender que eu tava – tava bem tava, sabe? Aí às vezes eu convido a mãe ela diz: Não, não vou porque – a mãe ela não – ela tem muito medo. + Eu disse: Mãe vamo lá então? A senhora vai lá, faz um tratamento! Não, não vou. Porque não... Ela diz pra mim que uma hora ela vem, mas ela não quer vim agora. Aí agora semana passada, eu cheguei lá ela disse pra mim que um dos irmãos mais moço dela ta com problema sério, que fizeram macumba sei lá, fizeram trabalho pra ele – daí ela pediu assim pra mim (...) pra fazer um tratamento à distância pra ele, o que que eu podia ter feito pra ele aqui porque ele queria vim, mas ele mora em Santos, ele não pode vim agora...

E: Sei...

E10: Eu disse: Ele se trata lá mãe. Lá deve ter outros – outros centros né – lá ele pode se tratar. Daí ela – ah então ta. Daí agora essa semana eu passei pra ele assim – pela internet passei site, telefone tudo pra ele entrar em contato ela diz que ele tava maravilhado – ele já veio aqui uma vez – ele conheceu, adorou, então ele disse que o ano que vem ele vem fazer. Então assim – eles aceitam, hoje em dia, não tive problema depois com isso, eles aceitam, só que assim – eles aceitam mas eles meio que tem esse medo que eu tinha...

E: Mas eles, eles tem mais dificuldade de aceitar você como espírita ou a questão de tua família aceitar você sendo voluntária?

E10: Não eles assim, eu acho que eles mais têm dificuldade de me aceitar como voluntária do que como espírita. Porque assim eh – eles sabem que a gente não tem – eu não tenho dinheiro sobrando, meu marido não tem assim, a gente tem contas atrasadas, embola tudo, sabe? A gente vive assim – tudo embolado. Só que assim, o que eles não aceitam é que eu gaste dinheiro, porque eu gasto por mês hoje em dia acho – uma base de R\$ 60,00 a R\$ 80,00 pra mim todo mês pra cá. Entre ônibus e roupas e tudo – roupa eu compro pouca porque é o jaleco, a calça, camiseta...

E: Não precisa muita coisa...

E10: É não, não precisa luxo nenhum. Só que assim – eles sabem que eu gasto. Então, eles não aceitam que eu deixe de comprar uma coisa assim, uma blusa, ou que eu deixe de pagar, sabe? Ajudar, fazer alguma coisa em casa – pra vim pra cá! Então se eu venho porque pra mim isso faz bem...

E: Faz bem... O teu marido ele também é voluntário?

E10: Ele é voluntário...

E: Também...

E10: Ele tá aí hoje. Sextas feiras ele vem – ele só pode vim às sextas à noite. Então ele sai do serviço, ele trabalha aqui no Roçado, ele vai em casa, lá no Morro Verde, volta, chega em casa toma banho, eh e aí a gente volta assim – vem eu ele e um amigo que somos todos da mesma época – a gente vem às sextas feiras e às terças feiras de noite que tem escola de mediuns assim, que também nossa! Assim – pra mim – são coisas que a gente vai tirando...

E: Então tu vem na escola nas terças...

E10: Venho na escola...

E: Vem na quarta...

E10: Na quarta...

E: E na sexta à noite...

E10: Sexta feira a noite é.

E: Sexta a noite daí é o atendimento...

E10: Sim...

E: Os passes...

E10: É. E assim não – não consigo, às vezes penso assim, já aconteceu agora que minha filha quando tava pra ganhar neném eu fiquei quase dois meses sem vim. E assim eu tava agoniada pra poder voltar. E não deixava ela porque ela tava – primeiro nos quinze últimos dias de gravidez tava preocupada dela ficar sozinha ela tem bronquite – então eu ficava com ela em casa. E depois quando o neném nasceu eu fiquei até um meisinho dele. Então eu fiquei quase dois meses em casa – foram oito semanas, seis semanas – eu fiquei assim louca pra vim pra cá! Sabe assim – o dia que eu vim eu me libertei.

E: Você sente necessidade de estar aqui...

E10: Sinto, sinto necessidade, sinto falta de tá aqui! Não assim porque eu venho pra cá e vou escapar de algum – problema eu tenho, sei que quando saio daqui eu volto problema tem – tá lá pra resolver.

E: Sim.

E10: Não é por isso assim, mas é porque eu gosto, eu sinto falta, eu gosto de – tenho prazer de assim entregar remédio pras pessoas e ver que as pessoas tão bem! Que faz bem pra elas assim sabe – é muito gratificante, é muito bom, não tem explicação. Só vindo, só indo ser voluntário pra ter noção do que que é.

E: Mas, hoje – o motivo porque você veio ficou bem claro – foi a perda de teu pai...

E10: Foi.

E: Hoje você tá vindo aqui pode ser porque você assumiu a religião espírita...

E10: Ah sim.

E: Mas, além disso, isso aqui te faz bem, você encontra as pessoas...

E10: Sim. Encontro pessoas, tenho muitos amigos assim...

E: Mas tem mais algum motivo, assim, você tá aprendendo com isso ou – o que que te faz vir mesmo?

E10: Ah sim, a gente aprende. Aprende assim – a gente aprende que – às vezes a gente quanto mais tem mais tu quer e – nada satisfaz. É que nem eu te falei assim

no início – eu tinha, teve meu carro, meu marido teve o dele a gente tinha lotérica, meus filhos (...) pra escolas particulares...

E: Sim.

E10: Eu tinha empregada, sabe? Eu tinha tudo. Hoje em dia não tenho! Meus filhos estudam em colégio público, o meu marido anda com um carro que é da firma que ele trabalha, eu não tenho empregada, eu tenho que ir a luta, tenho que fazer, e eu não sinto falta disso – de ter as coisas – então assim às vezes a mãe diz pra mim que – ela acha que eu tenho algum problema – que ela diz assim: Não é possível que não te tenha te caído a ficha – porque perdeu tudo! Eu disse: Não perdi tudo – eu acho que eu ganhei tudo – porque eu tinha – eu não tinha nada assim – eu tinha tinha queria ter queria ter e tinha...

E: Tinha bens materiais...

E10: Sim. E não tinha assim – eu tinha tudo o que eu podia ter que o dinheiro comprasse porque eu tinha – assim nós tivemos um – um carro importado. Meu marido tinha um carro, um carro importado – eu dirigia aquele carro e dizia pra ele que eu ficava com vergonha – dela, dos meus irmãos porque tenho uma irmã que é mui... assim – todas eu me dou muito bem com elas, mas eu tenho uma que é dois anos mais – três anos mais nova do que eu – o filho dela mais velho eu que batizei, mas ela sempre – sempre foi à luta sempre (...) sempre – ela faz faxina, ela é diarista, o marido dela é – é vigilante – sempre batalhando batalhando assim, então às vezes eu comprava as coisas, dizia que eu comprava pra mim, pra dar pra ela, pra ela não ficar chateada de eu comprar e dar e dizer que comprei e não gostei – sabe assim – pra ajudar ela, mas eu tinha vergonha de quando eu comprava alguma coisa porque eu sabia que pra eles era uma dificuldade, pra mim era fácil. Eu tinha essa vergonha de ter e – de poder ter as coisas. Hoje em dia não tenho assim, me sinto muito bem – sabe assim não sinto falta de ter as coisas que eu tinha antigamente, não sinto – e gosto de vim aqui, sinto prazer em vim e ajudar porque sei que as pessoas que vêm em busca – vêm assim em busca de uma saúde – de sabe – de uma coisa que não é um bem material, elas não vêm aqui buscar alguma coisa que querem ter em casa. Vem atrás de ajuda, vem atrás de – vêm pessoas lá na farmácia buscar um copinho, um vidrinho com água – só pra conversar – então às vezes chega lá – aí e conta o tratamento que fez, o que que tinha, o que que sentia, o que que sente sabe assim – só falta de ter alguém pra conversar...

E: Falta de atenção...

E10: E isso faz bem quando a gente dá o ouvido – assim tu empresta teu ouvido – e tu sabe que a pessoa queria aquilo – só.

E: Uhum...

E10: Sabe? Então assim – e esse tipo de coisa que hoje em dia eu penso que – a gente não tem muita noção – até que tenha – assim o envolvimento. Então quando vim pra cá comecei trabalhar – hoje em dia eu penso assim – no início – teve épocas que eu vinha trabalhar e às vezes eu pensava assim – eu não conseguia descobrir o que eu estava querendo – então eu trabalhava na farmácia – trabalhei em outros lugares assim e – gostava! Fiz câmara, fiz passe, fiz eh do – fiz o imã – gostava, só que não era – era bom de fazer – fazia também com vontade porque gostava do que tava fazendo – mas a farmácia pra mim é o cantinho que eu vinha ali...

E: Você gosta mesmo – daquele trabalho...

E10: Gosto – meu padrinho diz que é porque eu falo pelos cotovelos – ele diz que (...) todo mundo quietinho (...) por isso. De repente até seja. Mas assim, é um lugar, é gostoso de ver as pessoas vim buscar a medicação – e de contar que aquele vidrinho de água, que é só uma água benzida, uma água benta – fez um milagre pra

vida dela! Assim sabe – a fé que as pessoas ainda têm, graças a Deus. Porque tu vê assim pessoas – tem uma senhorinha que vem ali buscar o remedinho, que chega ali – quase morta e então eu digo pra ela: Se chegar aqui chorando daí não ganha. Daí ela já começa rir, então (...) – isso já é bom! Sabe? Às vezes eu digo assim – chego em casa digo: Meu Deus! Aí é tão fácil, sabe – de entender porque que tem pessoas assim que não tem nada! Tu vai assim numa favela vê uma família pobre que tem que brigar pra ter a comida todo dia e é feliz – e aí tem gente que diz que não entende porque que pobre é fe...é vive rindo! São pessoas felizes assim – que o mínimo ta jóia! E é isso que é bom...

E: Não precisa ter tanta coisa...

E10: Sim!

E: Irmã, antes de ser voluntária, você trabalhou em outro lugar como voluntária ou nunca – foi a primeira vez aqui?

E10: Foi a primeira vez assim – aqui foi a primeira. A primeira vez que trabalhei em alguma coisa assim – eu já tive em grupos de jovens – quando eu era – quinze, dezesseis anos – a gente fazia coisas tipo final de – Natal, fazia festas do dia das crianças, fazia coisas, mas assim nunca trabalhei como voluntária em lugar nenhum.

E: Assim com compromisso não.

E10: Não. Não, nunca assim – foi (...) voluntariado de ter um compromisso que eu – eu quis pra mim assim eu – sabe – é um compromisso, eu digo assim então eu sempre começo bem depois que começam as aulas – que é pra deixar tudo organizado a aula das crianças – os horários deles tudo – pra depois eu não precisar faltar.

E: Uhum...

E10: Mas venho – gosto muito.

E: Alguém da tua família, parente, cunhado, irmão – que tenha trabalhado como voluntário?

E10: Não conheço.

E: Não.

E10: Não tem. Não que eu saiba.

E: Então, realmente foi você o princípio (...) trabalho aqui no Núcleo...

E10: É sim, não tem...

E: Como é que você tomou conhecimento do – do Núcleo?

E10: É assim – eu tenho uma amiga minha, Marina, que ela hoje em dia assim – nossa! Acho assim o dia que tu resolver fazer um trabalho – ela é a pessoa assim – ela tem lá no Ratores um – ela abriu um asilo lá dos idosos – cantinho dos idosos – e ela tem um salão de – de cabeleireiro – e ela é minha amiga então fui cortar o cabelo, sempre lá, sempre ia conversava com ela e ela sempre – falava pra gente: Oh vão lá e – quando teve todos os problemas que começou esses problemas da – o meu marido teve – um assim – teve um – um caso, não sei nem se caso – um namorinho com uma funcionária nossa da (emoção) – da lotérica – e aí ela disse pra mim assim – que eu precisava – a gente precisava conversar assim porque nossos – na verdade assim eu acho que o dinheiro pra mim e pra ele fez muito mal. Porque a gente tinha dinheiro, a gente era bem de vida, então assim – nós dois queríamos a mesma coisa – (...) queria família, tudo, mas cada um tava indo prum lado. Então assim, a parte da – ficou meio assim – a parte da família dele – competia em pagar conta, em sustentar, pagar colégio, botar dinheiro em casa. O meu era cuidar dos filhos. Então a gente tava indo pra – caminhos – separados assim...

E: Separados...

E10: E ela – ela pescou isso. Daí ela disse pra mim: Olha, conversa com ele, vão num centro espírita, vão lá – vão assistir as palestras. Eu disse: Mas a gente vai na igreja. Não, vão lá, vão lá. E a gente nunca – nunca veio. + Aí – quando meu pai faleceu – comecei a vim assistir aí a gente assistia palestra no centro espírita lá no centro, atrás da escola técnica, eu acho. Aí ela disse pra mim: Vamo no Núcleo – ela já conhecia aqui. Ela disse: Vamo lá no Núcleo. Eu disse: Ah, é muito longe! E daí a gente acabou vindo – a gente vinha às quintas feiras à noite porque daí tinha algodão tudo e a gente vinha. Aí a gente começou a vim com ela. Quando eu vim a primeira vez assim – nossa! Fiquei fascinada. Porque quando a gente entra assim – era lá embaixo a palestra – subia a rampa e vinha tomar passe aqui. Quando a gente entra e dá de cara com esse Cristo – não tem noção assim – da primeira vez a gente não – não tem, não tem explicação! Aí eu disse: Meu Deus! Isso era muito bom! E aí eu comecei a sentir falta de vim – sempre eu queria vim todo – todo dia à noite eu queria vim – (...) – a gente continuou vindo sempre às quintas – depois eu e o meu marido começamos vim aos sábados – mas assim – ela que – que indicou pra gente pra vim pra cá – então ela disse: Vão vão no Núcleo que lá é muito bom é mito bom! Porque – e ela sabia que a gente precisava de ajuda – mais espiritual porque o que era de material a gente tinha...

E: Tinha...

E10: Então ela disse – e aí ela começou a – a conduzir a gente pra cá. E hoje em dia eu digo: Meu Deus! Adoro – pra mim a Marina é a pessoa muito...

E: Ela te mostrou um caminho...

E10: Ahã.

E: Irmã, como é o relacionamento entre vocês voluntários aqui no...

E10: É de irmão mesmo, assim – aquele relacionamento assim que tu chega aqui – é a grande família.

E: Uhum...

E10: Eu sinto assim. Eu digo que – quando eu entro no portão eu me sinto como se me estendessem um tapete pra mim entrar.

E: Uhum...

E10: De bom que é. E o relacionamento da gente entre – entre os outros que trabalham – pra mim aqui realmente é uma irmandade. Não tem noção assim – tu vê uma pessoa – nunca viu na vida e de repente tu achar que aquela pessoa faz parte de uma família tua, né? Pra mim – é assim que eu vejo. E é assim, sabe? Não tem aquela coisa de ai tu sabe (...)

E: Alguma intriga ou coisa assim?

E10: Não, não, não tem. Durante todos esses anos que eu trabalho aqui nunca teve esse problema.

E: Assim, no teu (...) que está aqui há dez anos, o que você acha que esse ambiente é tão bom, tão amigo – qual é o motivo disso?

E10: Eu acho que porque não tem essa coisa de tu vim aqui de tu ter que pagar nada e nem ninguém te pagar.

E: Uhum...

E10: Eu acho que o motivo é esse assim porque – não vem aqui assim ah eu vou lá porque eu vou trabalhar e vou ser bem pago – claro tem tem os funcionários que são pagos pra (...) precisa deles, mas assim – quem vem pra cá pra trabalhar aqui de voluntário, tu sabe que tu bem – tu vem de coração. Então tu vai fazer o que te faz bem, o que é bom pra ti fazer. Não porque tem que – nem – eu não penso assim pelo menos de vim aqui fazer pra alguém saber que to fazendo. Então venho e faço, vou embora e pronto. E teve assim no início eu tinha – não era vergonha, eu tinha

receio de – de que as pessoas soubessem que eu tava aqui – não por medo nem vergonha – mas pela cobrança – sabe assim porque – eu sei lá, eu penso assim que tem gente que confunde muito – porque eu sou o tipo de pessoa – assim sou o tipo de oh onde tem uma festa sabe eu chego eu alardeio todo mundo, eu bagunço, faço bagunça com todo mundo. No Início quando eu vim, o meu marido me cobrava muito isso – dizia ah porque tu vai lá tu és toda quietinha e tu faz coisa e aqui fora tu bagunça. Digo: Aqui fora sou eu! Lá eu sou a voluntária – tô trabalhando, vou lá pra trabalhar não vou lá pra fazer festa. Então venho pra cá, eu trabalho, eu brinco tudo, mas tudo muito – e lá fora não – com os meus amigos, com a minha família eu sou a pessoa que eu sempre fui – eu não saio – fazendo aberrações nenhuma, de tipo nenhum assim, mas faço muita bagunça, gosto de contar história, gosto de cantar, gosto de bagunça mesmo. E no início eu tinha meio receio porque eu pensava assim: se o meu marido, que me conhece – que a gente trabalha – fazia a mesma coisa – me fazer esse tipo de questionamento! Eu pensava, e daí? As pessoas que vão me ver – vão pensar ah ela trabalha e quando sai – sai zoando – sabe? E aí pensava – não era isso que eu queria – não pra mim assim – pela minha pessoa, porque eu sou – eu sempre fui assim e ensino isso pros meus filhos sempre falo: A gente não tem que ser o que o outro quer que seja! Tem que ser tu! As pessoas vão gostar de ti vão gostar do jeito que tu é! Se tu canta, se tu dança, se – o que – do jeito que tu é as pessoas que tã na tua volta, os teus amigos tem que te conhecer assim. A gente não vai poder a vida inteira viver fingindo que é uma pessoa se não é.

E: Precisa ser autêntica, né?

E10: Sim. Eu digo só que se a gente, claro, se tu vai num velório tu vai lá pra rezar, tu vai pra pra dar, pra ajudar, pra conversar não pra ir cantar. Mesma coisa num aniversário tu vai lá tu vai pra brincar, se divertir, não vai pra chorar.

E: Uhum...

E10: Tem esse tipo de diferença. E eu fazia isso. Depois eu comecei a perceber pensei assim e daí (...) sabe assim. Se me verem e vier me perguntar ah como é que é lá? Então fiz muito isso. Às vezes pessoas no ônibus – sentavam ao meu lado e a gente – eu antes eu não vinha toda de branco, saía de casa de calça jeans, de – outra blusa, chegava aqui e trocava. Daí depois comecei já saio de casa toda – vestida de branco. E daí as pessoas perguntam: Você é médica? E – ta estudando medicina? Não. To indo trabalhar no Núcleo Espírita Nosso Lar. Aí quando as pessoas perguntam, se eu sei responder, que nem perguntam: Ah como é que é feito esse tratamento, então explico pra vim às segundas feiras – fazer a triagem – pra conversar – e quando eu não sei eu – ou eu dou o site do Núcleo, ou dou o telefone e digo: Liga e entra em contato que eles vão explicar tudo o que precisa fazer. Então assim, no início eu tinha medo assim – um receio – de que as pessoas soubessem era por isso, era por medo de não saber dar informação...

E: Sim...

E10: Porque assim, eu venho – eu sei que a gente tem que saber – tenho que saber como é que funciona as coisas pra poder ter noção do que que é – mas assim eu tenho muito receio de dar informações – e passar informação errada – ou às vezes falar uma coisa e a pessoa entender outra...

E: Isso...

E10: Porque hoje em dia aqui ainda tem gente que vem e – diz que não acredita que isso aqui é tudo de graça. Então eu digo: É de graça porque eu trabalho lá e eu sei que é! Aí eu falo: Eu trabalho na farmácia – se tu ir lá na farmácia e pegar um vidro de remédio e alguém te cobrar um centavo, passa na Secretaria e diz que pagou um

centavo e quem te cobrou – porque a pessoa não vai mais trabalhar lá – porque não é assim que funciona. Foi isso que eu escutei quando eu vim trabalhar aqui. Aqui não se paga um centavo pra nada! E se pagar, vai na Secretaria e fala, pede pra falar com o dirigente, fala pra alguém porque não é pra cobrar.

E: É assim que funciona...

E10: Sim é assim que funciona.

E: O teu trabalho voluntário te dá mais prazer ou você sente que isso é também uma obrigação?

E10: Não. Mais prazer – assim não me sinto obrigada – não que eu não deva fazer – que eu não – não seja, sabe? Que eu não tenha – nenhum problema – que eu não tenha que – não é de pagar, mas eu digo assim que – eu não tenha nenhum pecado – que seja santa, não é. Mas eu venho assim porque me dá muito prazer em fazer esse trabalho – assim – satisfação de ver as pessoas bem pela coisa que você está fazendo que não te custa nada! Não é por nada que eu – assim eu venha aqui, eu entrego os remédios, mas eu não pago pelos remédios – claro que a gente ajuda, tem voluntário, tem pessoas que fazem doações – a gente sabe que é doações, mas assim isso não me custa nada.

E: Uhum...

E10: Então pra mim é só prazer assim...

E: Prazer...

E10: Eu sinto prazer em vim fazer isso.

E: Aí você se sente útil e você acha que o teu trabalho é muito útil pras pessoas...

E10: Me sinto muito útil. Sei que é porque assim já teve – aconteceu esse ano agora até perto de final de ano – quando a – essa história da minha filha – que eu saí uma quarta-feira e eu avisei pro irmão (..) – eu disse pra ele: Olha eu tô te avisando, tô indo embora, já fechei a farmácia – fui lá na na salinha dele, falei pra ele: Eu tô indo embora e eu semana que vem eu não venho, eu vou faltar umas cinco ou seis semanas – até que a Vanessa ganhe neném e saia do resguardo. Aí ele disse assim: Ah ta tudo bem. Daí eu disse: Ah vou falar pra irmã (..). Ele disse: Não precisa, deixe que eu aviso. E ele esqueceu! E daí na quarta-feira seguinte eu não vim – e quando ele chegou aí deu duas horas e começou chegar pessoal e aí não tinha farmácia, não tava aberta. Diz que deu maior muvuca porque não tinha quem abrisse. A menina que veio – aquela que tava comigo – ela veio, tava fechada e ela foi embora – porque ela sozinha tem medo, ela não dá conta assim, ela não ta acostumada. E daí assim, o meu marido veio fazer tratamento, tinha consulta com irmão (..), diz que chegou e ele tava louco – e aí ele ligou pra irmã (..). Ela disse: Não, se a Dalila não veio é porque teve algum problema – ela não deixa de vir e avisar quando ela não vem! Porque sempre assim – se a semana que vem eu não posso vim – eu ligo pelo menos uns dois ou três dias antes, assim no máximo na segunda-feira eu ligo pra ela e aviso – porque eu sei que ela precisa de se organizar.

E: Se alguém...

E10: Ela fica – geralmente é ela que fica quando – porque ela trabalha nas quartas de manhã – quando eu não venho ela fica – mas daí ela se programa porque ela sabe que ela tem que fechar, ir almoçar e voltar.

E: Uhum...

E10: Senão ela sabe que eu venho. Então, às vezes assim eu sei que é, não é que eu seja insubstituível, mas eu sei que o meu serviço, o meu trabalho, são duas horas e meia que eu fico – mas eu sei que faz falta, se eu não vier. Eu tenho programação assim, não falei nada pra ninguém assim porque eu tenho programação de vim às

quartas e ao invés de fechar às quatro e meia só fechar às seis – porque eu sei que tem gente que vem do serviço e fica depois aqui até às oito horas. Chega aí às seis horas e espera até às oito pra pegar o remédio que é quando abre a farmácia de novo.

E: Uhum...

E10: E aí quando não venho, assim se eu não posso vim, eu fico preocupada – porque eu sei que tem gente que vai vim e não vai ter quem dê o remédio porque são só aqueles dias, segundas e quartas só que abre.

E: São só dois dias, né?

E10: Eu falei uma vez até pra irmã (..) – eu disse pra ela assim: Se eu tivesse condições eu viria todo dia, eu adoro, eu viria porque – assim a idéia do irmão (..) é abrir a farmácia todos os dias da semana. E por mim eu viria só que não tenho condições financeiras...

E: Sim...

E10: Sabe? À tarde, eu tenho todas as tardes – eu não trabalho fora – meu trabalho é venda – mas onde eu vou eu levo a minha bolsa eu vendo aqui eu vendo até pra – pra minhas amigas que trabalham também – mas assim não venho mais vezes porque não tenho condições financeiras, senão eu viria...

E: Estaria aqui mais vezes...

E10: Com certeza viria.

E: Eu vi que alguns grupos de trabalho aqui fazem uma oração, uma abertura e depois fazem encerramento.

E10: Sim.

E: Você ali na farmácia, você participa de...

E10: Participo aqui quando eu – antes eu esperava a abertura que começa às duas horas tem abertura. Como às duas horas eu tenho que abrir a farmácia – hoje em dia eu venho, quando chego vou ali tomo o passe, faço a oração e daí eu subo. Já vou pra farmácia – quinze pras duas – sempre antes disso eu abro a farmácia – eu já tô lá. Mas antes a gente esperava a abertura.

E: Uhum...

E10: É feito assim bem...

E: Você não participa por causa do teu horário.

E10: Não participo porque a abertura é às duas horas e às duas horas a farmácia já tem que ta aberta.

E: Uhum. Tá. Irmã, aqui – o trabalho que vocês fazem – ele é reconhecido pelos superiores, pelos colegas...

E10: Sim.

E: Tem elogio, alguma coisa assim?

E10: Não, assim não, não. É o tipo da coisa assim – às vezes eu brinco com a – com o pessoal da quarta-feira que eu fico excluída lá na farmácia que ninguém vai lá me ver né, só passam lá na frente. Mas assim não tem essa coisa – claro que todo o trabalho é reconhecido é que nem te falei – se fecha a farmácia não adianta fazer remédio.

E: Exato.

E10: Se fecha o laboratório não adianta farmácia aberta, então assim cada cantinho, cada grupo de trabalho tem o seu reconhecimento, só que assim não é coisa tipo do irmão (..) ir sabe assim, ele ta aí e fala: Ah que bom, tu veio, parabéns! Não! Eu faço – eu sei que tô fazendo a minha parte – e faço! Sei que a minha parte que eu tô fazendo ta sendo bem feita porque eu venho e faço com carinho – e é reconhecido porque vêm os pacientes – os pacientes sentem falta quando vem ali buscar uma

água e a farmácia não ta aberta, quando vem buscar o remédio não tem quem entregue – sabe assim – mas não é por isso que eu venho – não – sabe assim vou lá porque alguém vai saber que eu tô. Eu venho porque eu sei que faz parte do tratamento, precisa do remédio então tem que ter alguém pra entregar – eu venho e faço isso, mas eu sei que cada – cada grupo de trabalho tem – seu valor porque – depende de um tratamento pro outro então...

E: Exatamente. Tá. Ah, irmã, você tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre teu voluntariado, a importância que o voluntariado – o que você enxerga assim no voluntariado, alguma coisa assim que você gostaria de acrescentar...

E10: Olha o que eu tenho que acrescentar assim eu acho que, graças a Deus a gente vive num mundo que ainda tem quem se importe com o outro. Um exemplo mara – assim que a gente tá tendo – assim bem recente é essa história da – desse desabamento com a chuva assim – todo do mundo inteiro, o Brasil inteiro – se preocupando com isso. Então eu sempre digo assim: Agradeço muito a Deus de ter nascido num país que eu nasci por isso – porque se tu – assim se tu ta numa região assim, numa rua, num bairro, que tu é bom, tu é uma pessoa, não precisa tu sair fazendo agradando todo mundo, mas ser um vizinho bom. Eu sempre escutei a minha mãe dizendo assim – que a gente quando tem (...) vai morar no bairro, numa rua – os vizinhos fazem parte da tua família. Porque na hora que tu precisar de um socorro – é com os vizinhos que tu vai buscar socorro, né? Principalmente quando tu mora longe de toda a família. Então assim, tu ta precisando de socorro tu pede e o vizinho te ajuda. Isso pra mim é assim um ato de amor muito grande – e eu penso que – se todo país, se todo mundo fosse assim, a gente não teria tanta desgraça que tem igual se tem ainda. E assim – e aquela coisa de tu fazer tu faz – porque tu acha que é alguém precisa da tua ajuda. Mas tu não precisa fazer – pra ir na televisão e dizer que foi tu que fez – e nem pra dizer pra todo mundo que tu fez. As pessoas que sabem que eu venho fazer trabalhar aqui assim – são as pessoas que me conhecem – todo mundo que me conhece sabe porque eu tenho muito orgulho assim não orgulho de ser orgulhosa, mas orgulho de prazer assim de saber que tô fazendo um bem, mas não ando assim pra todo mundo dizer: Ah eu vou lá porque eu trabalho, que eu faço! Não! Eles sabem que eu venho e sabem que eu faço o que eu gosto de fazer. Então aquela coisa assim de – faço, mas não vou dizer pra todo mundo que eu fiz! Eles sabem que eu venho – faço assim – tem pessoas que – da minha família, tenho irmãos que já vieram aqui fazer tratamento, tem primas, tenho amigas – no outro dia teve uma a miga minha que mora lá perto até veio, vim de carona, cheguei aqui era uma hora – sabe ficou todo mundo contente porque eu vim e assim ah tô aqui já vou abrir e abri, vim tomei passe depois fui lá abri, atendi. Era uma e meia a farmácia tava aberta! Então assim – eu venho, quem me conhece sabe que eu trabalho aqui, mas assim não – é o tipo de assunto – que ah eu vou na casa da mãe conversar, vou falar do Núcleo – não falo – é o tipo de assunto que é meu, não é daqui, pronto! Quando me perguntam: Ah fazem tratamento como é que fazem vem faz eu explico o que tem que fazer fazem assim. Mas aquela coisa de eu penso assim quando tu faz a coisa e tu faz porque tu quer fazer porque é bom pra ti fazer tu faz e pronto tu fez tu sabe que tu fez – sabe? Assim não precisa todo mundo – ah é preciso saber! Sabe? Essa coisa assim – então eu penso – aprendi aqui, escuto isso sempre – o que tua mão direita faz a esquerda não precisa saber. Então é assim que eu enxergo o que eu faço aqui – não precisa todo mundo saber que eu venho aqui fazer. Eu sei que eu venho, meu marido sabe, meus filhos sabem também – então às vezes assim a minha filha mais nova, agora ta com doze anos, mas quando eu vinha ela dizia que eu era doutora – porque eu vinha trabalhar na

farmácia – eu dizia não não sou doutora – eu dizia pra ela vou lá fazer assim vou entregar os remédios que alguém faz que não é eu que faço e não fui eu que – que descobri – a fórmula, não fui eu que fiz a fórmula.

E: Uhum...

E10: Então hoje em dia elas entendem que eu só venho ali na farmácia, eu digo assim eu sou – eu não sou nem – que ela queria dizer pra mim depois ela perguntava se eu era farmacêutica eu dizia não eu não sou. Eu só sei ver número e letra, dizia pra ela, você vai lá com a letrinha e o número eu vou e entrego.

E: Ahã...

E10: Então, sempre quando os pacientes perguntam: Ah irmã pra que que é esse remédio? Digo: Não sei irmã. Você vem aqui – com o número do remédio, a letra e o número e eu entrego – senão eu não posso entregar. Não sei pra que que é e quando elas querem explicação – do efeito – pra que serve então vai lá – e encaminho pra falar com o irmão (...). Porque penso assim não me – eu acho que se eu venho – uma tarde ali trabalhar – e no final do dia – tu chega lá e pergunta pra mim qual é a fórmula do C36, o que que ele faz – e eu te disser alguma coisa errada – acho que todo – toda parte do trabalho foi por água abaixo! E isso eu tenho a preocupação muito grande de fazer ali assim sabe.

E: Procura fazer aquilo que é tua função mesmo...

E10: Eu sempre digo assim: A minha função aqui é assim – tu vem com a receita, te dou o remédio, volte, toda vez que você precisar e eu vou tá ali pra entregar. É essa minha função. E é isso que eu faço e me sinto muito bem fazendo isso – porque eu sei que ajuda.

E: Irmã, muito obrigado. Fico muito agradecido por você disponibilizar teu tempo, pra dar essa entrevista...

E10: Tomara que eu possa ter te ajudado bastante.

E: Com certeza ajudou bastante, ta?

E10: Que bom! Espero que (...)

E: E desejo que você continue – pelo visto você não vai parar tão cedo.

E10: Vou continuar. Quando vim trabalhar aqui a gente veio – a primeira palestra que a gente assistiu da irmã (...) que tem hoje em dia no salão com o nome dela – e aí meu marido dizia assim pra mim – que ele olhava a irmã (...) e acha que quando eu ficar mais velha ia ficar igual a ela assim era bem brincalhona também. Daí eu disse pra ele – se um dia eu conseguir fazer a metade do que ela fez e já vou ta felicíssima – eu gostava assim aquela coisa – ela brincava, a gente sabia que ela ficava em pé ali o dia inteiro e de noite ela tava ali e não reclamava que tava doendo os pés – nada sabe assim, que a gente sabe que dói!

E: Imagina...

E10: (...) o dia inteiro eu trabalhava às vezes as segundas-feiras, a gente descia e subia, chegava de noite tava com dor na perna – então ela – ela mais velha – e aí dizia pra ele assim: Nossa irmão não me vejo nem chegar perto de onde ela ta mas se um dia eu chegar num terço do que ela fez já tô feliz.

E: Muito obrigado.

Tempo total de gravação = 43min48seg

Entrevista 11

E11: Dados demográficos – idade 48 anos, sexo feminino, casada, grau de escolaridade segundo grau completo, renda mensal familiar 5 a 10 salários, do lar,

reside a 60 km do Núcleo. Entrevista realizada no Núcleo, após o encerramento das atividades do ano.

E: Você além de voluntária é do lar...

E11: Sou do lar.

E: Ahã. Não tens profissão remunerada...

E11: Não. Pedi demissão quando ganhei o Gabriel, né – depois que voltei da gestação eu pedi demissão pra ser – mãe.

E: Ahã...

E11: Parei...

E: Foi uma boa demissão...

E11: É – porque – não achava – que ia ser legal eu pegar o Gabriel e botar numa creche o dia inteirinho – primeiro pela coisa de ser mãe – claro que naquela época – pareceu que ia ser bem tranqüilo, bem fácil (...), mas não foi bem assim – depois...

E: Que idade tem o Gabriel?

E11: Gabriel já tem vinte.

E: Ah é – já ta bem grandinho...

E11: Mas na época eu fui morar lá no norte da ilha ficava bem difícil deixar com alguém – eu tava muito entusiasmada porque eu ganhei o Gabriel com 28 anos – aí eu queria mesmo curtir aquilo ali – e o Maurílio me abriu as portas, eu disse: Vou ser mãe! Aí – fui fazer exatamente isso! E até me tornei uma mãe bastante – estranha porque eu não ligava muito pra coisa da maternidade e no fim me tornei uma mãe – bem chata – bem...

E: Ahã..

E11: Bem mãe mãe assim!

E: Bem maezona mesmo...

E11: Sim! Foi até bem difícil pra mim porque eu fiquei apaixonada!

E: Que coisa boa!

E11: E acabei tendo um só porque foi quando o Gabriel mesmo – porque quando ele completou 6 anos – veio essa condição né – ou eu vou ser voluntária – ou eu vou continuar sendo mãe!

E: Uhum... uhum...

E11: Esse foi um momento de decisão mesmo do Maurílio – e daí o Maurílio falou: E agora, vamos pro segundo filho? + Aí aconteceu o processo – o processo filosófico – foi entrando, foi caindo um monte de ficha – e eu já tinha saboreado essa coisa do ta – ta (...) com o Gabriel – e eu decidi ser voluntária.

E: Ele já tinha 6 anos né...

E11: Já tinha 6 anos – já tinha como – deixar, eu também precisava largar um pouco o Gabriel daí – eu tava – era só eu e ele – ficava sozinha lá com ele – e a gente – foi (...) um pouquinho – e eu vim fazer o voluntariado. Naquela época eu fazia todos os dias voluntariado. Mas não fazia o dia inteiro – só meio período, né? Eu e o Maurílio saíamos do norte da ilha com o fusquinha (risos) – 66...

E: Os dois vinham como voluntários?

E11: Vínhamos os dois juntos. + E porque fechou o processo filosófico – né? Foi o que a Casa oferecia pra gente. E era – fechou legal mesmo!

E – Uhum...

E11: A gente vinha fazer – a gente deixava o Gabriel meio dia – né era a tarde – deixávamos com uma tia – com a outra tia – e elas também – era meio que fazer voluntariado também, daí né?

E: Sei...

E11: Só com o Gabriel – uma coisa levava à outra – todo mundo ajudava todo mundo – e – só que depois também, uns três ou quatro anos, isso também não ficou mais viável – por uma questão financeira. Ficou muito longe, o fusquinha não agüento mais – e a gente foi também caindo outras fichas – que não era aquilo ali – não era daquela forma, né?

E: Sim...

E11: Aí a gente começou a fazer – menos dias, – mas o dia inteiro. No fundo não deixamos de fazer o tempo – só fizemos de forma diferente...

E: Gastavam menos em idas e vindas...

E11: Isso. Isso mesmo. Aí...

E: São quantos anos já de voluntariado?

E11: Nós tamos desde 94...

E: 14 anos...

E11: É.

E: Sempre aqui no Núcleo?

E11: Eu fiz voluntariado – eu não fazia volunta... voluntariado na verdade né – nas outras casas. Nas outras casas espíritas – eu fazia o papel de médium. Então é, é um pouco diferente do Núcleo.

E: Uhum...

E11: Como a gente faz voluntariado aqui. É – nos centros espíritas da federação, acho que nem existe esse nome voluntariado.

E: Sei...

E11: Acho que lá eles não tratam os médiuns como voluntários – tratam como religioso, né?

E: Uhum...

E11: Aqui, por exemplo, no Núcleo Espírita, a gente tem a pessoa que ta praticando a filosofia dela, aqui kardecista, mas também pode ter outra religião. Aliás, nem tem religião!

E: Sei...

E11: Então existe realmente o voluntariado – aqui dentro. Então eu participava dos centros espíritas, antes do Núcleo, mas não recebia essa denominação – voluntariado...

E: Uhum... Mas os 14 anos são aqui no Núcleo?

E11: No Núcleo 14 anos (...) 14 anos.

E: Antes você – não chegou a ser voluntária em alguma outra instituição?

E11: Não porque daí eu tava sendo mãe do Gabriel.

E: Tá...

E11: E quando eu era – quando eu tava na parte da adolescência trabalhava no centro espírita como grupo de jovens. Então a gente fazia – a gente na verdade fazia aquele chamado – é – ia aos morros, buscar alimentos pras – pras pessoas mais necessitadas (...)

E: É voluntariado também!

E11: Não sei se isso é voluntariado...

E: Era remunerado?

E11: Não! Não! De jeito nenhum! A gente ia nos sábados a tarde – tínhamos um grupo chamado (...) – mas isso já em 80 e – em 79...

E: Sim...

E11: 79 nós ficamos durante uns 5 anos com esse grupo – então aos sábados, até era engraçado, que todo mundo ia pra praia e a gente ia pro morro (risos).

E: Ahã...

E11: E a gente arrecadava na – na Esteves Junior, aquela parte toda ali – ia batendo de casa em casa com – com documento né – e arrecadava bastante roupa, bastante comida – e o próprio centro espírita que era “Amor e humildade” é que fazia a parte da entrega daí. A gente só recolhia, né...

E: Uhum...uhum...

E11: Depois a gente – eu acabei indo pra outra parte do movimento – de outro tipo de movimento da casa espírita – que era fazer o – o jornalzinho da casa espírita.

E: Sim...

E11: Isso já em 82 daí. Aí era as “diretas já” e eu acabei – questionando muito as coisas e – também não fechou...

E: Uhum...

E11: A minha parte, o meu pensamento com a casa – e daí tive que também dá uma freada. Então sempre colaborando, mas sempre – (...) um olho na (...) (risos)

E: Ahã...

E11: Porque eu acabava – fazendo o que não devia, falando o que não devia né...

E: Misturando um pouco a política...

E11: É – política com religião não poderia mesmo. Hoje eu tenho essa compreensão, mas quando a gente tem 19 ou 20 anos a gente não tem essa compreensão né. Acho que esse tempo todo, na verdade né – então também me afastei um pouquinho – aí comecei a freqüentar os centros espíritas mais como – é visitante – até que eu descobri o Nosso Lar. Aí fiquei mãe também nesse período que fui mãe de 6 anos – eu fazia só evangelho no lar – só ficava em casa. Foi um período que eu li muito daí. Aí eu passei a ler, a ler, a ler – li muita coisa – e muita coisa que eu li – aproveitei um pouquinho né, mas – a a muitas coisas não são aproveitáveis + esse é o grande lance de qualquer filosofia né?

E: Sim...

E11: É tu catá muito, pegá muito e – e só crivá e pegá só o filtro, só pegá o que é bom mesmo. Aí eu peguei o que eu acreditava ser bom pra mim – e tenho até hoje (...) esse período que tecnicamente eu não tava em lugar nenhum.

E: Uhum...

E11: E que eu passei a ler bastante.

E: Em termos de religião, você sempre foi mais da religião espírita ou você já pertenceu a outra religião?

E11: É – eu fui batizada na igreja católica – e respeito muito – mas lá assim – eu tinha dez anos eu já questioneei a morte né – só vim a acreditar... meu pai e minha mãe vão morrer! Não pode! – Aí eu quero morrer já.

E: Uhum...

E11: Se eu vou ficar sem o pai e a mãe eu nem quero continuar – então ali eu já comecei a ver e entender que tinha alguma coisa que não tava fechando. É caixão, cemitério, morte – e gente chorando aquilo já não fechou legal pra mim. Aí eu fiquei (...) como uma boa manezinha (risos), né? E já fui buscar – nós tínhamos uma família – a nossa família é uma família muito grande ali no João Paulo – nós somos descendentes diretos de portugueses – que já ficaram ali mesmo – uma quinta geração – o meu pai é Manoel Joaquim da Costa (risos)...

E: Ah é?

E11: São portugueses...

E: Bem portugueses (risos) ...

E11: E daí – acabou que a família tinha uma – um – problemas espirituais – era só e já fazia parte da própria constituição da família. Era muita (...), muita festa, muita bebida e acabava atraindo nos fins de festa situações desagradáveis. Eu fui criada

nessas situações – que hoje, os centros espíritas dizem que é processo espiritual né? Que tá cheio de espíritos aqui dentro. Já na parte da parapsicologia diz uma coisa né – a ciência já diz outra – os psiquiatras já dizem que é outra coisa – enfim, cada um tem a sua verdade né – eu me criei escutando que era espíritos!

E: Uhum...

E11: Aquilo eram espíritos, espíritos – não passei a ter medo de espíritos! E assim que fiz treze quatorze anos eu fui estudar na escola – Básica Lauro Muller, que era na frente do centro espírita. Então, eu que sozinha, já tinha 13 – eu ia lá tomava passe – e depois ia pra escola.

E: Uhum...

E11: Sozinha!

E: Por tua iniciativa...

E11: É – ninguém questionava – eu dizia pra mãe: Eu tomei passe. Ela dizia: Que bom minha filha, isso mesmo! Minha mãe não passou religião pra nós. Ela nunca é – falou pra gente ir na igreja assistir a missa – nunca – nós não temos a comunhão – ela não tinha tempo na verdade + pra essa parte – ela ensinava sempre a gente, Pedro oh: É – a natureza é muito importante – e você tem que dizer muito obrigado, com licença, até logo, benção pai, benção mãe – jamais mexa em nada de ninguém! Aquelas coisas padrão – isso ela puxava muito!

E: Valores...

E11: É – todo dia a gente chegava em casa ela – meio que sutilmente ela olhava tudo as nossas coisas – né – e tinha essa regrinha bem básica né – nunca mexer, nunca mexer, nunca mexer em nada do que não é teu. E a religião era essa lá em casa – nunca jamais levantar a voz pra pessoa que fosse dez anos mais velha que a gente. Isso era padrão! Se alguém viesse questionar isso – bater na porta – era pau! + Entende?

E: É o respeito, né?

E11: Era muito respeito. Então nós fomos criados assim e a religião era essa.

E: Uhum...

E11: E depois muitos espíritos...

E: Sim...

E11: Centro espírito foi uma tendência natural.

E: Natural.

E11: Aí – to – tomando passe e eu começo a trabalhar tinha dezoito anos – e daí comecei comprar uns livros, não lia – comprava, comprava, na frente da Catedral tinha a Serte – vendia livros ali – comecei a adquirir, adquirir, adquirir – e não lia. Dava de presente tudo pra minha mãe. Depois mais tarde é que comecei a ler – uns três anos depois. Aí comecei ir pro centro espírita, mas não lendo – só na prática – não sabia o que era kardecismo, reencarnação...

E: Uhum...

E11: Aí depois surgiu + que despertou né – então eu na verdade (...) não entendia muito bem. Depois que ...

E: Foi assim natural...

E11: Natural mesmo! Já tava em mim! Gostava de fazer aquilo. Eu preferia aquilo do que outro tipo de coisas que os jovens estavam fazendo.

E: E – assim quando você começou então, são quatorze anos como voluntária aqui no Núcleo, o que que te trouxe assim, qual foi o empurrão pra você começar – porque você estava cuidando do Gabriel – e de repente vou ser voluntária, o que que mexeu na tua cabeça pra ser voluntária?

E11: Não é porque pra mim – assim oh – religião e voluntariado não – não tem a ver nada uma coisa com a outra – entende? Você pode ser voluntário (risos) – de qualquer coisa no mundo!

E: Sei...

E11: Né – eu não sorrio todo dia que passa alguém na frente da minha casa. Vou ser voluntário do sorriso! Que não tem nada a ver com – com religião. Acontece que fechou com o Nosso Lar – fechou com a minha filosofia – que eu já gostava – que o que mais se aproxima do que eu acredito que é a natureza – né – é a religião que mais se aproximou da lógica pra mim – no meu ponto de vista – e ainda fechou que – tu faz o voluntariado, faz as coisas – sem precisar dizer tua religião. Entendeu? Eu por exemplo converso com as pessoas, eu não preciso dizer que sou espírita. Eu converso com eles assim como to conversando contigo.

E: Uhum...

E11: Entende? Eles sabem que eu sou espírita porque estão vindo numa casa espírita, mas eu converso assim (...)

E: Uhum...

E11: Entendeu? Então – quando eu cheguei aqui na casa, eu não vim pela dor – vou te ser sincera + eu vim porque a minha sogra tinha depressão – uma depressão – muito pessoal – é aquela coisa que não tem uma condição de vida boa, mas não entende porque tem um vazio – sei lá, e deu depressão. E nada invertia o quadro dela – nem processo médico, nem – nem um tipo de religião – e assim tipo – olha vai lá em Forquilha que lá quem sabe eles resolvem – e a gente veio nas cegas – não conhecia a casa, eu e o Maurílio não sabíamos nada da casa – e a gente veio mesmo procurando onde que era o Nosso Lar – aí a gente chegou – a minha sogra ela se inscreveu prum tratamento – e a gente assistiu a tal palestra – que era pra todos. E na hora que to assistindo a palestra eu disse: “Eu cheguei em casa” – e o Maurílio assim: “É o mesmo que eu to sentindo” – meu marido disse to sentindo a mesma coisa. Porque essa palestra que eu assisti – nesse dia – era uma palestra totalmente científica – porque até então eu não tinha vindo – eu não tinha muito processo religioso comigo eu não – eu gostava mais da parte – da filosofia científica do espiritismo – não da parte religiosa – eu não era muito assim de – ficar lendo os livros sobre Chico Xavier....

E: Uhum...

E11: Entendeste? Eu gostava mais do Allan Kardec e essa parte – científica – aí eu disse: Puxa legal ta falando de ciência! Porque até então a minha – a minha visão do centro espírita era – da federação espírita né – amor, perdão, blablablablabla...

E: Ahã...

E11: Entende? E perdão pra mim é uma coisa muito complicada. + Não que eu tivesse que perdoar ninguém – mas pelas coisas que eu vivenciei com outras pessoas. Então eu questionava muito a questão do perdão – essa coisa perdoa, perdoa, perdoa – eu achava que não – uma hipocrisia né? Aí fechou – e – eu me coloquei a disposição, eu disse: Como é que a gente faz pra – pra chegar mais perto de vocês? De partilhar. E aí então me coloquei como voluntária, nem pensei que ia ser uma religiosa.

E: Uhum...

E11: Assim médium propriamente dito.

E: Sim.

E11: E isso foi uma consequência natural. Aí fechou a parte filosófica – científica – com o voluntariado que eu me coloquei a princípio como voluntária mesmo – fazia parte das coisas que naquela época a gente dizia que eram físicas, né? Era o

espiritual e físico – físico era lavar vidrinho, varrer corredor, mexer com coisas que não tem a ver com religião. Aí depois – naturalmente a parte – religiosa foi fechando, né?

E: Uhum...

E11: Hoje eu – já entendi algumas coisas do processo Cristo, né – da parte religiosa já – já li bastante, enfim – não questiono nada que seja do novo testamento – nada – acho que aquilo ali ta assim um milhão de anos luz pra mim entender – portanto eu nem questiono – aquilo ali é fantástico. O primeiro testamento da bíblia – eu – nem – nem falo porque – aquilo pra mim é uma loucura!

E: Ahã...

E11: Coisa pra louco – entendeu? Então eu também não falo sobre isso porque eu não aceito – nada!

E: Uhum...Uhum...

E11: Não aceito uma palavra do primeiro testamento...

E: Você é bem crítica, né?

E11: Muito crítica! Não acredito em nada! – a minha verdade...

E: Sim...

E11: Então talvez seja – a pior de todas. Já a parte Cristo – meu Deus! Não ousa nem – mexer com o assunto – né? Aí fechou – religião – acho que se tu amas a natureza + e tenta ser um bom ser humano – já é um religioso...

E: Uhum...

E11: E o voluntariado é natural. Todo mundo que entende a natureza – já é – um voluntário + no meu ponto de vista. Se tu consegue ver – uma árvore na tua frente mesmo que seja dirigindo, mesmo que consiga ver uma flor – qualquer coisa – ou mesmo conseguir cumprimentar outra pessoa – já é voluntariado – já é um ser humano, já é religioso. Esse é um ponto de vista meu né.

E: Que você tem... E quais os dias da semana que você vem aqui no Núcleo?

E11: Eu venho às segundas-feiras – venho de manhã, à tarde e à noite...

E: A que horas você vem na segunda?

E11: Que eu chego aqui?

E: É.

E11: Eu chego aqui por volta de quinze pras sete – seis e meia...

E: E fica a noite até?

E11: Aí ficamos até umas nove e meia, dez horas.

E: Nas segundas-feiras...

E11: Ficamos aqui o dia inteiro – saímos de casa umas cinco e pouco – da manhã, na segunda feira.

E: Você mora a quantos quilômetros daqui?

E11: Eu moro lá em Vargem Grande – norte da ilha.

E: Dá mais de 50 km?

E11: Eu a – eu não sei dizer números pra ti, mas acho que é 60 km...

E: 60 km.

E11: É eu acho que dá, dá uma hora e pouco – daqui até lá.

E: E quais os outros dias que você trabalha aqui?

E11: Aí eu venho às quintas-feiras, também saio de casa 11 horas da manhã, chego aqui – uma hora – e fico aqui até dez horas também, nove e meia dez horas da noite, tá? À tarde e à noite.

E: Uhum... Segunda e quinta...

E11: Segunda e quinta – é – assim – é um compromisso que eu tenho – sou muito chata com isso – e acho que nunca faltei nesses anos todos. É – não tenho acho falta – nenhuma nesses dias. Se fosse funcionária – (risos) – era padrão!

E: Eu ia te perguntar o que que acontece se um dia você tiver que – é – não pode vir aqui trabalhar – então como nunca aconteceu...

E11: Nunca aconteceu nos dias que eu tenho compromisso, nunca aconte... aconteceu de eu vim.

E: Uhm... Mesmo...

E11: Mesmo (...) eu tenho problema de – de asma né – sou asmática – e eu tive uma crise terrível – durante a noite – eu resisti o que eu pude, já não tinha mais ar mesmo – não tinha mais mesmo, a crise tava no último – aí o Maurílio me levou a um ambulatório – e eles me deram toda a medicação e fiquei das três da manhã até as sete horas – na medicação – e a médica disse agora você vá, você deveria ir direto – disse esqueci de te avisar – eu disse sim senhora – pode deixar que já estou indo pro hospital. Aí eu saí de lá (...) disse não, vá pra casa fiquei no mínimo 3 a 4 dias sem se levantar – porque você está toda medicada – totalmente – com (...) né – e – e remédios bem forte mesmo – e eu já vim direto pra cá. Aí eu trabalhei só com gestos (risos) – o grupo era fantástico né – grupo muito bom – então eu falei pra eles que eu tava com medicamentos e que eles só me atenderiam, (...) seriam orientados por mim por gestos...

E: Sim.

E11: Nenhuma palavra, por gestos e eles diziam não precisa subir rampa – eles subiram pra mim – e eu consegui fazer o meu comando espiritual – fui embora às 10 horas da noite.

E: Puxa vida!

E11: E – as pessoas que estavam lá sabiam que eu tinha passado por alguma situação, mas não sabiam a gravidade, né?

E: Uhum...

E11: Foi o único dia que eu realmente tive que não faltar! (gargalhadas)

E: Estava de corpo presente... (risada)

E11: Sim. E depois eu – nunca tive coisas – tão graves que me fizessem faltar né. Aborrecimentos do dia a dia são milhões, né? Discussões de – de final de semana que chega segunda-feira e tu diz assim: Deu né? Se tu ligar muito voluntariado com religião – é perigoso! Porque tem muitas decepções...

E: Uhum...

E11: Se tu esperar do voluntariado retorno – aí é grave, muito grave, não tem como ser voluntário. O voluntariado não pode ter retorno nenhum, nenhum + do meu ponto de vista né.

E: É – é uma doação...

E11: É – se tu, se tu doar, mas se estiver esperando qualquer coisa – seja da – da entidade, da – da instituição que tu tá fazendo – ou mesmo da espiritualidade – é ferro! Porque aí vem a (...) que a gente escuta segunda de manhã: Ah meu Deus! Eu não vou mais! Porque não – não to me ajudando! Não tenho retorno da espiritualidade! – Né? E o meu marido brigando comigo, brigamos muito porque que isso acontece com a gente? Porque que que a gente ta nessa discussão? Essa – essa – essa guerra íntima, né? Então se tu esperar esse retorno – aí não dá pra ser voluntário. Então eu ficava de madrugada – pensava muito, chegava de manhã, me arrumava e (...) – que daí quando é hora de chegar o meio dia: Oh querido! Chegaste! Que bom!

E: Sei... sei

E11: Porque o voluntariado – o retorno que tu recebe é fantástico!

E: Ele só te faz bem.

E11: Só me faz bem. É o que me mantém – sem psicotrópicos.

E: Você encara ele – ele só te dá prazer, ou você sente também alguma obrigação nisso – tem alguma obrigação por ser voluntária. Ou é totalmente prazer?

E11: É – não sinto obrigação nenhuma. Se eu quiser parar hoje de vim no Nosso Lar – não venho mais no Nosso Lar! Se eu quiser ir pra casa, eu vou cuidar das minhas coisas, eu tenho muita coisa pra fazer.

E: Sei.

E11: Entendeste? Eu faço porque eu quero mesmo! É um prazer que eu tenho mesmo de ser voluntária – de trabalhar aqui – entende – senão...

E: Você trabalha nas segundas e nas quintas-feiras...

E11: É – esses são os dias que eu – tenho compromisso comigo mesmo. Mas daí existe voluntariado em cima de voluntariado – como é o que to fazendo hoje.

E: Ahã...

E11: Hoje está fechado, e eu estou aqui (risos)

E: E você continua...

E11: Entendeste? Então tem dias que eu venho aqui e venho, faço, trabalho tudo no oculto mesmo...

E: Sei.

E11: Eu e a irmã (..) a gente ta aqui – estamos sempre aqui! Aí tem outros dias que eu não considero que eu – que é um compromisso meu para comigo mesmo. Então tu pode chegar aqui numa terça e eu to – num sábado – geralmente eu venho mais três vezes por semana mas daí não tenho dia...

E: Exato. Os dias que você tem compromisso são esses...

E11: Compromisso comigo mesmo.

E: Você poderia falar um pouco sobre o que você faz na segunda, o que você faz na quinta feira, o teu trabalho aqui como voluntária – explica um pouquinho...

E11: É que o Núcleo tem – é – várias maneiras de colocar o processo dele pra que a casa tenha um andamento mais ou mesmo. Né? São muitas pessoas trabalhando – somos – diz o irmão (..) que são quase seiscentas pessoas – então tem que ter realmente – ter regras – se não tiver essas regras é – vira uma grande bagunça – né? Daí todo mundo manda em todo mundo, vira uma loucura! Então a – a direção, tem os dirigentes – e logo em seguida dos dirigentes eles têm algumas pessoas que eles já – não sei se é por uma questão de tempo na casa – que eles começam a confiar – eu não sei bem o que é que eles atribuem – qual é a – como é que posso dizer Pedro – o que eles encaram como aquela pessoa trabalha pra eles né? Vão abrindo portas, né?

E: Eles querem saber da tua responsabilidade...

E11: É...

E: Nisso...

E11: É uma questão de – também tem o lado espiritual – que daí não sei se interessa muito, tem algumas coisas também que a espiritualidade (...) a pessoa tem que tá fazendo mais ou menos (...). Então a casa é muito interessante porque ela consegue pegar pessoas pra trabalhar naquele tipo de coisa. Porque não adianta tu ta fazendo o serviço errado também que daí acaba teu prazer – transformando numa organização pública.

E: Sim.

E11: Nós temos alguns irmãos aqui que a gente percebe que eles olham no relógio! – Né? É interessante isso! – É – o prazer que a gente sente de trabalhar no Nosso

Lar – eu tô falando por mim – eu não sei se todos os irmãos que são voluntários aqui – têm essa mesma concepção! Às vezes eu questiono o relógio – digo: Irmã você adentra essa casa – esqueça lá fora – eu acho que no hospital infantil devia ser assim também – e em qualquer lugar que você seja voluntário! Eu vou ficar duas horas trabalhando – sem esperar retorno nenhum – a não ser que minha família esteja passando mal lá fora! Fora isso – né? Então alguns na casa a gente percebe que estão muito ligados a – a agradar a Deus...

E: Uhum.

E11: Ou agradar ao homem, que é bem pior né. E Deus não (...) ser agradado porque senão não é Deus, né?

E: É...

E11: (...) sabe que vaidade, bobagem – não é Deus. E agradar o homem é – perdição – acabou pra tu se tu agradar o homem. Tens que agradar, é lógico que, primeiro – sentir-se em comunhão com a natureza – né? Eu quando to aqui dentro eu me sinto como se eu tivesse numa praia! Eu to no – eu to bem! To confortável – Não quero ir pra praia porque já to bem aqui! Onde tu tas bem, tu tas bem! – Né? Então eu acho que é mais ou menos isso.

E: Uhum...

E11: Não sei mais qual foi tua pergunta... (risada).

E: Eu acho que você respondeu. Eu tinha te perguntado pra você falar um pouco sobre teu trabalho aqui...

E11: Ah tá. Então, aí o que que eu faço? Como eu sou uma manezinha – que falo muito – então eles tentaram me botaram lá – pra lavar vidrinhos (risos) – sozinha lá! Entendeste? Até nem passei pelos vidrinhos. Então acabaram percebendo que a própria espiritualidade que poderia já começar – a entrar – na parte da filosófica né? É – até pra ver uma palestra, mas eu tenho essa dificuldade – por uma insegurança pessoal minha – então acho que o compromisso que a gente tem com – com o português da gente eu não tenho – o português muito ruim – então – nunca me interessei em subir – pra conversar né – lá em cima com o povo. Sempre me escondi desses processos. Aí eu comecei achar outros meios – né? Porque quando tu queres Pedro – tu consegue. Tu consegue fazer tudo o que tu queres, se tu quiseres, né? Então eu comecei a – a servir a casa com pequenos comandos. Eu também tenho método de – de comando – é – que eu peço. Eu acho que o bom líder ele jamais manda – pede. + Entendeste? Eu li um livro e achei bem interessante – jamais deve pedir nada pra alguém – você deve, não, você não deve mandar – cobrar – deve pedir por favor. Se você pede por favor – ta tudo garantido. Se você diz meu amor, aí então é mais garantido ainda! – Minha querida!

E: Uhum...

E11: Sem hipocrisia! Na boa mesmo. Eu quando digo: Meu amor, minha querida! – eu to dizendo mesmo. Querida, pegue aquilo lá pra mim! Eu vou ter sempre tudo na minha mão.

E: Uhum...

E11: É uma questão de inteligência também.

E: Sim.

E11: Entendeste? Então passar pra eles que você deve fazer isso – eles ainda às vezes não entendem que eles estão fazendo voluntariado, ta? Estão na auto cura – algum voluntário aqui – mas eles já conseguem fazer isso. Então eu digo: Faça, vá por aqui, vá por ali! Porque tem pessoas que querem fazer, mas eles não tem atitude ainda. Então eu digo: Vá por aqui, oh! – Ele quer ir, mas ele não sabe qual o

caminho. Então digo: Vá, vá por aqui oh. Então eu to nisso, no Núcleo eu faço isso, eu digo: Vá por aqui oh! Vem por aqui oh, vá por ali...

E: Orientando as pessoas...

E11: Mesmo que tenha dor de cabeça, mas...

E: Uhum...

E11: Eu supero já logo à noite. De manhã já levanto boa outra vez.

E: Você já ta melhor...

E11: É mais ou menos isso, eu digo assim: Oh!

E: Como é que é o clima entre vocês voluntários, o relacionamento, tem às vezes alguma encrenquinha, ou – como é que é? Fale um pouco sobre isso.

E11: É – isso aí é – é trabalhar com pessoas. Isso aí seria a maior mentira dizer que você ta dentro de uma casa espírita e todos se amam e todos são irmãos. Eu já tô até me comprometendo já – porque – é mentira – não existe isso. Não existe porque existe na tua família! Que deveria ser um lugar sagrado!

E: Você tem razão.

E11: Né? Pais e filhos brigam, a mãe briga com o pai, o pai briga com, irmãos que brigam que – puxa! O maior amor que você tem pelo teu filho, pelos dois – bota dois irmãos ali daqui a pouco tão...

E: Hã.

E11: Um fazendo pau com o outro. Então tu imagina, dentro de uma casa, que são tudo pessoas diferentes – muito diferentes – e que já vêm doentes. – No Nosso Lar, aqui no Núcleo – a maioria vem com um processos espirituais – no CAPC já são somatizações – doenças físicas. Aqui não. É depressão! Quer dizer insatisfação – frustração – entendeste? Então, se tu lida com essas pessoas, com esses pacientes, que são os nossos voluntários, porque eles são pacientes depois se transformam em voluntários, eles são problemáticos...

E: Mas isso você vê como uma coisa natural.

E11: Eu vejo como uma coisa natural – e daí tem o rádio corredor, né – existem irmãos que não entendem do processo de crescimento – existe a intriga, existe a fofoca, existe ainda muito isso. Aí ta no condutor – ser maleável – e fazer jogos – de forma que façam que – é o amor prevaleça, né? Fazer entender que não agrada a – a ti mesmo – fazer isso. Ou dar um sustinho mesmo: Oh, você vai ficar doente hein! (risos). Tem um grande segredo da – Tem umas palavra bem bonita aí, pra botá aí, mas eu não sei (risos)

E: Fala aquilo que você acha...

E11: É – mas pra ti evita intriga, fofoca de um, derrubando irmãos, derrubando irmãos é nunca passar pra frente + que é o que o homem mais gosta de fazer.

E: Sim.

E11: Tanto pra revelar a caridade, quanto pra revelar a fofoca. – Ele adora que aquela coisa que nasceu dele – se propague – e daí é um perigo!

E: Uhum...

E11: Tanto pra caridade – porque a maior – a gente percebe também que fazer a caridade é uma coisa muito engraçada, que a pessoa gosta que a outra saiba que foi feito, né? É bem importante pra eles deixar o – o ouvido do mané, um rabinho, né? – Olha eu fiz! Né? Olha eu dei! Né? Olha eu fiz 5 cromoterapia irmã! Ah que legal, irmão! (risos). Ela tem que se achar que é o máximo, né? Precisam muito de elogios ainda – precisam muito, muito de elogios. – Mas – o tempo é uma coisa fantástica! – Irmãos que a gente percebia – que há dez anos eram um tipo de pessoa, hoje são outro tipo de pessoa – já conseguem fazer a caridade o mais

oculta possível, né? Já – não não sentem mais como obrigadas, né? As fofocas acabam se diluindo – aqueles que persistem vão embora – naturalmente da casa...

E: Uhum.

E11: Entendeste? Nós temos, entre aspas né, um processo espiritual que nos ampara muito, nos ajuda muito – pras pessoas que crê, né? Então, dá pra levá, mas existe muito processos terríveis – se a condutora não souber – cai pra trás.

E: Precisa ter bastante energia. – Porque eu freqüentei bastante aqui dentro, andei, fiquei observando esse tempo todo, e me parece que o ambiente é espetacular, parece que não existe um uma pequena intriga, nada, o clima é muito legal. Às vezes a gente não – não ta na pele de vocês – vocês é – precisam administrar o dia a dia...

E11: Não – é porque quando sai de um retiro – o Núcleo oferece um – um período de aprendizado, aos sábados a tarde – e depois ele faz um retiro e daí aquela criatura adentra a casa – e passa a ser um – né – um médium da casa. Ele quando entra – por um período de dois anos – ele ta só animado...

E: Uhum...

E11: Ele tá assim como se fosse uma magia. Ele se sente no céu – ele acha que – que ele faz parte do céu!

E: Sim.

E11: Então ele tem até medo de se expor! De dizer que ele não é tão bonzinho assim – ele ta no meio dos anjos! Então ele não vai botá as coisas ruim dele pra fora. Ele fica bem oculto! E ali que a gente vai prestar atenção de quem tu não conhece. Só vai conhecendo o ser humano à medida que tu vai dando – poder pra ele. – Tu vai abrindo – tu vai dizendo, aí ele vai se abrindo – tu vai dando confiança – você vai confiando se tu conhece o ser. Então nos primeiros dois ou três anos – que tu tem uma quinta a noite, são todos novos – por exemplo – na quinta a tarde já não. Na medida que tu vai criando confiança, tu vais também te mostrando. Aí sim – aí tu vai como se fosse podando a – os galinhos – as arestazinhas – tu vai fazendo devagarinho. Eu tenho um método de – cada um tem seu jeito de fazer...

E: Sim.

E11: Eu tenho o meu método né. Então meu método eu sempre valorizo o ser. Eu sempre engrandeço, sempre digo você é fabuloso, você é maravilhoso, você é demais – entende? Ah mas eu – ah irmã! Eu fiz aquilo ali que não deveria ter feito! Não se preocupe – é assim mesmo! Isso faz parte! Errar é humano! Porque se tu condena, se tu poda, se tu dá pau – ele já – entendeste? Já...

E: Vai se retraindo...

E11: Então – é – tem um trabalho de voluntariado aqui que é vapt e vupt – então eles não tem muito tempo de interagir também, ta? – Se a condutora não dá também muita vazão pra – beijos e abraços – ele também não tem muito tempo de falar pro outro. Então ele vem – e ele já se coloca no trabalho da quinta a noite. Vem e já vai adentrando, adentrando – e não tem muito tempo até pra conhecer o outro irmão. Não existe muita interação em alguns grupos. Mas quando um grupo vem como o de segunda a tarde – ele entra a uma e sai cinco e meia – ele tem o corredor – aí ele cansa e daí ele para e ele fala – daí ali – é que tem que ta sempre em cima – pra não deixar corroer o processo espiritual – porque nós tamos trabalhando com duas coisas – com os vivos e com os mortos. E, entre aspas, né? Os mortos, eles trabalham nesses furos – entende? Então eu tenho que falar nos vivos e nos mortos, ao mesmo tempo, tem que todo mundo olhando os dois. Entendeu? E é – é preciso de bastante técnica daí.

E: Uhum...

E11: É – não de intelecto, mas de técnica – saber manejar a coisa...

E: Como lidar com o pessoal...

E11: Entende? Eu trabalho com muito humor. – Eu tenho o que é – uma coisa muito perigosa, sempre não aconselho ninguém fazer isso. Eu faço assim porque eu sei o que to fazendo. Eu trabalho com humor. Eu brinco o tempo todo – entre – é – momentos – entre eles, né?

E: Eu tenho percebido isso nas minhas andanças...

E11: É. Eu brinco muito com eles porque eu to fazendo uma estratégia com a espiritualidade. Então a espiritualidade acha – que, como eu estou brincando, eu não sou um perigo. – Eu não sou um perigo pra eles – porque eu sou de fato, eles vão me derrubar – porque eu sou uma palhaça – se sou uma palhaça, vão me derrubar – e daí vou passando por entre eles, vou por entre eles e não me dão confiança...

E: Uhum...

E11: Enquanto isso to ganhando, to (...) trabalho com os mortos...

E: Uhum. Tá certo...

E11: Aí já é um fato (...) (risos).

E: Irmã, você já me falou porque que você começou a ser voluntária – ta – mas hoje – o que que te mantém hoje como voluntária – vindo lá daquela distância, 60 km, nas segundas e quintas-feiras – qual o motivo mesmo – que te traz aqui?

E11: Eu acho que hoje eu me sinto útil mesmo. Porque – é – já to com 50 anos, né? Então assim – as coisas lá em casa já tão ficando praticamente resolvidas né? A casa já ta (...) – já ta em condições – a reforma já tá tomando né – eu queria muito a churrasqueira – a churrasqueira ta ficando pronta...

E: Beleza...

E11: Então – eu e o Maurílio já estamos assim bem resolvidos também – a gente vai ficar junto né – vamos ficar juntos porque – quando a gente é jovem a gente ta junto ta sempre naquela coisa da juventude né – e naquela insegurança natural de um homem e uma mulher. Apesar da gente se gostar muito, se amar – nós somos companheiros – casados – mas sempre tem as coisas do – do mundo né – que nos rodeiam! Que apesar de não ser eu a (...) – mas o Maurílio é uma pessoa – muito bacana, muito bacana mesmo. Eu sou meio ciumenta, então – sempre tô né (risos) – um olho no padre e outro na missa, né? (gargalhadas). Então assim – hoje já estou – como é que vou dizer – confiante né – já to mais tranqüila, mais moderada, já não sou mais tão ciumenta – já to bem! Então o casamento ta bem – o Gabriel ta com 20 anos, ta fazendo vestibular hoje né – ta fazendo vestibular – é um menino assim – que só tem a – só tem elogios né – não é por ser a mãe dele, mas é um menino que não usa droga, né? Então – pra mim ta tudo jóia! Em casa ta tudo bem resolvido. A família é um grande problema – passando assim do meu (...) né – é uma família gigante, tem problemas, muitos problemas familiares, drogas – irmãos que usam drogas – isso é um grande trabalho, uma grande tarefa. E pra mim poder suprir também essa parte familiar, energeticamente, eu preciso também – dar a minha parte – é – pra que eu chamo – pra que eu chamo de universo, né? Aí sim, às vezes eu tenho ainda coisa que né – vai levar mil anos de reencarnações, ou bilhões de anos – porque espero – nessa minha proposta – de servir – pra que também possa ter forças energéticas pra suprir a família. Então ainda tardei um pouquinho. Às vezes (...) venha assim – um fato de assim tudo muito grave. Venho no Núcleo porque o Núcleo carrega as minhas baterias.

E: Sim.

E11: O Núcleo me dá esse retorno muito bom – né. Hoje com muita tranquilidade, né. Então eu venho, faço isso no Núcleo, faço tudo o que eu posso – com amor, com carinho mesmo né – e me sinto assim bem mais forte lá fora – pra ajudar aqueles que ainda tão num redemoinho, entendeste?

E: Uhum... Como é que você percebe assim que – aquilo que o Núcleo faz, que o CAPC faz – como é que isso é visto pela comunidade – como é que a sociedade enxerga o trabalho que é feito aqui dentro? Na tua visão.

E11: Eu nunca pensei nisso – nunca pensei como é esse retorno de fora pra dentro...

E: Como é que as pessoas enxergam...

E11: É – eu nunca parei pra pensar! É interessante essa tua pergunta. Eu me concentro em tantos – tanto aqui de dentro pra fora – que eu esqueci de pensar como é que é de fora pra dentro.

E: Sei.

E11: Mas eu vejo pela internet, porque eu sou orkuteira de plantão – (risos) – assim gosto de mexer com a internet né – e – e percebo que o Núcleo é muito acolhido – é – hoje é uma instituição bem simpática – dentro da comunidade. Entende? É respeitada. Eu acho que – isso eu to vendo de forma virtual, né? Percebo assim que – que as pessoas já tem uma credibilidade dentro da – da comunidade da grande Florianópolis – e até acho – até a nível de Estado – e já tem um – não é um centro espírita qualquer, não é uma casa qualquer – entende? Hoje já é – tem uma administração – tem uma coisa séria – em cima disso tudo. E não é só pelo fato deles se sentir curados, né? Eu acho que pela forma também que se sentem também acariciados – pela casa. A gente percebe que algumas pessoas é – que vem aqui, se sentem muito felizes por pequenos atos que a casa pratica – que é assim – não é um SUS né – porque ela tem uma cara assim de um hospital – já parece assim que – tem muitas é – irmãs idosas – que já tão cansadas de ser rejeitadas dentro das unidades de saúde – que elas vêm aqui, vêem que a gente ta tudo de branco – se sentem no hospital – porque elas precisam muito do processo hospital. A velhice, a carência é uma coisa muito terrível – e elas se sentem amadas pelos mediuns né – e como a gente ta tudo de branco – e a gente tem aquele carinho – eu acho que já é uma forma de felizes. E – é uma grande (...)! Né? Mas dá certo. Eu acho que daí – todas as pessoas que procuram Nosso Lar – eu percebo que saem bem. Acho que eu nunca ouvi falar de alguém dizer: Ah eu fui maltratada no Nosso Lar – ou aquela casa é uma casa de pilantras – tem muitos falsários lá – eles tão ganhando dinheiro – eu nunca ouvi um comentário desses – sempre os comentários são até ... usei a palavra errada – parece que ta no céu – essas coisas todas né. Porque parece mesmo assim – pra quem chega assim – de cara, né?

E: É.

E11: Eu acho que é bem aceito pela comunidade – o Nosso Lar.

E: Ok irmã, obrigado – você tem mais alguma coisa pra dizer – de repente alguma coisa que ta na ponta da língua (risadas da entrevistada) – pra falar sobre voluntariado – se tiver mais alguma coisa pra dizer...

E11: Eu queria dizer que – desculpe a timidez (gargalhadas)

E: Eu não vi... eu não vi.

E11: Não, eu só tenho a agradecer – to me sentindo até meia assim – uma manezinha importante né (gargalhadas) – Muito obrigada! Muito obrigada mesmo por ter sido lembrada – porque eu acabo me envolvendo tanto com – com comando né...

E: Sim.

E11: E eu nunca pensei que alguém fosse conversar comigo, né?

E: Ahã...

E11: Eu que geralmente converso muito com as pessoas.

E: Sim.

E11: Então, em 15 anos nunca ninguém conversou comigo – eu sempre conversei com as pessoas, né. E tem uma (...) quando chega: Oh fulana vá lá! Vá lá resolver, conversa um pouquinho já – e vê se (...) um pouco...

E: Sim.

E11: Dá um pouco de conforto. Então converso (...). Então falo muito. Então nunca alguém veio falar comigo! Então to achando isso o máximo! (risada) – obrigada!

E: Eu que tenho que te agradecer porque vai ser muito importante pro meu trabalho. Como eu fiquei observando aqui alguns dias, eu achei que era importante ter o teu depoimento.

E11: (risos)

E: E agora tive certeza. Obrigado e continue sendo essa voluntária exemplar – eu acho que o trabalho que vocês fazem aqui dentro é maravilhoso.

E11: Obrigada

E: Obrigado

Tempo total de gravação = 43min04seg

Entrevista 12

E12: Dados demográficos: Idade 47 anos, sexo feminino, casada, grau de escolaridade 2º grau completo, comerciante, renda familiar 5 a 10 salários, reside a 2 km do Núcleo. Entrevista realizada em seu estabelecimento comercial no Centro de Florianópolis, em horário de atendimento ao público.

E: Você trabalha aqui todos os dias?

E12: Todos os dias. De segunda a sexta – das seis e meia da manhã às sete, dezenove e trinta da noite, com exceção das terças-feiras que eu trabalho até as onze.

E: Nas terças você trabalha...

E12: Até as onze horas.

E: Até as onze da manhã...

E12: Onze da manhã.

E: Então, na terça-feira é o dia que você vai lá no Núcleo...

E12: É o dia que eu trabalho como voluntária no Núcleo.

E: Você começa que horas lá no Núcleo, irmã?

E12: Eu chego em torno de doze e cinquenta...

E: E trabalha – fica até que horas?

E12: Até as cinco horas.

E: Tá. Esse é o teu compromisso – todas as terças...

E12: É. Compromisso – e à noite, terças à noite – às 20 horas, das vinte às vinte e duas a gente tem escola de mediuns.

E: E há quanto tempo você está lá como voluntária?

E12: Fazem uns doze + dez a onze meses – mais ou menos.

E: Começou agora...

E12: Comecei início do ano.

E: Início do ano. Tá. O que que te levou a começar como voluntária? Qual o motivo assim pra você começar a trabalhar...

E12: Olha, sempre gostei de ajudar as pessoas – e – sempre me sentia muito bem – em colaborar com alguma coisa. E na família assim – a gente – até era procurado quando alguém tinha algum problema – pra se aconselhar, pra conversar – pelo menos pra ouvir – o problema dos outros, né? Então – já era uma coisa natural – eu sempre gostei de – de dedicar a alguma coisa que pudesse colaborar com quem estava próximo – e lá encontrei o local exato.

E: Uhum. Tá. Teu marido também trabalha lá como voluntário...

E12: Trabalha já há três anos.

E: Ah, ele está há mais tempo – e você começou agora – mais recentemente.

E12: É – porque a minha mãe ela estudava a noite e – eu sempre ficava com a minha avó – pra ela ir pro colégio. E a partir do momento que a minha avó melhorou um pouquinho, que ela estava muito doente eu – fui pro Núcleo.

E: Começou também. Então na terça-feira você sacrifica aqui o teu trabalho pra você...

E12: É! Na verdade não é um sacrifício – é uma alegria...

E: É – poder trabalhar como voluntária...

E12: Sim é uma alegria poder trabalhar como voluntária. A gente recebe muito mais do que a gente dá em – a proporção assim é de um a dez...

E: Uhum...

E12: Recebe tudo em dobro – lá a gente não tem, não fica doente – a gente – normalmente quem está trabalhando tem um – não sente dor, você não sente cansaço, não sente assim – sabe e – sei lá! Sabe? Sente como se tivesse uma força te envolvendo e você tem capacidade pra – pegar peso, pra fazer terapia com o paciente – é – uma coisa inexplicável! Assim, sabe? É uma força que vem de dentro – e você não imagina que possa ter.

E: Você poderia falar alguma coisa sobre o trabalho que você faz lá dentro, que tipo de serviço...

E12: Às terças a tarde a gente faz câmara – passes de câmara – a gente faz terapias – cromoterapia, crioterapia, ah – é iodo – a terapia do iodo – a da toalha + a básica que é um tipo de passe também – e massagem nos pés do paciente – um olinho no peito – várias outras terapias.

E: Sei. Você faz todas elas – todas as terças a tarde...

E12: Só não faço ainda a – a crioterapia que – não tive oportunidade de aprender.

E: Sei.

E12: Mas, as demais eu faço.

E: As demais você faz todas. Tá. Quando você começou trabalhar lá você já conhecia o Núcleo porque o teu marido já era voluntário.

E12: Já. Sim.

E: Você alguma vez foi – chegou a ficar como paciente lá no Núcleo?

E12: Sim. Eu fiquei no CAPC.

E: Ah, no CAPC.

E12: Fiquei cinco vezes interna.

E: Ah é? Tiveste problema de saúde...

E12: É – tive problema de saúde. Eu ainda sou paciente.

E: Ah, tá. Há quanto tempo estiveste – quando você foi a primeira vez no CAPC?

E12: Ah mais – um ano e meio – mais ou menos.

E: Tá. Você está melhorando...

E12: Tô melhorando – tinha nódulo do seio, não tenho mais – tô tratando a tireóide agora.

E: Sei.

E12: (...) – tomei remédios algum tempo.

E: Sim...

E12: Tô melhorando devagarzinho.

E: Que bom!

E12: A gente vai vencendo etapas.

E: É. Eu acho que é por aí.

E12: É por aí (risada).

E: Você poderia falar sobre tua crença religiosa?

E12: Olha, eu fui católica – durante muito tempo. Só que não era aquela católica fanática. Fui catequista – participei de grupo de jovens – durante muito tempo. A gente ajudou até a montar a igreja do nosso bairro. Depois a gente se afastou um pouco porque – a gente foi ficando mais adulto e a – o catolicismo não fechava com a nossa maneira de ser – sabe?

E: Uhum...

E12: A gente ficou um tempo afastado depois a gente começou a descobrir o espiritismo – através do meu marido ficou doente, a gente começou tratá-lo – e começamos a descobrir, fomos ficando encantados, encantados – até que no fim (...) dentro do espiritismo – através do Núcleo.

E: Uhum. Tá. + Irmã, vocês têm filhos?

E12: Dois filhos.

E: Que idade eles têm?

E12: Vinte e três anos – e vinte anos.

E: Ah é? Estão bem grandinhos...

E12: Já.

E: E como é que eles vêem assim o fato de vocês serem voluntários? Eles aceitam isso numa boa? Como é?

E12: Eles aceitam muito bem – dão a maior força e – espero no futuro também se tornarem voluntários.

E: É? Eles já têm esse desejo...

E12: Tem, tem os dois.

E: E antes de ser voluntária lá no Núcleo você trabalhou como voluntária em outro local?

E12: Não. Eu trabalhei como catequista na – na igreja católica. E trabalhava em grupo de jovens...

E: Também – é trabalho voluntário.

E12: É. (...) a gente fazia algumas atividades também com a comunidade.

E: Isso já tava no teu sangue...

E12: É – desde os dezesseis anos.

E: Sim. Tá. E como é o ambiente lá entre vocês, grupo de voluntários – o clima de vocês é bom? O relacionamento é bom? Ou às vezes tem alguma – alguma intrigazinha ou isso é superado...

E12: Cada pessoa tem sua maneira de ser, seu modo de pensar – mas a gente trabalha em conjunto.

E: Sim.

E12: Então, trabalha por uma causa maior – às vezes você tem que abrir mão de uma + de – uma característica sua, de uma maneira de pensar, em prol de um – de algo maior! Acontece muitas vezes, né? São pessoas muito diferentes, cada uma com ideais até diferentes, mas trabalhamos todos em conjunto.

E: Sim.

E12: Sempre em harmonia

E: Pode-se dizer que o ambiente de trabalho é bom...

E12: É bom.

E: O relacionamento é bom – e o relacionamento com os dirigentes também – como é que é? É legal, é normal, às vezes é – tem elogios, tem reconhecimento do trabalho?

E12: É. Reconhecimento do trabalho sempre se tem em conjunto – os dirigentes sempre estão observando – eles analisam mais do que a gente imagina porque volta e meia acontece – qualquer detalhezinho – eles estão analisando detalhe por detalhe – mas eles trabalham como se fosse assim (...) – te orientam – tentam dar a estrutura que a gente precisa – e tudo dentro de uma harmonia.

E: Uhum...

E12: Com a minha dirigente das terças-feiras que é a irmã (..), a gente – trabalha super a vontade, porque ela é muito simpática, muito querida – é como se fosse, eu não diria uma mãe, porque mãe tu tem aquele respeito maior assim, mas como tua amiga...

E: Sei.

E12: E ela é amiga também.

E: Ela é uma pessoa fantástica...

E12: Muito, muito.

E: Como é assim a interação de vocês com o paciente? O paciente fica lá nas macas e tal, vocês fazem terapias – você consegue separar o problema do paciente, você se coloca no lugar do paciente – qual é a sensação que você tem quando ta aplicando as terapias.

E12: Eu consigo separar porque me surpreendi com isso porque procuro ser bem profissional nesse ponto. E eu achei – quando eu cheguei lá eu achei que eu fosse me emocionar demais com certas situações. A gente se emociona, mas dentro dum certo profissionalismo, então, porque são muitas pessoas e você não pode absorver todos os problemas que vai ficar no lugar do paciente (risos).

E: Sim.

E12: Mas eu consigo olhar pro paciente e tratá-lo da maneira que eu gostaria de ser tratada – se eu estivesse naquele local. Sempre com carinho – bastante atenção, mas também com aquilo que ele precisa – que é – com – com uma dedicação profissional – que eles – eles vão lá não só pra ganhar carinho, eles querem que alguém resolva – entre aspas – o problema deles.

E: Sim. Isso.

E12: Você se colocar só – como amiguinho – eles saem de lá até um tanto decepcionados – eles esperam que a gente aja com mais energia do que eles.

E: Uhum.

E12: A gente tem que ter essa energia pra passar pra eles.

E: Passar pra eles... Tá. Eu percebi lá – porque tenho freqüentado bastante o Núcleo, percebo que vocês no início dos trabalhos vocês fazem uma abertura (...) e ao final vocês também fazem o encerramento. O que que isso significa pra você? Essa abertura (...) – o pessoal não poderia chegar direto e começar trabalhar – e quando terminou poderia sair – o que significa esse encontro das pessoas ali pra começar o trabalho?

E12: Essa abertura a gente – pede permissão a Deus, à espiritualidade pra poder realizar os trabalhos – e tenta se colocar em harmonia – o grupo todo se colocar em harmonia – deixar os probleminhas que trouxe de fora deixar lá fora e a partir daquele momento trabalhar em conjunto a permissão de Deus e da espiritualidade.

E no final a gente agradece – aos protetores da casa, agradece a Deus e – ao conjunto de energias que nos propiciou – realizar aqueles trabalhos.

E: Isso pra você – ajuda nos tratamentos, no relacionamento entre vocês – ou acha que isso não – não é tão importante?

E12: Acho muito porque é a maneira, é o momento que todos nos unimos – normalmente de mãos dadas – em prol de – algo maior. Como a gente diz, somos todos (...) naquele momento.

E: Sim. É uma maneira de...

E12: (...) todos unidos.

E: Tá. + Irmã, o trabalho voluntário – ele te dá mais prazer ou você vê isso como uma obrigação tua com as pessoas?

E12: Não. Ele dá prazer – é um prazer indescritível, a gente sente muita alegria de poder trabalhar desta – principalmente desta maneira – que é uma forma de aliviar o sofrimento das pessoas – do sofrimento físico e do sofrimento espiritual – mas a gente – eu também sinto assim que todo ser humano tem obrigação de doar um pouco se si. Como a gente tem tanto pra dar – a gente não consegue passar a mesma parte do que se tem pra doar. Então, é também uma obrigação – é muito mais prazer do que obrigação.

E: Não é um sacrifício você sair daqui toda terça-feira – daqui até lá dá uns 15 km, eu imagino...

E12: É mais ou menos. Não, é uma alegria. A gente espera chegar essa hora, esse momento e às vezes a gente brinca em casa que é um vício, um vício muito bom porque a gente faz o possível e às vezes quase o impossível pra chegar lá e chegar na hora certa, de preferência mais cedo um pouquinho – não tem pressa pra sair também – sacrifício nenhum.

E: Aconteceu de algum dia você não poder ir, de repente, como é que fica teu sentimento nesse dia?

E12: Olha, às terças-feiras que eu não fui – é – duas foram porque tinha retorno no CAPC – e uma foi porque o meu cunhado faleceu e (...) e eu tive que ficar trabalhando porque ela tinha que sair. Então foram por motivos – bem claros...

E: Não tinha como ir...

E12: É – não. Então não é sensação de culpa porque você faz o possível, mas a partir do momento que você não pode – tem outra pessoa pra substituí-la – então – não fico chateada porque não fui, mas é – o dia que – a última vez que eu não fui – eu lembro que eu ficava assim oh: Agora eles estão fazendo tal terapia – oh... agora eles tão fazendo tal terapia, então eu me colocava lá!

E: Acompanhava...

E12: Acompanhava à distância. Nos dias que eu estava no CAPC não, porque eu estava em tratamento – estava totalmente ligada no tratamento.

E: Ahã...ahã. Tá. Como é que você vê assim o trabalho do Núcleo, você conhece os dois o Núcleo e o CAPC? Como é que você vê o trabalho que os dois fazem pra comunidade? Como é que a comunidade vê isso assim? – Na tua visão.

E12: Olha, eu acho que todos que conhecem os trabalhos eles vêem como – um presente...

E: Sei.

E12: Um presente divino. Porque as pessoas vão lá, elas têm seus problemas, físicos ou espirituais, normalmente os dois, (...) e elas sentem como um presente (...) a espiritualidade porque, independente de crença, eles saem melhor. Saem mais fortalecidos – eles saem com mais energia pra poder trabalhar os problemas, e mesmo os pacientes terminais – eles desencarnam com um pouco mais de

tranqüilidade, de harmonia, conseguem aceitar a situação bem melhor – vão em paz. Eu acho que a comunidade aceita muito bem. Quem não – não aceita é porque não conhece o trabalho. A partir do momento que conhece – você adquire um respeito muito grande.

E: Eu quando estou lá dentro – passei vários dias lá no Núcleo – fui também no CAPC – parece que lá dentro tem uma energia, uma paz, uma harmonia. – A que você atribui isso?

E12: Energias boas – energias, vibrações boas. Ali dentro a gente tem toda uma proteção da espiritualidade – então não tem lugar, não tem espaço pra pensamentos ruins, espaço pra energias ruins. Aqueles irmãozinhos que vêm de cima procurar alguma coisa – de bom – eles tentam se harmonizar ali dentro – e não conseguem transmitir alguma coisa negativa porque existe uma proteção – em torno da casa...

E: Sei. Hoje você não pensa em parar de ser voluntária no Núcleo...

E12: Não, pelo contrário. Penso me aposentar e dedicar mais tempo...

E: Mais tempo...

E12: Talvez um dia da semana no CAPC – e um dia inteiro no Núcleo...

E: Esse é o teu projeto.

E12: É o objetivo.

E: Objetivo ta. Mas assim, qual seria o motivo agora pra você querer dedicar mais tempo ainda ao voluntariado? O que que mexe com você pra você se dedicar mais? A que você atribui isso?

E12: Eu acho que eu tenho muito – pra passar ainda. Tenho muito que aprender também – a gente vai se lapidando lá dentro – vai aprendendo se tornar uma pessoa mais sensível, mais receptor também – que a gente chega lá assim meio casca grossa, depois vai – vai sendo lapidada, vai observando melhor as coisas – vai deixando – faz entrar na tua mente um pouco mais de energia (...) vamos dizer assim.

E: Sei.

E12: O que antes não conseguia detectar você começa perceber melhor.

E: Uhum.

E12: Aí você tem a necessidade de cada vez aprender mais e mais – ir se melhorando e passando pros outros.

E: Uhum. Tá. + Você ta satisfeita com o tipo de serviço que você faz lá dentro do Núcleo ou você gostaria de repente fazer outras atividades lá?

E12: Estou satisfeita – tenho mais algumas terapias pra aprender, mas eu gostaria que, a partir do momento que eu aprendesse todas aquelas terapias mudar de repente de dia, de – de horário, pra aprender alguma coisa a mais, não por questão de (...) mas pra poder uma hora que falte um outro trabalhador, a gente saber fazer aquele trabalho também...

E: Uhum...

E12: Tornar mais eficiente o trabalho – que eu acho interessante assim que todos saibam fazer de tudo – mas entendo por satisfação tanto a massagenzinha no pé, como você trocar uma gandola de paciente, ou você levantá-lo da maca ou fazer uma terapia cromo – a satisfação é a mesma – a importância é a mesma – porque é um conjunto – todas as terapias tem a sua importância e eu acredito que no mesmo grau.

E: Sei. Você teria mais alguma coisa pra acrescentar sobre voluntariado, que de repente você deixou de falar e acha que seria importante assim pra minha pesquisa sobre motivação. O que você gostaria de acrescentar?

E12: Eu acho que o voluntariado é um presente que a gente ganha e não que a gente dá. Porque – ser voluntário não é ser melhor do que outro, mas você poder passar alguma coisa que você tenha sobrando – dentro de você – às vezes você nem sabe você tá – dando ao próximo. E a partir do momento que vai dar alguma coisa, você vai receber cada vez mais, vai ter sempre mais pra doar. É um presente que a gente recebe. E a gente sempre comenta em casa – que o – não é o presente que a gente ganhou, que a família ganhou, foi ter conhecido o Núcleo, mesmo pelo sofrimento, ter passado por todo aquele sofrimento, mas que depois compensou com tudo isso, que a nossa vida mudou muito muito, sabe? A satisfação com as coisas é outra – a gente tem uma maneira de encarar o mundo bem melhor – tranqüila – se vive muito melhor.

E: E você atribui esse aprendizado ao Núcleo, ao...

E12: Foi. No nosso caso foi porque foi através do Núcleo que a gente conheceu – o espiritismo e todo aquele trabalho em torno (...). E até a gente antes curtia um pouco diferente das outras pessoas porque – o que a gente gostava não era o que a maioria gostava. Meu marido não gosta de futebol, não gosta de – de um monte de coisas que a maioria dos homens gosta de beber – ah – sabe? De sair com os amigos, eu também nunca fui de fofocas, de novela, de enfim salão de beleza, sabe?

E: Uhum...

E12: A gente era um casal diferente. E lá a gente encontrou pessoas iguais a gente – tinha outras motivações – sabe? Tinha outros interesses e a gente começou a se sentir mais igual aos outros (riso), sabe?

E: Sei.

E12: E essa parte foi muito interessante porque a gente viu que a gente não era tão diferente daqueles outros que estavam lá, sabe?

E: Uhum...

E12: A gente não os tinha descoberto – e quando a gente descobriu a gente começou a caminhar – junto com bastante facilidade – que a gente já tinha uma maneira de viver – parecida...

E: Ahã...ahã... Tá bom! Irmã, te agradeço muito a tua contribuição, tenho certeza que vai ajudar muito no meu trabalho e desejo que você continue – você e teu marido continuem por muito tempo trabalhando lá no Núcleo.

E12: Ah com certeza.

E: Obrigado

E12: Obrigado também.

Tempo total de gravação = 23min17seg

APÊNDICE 3 – ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO

Data: 17.09.2008 – Visita ao Núcleo Espírita Nosso Lar – Forquilha.

Recebido pelo irmão (.), principal dirigente da entidade. Explicações sobre o funcionamento do Núcleo e do CAPC. Fui autorizado a efetuar a pesquisa nos dois locais.

Todos os pacientes são atendidos gratuitamente, aliás, é proibido cobrar pelos serviços. A entidade é mantida pela contribuição de 6.000 pessoas, através de débito na conta da luz e telefone, além de outras contribuições. As contribuições de órgãos públicos (governos) são praticamente nulas. As despesas mensais giram em torno de R\$ 90.000,00. Apenas o pessoal da limpeza e algumas pessoas da enfermagem (plantões) são remuneradas. A entidade tem/dispõe dos serviços de 680 voluntários.

Conheci todas as instalações. Impressionam a limpeza e a organização, além da sensação de paz e energia do ambiente.

Conheci a irmã (..) que será uma das pessoas que terei mais contato no futuro.

Data: 26.09.2008 – Visita ao Centro de Apoio a Pacientes com Câncer – CAPC – Ribeirão da Ilha.

Fui recebido pelo irmão (..) que me apresentou para o irmão (..) e este me mostrou todas as instalações do CAPC, onde é realizado o tratamento a pacientes com câncer e outras doenças degenerativas. Os pacientes passam por uma triagem na 2ª feira no Núcleo e se apresentam na 3ª feira no CAPC. Destes pacientes 36 ficam como internos (3ª, 4ª e 5ª feira durante o dia, na 6ª passam o dia e pernoitam ficando até sábado ao meio dia. Os demais pacientes ficam no CAPC até 5ª feira a noite e são chamados de externos.

As terapias aplicadas são: hidroterapia, passe de câmara, massagem nos chakras, iodo podal, reike, caulin, biogeoterapia, salinização, iodização, crioterapia e outras. Nas 5ª e 6ª feiras é realizada a cirurgia espiritual.

Também conheci a irmã (..) e a irmã (..). A irmã (..) é farmacêutica e fez sua tese de doutorado no CAPC.

Data: 14.10.2008 – Visita aos irmãos (..) e (..), em sua residência em Coqueiros

Esta visita foi com o objetivo de conhecer melhor a estrutura administrativa do Núcleo e do CAPC. Irmão (..) é o presidente e o irmão (..) é o vice. Logo abaixo, na estrutura está a irmã (..) (responsável pela secretaria e triagem e cuida da operacionalidade do sistema). A irmã (..) cuida da parte espiritual e está no Núcleo nas 2ª, 3ª e 4ª feira. A irmã (..) é responsável pelo CAPC. Abaixo destas 3 dirigentes estão os grupos de voluntários.

Irmão (..) e irmã (..) trabalham no Núcleo nas 4ª feiras a tarde.

No Núcleo funciona a Escola de Mediuns que se reúne nas 3ª feiras a noite.

Nas 4ª feiras se reúne o grupo andino.

À noite são realizadas palestras no auditório, abertas ao público.

Data: 15.10.2008 – 4ª feira à tarde – Visita ao Núcleo – contato inicial com irmã (..).

Irmã (..) é a responsável (dirigente) do período da tarde. Deixou-me bem a vontade para circular e acompanhar todas as atividades.

Assisti a palestra do irmão (..) às 14 hs, juntamente com as pessoas que iam fazer os tratamentos. Em seguida todos (em grupos de 5 pessoas) passaram por uma sala e receberam “passes”, inclusive eu. Comecei a acompanhar as terapias

nos pacientes, distribuídos em 4 salas (em torno de 40 pessoas). Terapias: passe de câmara, iodo podal (ajudei), crioterapia, cromoterapia, cromoterapia manual, salinização, iodização.

Estão trabalhando neste período em torno de 40 voluntários.

Depoimento de uma voluntária que estava na função de segurança (manga marrom), ao ser perguntada sobre quanto tempo é voluntária e qual período trabalha: “Estou aqui há 8 anos, venho todas as 4^a feiras a tarde, não assumo nenhum outro compromisso. Às vezes venho também nas 5^a feiras quando falta alguém, mas meu compromisso é 4^a feira à tarde”. Depois, a mesma voluntária (irmã (..), explicando-me o significado da cromoterapia, a função de cada cor (verde, amarelo, vermelho) disse: “Adoro fazer isso” (reforçado com a expressão dos olhos).

Fui apresentado a irmã (..) (pelo (..), muito simpática, começou falar um pouco de sua vida, problemas de doenças, falou da família, etc. Disse-me que é voluntária há 9 anos e trabalha nas 2^a e 4^a feiras à tarde no Núcleo, é aposentada. Seu depoimento: “Sinto prazer no que faço, às vezes até que me derreto demais sobre os pacientes, mas eles precisam mesmo de atenção e carinho”. Irmã (..), falando de sua melhora de saúde (visão e...), disse-me: “Eu melhorei por causa disso aqui”, referindo-se ao Núcleo.

A irmã (..) e o irmão (..) foram os que mais me falavam sobre as diversas atividades que eles fazem.

Fiquei no Núcleo até 20:30 hs, assistindo também algumas cirurgias.

Encontrei uma colega de trabalho do BB, a (..), que começou como voluntária no Núcleo, hoje é o seu 2^o dia. Chamou-me atenção a expressão de seu rosto, alegre, feliz, muito diferente de quando estava no Banco.

Conheci uma pessoa que acho interessante entrevistar. Ele tem uma lanchonete no centro onde trabalha também sua mulher. Ele trabalha no Núcleo nas 4^a feiras e sua mulher nas 3^a feiras.

Por volta das 18 hs fui convidado pela irmã (..) para participar da oração de encerramento das atividades do seu grupo de trabalho. Uma pessoa fala, agradecendo a Deus e, as pessoas (em torno de 12), de mãos dadas rezam o Pai Nosso. Depois fiz o lanche junto com eles. Antes do lanche ajudei arrumar as macas e as cadeiras para os trabalhos que seriam conduzidos posteriormente por outro grupo de voluntários.

Data: 16.10.2008 – 5^a feira – 13:30 hs – Núcleo – contato inicial com irmã (..). Enquanto aguardava pela irmã (..), uma voluntária (irmã (..) me dava satisfações que em seguida a irmã (..) me atenderia. Expliquei a essa irmã qual o objetivo da minha pesquisa e que or enquanto estava apenas observando as atividades. Ela me disse: “Vais perceber outras coisas, fique atento irmão Pedro”.

Assisti a palestra com o tema Emoção e Razão. Frase dita pela irmã (..), palestrante: “Todo processo de doação é extremamente gratificante e realizador” (referindo-se ao trabalho dos voluntários).

A irmã (..) me explicou que nas 5^a feiras são tratados pacientes com problemas emocionais, que em torno de 60% são pessoas suicidas. Mostrou-me as quatro salas onde foram distribuídos os pacientes, separando homens e mulheres (isso para evitar constrangimentos). Irmã (..) me deu bastante atenção. O que chama atenção nela é o brilho em sua face. Ela é voluntária nas segundas-feiras das 6 da manhã até 9/10 horas da noite; nas quintas-feiras e sábados. É do lar, seu marido trabalha na Universidade e também é voluntário. Eles moram a mais de 40 km do local. Ela adora o trabalho que faz.

Estão trabalhando nas salas em torno de 40 pessoas, atendendo em torno de 45 pacientes. A maior parte dos voluntários hoje são mulheres. Este grupo é comandado pela irmã (..).

Irmã (..) me disse que uma das voluntárias é empresária (outra pessoa interessante para entrevistar). Os pacientes que entraram às 14 horas saíram às 16 horas e nesse horário entraram mais em torno de 35 pessoas. À noite serão atendidos 70 pessoas, que já estão agendadas.

Data: 31.10.2008 – Entrevista gravada com irmão (..) em sua casa.

Data: 03.11.2008 – 13:30 hs – 2ª feira.

Conversei com irmã (..) e me disse que a triagem fora feita toda pela manhã. Combinei com ela para conversarmos na próxima 4ª feira. Tentei falar com a irmã (..), mas ela estava muito ocupada, apenas nos cumprimentamos.

Conversei bastante com irmã (..). Ela trabalha todos os dias, 3 dias no Núcleo e 2 dias no CAPC. Na 2ª feira começa às 6:30 hs da manhã e vai até 10 horas da noite. Irmã (..) está no espiritismo há 30 anos. Falou-me que antes disso era serventuária da justiça, ganhava bem, casada, teve o primeiro filho, mas tinha sérios problemas, era doente, nas palavras dela: “maluquice”. Chegava a rastejar pelo chão mesmo, tinha problemas espirituais. Começou a freqüentar o espiritismo junto com a irmã dela ((..), que hoje é voluntária no CAPC) e o irmão (..). Daí a um tempo teve divergências com irmão (..) e se afastaram por uns 2 anos. Irmã (..), “muito cética”, como diz ela, continuou estudando a ciência espírita. Dois anos depois ela e irmão (..) e sua irmã (..) voltaram a freqüentar o mesmo centro e continuam até hoje. Irmã (..) se diz a guardiã da ordem no Núcleo e isso é reconhecido por alguns voluntários com quem conversei. Segundo ela, não dá pra ser boazinha, é necessário ficar de olho com tudo o que acontece aqui, pois aqui são atendidas pessoas com todos os tipos de problemas e doenças, malucos, assassinos, etc.

Irmã (..) diz não acreditar em tudo no espiritismo e também não acreditar em todos os espíritas. O método de trabalho no Núcleo e no CAPC é o único que conhece nos três Estados do Sul.

O lema aqui é: “Serve-se pelo amor ou pela dor”, referindo-se que boa parte das pessoas só se torna voluntário após passar por alguma doença grave.

Ainda falando de irmã (..), parece ser aqui uma extensão de sua casa, tanto é o cuidado que tem.

Poucas pessoas circulam pelo Núcleo hoje. Irmã (..) disse que o movimento maior será a partir das 18 horas, primeiro com tratamento de crianças e depois de adultos.

Enquanto conversávamos apareceu uma senhora buscando informações sobre o tipo de tratamentos que são feitos. Em algum momento irmã (..) falou: “As pessoas vêm aqui e acham que em uma vez apenas podem ficar curadas. Levam uma vida inteira agravando suas doenças e depois querem ser curadas rapidamente”. Irmã (..) é um exemplo de dedicação e uma pessoa para ser entrevistada, mas Ela diz que é sempre muito ocupada.

Conheci irmão (..), aposentado da Celesc e é voluntário aqui há três anos, depois de ter sido paciente por problemas sérios de coluna. Ele também repetiu o lema: “serve-se pelo amor ou pela dor”.

Data: 05.11.2008 – 4ª feira – 13:30 hs. – Núcleo

O irmão (..) estava na recepção dos pacientes, e me apresentou à irmã (..), que depois foi a palestrante das 14 horas para os pacientes que seriam atendidos à tarde. O irmão (..) também me apresentou o irmão (..), que depois de explicar-lhe o meu trabalho de pesquisa prontificou-se para fazer a entrevista.

Depois conversei com o irmão, ou melhor, irmã (..) da Secretaria. Ela me passou com toda prontidão algumas informações sobre o seu trabalho. Na Secretaria trabalham cinco pessoas e fazem todo o atendimento aos pacientes, seja no balcão, por telefone ou por e-mail. Recebem em média 35.000 ligações telefônicas por ano. Ela, (..), abre e responde ou encaminha todos os e-mails recebidos, em torno de 700 por semana. Na Secretaria também fazem o atendimento a pacientes à distância, seja por telefone ou por e-mail, e para cada um também é preenchido um pequeno cadastro/prontuário. Mostrou-me os arquivos e pastas de seus controles e tudo está muito bem organizado. Irmã (..) falou-me que ao todo são onze pessoas que prestam trabalho remunerado (Secretaria, limpeza e enfermagem no CAPC); todos os demais trabalhos são desempenhados por voluntários.

Irmã (..) apresentou-me ao irmão (..), que faz os atendimentos fitoterápicos, receitando as medicações que são fornecidas gratuitamente pelo Núcleo. Falou-me que trabalha com aproximadamente 200 medicamentos diferentes.

Às 16 horas gravei entrevista com irmão (..), no Núcleo.

Depoimentos ouvidos no dia: irmão (..) falando a um paciente, logo após atendê-lo: “Não há paga para esse trabalho que a gente faz”; irmão (..) em conversa comigo: “Isso aqui é extremamente gratificante, não há dinheiro que pague”. Irmão (..) trabalha aqui há uns 5 anos, é eletricitista de profissão e vem ao Núcleo como voluntário todas as quartas-feiras, do meio dia até 10 horas da noite. Sua esposa também é voluntária nesse mesmo horário. Irmão (..) topou fazer entrevista, marcaremos na semana que vem.

Irmão (..) também me apresentou ao irmão (..) que trabalha na casa há 5 anos. É funcionário da Prefeitura de Florianópolis. Também concordou em fazer entrevista na semana que vem.

Observações minhas: O ambiente no Núcleo transmite muita paz. Hoje estão sendo tratados 40 pacientes e tem em torno de 40 voluntários trabalhando, e tudo acontece praticamente em silêncio, as pessoas falam baixo, não se ouve quase a voz das pessoas. E mesmo assim tudo acontece. Me lembrei dos meus tempos de BB, barulho de todos os modos, pessoas com a cara fechada, nervosas, correndo, gritando, mandando, discutindo, etc. Aqui no Núcleo todos estão disponíveis para qualquer tipo de trabalho, seja para aplicar as terapias aos pacientes, seja para puxar macas, cadeiras, etc. Há um respeito muito grande entre as pessoas. Os voluntários sempre com uma expressão aberta, cumprimentando-se, sorriso nos lábios, etc. Chama a atenção o carinho dispensado pelos voluntários aos pacientes.

Agendei com a irmã (..) para fazer o tratamento do meu joelho no dia 18.11.2008.

Data: 11.11.2008 – terça-feira – 14 horas – Núcleo.

Assisti a palestra com o irmão (...) preparando os pacientes para o tratamento que iniciará daqui a pouco.

Conversei com a irmã (..) que concordou gravar entrevista na 4ª feira da semana que vem. Irmã (..) trabalha aqui nas terças e quartas-feiras.

Hoje estão sendo atendidos em torno de 45 pacientes, alguns com problemas físicos e outros com problemas espirituais/emocionais. Os tratamentos a pacientes com problemas espirituais/emocionais são mais longos, em torno de 60 dias. Os

tratamentos a pacientes com problemas físicos começam numa terça-feira e prosseguem na terça-feira da sem (..) seguinte e terminam na quarta-feira, tendo ao final (à noite) a cirurgia espiritual. Portanto, são duas terças e uma quarta-feira.

Hoje são mais de 40 voluntários que estão trabalhando, a maioria são mulheres.

Data: 13.11.2008 – 5ª feira – 14 horas – Núcleo.

Palestra com irmão (..): A depressão vem de alguma tristeza, de algo que nós contraímos e não resolvemos. A cura depende de nós; precisamos refletir e buscar sua origem e a partir daí agirmos em busca da solução. Depende de nós resolver os problemas que temos.

Estão em tratamento 35 pessoas, homens e mulheres com problemas espirituais/emocionais. Estão trabalhando neste horário (15 hs) mais de 30 voluntários. Observando as terapias percebe-se que há uma grande concentração dos voluntários sobre o paciente que estão tratando. Parece que todas as energias estão sendo direcionadas para aquela pessoa. A rotina se repete a cada novo paciente que está na maca ao lado. Existe preocupação em identificar cada paciente antes de iniciar a terapia. Na cabeceira de sua maca está um crachá e o prontuário de cada um.

Conversei com irmã (..) que concordou em dar entrevista na próxima terça-feira, após 10 horas da manhã. Ela me indicou também para conversar com irmã (..), que está aqui nas terças-feiras e ela é voluntária há uns 18 anos.

Irmã (..) me indicou irmã (..) para entrevistar e também os irmãos (..) e (..).

Os pacientes que estavam em tratamento saíram todos por volta de 15:30 hs. Novos pacientes foram entrando a partir das 16 horas, ao todo 39, para se submeter à transferência energética ou também conhecida por cirurgia espiritual. Os pacientes estão distribuídos em 5 salas e os voluntários que estão trabalhando agora são 32, distribuídos em 4 equipes para realizar as cirurgias. Na sala maior onde estão 18 pacientes assisti o início, ou melhor, o ritual de início das cirurgias, os voluntários de mãos abertas pedindo a bênção e proteção de Deus e rezam todos juntos o Pai Nosso. Em seguida iniciam-se as cirurgias individualmente. O procedimento é semelhante ao de um ambulatório médico, com toda a instrumentação. Ao final de cada cirurgia é rezado novamente mais um Pai Nosso. Este grupo de voluntários encerrou suas atividades por volta de 17:30 horas. Ao final dos trabalhos reuniram-se no meio do salão maior, uma pessoa conduziu a rápida cerimônia de agradecimento a Deus e encerraram rezando um Pai Nosso. Fui convidado a fazer o lanche com eles o que aceitei prontamente. É uma oportunidade para me aproximar das pessoas e abordar alguém para a entrevista. Depois gravei a entrevista com a irmã (..) que é voluntária há 17 anos e meio.

Data: 18.11.2008 – Terça-feira – 10 horas da manhã – Núcleo.

Em torno de 20 pessoas estão em tratamento em uma das salas. Cerca de 15 voluntários estão atendendo e aplicando as terapias. O ambiente no Núcleo é sempre de muita paz. Esta é a sensação. Quase não se ouvem vozes, apenas uma música em tom baixo, ambiente muito limpo, tudo calmo, as pessoas que passam cumprimentam, sorriem...

Enquanto eu aguardava no auditório pela irmã (..), para a entrevista, eu observava as pessoas (pacientes) que estavam saindo uma após outra, todas me cumprimentavam, algumas delas agradeciam. Por eu estar de jaleco branco me confundiam como voluntário. Um dos pacientes me deu a mão e disse: "Muito obrigada, foi muito bom". Os pacientes pareciam estar serenos.

Como a irmã (..) teve que sair, a irmã (..) se dispôs e fiz a entrevista com ela, no Núcleo.

Às 12:30 hs fui para a fila de triagem para iniciar o meu tratamento à tarde. Fui atendido na recepção, recebi a senha nº “8 físico” e depois de um tempinho de espera fui atendido por uma voluntária que preencheu o cabeçalho do formulário de entrevista. Logo após fui atendido pela irmã (..) e outra irmã. Após análise dos meus laudos sobre meu joelho esquerdo e algumas perguntas foi preenchido o crachá e o prontuário. Terei tratamento hoje à tarde e na próxima 3ª e 4ª feira da semana que vem. Recebi também um algodão, com o qual farei aplicações no joelho 3 vezes ao dia, por 30 dias. Também recebi um medicamento (frasco), para ser misturado com um litro de água e bebido aos poucos 3 vezes ao dia.

Após a triagem fui para o auditório assistir a palestra. Às 14 horas entrei para a sala das terapias. Como os demais pacientes na sala, fiquei só de cuecas e recebi ou roupão branco (gandola) e deitei na maca. Recebi os seguintes tratamentos/terapias: passe de câmara, pano úmido nos pés, iodo podal, massagem nos pés, cromoterapia manual, cromoterapia e crioterapia. A sensação de estar em tratamento é muito boa. Percebe-se uma grande dedicação e concentração dos irmãos que aplicam as terapias. O tratamento foi até 16:15 horas.

À noite retornei ao Núcleo para fazer a entrevista com o irmão (..). Muitos voluntários estavam no Núcleo pois nas terças-feiras à noite tem a escola de mediuns. As reuniões estavam sendo realizadas em várias salas. Estimo que mais de 150 pessoas estavam nas reuniões.

Data: 19.11.2008 – 15 horas – Núcleo.

Na chegada encontrei o irmão (..) que estava coordenando as pessoas para tomarem o passe. Aproveitei também e tomei o passe junto com os últimos 3 que entraram na sala.

Passei pelas salas onde estão os pacientes em tratamento, hoje são 45, distribuídos em 6 salas.

Depois fui até a farmácia do Núcleo que funciona nas segundas e quartas-feiras. Conversei com a irmã (..), muito simpática e atenciosa. Ela é voluntária há 10 anos, mora no Monte Verde, próximo ao Shopping Floripa, vem de ônibus, leva 2 horas para vir e mais 2 horas para voltar. Ela também conheceu o Núcleo primeiramente como paciente (não aceitava a perda de seu pai). Depois fez/participou dos cursos para ser voluntária. Vem ao Núcleo às terças a noite (escola de mediuns), às quartas à tarde para atender na farmácia e também vem nas sextas-feiras à noite. Seu marido também é voluntário. Declarou que faz o seu serviço de voluntária com o maior prazer. Nesses 10 anos só lembra ter faltado durante um mês para atender um neto recém nascido. O Núcleo pra ela faz parte de sua vida. Não se imagina um dia (futuro) não poder vir ao seu trabalho voluntário. Irei entrevistá-la, ou pelo menos gravar um depoimento dela.

Mais tarde gravei entrevista com irmão (..).

Data: 20.11.2008 – 5ª feira - 14 horas – Núcleo.

Palestra feita por uma irmã. Estavam presentes 14 pacientes e mais umas 10 pessoas (familiares).

Já assisti várias palestras aqui no Núcleo e duas no CAPC. O fundamento pregado em todas elas é que, se uma pessoa está doente, qualquer doença, é porque ela permitiu que essa doença se instalasse nela. E a cura também depende dela. A pessoa precisa fazer uma introspecção/reflexão para ver onde ela errou ou

ver o que aconteceu e a partir daí buscar a cura. O poder da cura está com a pessoa. Não adianta ir ao médico, pedir a Deus, se a pessoa não acreditar e se empenhar na sua cura.

Depoimento de um voluntário (..) que está há 6 meses aqui no Núcleo: “Eu sinto uma alegria muito grande aqui quando ajudo outra pessoa”. “É algo que não consigo explicar”. “Mas aqui é um ambiente que transmite muita paz”.

Alguns pacientes das 14 horas saíram após as terapias e foram chegando outros. Às 16 horas estavam nas macas 38 pacientes que farão a cirurgia espiritual. Estes pacientes saíram às 18 horas. Embora fosse uma tarde com muita, muita chuva, foram chegando novos pacientes, como também alguns voluntários encerravam seu turno e muitos outros chegavam para o turno da noite.

Encontrei novamente com um voluntário que já havia conversado com ele há alguns dias, (..), que trabalha nas quintas-feiras à tarde. Ele me disse que para o próximo ano quer trabalhar mais dias e que faz qualquer serviço, até limpar chão, limpar banheiros, enfim o que tiver que fazer. Depois conheci outro voluntário, (..), que trabalha nas segundas, quintas e sábados, os dois se dispuseram a fazer entrevista.

Data: 24.11.2008 – 2ª feira – 14 horas – Núcleo.

Hoje fui conhecer o laboratório do Núcleo onde são manipulados os medicamentos fitoterápicos. O laboratório funciona nas segundas-feiras à tarde, quartas-feiras de manhã e sextas-feiras à tarde. Ao todo trabalham 60 voluntários e são coordenados pela irmã (..), que está no Núcleo desde o início da sua fundação. Sua filha também trabalha no laboratório e seu marido, (..), é o receitista dos medicamentos para os pacientes.

Hoje estavam trabalhando 24 voluntários. Eles têm, como os outros turnos de trabalho do Núcleo, uma relação de presença onde cada um escreve seu nome. É uma espécie de “folha-ponto” que, segundo uma das voluntárias é “para receber os bônus ... no céu!” (risos).

O laboratório é composto de 3 salas, sendo que em uma são lavados/reciclados os vidros e embalagens e nas outras duas salas são manipulados e embalados os medicamentos. Todos os ambientes são muito limpos e organizados.

O clima reinante entre os voluntários é muito agradável, ambiente acolhedor e as pessoas alegres. Vários depoimentos das pessoas sobre o prazer que elas têm de poder estar nesse trabalho: “Isso aqui é muito bom”; “Aqui eu me sinto bem!”; “Que pena que hoje é o último dia do ano que a gente trabalha aqui, só vamos nos ver em fevereiro!”. Uma das voluntárias, que está no Núcleo há um ano, mora na Costa da Lagoa, leva três horas para ir ao Núcleo e mais três horas para voltar. Disse que “faz isso com muita alegria”.

Observei que alguns voluntários que estavam no laboratório também trabalham em outros turnos no Núcleo.

Fui convidado para participar da festa de encerramento do grupo deles. Fizeram um amigo secreto e depois foi servido um farto lanche, que cada um tinha levado um prato.

A receptividade do pessoal foi tão grande que me senti em casa. Convidaram-me para tornar-me também um voluntário.

Às 18 horas fui para o auditório do Núcleo. Vários pacientes chegando para os passes de câmara e palestra que haveria mais tarde.

Data: 25.11.2008 – Terça-feira – 13 horas – Núcleo.

Hoje eu participei novamente como paciente. Junto com outros pacientes em torno de trinta aguardamos no auditório e assistimos a primeira parte de uma palestra, depois entramos nas salas para o tratamento. Novamente deitado em uma maca passei por várias terapias: pano úmido nos pés, iodo podal, massagem nos pés com óleos (uma delícia!), passe de câmara, salinização, iodização e massagem no alto do peito com alguma espécie de óleo. As terapias encerraram às 16:30 horas.

Depois disso participei da cerimônia de encerramento das atividades do ano da turma de voluntários das terças-feiras, comandados pela irmã (...). Foi uma cerimônia de muita reflexão e muita espiritualidade que pude compartilhar com os 40 voluntários que estavam presentes. O clima entre eles é de muita harmonia. Há uma energia que parece visível.

Data: 26.11.2008 – 4ª feira – 13 horas – Núcleo.

Hoje participei da última etapa do meu tratamento como paciente. Após conversar com alguns voluntários conhecidos fui para o auditório junto com os outros pacientes que seriam atendidos à tarde. Segundo a irmã que estava na recepção estavam agendados para hoje 55 pacientes.

Após assistir a palestra do dia entramos para as salas fazer os tratamentos. As terapias feitas em mim foram: pano úmido nos pés, massagem nos pés, massagem no alto do peito, crioterapia, cromoterapia e passe de câmara. Às 17:30 horas fomos para uma sala maior onde foi servido um lanche a todos (bolo, bolachas, café e chá). Depois assistimos a primeira parte da palestra do irmão (...) falando sobre o tratamento e a cirurgia que seria feita mais tarde. Em seguida descemos para outra sala e todos passaram por um aparelho (espécie de vaporizados) onde a gente ficava cheirando um floral por um minuto cada um (muito gostoso). Depois retornamos para a sala maior para a segunda parte da palestra com o irmão (...). O conteúdo da palestra alertava para os cuidados e benefícios do tratamento. A base ou o fundamento e a eficácia do tratamento está na fé de cada um dos pacientes. Citando trecho bíblico (Matheus) abordou a fé que é necessária para obter a cura. Foi uma preparação espiritual com bastante profundidade. Os alertas para o pós cirurgia foram: para as próximas 24 horas não fumar, não tomar bebidas alcoólicas e fazer repouso.

A partir das 20 horas começaram as cirurgias. É um momento que se percebe uma grande concentração dos voluntários e dos mediuns. A sensação é de estar em um centro cirúrgico de um hospital. A oração do Pai Nosso que é rezada no final de cada terapia também foi realizada após cada cirurgia.

Às 21 horas fui liberado e d. Angela, minha esposa, estava me esperando para me levar para casa.

A sensação durante o tratamento é de que toda aquela concentração, dedicação, carinho e espiritualidade criam um ambiente de energia que contagia o paciente.

Data: 28.11.2008 – 6ª feira – 13:30 horas – Laboratório do Núcleo.

Hoje estavam trabalhando em torno de 15 voluntários. Irmã (...) já foi me apresentando para a turma e fui novamente muito bem recebido. Também nessa turma há vários casais de voluntários. O ambiente entre as pessoas (clima) é muito bom, bastante brincadeiras e camaradagem. Às 14 horas foi realizada a abertura, todos sentados, foram feitas algumas orações e irmã (...) agradeceu a todos, desejou

Feliz Natal e espera que todos retornem no próximo ano com muita saúde. Depois foi dado o “passe” e eu também participei.

Enquanto conversava com eles também ajudei na limpeza dos frascos de medicamentos. Todos manifestaram que gostam muito do que fazem no Núcleo (laboratório). Dois deles chegaram a falar ao mesmo tempo: “Aqui tem muito calor humano”. Um dos voluntários que é dentista de profissão disse que faz qualquer trabalho no Núcleo: “Se me pedirem para fazer limpeza eu faço”. E de fato estava sendo sincero, pois pouco tempo depois estava limpando o chão e ajudando duas senhoras na faxina do armário da pia. Conheci um casal que mora no sul da ilha, ou seja 53 quilômetros do Núcleo, Sr. (..) e dona (..). Ela é voluntária há 11 anos e ele há 3 ou 4 anos. Combinei com eles para entrevistar d. (..) na semana que vem.

Convidaram-me para participar do lanche de encerramento do ano, a mesa estava farta novamente, mas agradei e desculpei-me pois tinha outro compromisso. Vários voluntários me convidaram para integrar o grupo deles no próximo ano.

Data: 02.12.2008 – 14 horas – Núcleo – entrevista com irmão (..).

Data: 03.12.2008 – 15 horas – Entrevista com irmã (..) em sua casa.

Data: 04.12.2008 – 16 horas – Entrevista com irmã (..) em sua casa e depoimentos de seu marido (..).

Sua esposa, d. (..), já era voluntária há sete anos e se deslocava de ônibus que levava em torno de 2 horas para chegar no Núcleo. Então ele sensibilizou-se ao ver seu sacrifício e começou a levá-la de carro. Disse ele: “Chegando lá e vendo as pessoas fazendo aquilo com tanta dedicação... assim fiquei motivado, e por que não ajudar, fazer alguma coisa útil... foi assim que eu entrei”. Acrescentou ele: “Trabalho e me sinto bem – muito bem mesmo”. “Por enquanto não passa pela minha cabeça parar de trabalhar como voluntário”. Ele trabalha no laboratório nas sextas-feiras à tarde, há 3 anos. Ele acrescentou que: “Sinto que já é necessária minha presença... se eu não for vai sobrecarregar as outras pessoas”. “Pra trabalho dessa grandeza tem aquele local – podia ter feito antes – e agora eu me sinto muito bem fazendo isso e não penso em parar”.

Data: 05.12.2008 – Núcleo – 19:30 horas – entrevista com irmã (..), palestra e passe.

Data: 08.12.2008 – 15:30 horas – Núcleo – entrevista com irmã (..).

Data: 09.12.2008 – 11 horas – entrevista com irmã (..) em seu estabelecimento comercial no centro de Florianópolis. A entrevista foi realizada enquanto seu marido e um funcionário atendiam os clientes do restaurante. Nós ficamos numa mesa num cantinho e aí gravamos a entrevista.

Data: 04.03.2009 – 14 horas – Núcleo.

Estou no Núcleo para continuar minhas observações e apanhar o “de acordo” das pessoas que entrevistei.

Fui apresentado para o irmão (..) que está na recepção dos pacientes e ele disse o seguinte: que está trabalhando no Núcleo há pouco tempo, começou no final do ano passado e vai fazer o primeiro retiro no dia 22 de março. Seu depoimento: “Fiz

dois tratamentos no CAPC e depois disso comecei me sentir bem, então me ofereci para trabalhar aqui. Venho nas 4ª feiras à tarde trabalhar e venho nas 3ª feiras participar de um grupo de estudo sobre auto-conhecimento. Estou me sentindo ótimo, acho que a casa aqui tem algo muito bom que irradia sobre a gente. Isso me faz muito bem”. Percebi nas expressões do irmão (..) muita paz e pareceu-me muito feliz e satisfeito com seu trabalho voluntário. Outro depoimento do irmão (..) foi sobre o que ele sentiu ao aplicar uma terapia num paciente: “Eu estava fazendo a massagem nos pés e percebi que começou escorrer lágrimas no rosto da pessoa. Eu fiquei emocionado e pra mim foi o melhor pagamento que eu poderia receber”.

Entreguei a transcrição das entrevistas para os irmãos (..), (..), (..), (..) e (..). O (..) e o (..) me devolveram com os respectivos “de acordo”. Eles ficaram impressionados com a quantidade de erros de português na fala. Eu lhes disse que isso demonstra que eles estavam muito à vontade e bem espontâneos quando gravaram a entrevista, e eles concordaram. Os demais irmãos me devolverão as entrevistas na próxima semana (..).

Data: 05.03.2009 – Núcleo – 14 horas.

Além de acompanhar algumas atividades entreguei as entrevistas para as irmãs (..), (..) e (..). Elas me devolverão na próxima semana (..).

Observei ontem e hoje que o ambiente no Núcleo continua o mesmo do ano passado: as pessoas (voluntários) se cumprimentando de maneira educada e simpática, transmitindo paz e harmonia.

Data: 11.03.2009 – 13:30 horas – Núcleo.

Assisti parte da palestra feita por uma irmã abordando voluntariado, pedindo para os pacientes e assistentes para dedicarem um pouco do seu tempo ao voluntariado no Núcleo.

Cumprimentei e conversei com alguns irmãos e irmãs voluntários que circulavam por ali. Estou me sentindo razoavelmente conhecido no Núcleo. Aproveitei para tomar um passe junto com outras pessoas. A sensação proporcionada pelo ritual do passe é muito boa: paz, alívio, leveza.

Entreguei a entrevista para a irmã (..) levar ao seu marido (..). Ele não veio trabalhar hoje, está doente. Recebi de volta devidamente assinadas as entrevistas das irmãs (..) e (..) e do irmão (..).

Data: 12.03.2009 – 5ª feira – 13:30 horas – Núcleo.

Assisti a palestra das 14 horas, 22 pacientes estão no auditório, mais 10 pessoas não pacientes. A palestrante começa pedindo que todos procurem ficar bem relaxados e depois todos rezam o Pai Nosso. A palestrante diz que as pessoas nunca estão satisfeitas. Sempre falta alguma coisa: “Ah, quando eu tiver isso, quando conseguir aquilo, etc...”. Diz a palestrante: “Será que a felicidade está lá fora? Ela está fora de Nós?”. “Temos que buscar a felicidade dentro de nós, aceitando como somos e buscando o crescimento para melhorar a cada dia”. “Nossas doenças surgem do desconforto entre o que somos e o que queremos ser, o que queremos mostrar que somos e, na verdade, não somos”.

Recebi de volta a entrevista da irmã (..) e irmã (..). A irmã (..) disse que precisa rever algumas falas e ficamos de marcar horário para isso.

Data: 25.03.2009 – Quarta-feira – 17:00 horas – Núcleo

Fui ao Núcleo com o intuito de falar com o irmão (..) e obter algumas informações que faltam. Embora a audiência tivesse sido marcada com antecedência pela irmã (..), houve um contratempo e ela acabou não passando para a agenda do irmão. Só conversamos uns cinco minutos, o suficiente para ele me autorizar a usar o nome do Núcleo na pesquisa. Pediu-me para passar o texto para a irmã (..) para ela imprimir em papel com timbre do Núcleo que ele assinará.

Quanto às outras informações que eu preciso pediu-me para passar para seu e-mail que quando retornar da viagem ao Peru, lá pelo dia 10 de abril, me prestará sem problemas.

Data: 31.03.2009 – Terça-feira – 20:00 horas – Núcleo.

Na chegada encontrei com a irmã (..) e já aproveitei para deixar com ela a transcrição da entrevista para o “de acordo”. Ela me devolverá na próxima semana.

Fui ao Núcleo com a intenção de participar dos encontros de estudos da Escola de Mediuns. Através dos irmãos (..) e (..), fui apresentado à coordenadora de um dos grupos que, após consultar os participantes, me autorizou a permanecer com eles, mas com a condição de participante também, não apenas de observador.

Estávamos na sala em 22 pessoas. A coordenadora, uma pessoa muito capacitada para conduzir os trabalhos, sempre com muito jeito e simpatia para se dirigir aos participantes. No início foi feita a oração de abertura como se realiza no início dos trabalhos com os pacientes todos os dias. Depois foram feitas várias dinâmicas em que todos participavam ativamente. A primeira foi uma dança, de mãos dadas formamos um círculo e nos movimentávamos para direita, frente, esquerda e retornávamos. A coordenadora nos orientava para assim que estivéssemos mais seguros que fechássemos os olhos e sentíssemos a energia. Depois foi o exercício do pêndulo, cada três pessoas formavam uma equipe, um ficava no meio como pêndulo e balançava para frente e para trás onde, os outros seguravam e movimentavam no sentido inverso, até conseguir fazer com certa rapidez. Depois, todos sentados em círculo, refletimos sobre a atividade que desenvolvemos. Estávamos trabalhando a confiança entre nós, e fazendo o papel de médiuns/intermediários. Por último foi feita outra atividade em que cada um apanhou no centro da sala, ao chão, uma frase escrita em um papel colorido em forma de coração. A coordenadora disse-nos que aquela frase significava o caminho mediúnico de cada um. A minha frase era: “Aquele que acredita ter todas as respostas certamente não fez todas as perguntas”.

Este grupo que eu participei era o grupo da irmã (..).

O grupo de estudos do irmão (..) iria discutir nessa noite um trecho do Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. O intuito desse estudo era buscar uma compreensão mais profunda do texto. Para isso, todos do grupo já tinham recebido com antecedência algumas questões que direcionariam o debate. O grupo do irmão (..) era composto por 25 pessoas.

Nesta noite estavam em funcionamento no Núcleo dez grupos de estudos da Escola de Mediuns, cada grupo com um determinado tema (estudos bíblicos, filosóficos e científicos). O total de pessoas participando da Escola era de aproximadamente 250 pessoas.

O irmão (..) me devolveu sua entrevista devidamente assinada, sem nenhuma observação.

Data: 03.04.2009 – Sexta-feira – 14:00 horas – Laboratório do Núcleo.

Fui ao Núcleo para entregar a transcrição da entrevista para o “de acordo” da irmã (..), que trabalha no laboratório. Quando cheguei os voluntários do laboratório estavam fazendo a abertura e me convidaram para participar. Logo a seguir foram aplicados os passes e eu também aproveitei junto com a turma. Irmã (..) não estava trabalhando hoje, então eu conversei com a filha dela que também trabalha lá e combinei que após a Páscoa eu começarei a trabalhar como voluntário no laboratório, nas segundas-feiras à tarde.

Entreguei a entrevista para irmã (..) e fiquei de apanhá-la de volta na terça ou quarta-feira da próxima semana.

Hoje a turma do laboratório estava pequena, apenas 12 voluntários.

Data: 04.04.2009 – Sábado – 13:00 horas – Núcleo

Estive no Núcleo para acompanhar e observar as atividades e entregar a transcrição da entrevista para o “de acordo” do irmão (..). A movimentação hoje é bastante grande, enquanto alguns pacientes estão nas salas para as terapias, outros estão saindo e entrando para os “passes de câmara” que são mais rápidos. Todas as salas estão ocupadas, estando então mais de 50 pacientes em tratamento. Estão trabalhando hoje entre 60 e 70 voluntários. Entre os voluntários do sábado estão pessoas mais jovens do que nos outros dias da semana. Isto porque eles trabalham nos serviços profissionais e estudam durante a semana, e só dispõem do sábado para dedicar-se ao Núcleo.

Enquanto aguardava pelo irmão (..) e observava o movimento, se aproximou de mim uma voluntária que trabalha no Núcleo em outros dias da semana, e que hoje estava aí para a palestra. Ela se aproximou porque já tinha me visto outras vezes no Núcleo. Perguntou como andava minha pesquisa e que conclusões eu estava tirando. Falei algumas coisas para ela e aproveitei para buscar mais informações. Essa voluntária trabalha no Núcleo há pouco mais de um ano. Falou que antes de ser voluntária foi paciente: “Estava na época com muitos problemas de saúde, principalmente depressão, eu estava virada num verdadeiro ‘bagaço’. Procurei o Núcleo, fiz os tratamentos, comecei me sentir melhor e pedi para trabalhar aqui. Não estou totalmente bem, mas estou me curando”. Contou-me que tem quatro filhos, com idades de 23, 22, 20 e 8 anos, todos de pais diferentes. Seus dois primeiros maridos morreram e dos outros dois ela se separou. Talvez aí possa estar, pelo menos em parte, a origem de seus problemas emocionais.

Assisti a palestra das 14 horas cujo tema era a Fé. Estavam assistindo a palestra em torno de 200 pessoas. Após a palestra foram ministrados os passes a todos os presentes.

Entreguei a transcrição da entrevista para o irmão (..), ele me devolverá na próxima quinta-feira.

Para as 16 horas estava programada outra palestra mas eu não assisti. Depois dessa palestra também seriam ministrados os passes.

O tratamento aos pacientes no sábado é realizado entre as 12 e 16 horas. São aplicadas as mesmas terapias dos demais dias da semana e ao final é feita a cirurgia espiritual, ou transferência, como também é designada.

Data: 09.04.2009 – 5ª feira – 15:00 horas – Núcleo.

Fui ao Núcleo com o objetivo de mais uma vez observar as atividades e também para tirar algumas dúvidas da entrevistada (..), que queria ouvir a sua gravação.

Na quinta-feira é o dia que são tratados os pacientes com doenças espirituais (emocionais, mentais, etc.). Novamente, há uma grande circulação de pacientes e

voluntários. Fiquei, como muitas outras vezes, sentado no fundo do auditório, local por onde as pessoas mais circulam. É impossível ficar ali sentado sem ser abordado ou cumprimentado pelas pessoas. É gratificante a atenção recebida de todos. Como já sou conhecido de muitos voluntários, todos me cumprimentam e alguns vêm conversar para saber como anda minha pesquisa. Eu aproveito para perguntar como andam as atividades do dia. Para alguns dos voluntários, aquele momento que ficam conversando comigo é o tempinho que eles tiram para descansar um pouco do trabalho de aplicação de terapias. Algumas terapias, como a crioterapia e toalha, exigem algum esforço físico, então, quando podem, descansam um pouquinho. A entrada e saída de pacientes também é interessante de observar. Normalmente, os pacientes parecem estar mais tensos quando estão entrando para as terapias, poucos percebem que estou ali e me cumprimentam. Claro que eles não sabem o que eu estou fazendo ali; talvez deduzam que eu seja mais um voluntário porque estou com um guarda-pó branco. Eu percebo uma grande diferença nos pacientes quando eles saem, mais sorridentes, parecem aliviados de alguma coisa. Essa foi a sensação que eu sentia quando saía dos tratamentos que me submeti em novembro passado aqui no Núcleo.

Às 17:30 horas a irmã (..) terminou seu trabalho de voluntária e daí sentamos num banco lá fora para tirar as dúvidas da sua entrevista. Na verdade, ela estava mais preocupada com os erros de português, palavras repetidas, os “nés” falados inúmeras vezes, etc. Ouvimos parte da gravação e ela percebeu que tudo o que estava escrito constava da gravação. Procurei explicar para ela, novamente, que isso aconteceu também com as entrevistas dos outros voluntários, e que isso é comum numa conversa informal. Disse a ela que não precisava se preocupar porque não há identificação do entrevistado, e que os depoimentos dela eram muito preciosos. Resumindo, mudamos apenas uma palavra – “filhos” para “filhas” – que foi erro de transcrição mesmo. O restante ela concordou. Agradei novamente a contribuição dela e ela se desculpou por ter-me dado mais esse trabalho, demonstrando assim muita humildade de sua parte.

Data: 13.04.2009 – 2ª feira – 13:00 horas – Núcleo.

Hoje foi meu primeiro dia de trabalho voluntário no Núcleo, e minha esposa também começou junto. Como chegamos cedo, aproveitamos para ir ao auditório para refletir e rezar um pouco. Observei que estavam aguardando a palestra do dia em torno de 25 pacientes que fariam tratamentos em seguida. Porém, por volta de 13:30 horas uma das voluntárias desculpou-se que não haveria palestra hoje porque o palestrante teve problemas de última hora e não pode comparecer. A irmã (..) percebeu que eu estava ali e veio conversar, aproveitei para apresentar minha esposa e dizer-lhe que estávamos iniciando hoje como voluntários no laboratório. Ela ficou muito feliz, mas manifestou que gostaria que pelo menos um de nós trabalhasse com ela. Disse-lhe que a gente primeiro quer começar no laboratório e mais adiante ou eu ou minha esposa iremos trabalhar com ela.

Pouco antes das 14:00 horas nos dirigimos ao laboratório e lá fomos apresentados para os demais voluntários, em torno de 15 pessoas. Foi realizada a cerimônia de abertura dos trabalhos com a oração do Pai Nosso, depois foram feitas duas leituras e novamente rezamos o Pai Nosso. Na sequência foram dados os “passes”, em grupos de 4 pessoas cada vez. No momento que está sendo dado o passe também reza-se o Pai Nosso.

Fomos orientados sobre o trabalho que faríamos e logo começamos separar os vidrinhos de remédios (frascos devolvidos pelos pacientes) e depois retirar o rótulo e

lavá-los. Era uma quantidade muito grande a parecia que não daríamos conta naquela tarde. No entanto, o trabalho fluiu rapidamente e às 16:30 horas estávamos com tudo pronto e preparando a mesa para o lanche da tarde... e que lanche! Para o lanche cada um leva alguma coisa: pão, bolacha, bolo, biscoito, etc e tudo é colocado na mesa. O café foi feito na hora e rapidamente todos estávamos sentados saboreando aquela comida. Fomos convidados para na próxima semana também levarmos alguma coisa para o lanche.

Ficamos no laboratório até 17:00 horas. Foi uma tarde gostosa, fomos bem recebidos pelos outros voluntários e nos sentimos gratificados por aquele trabalho. Com certeza continuaremos.

Data: 14.04.2009 – 3ª feira – 19:30 horas – Núcleo.

Mais uma vez fui ao Núcleo para observar os encontros da Escola de Médiuns e para apanhar a transcrição e “de acordo” da entrevistada (...). Logo na chegada encontrei irmã (...) e seu marido e ela me entregou a transcrição de sua entrevista, sem nenhuma correção. Agradei novamente a colaboração dela.

Muitos voluntários vão chegando, conversando, se abraçando, é um momento de reencontro deles nas terças-feiras. Como são vários grupos de estudos, os voluntários aos poucos se dirigem para suas respectivas salas. No auditório estão os voluntários novos e hoje também estão juntos outros dois grupos de estudos. Às 20 horas iniciou a primeira palestra e o tema abordado é a Fé. Antes de entrar no tema propriamente dito, o palestrante recorda o histórico dos estudos realizados no Núcleo. No início eram pequenos encontros que foram evoluindo e ampliando até se tornarem o que é hoje a chamada Escola de Médiuns, que é freqüentada pela grande maioria dos voluntários. O passo que está sendo dado agora é para transformar a Escola de Médiuns em uma Universidade Espírita. Estavam no auditório em torno de 100 voluntários.

Data: 20.04.2009 – 2ª feira – 13:30 horas – Núcleo.

Eu e minha mulher fomos novamente ao Núcleo para trabalhar esta tarde no laboratório. Repete-se a cerimônia de abertura já descrita na semana passada, é um momento de reflexão e de busca do equilíbrio para a harmonia necessária no ambiente de trabalho. O trabalho também repete-se a cada semana, no processo de limpeza para reaproveitamento dos vidros de remédios. É importante salientar que existe uma preocupação muito grande de todos os voluntários para fazer um trabalho de qualidade. A remoção dos rótulos tem que ser perfeita, a lavagem também e por último a esterilização deixa o material novinho mesmo. Ao final da tarde, por volta de 17 horas fizemos o lanche.

Permaneci mais um tempo no Núcleo para acompanhar as atividades da tarde/noite de atendimento dos pacientes. Hoje tem uma grande movimentação de pacientes e voluntários. Durante a tarde também foram feitos atendimentos e os últimos pacientes saíram por volta de 17:30 horas. Às 18:00 horas entrou uma nova turma de pacientes ocupando todas as macas disponíveis. Alguns dos colegas voluntários que trabalharam à tarde no laboratório agora estão em diferentes atividades (recepção, coordenação e aplicação de terapias) no atendimento aos pacientes. Por volta de 19:30 horas os pacientes que estavam em tratamento vão saindo e outros pacientes vão entrando de forma a completar todas as vagas disponíveis novamente. Também são feitos os passes de câmara que são mais rápidos. Em torno de 21:30 horas encerraram os trabalhos. Acredito que somente após as 18:00 horas devem ter sido atendidos em torno de 130 a 140

pacientes. Também devem ter trabalhado neste período de 80 a 100 voluntários nos diversos serviços.

É interessante observar e comparar o semblante dos pacientes na chegada ao Núcleo e na saída – suas aparências melhoram e muito. A impressão que se tem é de que aquelas terapias lhes fizeram muito bem.

Também observei que cada grupo de voluntários antes de encerrar seu turno de trabalho, deixa as macas e cadeiras todas muito bem arrumadas, para que o grupo seguinte encontre tudo em ordem para começar o trabalho.

Data: 27.04.2009 – 2ª feira – 13:30 horas – Núcleo.

Estamos procurando levar a sério nosso trabalho voluntário, então, eu e minha esposa novamente fomos ao laboratório do Núcleo. Antes de começar o trabalho fomos para o auditório para observar e refletir um pouco. A rotina lá no auditório é intensa, nesse horário os pacientes estão sendo preparados para as terapias da tarde. Estavam lá em torno de 30 pacientes e mais ou menos o mesmo número de voluntários trabalhando.

Às 14 horas estávamos no laboratório e participamos do ritual da abertura já descrito anteriormente. Hoje a irmã (..) retornou ao trabalho após ficar afastada 30 dias por problemas de saúde. Falou que foi a única vez que se afastou por tanto tempo do Núcleo, nos seus 18 anos de voluntariado. Ela é uma pessoa de um astral muito bom. Estavam trabalhando no laboratório 15 pessoas, e hoje tinha mais um novato começando seu voluntariado. A irmã (..) falou algumas palavras para nós: “Peço pra vocês refletirem sobre o *por quê* que vocês estão aqui. Muitos começam trabalhar aqui porque foram pacientes antes, mas muitos desses acabam desistindo depois. E nós por que estamos aqui? Pra ocupar nosso tempo ou porque nós gostamos mesmo? Estamos aqui por amor? Quero pedir pra que vocês reflitam. O voluntariado feito com amor faz bem pra gente e para os pacientes.

Trabalhamos só até 16 horas porque às 16:30 horas eu tinha um compromisso na Univali. A minha orientadora, professora Christiane, pediu para que eu falasse aos alunos dela (turma que começou o mestrado este ano) sobre a minha pesquisa.

Data: 04.05.2009 – 13:30 horas – Núcleo.

Fui ao Núcleo junto com minha mulher para trabalharmos no laboratório. Tanto eu quanto minha mulher estamos gostando desse trabalho. O reencontro com os colegas é gostoso, o ambiente é muito bom e a gente se sente mesmo muito bem. É gratificante esse trabalho. A gente vai pra casa em paz e muito feliz.

Data: 07.05.2009 – 15:00 horas – Núcleo.

Fui ao Núcleo para apanhar a carta de autorização para identificar o nome da instituição na minha pesquisa e também para observar e obter mais algumas informações. Fui na Secretaria e a irmã (..) me entregou a respectiva carta. Depois sentei-me nos fundos do auditório, como de costume, e vários voluntários que circulavam por lá me cumprimentaram. A irmã (..) também me cumprimentou e eu aproveitei para perguntar se ela teria uns cinco minutos para conversarmos, o que ela atendeu prontamente. Perguntei a ela se na sua visão a Escola de Médiuns influencia as pessoas a se manterem no voluntariado, ao que ela respondeu prontamente que não. Pelo contrário, ela disse que alguns freqüentam a Escola e nem são voluntários, e há voluntários assíduos que não freqüentam regularmente a Escola. Daí perguntei, então, o que influencia as pessoas para o trabalho voluntário. Ela respondeu: “São as características próprias das pessoas, já está dentro delas,

elas têm uma personalidade voltada pra isso. As pessoas sentem necessidade de fazer o trabalho voluntário”.

Data: 11.05.2009 – 13:30 horas – Núcleo.

É o quinto dia que estou trabalhando no laboratório do Núcleo. Tanto eu quanto minha esposa nos sentimos bem familiarizados entre os voluntários. Hoje estão trabalhando no laboratório 18 voluntários. Como já havia observado anteriormente, o relacionamento entre os voluntários é amistoso e muito agradável. Isso não significa que não haja diferenças entre eles, pelo contrário, com frequência percebe-se maneiras diferentes de realizar as tarefas, mas sempre há compreensão das partes e respeito pela forma que cada um desenvolve seu serviço. Em determinado momento a irmã (..) que é a responsável pelo laboratório entrou na sala onde estávamos e pediu para que todos parássemos o que estávamos fazendo e prestássemos atenção para o que ela ia falar. Ela estava visivelmente tensa e chamou a atenção de todos porque um frasco que já estava devidamente rotulado e com as cápsulas dentro, apresentava sinais de que não havia sido bem lavado, tendo passado por várias mãos e ninguém tinha percebido o problema. Explicou novamente como é o processo para limpeza daqueles frascos e pediu a atenção de todos para que isso não volte a ocorrer. Todos prestaram atenção e ninguém demonstrou não ter gostado daquele recado, mesmo sabendo que a falha teria sido feita por outra pessoa. Há um sentimento de que o trabalho tem que ser coletivo, que todos têm que estar preocupados com a qualidade do serviço realizado. Embora a irmã responsável seja enérgica algumas vezes, todos a respeitam e gostam muito dela, porque ela é uma pessoa justa, e quando pode brincar, brinca com todos e permite um ambiente muito descontraído.